



Barbara Kingsolver

Verão pródigo



Editora Revan



Verão Pródigo

Barbara Kingsolver

Tradução
Paulo Cezar Castanheira



Editora Revan

Título original: *Prodigal Summer* Editado nos Estados Unidos pela Harper Collins Publishers Copyright © 2000 by Barbara Kingsolver Todos os direitos reservados no Brasil pela Editora Revan Ltda. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica sem a autorização prévia da editora.

Revisão

Maria Garcia

Vanessa Salustiano

Capa

Paulo Vermelho

CIP-Brasil. Catalogação na Fonte Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Kingsolver, Barbara

Verão pródigo / Barbara Kingsolver; tradução Paulo Cezar Castanheira. — Rio de Janeiro:
Revan, 2004.

392p.

Tradução de: Prodigal Summer ISBN 85-7106-275-7

CDD 813
CDU 820 (73)-3

*Para Steven, Camille e Lily.
E para a vida selvagem, onde quer que ela viva.*

AGRADECIMENTOS

Este romance cresceu em solo ricamente abençoado por meus amigos e vizinhos de Virgínia. Sou especialmente grata a Neta Findley por uma amizade que me ajudou a ser o que sou, e a seu falecido marido, Bill, ao filho dos dois, Joe, cujas histórias e bom humor enriqueceram minha vida e este livro. Uma parte de minha futura colheita de maçãs vai para Fred Hebard da Fundação Americana da Castanha, como pagamento dos vários tipos de ajuda que me deu e os ensinamentos sobre árvores; o programa de mudas de castanheira — um projeto muito mais sistemático do que o inventado nessa história — há de um dia devolver a castanheira americana às florestas americanas. Agradeço também a Dayle, Paige e Kyla, a família de nossa família. Sou grata a Jim e Pam Watson pelos passeios de charrete, pelo bom humor e boa vontade; a Miss Amy, pela paz de espírito; a Randy Lowe, pelos bons conselhos; e ao Serviço de Extensão Cooperativa pelas respostas às mais extravagantes perguntas que já lhe foram apresentadas. Bill Kittrell, da Conservação da Natureza, ofereceu ideias valiosas, bem como Braven Beaty, Kristy Clark, Steve Lindeman e Claiborne Woodall. Finalmente, tenho uma dívida eterna para com Felicia Mitchell pela amizade na lavanderia e pela poesia das *yard sales*^[1], e por me ter levado à fazenda naquela primeira noite em que eu quase não fui.

No mundo mais amplo, sou grata a uma rede tão grande de amigos e colegas que eu não seria capaz de agradecer a todos, nome por nome, embora alguns sejam a nata: muito obrigada a Emma Hardesty pelos anos de nossas vidas; a Terry Karten, por acreditar na literatura apesar de tudo; a Jane Beirn, por ligar o meu eu particular ao mundo público; a Walter Thabit, pelos impropérios em árabe; a Frances Goldin, pelas receitas, sintaxe ídiche, pelos instintos infalíveis, pelo amor incondicional, por tudo, praticamente — por muito mais que se poderia sonhar em pedir. Agradeço à família de Aaron Kramer pela generosidade de me permitir usar seu lindo poema “Prothalamium”, de *The Thunder of Grass* (International Publishers, Nova York); pela descoberta da beleza e amplidão da sua obra de escritor da paixão e consciência social, sinto estar descobrindo uma alma gêmea. Agradeço a Chris Cokinos por seu maravilhoso livro *Hope Is the Thing with Feathers*; a Carrie Newcomer pelos fios invisíveis; a W. D. Hamilton (*in memoriam*) pela audácia e brilho; a Edward O. Wilson por tudo isso e pela dedicação. Dan Papaj chamou minha atenção para os muitos mistérios

lepidópteros, além de resolver vários outros. Robert Pyle também me ajudou a responder à questão das borboletas e bruxas. O artigo “The Ultimate Survivor”, de Mike Finkel (*Audubon*, maio-junho de 1999), apresentou para mim uma nova forma de encarar os coiotes. Paul Mirocha transformou em obra de arte as ideias que eu tinha na cabeça para os trabalhos de fim de curso.

Pelos comentários sobre as várias minutas do manuscrito, agradeço a Steven Hopp, Emma Hardesty, Frances Goldin, Sydelle Kramer, Terry Karten, Fenton Johnson, Arthur Blaustein, Jim Malusa, Sonya Norman, Rob Kingsolver, Fred Hebard, Felicia Mitchell, e ao coro entusiástico da Harper Collins. Todos me ajudaram. Os erros de fato que persistiram, apesar da competência de todas essas pessoas, são exclusivamente meus.

Tenho certeza de que devo a minha maneira de ver o mundo, fortemente acentuada de verde, à decisão de meus pais de me criarem numa dobra do mapa entre fazendas e terras virgens, e a meu irmão Rob, mentor e coconspirador na caçada às cobras e pegadas. Minha irmã, Ann, expandiu a própria alma para me ajudar de modos que às vezes me lembram asas. Minhas filhas, Camille e Lily, que conhecem tão bem a graça e o encantamento, me oferecem todo dia um mundo recém-saído do forno. E a Steven, cujos ouvidos perfeitos e mão firme estiveram sempre comigo durante a feitura deste livro, como sempre estiveram a vida toda, ofereço meus agradecimentos às fadas da escolha do companheiro, e não consigo acreditar na minha própria sorte.

EPITALÂMIO

*Venham todos os insatisfeitos
Reis de uma sala solitária e calada
Cheia de pássaros mudos e flores falsas
E armários abarrotados de sonhos há muito mortos!*

*Venham, vamos varrer as velhas ruas — como o noivo; Varrer as folhas mortas
com vassoura incansável; Preparar-se para a primavera, como se fosse a
noiva Cujo passo leve esperamos ansiosos.*

*Vamos varrer as sombras, onde comem os ratos; Varrer nossa vergonha — e
deixar em seu lugar Um ninho de amor, um leito esplêndido
Fragrante a flores trêmulas pela primavera.
E quando ela chegar, nossos sonhos mortos acordarão; E quando ela chegar,
todas as aves mudas cantarão.*

— Aaron Kramer

1

PREDADORES

O corpo se movia com a desenvoltura que resulta de hábitos solitários. Mas a solidão não passa de uma presunção humana. Cada passo abafado soa como um trovão para a vida dos insetos que corre sob nossos pés. Para o escolhido, cada escolha é um mundo renovado. Todos os segredos têm testemunhas.

Se alguém nessa floresta a estivesse observando — quem sabe um homem armado, oculto dentro de uma mata fechada de faias — veria que ela andava depressa pela trilha e que franzia o cenho para o caminho à frente de seus pés. Teria visto nela uma mulher irritada, em busca de alguma coisa odiosa.

Estaria errado. Estava frustrada, é verdade, por estar seguindo no barro pegadas que não conseguia identificar. Gostava de certezas. Mas, se estivesse preocupada em examinar a própria mente naquela manhã úmida e clara, ela se teria declarado feliz. Adorava o ar depois de uma chuva forte, e a maneira como uma floresta de folhas gotejantes se enchia de uma percussão sibilante, que esvazia as palavras da sua cabeça. Sentia o corpo livre para seguir as próprias regras: o passo largo, rápido demais para admitir companhia, o agachar-se descuidada no caminho, para tocar os ramos quebrados, uma trança de cabelos, quase tão grossa quanto seu braço, a varrer o chão quando ela se abaixava. Seus membros se deliciavam, finalmente fora da minúscula cabana de paredes sufocantes feitas de troncos que as longas chuvas da primavera cobriram de musgo. O cenho cerrado indicava apenas concentração, nada mais. Dois anos de solidão haviam dado a seu rosto a expressão indiferente dos cegos.

Seguira os rastros do animal encosta acima durante toda a manhã, subindo a montanha, contornara um terreno coberto de loureiros, e agora entrava numa floresta antiga, poupada pelos madeireiros devido à inclinação do terreno. Mas, mesmo aqui, onde o dossel de um velho carvalho protegia o topo da colina, a forte chuva da noite anterior havia apagado os rastros. Calculava o tamanho do animal pelos rastros que ele deixara na vegetação embaixo das macieiras, e essa noção bastava para fazer seu coração disparar. Poderia ser o que ela buscava havia já dois anos ou mais. Uma eternidade. Mas para saber com certeza, ela

precisava de detalhes, especialmente a discreta marca de uma garra no prolongamento do dedo, o que distingue os canídeos dos felídeos, e que seria a primeira coisa a desaparecer sob uma chuva forte. Portanto, não seria vista agora, por mais que ela procurasse. Ela agora teria de procurar algo além dos rastros, o que para ela estava ótimo nessa manhã doce e úmida, no começo do mundo. Ela era uma rastreadora paciente. O animal sempre acabava por se denunciar com um monte de fezes (que a chuva também teria dissolvido), ou por outra coisa qualquer, um sinal particular da espécie. Um urso deixa marcas de suas garras nos troncos, ou até morde a casca, mas esse não era um urso. Era do tamanho de um pastor alemão, mas também não era um animal doméstico. O cão que deixara esses rastros, se é que realmente era um cachorro, certamente era selvagem e estava faminto, para sair assim na tempestade.

Encontrou um lugar onde ele havia dado a volta num toco de castanheira, provavelmente para deixar o cheiro que era sua marca. Estudou o toco: um velho gigante em decomposição, que retornava ao solo desde que fora morto por um machado ou uma doença vegetal. Na sua base, o húmus estava pontilhado por cogumelos, pequeninos, de um alaranjado brilhante, e com os chapéus riscados, iguais a guarda-sóis abertos. O aguaceiro teria destruído coisas tão frágeis; esses deveriam ter nascido depois da chuva — depois de o animal ter passado por aqui, atraído pela amônia. Ela estudou o terreno por longo tempo, abstraída da elegante linha desenhada pelo seu nariz e seu queixo em perfil, sem notar o movimento da mão esquerda junto ao rosto para espantar uma nuvem de insetos e afastar do olho uma mecha de cabelo. Agachou-se, e apoiou as pontas dos dedos no terreno ao pé do toco, encostou o rosto na madeira velha e escura. Aspirou.

“Gato”, disse baixinho para ninguém. Não era o que ela esperava, mas era uma boa surpresa encontrar sinais de haver um puma nesse lugar. A mistura de florestas e terras úmidas nessas montanhas era um excelente habitat para felinos, mas ela sabia que eles se restringem aos barrancos calcários do rio, na fronteira entre a Virgínia e o Kentucky. E, mesmo assim, ali estava um. Isso explicava os branidos que ouvira duas noites antes, estridentes e gelados no meio da chuva, iguais a gritos de mulher. Mesmo certa de ter sido um puma, ela havia perdido o sono. Nenhum ser humano teria deixado de se comover por aquela angústia tão humana. A lembrança lhe provocou um calafrio, e ela equilibrou o peso do corpo sobre as pontas dos pés, levantando-se.

E lá estava ele, encarando-a. Vestia botas e traje de camuflagem e tinha uma mochila maior que a dela. A carabina não era de brinquedo calibre 30, ao que parece. A surpresa se estampou em seu rosto antes que ela se compusesse para uma inspeção humana. Às vezes ela cruzava com caçadores ali no alto. Mas era

sempre ela que os via primeiro. Este lhe havia tomado a vantagem — ele a vira por dentro.

— Eddie Bondo — disse ele, tocando a aba do chapéu, mas ela não entendeu de imediato.

— O quê?

— Meu nome.

— Meu Deus — disse ela recuperando finalmente o fôlego. — Eu não perguntei o seu nome.

— Mas você tinha de saber.

Arrogante, pensou ela. Ou melhor: rápido. Como uma carabina engatilhada, pronta a disparar.

— E para que eu preciso do seu nome? Está querendo me contar uma história para eu contar mais tarde? — perguntou, calma. Era uma tática que havia aprendido com o pai, igual ao povo da montanha — mostrar calma quando se está muito agitado.

— Isto eu não sei. Mas eu não mordo.

Ele sorriu, parecendo pedir desculpas. Era muito mais jovem que ela. A mão esquerda tocou o cano da arma pendurada no ombro.

— Também não atiro em moças.

— Ainda bem. É ótimo saber disso.

Ele falou “eu não mordo” com sotaque nortista. Um estranho a invadir aquele espaço como uma praga de jardim. Não era muito alto, mas era bastante musculoso, do tipo que transparece na roupa, nos punhos, no pescoço e na postura: um corpo acostumado ao trabalho, que parece tenso mesmo quando relaxado.

— Vejo que você gosta de cheirar tocos — disse ele.

— Gosto.

— E deve ter bons motivos para cheirar tocos, não é?

— Tenho.

— E você vai me contar?

— Não.

Mais uma pausa. Ela olhou para as mãos dele, mas o que a atraía era o brilho verde dos olhos. Ele a observava indiscretamente, parecendo avaliar suas vogais sulistas e tentando adivinhar os segredos que se escondiam atrás do “tenho” e do “não” dela. O sorriso dele caía pelos cantos da boca, em vez de subir, e era como um parêntese interrogativo acima do queixo reto. Ela nunca vira uma combinação tão atraente no rosto de qualquer outro homem.

— Você fala pouco — disse ele. — A maioria das moças que conheço fala tanto do que ainda vai fazer, que acaba não fazendo nada.

— Pois é. Eu não pertenço à maioria das moças que você conhece.

Ainda não sabia se o estava antagonizando. Não tinha arma, e ele tinha, apesar de prometer não atirar. Nem morder. Ficaram calados. Ela mediu o silêncio pela passagem da nuvem diante do sol e pelos dois trinados de um sabiá, que soaram de repente através da folhagem e pararam diante dela e desse homem, sua... presa? Não, invasor. *Predador* era uma forte possibilidade.

— Posso acompanhá-la um pouco? — perguntou educadamente.

— Não — cortou ela. — Você iria me atrapalhar.

Um homem ou um menino, o que era ele? O sorriso se dissolveu, e de repente ele pareceu ferido pela secura dela, tal como um filho repreendido pela mãe. Ela ficou incerta sobre que tom usar: sabia espantar um caçador esquecido de que a estação de caça ao veado havia terminado — era esse o seu trabalho. Mas geralmente nesse ponto, a conversa já teria terminado. E os bons modos nunca foram seu forte, nem mesmo há muito tempo, quando ela vivia numa casa de tijolos, espremida entre marido e vizinhos. Passou quatro dedos pelos cabelos, uma longa trança marrom riscada de prata, e prendeu os fios desembaraçados num coque armado na nuca.

— Estou rastreando — disse ela calmamente — duas pessoas fazem duas vezes mais barulho do que uma só. Sendo caçador, eu esperava que você já soubesse disso.

— Não estou vendo a sua arma.

— É porque não tenho. Acho que estamos na Floresta Nacional, no interior de uma área de proteção, onde a caça é proibida.

— Ah! Isso explica tudo.

— Explica mesmo.

Ele ficou ali, olhando-a de cima a baixo durante um longo tempo. Tempo bastante para ela entender que Eddie Bondo — um homem, não uma criança — a havia despido de todas as suas vestes e as repusera na ordem correta. O náilon verde-escuro e Gore-Tex eram o uniforme do Serviço Florestal, a flanela de algodão era dela mesma, assim como a calça térmica de seda, e o que um homem poderia encontrar de interessante debaixo de tudo aquilo, ela não fazia a menor ideia. Já havia muito tempo que ninguém chegava até lá.

Então ele se foi. O canto dos pássaros vibrava no espaço entre as árvores, um ar vazio, que agora parecia vasto e repentinamente oco. Mergulhara de cabeça no meio dos rododendros, sem deixar nada que levasse alguém a pensar que ele estivera ali.

O que ele deixou com ela foi um forte rubor, que lhe queimava a pele da nuca.

Ela foi para a cama levando Eddie Bondo na cabeça, e se levantou com uma pistola do governo enfiada no cinto. Ela devia ter sempre uma pistola à mão, para se proteger dos ursos, para autodefesa, e disse a si mesma que estava quase certa de que era o que devia fazer.

Durante dois dias ela o viu em todo lugar — à sua frente, na trilha à luz do crepúsculo; na cabana, e atrás dele a janela enlutarada. Em sonhos. Na primeira noite, ela tentou distrair ou enganar a própria mente com livros, e na segunda ela se banhou cuidadosamente com a chaleira, pano e sabonete, que sempre evitava usar para não ofender o olfato dos veados e de outros animais com o único cheiro humano que conheciam — o dos caçadores —, o cheiro do predador. Nas duas noites, ela acordou suada, perturbada pelo som feroz e abafado de morcegos se acasalando nas sombras de sua varanda, cópulas agressivas, que soavam como estranhos se entrechocando.

E agora, aqui, em carne e osso, em plena luz do dia, ao lado do tronco de castanheira. Pois quando tornou a aparecer, foi no mesmo local. Desta vez ele estava com uma mochila, mas não com a carabina. Ela levava a pistola no casaco, carregada e com a trava de segurança acionada.

Mais uma vez, ela estava agachada ao lado do toco procurando sinais, certa de que dessa vez havia encontrado o que queria. Não restava dúvida: eram rastros caninos, provavelmente da fêmea cuja toca ela havia encontrado duas semanas antes. Macho ou fêmea, ele havia parado ao lado do tronco para observar as marcas do puma, que talvez o intrigassem, ofendessem, ou nada significassem para ele. É duro para um humano ser incapaz de entender aquela mente.

E mais uma vez — como se o fato de se erguer junto do tronco fosse o encantamento que materializara Eddie Bondo, como se ele fosse mais um resultado do fluxo de sangue que lhe fugia da cabeça — lá estava ele sorrindo para ela.

— Veja só quem eu encontrei! Aquela que não é como a maioria das moças que conheço.

O coração dela bateu tão forte, que as pulsações a ensurdecaram.

— Sou a *única* que você conhece, se é que gasta o seu tempo vagueando pela Floresta Nacional de Zabulon. O que parece ser sua única ocupação.

Desta vez ele estava sem chapéu, com o cabelo preto levemente desarranjado, parecendo um corvo na chuva. Seu cabelo tinha uma textura grossa e brilhante, que ela invejou, pois era absolutamente reto, dócil e nunca se embaraçava. Abriu as mãos.

— Veja, senhora polícia florestal. Nenhuma arma. Eis um homem decente e obediente à lei.

— É o que estou vendo.

— E o máximo que eu posso dizer sobre você é que gosta de cheirar troncos.

— Eu jamais seria vista como uma pessoa decente. Nem passaria por homem.

O sorriso dele ficou mais sério.

— Evidente que não.

Estou armada. Ele não vai me ferir, mas ao pensar essas palavras, ela sabia que outras mesas haviam sido viradas. Ele havia voltado. Ela o queria de volta àquele lugar. E dessa vez ela iria esperar. Ele ficou calado por um minuto. Então, cedeu.

— Desculpe.

— Por quê?

— Por irritar você. Mas hoje estou decidido a seguir você nesta trilha, pelo menos um pouquinho. Se você não se importar.

— O que você quer descobrir?

— O que uma moça bonita como você anda cheirando nessas velhas florestas. Tenho passado as noites em claro.

Então ele tinha pensado nela. À noite.

— Não sou Chapeuzinho Vermelho, se é isso que você está imaginando. Tenho o dobro da sua idade.

O dobro da sua idade, antigo hábito do povo das montanhas invadia sua conversa atarantada.

— Sinceramente, eu duvido.

Ela achou que viria mais, e ele propôs:

— Eu fico longe, se você preferir.

Ela não gostava da ideia dele atrás dela.

— Eu prefiro que você vá na frente, tomando cuidado para não pisar nos rastros deste animal. Se é que você consegue ver para não pisar — ela mostrou os rastros feitos pelo gato três dias antes, não as pegadas mais recentes, nas folhas decompostas ao lado da trilha.

— Sim, senhora, acho que consigo.

Inclinou-se levemente, virou-se e caminhou na frente, mantendo cuidadosamente os pés longe das marcas e sem tocar nas folhas podres. Ele era bom. Ela quase o deixou desaparecer entre a folhagem, e então voltou a observar os rastros dos dois machos, gato e homem caminhando lado a lado. Sem ser notada, queria observar como ele caminhava, observar seu corpo.

A tarde chegava ao fim; o lado norte da montanha, onde os rododendros se acumulavam nos vales, escurecia. Sob a sombra densa, o chão estava úmido e escorregadio. Mais um mês, e os rododendros estariam recobertos por esferas de

flores cor-de-rosa, iguais aos buquês de noiva, um tanto vaidosos demais para uma flor silvestre nessa montanha isolada. Mas naquela hora, os botões ainda dormiam. Naquele momento, apenas a terra que florescia em jatos e contrações: lírios, belas da primavera, todas as flores que tinham de percorrer todo um ciclo de vida entre o primeiro calor de maio — enquanto a luz do sol ainda passava entre os galhos nus — e a sombra escura do terreno sob a floresta. No sopé dessa montanha, nas fazendas do vale, a primavera já se estava esgotando na primeira semana de maio, mas a maré de flores silvestres que cobria as encostas havia acabado de chegar aqui, aos mil e duzentos metros. Nessa trilha, as flores eram tão espessas que eram esmagadas pelos pés. Mais algumas semanas, e as árvores estariam cobertas de folhas, as copas se fechariam, e essas flores feneceriam. A primavera continuaria a subir, acordaria os ursos, e finalmente chegaria como uma chama absorvida pela escuridão ao alto da Montanha de Zabulon. Mas aqui e agora, a primavera ofegava num momento de luxúria. Onde quer que se olhasse, alguma coisa pedia mais tempo, mais luz, um beijo de pólen, a fusão de um espermatozoário e um ovo e mais uma chance.

Ele parou duas vezes na trilha à sua frente, uma diante de uma azaléia ardente, tão coberta de flores que parecia um arbusto em fogo, e a outra por alguma razão que ela não chegou a ver. Mas nunca se voltou. Devia estar prestando atenção nos passos dela. Pelo menos isso; ou quem sabe, não. Na verdade, não fazia diferença.

Chegaram a um ponto onde a velha trilha do puma seguia encosta acima, e ela o deixou seguir. Esperou até ele desaparecer, e começou a descer, pisando de lado no terreno íngreme até encontrar um chão familiar a seus pés, o de uma das trilhas do Serviço Florestal. Durante o ano todo, ela procurava manter abertos os vários quilômetros dessas trilhas, umas cem, mas essa o mato nunca cobriu, pois ligava sua cabana a um mirante que ela amava. Os rastros frescos haviam se separado da trilha do puma, e aqui estavam eles novamente, descendo na direção de sua descoberta recente. Hoje ela ia evitar a trilha. Fazia já duas semanas, quatorze longos dias, que pareciam estações ou anos, que ela se forçava a não se aproximar. Já era oito de maio, o dia que ela pretendia se permitir voltar para observar sua descoberta e se convencer de que era verdade. Mas não agora; claro que não. Deixaria Eddie Bondo encontrá-la em outro lugar, se ele estivesse observando.

Ela descera até uma fenda de calcário onde as samambaias caíam da pedra em cascatas. O calcário úmido estava riscado de preto pelas nascentes que surgiam na estação das chuvas e que apareciam por toda parte na montanha castigada pelo excesso de precipitação. Estava perto da nascente do riacho, entrando no mais antigo bosque de abetos dessas montanhas. Manchas

perfeitamente circulares de agulhas pálidas se espalhavam, tal como a decoração na base das árvores de Natal, sob a copa das enormes coníferas. Parou ali com os pés no terreno seco e escutou. “*Nyaa, nyaa nyaa*” gritaram os chapins conhecidos. Então, um estalo. Ele voltara, e agora a seguia. Ela esperou até ele surgir de dentro do bosque escuro.

— Perdeu o rastro do puma? — perguntou a ele.

— Não. Perdi você. Por algum tempo.

— Já vi que foi por pouco tempo.

Estava novamente de chapéu, com a aba abaixada. Era mais difícil ler-lhe os olhos.

— Hoje você não estava atrás do gato. Aquela trilha já tem alguns dias.

— É verdade.

— Posso saber o que você estava procurando?

— Você é o tipo de homem que não se contenta com pouco, não é?

Ele sorriu.

— O que está caçando, minha senhora?

— Coiotes.

Ele arregalou os olhos por um segundo e meio. Poderia jurar que as pupilas se dilataram. Mordeu o lábio inferior, pois preferia não ter dito nada. Mas parece que havia esquecido a arte de conversar com as pessoas — e a de evitar uma pergunta e esconder o necessário.

— E pumas e ursos e raposas — empilhou rapidamente, a fim de enterrar os coiotes — tudo o que há por aqui, mas especialmente os carnívoros.

Mexeu-se, e sentiu os dedos dentro das botas. Ele devia dizer alguma coisa depois de ela ter falado. Como não falou, ela sugeriu: — Acho que outro dia você estava procurando veados.

Ele deu de ombros. A temporada de caça ao veado havia terminado muitos meses antes. Ele não se deixaria pegar por uma guarda-florestal com distintivo.

— Por que os carnívoros, em especial?

— Nenhuma razão especial.

— Já sei. É deles que você gosta. Há os que gostam de observar os pássaros, outros que colecionam borboletas; e há garotas como você, que gostam de observar os comedores de carne.

Ele devia saber que isso faria a conversa chegar ao essencial: a condescendência de um estranho.

— A razão é serem eles o topo da cadeia alimentar — disse ela friamente. — Se estão bem, então sua presa está bem, seu alimento está bem. Se não estão, é porque está faltando alguma coisa na cadeia.

— Ah, é?

— É. Observar os predadores nos informa o que é preciso saber sobre os herbívoros, como o veado, sobre a vegetação, os detritívoros, as populações de insetos, os pequenos predadores, como os musaranhos e arganazes. Tudo isso.

Ele a estudou meio confuso, e ela notou. Já estava acostumada a ver cérebros ianques tentando conciliar o sotaque sulista com uma boa formação. Então, ele perguntou.

— E o quê, mais precisamente, é necessário saber sobre “musaranhos e arganazes”?

— Eles são mais importantes do que você imagina. Os besouros, os vermes... Acho que, ao ver essas matas, um caçador enxerga um zoológico, mas quem você acha que alimenta os animais e limpa as jaulas? Sem larvas e térmites, você estaria afundado até o nariz em galhos mortos ao tentar uma boa mira.

Ele tirou o chapéu, intimidado pela repentina disposição de conversar.

— Eu tenho *veneração* pelas larvas e térmites.

Ela olhou para ele.

— Você está querendo me deixar louca? Porque eu raramente converso tanto assim com pessoas. Eu quase esqueci como ler os sinais.

— Agorinha mesmo eu agi de um jeito que você poderia chamar de um pé no saco.

Dobrou o chapéu de caça e o prendeu numa das alças da mochila.

— E antes eu estava sendo intrometido. Me desculpe.

Ela deu de ombros.

— Não é segredo nenhum, você pode perguntar. É o meu trabalho; o governo me paga para fazer isso, acredite ou não. Não paga *muito*, mas eu não me queixo.

— Para fazer o quê, fugir de chatos como eu?

Ela sorriu.

— É, também isso. E manter as trilhas; e se fica muito seco em agosto, para me sentar numa torre de vigia de incêndio. Essencialmente, é isso o que eu faço.

Ele olhou para a copa do abeto.

— Vigiar o paraíso. Vida dura, a sua.

— É. Alguém tem de tomar conta.

Foi então que ele lançou um sorriso direto ao coração dela. Todos os sorrisos anteriores tinham sido um ensaio para esse.

— Você deve ser inteligente, já que conseguiu um emprego neste lugar.

— Bem. Não sei se é inteligência. É preciso ser um certo tipo de pessoa. É preciso gostar dos vizinhos.

— Você não recebe muitas visitas?

— Humanas, não. Mas em fevereiro eu recebi a visita de um urso na minha cabana.

— E ele ficou o mês inteiro?

Ela riu, e o som a surpreendeu. Há quanto tempo não ria em voz alta?

— Não. Só o bastante para assaltar a minha cozinha. Houve uma espécie de degelo precoce, e eu acho que ele acordou com muita fome. Felizmente, eu não estava em casa.

— Então é assim, só você e os ursos? E você vive de quê, de raízes e frutas?

— O serviço florestal manda uma pessoa me trazer enlatados e querosene uma vez por mês. Acho que é principalmente para ver se eu ainda estou viva e trabalhando. Se eu estiver morta, eles não precisam mais depositar o meu cheque.

— Ou seja: um desses namorados que vem uma vez por mês.

Ela fez uma careta.

— Ai, meu Deus; claro que não. Eles mandam um rapazinho. Metade das vezes em que ele aparece eu nem estou na cabana, estou fazendo alguma coisa noutro lugar. Eu me esqueço do dia em que ele vem, e ele simplesmente deixa o material na cabana e vai embora. Para falar a verdade, acho que ele tem um pouco de medo de mim.

— Você não me parece nem um pouco assustadora — disse Eddie Bondo. — Para falar a verdade.

Ela sustentou o olhar dele enquanto aguentou. Ela lhe vislumbrou o queixo sob a lixa de uma barba de dois dias, e bastou olhar para adivinhar a sensação que teria se roçasse sua pele na dele. O pensamento lhe provocou uma dor repentina. Quando continuaram a andar, ela o deixou uns cinco ou seis passos à sua frente. Ele era calmo, não tinha a necessidade de encher de conversa o espaço entre duas pessoas, o que para ela era uma qualidade. Ouvia os pássaros. Depois de algum tempo, parou para ouvir, e se surpreendeu por ele também ter parado, instantaneamente, com se estivesse sintonizando o passo dela às suas costas. Ele se voltou para ela com a cabeça baixa e ficou parado, ouvindo, tal como ela.

— O que foi?

— Nada. Só um passarinho.

— Qual?

Ela esperou, então inclinou a cabeça ao som de um trinado agudo.

— Aquele lá, um sabiá-magnólia. É realmente importante.

— Por quê?

— Bem, é que eles não faziam ninhos nestas montanhas desde a década de trinta, quando as florestas foram todas derrubadas. Agora as florestas estão

crescendo outra vez e eles estão voltando a se acasalar aqui.

— Como você sabe que é acasalamento?

— Não tenho como provar. Eles fazem os ninhos lá no alto, onde só Deus consegue encontrar. Mas só o macho canta, e ele canta para agitar as coisas, portanto ele deve ter razão para cantar.

— Impressionante.

— Não. Não é. Tudo o que se ouve agora na floresta é isso. Machos agitando as coisas.

— Impressionante é você saber tudo isso só com um trinado que eu mal consegui ouvir.

— Não é difícil.

Ela corou e agradeceu por ele ter se voltado, recomeçando a andar na sua frente, e não ter visto. Quando havia corado pela última vez? — perguntou a si mesma. Havia anos, com toda a certeza. E agora, duas vezes durante essas visitas. Corar e rir seriam coisas que só ocorrem entre pessoas? Formas de comunicação?

— Então, você é uma observadora de pássaros. Não apenas de predadores.

— E você acha que aquele bichinho não é um predador? Tente ver o mundo do ponto de vista de uma lagarta.

— Vou tentar.

— Mas não, ele não é o topo da cadeia alimentar. Não é o lobo mau.

— Pensei que o lobo mau fosse o objetivo de sua caça, dona “guarda-florestal”.

— Ora, ia ser uma caçada realmente sem graça, nos dias de hoje.

— Acho que sim. Quem matou o último lobo destas montanhas, Daniel Boone?

— Provavelmente. O último lobo cinzento. E deve ter sido por aí.

— E existe uma outra espécie?

— Existe. O cinzento, o lobo das histórias, todo mundo conhece. Mas havia uma outra espécie por aqui. Pequeno, chamado lobo vermelho. Mataram todos eles, antes mesmo de acabarem com os grandes.

— Um lobo pequeno? Nunca ouvi falar.

— Nem podia. Desapareceu do planeta.

— Ele está extinto?

Ela hesitou.

— Bem, depende do que se considera extinção. Há um lugar lá na Luisiânia, um pântano, onde as pessoas, vez por outra, dizem ter visto um. Mas os lobos que foram encontrados lá são mestiços de coiote.

Falavam baixo. Ela falava baixinho para as costas dele, feliz por ele estar à sua frente na trilha. Ele era um caminhante surpreendentemente silencioso, o que ela achou bom. E muito rápido. Poucas vezes ela havia encontrado homens que conseguiam acompanhar o seu passo. *É como se você estivesse sempre fugindo da cena do crime*, como lhe tinha dito o seu marido. *Por que você não anda como as outras mulheres?* Mas não, ela não conseguia, e isso era mais uma coisa que ele usava contra ela. “Feminina” era um teste igual ao julgamento de bruxas, em que ela estava condenada ao fracasso.

— Mas você disse que viu coiotes por aqui — Eddie Bondo lembrou calmamente.

Coiotes: pequenos fantasmas dourados do lobo vermelho desaparecido, que voltavam. Desejou ver o rosto dele.

— Eu disse isso?

— Não exatamente isso, mas quase.

— Eu disse que estava procurando por eles.

Estava aprendendo a usar astúcia da meia verdade: falar muito e dizer menos que o suficiente.

— Se eles estivessem realmente por aqui, eu gostaria muito de ver como iriam afetar as outras populações. Porque são uma coisa nova.

— Talvez novas para você, não para mim — disse ele. — Já vi mais coiotes do que pulgas em cachorros.

— É mesmo?

Olhando para as costas dele, ela não sabia o que ele sentia, nem mesmo se era verdade.

— Quero dizer, novas para este lugar. Eles não viviam aqui na época de Daniel Boone, nem na dos índios.

— Não?

— Não. Não existe registro deles por aqui. Então, de repente, eles simplesmente decidem estender seu território para o sul dos Apalaches. Ninguém sabe por quê.

— Mas aposto que uma moça esperta como você será capaz de adivinhar.

Será capaz, pensou ela. *Mas não quer*. Suspeitou que ele soubesse muito mais do que ela estava lhe contando. O que não era nada, seu segredo estava bem guardado.

— E não é só aqui — acrescentou ela. Achou detestável o som da própria tagarelice ao evitar a pergunta. *Não sou como a maioria das moças que você conhece, mas observe*. — Nos últimos anos, apareceram coiotes em todos os estados continentais do país. Até na cidade de Nova Iorque. Alguém fotografou um correndo entre dois táxis.

— Devia estar correndo para pegar o metrô.

— O mais provável é que estivesse tentando pegar um rato.

Decidiu que agora ficaria calada, e sentiu a satisfação costumeira por essa escolha, o pequeno puxão interno que lembrava o puxão das alças de uma sacola de pano. Ela queria guardar seu segredo naquela sacola, manter os olhos na trilha, tentar ouvir. E também tentar não olhar o movimento animal do cabelo escuro dele, e a forma dos músculos nos fundilhos das calças. Mas o homem era todo músculos, não importa onde se estivesse olhando.

Ela fixou os olhos nas árvores, onde uma nuvem de planipênios recém-eclodidos parecia encher o ar entre os galhos. Provavelmente, perderiam as asas depois da chuva. Estavam por toda parte, dançando à luz do sol entre os galhos mais altos, tremendo com o dever grave e breve da vida adulta: viver um dia de luz e cópula. Depois de sair da vida lenta e paciente de larva carnívora, eles rasgavam as costas e despiam as cascas daquelas formas predatórias que se arrastam pelas folhas, que ficavam caídas na lama com as pernas vazias, enquanto as novas silhuetas voavam como fadas carnaís, na busca urgente de um par, para a postura dos ovos e a vida eterna.

A trilha terminava abruptamente no mirante. Ela sempre perdia o fôlego ali: um despenhadeiro onde a floresta simplesmente se abria e a montanha descia aos seus pés, muitos pés de paredão calcário que até um esquilo teria dificuldade em escalar. Na primeira vez em que chegara até ali, ela vinha correndo, não era apenas uma caminhada a passo rápido, estava realmente *correndo* — no que estaria pensando? E quase caíra no despenhadeiro. Correr muito rápido foi sua forma de passar os primeiros meses nesse trabalho, como se ela e seu passo longo e pouco feminino estivessem *realmente* tentando fugir da cena de um crime. Foi dois verões antes, e desde então sua mente já havia relembrado mil vezes aquele instante terrível em que teve de estacar com força, esfolando a perna e o rosto num tombo, quase arrancando do chão um arbusto. Sua vida poderia ter terminado naquele instante, num piscar de olhos, sem testemunhas. Ela sempre revivia o momento, aterrorizada pela fragilidade do elo que ligava a parte da frente de sua vida a todo o resto. *A isto*. Um dia em que ela quase perdeu o dom de sentir o abençoado sol em seu rosto e mais o cenário da verde terra de Deus estendida lá em baixo como se fosse um cobertor amarrotado, os campos e pastos do Vale do Zabulon costurados uns nos outros.

— Você é dali?

Assentiu com a cabeça, surpresa por ele ter adivinhado. Ficaram em silêncio por mais de uma hora durante a subida pela tarde enfeitada de insetos até esse

lugar, essa vista que ela agora observava. Lá estava o fio prateado do Ribeirão do Ovo; e lá onde ele se juntava, como o polegar aos outros quatro dedos, o Amargo, o Ganso, o Walker e o Preto, ficava a cidade de Barra do Ovo, um arranjo desordenado de pequenos quadrados que pareciam, a essa distância, um punhado de balas jogadas no chão. Em seu coração, ela guardava outras perspectivas: a loja de Oda Black, onde se viam tortas esquimós cobertas de gelo na geladeira; a loja de ferragens dos Irmãos Little, com a jarra de pirulitos gratuitos sobre o balcão empoeirado — toda uma infância na palma de um vale. Viu o caminhão de gado subindo lentamente a Rodovia 6, entre o pomar de Nannie Rawley e a fazenda que foi dela e do pai. Dali não era possível ver a casa, por mais que ela tentasse.

— Aquela não é a *sua* cidade, disso eu tenho certeza — disse ela.

— Como você sabe?

— Primeiro, pelo sotaque. E segundo, não existe família Bondo no Condado de Zabulon.

— E você conhece todo mundo no condado?

— Todo mundo. E o cachorro de cada um.

Um gavião de rabo vermelho subiu, aproveitando uma corrente de ar e dando guinchos estridentes, a alegria do predador. Ela correu os olhos pelo céu em busca de outro. Quando guinchavam assim, estavam se acasalando. Uma vez ela viu um casal juntando-se no céu, agarrando-se, e caindo pelo ar em mergulhos mortais de muitos pés, que a deixavam sem fôlego, mas sempre se soltando e voando cada um para um lado, antes de se esborrachar mortalmente numa paixão louca.

— Qual é o nome daquele lugar?

Ela deu de ombros.

— Vale. Vale do Zabulon, por causa da montanha.

Tinha certeza de que ele teria rido do nome Barra do Ovo e resolveu não dizer.

— Você nunca pensou em ir embora?

— Por acaso você está me vendo lá em baixo?

Ele colocou a mão em pala sobre os olhos, como um índio de livros de história, e fingiu esquadrihar o vale: — Não.

— Pois então...

— Eu queria dizer dessa região, dessas montanhas.

— Eu fui embora. E voltei. Nem faz tanto tempo assim.

— Como os sabiás-magnólia.

— É, como eles.

Ele concordou com a cabeça.

— Dá para ver por quê.

Por que tinha saído, ou por que tinha voltado — qual dos dois ele via? Imaginou como os olhos estrangeiros dele viam o lugar. Ela sabia a impressão que aquele som produzia; havia aprendido a nunca dizer o nome de sua terra na presença de gente da cidade. Mas, e a vista? Seria possível que o lugar não fosse bonito? No fundo, não passava de uma fileira de pequenas fazendas espremidas entre esta montanha e a seguinte, o Pico Clinch, cujas encostas enrugadas eram cobertas de florestas escuras. Entre aquele pico e este, apenas um muro de ar azul e transparente e um único gavião.

— As fazendas lá embaixo são de criação de ovelhas — comentou Eddie Bondo.

— Algumas são. Outras produzem fumo. Algumas são de gado leiteiro.

Ela se fechou em pensamentos, tocando-os como se fossem pedras lisas no fundo do bolso, enquanto franzia os olhos para ver o Clinch, o relevo da terra, a densidade das florestas. Na primavera passada, um criador tinha encontrado uma toca de coiotes na mata acima de seu pasto. Mãe, pai e seis filhotes, como se comentava na cidade, todos mortos graças à pontaria do fazendeiro. Ela não acreditava. Sabia como os homens do Zabulon gostavam de bravatas, e sabia que uma família de coiotes era uma criação praticamente imortal. “Mãe e pai” era a avaliação de um fazendeiro de alguma coisa que estava além de seu conhecimento; uma família de coiotes era formada principalmente por fêmeas irmãs, lideradas por uma fêmea alfa, todas dedicadas à reprodução de uma delas.

Quatorze dias antes, quando encontrou a toca na sua própria montanha, ela teve vontade de se levantar e cantar igual a um galo. Era o mesmo bando, tinha de ser. A mesma família, recomeçando. Haviam ocupado uma toca sob o emaranhado de raízes de um enorme carvalho caído no solo, perto do Ribeirão Amargo, montanha abaixo. Encontrara a toca por acidente, naquela manhã, quando estava só procurando sinais da primavera e descia a montanha com um sanduíche enfiado no bolso. Caminhara uns três quilômetros encosta abaixo antes de encontrar umas campainhas que floresciam ao longo das margens do riacho, e estava sentada no meio delas, comendo o sanduíche com uma mão enquanto observava um tentilhão através dos binóculos, quando percebeu um movimento na toca. A surpresa foi inacreditável, depois de dois anos de busca. Passou o resto do dia deitada num canteiro de gualtérias, prendendo a respiração como uma adolescente apaixonada, esperando entrever alguma coisa. Conseguiu ver uma fêmea entrar na toca, uma anca dourada entrando na escuridão, e pressentiu a presença de mais uma ou duas. Não teve coragem de se aproximar para ver os filhotes. Se perturbasse essas senhoras astutas, elas desapareceriam. Mas a que ela viu tinha as tetas cheias da mãe lactante. As outras deviam ser

suas irmãs, ajudando a alimentar os filhotes. Quanto menos os fazendeiros do Vale do Zabulon soubessem dessa família, melhor.

Eddie Bondo arrancou-a de seus pensamentos. O tecido da sua manga encostava no dela, sussurrando segredos. Foi bruscamente atirada de volta ao próprio corpo, onde os músculos do rosto pareciam enormes e insensíveis, enquanto ela olhava para o vale, tentando ver o perfil dele com a visão periférica. Será que ele sabia que o toque do seu tecido no dela era tão perturbador quanto o de uma pele nua? Como ela havia chegado a esse ponto, um corpo que apagara toda e qualquer lembrança do que fosse um toque humano — fora essa a sua escolha? Não fora dela a iniciativa do divórcio, a menos que fosse verdadeira a alegação do marido de que seu treinamento e preferência, voltados para o ar livre, eram escolhas que um homem se via forçado a rejeitar. Um marido da mesma idade que repentinamente se torna muito crítico em relação à esposa já passada dos quarenta era algo que ela não conseguiria suportar. Mas o emprego aqui no alto do Monte Zabulon, onde vivia em perfeito isolamento nos últimos vinte e cinco meses — isso sim. Fora escolha dela. Uma prova, se é que alguém estava observando, de que o casamento nunca fora para ela uma necessidade.

— Que lindo — disse ele.

Ela pensou: “o quê?” Olhou para o rosto dele.

Ele também a olhou:

— Já viu alguma vista mais bela que isso aí?

— Nunca — concordou ela: era a sua terra.

Os dedos de Eddie Bondo se curvaram sob as pontas dos dela, e assim, de repente, ele estava segurando sua mão. Tocava sua mão como se fosse a única reação possível a tanta beleza aos pés dos dois. Um pulso de eletricidade percorreu a parte interna de suas coxas como um raio que rasga uma árvore ao meio, deixando-a em brasas ou, quem sabe, a ponto de irromper em chamas.

— Eddie Bondo — exclamou ela em voz alta. Tomando cuidado de não olhar para ele, e sim para o nada azul-celeste a sua frente, emendou: — Não o conheço e a nenhum antepassado seu desde Adão e Eva. Mas você poderia passar a noite na minha cabana, se não preferir passar a noite no mato.

Depois disso ele não largou mais os dedos dela.

Tomaram juntos a trilha que entrava na floresta, com essa coisa nova entre eles, as mãos dadas, vivas, com os terminais nervosos de um animal recém-nascido dotados de vontade própria, puxando os dois para a frente. Ela se sentia como se todos os seus sentidos duplicassem ao olhar essa outra pessoa, observando o que ele via. Ele se abaixava sob galhos baixos e os prendia com a mão livre para que não batessem no rosto dela. Moviam-se muito próximos,

vendo pela primeira vez o milagre produzido no chão da floresta por dois meses de chuva e dois dias do calor da primavera. Estava coberto de cogumelos: amarelos, vermelhos, marrons, cor-de-rosa, mortalmente brancos, minúsculos, enormes, delicados, berrantes, que pintavam o chão e cobriam os lados das árvores com sua carne filamentosa. Suas cabeças bulbosas varavam o chão de folhas decompostas, anunciando o erotismo de um bosque fecundo no apogeu da primavera, o começo do mundo. Ela se ajoelhou no chão de húmus para lhe mostrar uma cabeça de cobra, pequenos lírios amarelos com tímidas pétalas curvas e folhas parecidas com uma cabeça de cobra. Ele se curvou ao lado dela para tocar outra flor que ela não tinha visto e quase amassou.

— Veja — disse ele.

— Ah, *veja* — repetiu ela, quase num sussurro — um sapatinho-de-vênus. — A pequena orquídea cor-de-rosa estava onde ela tinha certeza de que estaria, onde o solo era adoçado pelos pinheiros. Afastou-se para não machucá-la e viu outras iguais, dezenas de sacos ovais enrugados, por toda a encosta, presos em hastes altas. Ela comprimiu os lábios, tentando tirar os olhos de todos aqueles escrotos cor-de-rosa.

— Quem inventou este nome? — perguntou ele. E riu — os dois riram — de quem fingiu que aquelas flores pareciam sapatos e não testículos masculinos. Mas os dois tocaram com cuidado a carne venosa da orquídea, surpresos com sua fria textura vegetal.

— As abelhas entram aqui — disse ela, tocando a abertura abaixo da coroa de pétalas estreitas por onde o polinizador entra no saco. Ele se inclinou para olhar de perto, quase roçando sua testa na coroa escura dos cabelos dela. Ela se surpreendeu com o seu interesse pela flor, e com a aguda reação física que teve ao corpo dele, casualmente tão próximo do dela. Sentia o cheiro de lâ lavada do cabelo úmido e da pele acima do colarinho. Essa dor seca que ela sentia era mais profunda que a fome, parecia mais sede. O coração batia com força e ela se perguntou se lhe havia oferecido um lugar seco para dormir, seria isso o que ele esperava? Seria só isso que ela queria oferecer? Não tinha certeza de ser capaz de suportar todas as horas de uma noite passada em tamanha proximidade, numa cabana apertada, querendo, mas não tocando. Ela não suportaria ser descartada outra vez, como o fora no final pelo marido, nem ser olhada sem ser vista no quarto quando ele procurasse os óculos ou as chaves, ainda que ela estivesse nua, o corpo apenas um estorvo, como um estranho no teatro ou no cinema bloqueando a visão do filme. Ela já estava velha demais para se fazer de tola. De perto, este Eddie Bondo era um rapaz ferozmente lindo, ainda mal saído da segunda década.

Ele se deixou cair sentado e olhou para ela, pensativo. Mais uma vez ele a surpreendeu ao dizer: — Existe coisa parecida lá no norte, que cresce nos torrões de turfa.

Ela se sentia perturbada por cada nova presença dele, pelas modulações de sua voz, os seus dedos tocando essa flor, seus conhecimentos sobre a turfa, que ela nunca havia visto. Não tinha coragem de tirar os olhos dos crescentes brancos das unhas nas pontas dos dedos dele, as linhas finas das mãos ásperas. Tinha de falar alguma coisa.

— Sapatinhos-de-vênus lá no norte? Onde, no Canadá?

— Não é a mesma flor, mas atrai os insetos. A abelha sente o cheiro de alguma coisa doce e entra; então fica presa, a menos que encontre a única saída. Assim, ela espalha o pólen por todo o interior, exatamente onde a flor deseja. Exatamente como agora, olhe aqui.

Ela se inclinou para ver, consciente da própria respiração ao tocar o pequeno botão onde a orquídea forçava o polinizador a arrastar o abdômen antes de deixá-lo voar. Sentiu uma pontada de comoção no osso do púbis.

Como ela podia querer este estranho? Seria razoável fazer outra coisa que não se levantar e se afastar dele? Mas quando ele virou o rosto em sua direção, ela não conseguiu conter-se, e levou a mão ao queixo dele, e bastou isso. A pressão do rosto dele contra o dela empurrou-a suavemente para trás, até ficarem os dois deitados no chão, cedendo à gravidade da Terra. Esmagavam as orquídeas sob seus corpos, pensou ela vagamente, mas depois esqueceu tudo, pois parecia sentir todas as camadas de tecido, carne e osso entre o corpo dele e o coração palpitante dela, cada um dos folículos da pele dele contra seu rosto, até mesmo os riscos dos lábios dele, quando a tocaram. Fechou os olhos contra as sensações avassaladoras, mas isso as tornou ainda mais intensas, assim como olhos fechados tornam mais aguda a sensação de tonteira. Abriu os olhos para tornar tudo isso real e possível, estarem se beijando deitados nas folhas frias, despencando como um par de gaviões; não mergulhando no ar, mas rolando gradualmente para baixo sobre línguas de cobra e *Amanitas* venenosas. Pararam na base da colina, o corpo dele sobre o dela. Ele olhou dentro dos olhos dela como se houvesse alguma coisa atrás deles, no fundo da terra, e arrancou folhas secas de seu cabelo.

— Que coisa! Olhe só como você está.

— Não posso — ela riu —, faz muito tempo que não tenho nenhum espelho na cabana.

Ele a ajudou a se levantar, e os dois caminharam durante alguns minutos em silêncio perplexo.

— Esta é a estrada do jipe — mostrou quando chegaram a ela —, minha cabana fica logo acima, mas a estrada continua pela encosta abaixo até aquela cidadezinha. Se é que você estava procurando a saída.

Ele parou um instante e olhou para baixo; então, forçou-a gentilmente a encará-lo e segurou sua trança.

— Pensei que já tinha encontrado o que eu queria.

Os olhos dela se moveram para o lado, para a descrença, e voltaram. Mas ela se permitiu um sorriso quando as mãos dele chegaram ao seu peito e começaram a afastar as camadas de roupa que pareciam sair todas daquele ponto acima de seu coração. Tirou o casaco de náilon, deslizou-o pelos seus ombros até a dobra dos cotovelos.

— Encontrar não é procurar — disse ela.

Mas sentiu o cheiro do cabelo e do pescoço dele quando ele encostou a boca no seu queixo. A intoxicação da lã a levou a sentir sede outra vez, se é que o nome era realmente esse, mas uma sede ancestral, que nenhum ser vivo deixaria de saciar, já que a água estava à mão. Soltou o protetor dos cotovelos e deixou-o cair no barro, ergueu as mãos até o fecho do casaco e rolou o capuz para trás como se fosse uma pele solta. Permitiria o surgimento dessa coisa nova, o que quer que ela fosse. Moveram-se desajeitados os últimos cem metros até a cabana, sem se separar, arrastando as mochilas e metade das camadas de roupa de náilon.

Então ela o soltou, e se sentou nas tábuas do chão da varanda aberta, para tirar as botas.

— É aqui que você vive?

— É — respondeu, imaginando o que mais precisava ser dito — eu e os ursos.

Ele se sentou a seu lado e levou o dedo até os lábios dela. Chega de conversa, parecia dizer — mas eles nunca haviam conversado sobre isso, e ela ainda não tinha certeza de que isso era real. Ele guiou os ombros dela até o chão e se deitou a seu lado, acariciando-lhe a face, desabotoando a saia; e tocando-a sob as roupas, desceu a mão para estudá-la, até que apenas sua boca sobre a dela a impedia de chorar. Ela curvou as costas e deslizou a pistola sobre as tábuas do chão. Tudo estava correndo rápido demais, sua pélvis se ergueu novamente, e então ela chorou — apenas um gemido de mulher — e teve de se distanciar para não se perder completamente nele. Abriu os olhos e viu a pistola na beirada da varanda, apontada para o vale com a trava de segurança acionada. O último apêndice de seu medo.

Cuidadosamente, apartou-se das duas mãos dele, ergueu-as acima dos ombros, rolou por cima dele e o prendeu no chão, como faria um lutador.

Escanchada sobre as coxas dele, olhando seu rosto, ela se sentiu encantada com essa presença tão próxima. Ele sorriu, aquele estranho sorriso em parênteses, que ela já conhecia. *Então é só isso: bem simples*, pensou. *E é possível*. Ela se curvou sobre ele, e sentiu na ponta da língua o gosto da pele salgada do seu peito, e continuou a explorar o tambor esticado do abdome. Ele tremeu ao sentir o hálito quente sobre a pele, deixando-a saber que podia tomar e possuir Eddie Bondo. Foi a decisão do corpo, um corpo sem mais escolhas em sua história natural do que uma orquídea, ou a abelha de que ela necessita, e assim os dois se perderiam aqui, ela o deixaria entrar onde quisesse ir. Na última hora de luz, enquanto os planipênios buscavam alívio para suas breves vidas no ar brilhante do alto da floresta, e o casulo de náilon de seu casaco jazia amarrotado na lama, seus corpos de pele fina completaram as apresentações no chão da varanda. Uma brisa espargiu uma chuva das folhas novas nos cabelos dos dois, mas na busca da eternidade, eles nem notaram o frio.

Mais tarde, ao crepúsculo, cada vez mais escuro, passou-se uma eternidade até ela sentir o coração voltar ao ritmo normal. Ele estava deitado, olhando para a floresta escura atrás dela, aparentemente sem problemas com o próprio coração. Os sabiás cantavam, já era tarde. Um vento soprou, as árvores jogaram mais pingos d'água no telhado da cabana, que ressoaram como chumbinhos de caça e escaudaram com gotas geladas as partes nuas dos dois corpos. Ela observou uma gota d'água pendurada na ponta da orelha dele, presa num fio de ouro quase imperceptível, que lhe perfurava a orelha esquerda. Seria ele tão bonito quanto lhe parecia? Ou era apenas mais um homem, um osso que lhe jogaram para matar sua fome?

Com a mão esquerda, Eddie desembaraçou os cabelos que ele mesmo havia embaraçado. Mas ainda olhava para longe; a mão se movia por si só. Ela se perguntou se ele trabalhava com animais ou coisa parecida.

Voltando de onde estivera, ele fixou os olhos no rosto dela.

— Ei, menina bonita. Você tem nome?

— Diana.

Ele esperou, e:

— Diana, e ponto final?

— Diana, e não tenho certeza do resto.

— Ora, essa é diferente: uma moça ainda sem sobrenome.

— Eu tenho um sobrenome, mas é do meu marido... *era* do meu marido. Ou é dele, mas ele *era* — ela se sentou e tremeu, observando-o levantar-se para puxar a calça — você não entende, mas a gente fica meio confusa. Esse nome já

não significa nada para mim, mas ainda assim continua pregado em toda a minha vida, na minha carteira de motorista e no resto.

— Ainda assim — brincou ele, sorrindo e se apropriando das palavras dela — o macho é assim: marca território.

Ela riu.

— É isso. Ele pôs sua marca em tudo que eu tinha, e depois foi embora.

Eddie Bondo foi até a beirada da varanda e urinou no mato. Ela não percebeu até ouvir o barulho nas folhas das maçãs de maio e nas samambaias do Natal, e então se espantou.

— Meu Deus — disse ela.

Ele se voltou e olhou surpreso para ela.

— O quê? Desculpe.

O arco de urina baixou, reduziu-se a gotas, e ele fechou a braguilha.

Ela disse mansamente:

— Você ainda está no meu território.

Diana tinha sido casta durante toda a adolescência, tímida demais para os rituais de alteração de aparência que os meninos pareciam exigir e, sem a mãe, longe demais do jogo para aprendê-lo. Quando foi para a universidade, viu-se acolhida e orientada por homens muito mais velhos — principalmente professores — até se casar com um. Sua mundanidade caipira, sua altura e seriedade — *alguma coisa* — levou-a a saltar uma geração. Nunca soube o que um homem perto dos trinta anos tinha a oferecer. Eddie Bondo sabia o que fazia e tinha energia para buscar a perfeição. Não dormiram entre o crepúsculo e a aurora.

Já estava claro quando ela recuperou uma serenidade ainda que tardia para, num ato de contrição, imaginar o que poderia ter perdido aqui — além, momentaneamente, do controle. Ela sabia que muitos homens da sua idade, e a maioria dos outros animais, já haviam feito isso. Uma colisão de estranhos. Ou, não exatamente estranhos, pois havia a corte característica: a exibição, a retirada, a dança do tríduo de obsessão. Mas a visão dele dormindo na sua cama fê-la sentir-se eufórica e profundamente perturbada. Sua própria nudez a assustava; ela geralmente dormia sob muitas camadas. Acordada pelos sabiás à primeira luz da madrugada, sentindo a textura do lençol frio sobre a pele, ela se sentia abalada e desorientada como uma borboleta saída da larva sem graça, sem ideia de onde voar.

Pela aparência da mochila, concluiu que ele era um tipo desgarrado, na longa estrada, e se sentiu infeliz ao indagar a si mesma se havia se acasalado com alguém perigoso. Mais tarde, entretanto, ela se decidiria pelo contrário. Ele se

levantou calmamente e sem pressa, e começou a tirar itens da mochila, empilhando-os no chão em montes bem organizados, enquanto procurava roupas limpas e o aparelho de barbear.

Ela concluiu que um criminoso não gastaria tempo fazendo a barba. A mochila lembrava um lar respeitável: um armário de remédios, a despensa, a cozinha. Havia muita comida lá dentro, até mesmo uma cafeteira. Ele encontrou um ponto de apoio para colocar o espelhinho num dos troncos da parede e foi escanhoando os diversos planos de seu rosto, um quadradinho de cada vez. Ela tentou não olhar. Depois, ele andou pela cabana com a confiança de um convidado, assoviando, só parando para examinar os títulos dos livros. *Teoria genética da população e ecologia evolucionista*: aquele tipo de coisa lhe deu um certo susto que logo passou.

A minúscula cabana estava tomada pela presença dele, e ela não conseguia se concentrar no preparo do café da manhã. Batia as portas dos armários procurando coisas nos lugares errados, não estava acostumada a ter companhia. Tinha só uma cadeira, mais uma velha poltrona na varanda, de cujos braços os passarinhos arrancaram a fibra para revestir seus ninhos. E era só. Afastou da mesa a cadeira, encostou-a aos troncos da parede oposta e pediu a ele para se sentar, para abrir espaço junto ao fogão a gás onde fritava ovos em pó e fervia água para o mingau. À direita dele, estava a cama de metal com as cobertas desarrumadas, a mesinha de cabeceira, soterrada sob uma pilha de livros e cadernetas de campo, e a lamparina de querosene que os dois quase haviam derrubado na pressa louca de se consumirem.

O fogo da lareira se apagara durante a noite, e a manhã estava fria. Só em julho o calor do verão chegaria àquela altitude. Quando ela trouxe os dois pratos de ovos, ele se levantou para lhe oferecer a cadeira, e ela se sentou sobre as pernas enroladas na camisola de flanela, tremendo, observando-o através do vapor que saía de sua caneca de café. Ele foi até a janela e ficou olhando para fora enquanto comia. Tinha um metro e sessenta e cinco. Não era só mais jovem, era também meia cabeça mais baixo que ela.

— Não estou querendo ofender — observou — mas homens da sua altura fogem de mim como o diabo da cruz.

— É mesmo?

— É. Geralmente me encaram ferozmente do outro lado da sala. É como se ser alta fosse um insulto que eu tivesse inventado especificamente contra eles.

Ele parou, o garfo suspenso no ar, e olhou para ela.

— Não me ofendeu, Diana, mas você vem passando tempo demais no meio de vermes e roedores.

Ela riu, e ele lhe lançou um sorriso: um pescador de truta lançando a isca.

— Você é o que os caras no oeste chamam de um grande copo d'água.

Ele parecia sincero. Os braços e coxas longos, seus pés compridos — na verdade, todas as suas dimensões —, pareciam ser coisas de que ela jamais se cansaria. Era impressionante. E disso, ela gostava. Era a juventude dele que a deixava nervosa. Ela abafou a vontade de perguntar se a mãe dele sabia onde ele estava. O máximo que se permitiu foi perguntar por suas origens. “Wyoming”, foi sua resposta. Criador de ovelhas, filho de três gerações de criadores de ovelhas. Ela não lhe perguntou o que trouxera um criador de ovelhas do Wyoming até o sul dos Apalaches. Teve o mau pressentimento de que já sabia.

Por isso, ela rejeitou a isca e olhou pela janela para a floresta lá fora e para a bruxa dourada pousada na tela da janela. O bichinho chegara ao fim de sua longa noite de comilança e amor, e agora, levada pelo primeiro calor do dia, iria procurar um lugar onde recolher as asas e esperar as horas inúteis do dia. Observou-a subir lentamente pela janela com as pernas douradas e peludas. De repente, abriu as asas, revelando o par de olhos escuros pintados para assustar os predadores, e voou para um esconderijo seguro. Diana sentiu o mesmo sobressalto — fugir desse macho perigoso, que surgira na sua floresta.

Um criador de ovelhas. Ela sabia do ódio que os criadores do oeste tinham pelos coiotes; era a mais famosa, talvez a mais feroz das inimizades entre homem e animal. Já era suficientemente mau deste lado mais calmo do Mississippi. Os fazendeiros entre os quais ela crescera preferiam matar um coioote a aprender a pronunciar o seu nome. Era um medo injetado nos humanos ao longo de séculos de contos de fadas: mande um homem tomar conta de um lugar, e ele se livra de ursos e lobos. Os europeus haviam exterminado os seus muitos séculos antes, em toda parte, menos nas montanhas mais remotas, e talvez até mesmo esses refúgios já fossem lenda. A partir do terceiro ano, quando Diana Wolfe aprendera a recitar o juramento e a procurar “lobo” na enciclopédia, ela havia aprendido a amar a América por ser tão jovem que o povo ainda não fora capaz de exterminar os grandes predadores. Apesar de continuar tentando, com toda a seriedade.

— Outro dia você estava com uma carabina calibre 30 — disse ela. — Onde está?

— Guardei — respondeu ele com toda a simplicidade. Estava barbeado, alegre e peito nu, pronto para comer os ovos em pó que ela lhe havia oferecido. A arma dele estava escondida em algum lugar, enquanto seus pés lindos e bem arqueados andavam pela sua cabana com uma graça nua e pura. Diana percebeu que estava afundada até o pescoço.

O que poderia atrair um criador de ovelhas do Wyoming até o sul dos Apalaches nessa época do ano só poderia ser a Grande Caçada das Montanhas,

organizada pela primeira vez naquele ano. Terminara há pouco, uns dias antes do primeiro de maio — época de parir e amamentar, uma excelente temporada de caça quando o objetivo é o extermínio deliberado. O evento atraía caçadores de todo o país, com o festejado objetivo de matar coiotes.

O AMOR DAS BRUXAS

Lusa estava sozinha, enrodilhada na poltrona, lendo furtivamente — única forma de leitura permitida à mulher de um fazendeiro —, quando a força de uma fragrância lhe interrompeu os pensamentos. Na décima primeira hora de um dia em meados de maio, durante um momento indelével que iria mudar tudo, ela foi arrancada de sua vida.

Fechou os olhos e voltou seu rosto para a janela aberta, aspirando profundamente. Madressilvas. Lusa fechou o livro sobre o dedo indicador. Charles Darwin a falar de bruxas, era nisso que ela se havia perdido: uma descrição de uma *Saturnia carpini* virgem, cujo cheiro os machos seguiam até cobrir a toca, e muitos chegavam mesmo a entrar pela chaminé do Mr. Darwin para encontrá-la. Pilhas de livros de Lusa estavam no chão, meio ocultos sob uma poltrona excessivamente estofada, único lugar da casa que considerava seu. Quando se havia mudado, arrastara pelo quarto aquela poltrona, uma coisa esquisita, forrada de brocado verde, até a janela alta, virada para o sul, por causa da luz. Agora, ela se inclinou na cadeira e moveu ligeiramente a cabeça para enxergar através da tela empoeirada. Lá longe, do outro lado do campo de feno, seus olhos perceberam a camiseta branca de Cole, e depois ela distinguiu o resto dele, o corpo curvado para a frente. Estava inclinado para fora do trator, quebrando um galho de madressilvas que caía sobre o campo por cima da cerca. Talvez o cacho de madressilvas estivesse apenas atrapalhando. Ou talvez ele o estivesse cortando para levar para Lusa. Ela gostava de colocar um cacho novo na jarra em cima da pia da cozinha. Sobreviver aqui só seria possível se ela enchesse o ar de perfumes e afastasse os severos fantasmas femininos da família com a doçura de uma erva florida e desavergonhada.

Cole estava a 400 metros de distância no campo do fundo, arando a terra onde em breve iriam plantar fumo. Parecia inacreditável que aquele galho pudesse liberar tal perfume, que a alcançava na casa, mas a brisa era suave e tinha a direção certa. O povo das Apalaches teimava que as montanhas respiravam, e era verdade: o vale íngreme que havia atrás da casa aspirava

longamente pela manhã, e à tarde expirava através das janelas abertas e dos campos até o anoitecer — era apenas um hausto profundo por dia. A primeira vez em que visitou Cole aqui, Lusa ouviu falar da respiração da montanha e abriu um sorriso condescendente. Respeitava a poesia da linguagem caipira, ainda que não admitisse a veracidade de crenças tais como as montanhas respirarem e as cobras só morrerem depois do anoitecer, ainda que tenham a cabeça cortada. Se uma tartaruga morde alguém, só o solta quando soa um trovão. Mas quando se casou com Cole e levou sua vida para essa casa, as inalações do Monte Zabulon roçaram seu rosto a manhã inteira, e ela finalmente entendeu. Aprendeu a saber as horas pela pele, quando a manhã virava tarde e o hálito da montanha começava a tocar suavemente na sua nuca. No início da noite, ele ficava tão insistente quanto um suspiro de amante, adoçado pelas florestas úmidas, a resfriar-lhe o pescoço e os ombros toda vez que ela parava o trabalho na cozinha para afastar da nuca os cachos úmidos de suor. Chegara a pensar em Zabulon como o outro homem da sua vida, maior e mais constante que qualquer outro companheiro que tivesse conhecido.

Mas agora tinha um marido para quebrar e trazer para ela um ramo de madressilva. Ela já não tinha dúvida, pois ele o prendera entre a coxa e o assento do Kubota. A nuvem de flores brancas tremia enquanto ele pulava pelo campo, controlando o trator com as duas mãos. O trabalho no campo do fundo já estava quase completo. Quando ele chegou em casa para o café do final da manhã e para o “jantar”, como ela estava aprendendo a chamar a refeição do meio-dia, ela pensou em colocar o galho de madressilvas na água. Talvez os dois pudessem falar; talvez ela pusesse sopa e pão na mesa para poder engolir as palavras amargas da manhã. Discutiam quase diariamente, mas hoje a discussão fora uma das mais azedas. Naquela manhã, ao café, ela quase decidiu ir embora. Naquela manhã, ele quase desejou que ela se fosse. Usaram as piores palavras que conheciam. Agora, ela fechou os olhos e aspirou. Ela poderia ter deixado ele rir de seu amor por essa trepadeira que os fazendeiros detestavam ver nas cercas.

A coluna de jardinagem daquela semana no jornal era dedicada à eliminação das madressilvas. Fora o ponto de partida da briga:

“Seja vigilante! O projeto deverá exigir aplicações repetidas de fortes desfolhantes químicos”, havia lido em voz alta, na sua versão do sotaque exagerado e estúpido das montanhas, que iria irritar Cole, como ela sabia. Mas não conseguira evitar. Era o instrutor agrônomo do condado quem escrevia essa horrível coluna chamada “Jardinagem no Céu”, cuja principal preocupação, toda semana, era assassinar coisas. Sua impaciência se acentuava com essas pessoas que pareciam determinadas a eliminar todas as coisas vivas que chegassem a seu alcance. Arrancar roseiras selvagens, atirar nos gaios pousados nas cerejeiras,

derrubar os ninhos dos beirais da varanda para evitar que os filhotes emporcalhassem as escadas: eram esses os passatempos do Condado de Zabulon, tão inevitáveis quanto os rituais da limpeza da primavera.

E ele dissera: — Quando você zomba do Condado de Zabulon está zombando é de mim, Lusa.

— E é preciso me dizer? — retrucara. Era como se, sentada na cozinha onde sentia a presença intolerante da falecida mãe dele, ela tivesse o direito de esquecer onde ele havia sido criado. Cole era o mais novo de seis filhos, com cinco irmãs que nunca haviam saído do vale, onde Pai Widener doara um meio hectare para cada uma construir sua casa, deixando para seu filho único, Cole, o restante dos trinta hectares. O cemitério da família ficava atrás do pomar. O destino da família Widener era evidentemente ocupar o mesmo pedaço de terra por toda a vida e pela eternidade. Para eles, a palavra *cidade* significava apenas Garfo do Ovo, uma cidadezinha próxima, com alguns milhares de almas, nove igrejas e um supermercado Kroger's. Ao passo que Lusa era uma estranha vinda do outro lado da montanha, de *Lexington* — um lugar que ficava a uma distância absurda. E agora ela estava perdida entre cinco cunhadas que flanqueavam a sua faixa de passagem até a caixa do correio.

Então, silenciosamente, ficou durante algum tempo observando Cole comer o desjejum, até dar um tapa no jornal ofensivo e se levantar para iniciar o trabalho do dia, saindo pela porta da cozinha para buscar o leite na varanda dos fundos. Ela ainda estava de chinelos e com a camisola listrada; não se passara nem uma hora desde que haviam levantado, e a bruma ainda se erguia do riacho. Uma bruxa Io descansava na tela, sua segunda bruxa preferida, cujas surpreendentes asas tinham a mesma cor dourada de seus cabelos. (A preferida seria sempre *Actias luna*, o etéreo fantasma verde das florestas altas.) “Esgotada pela noite de amor”, zangou, “é bem merecido” — mas ela não tinha escolha. Toda a família do bicho da seda gigante, inclusive as ios e lunas que ela admirava, só comia enquanto era larva, os adultos não têm boca. Que extravagância romântica e muda, pensou Lusa: uma criatura faminta correndo contra a morte, toda a noite, atrás de seu par.

Pegou o leite e o manuseou com cuidado, observando que a nata já estava quase toda separada. Só havia um galão. Só tinham uma vaca leiteira para preparar a manteiga caseira e o creme de que Cole gostava, e só a ordenhavam à noite. Lusa chocou a todos com a proposta de eliminar a incômoda ordenha das quatro da manhã, deixando a vaca e o bezerro passarem a noite juntos, deixando de ordenhar se precisasse viajar a Lexington no fim de semana (não era preciso ser um cientista para pensar nisso). Quando precisava de leite, Lusa simplesmente separava o bezerro da mãe para que o úbere se enchesse até a

noite. As irmãs de Cole não aprovavam toda essa facilidade, mas Lusa estava contente. Se elas tinham passado a juventude como escravas de duas ordenhas por dia, não era problema de Lusa. Ela tinha seu próprio jeito de fazer as coisas. Aprendera o lado doméstico da fazenda em menos de um ano, e Cole gostava mais de sua comida que da de sua mãe. Agora, diante da pia da cozinha, mergulhando a concha e observando o creme escorrer suavemente pela borda numa corrente tão fina que parecia verde, ela teve uma inspiração: gordos buquês de espinafre savoy estavam prontos na horta dos fundos. Refogados na manteiga, com cogumelos fatiados, uma folha de louro e esse creme, dariam uma sopa fragrante e sensual, que Cole iria adorar. Estaria pronta ao meio-dia, quando ele voltasse para o almoço. Ela se concentraria na sopa e tentaria esquecer aquela discussão.

Mas Cole não queria esquecer.

— Por que *você* não escreve a coluna de jardinagem para o jornal, Lusa? — cutucava ele à mesa do café. — Pense em tudo o que *você* poderia ensinar aos caipiras daqui.

— Cole, tenho de me concentrar no que estou fazendo. É preciso brigar?

— Não, querida. Só tenho *pena* — disse ele, sem a menor pena — de não ter nascido num lugar chique onde os cachorros ficam dentro de casa e os jardins ficam em caixas de vidro nas janelas.

— Você não consegue esquecer. Lexington não é um lugar *chique*. Acontece que lá as pessoas leem e escrevem sobre outras coisas além de como exterminar as madressilvas das cercas vivas.

— Mas não é preciso. Eles não têm cercas vivas. Toda praça que eu vi termina numa calçada.

Em muitas espécies de bruxas, Darwin havia observado: *os machos preferem habitar um território mais aberto, enquanto as fêmeas vivem ocultas*. Então ela e Cole não passavam de um clichê biológico? Uma macho e uma fêmea seguindo suas naturezas separadas? Ela ergueu os olhos de sua cachoeira de creme, pensando em como suavizar essa coisa que surgiu entre os dois.

— Sou apenas em parte uma pessoa da cidade — disse ela tranquilamente. As linhas que adotavam nas discussões eram sempre as erradas; ele a colocava num campo que ela não tinha escolhido. Como ele iria entender que ela havia passado toda a infância sardenta presa em gramados, mas sonhando com os campos? Que passara a infância caçando borboletas e bruxas, buscando-as nos livros para colorir, tocando em todas as figuras, sonhando com as que se escondiam em lugares mais selvagens?

Ele estalou as articulações dos dedos e cruzou as mãos atrás da cabeça.

— Lusa, querida, a gente pode tirar uma moça da cidade, mas não pode tirar a cidade da moça.

— Merda — disse ela, irritada e elevando a voz. Será que ele realmente se achava esperto? Ela havia deixado a concha baixar demais, e perdeu a maior parte da nata que já havia separado. Agora teria de esperar outro meio-dia para a nata voltar a se separar. Jogou a concha na pia — E foi para isso que eu passei vinte anos estudando. — Voltou-se para encará-lo. — *Sinto muito* que a minha educação não me preparou para viver aqui, onde só existem duas espécies de animais, os que são alimento, e os que servem para tiro ao alvo.

— Você esqueceu dos que são isca — resmungou ele.

— Isso não tem graça, Cole. Vivo muito só aqui. Você não tem a menor ideia.

Ele pegou o jornal e abriu na página dos preços da carne. Então ia ser assim. Sua solidão era problema só dela, e ela sabia. As únicas pessoas com quem conversava, além de Cole, estavam todas em Lexington. Quando ele sugeria que ela fizesse amigos *aqui*, ela só conseguiu imaginar as mulheres de olhos de cervo e penteados agressivos que havia visto no Kroger's, e corria para o telefone para discutir a vida do interior com Arlie e Hal, antigas companheiras de laboratório. Mas ultimamente o apoio das duas se esvaíra por causa das embaraçosas contas de telefone: *Qual é o problema? Se você não está feliz, venha embora, você não é aleijada. Volte para cá enquanto ainda é possível recuperar o dinheiro da pesquisa.*

Ela começou a esterilizar os utensílios do leite, tentando esquecer Arlie e Hal. Suas vidas passada e presente eram tão diferentes, que ela se sentia incapaz de guardar uma na memória enquanto vivia a outra. Ficava embaraçada ao tentar. Preferia cantar uma antiga litania: *Actias luna, Hyalophora cecropia, Automeris io*, luna, cecrópia, io, as bruxas saturnídeas gigantes, criaturas de seda que traziam os nomes dos deuses para os vales profundos e encostas de Zabulon. A maioria das pessoas não tinha ideia das asas que batiam contra suas janelas enquanto dormiam.

Era apenas mais uma coisa sobre o que não podia falar — sua formação era muito mais completa que a do marido. O gracejo predileto de Cole era dizer: “Eu gostava tanto de estudar, que repeti todas as séries do colégio e da faculdade”. Lusa nunca tinha acreditado naquela autodepreciação. Desde o primeiro dia em que se conheceram na Universidade de Kentucky, ela o havia reconhecido como um intelectual diferente. Cole estava participando de um painel sobre manejo integrado de pragas. Um grupo de fazendeiros do condado pagara sua matrícula e o mandara para Lexington sabendo que Cole seria capaz de ignorar a pretensão universitária e trazer para eles o que valia a pena saber. A confiança deles era

justificada. Ele não se impressionara automaticamente com o status de assistente pós-doutoral de Lusa, e a pressionava com perguntas, quando percebeu o quanto ela sabia sobre as bruxas gelequídeas, habitantes de grãos armazenados. Seus olhos, azuis como um céu de verão seco, começaram a segui-la de uma forma que a alarmou ou a seduziu, ela não sabia dizer qual das duas coisas. Ela lhe mostrou seu laboratório e o outro, maior, o do pai, no mesmo edifício, onde ele estudava os feromônios das bruxas da maçã, conhecidas pragas das macieiras. As bruxas do laboratório viviam sob observação em caixas de vidro com as quais os cientistas enganavam os machos para eles se acasalarem com armadilhas carregadas de cheiro, e assim as noivas virgens depositavam ovos estéreis nas maçãs.

Mais tarde (mas não muito), Lusa e Cole dormiram juntos no apartamento dela na Rua Euclid. Cole fazia amor como um fazendeiro, o que não queria dizer que ele fosse grosseiro. Pelo contrário, ele tinha uma inteligência delicada em relação ao físico que o levava a buscar com sua boca peluda os cheiros terrenos dela e seus locais macios e úmidos, revirando-a como se fosse uma terra nova, para a glória de novas vidas. Seu corpo, que ela havia sempre considerado excessivamente curto e curvo, como um violão, para ser levado a sério, transformou-se em uma coisa nova no abraço de um homem que avaliava os reprodutores pelo toque das mãos. Ele a fez entender o que ela nunca havia compreendido: ela era voluptuosa.

Lusa lhe falou sobre a sinalização com odores que os animais usam para encontrar e identificar os parceiros. Feromônios. Ele ficou encantado. “Então, tudo é só sexo, para todos vocês no laboratório, e o dia inteiro. E ainda por cima recebem salário”.

— Confesso a minha culpa — disse ela —, eu estudo o amor das bruxas.

Ele se interessou pelo amor das bruxas. Ficou ainda mais interessado quando soube que até os humanos usam sinais feromônicos, embora a maioria não queira saber dos detalhes. Mas ela teve a impressão de que Cole queria. Cole, o homem que enterrava o rosto em todas as dobras de sua pele para lhe sentir o cheiro. Para desfrutar mais o sexo, só se ele tivesse antenas parecidas com penas, como as bruxas, para pentear o ar em volta dela, e uma bem elaborada estrutura no abdome, destinada a atraí-la com seu próprio cheiro.

Ele lhe havia perguntado: — Quando você se apaixona por alguém sem qualquer razão aparente, pode pensar então que é isso que está acontecendo? Os feromônios?

— Talvez. Provavelmente.

Ele rolou e ficou de costas com os dedos cruzados atrás da cabeça, oferecendo-lhe mais uma oportunidade de estudá-lo de perto. Ele era

impressionantemente grande. Os ombros, as mãos, o plano largo do estômago chato e do peito — tudo nele a fazia sentir-se pequena e delicada. Era um gigante feliz, nu na cama dela.

— Então me explique por que uma mulher esconde de todas as formas possíveis o cheiro que realmente tem?

— Não tenho a menor ideia — Lusa já tinha pensado nisso, é claro. Até raspar as axilas vai contra a natureza. A razão dos pelos pubianos é aumentar a área para as moléculas de cheiro, e foi o que ela lhe disse.

— Mas é uma coisa completamente diferente, dormir com uma cientista — declarou ele sorrindo, com o rosto de que ela já começava a sentir falta. E ele também era outra coisa completamente diferente. E em pouco tempo ele iria embora, a enormidade compenetrada e feliz que ele era, a barba bem feita, que marcava as linhas do maxilar e do centro do queixo até a boca linda. Sua barba lhe lembrava as guias do néctar no interior das flores, que ensinam às abelhas o caminho até onde se esconde o néctar.

O apartamento da Rua Euclid pareceu agradar-lhe tanto que, findo o seminário, ele adiou por dois dias a volta para casa. Pouco saíam da cama; na verdade, ela foi forçada a mentir ao laboratório e alegar uma doença repentina. Estava a ponto de lhe perguntar — não por astúcia, mas por simples curiosidade — se ele tinha o hábito de dormir com mulheres que acabava de conhecer, quando ele a pediu em casamento. Lusa ficou sem fala. No ano seguinte, ele a cortejou com uma intensidade que a fazia ovular durante as visitas. Ela começou a tomar cuidado, pois uma gravidez muito próxima do casamento poderia oferecer aos parentes dele certos conhecimentos sobre Lusa que eles pareciam querer. O vocabulário de sua mãe tinha uma expressão para se referir a pessoas como as irmãs de Cole: “Nasceram com dez dedos para poder contar até nove”.

Cole havia terminado o desjejum e olhou para Lusa, enquanto acendia um cigarro. Pareceu espantado ao vê-la olhando para ele.

— O quê? — perguntou.

— Estava me lembrando do quanto a gente gostava um do outro.

— Ah, esqueci de dizer: o Herb vem hoje mais tarde buscar o aspersor a pressão. Não se assuste se o vir revirando o quartinho de ferramentas.

Ela se irritou. Era típico de Cole responder a um apelo às suas emoções com a aparência de não as ter.

— Não quero o Herb no nosso quarto de ferramentas — respondeu ela secamente —, então, acho que vou ter de descer e procurar eu mesma.

— Para quê? O Herb conhece o aspersor a pressão. Afinal, foi ele quem me convenceu a comprar um, e agora usa mais que eu.

— E enquanto procura, ele vai mexer nos meus funis e redes de insetos, e depois inventar histórias para a Mary Edna contar para a Hannie-Mavis por intermédio da Lois e da Emaline. Não, obrigada.

Ele inclinou a cadeira e sorriu.

— Os três mais eficientes meios de comunicação: telefone, telégrafo e contar para uma das minhas irmãs.

— Eu até achava engraçado. Antes de ser eu o assunto favorito delas.

— Elas não fazem por mal.

— E você acredita nisso? — ela balançou a cabeça, dando-lhe as costas. Elas faziam por mal. Desde o início. Desde que ela se tornara a dona da casa da família, no último mês de junho, elas pouco falaram com ela, mas falaram demais *sobre* ela. Antes mesmo de ter entrado no supermercado ou na casa de ferragens, ela já era conhecida como a mulher de Lexington que ficava de quatro para estudar os insetos na sala, em vez de matá-los.

— Minhas irmãs têm mais a fazer do que ficar te odiando — insistiu Cole.

— Suas irmãs ainda não aprenderam o meu nome.

— Ora, Lusa.

— Pergunte a elas. Eu lhe dou dez dólares se qualquer uma delas disser o meu nome corretamente — o nome completo, Lusa Maluf Landowski — elas fingem não lembrar. Você acha que eu estou brincando? Lois disse a Oda Black que meu nome de solteira era Zucchini.

— Não pode ser.

— Oda disse, rindo, que entendia a minha pressa de subir ao altar para me livrar *daquilo*. Ela observou o seu rosto, tentando ver se ele era capaz de entender tamanha humilhação. Lusa havia mantido o próprio nome quando eles se casaram, mas isso não fez diferença: todo mundo a chamava de senhora Widener, como se não existisse uma Lusa.

— Bem, apesar de te desprezar de todo o coração — disse ele pacientemente —, Lois nos convidou para uma ceia no Memorial Day^[2]. Ela quer nos levar a todos para enfeitar os túmulos de papai e mamãe.

Lusa inclinou a cabeça, curiosa.

— Quando foi que ela convidou?

— Ontem à noite.

— A família toda foi convidada? Mas como? A cozinha de Lois é do tamanho de uma cabine de telefone.

— Era muito maior antes de ficar cheia de cortinas e patos plásticos.

Lusa teve de sorrir.

Ele fez um gesto.

— A cozinha é esta. Por que você nunca convida todo mundo?

Ela balançou a cabeça.

— Como é possível alguém ser tão idiota? Como ficar sentado no meio desse furacão de mulheres odientas e agir como se fosse um domingo de sol?

— *O quê?*

Ela marchou até o armário do canto da sala de jantar e voltou com um prato de porcelana, que segurava no alto como uma tocha.

— Isto não significa nada para você?

— É do seu jogo de porcelana do casamento.

O jogo *dela*, é verdade — tinha pertencido à sua família, um desenho inglês com delicadas pinturas botânicas de flores e seus polinizadores. Mas elas tinham de zombar de tudo que ela amava?

— Você não se lembra do que aconteceu no jantar que ofereci aqui em julho, um mês depois do casamento? A sua festa de aniversário, que preparei durante duas semanas, sem ajuda, na minha primeira tentativa de impressionar sua família?

— Não.

— Então permita que eu o ajude a se lembrar. Pense na sua irmã mais velha. Agora, imagine-a sentada naquela cadeira, cabelo azul e tudo mais, e, me perdoe, com aquela cara de dar azia em bicarbonato. E eu servindo o jantar neste prato, exatamente este.

Ele riu.

— Lembro que ela comeu uma garfada e viu no prato uma viúva negra, ou coisa parecida, e deu um grito.

— Era a asa de uma mariposa-esfinge. O *desenho* de uma mariposa-esfinge pintado no prato. Eu jamais teria um jogo de porcelana com viúvas negras. E ela não gritou: pôs os talheres no prato e cruzou as mãos como um cadáver. E desde aquela noite, vem recusando todos os convites. Até para o *dia de ação de graças*, Cole, pelo amor de Deus. E logo na casa de sua família, onde você e suas irmãs sempre almoçavam juntos no dia de ação de graças até sua mulher dirigir um insulto mortal a sua majestade Mary Edna.

— Que venham então as outras, sem a Mary Edna. Ela sempre se julgou muito importante por ser a mais velha.

— Elas não virão sem a Mary Edna.

Ele deu de ombros.

— Bem, então elas não passam de caipiras, que não sabem apreciar pratos decorados com figuras de insetos e palavras latinas. Quem sabe elas estão com medo de usar o talher errado.

— *Vai pro inferno*, Cole. Se você é incapaz de não me ridicularizar, vão para o inferno, você e toda a sua família — sentiu o rosto quente e teve vontade de

quebrar o prato para fazer uma cena, mas o gesto teria sido completamente errado. O prato parecia valer mais que o casamento.

— Meu Deus — disse ele com uma risadinha —, bem que me disseram que era perigoso casar com uma ruiva.

— *Shuchach!* — resmungou ela, afundando os dentes nas ásperas consoantes árabes, marchando a passos largos até a sala de jantar, para guardar o prato. Lusa estava com vergonha das lágrimas, e de os convites recusados ainda doerem tanto. Quantas vezes no ano passado ela não desligou o telefone e ficou andando em círculos no tapete trançado da sala. Ela, uma mulher casada, graduada em entomologia, soluçando como uma criança. Por que dava tanta importância ao que elas pensavam? Qualquer pessoa que se dedicasse ao estudo dos insetos já teria aprendido a ignorar a opinião pública. Mas não conseguia suportar, nem antes nem agora, a crença implícita de que era um objeto estranho, sem sentido. Lusa tinha medo de ter julgado da mesma forma o próprio pai, de ter tido pena dele por ser um homem tão pouco mundano e tão amargo, por ter-se dedicado à agricultura em laboratórios desinfetados, que cheiravam a éter. Seus pais, os dois, tinham origens no campo, mas talvez o único conhecimento que tinham da realidade do trabalho rural fosse o que se adquire num passeio de carro, num domingo, pelas pastagens a leste do Condado de Fayette.

Lusa quis ser diferente. Ansiava por chocar as pessoas com seu amor pelas coisas rastejantes e pelo suor. Ainda sentia no corpo um desejo infantil, o da menina a se inclinar para respirar junto do espelho quando a atividade esportiva nos dias de verão lhe molhava os cabelos cor de palha e os transformava em gavinhas escuras, coladas na pele. Já mulher, havia agarrado a inesperada oportunidade de se tornar parceira de um fazendeiro.

Não havia esperado o estranho legado que a seguiu até o Condado de Zabulon, onde seus novos parentes consideravam os antigos uma família de idiotas, que mantinha, de propósito, pragas vivas em caixas de vidro.

Voltou à cozinha sem olhar para ele. Se agir assim não o fazia sofrer, ela podia fazer o mesmo. “Anotado. Nunca servir um Widener num prato com insetos. Não vou me esquecer. E anotado, abrir a porta para Herb, o matador de predadores, quando ele vier revirar meu quartinho de ferramentas à procura de um aspersor a pressão”. Na opinião de Lusa, Herb e Mary Edna formavam um casal perfeito: cada um era tão presunçoso e mal-educado quanto o outro.

— O que você está querendo dizer?

— Sabe o que Hannie-Mavis me disse ontem? Ela me disse que uma vez Herb encontrou uma toca de coiotes no alto da floresta, bem acima da cerca, uma mãe e uma ninhada de filhotes. Ela me disse que ele enfiou uma bala na cabeça de cada um, dentro da toca.

Cole olhou-a com uma expressão vazia.

— É verdade? — perguntou ela — Você sabia?

— E por que lembrar disso agora?

— Quando foi? Recentemente?

— Nã-ão. Nã-não. Acho que foi na primavera do ano passado. Mais ou menos quando a sua mãe adoeceu. De qualquer forma, foi antes do casamento. Foi por isso que você não ficou sabendo.

— Ah, há tanto tempo assim? Então já não tem mais importância.

Ele suspirou.

— Lusa, eram animais carnívoros que estavam se fixando numa fazenda de leite. O que você esperava que o Herb fizesse, entregar o lucro para os lobos?

— Não eram lobos. Eram coiotes.

— É a mesma coisa.

— Não é a mesma coisa. Nunca passou pela cabeça de ninguém tentar *entender* por que apareceram coiotes por aqui, a duas mil milhas do Grand Canyon?

— Imagino que ele estava interessado no que eles comem. Por exemplo, um bezerro novo.

— Se é que eram isso mesmo — coiotes —, no que não acredito, conhecendo a vista de Herb. Aposto que ele errou. *Espero* que tenha errado.

— Herb Goins com uma carabina é uma ideia assustadora, concordo. Mas se você quer saber a minha opinião, Lusa, espero que ele tenha acertado.

— Você e todo mundo no condado. Eu sei. Se Herb não os matou, alguém mais há de matá-los — desejou estar vestida. Sentia-se vulnerável e pouco convincente com a camisola. Saiu para a varanda, deixando a porta bater atrás de si. Colocou o leite outra vez no resfriador para tornar a separar a nata, e viu a bruxa io na tela da varanda. Estendeu o braço e deu um tapinha na tela onde ela estava. “Melhor voar para longe. Aqui não é seguro para nenhum inseto”. Viu a bruxa abrir as asas, mostrando o lado cor de melancia e o impressionante par de pupilas negras. Os olhos de uma coruja, pensou ela, uma perfeita semelhança. Coitado do passarinho que abre a boca para pegar essa bruxa e dá de cara com isso. Beleza de vida, cheia de surpresas.

Voltou para a cozinha com uma tigela de tomates em cada mão; em vez da sopa ela ia fazer *imam bayildi*, receita de legumes recheados de sua mãe, que Lusa preferia a qualquer coisa feita de leite. Cole não era louco por *imam bayildi*, não gostava muito de espaguete, que ele dizia ser um prato “italiano”. Mas como o creme se perdera por culpa dele, então, tudo bem, ele que coma comida estrangeira. *A que ponto eu cheguei*, pensou. *A ex-bolsista da Fundação Nacional de Ciências, dona da mais ambicionada bolsa de pós-graduação no*

seu departamento, agora faz jogo de poder no mundo com atos de cozinha vingativa.

A grande e exasperante pessoa dele ainda estava lá, à mesa, fumando. Arcos de cinza se estendiam como nebulosas por sobre o tampo escuro da mesa, entre sua mão esquerda e o feio cinzeiro de latão, mal-equilibrado na extremidade da mesa. No seu todo, a cena era como alguma coisa que ela gostaria de amassar e jogar fora. Não era normal Cole demorar tanto a sair para ver o gado e o trator. Já se tinha passado uma hora desde a aurora, o sol já ia alto. Será que ele estava decidido a irritá-la?

— O que Herb quer com o nosso aspersor?

— Não sei... Não, eu sei sim. Ele disse que vão dedetizar a igreja. Mary Edna disse que umas abelhas fizeram casa na parede.

— Ah, perfeito. Exterminar as criaturas de Deus na igreja. Ainda bem que Deus não mandou Herb e Mary Edna tomarem conta da arca de Noé. Eles a teriam fumigado e depois afundado.

Ele se recusou a rir.

— Lusa, querida, de onde você vem, eles acham bonito uma igreja cheia de abelhas. As pessoas ficam sentimentais num lugar onde a natureza já morreu há cinquenta anos; então, é explicável o luto, como se ela fosse um parente que nunca conheceram. Mas aqui ela ainda está viva e forte.

— Meu marido é um poeta. A natureza é uma tia alcoólatra.

Ele balançou a cabeça.

— É isso mesmo. Todo dia você tem de forçá-la a recuar dois passos, senão ela chega e toma tudo — Cole se defendia de sua condescendência com enorme facilidade. Ele também tinha o aguento-o-seu-tom-de-voz que fazia Lusa gritar de raiva.

— Toma o quê? — disse ela, tremendo para controlar a raiva. — Você é natureza, eu sou natureza. Cagamos, mijamos e temos filhos. Nós sujamos tudo. O mundo não vai acabar porque você deixou uma madressilva subir num dos lados do celeiro.

Temos filhos? Eu não tinha notado, parecia dizer o olhar dele. Mas em vez disso, ele perguntou: — Para que tolerar uma praga se a gente pode cortar o mal pela raiz?

Todas as palavras que diziam um para o outro eram erradas, as verdades ocultas sob elas não podiam ser ditas nem encontradas. O carinho tinha se estiolado, e as piadas eram como castanhas muito velhas, gastas demais para serem usadas. Lusa jogou o pano de prato na pia, sentindo-se cansada de clichês.

— Tenha um bom dia lá fora, na sua mata fechada. Vou lavar sua roupa. Seus cigarros estão fazendo a cozinha feder.

— Já que você não gosta de fumo, seria bom lembrar que foi ele que pagou a lavadora e a secadora novas.

— *Yil'an deenuk!* — gritou do corredor.

— Se minha mãe árabe me tivesse ensinado a praguejar, eu não ficaria orgulhoso — respondeu ele.

Mãe árabe, pai polonês — aparentemente, mais uma coisa que ele, tal como o resto da família, também usava contra ela. Mas a verdade é que ela também ridicularizava o sotaque *dele*, a educação que recebeu. E na verdade nenhum dos dois era assim. Cada um deles era visado por camadas de desprezo que se agachavam camufladas atrás do outro até que ficou impossível descobrir se ela e Cole continuariam a brigar sem saber por quê, mesmo que ficassem casados durante um século inteiro. Ela se sentia doente e derrotada, andava de um quarto para o outro pisando duro, recolhendo camisas e meias que haviam tirado nas salas do térreo (algumas eram dela). Não havia nada a dizer, mas mesmo assim eles diziam: a madressilva e o fumo. Em menos de um ano de casamento eles haviam aprendido a passar de uma discussão para a seguinte como um ribeirão que desce da montanha para a várzea: sai da calha, mas volta ao leito no fundo do vale. Discussões enchiam um casamento, varrendo tudo como água, sem gosto nem cor, mas com muito barulho.

Ribeirão Amargo era o nome daquele riacho, e o vale por onde ele corria, que ia desde o fundo da fazenda até a Floresta Nacional, era chamado de Vale Amargo. Perfeito. *Sou muito jovem para me sentir assim*, pensou ela, subindo ao segundo andar para buscar o resto da roupa suja, enquanto ele ia arar o campo do fundo. Como estariam dentro de dez anos? Será que ela sonhara tanto assim em viver numa fazenda? Um pássaro na mão logo perde o mistério. Agora ela se sentia como uma noiva comprada do outro lado da fronteira, mal-entrada no casamento e já arrependida de ter deixado sua cidade e uma bela carreira em troca do pequeno espaço que o condado rural reserva para a mulher de um fazendeiro.

Só quatro horas depois, na décima primeira hora do dia nove de maio, enquanto a secadora zumbia lá em baixo e ela lia, sentada junto à janela do quarto, foi que a vida de Lusa deu uma reviravolta com essa coisa tão simples: o cheiro forte quando seu jovem marido estendeu o braço musculoso para pegar um ramo de flores. Era isso que ela tinha esquecido, a verdade inteira e completa da ligação entre os dois. Seu coração se esvaziou de palavras e se encheu com um sentimento novo. Mesmo que ele nunca tivesse chegado à casa, se a viagem através do campo tivesse sido interrompida por algum acidente dos que matavam fazendeiros nessas encostas íngremes, ela ainda teria tido aquela fragrância que

atravessou a distância, para explicar a situação de Cole nos termos mais simples possíveis.

Lusa ficou sentada, maravilhada: era assim que as bruxas falavam entre si. Com o cheiro, falam do seu amor através do campo. Não têm boca, as palavras erradas são uma impossibilidade, o parceiro está lá, ou não está; e se estiver, o par se encontra na escuridão.

Suas mãos ficaram imóveis sobre o livro por vários minutos, enquanto ela tentava imaginar uma linguagem que só comunicasse amor e verdades simples.

Dez dias depois, seu casamento chegaria ao fim. Quando chegou, Lusa reviu aquele momento junto à janela e sentiu o frio de sua presença.

Ninguém lhe daria o nome de premonição; o trator de Cole não virou. Também não foi o fumo que o matou, pelo menos não foi o vício. Se lhe tivesse permitido o prazer de uns dois maços por dia, não teria feito diferença no longo prazo, pois não haveria longo prazo. Mas o fumo teve parte da culpa — a queda nos preços que o forçaram a assumir um emprego temporário, transportando grãos para a Southern States. Lusa sabia que esse outro emprego o envergonhava como fazendeiro, embora não houvesse uma única família no vale que conseguisse viver exclusivamente dos lucros da fazenda. Para Cole, o fracasso não era apenas uma questão de dinheiro, mas de ligação. Ele detestava ficar longe da fazenda até mesmo uma única noite, quando era obrigado a viajar à Carolina do Norte percorrendo a Rodovia Blue Ridge. Ela lhe havia dito que eles encontrariam outro meio de arranjar dinheiro, tal como contrair um empréstimo — dando como garantia o gado do ano seguinte —, apesar de ele não gostar da ideia, e de já estarem atolados em dívidas por causa do trator novo. Ou ela poderia dar aulas na faculdade comunitária em Franklin. (Mas essa ideia também poderia ser humilhante para ele. Não tinha certeza.) Ela estava pensando nessa possibilidade, imaginando-se num laboratório de biologia e dando aulas de enfermagem, pouco antes de o delegado chegar para dar a notícia ao parente mais próximo.

Era muito cedo, uma madrugada úmida, ainda indefinida, sem vento nem cheiro. Dezenove de maio, ainda um nada, mas depois daquele dia essa data nunca mais seria esquecida. Ela estava parada, de pé junto à mesma janela do quarto, observando a neblina subir pelas margens dos campos, ao longo das cercas vivas, tal como o fantasma de um rio ancestral cujos tributários já não obedecessem à gravidade. Havia uma estranha qualidade nas manhãs em que Cole estava fora, e ela acordava sozinha; estava livre. Livre e sem corpo, como um fantasma. Fixou o olhar num ponto no campo, a meia distância, onde

observava o movimento frenético dos insetos noturnos nas sombras, mariposas noturnas volteando loucamente nos últimos minutos de sua busca de um par naquela noite.

Quando viu o sedan de Tim Boyer com o emblema na porta, ela teve certeza. Se ele estivesse apenas ferido num hospital seria uma coisa, Tim teria parado lá em baixo para avisar. Daria primeiro a notícia a Lois ou Mary Edna. Esta missão era diferente: exigia que se notificasse a esposa. Ela sabia por quê. Não conhecia os detalhes — na verdade, nunca chegaria a saber alguns deles. O estado do corpo é uma daquelas coisas que irmãs e cunhados discutem à exaustão, mas nada dizem à esposa. Mas o que ela soube já foi bastante.

Agora, pensou ela, sentindo o corpo esfriar, à medida que o carro branco subia tão devagar a trilha de acesso, que ela era capaz de ouvir o som dos seixos sob os pneus. *Agora, exatamente a partir deste momento, tudo muda.*

Mas não era verdade. Sua decisão e todo o resto de seus dias não foram transformados no momento em que recebeu a notícia de que Cole havia morrido, mas alguns dias antes, junto àquela mesma janela, quando recebeu sua mensagem sem palavras pelo cheiro que cruzou o campo.

VELHAS CASTANHEIRAS

Viúvo havia oito anos, Garnett ainda acordava desorientado e perdido. Sentia que era por causa da enorme cama vazia; uma mulher era como uma âncora. Sem a esposa, ele havia procurado conforto em Deus, mas às vezes um homem também precisa da vista de sua janela.

Garnett se sentou devagar e se voltou para a luz, vendo tanto com a memória quanto com os olhos. Lá estava a neblina cinzenta da madrugada nesse vale úmido, subindo com a lentidão imperiosa da saia de uma senhora ao passar por uma poça. Lá estavam o estábulo e o depósito de grãos de paredes de tábua construídos por seu pai e seu avô, em tempos idos. O depósito de raízes, coberto de grama, ainda se projetava da encosta, as duas janelas na parede de pedra a olhar para fora da colina tal como olhos na cabeça de um homem. Garnett sempre começava o dia cumprimentando o velho na colina, com sua barba de hera descendo do queixo e um cacho de festuca caído sobre a testa. Quando era menino, Garnett nunca chegara a se imaginar como um velho, e ainda olhava essas imagens, necessitando tanto delas quanto um menino precisa da castanha da sorte no bolso, o talismã que se esfrega o dia inteiro só para ter certeza de que ainda está lá.

Os pássaros iniciavam o coro da manhã. Já eram adultos, a esta altura da primavera. Que dia era hoje? Dezenove de maio? Adultos e emplumados. Apurou o ouvido. O epitalâmio; deu-lhe esse nome alguns anos antes: uma canção de preparação para a união conubial. Cotovias, corruções, pardais, tentilhões azuis, todos com a cabeça erguida e voltada para a aurora, e o coração transformado em canto líquido e claro para suas fêmeas. Garnett apoiou o rosto nas mãos durante um instante. Quando era criança, ele nunca sonhara com uma idade em que já não haveria canções, mas ainda haveria coração.

PREDADORES

Estava sentada com as pernas cruzadas no chão da varanda, escovando o cabelo e ouvindo o coral de abertura do dia. O concerto começara, muito antes da aurora, por um chasco preto e branco, cujo pio agudo lhe invadira o sono. Diana imaginava-o lá fora, agarrado a um tronco de álamo, inclinando a cabecinha listrada na direção dos primeiros indícios de luz, rasgando o ontem do calendário e abrindo o verão do amor com sua voz enorme. Correrá até a varanda, ainda de camisola e descalça. A escova, uma lembrança posterior, caíra no seu colo. Forçava-se a ouvir com atenção: eis o verão pródigo, a estação da procriação extravagante, capaz de destruir tudo o que se colocasse no seu caminho, com seus excessos apaixonados, mas nada que fosse vivo e tivesse asas ou coração, nem mesmo uma semente oculta dentro da terra, conseguia resistir ao impulso de saudar a sua chegada.

Outros chascos acordaram pouco depois do primeiro, preto e branco: logo ela ouviu o fraseado sincopado do chasco de capuz, cujo final era como uma boa piada, depois o do Kentucky, com seu trinado solene e envolvente. Uma tênue luz cinzenta se infiltrava no horizonte, ou do que ela conseguia ver através dos braços negros das árvores. Este vale era um divisor, cercado dos dois lados por altas montanhas e pelas árvores que se erguiam ainda mais alto. Não era um bom lugar para quem aprecia dias longos e muita luz, mas não existia melhor coral da madrugada em nenhum outro lugar da Terra. No auge da estação de cortejo e procriação, essa música era como se a própria terra abrisse a boca para cantar. O crescendo avançava à medida que a luz do sol acordava um pássaro após o outro: os chapins de cabeça preta e da Carolina foram os seguintes, seus primos de primeiro grau, que assoviavam as notas em escalas separadas, próximas, distinguíveis por qualquer chapim, mas por muito poucos humanos, principalmente no meio desse coro de outras vozes. Diana sorriu ao ouvir o primeiro sabiá, cujo canto soava como um dedo a correr nos dentes de um pente. Fora o primeiro canto a fasciná-la na infância — não o canto da cotovia e dos pardais, que toda manhã cantavam perto de sua janela na fazenda, mas o canto

do sabiá, um migrante das grandes altitudes, que ela só encontrava aqui, nas pescarias com o pai. Talvez ela simplesmente não prestasse atenção antes dessas excursões, que rendiam poucas trutas e ainda menos conversa, mas muita espera silenciosa no meio da mata. “Ouça, é um pássaro-pente”, improvisou seu pai, sorrindo, quando ela perguntou, e ela imaginou uma criatura parecida com um pente cor-de-rosa. Anos mais tarde, ficou desapontada ao descobrir no guia de campo Peterson que ele não passava de um passarinho marrom comum.

O coro matinal se transformava agora num rumor assoviado, o som de milhares de machos cantando o amor para milhares de fêmeas silenciosas, prontas a escolher e renovar o mundo. Era apenas uma cacofonia para quem não prestasse atenção a cada um dos cantos: o bicudo de peito cor-de-rosa e seu soneto complicado e doce; uma juruviara, com acordes repetitivos de oitavas e trinados. Depois foi o sabiá da mata, com um trinado que era um poema sinfônico. Era o sabiá quem definia essas matas para Diana, oferecendo a música de fundo para seus pensamentos e dando um nome para seu lugar na floresta. O coro da aurora se calaria dentro de uma hora, mas o sabiá da mata continuaria cantando até o fim da manhã, e retomaria o chilreio no início do crepúsculo, ou até mesmo ao meio-dia, se o tempo estivesse escuro. Nannie lhe tinha perguntado numa carta como ela conseguia viver sozinha naquelas alturas, com todo aquele silêncio, e esta foi sua resposta: quando cessa a conversa humana, o mundo era tudo, menos *silencioso*. Os sabiás eram a sua companhia.

Diana sorriu ao se lembrar de Nannie lá no vale. Nannie vivia para conversar, afirmando sua vida de velha senhora independente, mas agarrando-se a qualquer conversa que chegasse até ela, como as pessoas em dieta, que comem escondido os doces guardados no armário. Não admira que ela estivesse preocupada com Diana.

O céu agora estava de um branco manchado, como um prato de porcelana antiga, e as vozes começaram a se calar, uma a uma. Logo ficariam apenas o canto do sabiá e o resto do dia. Algumas mejengras e chapins se reuniam sob a cerejeira a cerca de dez metros da cabana, onde ela sempre deixava alpiste sobre uma pedra plana. Escolhera aquele lugar por ser possível vigiá-lo da janela, e durante todo o inverno ela colocara o alpiste — que encomendava em sacos de 20 quilos, junto com seu pedido de provisões. O Serviço Florestal nunca questionou. Sem ter uma política de alimentar chapins e cardeais, o governo aparentemente estava disposto a fazer o que fosse necessário para manter a sanidade de seus guardas-florestais durante o inverno, o quê, no caso de Diana, era o alpiste. Sentada à mesa ao lado da janela, tomando café nas manhãs frias de fevereiro, ela passava horas observando a multidão colorida reunida lá fora, invejando a liberdade dos pássaros no frio intenso. Invejando até mesmo a sua

agitação emproada. Um pássaro jamais tem dúvidas quanto a seu lugar no centro do universo.

Agora, já na terceira semana de maio, as folhas começavam a brotar e logo os insetos comedores de folhas pousariam nas árvores, e aqueles pequenos napoleões encontrariam muita comida por toda parte, mas já estariam viciados na que ela oferecia. Ela também já se viciara na presença deles. Ultimamente, ela vinha pensando em limpar o chapéu do Urso Smokey^[3] (ela tinha dois: o do Serviço de Parques Nacionais e o do Serviço Florestal, uma característica de seu emprego híbrido), e ir colocá-lo de manhã sobre a pedra, cobrindo a aba com alpiste, para que os passarinhos se acostumassem a pousar nele. Esperava poder um dia pôr o chapéu e sair por aí com um bando de chapins na cabeça, sem nenhum propósito senão o da tolice inconsequente.

Terminou de escovar o cabelo, que caía pelas suas costas e se espalhava pelo chão da varanda onde estava sentada, ondeando à sua volta como uma cascata escura de chá, salpicada de fios de prata. Cada dia mais prata e menos chá. Foi o que disse a seu ex-marido (já então *ex*) quando ele lhe perguntou por que ela não cortava o cabelo, já que estava se mudando para a montanha. Parecia ser a regra entre as mulheres com mais de quarenta anos: cabelo curto e atrevido. É provável que ele não tivesse entendido a piada, pensando ser uma vaidade embrionária em Diana, mas não era. Ela raramente se lembrava do cabelo, limitando-se a soltar a trança uma vez por semana, como se faz com um cachorro enfeitado. Ela apenas não gostava da regra, como também não queria aparentar a idade que tinha. *Nenhuma* idade. E alguém iria reparar se ela cortava o cabelo uma vez por semana ou uma por mês? Diana não sabia. Sempre vivera uma vida apartada desse e de outros mistérios femininos. Delineador, por exemplo: com que instrumento ele era aplicado, será que doía, e por que aplicá-lo? Ela nunca tinha cortado o cabelo. Seu pai jamais a levava ao cabeleireiro, e se ele pensou em alguma outra opção, nada manifestou até que ela estivesse com o cabelo chegando aos joelhos. O cuidado máximo que ela já tivera com ele fora desembaraçá-lo dos galhos com a tesoura de seu canivete suíço. Este era o único tipo de mulher que ela conseguia ser, quando criança no Condado de Zabulon, e mais tarde, como professora e quase esposa em Knoxville. Finalmente, aqui no alto da floresta, ela se transformara na única espécie de mulher existente.

A espécie sem homem. Eddie Bondo havia partido, tanto melhor.

Disse que voltaria, mas ela não acreditava. Levava consigo tudo que tinha — “tudo” sendo a mochila, o que na verdade não era muito. Se o que ele dissera fosse verdade, que ele queria apenas caminhar um ou dois dias, indo até o pico Clinch, e voltar para vê-la, ele realmente ia precisar da mochila. Então, ela não

tinha condições de avaliar sua partida pelo que levava ou esquecera. Não era isso.

Disse que aqueles cabelos eram um milagre. Disse que era como se enrolar num casulo de seda.

Ela olhou para o céu e ouviu a floresta abençoada — foi o que ele lhe deixou. A oportunidade de ouvir o coro da madrugada e escovar os cabelos sem ser vista. Eddie Bondo lhe deixara essa gema rara e dura, esse diamante solitário, que era a vida.

Esticou as pernas à sua frente enquanto trançava os cabelos na corda costureira, um exercício que suas mãos faziam sem espelho nem atenção. Quando prendeu a ponta com o anel de borracha que tinha no pulso, ela dobrou o corpo, tocando os joelhos com a cabeça, e fez um doloroso alongamento dos tendões das costas. Então, deitou-se de costas como uma menina, boca e olhos muito abertos para os galhos acima dela. Engasgou, tonta, caindo para o alto até a copa das árvores. Pensou na primeira vez em que ele a deitou nesta varanda. Tentou adivinhar como ele a veria agora, deitada como estava.

Xingou, e se sentou. Maldita timidez, igual à de um cachorro perdido que segue a gente pela rua — difícil de espantar, tão fácil de recuperar.

Nenhum homem jamais falara de seu corpo com tanta franqueza, nem o comparou com tantas coisas estranhas e da natureza. Não apenas com o casulo de seda. Houve também o marfim, que ele disse ser anormalmente liso. Havia passado o último verão e o outono no Canadá, dissera ele — fora lá para ganhar dinheiro pescando salmão e continuou para caçar renas em volta da Bahia de Hudson, e enquanto isso havia aprendido a talhar o marfim das morsas para fazer cabos de faca. Ela ouvia suas histórias, imaginando a possibilidade de tocar as outras faces da natureza. Não conhecia outra que não esta. Perguntou a ele que pássaros havia por lá, e ele pareceu saber, embora não lhes conhecesse os nomes, com exceção dos que as pessoas caçam para comer. Percebia agora que o ouvira com muita atenção, tentando adivinhar as coisas que ele não contava — o que ele significava, as coisas em que ele cria. Ter seu estômago nu comparado ao marfim da morsa era um cumprimento que ele havia feito somente a ela? Não sabia como aceitá-lo, mas o havia aceitado quase tão intensamente quanto possível. Ainda sentia um choque de fraqueza física percorrer seu corpo ao pensar em certas coisas: o corpo dele contra o dela, o cheiro da pele dele. A expressão de alegria embevecida no rosto dele, quando a penetrou.

Levantou-se de um salto, tremeu de frio e de tolice, e entrou para se vestir e tratar da vida. Andou em círculo pelo quarto, enfiando a calça jeans e as botas, sem parar. Enquanto abotoava a blusa com uma das mãos, abriu a porta do armário com a outra e pegou uma sobra do pão de milho da véspera. Deu uma

mordida e guardou o resto no bolso do casaco para comer na trilha, ou mais tarde, enquanto esperasse no esconderijo que ainda ia construir. Já tinha perdido muito tempo essa manhã. Havia ficado muito tempo longe da toca; nas duas primeiras semanas, de propósito, e nos últimos dez dias, por necessidade. Não tivera coragem de ir. Mesmo que tivesse ido sozinha, ou mentido, ele poderia tê-la seguido.

Seguiu pela trilha do Ribeirão Amargo, descendo a montanha com toda a rapidez, mas sem correr, porque seria inútil. Se estivessem lá, ainda lá estariam dez minutos depois. Ou já não estariam lá. Eram criaturas cautelosas, quase superavam o conceito humano de cautela — e no dia em que os descobrira, eles certamente a haviam visto antes. Não era lógico esperar que ela poderia ter sido mais esperta ou mais sensível que eles. Eles a veriam como inimiga, assim como todo ser humano cujo fedor eles já houvessem sentido. Se esta era a mesma família que num único dia perdera metade de seus membros lá no Vale do Zabulon, os sobreviventes seriam extremamente cautelosos.

Ela tinha certeza de que era a mesma família, ou outros refugiados da maldade humana. Por que outra razão teriam eles se embrenhado tão alto nesta floresta, tão longe das cercas vivas e dos limites das lavouras que eram o domínio habitual dos coiotes? Quando chegaram para parir os filhotes, devem ter cavado muitas tocas. Planos de contingência eram sua marca registrada, os famosos truques dos coiotes. Mas Diana sabia tudo que era possível saber sobre eles. Sabia que somente a fêmea alfa paria a ninhada; os outros adultos da matilha não se reproduziam. Em vez disso, davam apoio à alfa, buscando comida, guardando a toca, brincando com os filhotes, treinando-os para caçar e buscar comida quando pudessem se soltar para a larga, os olhos já abertos. Se seus pais fossem mortos, os filhotes não sentiriam a ausência deles — era essa a natureza da família de coiotes. Essa era a questão. E se o fato de Diana tê-los descoberto tivesse perturbado a matilha, seus membros já teriam levado os filhotes para outro lugar durante a noite. Qualquer predador que precise dormir à noite não consegue caçar coiotes.

Ela reduziu o passo e parou a 400 metros de onde achava estar a toca, para decidir sobre a construção do esconderijo. Tinha de ser bem próximo para ter uma boa visada; e com vento contra, é claro, mas a direção do vento mudava da manhã para a tarde. Ela poderia construir apenas um esconderijo, pois queria reduzir a agitação ao mínimo possível, e deixar o mínimo de pistas, caso aparecesse algum bisbilhoteiro. Teria então de ser pela manhã. Ela ia construir o esconderijo num ponto encosta acima e só viria pela manhã, quando o sol já tivesse aquecido os campos lá embaixo e o ar ainda estivesse subindo do vale para o topo da montanha.

Ela se esquecera do quanto havia descido na montanha naquele primeiro dia, até encontrar a toca por puro acaso. Agora, procurava se situar, e nem tinha certeza de ainda estar na área da Floresta Nacional ou na fazenda que fazia divisa com ela — não havia cercas. Mas devia estar dentro da floresta e num ponto mais alto do que se poderia esperar. Pouco se sabia sobre os coiotes nos Apalaches para saber o que seria considerado normal. Eles não gostavam de montanhas; preferiam as terras baixas, onde poderiam encontrar ratos do campo, entre outras coisas. Mas esta família tinha sua própria história. Havia sido empurrada até a parede. Por isso, tinha vindo para o alto, para ter como base um esconderijo seguro ao sair para caçar, tal como Jeronimo.

Ela começou a avançar lentamente, quebrando e juntando ramos baixos de urze. Abandonou a trilha, protegendo os olhos enquanto avançava através de um maciço denso de rododendros. Queria fazer um círculo amplo em torno da toca para poder observá-la do outro lado do riacho. Os rododendros eram extremamente densos, o que era ótimo: ninguém iria encontrar os rastros dela. Tentou adivinhar quem era o dono da terra encosta abaixo, e se ele gostava de caçar. Provavelmente não chegaria até ali. A maioria dos fazendeiros locais não entravam na floresta, a não ser na temporada de caça ao veado, e mesmo assim somente na companhia do amigo Jack Daniel's. O verdadeiro problema eram os caçadores de ursos e assemelhados, que geralmente vinham de outros lugares. Eram homens especializados, que tinham de percorrer grandes extensões.

Desceu a encosta pisando de lado até ver do outro lado do riacho as raízes na base da gigantesca árvore caída. Pegou o binóculo, focalizou o vão escuro sob as raízes e prendeu a respiração. Nada. Sentou-se num tapete úmido de folhas do último outono e se preparou para esperar. Não tinha sentido construir um esconderijo antes de se assegurar de que eles ainda estavam ali.

Diana percebeu o instante exato em que a manhã terminou. Não usava relógio, e para isso não precisava de um. Soube quando o ar ficou tão parado, que ela ouviu as lagartas acima dela, recém-eclodidas, comendo milhares de folhas para se transformarem em bruxas io e luna. Mais uma hora, e a brisa mudaria. Não tinha sentido arriscar; era hora de ir embora, e ela ainda não tinha visto nada — nenhum movimento, nenhum sinal. Nem cachorrinhos parecidos com raposas ou com lobos, ou algum primo dos dois, todos tão presentes nos seus estudos que às vezes corriam nos seus sonhos. Acordada, só tinha visto um único animal, um patético prisioneiro do Zoológico da Montanha de Gray, nos arredores de Knoxville. Implorara ao curador para alterar a exibição, explicando que os coiotes eram animais sociais, e que exibir um animal solitário não era apenas

uma crueldade, era também um erro. Ofereceu a ele os seus serviços: era uma estudante de pós-graduação em biologia silvestre, prestes a concluir sua tese sobre a extensão do habitat do coiote no século XX. O curador sugerira, polidamente, que ela fosse para o oeste, onde esses animais eram tão comuns, que as pessoas em geral só os notavam quando eram atropelados na estrada. A conversa lhe provocara dor de estômago. Em vez disso, elaborou uma proposta de pesquisa e inventou o emprego que agora tinha, e se empregou tão logo terminou e defendeu sua tese. Teve de lutar contra alguns céticos, conseguindo um raro acordo entre o Serviço Florestal, o Serviço de Parques e o Departamento de Caça e Pesca Interna, de forma que seu cheque de pagamento tinha mais palavras do que dólares. Mas todos pareciam achar que tudo estava indo muito bem. Dois anos depois de sua chegada, uma das montanhas mais dilapidadas do sul dos Apalaches voltava a ser um ecossistema intacto. Tudo isso estava certo, mas para ela, apenas em parte.

Soltou um suspiro, resignada. Um dia ela ainda iria pôr os olhos num *Canis latrans* na natureza, exatamente aqui, na sua própria montanha, numa trilha cruzada por outras trilhas nos caminhos que percorrera na juventude. Ainda ia acontecer. Mas não seria hoje.

No caminho de volta, subindo a montanha, ela reduziu conscientemente o passo. Ouviu outro sabiá-magnólia — um sinal e uma maravilha, uma coisa vinda de entre os mortos. Muitos outros não ressuscitariam: o sabiá de Bachman, o pombo-passageiro, o periquito da Carolina, a mosca de Flint, a bruxa *Apamea* — tantas criaturas extintas se moviam através das folhas, fora de sua visão periférica, pois Diana sabia o suficiente para perceber que vivia entre fantasmas. Reverenciava os extintos como reverenciava os espíritos de parentes mortos, prestando seus respeitos nos lugares onde eles poderiam ter vivido. Pequenos lobos vermelhos esperavam como sombras silenciosas às margens das clareiras, enquanto os periquitos da Carolina gritavam estridentemente, passando pelas margens dos rios em grandes bandos coloridos de verde e laranja berrantes. Os primeiros moradores a migrar para esta região acharam-nos lindos e os mataram sem demora. Agora as pessoas chamavam de louco qualquer um que dissesse que uma coisa tão exótica quanto um papagaio já vivera nesses condados do sul.

Ela parou e olhou para os pés. Havia rastros frescos, e ela se abaixou para examiná-los: patas dianteiras e traseiras alternadas em fila única, numa longa linha sinuosa, a dianteira um pouco maior que a traseira; não havia dúvida de que se tratava de um canídeo. Também se viam as marcas das garras, claríssimas. Num ponto em que os rastros marcaram uma mancha barro mole, ela se ajoelhou para examinar melhor e mediu com a falange do indicador uma pegada bem nítida. Sete centímetros de comprimento. *A gente aprende o que é*

quando sabe o que não é, como dizia seu pai. Não era uma raposa cinzenta, não era uma raposa vermelha. Um coiole. Grande, provavelmente um macho. O companheiro da alfa.

Pouco mais adiante, onde os rastros cruzavam uma clareira e presumivelmente os rastros de outros animais, ela encontrou seu excremento. Um monte com a ponta recurvada como a dos sapatos de Ali Babá — era certamente um coiole, e que outro que não um grande macho iria fazer tamanha exibição de seus excrementos? Ela se agachou e remexeu o monte com um pauzinho. O coiole come praticamente de tudo: ratos, grilos, sapos. Lixo humano, gatos domésticos. Os fazendeiros do vale tinham razão ao dizer que um coiole era capaz de comer um cordeiro inteiro; operando em conjunto, um bando podia mesmo derrubar um boi. Mas para isso, seria preciso uma alcateia enorme, talvez duas dúzias de animais, talvez mais, mais coiotes adultos do que os existentes neste condado e até nesta ponta do estado. E por que eles se dariam tanto trabalho se nas encostas da montanha havia tanta coisa para comer, com mais facilidade e segurança? Poucas criaturas sobreviviam e floresciam tão bem utilizando os refugos imprestáveis para os humanos. Nas pesquisas para sua tese, ela encontrara as anotações de um biólogo chamado Murie, que passou as primeiras décadas do século dissecando excrementos de coiole e registrando sua esplêndida variedade. Catalogou centenas de itens diferentes no seu diário. Os favoritos de Diana eram “restos de roupas de lã” e “melancia, roubada”.

Dada a consistência esfarelada desse monte, Diana esperava encontrar pinhas e sementes, uma dieta previsível para o local. Ficou surpresa ao dar com o brilho duro e escuro de uma semente de maçã. Depois, muitas outras. *Sementes de maçã*, nesta época do ano, fim de maio? As maçãs ainda estavam em floração no vale. Maçãs silvestres em árvores nos campos incultos do vale seriam uma possibilidade muito remota. O mais provável é que esse sujeito tivesse entrado num pomar onde alguém cultivava maçãs que ficavam no pé durante todo o inverno, até a primavera. Ou quem sabe, o bicho penetrou no depósito de alguém e tirou da cesta os últimos exemplares de maçãs pretas do Arkansas. Diana gostou. Ela própria roubava maçãs, quando menina. A fazenda de fumo do pai oferecia poucos prazeres para uma criança, mas quando os dois descobriram respectivamente Nannie Rawley, e seu pomar, Diana encontrou o sétimo céu. Nannie era uma mulher generosa, que não contava as pretas do Arkansas que sobravam depois da partida dos convidados.

Sentia dor nas pernas, mas continuou agachada mais um pouco, remexendo o excremento todo, dissecando-o com o pauzinho. Outra coisa a surpreendeu: grãos de painço, tanto vermelhos quanto brancos. Não havia painço nesta montanha, nem nas fazendas do vale. E certamente não havia painço vermelho e

branco ao mesmo tempo; era uma combinação raramente encontrada nas fazendas. Geralmente só eram encontrados nas misturas comerciais que as pessoas davam aos passarinhos. Era até possível que fosse o painço que ela própria havia colocado. Levantou-se piscando, olhou encosta abaixo através das árvores e troncos, e pensou. Quem mais dava comida aos chapins?

— Ah, seu bandido — disse ela em voz alta, rindo —, seu maravilhoso filho da puta: *você* estava *me* espionando.

Passou a tarde desorientada e nervosa, enrolada na pré-histórica poltrona de brocado verde encostada na parede externa da varanda, sob o beiral. Com o caderno de anotações sobre os joelhos, ela catalogou o conteúdo do excremento, o tamanho e a localização dos rastros, a localização do canto do sabiá-magnólia que ouvira hoje. Depois, buscou na memória o primeiro dos sabiás-magnólia e algumas outras coisas que deveria ter registrado antes. Havia ignorado completamente o caderno de anotações durante os nove dias da visita dele. Mesmo agora, ela se sentia anormalmente agitada, precisando comer, pesquisar, verificar alguma coisa, obrigando-se, como se fosse uma criança, a ficar sentada e concentrada. Olhava as páginas em branco cuja numeração terminava na data de hoje, 19 de maio, e se sentiu friamente desapontada pela própria preguiça e falta de concentração. Tudo poderia ter acontecido naqueles dias, e ela não teria percebido.

O que ela tinha no alto desta montanha era uma oportunidade que jamais se repetiria, seja para quem fosse: a volta de um predador canídeo importante e o reordenamento das espécies que ele provocaria. Especialmente significativo se o coioote se revelasse o que R. T. Paine chamou de predador notável. Tinha lido e relido cuidadosamente as famosas experiências de Paine desde a década de 60, nas quais ele retirava das lagoas deixadas pela maré todas as estrelas-do-mar, e observou a queda na diversidade, que passou de muitas para muito poucas espécies. A estrela-do-mar predava os mexilhões. Sem elas, os mexilhões proliferavam e, em razão de seu próprio crescimento, comiam ou expulsavam quase tudo em volta. Até então, ninguém soubera da importância crucial de um carnívoro para coisas tão distantes da carnivoridade. É claro que o experimento foi indefinidamente confirmado por acidente: o desaparecimento do leão da montanha no Grand Canyon, por exemplo, transformou aquele espaço numa monocultura prolífica de veados, que expulsou todos os outros herbívoros e reduziu a paisagem a pedra nua. Muitas pessoas observaram e registraram o desastre da eliminação de um predador de um sistema, que podia ser observado até mesmo aqui, na sua querida montanha, onde o habitat biologicamente mais

rico da América do Norte ia perdendo sua riqueza devido à extinção, uma seguida da outra, de plantas, pássaros, peixes, mamíferos, bruxas, moscas e especialmente das criaturas dos rios cujos nomes ela colecionava como contas: colher de açúcar, concha de garfo, concha de castanha, concha de folha. De 65 espécies de mexilhões, cerca de 20 já irrecuperavelmente extintas. Havia centenas de razões para cada morte — pesticidas, assoreamento resultante da aragem do solo, gado no riacho —, mas para Diana cada uma delas era uma peça do quebra-cabeça que há anos ela tentava montar. O principal predador dos moluscos dos rios em risco de extinção era o rato almiscarado, cuja população explodiu nos últimos cinquenta anos. Historicamente, quem controlava a população de ratos era a marta (hoje, em sua maioria, casacos), a lontra (também quase extinta) e evidentemente o lobo vermelho. Não era possível saber como a volta de um cachorro grande e faminto iria fazer com que a estabilidade fosse restaurada, mesmo depois de uma ausência de 200 anos. Coisas raras, coisas em perigo, não somente a vida fluvial, mas também as plantas superconsumidas e seus polinizadores, poderiam começar a se recuperar.

Ou quem sabe, os coiotes se transformariam em novas pragas, como geralmente sucede com as novas espécies introduzidas. Talvez os fazendeiros tivessem razão em matá-los — foi obrigada a concordar que seria possível. Mas ela não pensava assim. Acreditava que os coiotes proliferavam aqui por uma razão muito simples: ocupavam silenciosamente um nicho deixado vago 200 anos antes pelo lobo vermelho. Os dois predadores eram praticamente idênticos: o lobo vermelho poderia ser o resultado do cruzamento genético do lobo cinzento com o coiote. Como o coiote, ele era um caçador que dependia do olfato, capaz de caçar na escuridão da noite, ao contrário dos gatos, que são caçadores visuais. Sua taxa de reprodução era similar à do coiote, que tinha quase o mesmo tamanho. De fato, a julgar pelos rastros que encontrara, os coiotes daqui eram quase do tamanho do lobo vermelho, e provavelmente ficavam maiores a cada geração — e insinuavam-se no nicho dessa terra que deveria ser ocupado por eles. O fantasma de uma criatura há muito extinta vinha chegando com rastros silenciosos, voltando ao lugar que já fora seu na complexa anatomia desta floresta, assim como um coração pulsando volta ao seu corpo. Era isso que ela esperava ver, nesse momento mágico: uma restauração. Desde que não fosse preguiçosa ou desleixada demais. E desde que não conduzisse um matador ao seu abrigo.

Franziu a testa e voltou às anotações, lembrando-se das sementes brancas e vermelhas e tentando adivinhar de que outras formas ela poderia estar influenciando o experimento. Mordeu a caneta, tentando se concentrar. Quanto mais trabalhava, mais as aspirações de seu corpo evoluíam dos impulsos

indefinidos para uma perturbação efetiva. Queria comer alguma coisa, quente e específica. Ela não se permitia dar a esse desejo seu verdadeiro nome, por isso deu-lhe o nome de comida, uma coisa que normalmente não mereceria uma segunda consideração na sua vida na montanha — comia quando tinha fome, e qualquer coisa servia. Mas o dia inteiro seu corpo lhe falou da presença desse desejo: uma dor na coxa, uma carência nas entranhas.

Decidiu então que queria uma boa sopa de feijão da marinha, levantou-se num arranco, e entrou. Um feijão a fumegar numa tigela esmaltada, afogando o resto do pão de milho. Ele fizera uma bela bisnaga de pão amarelo de milho na véspera, de manhã, antes de sair — para levar consigo, imaginou, mas acabou deixando a maior parte para ela. Pensou em levar tudo isso para a cadeira da varanda e sentar-se para contemplar o poente, com as costas voltadas para o pico de Clinch. Ver o céu a se incendiar por trás das árvores.

Entrou e acendeu o fogareiro de querosene, e foi sem pensar até uma lata grande de metal onde guardava os sacos de feijão, mas parou diante dela, sentindo-se meio tola. Já era muito tarde para pôr o feijão de molho e cozinhá-lo como ela fazia geralmente, uma quantidade suficiente para o consumo de uns três dias, com folga. Mas tinha certeza de haver uma lata de feijão pré-cozido no fundo do armário. Abriu as duas portas e foi afastando vidros de molho de espaguete, sopa Campbell, ravióli, coisas que ela tinha esquecido ali — geralmente ficava satisfeita com feijão e arroz. Empurrou o forno holandês para olhar por atrás dele e viu, consternada, que havia deixado a porta aberta. Merda! Com toda a certeza deixou a tampa aberta de manhã, na pressa de sair para a varanda, e um exército de camundongos da cabana nem precisou de convite. Olhou lá dentro, sabendo exatamente o que veria: a crosta redonda e crocante mordiscada, bolinhas de excremento espalhadas pela superfície dourada. Os olhos se encheram de lágrimas ao olhar para o interior do pesado forno.

— Pressa demais, Diana — disse em voz alta.

Era apenas comida, e ela ainda tinha muita, mas a que ela queria era essa. Bateu a tampa do forno, retirou-o do apoio e saiu. Ela *tinha* deixado a tampa aberta, nada de “devia ter”. Morando sozinha, não tinha mais ninguém a quem culpar, só a si mesma, quando deparava com o rolo vazio de papel higiênico, na casinha lá fora, ou quando o pão de milho está salpicado de excrementos. Se quisesse, poderia pôr a culpa nos camundongos, diabinhos sem vergonha. Mas eles apenas faziam a mesma coisa que todo mundo: sobreviviam.

Pois então, tudo bem; por mais fascinada que fosse com excrementos (a gota d’água para seu ex-marido fora exatamente *aquela* parte de sua tese), ela não estava disposta a comê-los, nem comer as migalhas deixadas pelos camundongos. Andou até a ponta da varanda, continuou até a pedra sob a

cerejeira. Lá, ela jogou os pedaços e migalhas de pão de milho no chão, adicionando suas perdas à miríade de sementes que ali havia. Então, completamente desanimada, voltou para dentro, sentou-se à mesa e comeu ravióli enlatado frio, enquanto gravava suas notas. Para o inferno com os desejos do corpo.

Antes do pôr do sol, ela se levantou da mesa e se espreguiçou, pois sentia cãibras. Depois foi até a varanda sem qualquer razão aparente, a tempo de ver a raridade que era uma bruxa luna voando à luz do dia. Uma subida surpreendente, igual a um par de folhas de castanheira levado por uma corrente ascendente, a fez parar na porta. Observou-a voar gradualmente para cima, aos saltos. Para cima, para baixo, depois um pouco mais para cima, como se estivesse subindo uma escadaria no ar. Diana não percebeu que estava prendendo a respiração, nem mesmo quando finalmente expirou no momento mesmo em que a bruxa chegou às primeiras folhas da cerejeira e lá pousou. As bruxas luna eram muito comuns ali, mas sempre a comoviam pelo tamanho e as etéreas asas verde-claras, dotadas de caudas longas e graciosas. Como se já fossem fantasmas, pranteando a própria extinção. Essa estava fora de seu elemento, voando em plena luz do dia. Provavelmente fora acordada por algum esquilo. Ou, quem sabe, Diana estaria testemunhando a última e fatal desorientação que domina a criatura que chega ao fim da vida. Certa vez, ainda criança, estava com o pai num posto de gasolina quando viu uma luna na mesma situação: tonta, morrendo no pavimento na frente do caminhão. Enquanto enchiam o tanque, ela segurara o inseto na mão e observou-o a lutar contra o fim. De perto, era um bicho horrível, contorcendo-se e debatendo-se na mão até começar a deixar umas manchas de pó verde nos seus dedos. O horror quase a tinha forçado a jogá-la no chão, mas sua afeição apriorística pela luna não permitiu. Quando elas dançavam a voar sobre o jardim à noite, ela e o pai lhes davam o nome de bailarinas. Mas essa não era uma bailarina. O corpo era um cone gordo e peludo, que de um lado se transformara numa cara feroz como a de uma coruja pequena e irritada. Olhava com raiva para Diana, parecendo saber demais para um inseto e, ainda pior, cheia de desprezo. O episódio não a fizera desistir de seu amor pela luna, mas ela nunca mais o esqueceu, nem se esqueceu de como um mistério seguro na mão perdia toda a graça.

Bem mais tarde, muito depois do ocaso, depois de ter apagado a lamparina e já quase adormecida no catre, ela o ouviu lá fora. Eram passos, tinha certeza, mas não eram estalos de algum passo que ela já tivesse ouvido. Na verdade, não chegava a ser nada. Sentou-se na cama, abraçando o próprio corpo sob o

cobertor e prendeu a trança na boca para se manter imóvel. Não era nada, mas *nada* não é uma ausência, é uma presença. Os insetos que se calavam, uma mudança na qualidade da noite que indica a presença de alguma coisa ou de alguém. Ou seria ainda menos que nada, só um guaxinim fazendo suas rondas sem fim, que viera comer os restos de pão de milho que ela jogara fora?

Finalmente, ouviu uma coisa definida: o estalo de um passo. Tateou em baixo da cama para pegar a lanterna que guardava ali, enfiou os pés descalços nas botas e chegou até a porta, onde ficou imóvel, olhando para fora. Devia falar alguma coisa? Por que ele não vinha?

Na escuridão que havia fora da varanda, onde ela espalhava as sementes — era lá que ele estava. Ela quase via a movimentação. Encostou o cabo da lanterna na testa, entre os olhos — um truque que aprendera há muito tempo — para enxergar à noite. A luz que saía dali não revelaria sua presença a nenhum invasor, e aquele ponto na sua testa emitiria um raio de luz que iria direto até as retinas e devolveria a seus próprios olhos a cor característica dos olhos do invasor. Isso se, na verdade, ele *tivesse* olhos, e se esses olhos estivessem fixados diretamente nela.

Esperou mais um pouco e nada ouviu. Acendeu a lanterna: de início apenas a escuridão. Então, de repente, surgiram duas luzes pequenas, duas retinas brilhantes — não o feroz brilho vermelho de olhos humanos, mas um dourado esverdeado. Não era um homem, nem um guaxinim. Era um coioete.

O AMOR DAS BRUXAS

O voo em espiral das bruxas parece aleatório apenas porque os mecanismos de rastreamento olfativo são muito diferentes dos nossos. Usando a visão binocular, avaliamos a localização de um objeto pela comparação das imagens nos dois olhos, e seguindo diretamente na direção do estímulo. Mas nas espécies que se valem do sentido do olfato, o organismo compara pontos no espaço, move-se na direção da máxima concentração e então compara mais dois outros pontos, movendo-se em ziguezague em direção à origem. Usando a navegação olfativa, a bruxa detecta correntes de cheiro no ar e, em pequenos incrementos, descobre como se mover para cima.

Foi a correria em ziguezague dos sobrinhos de Lusa em meio aos móveis o que a levou a ruminar a respeito dessa passagem sobre a navegação das bruxas; e então ela se perguntou: quando a havia lido. Há 100 anos? Anteontem? Ler secretamente na cama, correr para terminar uma página ou capítulo antes de Cole chegar: tudo isso havia acabado. Agora ela podia ler onde quisesse, ler até terminar o livro, se tivesse vontade. Lusa tentou se convencer de que esse estranho sonho era verdade, mas não conseguiu se ligar à pessoa que encontrou sentada aqui dentro, uma mulher de vestido preto, emprestado e folgado no peito. Nunca havia visto nem imaginado este lugar por dentro, especialmente para o velório de seu marido. As salas eram pintadas de um verde de pasta de dentes, e os elegantes marcos das portas eram na verdade feitos de plástico texturizado, para imitar madeira. Que coisa estranha, pensou Lusa, comprar e instalar plástico para imitar madeira numa cidade cercada de florestas.

Ela ouvia as pessoas que esperavam na fila do lado de fora da porta, abastecendo o longo e estreito corredor como uma substância numa pipeta ou num conta-gotas, a pingar um visitante de cada vez na sala, um rosto triste de cada vez. Os visitantes que acabavam de entrar na sala teriam de esperar uma hora ou mais, conforme Mary Edna havia anunciado (com expressão satisfeita) depois de fazer um reconhecimento. A fila se estendia agora do lado de fora, pois já anoitecia e as pessoas saíam do trabalho. A maioria chegava com roupas de

trabalho, calças jeans limpas que usavam sob os aventais de ordenha; os ternos e gravatas estavam guardados para o enterro no dia seguinte. Essa noite seria uma cerimônia mais simples, a última oportunidade de ver Cole e as últimas despedidas. Ela tinha a impressão de que não havia uma única alma no vale que não tivesse vindo. Cole era muito estimado — Lusa sabia disso, é claro. E também havia o trabalho do agente funerário para ser admirado, dado o acidente.

Lusa não teve de esperar na fila. Estava no início dela, sentada junto ao caixão, onde as pessoas poderiam chegar para prestar as últimas homenagens, embora a maioria só a conhecesse de nome e de ouvir falar, e se limitava a um rígido aceno de cabeça. Mas ela sabia que estavam pesarosos. Eles despejavam tamanha torrente de condolências sobre o resto da família de Cole, que Lusa se sentiu afogada na turbulência. Estava sentada numa cadeira de metal, ladeada por duas cunhadas — que agora eram Hannie-Mavis e Mary Edna. Quando ia lá fora para cumprimentar quem chegava, Mary Edna era substituída por Jewel, ou Lois, ou Emaline, blocos intercambiáveis numa sólida parede de vestidos negros. Talvez não completamente intercambiáveis. Ficava mais aliviada quando quem estava ali era Jewell, menos dominadora que Mary Edna e seu físico de tronco de árvore, ou Lois e seu grasnido de fumante inveterada. Ou Hannie-Mavis, com delineador à moda de Cleópatra, até nesta ocasião tão deprimente. No começo, quando precisou de um mnemônico para decorar os nomes, Mary Edna era *Menacing Eldest*; Hannie-Mavis *Makeup Handy*, Lois, de cara comprida, a *Long-haired and Loud*; Emaline era *Emotional*^[4]. Mas Jewel era apenas a Joia, um jarro vazio com dois filhos e olhos tristes da mesma cor dos de Cole. Lusa não se lembrava de ter falado com ela, ou de tê-la visto fazer qualquer coisa além de distribuir pirulitos para as crianças no jardim durante as reuniões de família e, uma única vez, aproximar-se de Lusa para lhe perguntar se ela vira o gato de rabo cortado que havia sumido.

Os dois filhos de Jewel e de Hannie-Mavis, com cinco anos de idade, corriam literalmente sob seus pés: um dos dois acabara de entrar sob as pernas de Lusa e sob as estranhas meias pretas que lhe deram para calçar. O incansável movimento em espiral dos meninos fizeram-na lembrar-se da navegação das bruxas: será que os meninos cheiravam o ar de diferentes partes da sala? E se cheiravam, que cheiro eles sentiam no ar em volta de Lusa? Ela não sentia nada. De alguma forma, seu entorpecimento parecia ligado ao barulho. À medida que a noite avançava, o barulho aumentava como uma maré. Muitas conversas simultâneas, superpostas a um ruído que ela não conseguia identificar. Então, ela passou a prestar atenção nas frases sem sentido que chegavam a seus ouvidos. O sotaque dos montanheses, mesmo sem palavras, era muito diferente da língua

falada nas cidades: as vogais eram mais ásperas, mas toda a cadência era mais suave. *Aquela ali* ela ouvia a todo instante.

Não está à venda. As vacas voltam para Lawrence. De qualquer jeito, não vai ter mais negócio de fumo esta semana. Meu Deus, não. É a cerca da divisa. Claro, eu não quero. Família Widener, terra de Widener, Meu Deus, claro, já estive lá.

É, pescando quando era menino. Tem uma lagoa lá no vale. Vale Amargo.

Ela não tem nada com isso. É terra da família Widener, todo mundo sabe, o lugar da família, ela não tem nada a ver.

— Não, ela não vai ficar. Nem sei se ela ia aguentar.

De repente, se apercebeu de que essa última fala havia sido de Mary Edna. Lá perto da porta, falando *dela*, Lusa. Então isso já fora decidido? Mas era natural, era até uma gentileza, supôs Lusa, deixá-la ir embora com tanta facilidade. Só podiam mesmo esperar que ela juntasse suas redes de pegar borboletas, seu nome estrangeiro, e voltar para Lexington. E como final de uma frase sussurrada, ela ouviu: “Lá é que é o lugar dela”.

Sentiu-se estranhamente leve. Claro! Não precisava ficar no Condado de Zabulon. Ofereceram-lhe mais que a liberdade de ler na cama, o que ainda significava esconder-se das cunhadas, que com certeza não aprovavam livros e provavelmente também desaprovavam quem ficasse tanto tempo na cama. Não, era o fato de poder ir embora, ser quem quisesse, onde quisesse. Pôs as mãos no rosto e, num repente de alegria, teve vontade de contar a Cole: agora, eles podiam ir embora! Meu Deus, Cole. Apertou os dedos nos olhos e entendeu vagamente o quanto estava perturbada. O choque, duas noites sem dormir, e durante dois dias toda aquela gente comendo sanduíches de presunto na sua cozinha, tudo isso a fizera perder a cabeça. Seu corpo, como se pertencesse a outra pessoa, começou a sacudir-se em soluços curtos e secos que ela não conseguia conter, num choro estranho que saía de sua garganta quase como uma risada. Hannie-Mavis passou o braço sobre seus ombros convulsivos e sussurrou: “Meu bem, eu também não sei como vou viver sem ele. Nós todas estamos tão perdidas quanto você”.

Lusa olhou para Hannie-Mavis. Por trás dos cílios ferozmente curvados e pintados de azul, seus olhos pareciam realmente desamparados, perdidos, como dizia ela. O que ela estava tentando dizer? Que Lusa não tinha a prerrogativa de sofrer mais? Que, primeiro como dona da casa, e agora como viúva de Cole, Lusa estava ocupando um lugar que não era seu de direito?

— Você vai ficar bem — disse-lhe Lusa, sem emoção. — Basta eu ir embora.

Sentia-se como num daqueles sonhos dos quais não se lembrava no dia seguinte. Presa numa repetição infinda, ela apertava as mãos calejadas de homens que ainda ordenhavam à mão, e aceitava na sua o contato das faces macias e perfumadas de suas mulheres.

— Um homem tão bom. Só Deus sabe por que a hora dele chegou tão cedo.

— Ele foi para junto do nosso Salvador.

— Ele parece estar tão bem!

Ela não havia olhado para o corpo e sentia-se incapaz de contemplá-lo. Não conseguia se convencer de que ele estava ali, não o seu *corpo*, com a mesa grande e perfeita que era seu o estômago sobre o qual ela repousava a cabeça como uma menina com sono; toda a energia que ela aprendeu a desejar, e com ela se movimentar como se numa dança ao som de uma canção que antes de Cole ela nunca soubera cantar. As mãos dele sobre suas costas nuas, a boca que sugava a dela como se a extrair néctar de uma flor — todas essas coisas de Cole que ela nunca mais teria na vida. Abriu os olhos, com medo de cair na escuridão. Uma velhinha muito pequenininha estava ajoelhada à sua frente, e assustou Lusa quando apertou com firmeza as duas mãos nos seus joelhos.

— Você não me conhece — sussurrou quase ameaçadora —, tenho um pomar a uma milha acima da sua fazenda. Conheci Cole Widener quando ele ainda era menino. Ele vinha brincar com minha filha e eu o deixava roubar maçãs.

— Ahn, sei; muito obrigada.

A mulher ergueu os olhos e piscou como se parasse para ouvir. Seus olhos eram de um marrom muito escuro, circundados por cílios claros, e ela arrumava o cabelo grisalho num coque de tranças enrolado no alto da cabeça, tal como alguém que viesse de outro país ou de outro tempo.

— Perdi uma filha — disse ela diretamente para os olhos de Lusa —, pensei que ia morrer. Mas a gente não morre. Acaba aprendendo a amar o lugar que o outro deixou para a gente.

Soltou os joelhos de Lusa e agarrou suas mãos, apertando-as com força antes de se afastar. Lusa continuou sentindo em seus dedos a frieza e a força daquela mão. Quando a mulher saiu pela porta, Lusa viu sua saia de algodão balançando como uma cortina que se fecha.

Pouco depois das nove horas, Mary Edna começou a insistir que Lusa devia ir para casa. Herb a levaria, e voltaria para velar com o resto da família. Ou outra pessoa — alguém poderia fazer isso; havia um voluntário, primo de Cole, que poderia fazer companhia a ela para que não ficasse sozinha em casa até os outros voltarem.

— Mas por que eu iria para casa se todos vocês vão ficar? — perguntou Lusa, choramingando como uma criança desnorreada. E, então, tal como uma criança desnorreada que se sente tapeada, ela deixou de lado suas hesitações e se mostrou firme e determinada. Disse a Mary Edna que iria ficar até o final, até que a última pessoa se despedisse de Cole e fosse embora. Só depois de ter visto a nuca e a careca de Herb Goins, e os traseiros de Mary Edna, Lois, Jewel, Emaline e Hannie-Mavis saindo pela porta, ela se levantaria e daria um beijo de despedida no marido. Não estava pensando no corpo de Cole quando declarou sua intenção de ficar. Limitava-se a repetir, cada vez com mais raiva, até aquilo se transformar em verdade.

Dois dias e duas noites depois do velório, Lusa ainda não havia dormido. Não entendia como sua mente não desmoronara por exaustão. Mas era o contrário: quanto maior o cansaço, mais sua mente se obstinava em continuar vigilante. Para quê? Ninguém ia roubar a prataria, pensava, nem ela dava a menor importância — e era até bem possível, pois a casa estava apinhada de visitantes. Na tarde de sexta-feira, depois do enterro, ela cochilou por um minuto no sofá da sala cheia de gente, vestida com sua roupa de domingo. Poderia jurar que foi acordada pelo silêncio, pois as conversas sobre colheitas, chuvas, preços da carne e reumatismo cessaram quando perceberam que ela estava dormindo. Lusa abriu os olhos e viu os olhares silenciosos e piedosos, como se ela fosse o motivo do velório, e sentiu a possibilidade de o sono afastar-se para sempre dela.

Pelo menos as coisas ficavam mais calmas depois do anoitecer, quando já não era razoável fazer visitas ou comer. Nem aquele pastor chato iria mais aparecer. Mas as noites eram piores para Lusa. Tinha de percorrer os quartos de cima, evitando o quarto onde ela e Cole dormiam, mas sentia-se realmente presa ali, pois Jewel e Hannie-Mavis se haviam apossado do térreo pela quinta noite consecutiva. Aparentemente as duas decidiram se mudar para lá. Já era sábado — ou melhor, manhã de domingo, seria verdade? Será que elas não deviam voltar para suas casas, maridos e filhos? Lusa se deitou sobre a colcha no quarto de hóspedes (que as cunhadas chamavam de quarto das meninas), ouvindo o murmúrio sem som da conversa das duas. Queria ser surda — já tinha ouvido mais do que o suficiente dessas muitas suposições sobre sua fragilidade, seus planos, sua falta de fé e de parentes em quem se apoiar. Mary Edna dissera ao pastor, *sotto voce*, “ora, o senhor *sabe* que essa mulher não é cristã”. Como se aquilo explicasse, em parte, sua incrível falta de sorte. Todos eles, irmãos e vizinhos, discutiram os mistérios da família do pai dela, há muito desaparecida (“a sociedade com os judeus, durante a guerra”), e a saúde da mãe, que se

agravara recentemente (“na primavera, uma pena — não, nem era tão velha assim”), sem entender como a vida reservara dois pais mudos para Lusa. Desde o derrame, os olhos frenéticos de sua mãe procuravam palavras com tanto desespero, que Lusa não suportava mais vê-la, enquanto o pai se resignou ao silêncio como se isso fosse sua própria morte e ele já estivesse à sua espera. Quando ela telefonou para lhe dar a horrível notícia, a morte do genro, seu pai pareceu não entender que essa nova tragédia tinha relação com ele. Nem mesmo chegaram a discutir a vinda dele para o enterro.

Hannie-Mavis e Jewel estavam agora na cozinha, mudas, uma Jewel abatida em contraste com uma Handy-Makeup mais dramática, cujas faces lacrimosas exigiam constantes reparos (embora a mais emotiva Emaline a tivesse superado, dando profundos gemidos diante de um retrato de Cole ainda bebê). As coisas pareceram se acalmar quando os visitantes se foram, mas Lusa ainda as ouvia conversando e preparando comida. Tudo na cozinha continuava como a mãe delas havia organizado. Quando Lusa tentou reorganizar os armários, foi tratada como quem errou mas merece perdão. Era capaz de ver, na imaginação, as duas a alisar e reutilizar papel alumínio para cobrir as panelas. O ruído incessante de abrir e fechar a geladeira — um gemido e um chiado — tornou-se a música de fundo da infelicidade de Lusa.

Ah, se ela pudesse dormir, sair um pouquinho desse lugar.

Quando o relógio antigo no térreo bateu uma hora, ela desistiu. Essa noite, o sono não viria. Havia fantasmas por toda parte, até mesmo aqui, num quarto neutro como o de hóspedes, onde Lusa nunca havia ficado nem por uma hora. A cama não guardava lembranças, mas lá estava o grande contrabaixo de Cole encostado no canto, assustando-a com sua presença como se fosse um homem parado na sombra. Pensou nas mãos de Cole a deslizar sobre o braço, para cima e para baixo, como se partes dele se recusassem a morrer. Mais um elemento da profunda injustiça de sua morte: ela nunca havia parado para ouvi-lo tocar. Ele abandonara a música nos últimos anos, embora ela soubesse que nos tempos de colégio ele era bastante bom, tanto que integrava um conjunto chamado Out of the Blue, que tocava em cidades ali perto. Ela não sabia quem eram os outros membros — o violino, a guitarra, o bandolim, todos tocados por mãos que apertaram a dela nos últimos dias, embora ninguém houvesse mencionado aquele grupo. Agora Cole desfalcara permanentemente o conjunto como que arrancado dali igual a um dente, e o contrabaixo ainda o esperava no canto próprio. Observou as curvas negras e brilhantes do instrumento e se deu conta de que já era velho, talvez mais velho do que a casa, que tinha mais de cem anos. Outros homens mortos o tocaram antes de Cole. Ela nunca lhe perguntara de onde viera. Era estranho dividir os objetos de sua vida com comunidades de

mortos e nunca se preocupar até que um dos seus se juntasse a elas. Só recentemente Lusa chegara a esta verdade: vivia entre fantasmas.

Suspirou e se levantou. Iria para seu próprio quarto para ler alguma coisa, talvez Nabokov, para ocupar a mente. Não conseguiria dormir naquela cama, mas o quarto tinha pelo menos uma lâmpada de leitura. Um livro faria a manhã chegar mais cedo. Pensou em Cole, que se levantava sempre às cinco, ou até mais cedo, no verão, e como ela se irritava com o raiar do dia e a confusão de tarefas e escolhas. A irritação não era mais nada, se comparada com a infelicidade infinda de uma noite de insônia. Agora ela daria a alma em troca do amanhecer.

Encontrou os chinelos e patinou sobre as tábuas que gemiam e desceu para procurar no térreo o livro que acreditava ter deixado na sala. No seu atual estado de espírito, quem poderia garantir? Poderia tê-lo deixado na geladeira. Nessa manhã, ao servir ao pastor um copo de chá gelado com açúcar, ela pôs a tampa do açucareiro no copo e ofereceu o açucareiro ao Irmão Leonard. Não percebeu o erro até Jewel se levantar e corrigi-lo.

Depois disso, não foi capaz de encarar nenhuma delas. Só agora, finalmente, parecia seguro descer ao térreo para procurar o livro. A cozinha já estava em silêncio há algum tempo. As cunhadas já deviam estar dormindo nos seus postos nas salas de estar e de visitas.

Mas uma forma branca que subia a escada a assustou: Jewel ou Hannie-Mavis a correr escada acima de camisola.

— Eu ia ver você. Ouvi você andando lá em cima. Era Jewel.

— Só estou descendo para pegar um livro.

— Você não deve ler agora, querida. Você precisa dormir.

Desamparada, Lusa deixou cair os ombros. Vão dizer a Lázaro que ele deve se levantar.

— Não consigo. Tentei, mas não consegui.

— Sei. Trouxe uma coisa para você tomar. O dr. Gibben me deu isto quando Shel foi embora. Senti a mesma coisa.

Foi embora. O marido de Jewel a tinha abandonado há uns três ou quatro anos, um fato que a família fazia tanta questão de esconder, que Lusa havia esquecido. Então, tomar o quê, veneno? Lusa tocou as mãos de Jewel e ouviu o estalido da tampa de um frasco plástico. Tentou adivinhar.

— Ah, pílulas para dormir?

— É.

— Acho que não vou querer.

— Elas não fazem mal nenhum.

— Eu nunca tomo nada. Nem aspirina para dor de cabeça. Acho que tenho medo de pílulas. Acho que também estou morrendo de medo de dormir. Não é uma bobagem?

A camisola branca de Jewel descia dos picos de seus ombros, suspensa no ar como uma bruxa ou um fantasma. A voz veio da escuridão acima dela.

— Sei como é. A gente quer fechar os olhos, mas ao mesmo tempo sente que tem uma coisa que precisa ser vista e a gente não quer perder.

— É isso mesmo.

Lusa se inclinou no escuro, impressionada, tentando tocar o rosto que não conseguia ver, para ter certeza de que era mesmo Jewel. Parecia impossível conciliar essa simpatia sábia com a mulher que conhecia. Uma jarra vazia, como a chamava.

— Depois de algum tempo, a gente... não sei como explicar.

A voz tímida fez uma pausa e então, em sua mente, Lusa reconheceu Jewel.

— Depois de algum tempo, a gente para de sentir falta do homem; quer dizer, fisicamente. O Senhor ajuda a gente a esquecer.

“Meu Deus”. Lusa gemeu, lembrando-se do corpo que parecia tão pesado ao ser tocado, tão parecido com um fluido congelado, que ela se havia retraído, e apenas roçou os lábios na testa dele, antes de fugir.

Sentou-se no tapete da escada e começou a soluçar. Nem conseguia sentir vergonha, não tinha energia. A aparição de asas brancas acima dela se abaixou e a abraçou com força.

Depois de um minuto, as duas se separaram.

— O que eu estou dizendo? — disse Jewel com brandura — Você é tão jovem, tão bonita... vai se casar de novo. Sei que agora você nem consegue pensar nisso, mas você vai casar outra vez.

Lusa se sentiu vazia.

— Você também é jovem, Jewel. Igual a mim.

— Não. Não é a mesma coisa. Para mim, está tudo acabado.

— Por quê?

— Psss.

Pôs suavemente a mão sobre a boca de Lusa e lhe acariciou o cabelo.

— Você precisa dormir. Uma hora você vai ter de descansar. A gente chega ao ponto de querer morrer, e isso é muito pior do que ter medo.

Lusa estendeu a outra mão, procurando a de Jewel, sentiu-a abrir o frasco e colocar um ponto sem peso na palma de sua mão. Se olhasse um pouco para o lado, seria capaz de vê-lo tal como se vê uma distante estrela-guia.

— Agora suba e tome isso com um copo d’água e deite. Às vezes a gente só precisa de um empurrãozinho.

Deitada de lado, ela olhava os números vermelhos do relógio digital no lado da cama que era o de Cole. De início, ela teve medo dos efeitos do comprimido nos seus membros, mas aos poucos foi chegando a uma conclusão muito mais assustadora, a de que não haveria efeito nenhum. Quando o relógio do térreo bateu duas horas, Lusa sentiu total e angustiante desespero. Jewel tinha razão: seu corpo estava arrasado pela espera. Sua mente ansiava pela morte.

Então, tudo passou.

O sono levou Lusa para uma campina larga e íngreme, uma clareira no meio da mata. Um homem a chamava pelo nome.

— Lusa.

Era um desconhecido, ninguém que ela conhecesse. Ela ouvia a voz, mas não o via. Estava deitada de lado sobre a relva orvalhada, completamente enrolada num cobertor escuro que lhe cobria até a cabeça.

— Como você soube que era eu? — perguntou a ele através do cobertor, porque de repente ela percebeu que havia outras mulheres deitadas por todo o campo, também enroladas em cobertores escuros.

— Eu a conheço. Conheço a forma do seu corpo.

— Então você me observou com atenção.

— É verdade.

Ela sentiu uma consciência aguda e erótica da cintura fina, dos ossos curtos e grossos das coxas, da curva incomum de seus quadris — coisas que a distinguiam de todas as outras mulheres embrulhadas em cobertores. O prazer delicioso e insuportável de ser a escolhida.

— Você me conhecia tão bem assim, para me encontrar aqui?

Ele tinha uma voz suave, que vinha de longe para explicar sua posição nos termos mais claros.

— Eu a conheço bem desde todo o sempre.

O cheiro dele explodiu dentro de seu cérebro como uma chuva de luzes, e ela o reconheceu perfeitamente. *É assim que as bruxas falam entre si. Palavras erradas são impossíveis quando não existem palavras.*

Ela rolou para ele e abriu o cobertor.

Ele era coberto de pelos; não era um homem, era uma montanha com extremidades sedosas e verde-claras, e os ombros marrons como os de uma luna. Ele a envolveu na sua maciez, tocou seu rosto com o que parecia o balanço das árvores. Tinha o cheiro de água sobre pedras e almíscar de folhas em decomposição, uma doce aura selvagem, que provocou nela uma loucura de pura carência. Ela se apertou contra todo o comprimento dele, esfregando seu corpo pontilhado como uma floresta entre suas pernas, desejando dissolver suas carências dentro da segurança daquele abraço. Foi exatamente isso, sentiu-se

confortada por sua força e densa imensidão quando ele tremeu e gozou dentro dela.

Acordou suada, costas arqueadas com o desejo e a saciedade simultâneas. Tocou rapidamente o próprio corpo — os seios, o rosto — para ter certeza de que era essa a sua forma. Parecia impossível, mas aqui estava ela depois de tudo o que acontecera, ainda ela, Lusa.

O dia estava raiando. Ela se enrolou de lado e durante um longo tempo contemplou através da janela aberta os solenes alamos, dos dois lados do vale, a guardar a boca da montanha, cuja respiração continuava chegando suavemente até ela. Acima das árvores, havia um céu quase branco onde a lua crescente estivera até pouco tempo antes: era a manhã, com sua confusão de tarefas e escolhas. Um dia só seu, com um leve perfume de madressilvas. O que ele tentara lhe dizer naquela manhã em que ela estava sentada junto à janela era que as palavras não são toda a verdade. O que ela havia amado ainda estava aqui, e podia permanecer aqui, se ela soubesse chegar até lá.

Puxou o lençol e fechou os olhos, aceitando como sua a solidão na cama, se ela assim decidisse.

VELHAS CASTANHEIRAS

Garnett ainda se lembrava de um enorme tronco oco no meio da mata do Monte Zabulon, que havia em seu tempo de menino. Era tão grande, que ele e os outros meninos passavam em fila por dentro dele sem precisar baixar a cabeça. A lembrança o fez sorrir. Decidiram que o vão na árvore era deles, pois um garoto de dez anos é capaz de, tranquilamente, achar que é o dono de um milagre da natureza, e então escrever nele com um canivete. Havia dado um nome ao oco no tronco — como era mesmo? Alguma coisa a ver com os índios. O Túnel Índio.

Então, pela primeira vez nos seus quase 80 anos de vida, ocorreu a Garnett uma constatação surpreendente: o infeliz que havia derrubado aquela árvore, calculando mal o seu tamanho e sendo forçado a abandoná-la, só podia ter sido o seu avô. Quantas vezes Garnett não havia parado ali mesmo, junto à cerca de sua plantação, a olhar para a encosta da montanha, ruminando sobre o Túnel Índio? Mas ele nunca ligara os dois fatos. A árvore deve ter sido derrubada uns 100 anos antes, quando seu avô era dono de toda a encosta sul do Monte Zabulon. Foi seu avô, o primeiro Garnett Walker, quem o batizara, escolhendo na Bíblia, despretensiosamente, o nome Zabulon, apesar de alguns continuarem a chamá-lo Monte Walker. Quem mais poderia tê-la cortado? Ele e os filhos devem ter passado um dia inteiro serrando para derrubar aquele gigante e aproveitar a madeira. Devem então ter ficado enlouquecidos como vespas ao descobrir, depois de todo aquele trabalho, que o tronco era grande demais para ser arrastado encosta abaixo. Provavelmente, arrancaram galhos do tamanho de árvores para serem transformados em paredes de celeiros, mas o tronco era mesmo enorme, e teve de ser abandonado onde estava. Abandonado para se ocar de dentro para fora, até se transformar no brinquedo a serviço da maldade inútil de meninos vadios.

Naquele tempo era preciso usar mulas para qualquer tipo de trabalho. Mulas ou homens. Trator ainda era uma coisa inimaginável. É verdade que uma mula poderia passar por qualquer caminho, por mais íngreme ou estreito que fosse,

aonde um trator não chegaria. Mas havia coisas que poderiam ser feitas com a força do cavalo-vapor e que estavam além da capacidade do cavalo de carne e osso. Era essa a lição que ele devia aprender, os propósitos de Deus para aquelas duas lembranças, a do Vô Walker e a do Túnel Índio. Se eles tivessem um trenó de madeireiro, ou um bom trator, aquele tronco não seria um túnel para garotos, nem uma toca de urso. É isso, às vezes o cavalo-vapor faz coisas que um cavalo de carne e osso é incapaz de fazer.

Foi exatamente isso o que ele tentara explicar àquela mulher Rawley durante anos.

“Miss Rawley”, cansara-se de lhe dizer, enquanto ela tocava suas tarefas primitivas, “por mais que as pessoas se lembrem com saudade da simplicidade de antigamente, aquele tempo tinha seus limites. As pessoas têm boas razões para guardar os costumes do seu próprio tempo”.

Nannie Land Rawley era o vizinho mais próximo de Garnett, e a desgraça de sua vida.

Ainda era, e sempre seria, *Miss Rawley*, e não *Mrs.*, apesar de ter dado à luz uma criança, e todo mundo no Condado Zabulon saber que ela não se tinha casado com o pai. E isso se passara há mais ou menos trinta anos, época muito diferente da de hoje, quando as moças usam anéis no nariz e sininhos nos dedos dos pés, e geram filhos ilegítimos como se fosse a coisa mais normal do mundo. Naquele tempo, a moça ia para longe visitar um parente distante, ficava por lá por um período decente, e voltava um pouco mais triste e sábia. Mas não a Srta. Rawley. Nunca demonstrou a menor tristeza, e era teimosa por princípio. Passou a gravidez aqui mesmo, na frente de Deus e de todos, batizou a pobrezinha com um nome ridículo, e sempre agiu como se tivesse todo o direito de exibir um filho bastardo diante de uma comunidade temente a Deus.

E todos já a tinham perdoado, refletiu ele amargamente, olhando para a elevação entre os troncos do pomar de baixo, onde ficava a casa da vizinha, próxima demais de sua própria, que ficava numa área plana um pouco adiante do início da encosta da montanha. É verdade que a tragédia da criança tinha atraído a simpatia de todos, mas mesmo assim Nannie era o tipo da pessoa capaz de se safar de qualquer situação. *Todo mundo a tratava com toda a gentileza quando a encontravam aqui na estrada, Nannie, com o rosto rosado entre suas margaridas, uma saia de algodão e tranças enroladas no alto da cabeça, igual a uma Gretel dos livros de história.* Fofocavam, é verdade, mas como um pássaro tão estranho não atraía as flechas certeiras lançadas por Oda Black da Loja Black? Mas até mesmo a vociferante Oda escondia a boca com a mão para cortar uma futrica sobre Nannie, deixando a sugestão em suspenso, mas revestindo-a com um ar de profunda pena. Nannie subornava Oda com tortas de maçã; esse

era um de seus métodos. As pessoas a consideravam engraçada e intrigante, mas em geral ela era considerada excessivamente gentil. Ao contrário de Garnett Walker, ninguém suspeitava que sua figura miúda abrigava o diabo. Ele suspeitava que Nannie Rawley fora deixada na terra para tentar sua alma e transformar sua fé em dúvida.

Se não, por quê, com tanta terra boa para pomares daqui até os Adirondacks, essa mulher tinha de ser sua vizinha?

A placa do pomar já era suficiente para lhe dar engulhos. Durante dois meses, desde que ela veio até o seu lado para erguer a placa, ele passou noites insones, deixando-se dominar pela irritação: Deus sabe que se pode perdoar ou esquecer um touro saltar a cerca e entrar na propriedade do vizinho, mas uma placa de compensado de mais de um metro não se levanta e caminha sem ajuda. Sofrerá a noite inteira, até quase o amanhecer, e depois do café da manhã decidiu ir ao campo de cultivo da frente para conferir o seu lado da estrada. Iria procurar “sinais e maravilhas”, como disse a Bíblia, apesar de saber que a placa de Nannie era apenas mais um sinal de mau comportamento.

Ele a via agora através do capim, o verso dela, erguida sobre o barranco acima da Rodovia 6. Apertou os olhos para confirmar; ultimamente tinha de fazer um esforço para enxergar. Isso mesmo, o lado pintado estava voltado para a estrada, mas ele sabia o que estava escrito, toda aquela imbecilidade pintada à mão, demarcando a estrada — do seu lado, sessenta metros para dentro da divisa de sua propriedade — como uma “ZONA LIVRE DE HERBICIDAS”. Como se para mandar no mundo bastasse inventar um conjunto idiota de opiniões e pintá-las numa placa de compensado com um metro de altura. E isso resumia Nannie Rawley.

Seu plano de hoje era arrancar a placa e jogá-la sobre a cerca, de volta ao canal no terreno dela, onde seria consumida pelo charco cheio de ervas daninhas, que surgiram depois que ela banira a aplicação de herbicidas; então a justiça voltaria a reinar neste pequeno canto desta verde terra de Deus. Gostaria muito que ela o estivesse observando.

Garnett desceu cuidadosamente o barranco, passando através da vegetação alta, e ao tentar arrancar a placa teve tanta dificuldade, que se arrependeu, e desejou que ela *não estivesse* vendo. Precisou agarrá-la com as duas mãos e sacudi-la bastante tempo, até que ela se soltasse. A mulher devia ter usado uma marreta de dois quilos para fixá-la; sorte ela não ter furado um buraco com o velho trator, para assentá-la com cimento. Dava para imaginar. Ela não tinha o menor respeito pela propriedade, nem pelos velhos em geral, nem por Garnett, em particular. Suspeitava que ela não gostava de homens — o que nesse caso não fazia a menor diferença. Ele também não gostava dela.

Começou a vadear em direção à divisa e foi abrindo caminho com a placa, através da vegetação à sua frente. Sentia-se como um cavaleiro de antanho, a brandir sua espada de madeira em luta com um exército de inimigos. O canal e o corte da estrada estavam numa condição pavorosa, com um emaranhado de ervas daninhas da altura de seu peito. Tinha de parar a cada passo para desembaraçar as mangas de sua camisa. Tudo por culpa de Nannie, a cruz que ele tinha de carregar. Em todos os outros lugares no Condado de Zabulon — todos os lugares que não este — os cortes na estrada eram capinados por trabalhadores, ou, quando muito íngremes para serem capinados, como era o caso deste diante de sua fazenda, sofriam capina química. Bastava uma boa dose mensal do herbicida 2-4-D para eliminar aquele mato, que depois poderia ser facilmente retirado para se exibir ao mundo um corte bem cuidado. Mas não, tudo o que ele tinha era esse mato emaranhado, que abrigava todos os tipos de vermes conhecidos, que aqui proliferavam, ameaçando sua plantação de castanhas, campo Fl. Precisaria de uma semana para acabar com esse mato, e mesmo assim não tinha certeza de completar o serviço. Em apenas três meses, a fazenda de Garnett — cujos campos, após se atravessar a estrada, sempre foram tão bem cuidados — estava agora nesse estado deplorável. Provavelmente era o que estariam dizendo na Loja Black, que Garnett Walker era um velho preguiçoso, quando tudo era culpa de Nannie Rawley, a querida amiga deles, a trabalhar nas sombras para arruiná-lo.

Tudo havia começado em abril, quando ele deixou para o pessoal do condado a tarefa de aplicar herbicida naquela mancha de mato, pois ela estava na faixa de domínio do condado. No dia primeiro de maio, fez a mesma coisa. Nas duas vezes, ela saiu na véspera da aplicação, trabalhando à noite como uma bruxa, o que de fato ela era, para colocar a placa na propriedade de Garnett. Hoje era 2 de junho, e o caminhão fumigador devia estar chegando. Como ela sempre sabia que ele estava chegando? Seria bruxaria? A maioria das pessoas por aquelas redondezas nem sabia dizer quando suas vacas estavam prontas para parir, muito menos profetizar os hábitos de trabalho de um bando de adolescentes vagabundos, contratados pelo condado, que usavam fones de ouvido, joias e calças largas.

Nos anos anteriores, ele conversara com ela. Com paciência de Jó, informou-a de que ela tinha o dever de guardar sua placa de “ZONA LIVRE DE HERBICIDAS”, se é que ela insistia em manter uma coisa dessas, dentro das divisas de sua propriedade. Ele mostrara a cerca e dissera (pois Garnett sabia ler), “Miss Rawley, como disse o poeta, ‘boas cercas fazem bons vizinhos’”.

E ela respondeu: “Todo mundo adora cercas, menos a Natureza”. Dizia que o vento levava o herbicida das terras dele até os pomares dela.

Ele explicou, cientificamente: “Uma aplicação de herbicida no meu lado não vai derrubar as folhas das suas macieiras, nem das de ninguém”.

“Não a queda das folhas”, admitiu ela, “mas, e se algum inspetor aparecer amanhã e verificar que minhas maçãs estão contaminadas? Eu perderia o meu certificado”.

(Garnett tornou a parar para soltar de uma moita a manga da camisa de trabalho. Seu coração batia pelo esforço de brandir a placa através daquele emaranhado infernal).

Ah, a certificação dela! Nannie Rawley tinha o maior orgulho em contar para todo mundo que fora o primeiro produtor orgânico a obter um certificado no Condado de Zabulon; e acima de tudo, o mais espalhafatoso. Há 15 anos, ele teve a esperança de que aquilo seria uma loucura passageira, que logo desapareceria, tal como o rock e o fumo hidropônico. Mas não foi assim. Nannie Rawley declarou guerra não somente contra o 2-4-D do condado, mas também ao pó de Sevin e outros inseticidas que Garnett era obrigado a aplicar nas árvores para evitar que fossem devoradas pelos exércitos de besouros japoneses acampados nos pastos desprotegidos de Nannie Rawley. A ignorância e o zelo dela eram paquidérmicos. Era amiga de fé de todas as criaturas, pequenas ou grandes, mesmo carra-patos, pulgas e pragas do milho. (De fato, todos os animais, com exceção dos bodes que odiava e temia devido a um incidente de infância.) Mas seria ela tão imbecil a ponto de temer os certificadores que vinham verificar amostras aleatórias de maçãs? Seria o mesmo que os católicos conferirem a moralidade de seu próprio papa. Mas, provavelmente, se os certificadores viessem, iriam pedir conselhos a ela.

Parou mais uma vez para recuperar o fôlego. Apesar do dia frio, ele sentiu que surgiam manchas escuras de suor em sua camisa, que se alastravam a partir das axilas tal como brânquias de peixe. Os braços doíam devido ao esforço de brandir a placa, e ele sentia um peso estranho na perna esquerda. Não via os pés, mas sentia as calças encharcadas pela umidade do terreno coberto de mato. Era praticamente um pântano. Quase impossível atravessar as urzes, e ele ainda tinha uns 20 metros a percorrer até a cerca. Garret se sentia o mais infeliz dos homens, e quase desistiu: bem, ele poderia retornar, atravessar o campo já ceifado e jogar a placa no pomar limpo, do lado dela. Havia um portão na cerca, colocado pelo pai de Garnett e pelo de Nannie Rawley, dois grandes amigos.

Mas não, ele queria atravessar por aqui, e atirar a maldita placa por baixo da cerca nas urzes do lado dela, onde de início já deveria estar. Decidiu avançar mais 20 metros.

Se ao menos os venenos dele *chegassem* até as árvores dela... Ele sabia muito bem, e já havia dito a ela, que, sem aplicações constantes para controlá-

los, os besouros japoneses destruiriam completamente o pomar. Ela ficaria parada ali, de saia de algodão, sob as árvores desfolhadas, torcendo as mãos, sem saber o que estava errado no seu pequeno paraíso. Sucesso sem química era uma impossibilidade. Nannie Rawley era uma velha harpia iludida, de cabelo maria-chiquinha.

Agora ele já avistava a cerca — pelo menos os mourões. (Seus olhos iam sendo velados pela catarata tão lentamente, que seu cérebro aprendera a preencher detalhes tais como fios da cerca ou folhas de árvores, ou ainda as características mais sutis de um rosto.) Mas à medida que se aproximava da divisa, a sensação de peso na perna esquerda ia se tornando insuportável, e ele quase já não conseguia arrastá-la. Tentou se imaginar brandindo a placa, tropeçando para frente igual ao monstro do Dr. Frankenstein. Seu embaraço se espalhou por todo o corpo, mas logo foi substituído por um pensamento aterrador: será que ele estava tendo um ataque? Tudo isso não eram sintomas? E aquele peso na perna esquerda? Parou para enxugar o suor da testa. Sua pele estava úmida e pegajosa, e ele sentiu uma dor esquisita no estômago. Meu Deus! Se ele caísse no meio daquele mato, quem o iria encontrar? Passados quantos dias? Ou seriam semanas? Seu obituário seria assim: “O corpo decomposto de Garnett Walker foi encontrado na quarta-feira, depois de as primeiras nevadas terem derrubado as folhas do mato na frente de sua propriedade ao longo da Rodovia 6”.

Ele sentia uma pressão no peito como se fosse um grande tronco, firmemente enrolado com arame farpado. Ai, meu Deus! Apesar de tudo, com a respiração entrecortada, conseguiu gritar:

— Socorro!

E lá veio ela, descendo o barranco. Entre tantas criaturas de Deus, ele estava sendo socorrido por Nannie Rawley, com uma calça de brim e um lenço vermelho enrolado na cabeça, igual à Aunt Jemima^[5] das embalagens do xarope. Apareceu do nada e deslizou até onde ele estava, ainda carregando nas mãos um pouco do remédio com que estivera trabalhando — Nannie e suas armadilhas para atrair insetos — como se aquilo fosse a solução de tudo. Parecia uma caixa amarela de papelão de que fora cortado o fundo. Aqui estou eu, pensou Garnett, chegando ao fim dos meus dias, a olhar para uma caixa amarela sem fundo. Minha última visão desta terra: uma armadilha para caçar insetos.

Meu Deus, rezou baixinho. Confesso ter pecado talvez por pensamentos, mas obedeci ao quinto mandamento. Não a matei.

Ela já o tinha agarrado pelas axilas encharcadas e o estava puxando para cima até o pomar da frente, situado num terreno plano. Ele nunca tinha sentido nenhum toque dela, e ficou chocado com a força daquela mulher miúda. Tentou

ajudar com as pernas inúteis, mas se sentiu como um praticante de luta com jacarés e, desanimado, percebeu que nessa luta ele era o jacaré.

Finalmente, viu-se deitado de costas na grama sob as macieiras. Ela estava ajoelhada junto dele, examinando-o com preocupação, e ele engasgou diante da visão da cabeça coroada de vermelho, que rodopiava no espaço acima dele. Virou rapidamente a cabeça: não era um ataque — ele sempre ficava tonto quando se deitava de costas e olhava para cima.

— Miss Rawley — disse ele, debilmente, quando o mundo parou de girar — Não quero lhe dar trabalho. Pode continuar o que estava fazendo, mas se for possível, a senhora poderia chamar uma ambulância para mim. Acho que tive um ataque — fechou os olhos.

Como ela não respondeu, ele abriu os olhos e viu que ela estava olhando para sua perna esquerda, aparentemente horrorizada. Sentiu-se confuso — seria sangue, junto com um ataque? Ou algum tipo de deformação? Claro que não, mas ele não conseguiu reunir forças para olhar.

— Mr. Walker — disse ela —, o senhor não teve um ataque.

— O quê?

— O senhor não teve um ataque. Seu ataque é uma tartaruga.

— O quê?

Ele lutou para se sentar. Sentia-se melhor, com as ideias claras na cabeça.

— Veja! Uma tartaruga mordeu sua bota esquerda e está pendurada na sua perna. Aposto que tem uns sete quilos.

O embaraço deixou Garnett mudo. Olhou para o monstro e sua carapaça corcunda. Uma criatura verde e viscosa, certamente surgida de alguma parte desconhecida da mente de Deus. Havia abocanhado a sola de couro da sua bota e a agarrava com a tenacidade que tornou famosas as tartarugas Snapper. E essa, fiel à sua fama, parecia não querer se soltar antes do juízo final. Mas Garnett teve a impressão de que aqueles olhinhos pequenos o fitavam com uma expressão de cordeiro. Coitada, pensou Garnett, prender-se com tanta tenacidade ao erro de julgamento de um momento.

Numa primavera chuvosa como aquela, as tartarugas costumavam subir das lagoas para as valas, desbravando regiões novas, a fim de encontrar um parceiro horrível igual a elas e gerar filhotes horríveis. *É lógico* que tinha de haver alguma delas esperando naquela vala coberta de mato — aquele pântano criado por Nannie Rawley — e se agora ele tinha uma tartaruga presa no pé, era por culpa dela.

— Bem, *dela* eu já sabia — disse ele, apontando a tartaruga gigantesca — de repente, eu comecei a me sentir mal. Mas já estou melhor. Acho que vou direto para casa pela estrada.

Ela trancou a cara e sacudiu a cabeça.

— Só depois de eu arrancar esse dinossauro do seu pé. Espere, que eu vou buscar um pedaço de pau e bater nela para que ela solte o senhor.

— Não mesmo. Não precisa fazer isso.

— Ora, senhor Walker, não seja teimoso.

— Bem, Miss Rawley, não estou entendendo. Conheço direitinho o amor que a senhorita tem por tudo o que é bicho ou praga.

— O senhor não sabe de nada. Tenho raiva dessas tartarugas desde que uma delas comeu os pés de um de meus patos. Não há nada que eu queira mais agora do que bater na cabeça dessa sem-vergonha até lhe estourar os miolos.

Olhou para Garnett, que fez uma careta, por causa da linguagem e dos modos.

— Mas é melhor o senhor tirar a bota. Não quero ser responsabilizada.

— Não! — gritou ele, recuperando o controle da situação. Sentira a força das mãos dela a guiá-lo barranco acima como a força do próprio destino. Eram como as garras de uma ursa! Sentir aquelas mãos uma vez só era para ele mais que suficiente. Ele não ia se despir na frente dela de jeito nenhum. — Não — disse-lhe com firmeza — não há a menor necessidade de a senhorita descontar sua raiva nessa coitada. Eu e ela vamos embora.

— Se é o que o senhor quer...

— É sim. Muito obrigado pela ajuda.

Garnett se levantou do modo menos desajeitado que conseguiu e desceu mancando pelo caminho encascalhado de Nannie Rawley em direção à estrada. O som de seus passos mancos era como o ruído de um carro com pneu furado. Agora ele teria de andar umas 100 jardas na estrada até chegar à trilha encascalhada, a de sua fazenda, rezando para que não aparecesse ninguém para pilhar o Garnett Walker arrastando oito quilos de tartaruga na Rodovia 6, de uma forma jamais vista.

Voltou-se para olhar para trás. Ela ainda estava lá, de lenço na cabeça e jeans, cara fechada, os braços magros firmemente cruzados sobre a blusa. Das duas uma: ou ela estava muito irritada com ele, ou então tentava decidir se ele era realmente louco. De qualquer forma, Garnett Walker não ligava a mínima.

De repente parou, pois quase tinha esquecido a razão de toda aquela situação. Virou-se para ela, inclinando um pouco a cabeça para o lado.

— Acho que a sua placa caiu lá no meio do mato, no fim do corte da estrada.

A cara fechada se abriu num sorriso feliz, que iluminou todo o seu rosto.

— Não precisa se preocupar, senhor Walker. O caminhão fumigador passou hoje às sete da manhã.

PREDADORES

— Olá — disse ele. Era como se o Eddie Bondo parado na trilha fosse menos inesperado de que encontrar, naquela tarde quente, um cacho de cogumelos bufade-lobo diante do qual ela havia parado um minuto antes, para admirar.

— Olá — respondeu ela, tranquilamente, como se seu coração não estivesse se debatendo dentro do peito igual a um prisioneiro que acaba de ser enjaulado — Como você me achou aqui?

— Pelo cheiro, menina. Você deixa um rastro doce e fácil, que qualquer homem é capaz de seguir.

Ela sentiu os músculos abdominais se contraírem. Ele talvez pensasse que era brincadeira, mas ela conhecia bem umas coisas a respeito do cheiro humano. Já havia passado pelo centro da cidade em Knoxville, e os homens viravam a cabeça, um depois do outro, no dia em que estava no meio de seu ciclo. Eles não sabiam a razão, só sabiam que a queriam. Era assim que os feromônios pareciam operar, pelo menos nos humanos — ninguém gostava de falar. Com a possível exceção de Eddie Bondo.

— Estou fértil, foi o que atraiu você — disse ela com franqueza, testando-o, mas ele não se perturbou — assim você fica sabendo que hoje é o dia.

Ela riu:

— Foi o que o atraiu lá no pico de Clinch.

Eddie Bondo também riu, exibindo aquele seu sorriso brilhante através do chuvisco do final da manhã. Seria ela capaz de fingir que não estava feliz? Como ela poderia não o querer de volta?

— E como você sabe disso?

— Saber o quê, que meu corpo fala com o seu?

Ela bateu o pé em cima dos cogumelos, liberando uma nuvem de esporos que subiu e se enrolou como um novelo de fumaça dourada, brilhando no ar iluminado no meio deles. Células sexuais, a felicidade dos cogumelos, sua tentativa de encher o mundo de cogumelos.

— Ou como eu conheço esta questão de ciclo? Qual das duas?

Ele também pisou nos cogumelos, espremendo-lhes a pele branca e grossa como bolas vazias de baseball, liberando mais esporos. A quantidade parecia infinita. Diana se perguntou se algumas daquelas partículas ficariam presas à pele dos dois, ou se inaladas penetrariam nos seus corpos.

— Acho que as duas coisas.

Ela deu de ombros. Ele estava falando sério? Quando presta atenção, uma mulher conhece bem as duas coisas. Diana se virou, e começou a subir a montanha, certa de que ele a seguiria.

— Muitas vezes eu durmo sob as estrelas. Meu ciclo é igual ao da lua.

Ele riu.

— E o que é você, uma lobismulher?

Ela parou e virou-se para olhá-lo. Estava impressionada com os óbvios fatos animais que as pessoas se recusavam a reconhecer em si mesmas.

— Se se expuser bastante, qualquer mulher ovula na lua cheia. É a glândula pituitária que faz isso. Leva algum tempo até chegar a esse ponto, mas depois o ciclo permanece.

Eddie Bondo pareceu se divertir com essa informação.

— Então, era como antigamente, quando todo mundo dormia enrolado em peles, debaixo das estrelas e em volta do fogo. Você está dizendo que todas as mulheres do mundo entravam no cio ao mesmo tempo?

Ela tornou a dar de ombros, sem querer aprofundar um assunto que ele achava apenas engraçado. Era como trair um segredo.

— Se você pensar um pouco, veria que é conveniente. Lua cheia, muita luz.

— Que diabo, não é de se admirar que aquela idiota enlouqueça os homens.

— É isso.

Ela recomeçou a subir a encosta sentindo os olhos dele em todos os músculos de suas pernas longas, seus grandes glúteos, e na curva das costas. Estava usando um short feito de calça jeans cortada, uma blusa fina de algodão, sem sutiã. Não pensara em Eddie Bondo ao se vestir naquela manhã, era apenas uma manifestação da febre da primavera e, evidentemente, de um corpo que queria ser visto.

— Aonde você está indo?

— Saí para passear na chuva, é só.

— Ela já está quase passando. Até que enfim.

— Não se anime, ela volta logo.

— Conte outra. Como você sabe?

Como? De seis maneiras diferentes: primeira, o vento soprava apenas o suficiente para fazer as folhas mostrarem o lado inferior, branco.

— Não sei — comentou em voz alta, fechando aquela porta inconveniente. Apesar de lhe ocorrer que sendo ele o único homem que encontrara desde a morte do pai, ninguém estava interessado em ouvir quais seriam as seis, uma por uma.

— Vocês, caipiras, devem ter guelras tal como os peixes. Nessas últimas semanas, eu cheguei a pensar que ia me dissolver.

— Mas vejo que não se dissolveu.

— Acontece que não sou feito de açúcar.

— Acontece.

Ela sorriu para si mesma.

— E então: aonde você está indo?

— A lugar nenhum. É só um lugar a que eu gosto de ir.

Ele riu.

— Parece muito pouca ambição.

— Não, quero dizer, não é nenhum lugar importante. Do ponto de vista da vida selvagem. — Do ponto de vista de qualquer um, provavelmente.

— Então, ó bela dama, isto quer dizer que a senhora está de folga?

Ela conteve a respiração e tentou adivinhar qual a capacidade dele para manipular o desejo dela. Teve vontade de parar e estraçalhá-lo ali mesmo na trilha, devorá-lo vivo, chupar seus sucos; e lambe os dedos.

— É só um lugar. É mais uma coisa que um lugar. Fica no fim do ziguezague desta trilha.

A trilha era extremamente íngreme desde aquele ponto até onde se encontrava o abrigo sagrado e amigo que ela procurava, cerca de 30 metros montanha acima. Ouvia os passos e a respiração dele sincronizados com os seus próprios.

— Animal, vegetal ou mineral? — perguntou ele.

— Vegetal. Vegetal morto. Desde muito tempo antes de termos nascido.

— É um... grande tronco oco de uma árvore?

Ela se contraiu, mas não se voltou.

— De uns três metros de comprimento e desta altura, e a gente pode passar por dentro quase sem ter de abaixar a cabeça? Não, nunca vi.

Ela girou para encará-lo, trança voando.

— Esse lugar é meu!

— E você não acha que outras pessoas poderiam tê-lo encontrado? Ele já está aí há mais de cem anos.

— Não! Ninguém mais vem até aqui.

Desatou a correr, mas ele subiu a encosta um pouco mais rápido do que ela e a alcançou. Com as mãos nos quadris dela, ele a puxava e empurrava; e antes

que ela conseguisse se soltar, os dois chegaram ao tronco e ao túnel, e agora não havia mais retorno. Lá estava ele, e guardadas na sombra de seu interior, cuidadosamente protegidas da chuva, estavam as coisas dele: a mochila, a caneca de lata e o bule, a vida de Eddie Bondo inteirinha.

— Não acredito que você já tenha vindo aqui.

— Uma porção de bichos já passou por aqui, você não acha?

— Não acho — disse ela. E ela não disse mais nada, pois sua boca foi comprimida pela dele, e o corpo dele a empurrava para dentro do oco. Ele afastou a mochila, empurrou-a para o interior escuro do túnel, o mais seguro dos lugares.

— É meu — sussurrou ela.

— Então, quem foi que o derrubou?

Ela só via o rosto dele, nada sentia além da deliciosa aspereza de um rosto em sua face, além das mãos nos seus botões.

— Ninguém. É uma castanheira. Há cinquenta anos, uma epidemia matou todas as castanheiras.

— Então ninguém a derrubou?

Ela sabia que era possível. Seu pai lhe havia contado como as pessoas viam que as castanheiras morriam misteriosamente e corriam para aproveitar a madeira, que era tão escassa. Mas não, se alguém se dera tanto trabalho, não iria deixá-lo abandonado aqui como morto. Começou a dizer “não”, mas viu que não conseguiria falar sob a pressão dos lábios de Eddie Bondo. Ficou ainda mais sem sentido por estar com as costas apertadas contra o interior curvo, preto e macio desse útero que ela nunca dividira com nenhum gêmeo. Ele tomou seus seios nas duas mãos, olhando para ela. Ela não suportava o prazer de sentir aquele olhar e aquele toque, as palmas sobre os bicos dos seios e as pontas dos dedos tateando e abraçando suas costelas, puxando-a para si como se ela fosse uma coisa pequena e fácil de manipular. Beijou-a no pescoço, e depois no colo. Depois ergueu-se sobre os joelhos para pegar um pacote no bolso da calça. É claro que ele sabia que ela estava fértil. E era precavido.

Ela estava curvada, costas apoiadas na parede, queixo nos joelhos. O túnel era muito largo; ele se ajoelhou diante dela, olhando-a, desamarrou-lhe as botas, tirou-lhe o short e depois as próprias roupas. O calor tornava a nudez confortável, um calor rico e escuro, cheio de um cheiro doce de madeira velha. Ele comprimiu o rosto nos joelhos dela.

— A lua cheia? O segredo de tudo é só ela?

Ela não disse nem sim nem não.

As mãos dele a foram escalando, como se ela fosse uma árvore, desde os tornozelos, subiram aos joelhos, à cintura, e dali aos ombros, até empalmarem

seu rosto, e ele a olhou dentro dos olhos como um cigano que tentasse ler o futuro em folhas de chá. Parecia muito feliz, sério e determinado.

— Então é por isso que os homens escrevem poemas idiotas, uivam, e assaltam lojas de bebidas? E tudo o que eles querem de fato é ter todas as mulheres do mundo ao mesmo tempo?

Ela fixou os olhos nos dele, mas não lhe conseguiu dizer como tudo isso era longínquo para ela, tão distante, que ultimamente seus ovários obedientes às vezes se recusavam a obedecer à lua, agora que ela estava nos seus 40 e poucos anos. Mais alguns meses, e nenhuma cabeça se voltaria. Tivera certeza de que era isso o que queria. Como seria possível, com Eddie Bondo olhando dentro de seus olhos, segurando sua trança e a enrolando no pulso até seu rosto se encostar no braço dele olhando para a direção oposta? Ela estava deitada com o rosto para baixo, rosto entre as mãos e com o corpo dele colado no dela, o pênis pressionando delicadamente o plexo solar e seus lábios tocando-a nas têmporas. Entre a pele de suas costas e o peito dele ela sentia como que pequenas ilhas de pó de castanheira.

— Diana — sussurrou ele no seu ouvido — eu te desejei desde que saí da Virgínia. Se não voltasse, iria arder com esse desejo até chegar ao Wyoming.

Ele respirou, e o sopro bateu na pele dela, atrás do lobo da orelha, e ela curvou as costas num reflexo, tal como uma borboleta desamparada que é atraída para o fogo. Ela não conseguia dizer uma palavra, mas seu corpo respondia perfeitamente ao dele quando deslizou ao seu lado, tomando sua nuca nos dentes tal como faz o leão ao morder a leoa no cio: uma mordida firme e suave, impossível de evitar, em razão de um acordo mútuo.

No final da manhã, a chuva parou, liberando um instante de sol vespertino, que penetrou no túnel e lambeu os pés e calcanhares nus dos dois, pois estavam deitados lado a lado. A sensação arrancou Diana de onde ela pairava, um lugar próximo ao sono, sem ser totalmente envolvida por ele. Assustada, ela percebeu que já era tarde. Abriu os olhos. O dia estava passando. Poderia dizer que já tinha passado. Para *ele*, o tempo dela, e todas as escolhas que ela pensava ter feito para sempre. Sentiu uma contração nas entranhas enquanto, ao longe, soava um trovão que ecoou no túnel anunciando mais chuva.

Examinou o homem deitado de costas a seu lado, dormindo o sono tranquilo do proprietário. Pedacos de madeira macia e de folhas amassadas, pedacos da floresta dela, agarravam-se ao corpo dele, pintando-lhe o rosto e os ombros, e até mesmo seu pênis relaxado. Encheu-se de raiva dessa arrogância tagarela, daquelas pálpebras plácidas e do braço caído sobre o corpo dela, pesado como

chumbo. Empurrou o braço e tentou se afastar, mas ele passou do sono profundo para a semivigília e puxou-a para si.

— Não — disse ela, empurrando-o com força —, *não*, me largue!

Ele abriu os olhos, mas Diana o agrediu com socos no peito e nos ombros. Sentia o fel a se acumular nas entranhas, um acesso de raiva física que o teria coberto de manchas pretas e azuis, se ela tivesse forças para tanto, antes de ele recuperar o instinto de caçador. Ela esteve a ponto de cuspir no seu rosto quando ele a agarrou pelos punhos, apertando-os como um par de algemas. Foi dominada por um acesso de fúria, que a deixou tremendo.

— Por Deus, Diana.

— Me largue!

— Não se você quiser me matar. Pelo amor de *Deus*, mulher! — Ele lhe segurou os dois braços no lado direito do rosto dela e a contemplou como se tivesse cometido um erro terrível. Como se ela fosse um leão da montanha que ele tivesse encontrado numa armadilha para esquilos.

— Largue-me. Quero me vestir.

Com todo o cuidado, ele lhe soltou uma das mãos, depois a outra, observando-lhe atentamente os braços enquanto ela se afastava dele.

— O que foi?

— Por que você voltou? — disse ela, como que cusbindo as palavras.

— Há uma hora você parecia muito feliz por eu ter voltado.

Ela balançou a cabeça devagar, expirou pelo nariz e comprimiu com tanta força os lábios, que eles ficaram brancos.

Ele insistiu.

— Você não queria que eu voltasse?

Ela também odiou o fato de ele não saber. Não conseguia olhar para ele.

— Por Deus, Diana, *o que foi*?

— Eu não preciso de você aqui.

— Disso eu sei.

— Você não sabe de nada. Você nunca me viu sozinha.

— Já. Já vi.

A sombra de um sorriso passou pela sua voz.

Ela se voltou para ele com uma expressão animal.

— Então é isso? Você fica me espionando igual a um predador, e daí acha que é meu *dono*?

Ele não respondeu. Ela tornou a lhe dar as costas.

— Eu vivia muito bem antes de você aparecer. Durante dois anos, enquanto você fazia sei lá o quê, eu estava aqui. Não sentia falta de gente, nem daquela

conversa sobre as coisas que a gente devia ter, vestir ou fazer acontecer. E com certeza, eu não queria um namorado.

Ele não respondeu. Um tangerá vermelho quebrou o silêncio com seu trinado. Ela pensou no passarinho escondido lá fora entre as folhas, invisível a todo e qualquer olho humano, e ainda assim, vermelho e brilhante. Lindo, apesar de tudo.

— E então, um dia, você está aqui, Eddie Bondo. E no outro, você já não está mais. O que isso pode significar?

Ele falou pausadamente:

— Não deve significar coisa nenhuma.

— Claro que não.

— Então eu vou embora, sem problemas. E isso que você quer?

Ela agarrou a blusa e a vestiu, batendo da pele o pó de madeira úmida. Sentia-se irritada e patética. Vestiu a blusa pelo avesso, o que percebeu ao tentar se abotoar, e então amarrou as pontas e puxou bem depressa o short para cima. Pedia a Deus que ele não a estivesse vendo. Tentou acalmar a respiração e lembrar-se de como era antes. Arrastou-se até o fim do túnel, olhando para fora, em direção à margem em que a madeira da castanheira se dissolvia entre as folhas do chão da floresta.

— Diana, eu lhe *perguntei* se você quer que eu vá embora.

— Não. E digo com toda a franqueza: eu te desprezo por causa disso.

— Por quê?

Ela se recusou a encará-lo, não precisava ver aquele rosto. Falou para as árvores.

— *Merda*. Porque eu quero que você volte.

Ao acordar de manhã, ela estava contente. Finalmente, depois de 15 dias de palpitações no coração e de ansiedade por causa de qualquer estalido na floresta que pudesse significar a volta dele, ela parará de ouvir. Não tinha nenhuma dúvida. Rememorava até o prazer de andar sozinha pelas trilhas, pensando apenas neste tronco, tentando imaginar como seria a mata quando as castanheiras eram as árvores dominantes das florestas do leste. Era uma coisa que ela conseguia imaginar. Esse gigante deve ter sido o mais alto, a coisa mais imortal nessa montanha — até o dia em que um fungo fugido de um navio sorriu para a terra, e derrubou todas as castanheiras de Nova Iorque até o Alabama. E assim, num piscar de olhos, a paisagem inteira foi alterada.

Sentou-se ereta, ignorando tanto o próprio corpo como o que respirava atrás dela. Aqui fora, à luz, ela quase conseguia ver a calma no ar a se reunir para a tarde, o oxigênio a se acumular entre as folhas úmidas. Essas árvores eram o pulmão de sua montanha — não dela, a montanha *de ninguém*, essa montanha

que pertencia aos tangarás vermelhos, aos cogumelos, às bruxas e coiotes. Esse mundo, cheio de sombras e espíritos, onde ela morava, preparava-se para expirar. E seria a tarde, e depois o crepúsculo e depois a noite. E choveria. E ele ia dormir com ela.

Enxugou as lágrimas no rosto com as costas da mão e estendeu a outra mão para apertar os dedos na madeira macia e decomposta. Levou os dedos ao lábio superior, aspirou o cheiro de terra e sentiu na língua o gosto da madeira. Amava ferozmente este velho tronco. Ficou embaraçada ao ter de admiti-lo. Só a uma criança se permite amar tão desesperadamente, ou possuir com tamanha confiança uma coisa inanimada. Mas ele lhe pertencera. Agora se perdera o encanto, a magia deste lugar que havia sido só dela, e que homem nenhum conhecia.

O AMOR DAS BRUXAS

De pé na varanda da frente, Lusa observava a chuva que caía do beiral em longas linhas prateadas. O telhado de duas águas da casa da fazenda — sua fazenda — era feito de telhas metálicas onduladas, que levavam a água para canais que desciam pelas laterais, fortemente inclinadas. Em alguns pontos, a água caía em filetes claros, iguais a linhas de pescar, enquanto outros pareciam contas, colares de pérolas. Ela pusera os baldes sob os filetes nos largos degraus sob os filetes de água, e descobriu que cada um deles batucava no balde em seu próprio ritmo. Durante toda a manhã, o ritmo de cada filete não mudava — ficava mais abafado à medida que o balde se enchia, mas voltava à batida oca, *rat-tat-a-rat-tat-tat!*, quando ela esvaziava o balde.

Ela havia colocado os baldes para recolher água para as samambaias da varanda, que, por não serem atingidos pela chuva, estavam secando e escurecendo, mesmo naquele tempo encharcado, tão desoladas e quebradiças como sua dor interna. Pensara em voltar ao trabalho, mas fora detida pela mistura de ritmos. Era um alívio parar um minuto, ouvindo sem ninguém para lhe lançar olhares de pena nem mandá-la para cama. Hannie-Mavis e Jewel finalmente haviam voltado para casa, apesar de ainda virem várias vezes por dia para “ver” como ela estava, o que geralmente significava mandá-la comer alguma coisa, ou até lhe dizer *o que* comer, como se ela fosse uma criança. Mas as duas logo iam embora. Lusa podia ficar parada na varanda, de calça jeans e a camisa de trabalho de Cole, observando a chuva e esforçando-se para insensibilizar a mente. Se não tivesse um galão de cerejas para descaroçar e colocar nos vidros de conserva, ela teria preferido passar aqui fora o resto da manhã, colocando baldes sob todos os filetes de água e compondo uma canção para cada ritmo. Uma das brincadeiras de seu avô Landowski era essa: batucava com os dedos ritmos inusitados no seu joelho ossudo de menina, inventando misteriosas melodias balcânicas para acompanhar o ritmo dos dedos.

“Seu *zeida*^[6], o último proprietário de terras da família”, dizia sarcasticamente o pai dela, pois o avô teve uma fazenda de beterrabas junto do

Rio Ner, ao norte de Lodz, perdida durante a guerra, quando fugiu da Polônia, nada levando consigo além da própria vida, um filho pequeno, a esposa e uma clarineta. “Seu grande *zeida*, que se fez famoso em Nova York como músico *klezmer*^[7], antes de abandonar a mulher e o filho para juntar-se a uma garota americana que conheceu numa boate”. Lusa sabia, embora não fosse comentado, que o velho teve filhos com essa garota, e que todos morreram num incêndio — inclusive o *zeida*. Era difícil dizer que parte da história mais ofendia o pai de Lusa — ela acreditava que devia ser a história toda. Quando foram a Nova Iorque para assistir ao enterro dos restos carbonizados, Lusa ainda era muito nova para entender os sentimentos do pai e as ironias daquela perda. Em todos aqueles anos, *zeida* Landowski não visitara sua memória muitas vezes. E agora, aqui estava ele, no ritmo sincopado de gotas d’água, numa fazenda do condado de Zabulon. Começara como fazendeiro, até mudar toda sua vida por causa de uma perda. O que não teria feito ele num dia de chuva neste vale, com esse rico cheiro de decomposição e um cheiro doce de vida nova?

Lusa alisou a camisa e se compôs para parecer ocupada e bem alimentada, pois viu o caminhão verde de Herb e Mary Edna, que chegava pulando na estrada. Mas desta vez, quem dirigia não era o Herb: a Primogênita Ameaçadora estava ao volante. Quem Lusa viu sair do lado do passageiro foi Herb e o marido de Lois, Big Rickie. Os dois homens abaixaram a cabeça e seguraram a aba do chapéu com a mão direita ao correr até ela sob a chuva. Passaram pela cortina de contas d’água, evitando cuidadosamente os baldes nos degraus, e bateram ruidosamente as botas nas tábuas do chão da varanda antes de tirarem os chapéus. O cheiro que se desprendia de suas roupas de trabalho trouxe Cole para ali: poeira, óleo de motor, feno. Ela aspirou, buscando nas roupas de estranhos as moléculas do marido.

— Ele devia colocar uma calha nesta varanda — Rickie comentou para Herb, como se ambos também sentissem a presença de Cole — e a ausência de Lusa. Que missão teria determinado essa delegação de maridos? Será que eles vinham ordenar a ela que partisse? E ela, devia resistir ou ir em paz?

— Oi, Rickie, oi, Herb — disse ela erguendo os ombros —, que bom ver vocês.

Os dois acenaram com a cabeça, e se voltaram para ver a chuva, a calha que não existia e os campos encharcados para onde pareciam estar ansiosos por voltar e retomar o trabalho. Ela olhou de relance os carrapichos verdes, minúsculas minas terrestres cravadas nas pernas das calças caqui.

— Outra bela chuva — comentou Herb —, é uma pena que a gente precisa tanto dela quanto de um tiro no pé. Mais uma semana de chuva, e até os sapos vão afogar.

— Mas dizem que no sábado o tempo vai abrir — disse Rickie.

— É isso mesmo — concordou Herb —, se não fosse isso, a gente não tinha vindo te incomodar, mas o tempo deve abrir.

— Vocês vieram até aqui só para me dizer que o tempo vai clarear? — perguntou Lusa, buscando alguma pista num e noutro rosto queimado de sol. Era sempre assim, toda vez que ela se envolvia em conversa com os cunhados. Uma sensação de ter entrado numa terra onde se falava inglês, mas todas as palavras eram diferentes.

— É — disse Herb.

Rickie balançou a cabeça para confirmar. Eles pareciam uma dupla de comediantes: Herb, gordo e careca, era o falador, e Rickie, alto e desajeitado, ficava quase sempre calado, boné nas mãos e o cabelo preto moldado pelo boné. No pescoço comprido, seu pomo de adão era enorme, e lembrava um cecídio num tronco de carvalho. Era chamado Big Rickie, apesar de seu filho de 17 anos, Rickinho, já o ter superado em muitas coisas. Lusa tinha certa simpatia pelo destino de Rickinho. A vida em Zabulon; desde que nasce a pessoa vive presa igual a um inseto: é marido ou mulher de alguém e fica num lugar apertado demais para poder viver confortavelmente.

— Então — Herb interrompeu o silêncio — vamos ter de plantar o fumo de Cole.

— Ah — Lusa estava surpresa — já é tempo, não é?

— Para falar a verdade, já passou da hora. Com esta chuva, os campos estão encharcados, e já é junho, quase tarde demais.

— Mas ainda é, que dia é hoje, cinco? Cinco de junho?

— É. O mofo azul deve atacar em julho, se as plantas ainda estiverem pequenas.

— Mas é possível combater o mofo azul, se for preciso — disse Lusa. A patologia do tabaco não era exatamente o seu departamento, mas ela já tinha ouvido Cole falar do assunto. Estava doida para mostrar para esses homens que ela sabia alguma coisa.

— É possível sim — concordaram os dois, num entusiasmo limitado.

— E vocês dois, já plantaram o tabaco de vocês? Vão em frente, e plantem o seu primeiro.

— Eu arrendei a minha quota, já que as vacas me ocuparam demais para que eu pudesse tratar do tabaco. Eu e ele plantamos a do Big Rickie no domingo de manhã, quando a chuva deu um descanso. A próxima é a do Cole.

“E Jewel?”, pensou Lusa. Estariam eles tomando conta também da vida *dela*, já que seu marido havia fugido com uma garçonete de Cracker Barrel?

— Então vocês estão me dizendo que no sábado vocês e os meninos vêm plantar o fumo?

— É isso. Se parar de chover pelo menos um dia antes.

— E eu? Posso dar meus palpites?

Os dois homens olharam para ela com a mesma expressão: surpresa e cheia de medo, desapontada. Mas a fazenda agora não era dela? Ela olhou para outro lado, inalando os ricos perfumes de lama e madressilva, ouvindo seu projeto de infância, o balde no degrau: *Tat-tat-a-tat-tat-a-tat-tat-tat!* Ouvia claramente a música que acompanhava o ritmo, o trinado da clarineta subindo igual a uma risada e o bandolim igual a um bater insistente de palmas. Música *klezmer*.

— Agora a fazenda é minha — disse ela em voz alta. Sua voz tremeu, e ela sentiu os dedos se esquentando.

— É mesmo — concordou Herb —, mas nós queremos dar uma ajuda ao Cole, como sempre foi todo ano. O fumo dá muito trabalho, é preciso a família inteira. Pelo menos é assim que o povo daqui trabalha.

— Eu estava aqui no ano passado — disse ela secamente —, levei café quente para você, para o Cole, o Rickinho, e para aquele outro menino, o primo que chegou de Tazewell. Você se lembra?

Big Rickie sorriu.

— Eu me lembro de você tentando segurar atrás do trator e plantar uma fileira de mudas. Algumas ficaram com as raízes balançando no ar e as folhas plantadas no chão.

— Cole estava dirigindo muito depressa de propósito! Nós éramos recém-casados e ele estava me provocando na frente de vocês.

Lusa enrubesceu até a raiz do cabelo ao se lembrar da viagem na plataforma rebocada pelo trator, quando lidou com as mudas moles de tabaco que estavam na caixa ao seu lado. A textura que se desintegrava era igual à de um lenço de papel; tentar enfiá-las no rego de terra argilosa que passava sob ela parecia-lhe uma tarefa impossível. Tinham apenas dois dias de casados.

— Foi minha primeira vez atrás do trator — insistiu ela.

— É mesmo — disse Big Rickie —, e de qualquer jeito, a maioria das mudas foi plantada com as raízes para baixo.

Herb voltou ao problema em discussão.

— Não temos mudas, mas Big Rickie achou um bom preço por um lote de Jackie Doddard.

— Agradeço muito. Mas e se eu não quiser plantar fumo este ano?

— Você não precisa fazer nada. Pode ficar em casa, se quiser.

— Não, não é bem isso; melhor dizendo: e se eu não quiser que se plante tabaco na minha fazenda?

Os dois não olharam de soslaio para Lusa, os dois a encararam.

— Ora, qual a vantagem de plantar tabaco se todo mundo está parando de fumar? Ou deviam tentar, se já não estão parando. O governo é oficialmente contra o fumo, agora que já se sabe que o câncer mata. E todo mundo põe a culpa em *nós*.

Os dois homens olharam a chuva e os campos, onde era evidente que os dois gostariam de estar, com ou sem chuva. Ela via que os dois se esforçavam para não puxar o maço de Marlboro do bolso da camisa.

— Afinal, o que você está pensando em plantar? — perguntou Herb.

— Não pensei em nada. Que tal milho?

Herb e Big Rickie trocaram um sorriso, gozando a piada entre si.

— Mais ou menos três dólares o alqueire — respondeu Herb —, a menos que você esteja pensando em milho de ração, aí é só cinquenta centavos. Mas é claro que você está pensando em milho para gente.

— Claro!

— Bem, vejamos. Cole tem uma área de cinco acres, aí você planta milho e dá para colher uns quinhentos alqueires; seiscentos, se o ano for bom, o que não é muito comum por aqui.

Herb olhou para o alto, contando nos dedos, e continuou:

— Mil e quinhentos dólares. Menos o diesel do trator, a semente, e muito fertilizante, porque o milho é muito exigente. E um pouco de sorte para vender no dia certo. Você pode até ganhar um líquido de... oitocentos dólares com o seu milho.

— Entendi — e Lusa enrubesceu ainda mais —, em geral, nós ganhamos perto de doze ou treze mil dólares com o tabaco.

— É isso mesmo. Mais ou menos três mil e setecentos dólares por acre, menos os custos do trator, das mudas e dos produtos químicos.

— É disso que nós vivemos.

Ela falou baixinho, mas as palavras “nós” e “vivemos” ficaram pairando no ar. Ela as sentiu pressionar-lhe os ombros como se fossem as mãos de uma governanta que a repreendia, tentando dizer à menina manhosa: “Sente-se porque acabou a sua vez”.

Tat-tat-a-tat-tat-a-tat-tat-tat. A seção rítmica do avô Landowski estava emudecendo. Ela tinha de esvaziar os baldes para recomeçar. Queria que os dois fossem embora. Que a deixassem fazer o que ela quisesse, ainda que errado. Desejava pedir conselhos sem ter de se sentir esfolada e ridicularizada.

— O que as pessoas plantam por aqui quando só têm um pedacinho de terra no fundo do vale? O que poderia render o suficiente para se sobreviver, além do fumo?

Big Rickie pareceu feliz, pois a pergunta antecipava más notícias.

— Turner Blevins tentou plantar tomates. Disseram para ele que dava para tirar dez mil dólares por acre. O que não disseram para ele é que, se mais duas pessoas resolvessem plantar a mesma coisa, os três iam inundar o mercado. Blevins jogou quinze toneladas de tomates para os porcos e enterrou o resto.

— E os outros dois? — perguntou Lusa.

— A mesma coisa. Todos três perderam dinheiro. Um deles tinha tanta fé nos tomates, que implantou um sistema de irrigação de dez mil dólares, pelo menos foi isso que eu ouvi. Está plantando tabaco outra vez, rezando por um ano muito seco, e ele poder usar o sistema sofisticado de irrigação.

— Mas não é possível que todos eles tenham perdido dinheiro: todo mundo precisa de tomate.

— Mas não todo mundo no mesmo dia. Se em cinco dias, ou menos, todos os idiotas levam os tomates ao mercado, vai sobrar muita ração para porco, e é uma ração muito cara. E por aqui, transportador nenhum vai encostar um dedo na carga de alguém, se não tiver certeza de levar o dele.

Lusa cruzou os braços, desesperada pela profundidade da própria ignorância.

— Mas o tabaco — continuou Rickie — a gente pendura para secar, e ele fica lá enquanto for preciso, até a hora certa de vender. Todo mundo pode plantar tabaco, mas cada folha pode ser acendida num dia diferente do ano, num país diferente do mundo.

— Imagine só! — disse Lusa. Parecia sarcástica, mas na verdade estava impressionada. Nunca havia pensado nessas lições básicas. O valor do tabaco se devia ao fato de ele durar muito e ser fácil de transportar.

Os três se calaram e ficaram a olhar para o jardim. A chuva caía sobre as grandes folhas da catalpa, baixando-as como se elas fossem as teclas de uma máquina de escrever.

Então, Lusa falou.

— Deve haver um meio de ganhar um dinheiro decentemente. O celeiro está precisando de um telhado novo.

— Eme-a-cê-o-ene-agá-a. Me disseram que ela rende a mesma coisa que o tomate, por acre, e tem mercado garantido.

— Já vi que você está zombando de mim. Muito bem, agradeço a oferta de vocês fazerem o plantio neste fim de semana, mas gostaria de pensar um pouco mais sobre o tabaco. Você sabe se o Jackie estaria disposto a entregar as mudas até amanhã ou depois de amanhã?

— Acho que ele entrega. O Jackie tem um daqueles trecos hidropônicos. No ano passado rendeu pouco, mas este ano ele produziu mais do que esperava.

— Então está certo. Antes de sábado eu aviso a vocês. Até lá eu já terei decidido o que fazer.

— Se parar de chover — disse Herb, para ela não ficar achando que podia decidir o que quisesse.

— Exato. E se não parar, vamos nos afundar todos juntos, não é? Não ganho nada com o tabaco que *não* plantei, e vocês nada com o que plantaram. E pensem no tempo e dinheiro que eu terei economizado!

Herb a encarou espantado. Big Rickie enviesou um sorriso em direção à garagem.

— Mulher sabida, Herb. Acho que ela pensa como agricultor.

— Muito bem — disse Lusa, batendo as mãos —, estou com um galão de cerejas que vão apodrecer se eu não as enlatar hoje. Então, eu chamo vocês na sexta.

Herb se inclinou para fora da varanda e olhou para a encosta onde ficava o pomar. Ela tentava controlar a respiração, contando os segundos até os dois entrarem no caminhão, acenderem os cigarros e irem embora, para ela poder soluçar no balanço da varanda. Enfrentar os dois quase exigiu uma coragem que ela não tinha.

— Pois eu estou surpreso por você ter colhido cerejas este ano, com todos os corvos que aparecem por aqui — declarou Herb — Na primavera passada, eu ainda vim e espantei os corvos a tiros, para o Cole, mas este ano não. Pelo menos você colheu o suficiente para umas duas tortas, não é?

Lusa ainda conseguiu dar um sorriso forçado.

— Milagres acontecem, Herb.

Deve ser Jewel à porta, pensou Lusa. Jewel batendo a sombrinha na varanda da frente (elas sempre entravam sem bater, todas elas, mesmo quando Lusa e Cole eram recém-casados e faziam sexo no meio da tarde), a voz cansada de Jewel dizendo para os filhos limparem os pés e pendurarem as capas de chuva nos cabides na parede. Então, entraram todos na cozinha, o mais velho carregando na cabeça uma caixa de vidros de conserva, segurando-a com as duas mãos. Lusa havia chamado Jewel quando viu que estava sem vidros de conserva.

— Entrem. Coloquem a caixa ali na bancada.

— Nossa, chame a polícia: mataram alguém aqui!

Lusa riu.

— Parece, não é?

Seu avental e o tampo das bancadas estavam escandalosamente sujos do sangue de centenas de cerejas. O descaroçador manual estava preso à bancada e

uma massa de caroços pretos brilhava dentro de um balde no chão, como uma coisa saída do matadouro. Ela ficou aliviada quando Jewel, pelo telefone, se ofereceu para vir ajudá-la a fazer as conservas. Lusa reconhecia objetivamente, embora não chegasse a sentir, que precisava de companhia, senão ficaria louca.

Mas aqui estava sua cunhada, com a mão tapando a boca, mortificada porque deixou escapar uma piada sobre morte. Lusa esperava uma companhia mais forte do que essa.

— Tudo bem, Jewel. Eu sei que Cole morreu.

— Pois é, eu não queria... foi uma estupidez. Nem pensei. Parecia angustiada.

Lusa deu de ombros.

— Mas você não me lembrou de nada que eu já tivesse esquecido.

Jewel ainda ficou um minuto com a mão na boca, lágrimas rolando, olhando para Lusa, enquanto o menino de dez anos circunavegava pela cozinha, equilibrando uma caixa de vidros numa das mãos. O menino mais novo, Lowell, pegou um punhado de cerejas do bloco do matadouro. Jewel lhe deu um tapinha na mão.

— As pessoas são terríveis, não é? — acabou perguntando a Lusa. — Estou *entendendo* o que você quer dizer. Quando Shel...

Mas parou para mandar os meninos para fora.

— Vão brincar lá fora.

— Mãe, está chovendo lá fora.

— Está chovendo, Jewel. Eles podem brincar na varanda dos fundos.

— Muito bem, então vão para a varanda dos fundos, mas não vão quebrar *nada*, hein?

— Espere aí, Chris.

Lusa colocou um punhado de cerejas numa tigela de plástico e deu para o mais velho.

— Se faltar o que fazer, podem pegar a vassoura e a pá que estão lá.

— Para varrer?

— E você acha que é para jogar hóquei? *Claro* que é para varrer.

Jewel esperou a porta se fechar atrás dos meninos, para então falar:

— Quando o Shel me deixou, todo mundo parou de falar dele ou o nome dele, como se eu nunca tivesse casado. Mas nós *fomos*, durante alguns anos... quero dizer, *casados*. Mesmo enquanto ainda estávamos namorando, está entendendo? Fugimos para Cumberland Falls dois meses antes do casamento e dissemos que aquilo era uma pré-estreia da nossa lua de mel.

Durante alguns segundos ela olhou para suas mãos com uma satisfação discreta, a mais feminina das expressões que Lusa já vira em Jewel. Mas isso

logo desapareceu.

— Juro que é triste — concluiu ela — fingir que parte de minha vida nunca aconteceu.

Começou a soltar o parafuso que fixava na bancada o antiquado descaroçador de aço inoxidável. Lusa passou uma boa meia hora tentando entender o sistema de fixação do descaroçador, mas é lógico que ele havia pertencido à mãe de Jewel. E ela sabia fixá-lo de olhos fechados.

— Esta família intimida muito a gente, não há dúvida — disse Lusa. Ela gostaria de poder dizer o quanto era difícil... como era difícil viver entre pessoas que já usavam os mesmos aparelhos de cozinha desde antes de ela ter nascido. Como atacavam em unísono quando ela tentava rearranjar a mobília ou pendurar os retratos de sua própria família. Como a velha senhora Widener assombrava a cozinha, desaprovando as receitas de Lusa e ciumenta de suas sopas.

— Mas não é só a família — disse Jewel —, é *todo mundo*; é esta cidade. Já passaram quatro anos, e até hoje eu vejo gente que muda de fila na Kroger's para não ter de *não* dizer alguma coisa sobre o Shel.

Com uma esponja, Lusa limpou da bancada o suco vermelho.

— Eu acho que depois de quatro anos eles já teriam imaginado como tratar de outro assunto.

— É mesmo. Apesar de não ser a mesma coisa o Shel fugir e o Cole...

— Morrer — disse Lusa — é a mesma coisa. Por aqui, as pessoas agem como se perder o marido fosse uma doença contagiosa.

Lusa ficara impressionada com a rapidez de sua mudança de status: viver sozinha tornava-a invisível ou perigosa. Ou as duas coisas, igual a um micróbio. Havia observado essa mudança já no velório, especialmente entre os mais jovens, as esposas de sua idade, que precisavam da certeza de que o casamento era uma situação segura e definitiva.

— Pelo menos, todo mundo sabe que você não fez nada para seu marido fugir.

Lusa pegou um avental na gaveta e passou a alça pela cabeça de Jewel, virou-a e lhe deu um laço nas costas.

— O quê, e você fez alguma coisa? Deus sabe que ser fazendeiro é viver da mão para a boca, uma vida de que todo mundo gostaria de fugir. Eu mesma pensei em largar Cole umas cem vezes. Não por causa dele: por tudo.

— Santo Deus, eu sei como é, um inferno — disse Jewel, embora naquele momento as duas estivessem olhando, através da janela da cozinha, para uma siringa encharcada e agitada, coberta de flores, que estava uma beleza.

Lusa pegou mais uma vez a esponja.

— Você está proibida de contar para as suas irmãs que eu pensei em largar o Cole. Elas me cortariam em pedacinhos e guardariam nos vidros de conserva.

Jewel riu.

— Quem ouve você falar assim vai achar que nós somos muito más, meu bem — calçou uma luva térmica, levantou a enorme tampa do esterilizador e a segurou no alto como se fosse um címbalo. — Quer que eu esterilize os vidros?

— Quero sim. Quanto você acha que eu tenho, uns oito quartos^[8]?

Jewel avaliou as cerejas descaroçadas sobre a tábua de cortar manchada, fazendo de cabeça um cálculo qualquer. Lusa sentiu um certo mal-estar ao perceber que aderira à opinião da família, a ideia de que Jewel era uma criança, e não uma mulher, pelo simples fato de ela não ter um homem.

— O que você está fazendo, querida, conserva ou recheio de torta?

— Conservas, eu acho, se o açúcar não acabar antes. Já fiz mais ou menos dezoito pintas^[9].

— De *conservas*?

Lusa se sentiu meio boba.

— É muito, eu sei. Quando eu estava lá no alto da escada, na árvore, eu sentia orgulho de estar enchendo os baldes. Mas agora não sei o que vou fazer com essas conservas.

— Que nada, é bom ter essa geleia. Essas cerejas são muito doces, não são? Digo as daquela árvore de tronco duplo, que fica depois do pomar. Papai deve ter plantado aquela árvore antes de ele e mamãe se casarem. Já era grande quando eu ainda era menina.

— É mesmo?

Lusa sentiu sua já conhecida agonia, a de se culpar por ser dona dessa árvore que Jewel amava desde menina.

— É. Disseram que ela foi atingida por um raio no inverno em que o Cole nasceu. Foi assim que ela se partiu em duas: um raio.

Um raio e um caminhão que mergulha no abismo, dois acontecimentos inesperados que limitaram uma vida — Lusa sabia muito bem até onde sua mente poderia conduzi-la ao longo daquele caminho, e se obrigou a parar. Tentou adivinhar a idade de Jewel no inverno em que o Cole nasceu, se ela fora sua companheira ou sua babá. Nunca tinha perguntado a ele essas coisas a respeito das irmãs. Esperava poder contar com muitos anos ainda, para encontrar o fio da meada.

Jewel pareceu ter sentido sua melancolia, pois falou alegremente:

— Duas pintas já é muita conserva. Vamos guardar o resto e fazer recheio de tortas.

— Não quero mais fazer tortas, quero dizer, se forem só para mim. Ninguém aparece para jantar.

— Foi uma maldade da Mary Edna. Ela não tinha a menor razão para tanto orgulho. Emaline já me disse que também acha. Nós duas queremos comemorar o dia de ação de graças aqui na casa.

Lusa sentiu a cabeça rodar. Nunca sonhara ter aliados, muito menos o apoio de uma facção. Como viera parar aqui, no meio dessa família sem lógica? Sentiu-se de repente tão cansada com esse sofrimento, que se deixou cair sentada numa cadeira e deitou a cabeça na mesa. Jewel deixou-a em paz. Lusa ouvia os vidros tilintando na água fervente. E afinal, exclamou num sussurro:

— Acho que você tem só mais uns seis quartos.

— É conserva demais.

— Então vamos fazer tortas de cereja. E se tiver sobras, vamos fazer tortas hoje mesmo. A sua massa de torta é a melhor que eu conheço. Melhor até que a da mamãe.

— Pelo amor de Deus, não diga isso em voz alta. Sua mãe assombra esta cozinha. Ficava sempre por aqui atizando brigas entre o Cole e mim.

Jewel engasgou com um espanto fingido.

— Ora, por que a Mamãe iria fazer uma coisa dessas?

— Pela causa de sempre. Ciúme territorial.

Os meninos entraram correndo pela porta de tela, precedidos pela tigela vazia. Pareciam dois mendigos cooperativos. Mas quando Lusa tornou a enchê-la, a necessidade deu lugar à luta pela posse, e os dois começaram a brigar e trocar tapas.

— Ai, o Chris não quer dar para mim.

— Meu Deus, o que não falta nesta cozinha é cereja. Tome, vou lhe dar uma tigela.

Lusa teve o cuidado de escolher para Jewel uma tigela do mesmo tamanho e encher as duas com a mesma quantidade. Quando os dois meninos foram para a varanda dos fundos, ela sentiu orgulho por ter satisfeito a ambos, ainda que brevemente. Crianças não eram o forte de Lusa. Era o que ela sempre dizia a Cole, que bebês a deixavam nervosa. Mas desde que se havia mudado para cá, ela descobrira como a autoindulgência de um adulto em desespero se rende às necessidades das crianças.

— Como eu disse, cinco quartos e meio.

Jewel riu, e emendou:

— Me desculpe por ter porcos em vez de filhos.

— Acho que não vão me fazer falta.

Lusa voltou a se sentar à mesa diante do exército de vidros que já havia enchido hoje, pequenos soldados de vidro repletos de entranhas vermelhas. Quem iria comer aquilo tudo? Deveria levar todas as conservas quando fosse para Lexington?

— Por que eu estou fazendo tudo isso? — perguntou numa voz dura e desanimada.

Jewel se pôs às suas costas, e lhe massageou os ombros.

— Para os dias de amanhã — disse com simplicidade.

— Se eu viver até lá.

— O que você quer dizer com isso?

— Nada — disse Lusa —, só que eu não consigo imaginar o *amanhã*. Passar minha vida vazia nesta cozinha cozinhando para ninguém.

— Você bem que podia fazer uma torta para os meus filhos. Quando chego em casa depois do trabalho, estou tão cansada que acabo servindo a eles praticamente uma lavagem de porcos num pãozinho.

Lusa tentou adivinhar se aquilo era mesmo um pedido ou uma tentativa de redenção de uma vida vazia.

— Posso fazer uma torta e levar para vocês.

Jewel se sentou, afastando dos olhos uma mecha de cabelo cor de rato.

— Não era isso que eu estava pedindo. Não sei se é muito, sei lá, educado pedir uma coisa dessas. Mas será que eles podiam vir jantar aqui com você uma vez ou outra?

Lusa estudou o rosto da cunhada. Parecia muito cansada. O pedido era genuíno.

— Claro que podem. E você também, Jewel, se não estiver a fim de cozinhar. Eu gosto de sua companhia.

— Mas e se eu não vier?

— Quer dizer, se você pegar o turno da noite no supermercado Kroger? É claro que sim. É bom poder ajudar.

— Então você importa se os meninos vierem?

Lusa sorriu.

— Claro que sim.

Levara um ano para aprender que quando aquele povo dizia “importa” queria dizer o contrário do que ela pensava. Queria dizer “não se importa”.

Jewel olhou nos seus olhos, tímida e ousada ao mesmo tempo.

— Mas disseram que você ia voltar logo para Lexington.

— Quem disse isso?

— Eu entendo por que você quer ir embora. Só quero dizer que vou sentir sua falta.

Lusa deu um suspiro.

— Nesse caso, você ficaria com esta casa e as terras?

— Não. Acho que ia ficar para a Mary Edna. Ela é a mais velha. E eu não tenho um homem para tocar a fazenda.

— Então a Mary Edna quer ficar com este lugar.

— Mas ele é seu, Lusa; você pode vender ou fazer o que quiser. Cole não deixou testamento, então tudo fica para você. Ela disse que hoje existe um estatuto de sucessão ou coisa igual; antes a fazenda voltava para a família, mas agora fica com a mulher.

Lusa sentiu o fluxo de adrenalina correr pelas pernas. O fato de Jewel ter conhecimento da legislação sobre sucessões indicava que a família tinha consultado advogados.

— Ainda não decidi o que fazer — disse ela —, não consigo pensar com clareza desde que tudo aconteceu.

— Mas parece que você está fazendo tudo certo, meu bem.

Lusa olhou para Jewel querendo confiar e sabendo que não podia. Sentia-se desanimada pela complexidade até das coisas mais simples, como essa conversa com uma irmã — não a sua, propriamente — na cozinha, que também não era sua.

— É possível que vocês considerem que eu não me comporto como uma viúva decente — disse ela, surpresa com a raiva que trazia dentro de si.

Jewel começou a protestar, mas Lusa balançou a cabeça.

— Você me vê levando a vida, fazendo conservas como se estivesse tudo normal. Mas quando não há ninguém em casa, às vezes eu tenho de me deitar no chão só para poder continuar respirando. O que eu devo fazer, Jewel? Tenho vinte oito anos. Nunca fiquei viúva. Como é que uma viúva deve agir?

Jewel não tinha conselhos a dar. Lusa pegou um dos vidros de geleia e examinou aquela cor de rubi, uma cor clara e orgulhosa que ela amava, mas que agora não lhe dizia nada.

— Cresci numa família em que se sofria calado — disse Lusa — Meu pai é um homem que perdeu tudo: a terra da família, o pai, a fé, e agora a companhia da mulher. Tudo pelos motivos mais absurdos. E ele continuou a trabalhar a vida toda. Antigamente eu me queixava muito, mas estou aprendendo a sofrer calada: parece ser a única forma adulta de encarar essa coisa brutal que aconteceu.

Os olhos de Jewel eram tão parecidos com os do Cole, tão sérios e tão plena e perfeitamente azuis, que Lusa teve de desviar o olhar.

— Pode parecer que eu estou bem, mas nem sei se estou indo ou vindo. Quem lhe revelou meus planos sabe mais que eu.

Jewel tapou a boca com a mão — ao que parece, era um tique nervoso.

— Não tenho nada com isso, mas vocês tinham seguro de vida?

Lusa balançou a cabeça.

— Cole não pretendia morrer este ano. Conversamos sobre contratar um seguro, mas estávamos muito apertados, e achamos que seria uma despesa a mais, e nós não precisávamos daquilo. Achamos que talvez, depois que viessem filhos...

— Vou te dizer uma coisa. A Mary Edna e o Herb podiam te ajudar no enterro. Se pudesse, eu ia ajudar, mas eles *podem*. Herb e o irmão dele têm uma fazenda de gado leiteiro lá em Six. É uma terra da família do Herb, que já está paga. Eles estão bem de vida.

— O enterro já está pago. Nós tínhamos economias. A Mary Edna não ofereceu, e é claro que eu não ia pedir.

— A Mary Edna late muito mais do que morde.

— Mas não se trata disso. Você sabe por quê. Não sou idiota, Jewel, sei o que todo mundo está dizendo: aqui estou eu, morando na casa em que todos vocês cresceram, na terra da família de vocês. É o que chamam de terra de Widener, e já não existe mais nenhum Widener nela. Você acha que eu tenho condições de pedir *qualquer coisa* para a sua família, Jewel?

Jewel lançou-lhe um olhar estranho.

— Então é verdade? Lois me disse que... você ia retomar seu nome de solteira.

— O quê? Não! Eu nunca...

Lusa se perguntou até onde chegaria o mal-entendido, e se seria possível desfazê-lo.

— Bem, de qualquer modo — disse Jewel — ter uma casa e uma fazenda não é o mesmo que ter dinheiro.

— Nem precisa me dizer. Quando eu ouço as pessoas dizerem que eu sou uma caçadora de ouro, tenho vontade de publicar as minhas dívidas no jornal. Tenho um celeiro cujo teto precisa ser refeito antes do inverno, e esta casa também; se não no ano que vem, tem de ser no outro. E também há algo errado com a captação de água: um dia desses eu acordo e descubro que não tenho água. Que mais? Ah, o Kubota novinho do Cole, 22 mil dólares, que só estará pago daqui a quatro anos.

— Eu não sabia que ele tinha financiado o trator.

Será que Jewel estava espionando? Haveria alguma diferença se ambas soubessem que ela era pobre? Nenhuma, decidiu Lusa.

— Ele não queria, mas nós precisávamos de um trator novo. E se não me engano, o John Deere de seu pai era mais velho do que o Cole, que passou a vida toda brigando com ele, consertando-o com corda de enfardar e arame de cerca.

— É verdade, aquele trator era mesmo mais velho do que o Cole.

— E agora, tenho de pagar para alguém cortar e ensilar o feno, e consertar as cercas, e recolher as vacas quando elas fogem para as fazendas vizinhas, e operar o enfardador, que quebra toda vez que é usado. E consertar o triturador e a ceifadeira — ou será que eu vou ter de aprender a fazer tudo isso sozinha? Tenho certeza de que existem outras despesas; só que eu ainda não descobri quais são.

— Meu Deus, meu Deus — disse Jewel baixinho. Seu rosto era a coisa mais triste que Lusa já vira em todos aqueles tristes dias. Rugas profundas lhe marcavam a testa, os olhos eram os de uma velha. De perto, ela parecia muito mais idosa do que Lusa imaginava.

— É como você costuma dizer, nem um homem sequer para tomar conta — resumiu Lusa.

— O Herb e o Rickie podem te ajudar.

— Ah, eles já estiveram aqui. Parece que agora eles ficaram responsáveis. A sepultura do Cole ainda nem secou, e eu já não sou ninguém.

— O que você quer dizer?

— É claro que eu preciso de ajuda. Mas *ajuda*. Ser consultada, em vez de mandada como uma criança. É isso que eles fazem com você?

— Eles não têm nada comigo. Nem planto mais nada no meu jardim. Agradeço ao Senhor pelo meu emprego na Kroger's e lhe dou autorização para matar o Shel se um dia o cheque de pagamento não chegar para os meninos.

— E a Emaline e o Frank?

— Oficialmente, a Emaline e o Frank já não são fazendeiros, é o que dizem, e acho que estão muito felizes assim, pois os dois trocaram o trabalho na fazenda por um emprego na fábrica.

— Mas no velório eu ouvi o Frank se queixar de ter perdido a quota de fumo. E também das viagens a Leesport.

— O Frank é capaz de se queixar da lua, se ela olhar torto para ele. Ganha bem na Toyota, e não faz o menor segredo disso.

— Então, quem ainda trabalha como fazendeiro, só a Lois e o Big Rickie? E o Herb, não? Não é possível eu viver no meio de vocês todos e não ter a menor ideia de quem é quem.

— Acho que é porque a coisa não é assim tão clara. A Hannie-Mavis e o Joel fazem um rodízio: num ano, arrendam a cota deles para um grande plantador de Roanoke, e o Herb faz a mesma coisa. Mas no ano seguinte, eles plantam. Já a Lois e Big Rickie sempre plantam tabaco, em pouco mais de quatro acres. Talvez você não saiba, mas ele e Joel arrendam terra em todo o condado para criar gado de corte. O Big Rickie tem sangue de fazendeiro.

As duas mulheres deram um pulo ao ouvirem um barulho de vidro quebrado, vindo da varanda. Lusa correu para a porta, mas Jewel a reteve e lhe ofereceu um par de pinças.

— Você tira os vidros do esterilizador e ferve a calda. Volto num instante.

Lusa ouviu Jewel gritando e os dois meninos chorando na varanda. Chegou na ponta dos pés até a janela alta em cima da pia.

— Jewel, se são os vidros de feijão verde, não tem a menor importância. Eles já estavam aí quando eu cheguei.

Não houve resposta, e daquele ângulo ela não via nem Jewel nem os meninos, mas ouviu um tapa e um gemido.

— Você não pode tratar assim o seu irmão menor. Se continuar assim, amanhã eu te ponho de vestido. E eu estou falando sério.

Lusa franziu o cenho e voltou para o fogão. Pôs duas medidas iguais de açúcar e água na panela, esperando que três quartos de calda fossem suficientes para cobrir cinco quartos de cereja em conserva. Precisava de alguma coisa ácida para baixar o pH, e ela não tinha nenhum limão. Talvez vinagre servisse. Acrescentou uma colher de sopa, e então pegou a pinça para tirar os vidros do esterilizador. Fez uma fileira na bancada, pássaros de boca escancarada, à espera para serem alimentados.

— É, foi o feijão verde — suspirou Jewel voltando para a cozinha — catei todos os cacos de vidro, e mandei os dois limpar a sujeira, jogar no riacho e ir brincar no celeiro. Não me importa se está chovendo; eles não vão derreter.

— Está ótimo. De verdade. Eu estava com medo tanto de comer como de dar aquele feijão. Com a minha sorte, alguém ia morrer de botulismo.

Jewel sacudiu a pá com os cacos de vidro no lixo sob a pia: um som de sininhos ao vento.

— Essa menina ainda me mata, se eu não matar ela primeiro. O Lowell dá trabalho, mas ainda é pequeno. A Crystal Gail é diferente. Já é hora de sair dessa fase em que ela entrou no dia que nasceu.

Lusa percebeu que devia parecer ridícula, de tão confusa que estava.

— A Crystal?

— A Crys. Ah! — Jewel riu, e abriu os braços. — Você pensava que ela era um menino. Você e todo mundo. Quando ela foi para o pré-primário, a professora não queria deixar ela entrar no banheiro das meninas, e foi preciso eu correr lá com a certidão de nascimento.

— Ah.

Jewel ficou séria.

— Nada de pensar que foi por causa do Shel, essa coisa de filho de pais divorciados. Não, não. Ela *sempre* foi assim.

— Eu não estava pensando nada, Jewel; eu só não tinha percebido.

— Você nem imagina. Ela sempre foi assim, desde bebezinha. A primeira palavra que ela falou foi *não*, e a segunda foi *vestido*. Nem bonecas, nem lacinhos de fita. Deixei cortar o cabelo daquele jeito porque ela começou a cortar sozinha. Tive medo de ela acabar furando os olhos.

Jewel parecia muito vulnerável, Lusa chegava a ver as veias sob a pele. Queria abraçá-la, confiar inteiramente nela.

— Não tem importância. Foi bom você ter me contado; agora eu paro de usar o pronome errado. Não acredito: conhecia aquela menina há um ano já, e ninguém me corrigia.

— Você e o Cole só tinham olhos um para o outro, meu bem. E de qualquer maneira, você vinha pouco às festas da família. E quando vinha, não era para ver a minha filha meio louca.

— Ai — Lusa se queimou na borda de um vidro —, ela não é louca, não se atormente por causa disso. Se eu fosse você, não me preocuparia com ela.

— Você ia se preocupar se fosse a mãe dela. Você ia ficar morta de preocupação. Ela é boa parte da razão porque o Shel me abandonou. Ele me culpava; ai meu Deus, como ele me culpava. Dizia que eu estava fazendo ela virar homo, deixando ela usar roupa de homem e cortar cabelo igual homem. Quem sabe, ele tinha razão. Mas eu não achava isso. Queria ver *ele* fazer ela pôr um vestido. Foi o que eu falei para ele: vai, *você*, tente enfiar uma meia-calça num gato!

Jewel e Lusa se olharam e caíram na risada.

— E de qualquer forma, um homo não é sempre homem?

— Jewel, ela é uma menina normal. Eu era igualzinha a ela, quando tinha a idade dela.

— É mesmo? Mas você é tão bonita. E sabe cozinhar.

Lusa se sentiu lisonjeada e meio sem jeito, apesar de saber que a questão não era essa.

— Você devia me ver. Vivía de joelhos esfolados e catava insetos. Eu queria ser fazendeira quando crescesse.

— Cuidado com esses desejos.

— A calda já está fervendo.

— Você põe um pouquinho de vinagre? Ah, põe, dá para sentir o cheiro. Segure o funil em cima do vidro e eu jogo... cadê a concha?

Jewel sabia exatamente onde ficava a concha, como também sabia onde ficava tudo naquela cozinha. Fez a pergunta por respeito. Lusa buscou a concha na gaveta e a fechou com o quadril, sentindo-se enormemente grata.

— Crystal é bonito. Quero dizer, o nome.

— Mas não tem nada dela. Ela parece mais um urso.

Lusa sorriu e disse:

— *Meeseh maydel, shayneh dame.*

A promessa de seu avô se cumpria, de uma forma ou de outra.

— O quê? — perguntou Jewel.

— “O patinho feio se transformou em cisne”.

Lusa se sentiu frustrada outra vez — não queria realmente dizer que Crystal ia crescer normal e feminina, porque talvez não fosse assim. Quisera dizer que a alternativa também era ótima. Mas Lusa não conseguia se imaginar numa conversa *desse* tipo com Jewel.

— Talvez ela não queira agir como menino — arriscou-se a dizer, cautelosamente —, é só a maneira de ela ser ela mesma.

— Vamos parar de falar disso. Crys é Crys. Vamos fazer fofoca. Me diz por que você está com raiva do Herb e do Big Rickie.

Lusa colocou quatro medidas de cerejas em cada vidro e segurou o funil para Jewel jogar a calda fervente por cima.

— Acho que não estou com raiva. Quero dizer, estou mas não devia estar. Sei muito bem que eles só queriam ajudar.

— Mas o que foi que eles *fizeram*?

— Eles vieram aqui hoje de manhã para me *informar* que vinham plantar o meu tabaco no sábado.

— E daí?

— E daí, eu não quero plantar fumo.

— Não? E por que não?

— Ora, acho que é bobagem da minha parte. Não entendo nada disso, de economia rural, Jewel. Mas metade do mundo passa fome, Jewel, e nós temos uma das terras mais férteis deste planeta, e eu vou plantar *droga* em vez de comida? Eu me sinto hipócrita. Eu enchia a paciência do Cole para que ele parasse de fumar desde o dia em que nos casamos.

— Mas você não mandou o mundo inteiro parar de fumar: e, na verdade, ninguém parou.

— Eu sei. É a única lavoura que dá certeza de sobrevivência com um terreno de cinco acres, num condado que é íngreme demais para arar. *Sei* por que todo mundo neste condado planta fumo. E sei muito bem que um dia o fundo vai cair.

— Eles entraram num beco sem saída.

— Entraram num beco sem saída.

Jewel parou de encher os vidros e apontou a concha para a janela dos fundos, a que dava para o Vale Amargo, na direção da montanha.

— Você tem madeira.

Lusa balançou a cabeça.

— Eu não quero derrubar essa mata.

— Mas você pode. O vale sobe uma meia milha na encosta até chegar nos limites da Floresta Nacional. A gente pensava que aquela floresta não tinha fim.

— Não vou cortar aquelas árvores. Não me interessa se há cem mil dólares em madeira no fundo desta fazenda. Não vou vender. É o que eu mais amo neste lugar.

— O quê, as árvores?

— As árvores, os insetos. As raposas e todas as coisas silvestres que vivem lá em cima. Cole passou a infância lá em cima. Provavelmente, junto com você e suas irmãs.

— É verdade. Cole adorava a floresta mais do que qualquer uma de nós.

— É mesmo? Ele sempre agiu como se... como se... as florestas e os matagais do mundo fossem seu inimigo número um.

— Ser fazendeiro é isso. É preciso fazer o que for necessário.

— É. E por aqui, é plantar tabaco, se eu quiser manter a fazenda. Eu gostaria de ser a primeira pessoa a descobrir um meio de sair desse beco.

Jewel sorriu.

— Você e o Cole. Ele vivia dizendo isso.

— Dizendo o quê?

— Que ele ia ser o primeiro a viver de outra coisa que não o tabaco, neste condado.

— E quando ele disse isso?

— Ele devia ter uns dezesseis anos. Era sócio da Future Farmers of America e astro de futebol, que combinação. Interessado *demais* em ser bonito para virar fumante, ou pensar em plantar o velho tabaco. Ia pôr fogo no mundo. Um ano ele tentou pimenta vermelha; pepinos, no segundo, e no terceiro, ele tentou plantar batatas.

— E ele nunca me contou isso.

— Pois é. Aqui mesmo na área lá de trás das terras do papai. Todo ano a colheita gorava e ele engolia um pouquinho de seu orgulho. Naqueles três anos, ele passou de sonhador a fazendeiro. Desistiu dos sonhos e passou a fumar.

Lusa balançou a cabeça.

— Nem consigo imaginar. Sei que o Cole era ativo, mas não consigo imaginá-lo tão... o quê?... com a cabeça nas nuvens.

Deu uma risada e continuou:

— Além do mais, eu tinha certeza de que ele já nasceu fumando. Era viciado.

— Não. Lembro que fiquei chocada quando vi ele fumando no velório da mamãe. No ano seguinte, papai limpou o celeiro e transferiu a fazenda para o Cole, e depois morreu. Parecia que ele finalmente achou que podia confiar no Cole para tocar a fazenda. Ia fazer o que era necessário, depois de ter passado pelas pimentas, pepinos e batatas.

Ele era tudo, menos inflexível, pensou Lusa morbidamente, reconhecendo que a autocomiseração se intrometia em qualquer conversa, igual a um cachorro chato. Ela era obrigada a gastar uma enorme energia para tentar esquecê-lo por um minuto que fosse, e ainda assim sempre aparecia alguém para dizer que não queria fazê-la se lembrar.

— E o que pode dar errado quando se plantam batatas? — forçou-se Lusa a perguntar. — A meu ver, é um negócio muito garantido. Elas dão boas safras, são fáceis de transportar, e a gente ainda pode espaçar as colheitas.

— Isso é que foi engraçado. Disseram que ele ia ganhar dinheiro se conseguisse vender para a fábrica de batatas fritas de Knoxville. Mas quando ele tentou, eles não quiseram. Preferiam a batata do Idaho. As que dão aqui têm muito açúcar, são difíceis de fatiar e queimam nas bordas.

— Muito açúcar?

— Foi o que eles disseram. A terra do vale é muito rica. Quero dizer, as batatas são muito boas, mas não servem para o mercado.

— Jewel, minha vida é igual a uma música caipira: meu teto está caindo, minha terra muito íngreme para arar, minha bunda tem muito açúcar.

— Sua bunda o quê!

Jewel deu uma lambada em Lusa com o pano de prato.

— Vamos é limpar esta sujeira. Você não vai passar fome, Loretta Lynn.

Jewel empilhou as coisas para levar para a pia, e Lusa enfiou as mãos na água com sabão: estava tão quente, que lhe irritou a pele. A dor que sentiu era como um castigo que iria apagar o sofrimento que lhe ia no peito. A chuva aumentou, batendo nas telhas de metal, tocando a música de *zeida* Landowski. Ontem fora o aniversário de casamento, que ninguém mencionou, mas *zeida* havia comemorado a noite inteira, tocando música *klezmer* na clarineta — para o casamento judeu que ela não teve. Ela e Cole realizaram uma breve cerimônia no jardim Hunt Morgan, em Lexington, ao ar livre, para contornar a questão da religião. O Cole não fazia tanta questão quanto suas irmãs.

— Jewel, quero contar uma coisa. Preciso lhe dizer que eu amava o meu marido.

— É claro que amava.

Em sua imaginação, Lusa viu a área da parte baixa das terras, quando ele tentou domá-la pela primeira vez: um mar de folhas balançando levemente na

brisa, os sininhos vermelhos das pimentas maduras, um jovem vadeando por ali como se estivesse num lago. Cole aos 19 anos. Um homem que ela nunca conhecera.

— Acho que não tivemos tempo de acertar o passo. Vocês todos pensam que eu não sabia quem ele era, mas eu sabia e sei. Conversávamos muito; ele me dizia coisas. Poucos dias antes de morrer, ele me disse uma coisa impressionante.

Jewel fixou os olhos nela:

— O quê? Posso perguntar?

Lusa cruzou os braços sobre o estômago, prendendo a respiração, enlevada pela lembrança do perfume das madressilvas que vinha do campo. *Como duas mariposas, estou aqui, estamos aqui.* Ela olhou para Jewel.

— Sinto muito, você não entenderia. Não é nada que se possa dizer com palavras.

— Está bem — disse Jewel, afastando-se.

Lusa viu que ela ficou desapontada: ia pensar que Lusa estava escondendo alguma coisa importante, um pedaço do irmão que a ajudaria a trazê-lo de volta.

— Não ligue. Sinto muito, Jewel, mas agora já não é realmente importante. Ele só quis dizer que nós fomos feitos um para o outro. Assim como você e Shel no início. Apesar de agora todo mundo ter envenenado tudo, a partir de um final infeliz e voltando até o começo de tudo.

Jewel passou a esponja de uma mão para a outra, enquanto esquadrihava Lusa.

— Ninguém disse que você não amava ele.

— Ninguém *pensa* que estão dizendo isso — sentia os olhos de Jewel, mas não conseguiu erguer os olhos. Voltou-se para a pia e começou a lavar a panela com toda aquela geleia grudada, esfregando com força para não chorar nem gritar. Todo o seu corpo se movia com esse esforço.

— Meu Deus, querida. O que aconteceu?

— É essa história de mudar meu nome, por exemplo. O corpo de meu marido ainda nem esfriou, e eu já corri ao cartório para apagar o nome dele da escritura da fazenda da família? É uma *merda*. Que mentira mesquinha é essa, e quem a inventou?

Jewel hesitou.

— A Lois viu sua assinatura num papel qualquer no velório.

Loud Lois, pensou com raiva, imaginando a cara comprida dela, perpetuamente fechada por causa da preocupação de que alguém pudesse tomar o que era dela.

— Sempre tive o mesmo nome. Antes, durante e depois do Cole: Lusa Maluf Landowski. Minha mãe era palestina e meu pai judeu polonês, e *nunca*, antes de vir para cá, tive vergonha de meu nome. É meu desde que nasci. Mas nunca ouvi ninguém da sua família pronunciá-lo. Você fala sobre fazer desaparecer uma pessoa? Você acha que eles apagaram Shel. Pois então tente viver numa família que não quer nem aprender a porcaria do seu nome.

Jewel e ela piscaram uma para a outra: ambas estavam chocadas.

— Ninguém fez por mal, meu bem. Só que aqui o normal é a gente tomar o nome do marido. Somos uns caipiras, com costumes caipiras.

— Nunca achei que fosse uma coisa normal, e por isso não troquei de nome. Meu Deus, Jewel, vocês realmente pensaram que eu iria adotar o nome dele e depois jogar *fora*, uma semana depois de ele morrer? Uma estranha, que apaga seu nome e rouba a sua casa, é assim que você me vê?

Jewel pôs a mão na boca, as lágrimas já escorrendo dos olhos; tinham voltado ao ponto de partida. Lusa havia levantado a voz para essa mulher tímida, talvez a pessoa mais perto de ser sua amiga naquela família ou naquele condado. Jewel balançou a cabeça e estendeu os braços para Lusa, que entrou desajeitada no abraço. Sob o avental, o corpo de Jewel era ossudo, e leve como o de um passarinho, todo penugens e palpitação.

Ficaram abraçadas durante um minuto, balançando para frente e para trás.

— Não ligue para mim — disse Lusa —, estou ficando louca. Existem fantasmas aqui. E há um que gosta de atihar brigas.

Por sobre o ombro de Jewel, ela via o quintal e o pasto através do corredor e do vidro antigo da porta de entrada. Aquela chuva jamais iria passar, pensou. Via ao longe os sinais de uma nova tempestade a se formar: as folhas do álamo perto do celeiro tremendo e girando em torno de 100 eixos diferentes, como uma árvore coberta de hélices. Embaixo dela, Lowell e Crystal corriam, galopando dois cavalos invisíveis, com as roupas encharcadas, girando em círculo através da chuva sem fim, como se o tempo tivesse parado para eles, ou nem tivesse começado.

VELHAS CASTANHEIRAS

Garnett estava admirando a parede do celeiro. Passado um século, as tábuas de castanheira sem pintura exibiam um rico tom de cinza manchado, interrompido apenas pelas linhas de líquen cor de laranja e limão que davam brilho à madeira em longas listas verticais por onde escorria a umidade que descia do teto de telha galvanizada.

Os fantasmas das velhas castanheiras o assombravam pelo grande vazio que sua extinção havia deixado no mundo, e por isso, de tempos em tempos, Garnett as homenageava, assim como ia ao cemitério para estar com os parentes mortos. Admirava as castanheiras. Por alguns momentos, prestou homenagem à sua cor, textura e à sua miraculosa capacidade de suportar décadas ao tempo sem precisar de tratamento por autoclave ou com inseticidas. Como e por quê, ninguém sabia com certeza. Não havia outra madeira que se comparasse a ela. Só se podia agradecer ao Senhor por ter oferecido a castanheira americana à Terra, aquela majestosa fonte de castanhas, sombra e madeira eterna, e sua ampla copa. Garnett ainda se lembrava dos dias em que as castanheiras se adensaram de tal forma nos pontos mais altos da região, que na primavera, quando as copas se cobriam de flores, as montanhas pareciam cobertas de neves eternas. Muitas famílias haviam sobrevivido ao inverno graças aos sacos de castanhas guardados no celeiro, aos pernis dos porcos engordados com as castanhas, e à venda das castanhas enviadas por trem para Filadélfia e Nova Iorque, onde pessoas de outras religiões e nacionalidades as assavam e vendiam nas esquinas. Imaginava as cidades cheias de pessoas diferentes, agachadas em torno de braseiros, assando castanhas cujas origens elas desconheciam. Mas Garnett gostava de pensar que seus antepassados eram “o povo das castanheiras”. De troncos, os Walker construíram suas primeiras cabanas, até terem filhos e uma serraria para cortar e aplanar as árvores em tábuas com as quais construíram casas, celeiros, e finalmente um império. Foi a madeira vendida na Serraria Walker que permitiu a seu avô comprar a terra e lhe deu o direito de batizar o Monte Zabulon. Nada tendo de início, além da vontade e das mãos fortes, a família Walker vivia bem

sob os braços protetores da castanheira americana até o início da lenta devastação, em 1904, o ano da praga da castanheira. Deus dá, Deus leva.

Não cabia a Garnett discutir a decadência de sua família. Não se queixava da venda das terras que, por volta de 1950, com o desaparecimento das últimas castanheiras, havia reduzido a enorme riqueza de seu pai a um pedacinho de terra no vale, pequeno demais para sustentar outra coisa além de um professor. Garnett nunca se arrependeu de ser professor; Ellen nunca se queixou de se ter casado com um. Jamais sentira a necessidade de possuir um império, e não lamentava a falta de vizinhos próximos (menos uma). Mas também nunca teve dúvidas de que seu sonho — recuperar a castanheira para a paisagem americana — estava também nos planos de Deus, que daria uma bela simetria à história de sua família. Ao se aposentar do sistema escolar do Condado de Zabulon 12 anos antes, Garnett se vira abençoado com uma fazenda com três áreas de cultivo planas e sem gado; um bom conhecimento de reprodução de plantas; um punhado de sementes de castanheira americana; e acesso a uma ilimitada quantidade das castanheiras chinesas plantadas depois da praga. As castanhas não eram tão boas, e a própria árvore não tinha a estatura graciosa nem as qualidades da madeira da castanheira americana, mas a castanheira chinesa provou ser absolutamente resistente à praga. Essa árvore inferior foi preservada para atender a um desígnio divino, assim como alguns animais inferiores da Arca de Noé. Garnett entendeu que, na sua lenta marcha em busca das graças divinas, ele deveria passar longos anos cruzando e recruzando a castanheira americana com a chinesa. Trabalhava como um possesso, assombrado por fantasmas arbóreos, e já havia mais de uma década que vinha tocando seu projeto. Se vivesse bastante, haveria de produzir uma árvore com todas as propriedades genéticas da castanheira americana original, mais uma: capacidade de resistir à praga, adquirida do parentesco com a mãe chinesa. Receberia o nome de castanheira americana de Walker. Ele distribuiria e venderia as sementes pelo correio para que a espécie crescesse e se multiplicasse nas florestas da Virgínia, Virgínia Ocidental, Kentucky, e em todos os lugares ao norte dos Adirondacks, e a oeste, até o Mississippi. A paisagem em que seu pai vivera seria restaurada.

Um zumbido forte perto de seu ouvido fez Garnett virar a cabeça depressa demais, o que lhe provocou um acesso de tontura que quase o forçou a se sentar na grama. Os besouros japoneses já cobriam tudo, numa camada tão espessa como um creme de ervilhas, e ainda era junho. Observou que suas trepadeiras de Concórdia, que ele adorava ver subir preguiçosamente pelas paredes do celeiro, as folhas caídas tal como mãos de dama, já exibiam uma aura marrom pulverulenta. À distância, parecia que elas estavam cobertas por um pó marrom,

mas ele sabia que isso era apenas o esqueleto marrom da folha. Já havia mostrado muitas vezes a seus alunos de agricultura vocacional os sinais dos danos provocados pelos besouros japoneses. Mais uma coisa a ser acrescentada à sua lista de compras: malathion. Ou o pó de Sevin não era tão eficiente contra eles, ou era lavado pela chuva.

Olhou para o sítio da senhorita Rawley, de onde vinha aquela praga. Ela havia feito mais uma porção de pilhas de folhas e frutas podres ao longo da cerca, só para lhe fazer raiva. Ela chamava aquilo de “composto” e dizia que as pilhas se aqueciam a tal ponto, que todas as larvas de besouros e sementes de ervas daninhas morriam, mas ele não acreditava. Qualquer fazendeiro decente que passasse sua vida no Condado de Zabulon a estudar os métodos rurais mais econômicos e eficientes sabia que era melhor queimar as sobras do pomar, mas *ela* vivia ocupada demais com feitiçaria e com armadilhas para besouros, para ter o trabalho de acabar com o lixo do pomar da maneira certa. Pilhas de compostagem. Mas o nome mais adequado seria “pilhas de preguiça”. “Pilhas de lavagem”.

Alguns dias antes, através da cerca, ele tentou convencê-la: “Parece que os besouros japoneses vêm das suas pilhas de compostagem, Miss Rawley”.

E ela respondeu: “Mr. Walker, os besouros japoneses vêm é do Japão”.

Não havia meio de conversar com ela. Não adiantava tentar.

Observou que o decrépito caminhão importado que ela usava não estava no lugar de sempre, entre a cerca de lilases e a casa branca de madeira. Tentou adivinhar aonde ela poderia ter ido numa manhã de sexta-feira. Nas manhãs de *sábado*, ela sempre levava seus produtos ao mercado menonita, e nas segundas ao Kroger’s (a Loja Black não se adequava às suas necessidades, de acordo com Oda Black, que a vira comprando molho de soja no Kroger’s), e ultimamente ela saía nas terças para alguma coisa que ele ainda não havia descoberto. Aos domingos, ela ia àquele lugar unitarista; Garnett se recusava a chamar aquilo de igreja. Era seu dia de descanso e prazer, imaginava ele: uma toca de bebedores de café e mulheres de calça comprida a conversar sobre coisas que não são de Deus. Evolução, transcendentalismo, coisas dessa natureza. Graças a Deus, a igreja ficava no condado vizinho, em Franklin, onde também estava a universidade. Lá havia ainda mais gente dessa laia, e Garnett tinha plena certeza de que o deboche no seu estado aumentava continuamente para leste, seguindo uma linha que ia terminar em Washington, D.C. Oda Black dizia que as mulheres unitaristas se recusavam a vestir trajes apropriados e faziam bruxarias. Afirmou em seguida que *ela* não era mulher de julgar ninguém (apesar de ser suficientemente grande para ficar onde quisesse, e ninguém ia se queixar, com a possível exceção do assoalho). Era o que ela ouvira de boa fonte; e além disso,

um dia duas moças da universidade entraram na loja e falaram sobre bruxarias em alto e bom som, enquanto pegavam refrigerante na geladeira. Segundo Oda, os seios das duas balançavam debaixo da camiseta, iguais a gelatina fora da vasilha.

O Condado de Franklin era assim mesmo. Culpa da universidade, que decidiu aceitar mulheres.

Garnett subiu à varanda e tirou do bolso um papel dobrado. Já havia trabalhado bastante, cinco horas naquela manhã, polinizando e plantando mudas de castanheira. Junho era o mês em que havia mais trabalho, e naquela manhã, no instante em que o sol saía de seu confinamento, Garnett se levantou e foi à sementeira para recuperar o tempo perdido. Ainda havia muito a fazer: o capim no quintal estava alto e as ervas daninhas cresciam ao longo do córrego, mas ele podia deixar a capina e a aplicação do herbicida para aquela tarde. Já passava das 11, e ele merecia o prazer de uma ida à cidade. Não que quisesse se divertir. Havia muitas tarefas a cumprir: ir à Loja Black, à oficina do Tick, e à loja de ferramentas Irmãos Little. Desdobrou o papel com a lista de material:

1. *Serra tico-tico*

(Descobriu que a sua estava cega na última vez que a usara.)

2. *Plástico preto para cobertura do solo entre as fileiras de árvores*

3. *Pilhas AA para lanterna (quatro)*

4. *3 curvas PVC em L, meia polegada (para o sistema de irrigação)*

5. *Pincéis marcadores para as árvores híbridas*

(Esse item o irritou, pois sabia que no celeiro ainda havia pincéis marcadores, mas ele gastara mais de uma hora tentando achá-los, e suspeitava de que foram roubados pelo filho de algum vizinho, ou então levados por uma marmota.)

6. *Herbicida concentrado, um galão!!*

O ressentimento associado a esse último item era infinito, e o grifo e a exclamação eram uma pálida indicação disso. Mas não podia continuar adiando. Era obrigado a encarar a Oda Black toda vez que precisava de pão, creme chantili e mortadela, e tinha certeza de que todo mundo falava dele pelas costas. Provavelmente, Oda iria gritar “aí vem o dono da faixa de passagem mais feia do mundo”, quando ele estacionasse o caminhão, e riria dele enquanto se levantava

da poltrona junto à janela da frente e deslizava os pés inchados até a caixa registradora. “Psit, silêncio! Aí vem o Mr. Espinheiro”. Muito bem, então ele mesmo iria aplicar herbicida no seu lado da faixa de passagem. Derrubar aquela floresta, aquele matagal, em cima das tartarugas que mordem. Garnett ainda ficava rubro ao se lembrar. Pelo menos Oda não sabia da tartaruga.

Acrescentou o malathion (para os besouros japoneses!!) à lista, dobrou o papel, guardou no bolso da camisa e voltou para dentro da casa, pensando com prazer no restaurante do Pinkie. Parou no hall de entrada para pegar a correspondência da véspera, que se esquecera de verificar: folhetos de propaganda, bobagens e nenhuma conta. Jogou tudo no lixo e fechou a janela da cozinha que dava para o oeste, a fim de isolar o calor da tarde enquanto ele estivesse fora. Completadas todas as tarefas do dia, iria jantar no Pinkie para comer o peixe especial, que era o prato das sextas-feiras: tanto bagre frito quanto o cliente fosse capaz de comer, acompanhado de pães de milho e salada, tudo por \$5,99. Garnett acreditava que, como era servido às sextas, o especial deveria se destinar aos católicos, mas o restaurante não era uma igreja. Os católicos eram raros e esparsos no Condado de Zabulon, e de qualquer forma Pinkie Prater jamais recusaria \$5,99 de qualquer indivíduo, fosse gente, cavalo ou cachorro, que estivesse disposto a entrar e depositá-los na sua caixa registradora. Ir ao Pinkie na sexta-feira era ponto pacífico para Garnett. Nas poucas sextas-feiras em que ele faltava ao compromisso com o peixe especial os boatos sobre sua saúde circulavam tão rápido que, quando ele aparecia de novo no posto de gasolina ou na Loja Black, todo mundo se espantava.

Pouco importava. O hábito faz o monge, já dizia seu pai. Pinkie era a única extravagância de Garnett, uma extravagância que ele gostava de antecipar. Deixara de comer bem desde a morte da mulher. Passaram-se os anos, e ele já se acostumara a comer sanduíches de carne fria sozinho, mas nunca aprendeu a cozinhar. Nem mesmo um pãozinho de milho. Como preparar um pãozinho de milho, de que era feito? Garnett estava cansado de saber que esse mundo de Deus e a maior parte da vida estavam cheios de coisas misteriosas que só as mulheres sabiam.

Teria de trocar de camisa antes de sair. Naquela manhã, suara muito no campo. Fechou a porta do banheiro (apesar de viver sozinho e de não receber visitas) e tirou a camisa sem se olhar no espelho. Depois de se lavar com um pano molhado, entrou no quarto e pegou na gaveta uma camiseta limpa (a roupa ia ser lavada no dia seguinte) e no guarda-roupa, a camisa de ir à cidade (que ainda tinha um leve cheiro do peixe especial do Pinkie. Decidiu lavá-la no dia seguinte, embora isso significasse ter de passá-la, e ele não sabia passar a vapor igual à Ellen). Só depois de abotoar o colarinho e enfiar a camisa na calça, ele se

permitiu olhar no espelho da penteadeira da Ellen. Tinha um peito normal para um velho de sua idade, com costelas salientes e um ninho de cabelo branco bem no meio, mas a modéstia era um hábito de Garnett. Enviuvara há oito anos; sua única companhia era o seu Deus. Já passara da idade de mostrar o corpo. Se o pensamento o entristecia — a ideia de que nunca mais teria o conforto de um toque humano —, ele o via como um tributário do lago de tristeza que todo velho tem de cruzar nos seus últimos dias.

Pegou o chaveiro, contou o dinheiro na carteira e trancou a porta da cozinha ao sair. Olhou mais uma vez para as terras da Nannie, teve a curiosidade despertada por uma grande mancha escura em forma de vaca no telhado dela. Aproximou-se um pouco e apertou os olhos para enxergar através da parte superior de suas lentes bifocais. A mancha se devia à falta de algumas telhas de madeira, provavelmente arrancadas por uma tempestade. Ia ser um deus nos acuda, com aquela chuva toda, e uma amolação para consertar. Pior que uma amolação: essas telhas antigas cortadas à mão não eram mais encontradas. Ela teria de refazer o telhado inteiro, se não quisesse que ele se transformasse numa mixórdia. Ele apertou os cantos da boca tentando controlar o prazer que sentia com a má sorte da vizinha. Ela não sabia que na garagem de Garnett havia um grande estoque do lote original daquelas telhas verdes, que o pai de Garnett e o Velho Rawley haviam comprado em parceria. Originalmente, antes de Garnett modernizar o telhado com amianto, na década de 60, as ripas de madeira aplicadas nas paredes das duas casas eram do mesmo tipo e ambas tinham as mesmas telhas em forma de espada. O pai de Garnett se dava bem com o Velho Rawley, tanto que lhe vendeu cinquenta e cinco acres de pomares, com um único local decente para construir uma casa, o que colocou os Rawleys a uma pedrada de distância (apesar de, antes de Garnett e Nannie, ninguém pensar em atirar pedras). A casa era modesta, pequena e bonita, com um telhado inclinado e empenas voltadas para a estrada. O Velho Rawley plantou um excelente pomar, com as melhores mudas. Mas todo mundo sabia que sua filha herdaria tudo, pois ele não tinha filhos. Um problema que o pai de Garnett devia ter previsto: uma filha na escola na década de 50. E num piscar de olhos, lá estava ela a passear por ali com roupas extravagantes, mãe de uma filha ilegítima e excepcional, decidida a plantar maçãs sem produtos químicos, num desafio direto às leis da natureza. Garnett deu um suspiro, e mais uma vez perdoou o pai. Não fora um crime premeditado, fora apenas um erro de previsão.

Como herdeiro de uma fortuna perdida, Garnett passara a vida evitando imaginar como as coisas poderiam ter sido diferentes. Nannie Rawley era a única exceção. Como ele iria esquecer a presença dela na sua vida, como não tentar entender o que ela significava? Garnett não lhe dera atenção quando era

menina (ela era mais ou menos dez anos mais nova); mal a conhecera quando era moça, pois vivera muitos anos longe; e a ignorara enquanto sua mulher estava viva (Ellen costumava conversar com ela, porém depois a desaprovava). Mas agora, nos seus últimos oito anos solitários, forçou-se a suportá-la como se ela fosse uma praga da velhice. Por quê? O que a levava a fazer as coisas que fazia, perante Deus e os homens e às vezes até na propriedade de Garnett? Ele suspeitava haver uma ligação entre o nascimento da filha anormal e o horror aos produtos químicos. Os problemas se tornaram evidentes logo depois do nascimento, as feições mongoloides e tudo mais, e Nannie lhe deu o nome de Rachel Carson Rawley, em homenagem à cientista que fizera aquele escândalo por causa do DDT. A partir de então, toda a vida de Nannie parecia girar em torno do nascimento daquela criança. Era até possível que a mulher tenha sido normal. Foi a criança quem a desequilibrou.

Onde estaria ela hoje, sexta-feira? Nunca saía às sextas. Ele se abaixou atrás da rosa de Sharon e observou os fundos da casa para se certificar de que o caminhão não estava lá. Ela às vezes parava lá quando tinha alguma coisa para descarregar. Na semana anterior, ela levou o caminhão para dentro do celeiro, com uma carga de caixas de maçãs. Mas hoje não havia sinal dela.

Entrou no seu carro, uma pick-up Ford 1986, que pegou imediatamente (havia limpado e calibrado as velas na semana anterior), e o conduziu cuidadosamente até a estrada, esforçando-se para não olhar para o seu lado da faixa de servidão. Logo, logo ele iria precisar de mais 2-4-D e Roundup para as sementeiras e havia esquecido de encomendar ao atacadista, como havia feito nos anos anteriores. Dirigia bem devagar, tomando cuidado nas curvas. Garnett sabia que sua vista já não era boa; aceitava tranquilamente essa limitação. Mas a 6 tinha pouco tráfego, depois da inauguração da rodovia federal que passava por King Valley. Qualquer um que passasse por essa estrada reconheceria a pick-up de Garnett e lhe facilitaria a passagem. Não que ele estivesse *cego*. Mas tinha alguma dificuldade para avaliar distâncias. Já houvera acidentes.

Iria primeiro à loja Irmãos Little, depois passaria no posto para completar o tanque da pick-up e soprar o filtro de ar com a mangueira do calibrador, duas coisas que ele sempre fazia às sextas feiras. Também compraria cinco galões de diesel para o trator, pois teria de trabalhar a terra. Só na volta, depois do jantar no Pinkie, ele ia passar na Loja Black. É isso, a Loja Black tinha de ficar para o final, senão o leite iria talhar e os ovos seriam chocados pelo calor da tarde.

Passou diante da Loja Black, no cruzamento da 6 com a estrada do Ribeirão do Ovo, mas não viu a Oda acenar para ele pela janela. Imagens do passado de Garnett sempre surgiam quando ele rodava por essa estrada, figuras mais reais do que as coisas que passavam diante dele. Uma trepadeira que cobriu a copa

redonda da tuia de mãe dele como um boné verde-brilhante. A marmota loura como trigo e de rabo preto que passou uma temporada escondida embaixo do celeiro. A criançada toda a viu antes do pai, mas não é verdade que menino vive para procurar marmota? Seu pai não acreditava na existência dela até perto do fim do verão, quando também a viu. Só então ela passou a ser real. Comentou com os vizinhos sobre ela, e a meninada ficou orgulhosa como se também eles tivessem ficado mais reais. Enquanto navegava pela 6, Garnett ia respirando o ar daquele tempo — um tempo mais claro, em que sons e cores eram mais distintos e as coisas ficavam nos seus lugares. Quando à tarde se ouvia o pio pensativo da codorna, que vinha dos pastos. O que teria acontecido às codornas? Agora ninguém mais ouvia o piado delas. Garnett havia lido na revista Extensão que a causa era a festuca, a festuca comum que se plantava para feno. Ficava densa demais e os filhotes de codorna se perdiam no meio dela. Garnett ainda se lembrava do tempo em que a festuca era uma novidade e o governo pagava aos fazendeiros para substituir os pastos do capim nativo por aquela novidade vinda da Europa. (Também diziam naquele tempo que a maconha era uma grande ideia, meu Deus!) Agora a festuca estava em tudo em que é lugar, e é possível que ninguém mais se lembre do capim que antes era comum por aqui. Deve ser estranho para os animais ver um mundo novo surgir à sua volta, tomando o lugar do que sempre conheceram. Que pena as pequenas codornas perdidas naquela selva, sem saber para onde ir. Mas era necessário produzir feno.

E agora surgiam as Iscas Grandy, não uma lembrança, mas um fato, placa escrita à mão: LAGARTOS: 10 POR UM \$. Isso o deixava confuso, pois as pessoas do Condado de Zabulon não sabiam que uma salamandra é uma salamandra. E ele ficava ainda mais confuso ao lembrar que Nannie Rawley parava aqui pelo menos uma vez por mês para comprar todos os “lagartos” do tanque e libertá-los no Ribeirão do Ovo, no fundo do pomar. Todo mundo sabia desse seu costume. Os meninos os pescavam com redes e os vendiam novamente a Dennis Grandy por um centavo, rindo por saber que logo depois eles seriam libertados por Nannie Rawley. Por que todo mundo a aceitava com tanta tranquilidade? Ela dizia que em Zabulon havia umas dez ou quinze espécies de salamandras em risco de extinção, e que ela tentava proteger o meio ambiente. Será que, em resumo, isso implicaria que todo indivíduo que usasse iscas de salamandra para pescar fosse inimigo do plano de Deus?

Garnett teve ganas de lhe dizer uma ou duas coisas a respeito do plano de Deus. Que as criaturas desta Terra surgiam e às vezes desapareciam. Que não tínhamos o poder de controlar essas coisas se, como ela afirmava, não passávamos de apenas uma espécie a mais entre nossos irmãos, os animais. E que se *não* éramos iguais aos animais, se fomos criados para sermos os senhores

do Éden, como diz a Bíblia, então os “lagartos” foram postos aqui para que o homem pudesse pescar com eles, e ponto final. Não era possível que as duas coisas fossem verdade. Tudo era muito claro para Garnett, mas sua lógica sempre se perdia diante das respostas curtas e secas dela. Já chegara até a pensar em lhe escrever uma carta.

Passou pela igreja pentecostal, que tinha um grande eupatório crescendo no meio do estacionamento. Ora, ora! Todos tão ocupados falando da vida alheia, que não tinham tempo de limpar o mato em seu próprio estacionamento. Garnett sorriu, certo de que entendia o que a palavra de Deus queria ou não queria dizer. Sentiu uma pontada de culpa ao entrar na Maple. Devia dizer à Miss Rawley que ele tinha as telhas na garagem. Mas ela bem que podia ser tolerante, ao menos um pouquinho.

Viu o banco e o posto Esso. Havia chegado à cidade. Viu Les Pratt, professor de matemática no ginásio na mesma época em que ele lecionava agricultura vocacional. Abanou a mão, mas Les não o viu. Viu a mulher de Dennis Grandy com todos os filhos, que não chegavam a ser sujos, mas também não pareciam muito limpos.

E então ele viu Nannie Rawley! Ou melhor, viu o caminhão dela. Deus do Céu, será que ele não merecia o direito de ficar longe dela nem para curtir um passeio agradável à cidade? Aquela mulher era teimosa como uma mula e venenosa como cicuta.

Passou devagar para observar melhor. *Era* o caminhão dela, no estacionamento da igreja batista, onde aos sábados os menonitas montam uma feira de produtos de suas fazendas. Mas hoje era *sexta*. No entanto, lá estavam eles, os meninos menonitas e suas roupas negras e sóbrias, vendendo polidamente seus produtos. Não chegou a ver Nannie. Decidiu fazer o retorno na esquina e voltar para olhar melhor.

Seria possível que os menonitas já fossem tantos a ponto de precisar de dois dias de feira, nas sextas e sábados? Eram um povo trabalhador, disso ele sabia. Ficara sabendo que no ano anterior eles haviam comprado uma longa fileira de fazendas do outro lado do rio. Mas como era possível que eles hajam prosperado tanto, se todos os outros fazendeiros da região estavam trocando suas terras por lotes na cidade e por empregos em fábricas? Os menonitas não estavam atolados em dívidas, não usavam produtos químicos nem máquinas — o que pareceu a ele uma vantagem injusta. Epa! Avançou um sinal vermelho e teve de pisar forte nos freios, quase tarde demais, mas tudo bem: o outro carro conseguiu se desviar a tempo. Chegara a pensar naquelas fazendas do outro lado do rio, inacessíveis por carro, aonde só chegava quem passasse pelas pontes oscilantes feitas de tábuas e corrimãos de corda. Era preciso muita coragem para cruzar aquela garganta todo

dia. Perguntava-se o que alguém faria para levar até uma daquelas fazendas um aparelho de TV, ou a geladeira da mulher, ou mesmo um trator. Foi Les Pratt quem lhe explicou tudo numa única palavra: menonita.

Deu a volta na esquina e tornou a olhar a feira menonita. Ficou tentado a parar. Vinha quase todos os sábados, antes de Nannie aparecer com as maçãs ou, no início da estação, como agora, com mel de macieira e outras coisas para vender. Estava claro que não era preciso ser menonita; Nannie e outros fazendeiros do alto do condado também participavam da feira. A única exigência era que todos os produtos fossem orgânicos. Os menonitas não usavam venenos, o que Garnett era capaz de entender, pois eles tinham motivos religiosos. Mas a presença de Nannie entre eles decidia a questão: se ela estava participando, ele não iria pôr os pés naquele lugar, pois então a feira passava a ser *Orgânica*, com *O* maiúsculo, com um sentido plácido e irritante de coisa sagrada. Ele não mais iria parar na feira nas manhas de sábado para comprar umas tortas bem gostosas, nem para passar o tempo entre esses jovens inocentes e pilhas bem organizadas de legumes, verduras, conservas e coelhos. Iria sentir falta, admitiu com tristeza, reconhecendo a mesma dorzinha que vinha quando ele pensava no rosto inocente do filho — seu próprio filho descalço com uma vara de pescar, todos os erros terríveis ainda à sua espera no futuro. Garnett gostava de ouvir os meninos menonitas contando o troco com um sotaque levemente estrangeiro enquanto ele olhava disfarçadamente para pés calejados deles, pois eles passavam o verão todo descalços. Sabia que os menonitas não mandavam os filhos para a escola, e tecnicamente ele desaprovava o que eles chamavam de simplicidade divina (na verdade, um retrocesso). Mas gostava daqueles meninos e meninas. Não sabia a razão por que os adultos mandavam os filhos para a feira. Estariam em outro ponto da cidade em outras atividades, fazendo compras para atender a suas poucas necessidades? (Um ancinho, querosene, ou coisa semelhante, pensava ele.) Será que eles consideravam que seus filhos eram os melhores emissários de seu povo? Era um truque para angariar simpatia? Aquilo parecia contrariar hábito de isolamento que eles tinham, pensou Garnett. Trazer os filhos para a cidade e ver as outras famílias saindo de automóveis, ver outras crianças brincando com rádios ou outras quinquilharias eletrônicas que elas sempre tinham nos bolsos, enquanto as mães escolhiam melões — aqueles meninos estavam aprendendo a desejar o que nunca poderiam ter.

A meio quarteirão da feira, ele encontrou uma vaga e parou junto ao meio-fio. Ficou ali sentado, a avaliar suas alternativas. Poderia comprar uma torta. As tortas eram maravilhosas. Maça, cereja, e uma coisa que eles chamavam de saimosca. Mas onde estava Nannie Rawley? Viu o caminhão e a mesinha com as coisas que ela vendia enquanto não chegava a época das maçãs: flores secas,

sachês de lavanda e de limão — coisas que ele considerava tão supérfluas, que ficava embaraçado só de olhar para elas. Mas onde estava ela?

Decidiu ir até o fim do quarteirão para fazer compras na Irmãos Little. Na volta, se não houvesse perigo à vista, compraria uma torta. Tentaria encontrar um menino de quem se lembrava especificamente, o que levava gaiolas com coelhos e usava um penteado ao estilo holandês, com franjas cortadas rente à testa. Havia conversado com o rapaz e lhe dera alguns conselhos sobre criação de galinhas. Chamava-se Ezra. Ou seria Ezequiel? Garnett subiu os degraus de concreto da Irmãos Little com o coração tranquilo, mas então as coisas começaram a se descontrolar. Logo na entrada, onde Dink Little o cumprimentou chamando-o pelo nome, ele percebeu que havia esquecido a lista. Bateu no bolso da camisa, para puxá-la rápido, com um largo gesto, em resposta à previsível pergunta de Dink: “Você está precisando de quê hoje?”. Bateu no outro bolso. Mas é claro que tinha trocado de camisa.

— Vou dar uma olhada primeiro, Dink — respondeu, certo de poder refazer a lista assim que visse um dos itens nas prateleiras. Mas não via nada de que precisasse. A loja bolorenta e de pé-direito alto começou a ficar mais parecida com um sótão do que com um local de comércio: altas pilhas de baldes galvanizados inclinadas para lá e para cá, esfregões encostados em prateleiras cheias de latas de cera de assoalho. Pilhas de luvas de trabalho verdes se aproximavam como se fossem uma horda de mãos decepadas. Tropeçou ao contornar um display de cortadores de grama em liquidação e bateu a cabeça numa placa pendurada acima deles, tão grande e tão colorida, que teve dor de cabeça mesmo sem a ler (Grande venda de cortadores de grama; 10% de desconto em todas as marcas! Toro! Green Machine! Snapper! John Deere!). Garnett estava tão agitado que mal conseguia ficar em pé. Fixou os olhos num carrinho de mão que viu no final do corredor e avançou até ele simplesmente para se afastar da porta e da registradora, para se esconder e tentar pensar.

No devido tempo ele acabaria por se lembrar. Herbicida, é claro! Roundup, um galão de concentrado. Por pouco ele não riu alto. Estava se lembrando: Roundup, malathion, e pincéis marcadores para as árvores, que ele não precisava comprar, pois tinha alguns no celeiro.

— Mas o barulho é parecido com um grito ou com um zumbido? Porque quando a catraca solta, ele faz um barulho assim, ó.

Um dos irmãos à registradora estava conversando com uma cliente. Devia ser o Big ou o Marshall. Dink ficava sempre à porta.

— Estou dizendo que nem cheguei a ouvir — disse a cliente — quando olhei, ele estava correndo a toda colina abaixo.

Herbicida e malathion. Viu um frasco de malathion numa prateleira a meia altura, junto dos baldes galvanizados. Apesar de ser uma embalagem spray, pequena para as suas necessidades, ele foi até ela e a agarrou para criar coragem. Tinha de se armar; era apenas um velho perdido numa loja de ferragens, sem conseguir decifrar as letras miúdas dos rótulos que examinava. O que mais havia na lista?

— Não existe nenhum outro maior nem mais violento. Ele é um monstro — disse a cliente.

— Pois este Big aqui é o maior especialista nesses tais *grandes* — disse Marshall.

— Ora, vocês não estão entendendo — disse a vizinha delicada.

Os irmãos riam ruidosamente, mas o coração de Garnett deu um pulo: ele conhecia aquela voz. Meu Deus do Céu, será que ele estava condenado a sofrer como um Jó renascido? Era Nannie Rawley.

Garnett ficou parado ao lado do carrinho de mão, no final do corredor, ouvindo com atenção. Como ela podia estar *aqui*, se há dez minutos estava vendendo froufrou no mercado menonita? Seria ela uma daquelas bruxas unitaristas, que voavam numa vassoura por cima do Delta do Ovo? Ele se curvou e procurou uma rota de fuga ao lado ou atrás de uns baldes amontoados. Devia ir embora, passar em casa, buscar a lista e retornar dentro de meia hora. Ainda sobraria tempo para o jantar no Pinkie, que ficava aberto até depois das quatro.

Mas não havia saída. A registradora ficava junto da porta, e lá estava ela, fazendo futricas, mantendo aquela conversa ridícula com o Dink, o Big e o Marshall. Teve ganas de tapar os ouvidos, de tanto que aquela voz lhe era desagradável.

— Não era um Snapper! — gritou um deles.

— Era, era um Snapper sim — respondeu ela, com indignação e bom humor.

Garnett sentou-se no carrinho e segurou a cabeça entre as mãos. Era insuportável. Estava além de todas as suas expectativas com relação a Nannie Rawley, cuja única qualidade até agora era não ser fofoqueira.

— Nossa, só acredito vendo — disse Marshall, dobrando-se de tanto rir.

Como ela era capaz de fazer uma coisa dessas, logo com o seu vizinho Garnett? Como tinha a *coragem* de ridicularizá-lo em público com aquela história da tartaruga presa no pé? E tudo foi culpa dela!

— Foi culpa dela — disse baixinho, em seu indigno posto no carrinho de mão, tão baixinho que ninguém ouviu — tudo por causa do matagal dela.

Os três zurravam enquanto registravam as compras dela (e seriam necessários três homens para empacotar aquelas benditas compras?). Eles agiam como estudantes encantados com uma rainha da beleza, e não uma bruxa vestida

com uma saia de algodão. Toda a cidade fora enfeitiçada por ela. Agora ela pedia conselhos a respeito de material para telhado! Será que esse tormento nunca teria fim? Aparentemente ela tencionava ficar lá fazendo gracinhas o dia inteiro, até o Pinkie fechar e as galinhas voltarem para o poleiro.

Era evidente que Garnett teria de passar por eles. De repente, ele se imaginou a salvo na cozinha de sua casa lendo as notícias sobre o campo no jornal. Era onde ele gostaria de estar, mais do que jamais desejara um amor ou graça nessa Terra ou além dela: em casa. Nem iria ao Pinkie. Agora não tinha mais sentido. Tinha perdido completamente o apetite.

Garnett se levantou e avançou em direção à porta, abrindo caminho com o frasco de malathion. Todos se voltaram para olhar, e ele passou diante do balcão, pisando duro, sem uma palavra, na maior dignidade.

— Mr. Walker! — gritou ela.

Passe bem a senhora, pensou ele. Te peguei com a boca na botija, sua galinha velha, você e seus amigos fofoqueiros. Tomara que seus pecados não te deixem dormir. Quase bateu outra vez a cabeça na placa de promoções de junho, mas se lembrou e se desviou — Deus seja louvado — no último instante.

Chegou à pick-up, e foi só depois de estar dois quarteirões adiante do mercado menonita que ele sentiu se acalmarem as batidas de seu coração em seus ouvidos. E só depois de passar diante da Loja Black, já na estrada, quase em frente ao sítio de Nannie Rawley, ele se lembrou de que ela tinha um cortador de grama Snapper; que estava dando problemas; e que fora comprado na Irmãos Little.

E acabava de estacionar diante de casa quando se deu conta de ter furtado um frasco de malathion.

O AMOR DA BRUXAS

As andorinhas voavam descendo e subindo dentro do celeiro, decolando de seus ninhos na estrutura de madeira em direção à porta e saindo para o céu brilhante e púrpura, onde o sol poente se refletia nas asas aerodinâmicas, curvadas para trás. Eram como pequenos aviões de caça, que se irritavam à menor intrusão e expressavam sua ira em movimentos imitando balas. Toda noite Lusa entrava no celeiro para fazer a ordenha, e toda noite as andorinhas reagiam da mesma forma. Eram iguais a certas pessoas, pensou ela: juízo curto, grande ambição. O pôr do sol cancelava todos os ganhos anteriores e todo dia o mundo se aprontava para uma nova luta.

Seus pensamentos entraram numa espécie de transe enquanto ela ordenhava e observava as andorinhas a dar seus voos ovais e repetitivos sobre a superfície da lagoa, que o sol poente cobria com uma folha de ouro. De repente, ela deu um pulo, assustando a vaca. O Pequeno Rickie, com seu metro e noventa e cinco, estava parado no vão da porta.

— Oi, Rickie. Como vai?

Ele caminhou até o poste ao lado do qual ela tirava até as últimas gotas o leite do úbere. Naquele ponto o teto era baixo. A cabeça do Pequeno Rickie quase tocava o madeiramento do teto.

— Bem, eu acho.

— Ótimo. E a família?

Rickie pigarreou.

— Tudo bem. O papai mandou dizer que não vem plantar tabaco no sábado. Quer dizer, amanhã.

— Não? — ela olhou para ele. — E por que não? O terreno está secando. Esta tarde fui aonde é para plantar o tabaco e a terra não está tão ruim assim. Eu até fui dizer a ele que tudo estava pronto para amanhã, mas não encontrei ninguém. Até que enfim, acho que a chuva passou de vez.

Rickie estava com um jeito de quem gostaria de estar em qualquer outro lugar, em vez de ali no celeiro, conversando com Lusa. Um traço de família.

— Acontece que o tio Herb vai estar muito ocupado com os bezerros. E o papai disse que você não estava assim tão interessada em plantar tabaco. Foi o que ele disse.

— Ah, sim, eu é que devo ir até lá me desculpar pela desastrada tentativa de ser dona do meu nariz e implorar de joelhos que eles venham plantar fumo para mim.

Ela via que estava sendo castigada: o tabaco fora ideia *deles*, e agora eles usavam isso contra ela. Lusa apoiou as mãos trêmulas sobre os joelhos para se impor um pouco de calma. O acesso de raiva assustara a vaca, e agora ela iria reter o leite durante algum tempo. Só lhe restava esperar. As vacas eram um exemplo de paciência.

Rickie deu de ombros sob a jaqueta jeans, num movimento característico dos adolescentes para se ajustar ao corpo adulto. Não devia desabafar em cima do garoto: ele já a considerava quase histérica. Uma *ruiva*, como dizia Cole. O rapaz manteve os olhos nervosos em Lusa enquanto sacudia o maço para puxar um cigarro e acendê-lo. Já ia guardando quando se lembrou de lhe oferecer um, mas ela balançou a cabeça.

— Obrigada, eu não fumo. O que neste condado deve ser uma contravenção. Ele passou a mão pelos densos cabelos pretos.

— Acho que o papai não quer te ver ajoelhada implorando.

— Não. Desculpe, eu estava nervosa. Na verdade, eu não queria dizer literalmente isso.

— Mas de qualquer jeito, não tem importância, porque o Jackie Doddard não entregou as mudas do meu pai. Acho que agora não deve ter mais nenhuma em todo o condado.

— Bem, então não há mais jeito. Meu prato está feito.

Levou as mãos de novo ao úbere da vaca e o manipulou carinhosamente. O celeiro estava em silêncio, não fosse o barulho ritmado do leite a bater no fundo do balde e o som sincopado das gotas que caíam dos caibros deteriorados do telhado nos pontos de infiltração de água. Cada gota fazia Lusa se lembrar do dinheiro necessário para consertar o celeiro, dinheiro que ela não tinha, e que agora o fumo não lhe forneceria.

— Está com vazamentos — disse Rickie, olhando para o telhado.

— Acho que uns três mil dólares de vazamentos. Talvez mais, quando descobrirmos todos os caibros podres.

— Vai estragar o feno.

— Não precisa se preocupar. Acho que não vou colher feno para guardar no celeiro este ano. O enfardador está quebrado e o trator vai ser retomado pela financeira. Seria bom se as vacas se contentassem em comer neve este ano.

O Pequeno Rickie olhou para ela. O corpo grande tinha 17 anos, mas o rosto parecia mais jovem. O que ela estava fazendo, por que descarregava sua ironia agressiva sobre este menino? Ele não era mais do que um mensageiro. E ela estava matando o portador de más novas.

— Ei — disse ele — sinto muito pelo... sabe... o Tio Cole...

— Obrigada. Eu também — expirou devagar —, ainda não se passou nem um mês. Vinte e sete dias. Parecem vinte e sete anos.

Ele se mexeu e se acomodou melhor ao poste de castanheira que sustentava o piso superior do celeiro. Em cima, onde se pendurava o tabaco, o celeiro era alto como uma catedral, mas aqui em baixo, onde ficavam os animais, era agradável e acolhedor, com aquele cheiro misto de estéreo, leite e grãos.

— Eu gostava de pescar com o tio Cole. Ele te contou? A gente matava aula e ia pescar truta no Monte Zab. E tão bonito lá em cima! Tem umas árvores tão grandes que a gente fica tonto só de olhar para elas.

— Vocês dois matavam aula?

Lusa fez as contas e completou:

— Quando você entrou para o primeiro ano, o Cole já devia estar no ginásio. Nem imaginei que fosse assim. Ele era um amigão seu, como que um irmão mais velho.

— É.

Rickie olhou para baixo, procurando onde bater a cinza do cigarro.

— Era ele quem me ensinava as coisas. Como a gente fala com as moças, essas coisas todas.

Lusa levou a mão aos olhos e se virou: não queria chorar na frente do Rickie.

— É. Isso ele sabia fazer melhor do que ninguém.

A vaca mugiu: um pequeno protesto contra o silêncio no balde. O bezerro na baia ao lado começou a chamar como se somente agora tivesse percebido ser uma injustiça lhe roubarem o leite.

— Ordenhando, hein?

— É.

— Você é boa nisso.

— O Cole me ensinou; dizia que eu tinha talento. Meio chato ser bom numa coisa tão boba, não é?

— Não acho. Quer dizer, os animais. Eles sabem o que é o quê. Eles não se enganam como as pessoas.

O bezerro ao lado continuava a protestar e ela cantarolou para acalmá-lo:

— Calma, sua mãe vai voltar num minuto.

Ele se acalmou e Lusa continuou a ordenhar. Era um trabalho que dava tranquilidade. Às vezes ela se sentia tomada pelo estado de espírito de sua vaca

Jersey — um espanto humilde diante do fato de estar nesse celeiro ao final de cada dia. Lusa realmente gostava da companhia dela, e se sentiu tentada a lhe dar um nome, mas Cole observou que um dia os dois iam comer o bezerro dela.

— O tio Herb está na fazenda? Ele fala que ele e as vacas são como óleo e água. Ele usa aquelas máquinas de ordenhar. Liga a vaca no tanque e seca o leite.

— Pobre vaquinha.

— Acho que elas não ligam. São vacas, nada mais.

— É verdade.

— Quantas vezes por dia você tira leite? Duas vezes?

Ela reparou no sotaque. Talvez fosse um resquício do inglês antigo, que permaneceu nessas montanhas isoladas.

— Só ordenho uma vez por dia. Para mim é mais que suficiente. Antes de você entrar, eu tinha acabado de decidir que esta seria a minha última ordenha.

— É mesmo?

— É. Vou soltar esta coitada no pasto com o bezerro dela, e o leite vai para o estômago certo. Para o meu, não faz muita diferença.

— Então você não gosta de leite?

— Acho que é o leite que não gosta de mim. Eu só ordenhava as vacas por causa do Cole, ele gostava de leite fresco. Eu gosto de fazer iogurte, ou *laban zabad*, em árabe. Disso eu vou sentir falta. Mas tenho bastante manteiga e queijo congelados, o suficiente para o inverno todo, e não sinto falta de leite fresco. Será que sua família não quer um pouco?

— Não, o tio Herb manda um galão todo dia. A gente toma. Principalmente eu.

— Muito bem, melhor para você. Não me criaram na base de tomar leite todo dia, como você.

Lusa estava terminando. Desatou a cabeça da vaca e a empurrou cuidadosamente para trás. A mansa Jersey foi diretamente para a baia onde estava seu bezerro e Lusa abriu a porta para ela, dando-lhe um tapinha de despedida nas ancas. Sentiu-se ridícula por estar com os olhos marejados.

— É. Mamãe disse que você era... diferente.

— Então ela acha que eu sou diferente? Que bom.

Lusa bateu as mãos na calça e tirou pedaços de feno da blusa que usava para trabalhar, branca e manchada, que chegava até os joelhos. Era uma das camisas de Cole sobre a camiseta de veludo ferrugem que ela punha para se sentir bonita por baixo.

— Não, quer dizer: de outra nacionalidade.

— Eu entendi, Rickie: todo mundo tem uma nacionalidade.

— Eu não. Eu sou só americano.

— E é por isso que você colocou uma bandeira confederada no para-choque do seu carro? Você sabe que a Confederação tentou derrubar o governo americano, não é?

— Então eu sou um americano do sul. E você: o que você é?

— Boa pergunta. Acho que eu sou uma polono-árabe-americana.

— Nossa. Não parece.

— Não? E com o que você acha que eu me pareço?

Ela parou sob a luz, braços estendidos a segurar o poste em que a vaca estava amarrada. Tinha o cabelo encaracolado e desalinhado, por causa da umidade, alourado com uma auréola cor de morango pela luz forte. Pequenas mariposas brancas voavam em círculos em cima da lâmpada. Rickie examinou Lisa polidamente.

— Você parece uma mulher branca.

— A família de minha mãe era palestina e a de meu pai era judia polonesa. Sou a ovelha negra da sua família, e apesar de tudo eu ainda me bronzeio ao sol e ninguém tem nada com isso. Como você vê, Rickie, ninguém conhece um livro pela capa.

— Eu ouvi a mamãe e a tia Mary Edna falando disso, que você era de um desses outros cristianismos.

— Eu até imagino a conversa.

Pegou uma pá e começou a raspar o chão no ponto em que fez a ordenha, mas Rickie tomou a pá das mãos dela e se desculpou por tê-la deslocado com o ombro. Ela nunca se acostumaria com esse povo: rudez e polidez numa mistura incompreensível. Ele raspou o estêreo e fez um pequeno monte, que levou, uma pá de cada vez, para um outro monte fora do celeiro.

— Não era nada contra a senhora, tia Lusa — disse ele no escuro, assustando-a. Já fazia muito tempo que ela não ouvia o próprio nome dito em voz alta. Vinte e oito dias, para ser mais exata. Ninguém mais na família o pronunciava. Rickie voltou ao local iluminado da ordenha. — Foi uma vez que eles estavam falando como ia ficar se você e o tio Cole tivessem filhos. Foi antes de...

— De ele morrer. Quando a gente ainda podia pensar em ter filhos.

— É. Acho que eles só estavam pensando, sabe, como ia ficar a parte da igreja. Ia ser difícil para os meninos.

Ela recolheu o balde e o pano que usava para limpar o úbere da vaca, e tampou o balde de leite de aço inoxidável. A borda estava quente.

— Para mim não foi difícil vir de uma família com religiões diferentes. De qualquer forma, não éramos devotos, posso lhe garantir. Meu pai odiava o pai dele e como que deu as costas à religião dele. E eu não sou uma boa muçulmana.

Se fosse, você veria eu me voltar nessa direção — girou lentamente procurando o leste — e rezar cinco vezes por dia.

— E vocês rezam virados para o galinheiro?

— Virados para Meca.

— E onde é isso? Na Carolina do Norte?

Ela riu.

— Arábia Saudita. Foi onde nasceu o Profeta Muhamad, e portanto é para lá que enviamos nossas orações. E antes de rezar é preciso lavar as mãos.

Rickie achou graça nisso.

— Vocês *lavam as mãos* antes de rezar?

— Você ainda não *viu* nada de religião. Ninguém pode beber nem fumar e as mulheres têm de se cobrir por inteiro, menos os olhos.

Ela pôs as mãos diante do rosto, e como se olhasse através dos dedos, disse:

— Um homem que vê o *pé* de uma mulher, ou que mesmo consegue vislumbrar a forma dela, vai ter pensamentos impuros, entende? E a culpa é dela.

— Nossa. É duro. E eu pensava que a tia Mary Edna era dura. E você acredita nisso?

— O que você acha? Não, mamãe nem usava véu. Os pais dela já eram bem ocidentalizados quando saíram de Gaza. Mas tenho primos que acreditam.

— É mesmo?

— É. A versão americana é um lenço e uma capa de chuva comprida. Eu era obrigada a me vestir assim toda vez que ia à mesquita em Nova Iorque com os parentes da mamãe.

Ele arregalou os olhos.

— Você já esteve em Nova Iorque?

Ela tentou imaginar como ele supunha que era um lugar como aquele. Tão longe da verdade quanto estava esse celeiro na cabeça dos primos do Bronx.

— Umas cem vezes. Meus pais vieram de lá, os dois. Nós sempre voltávamos para as festas de família. Acho que a combinação entre meu pai e minha mãe era esquecer as culpas e comemorar os feriados. Principalmente com festas.

Lusa sorriu, ao se lembrar dos primos, da música e das loucas danças no meio das cadeiras do jardim, festivais de amor e de adaptação.

— Cresci comendo do bom e do melhor.

— E eu pensava que quem não acreditava em Deus adorava o diabo ou coisa parecida.

— Calma, Rickie!

Ela riu e se sentou no banco de ordenhar.

— Você não acha que pode haver mais uma ou duas opções entre dois extremos?

Ele deu de ombros, embaraçado.

— Talvez.

Era a deixa para mandar esse rapaz de volta para casa. Mas, e depois? Esperar que o Cole a explicasse para a família? Seu corpo doía com o peso da solidão. Não havia ninguém para fazer isso por ela. Apertou as duas mãos entre os joelhos e ergueu os olhos para ele.

— Quem você acha que não acredita em Deus? Os judeus acreditam em Deus. Os muçulmanos acreditam em Deus. Para falar a verdade, a maioria dos judeus e *todos* os muçulmanos que eu conheço passam mais tempo pensando em Deus do que vocês por aqui. E muito menos tempo fofocando na igreja.

— Mas são deuses diferentes, não é? Não é o verdadeiro, o nosso.

— E o seu mesmo. Exatamente o mesmo Deus. O nome técnico é Jeová; nisso, as três facções concordam. Só existe desacordo quanto ao que cada filho herdou, ou deixou de herdar, dos bens da família. A mesma história de sempre.

— É mesmo?

— Você sabia que a maioria dos povos do mundo não são cristãos, Rickie?

— Verdade?

Ele deu um sorriso de lado tal como um garoto a quem tentam tapear na escola com uma pergunta capciosa. Então acendeu outro cigarro para recuperar a dignidade e ergueu as sobrancelhas numa interrogação.

— Claro, pode perguntar — disse ela.

— Fala alguma coisa em judeu.

— Hum... Talvez você queira dizer iídiche ou polonês.

— É. Qualquer coisa noutra língua.

— Não sou boa nem em iídiche nem em polonês. Minha *bubeleh* viveu conosco até morrer — a mãe de meu pai —, mas ela era, como direi, secreta. Papai só deixava ela falar inglês em casa. Mas, vamos ver.

Ela ensaiou uma frase na memória e então recitou em voz alta: *Kannst mir bloozin kalteh millich in toochis*.

— E o que quer dizer?

— Vá soprar leite frio na minha bunda.

Ele deu uma gargalhada.

— Sua vó te ensinava isso?

— Ela era uma senhora muito brava. O marido tinha fugido com uma moça de boate. E melhor me perguntar sobre o árabe; minha mãe me ensinou uma porção de coisas.

— Então fala uma.

— *Ru-uh shum hawa*. Quer dizer: vai cheirar o vento. Ou seja, cai fora.

— Ruh chum hawa — repetiu ele com um sotaque horroroso, mas Lusa se comoveu com o esforço. E a disposição de ficar ali com ela falando de coisas estranhas.

— É mais ou menos isso. Muito bom.

Rickie deu um sorriso condescendente.

— Então — disse ele enquanto soltava a fumaça — vocês tinham outros natais? Uns dias em que vocês ganhavam presentes, essas coisas?

— Outros natais, outras páscoas. É isso. Mas não eram presentes, havia mais é comida. O Ramadã dura um mês e não se come durante o dia, só à noite.

— Brincadeira! E você ficava com fome o dia todo?

— Eu devia. Mas geralmente não. Não tomava o café da manhã, e tentava ser boazinha o mês inteiro. Mas o melhor vinha no final: uma festa enorme para compensar tudo o que a gente deixou de comer naquele mês.

— Como o nosso dia de ação de graças?

— Muito melhor. Dura três dias.

— Nossa! Uma leitoada.

— E mais uma cabritada. Minha família definitivamente não come carne de porco — os dois lados, nem os judeus nem os árabes. Mas adoramos cabrito. As pessoas pensam que no Oriente Médio se come carneiro, mas a verdadeira tradição é o *qouzi mahshi*, um cabrito novo, alimentado com leite. Mamãe e eu sempre visitávamos os primos árabes para o Id-al-Fitr, no fim do Ramadã, e eles assavam um cabritinho no braseiro do quintal. Quatro meses depois há uma festa, Id-al-Adha, que exige um cabrito maior.

— Acho que não gosto de cabrito.

— Não? E você já comeu?

— Não-ão.

— Então você não sabe o que está perdendo. *Qouzi mahshi*, hum... parece com uma carne de bezerro tenra, só que é mais gostosa.

Ele fez uma cara de dúvida.

— Mas eu achava que vocês *criavam* cabritos, Rickie. O que são aquelas coisas com chifres que eu vi nos fundos da sua casa?

— Ah, aquilo é o projeto 4-H.

— E no fim vocês não comeram o projeto 4-H?

— Não. Acho que eles ficam lá só para comer capim.

— Eles são animais de leite ou de corte?

— Deviam ser de corte. A ideia era vender na feira estadual enquanto ainda pesassem menos de quarenta libras. Os juízes apalpam as costelas e dão prêmios.

— E os seus cabritos foram premiados?

— Eram bons. Mas ninguém compra cabrito por aqui. Ora, aqui ninguém aceita cabrito nem de graça. Eu sei, porque eu bem que tentei.

— Mas eu vi cabrito por tudo quanto é lado aqui no condado.

— Bem, houve aquela febre de cabritos de corte uns tempos atrás, no 4-H. O senhor Walker inventou de criar cabritos, não sei bem por quê, e agora metade dos campos daqui está cheia de cabritos que ninguém quer.

— E quem é o senhor Walker?

— É tio ou primo nosso. Por casamento.

— Todo mundo num raio de dezesseis milhas é tio ou primo de vocês.

— É, mas o senhor Walker é consultor de criação do 4-H. Ou era, quando eu era pequeno. Hoje ele já deve ter aposentado. Ele tem uma fazenda na estrada 6, toda coberta de mato, vê se pode. Me disseram que ele planta castanheiras.

— Todas as castanheiras morreram há cinquenta anos, Rickie. A castanheira americana foi extinta por causa de um fungo.

— Eu sei, mas o povo diz que ele está plantando castanheiras. Não sei. Ele sabe tudo sobre plantas. Todo mundo diz que ele devia ter sido consultor para lavouras, não para criação. Foi por isso que ele atrapalhou os meninos com aqueles bodes todos.

— E você acha que eu consigo comprar um ou dois cabritos baratos para dar uma festa? Que diabo, se eu convidar a sua mãe e suas tias, vou scandalizar a família toda com os *qouzi mahshi* e *imam bayildi*.

— Que que é isso?

— O alimento dos deuses, Rickie. Cabrito assado e legumes assados. Na verdade, *imam bayildi* significa “o imperador desmaiou”. Que é exatamente o que a sua tia Mary Edna vai fazer quando vir o cabrito olhando diretamente para ela no meio da mesa de castanheira da cozinha da sua avó.

Rickie riu. Tinha um riso maravilhoso, muito aberto, daquele tipo de riso que mostra os molares.

— A senhora nem precisa do senhor Walker para conseguir uns cabritos. Basta anunciar no jornal: “Precisa-se de cabritos, grátis. Entregar em minha casa”. Eu te juro, tia Lusa, que no dia seguinte teria uns cem cabritos diante da sua janela comendo capim.

— Você acha?

— Eu juro que sim.

— Eles vão dar conta dos espinheiros e do mato, que ameaçam os campos de feno. Eu poderia me livrar das vacas. E não teria de aprender a operar a roçadeira.

— É verdade. O mato ia ficar baixinho. E eles não precisam muito de feno também; conseguem se manter muito bem só comendo mato, principalmente no

inverno.

— Sério? Meu Deus, então eu não preciso mais de um enfardador para guardar o feno? Há muito tempo não me dão uma ideia tão boa.

— Mas é preciso *um pouco* de feno. Para quando as coisas ficarem meio ruins. Só que não vai ser muito. — Ele acendeu outro cigarro na ponta do que ainda estava fumando. Ela deu dois passos e lhe tomou o maço.

— Posso provar?

— Claro. Pegue um câncer.

— Acho que já ouvi falar dele.

Deu uma risadinha sem graça enquanto examinava o buraco no maço.

— Mas hoje ganhar mais alguns anos depois dos setenta não é uma prioridade para mim. Nas circunstâncias.

Tirou um cilindro branco e olhou para ele. Tinha o cheiro do Cole.

— Para falar a verdade, nem a perspectiva de chegar aos trinta anos me excita.

— É a mesma coisa que o pessoal no colégio sente. É por isso que a gente fuma.

— Interessante.

Ela pôs o cigarro na boca e se inclinou em direção ao isqueiro que ele afastou, provocando-a.

— É a primeira vez que a senhora põe um cigarro na boca?

— É. Você está corrompendo esta velha senhora.

Tentou aspirar a chama, mas a garganta reagiu e ela tossiu. Rickie riu. Ela abanou a mão diante do rosto.

— Não sou boa nisso, é evidente.

— É muito ruim, de verdade. É melhor nem começar, tia Lusa.

— Você é muito bondoso, Rickie. Obrigada por tomar conta de mim.

Seus olhos encontraram os dele por um segundo. Era um jovem impressionante, uma bela combinação da pele morena do pai com a beleza da família Widener. Lusa foi atraída, e ao mesmo tempo mortificada por seus pensamentos, diante do peito e braços nus do rapaz, com vontade de descansar ali a cabeça, ser abraçada por ele. Será que ela estava ficando louca? Isso era celibato, loucura, ou o quê? Olhou para os tênis dele.

— Não quero morrer — disse ela, um pouco abalada —, não quero dar essa impressão. Estou deprimida, mas acho que é normal, numa viúva. Dizem que passa. Eu só acho que se o fumo é o meio de subsistência desta região, eu poderia colaborar no projeto.

— Nã... não é preciso.

Ele tragou e expirou a fumaça, fazendo uns sons sibilantes com o cigarro. Olhou de viés para ela.

— Tia Lusa, espero que não me entenda mal, mas senhora não é nenhuma velha. O pessoal na escola, os meus amigos, sabe? Eles viram você na Kroger's e disseram que você era ótima.

— *Eu?* — ela ficou rubra.

— Sem querer ofender.

— Não fiquei ofendida. Sei que você e o Cole matavam aula e que ele ensinou você a conversar com as moças. Sempre me esqueço de que não sou sua mãe.

Ele sorriu e balançou a cabeça.

— Você não é minha mãe.

— Obrigada — disse ela num tom forçado, sentindo-se culpada pelos nomes que dava à mãe de Rickie: dentuça, Lois dos pulmões de couro —, sua mãe deve ter uma alma melhor que a minha.

— Se esse é o nome que você dá. Minha mãe acredita que não se deve blasfemar, que é preciso dormir bem, e que tudo na cozinha deve ser enfeitado com patinhos.

— E como você sabe que eu não acredito nessas coisas?

— Eu já vi a sua cozinha.

— Mas olhe o que eu sei fazer — tragou um pouquinho de fumaça, mas o principal foi a pose de vamp que ela fez, cigarro preso entre os dedos, cabeça envolvida pelos braços. — Qual a idade dela, se você acha que ela não se importaria se eu perguntasse.

— Deixa ver — olhou para o teto —, acho que ela tem uns quarenta e um, quarenta e dois, por aí. A tia Mary Edna é bem mais velha. Deve ter uns cinquenta e qualquer coisa.

— É mais ou menos o que eu pensava que a Magnificent Eldest tinha. E Emaline vem entre as duas.

— É. Tia Emaline é mais velha que a mamãe. E a tia Hannie-Mavis é mais moça. Ainda não fez quarenta. Sei disso porque ela estava enchendo a mamãe por ela já ter passado dos quarenta.

— E a Jewel? Está entre sua mãe e a Emaline?

— Não, tia Jewel é a caçula. Ela veio um pouco antes do Cole; uns dois anos, mais ou menos.

— A Jewel? Tem certeza?

— Tenho. Ela não é tão velha assim. Eu ainda era menino quando ela casou; fui eu que levei as alianças. Não lembro bem, mas eles têm aqueles retratos que

me matam de vergonha. Ainda bem que ninguém mais tira eles da gaveta desde que o tio Shel fugiu com a garçonete.

— Ah, é? Que falta de sorte.

— Puxa vida, yuk-yuk-yuk.

Ele deu um tapa na cabeça, e Lusa riu. Sentia-se alegre, talvez por causa da nicotina, mas também por causa da conversa, que a deixava impulsiva. A última vez em que conversara com um rapaz de 17 anos ela provavelmente estava no banco traseiro de um carro.

Ela ficou mais séria ao pensar em Jewel. Não a respeito da fuga de Shel; ela ter 30 e aparentar 50 anos.

— *Pensei* que ela fosse mesmo a mais nova. Mas de uns tempos para cá comecei a achar que ela parece ser mais velha.

— Ela é a filha mais nova. Minha mãe e as outras sempre tiveram ciúme dela, por causa do Cole. Ele era o favorito de todo mundo, não é? E ele e a Jewel eram amigos inseparáveis.

— Ah — disse Lusa, pensativa — e então eu apareci. E todos ficaram com raiva de mim.

— Mas ninguém tem raiva da senhora, tia Lusa.

— Claro que têm. E você não precisa fingir.

Ele olhou para ela, e naquele momento pareceu mais homem que menino, como se compreendesse o que era a dor. Ela sentiu seu coração se acelerar, mas não era desejo, ou alguma espécie de amor pelo homem que um dia ele se tornaria. Sabia como ele iria ser com a namorada: doce e responsável. Provavelmente igual ao Cole dos 17 anos. Ela se apoiou na parede do celeiro, cabeça encostada nas tábuas, os dois a contemplar, através da porta, a noite que caía. Felizes por um instante apenas por estarem onde estavam. O lago estava da cor de laranjas ensanguentadas.

— Então vai ser assim — disse ele.

— Vai ser assim o quê?

— Você põe o anúncio. O povo começa a aparecer para deixar os cabritos, e eu vou ser o primeiro. Os dois que eu tenho já são seus.

— Obrigada.

— E então: o que você vai fazer com seus quinhentos cabritos?

Lusa fechou os olhos sentindo o gosto e o cheiro de cabrito assado. A última vez em que comemorara o Id-al-Fitr fora muitos anos antes, quando sua mãe ainda estava alegre e bem, era uma pessoa com quem Lusa gostava de conversar. Com quem gostava de cozinhar. Uma comemoração de inverno. Na época, o calendário muçulmano estava 11 dias atrasado em relação ao Natal. Mas agora o Id-al-Fitr seria bem perto do Natal.

Tornou a abriu os olhos.

— Rickie, você consegue inseminar um rebanho de cabras de uma vez só?

Ele ficou rubro, e ela rompeu em risadas.

— *Você não* — disse ela quando conseguiu falar —, melhor dizendo: se você tivesse um bando de cabras e também um... como é que se chama isso... um cabra macho?

— São cabras e bodes. Se forem animais de corte.

— Cabras e bodes, certo. Então, o que acontece? Não fique vermelho, Rickie!

Deu um tapa no braço dele. Ele ria igual menino.

— Estou sendo prática. Acabei de ter uma ideia. Estão chegando *duas* grandes comemorações em que o principal prato é cabrito; serão agora, no fim do ano. E isso quer dizer que o Id-al-Adha vai ser em fevereiro, março, ou início de *abril*! A mesma época da Páscoa dos católicos ortodoxos e dos judeus. Nem acredito!

Falava depressa, contando nos dedos, excitada.

— Preciso ver o calendário para ter certeza. Quanto tempo leva para se fazer um cabritinho?

— O tempo de gestação? Uns cinco meses, ou um pouquinho menos.

Ela contou nos dedos.

— Então vai ser novembro: perfeito! Mais um mês para eles engordarem. Você vai providenciar todos esses cabritinhos, você sabe como. Não fique vermelho!

Ela alisou a blusa, fez uma expressão séria e falou dando uma tonalidade grave à voz: — Nós dois somos fazendeiros, Rickie. De fazendeiro para fazendeiro, estou perguntando o que você acha. Será possível fazer um bode gerar uma porção de cabritos de uma só vez?

Rickie se dobrou, explodindo em risadas.

— Rickie, estou falando sério.

Ele passou a mão nos olhos.

— Acho que dá. A gente dá hormônios, essas coisas.

— Não, não, não. Esses cabritos são para uma comemoração religiosa. Não podem ter hormônios. Não há outro meio?

— Já tem muito tempo que eu fiz o 4-H, tia Lusa.

— Mas você sabe muito sobre criação de cabras. Como funciona?

— Eu *acho* que funciona se as cabras forem virgens e você coloca elas no campo com um bode com elas entrando todas no cio ao mesmo tempo. Não tenho certeza absoluta, mas acho que é assim. Você devia perguntar ao Mr. Walker.

— Ah, muito bom. Eu vou até um velho que nunca vi e pergunto como é a vida sexual das cabras! — ela e Rickie explodiram outra vez em risadas, fazendo a vaca mugir na baía atrás deles. Lusa tentou conter a si mesma e ao Rickie, mas teve de se agarrar ao poste para não cair.

— Tome, leve isso para longe de mim — disse ela, entregando-lhe a guimba do cigarro — antes que eu ponha fogo no meu celeiro.

Ele amassou o cigarro na sola do sapato, passou a mão pelo cabelo e esticou o corpo. Ela viu que ele olhou duas vezes para a porta aberta. Já era noite fechada, escuridão total.

— Já é hora de você ir para casa.

— É. É mesmo.

— Diga ao seu pai que, em relação ao fumo, tudo bem. Ele tem razão, era o que eu queria, não plantar fumo este ano. Agradeça a ele por me ajudar a manter meus princípios.

— Está bem.

— Agora, vá — deu-lhe um tapa na coxa com as costas da mão —, sua mãe vai achar que eu preendi você para ser meu refém.

— Não vai, não. O que eles têm é cerimônia com você, a família toda.

— Eu sei. Sou uma estranha que tomou conta da casa da família. Querem a fazenda de volta, o que eu acho certo. Todo dia, quando me levanto, penso em empacotar minhas coisas e ir embora, sem nem me despedir.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Nossa, você ia ofender muita gente.

— Talvez seja exatamente isso o que eu queira.

— Mesmo que você fosse embora, acho que a gente não ia ficar com a terra. Papai, o tio Herb e a tia Mary Edna logo iam acabar tendo de entregar para o banco.

— Era o que eu também estava pensando. As famílias perdem a terra por causa de milhões de razões diferentes. Os pais do meu pai tinham uma fazenda maravilhosa na Polônia, e a perderam por serem judeus. E os de minha mãe perderam a deles por *não* serem judeus. Não dá para entender.

— É mesmo? Que tipo de fazenda?

Ela o olhou, surpresa com o interesse dele.

— A família Maluf tinha plantações de oliveira à margem do Rio Jordão, pelo menos foi o que me disseram. Não sei os detalhes; já foi há muito tempo. Mamãe nasceu em Nova Iorque. Mas meu pai nasceu na fazenda dos pais dele, na parte central da Polônia, que dizem parecer saído de um conto de fadas. Acho que plantavam beterraba.

— Que interessante! Você vem de uma família de gente do campo.

Ele a mediu com os olhos como se de repente ela tivesse ficado mais alta ou mais velha: — Nunca imaginei.

Ela então percebeu que ele não estava interessado no histórico social dela, mas em lavouras. Ela já começara a entender esse pragmatismo e a suspeitar que, se pudesse assimilá-lo — se ela quisesse —, poderia ser parte desse lugar. Deu de ombros.

— E daí? Sou descendente de gente do campo. Não faz a menor diferença.

Ele continuou a olhar para ela.

— Você vive falando em ir embora, todo mundo diz que você vai embora, mas você fica. Tem de ter uma razão.

Ela deu um suspiro, cruzou os braços no peito e esfregou os cotovelos.

— Se existe lógica no que eu faço, juro que gostaria de saber. Sou como uma mariposa, Rickie, eu voou em espiral. Você já viu como as mariposas voam?

Apontou a cabeça para a lâmpada. Em torno dela, brilhavam hordas de pequenas asas frenéticas no arco de luz, desenhando trajetórias circulares no ar. Depois que eram notadas, elas apareciam por todos os cantos: como moléculas visíveis, pensou Lusa, que encham totalmente o espaço com suas trajetórias curvas. Rickie pareceu surpreso ao perceber que as mariposas estavam em toda parte. Ele olhou para o alto com a boca ligeiramente aberta.

— O bezerro corre assim quando não acha a mãe e fica com medo.

— Elas não estão perdidas. As mariposas não usam a vista como nós; usam o olfato. Ficam sentindo o cheiro do ar, comparando amostras de lugares diferentes, muito depressa. E assim que elas se orientam. E assim que elas chegam aonde precisam, mas levam a vida inteira para chegar lá.

— “Vá cheirar o vento”. Foi o que você disse.

— *Ru-uh shum hawa*. Exatamente. Essa sou eu. Não consigo andar em linha reta.

— E quem disse que é preciso?

— Não sei, é embaraçoso. As pessoas me observam. Estou tentando descobrir como tocar uma fazenda fazendo tudo errado. E tenho um casamento em retrospectiva, que começou pelo fim e foi recuando, em que estou conhecendo o Cole em todas as idades antes de eu o conhecer.

Ela não acreditava que Rickie estivesse entendendo, mas pelo menos ele era respeitoso. Ficaram juntos a observar a dança louca das asas prateadas no ar frio: mariposas, tortricídeas, florestais, cada uma delas ignorando as outras, a percorrer seu próprio caminho, urgente e sinceramente.

— Tia Lusa, você se preocupa demais.

— Sou viúva, tenho uma fazenda endividada, este celeiro está quase caindo sobre mim. Você tem razão. Por que me *preocupar*?

Ele riu.

— Com a família, quero dizer. Eles só têm ciúme porque o tio Cole ficou louco por você. Mas quem não ia ficar? Você é muito bonita e inteligente.

Ela virou o rosto para ele com um sorriso reprimido e tristonho, para não chorar.

— Obrigada por me dizer isso.

Ele deu de ombros.

— E olha aqui, Rickie, muito obrigada por... não sei. Por me fazer rir. Você não faz ideia da importância dessa risada.

— Está bem. Mas você vai precisar de ajuda para tocar esse negócio das cabras.

— Ah, eu estava só sonhando. É o desespero.

— Mas você estava pensando em quê? Conta.

De repente, ele era um igual, um sujeito sério e atencioso. Ela viu nele um pouco do velho Cole que havia conhecido: não nos olhos, que eram escuros, mas na seriedade do rosto.

— Bem eu estava pensando: conheço um açougueiro em Nova Iorque, o Abdel Sahadi, que é primo de minha mãe. Ele vende... eu nem sei, mas talvez uns mil cabritos por ano. Talvez mais.

Rickie assoviou; um assovio longo e baixo.

— Pois é. Nova Iorque. Cheia de gente, que come o tempo todo. É o que mais existe por lá. Mas os cabritos são todos vendidos no período de festas. De uma vez só. Por isso, ele não quer cabritos o ano todo. Precisa de quinhentos na mesma semana. Se for no inverno, é preciso encomendar com muita antecedência, e custa uma fortuna. Você não acredita o quanto as pessoas pagam por um cabrito alimentado a leite, na época das festas. É uma das regras gerais que não são aplicáveis nessas ocasiões.

Ele a ouvia atentamente. E ela começou a ouvir-se com mais atenção.

— Rick. Você não se importa se eu deixar de lado esse “Pequeno Rickie”, não é? Afinal, você não é tão pequeno assim.

— Claro que não. Bem que alguém podia *enterrar* esse maldito apelido.

— Muito bem, Rick. Diga-me: existe jeito de produzir cinquenta ou sessenta cabritinhos no final de dezembro? E se quatro meses depois, na primavera, for preciso arranjar o dobro disso?

Sério, ele não hesitou ao responder:

— Você entende de vermes, de cetose, gestação, essas coisas, não entende? É tudo a mesma coisa. Você já criou gado alguma vez?

Ela ergueu as sobrancelhas para ele, mas ele já estava longe, mergulhado em seus cálculos.

— Muito bem. Serão duas estações. Não podem ser as mesmas fêmeas para as duas partições.

— Certo.

— Como é a sua cerca? Uma cerca que não retém água não serve para cabritos.

Ela riu.

— Acho que não tem problema. Minha cerca é eletrificada.

— É mesmo? Isso é ótimo. Quando foi que você eletrificou?

— Nem sei mais; foi há muitos anos. Foi o Cole. A cerca dá volta em todo o pasto principal, lá no alto. O Cole teve uns problemas com umas vacas desgarradas.

— Pois isso é muito bom. Fica caro eletrificar uma cerca.

— Sei disso, ele me contou. Mas também disse que, se aparecesse alguma vaca no jardim da Mary Edna mais uma vez, ele ia perder a masculinidade.

Rick riu.

— Muito bem, minha senhora. Acho que estamos prontos. As cabras vão crescer muito bem naquele mato; não vai ser preciso ração nem feno, só um pouquinho, como forragem, depois que nevar. Mas para parir em novembro, elas vão precisar de abrigo. Se estiver muito frio, as mães terão de vir para o celeiro na hora de parir. Você vai ter de construir uns cercadinhos para elas.

Lusa olhou para o teto do celeiro, avaliando o espaço acima. A porta da galeria principal do celeiro se abria para a colina. Ela poderia mudar a cerca para dar acesso ao pasto principal.

— Se não estiver cheio de fumo, nem de feno, vai haver espaço suficiente.

— O segredo vai ser esse. Fazer elas entrarem no cio e parir logo que ficar frio. Geralmente não é assim. Para falar a verdade, nunca ouvi ninguém falar de uma coisa dessas.

— Então é por isso que o cabrito é tão caro no meio do inverno.

— Claro. Eles valem ouro para quem compra.

— Mas você acha que eu consigo?

Ele foi cauteloso:

— É possível. Acho que todo mundo no condado vai dizer que você é louca só de tentar.

— E se ninguém, além de você, eu e aquela vaca, soubesse o que eu estou planejando? E, principalmente, se ninguém souber do meu primo Abdel e dos preços em Nova Iorque?

— Nesse caso, eles vão dizer que você enlouqueceu por causa desse tanto de cabritos de estimação. Vão pensar que você é uma moça da cidade que vive com o nariz enfiado nos livros, e não tem nenhum juízo.

Ela sorriu para o aliado conspirador.
— Não é problema. Isso eles já pensam agora.

PREDADORES

Dentro de seu casulo escuro, Diana ouviu barulho de homem na cabana: porta se abrindo, botas batendo no chão para deixar a terra do lado de fora, um ruído oco de lenha que cai no chão. Em seguida, o rangido da porta do fogão e o estalo das primeiras chamas a serem de leve trazidas à vida. Logo a cabana estaria aquecida, expulsando porta afora o frio daquela manhã de junho, a ser vencido pelo sol da manhã. Ela estendeu os membros sob as cobertas, sorrindo secretamente. Levantar-se numa cabana aquecida numa manhã gelada sem ter de ir lá fora para buscar lenha era muito confortável.

Sentiu alguma coisa dura encostar na sua perna: era a aresta plástica de uma das cordas de camisinhas emendadas que ele tinha, e que se escondera no fundo da cama, retorcida como uma cadeia de DNA. Ela ficou surpresa na primeira vez em que ele elaborou aquelas vistosas correntes de borracha, feitas de elos nas cores primárias, qual uma procissão vinda de um infinito carretel de camisinhas. “Este é o meu rolo”, dissera ele, completamente à vontade, tirando-os da mochila tal como um mágico tira da manga os lenços atados. Disse que os achara numa clínica que os oferecia aos clientes. Ela não gostou da ideia de ele entrar num desses lugares para se tratar de Deus-sabe-o-quê. Não estava preocupada com a triste realidade desse homem alto, nem com o fato de ele ser um migrante sazonal em busca de trabalho ocasional, pesca de salmão, entalhe de cabos de faca, para ganhar algum dinheiro. Um macho em busca de uma cama para se abrigar, suspeitava ela. Fez tudo para expulsá-lo, o que se manifestou num acesso de raiva dentro do tronco oco de castanheira, e apesar de tudo ele ainda continuava em seu território. Saíra do Wyoming há muitos anos — com uma carabina de caça, perseguindo sua paixão, que eles não discutiam. Ele falava de muitas outras coisas, e ela engolia as histórias dele como se fossem pedaços de alimento vivo, levados ao ninho: a aurora boreal a se abrir qual fumaça de charuto, no céu do Ártico. As pétalas cor de parafina de uma flor de cacto. O Oceano Pacífico e as lagoas de maré que ela nunca havia visto, a não serem versões artificiais no aquário de Chattanooga. Ela se lembrou das

anêmonas cor-de-rosa que ondulavam naquela água. Tal como ela, quando ele a observou e os seus tentáculos sensíveis de pensamento que ondulavam em torno dela, até ele a tocar e fazê-la se retrair e se fechar como um punho de pedra. Mas ele sabia exatamente como tocá-la, como falar a ela, respirar sobre ela, fazê-la se abrir novamente. O prazer físico era uma ilusão tão convincente, e o sexo, a charada última da segurança.

A porta de metal do fogão se fechou com uma baque, e ela ouviu um ruído de uma calça a deslizar para o chão. Seu corpo formigava numa antecipação da volta dele à cama. Ela esperou, e durante um minuto não apareceu ninguém para mergulhar de cabeça naquele mundo sob os cobertores. Ela descobriu a cabeça para a luz da manhã e piscou com a claridade. A manhã já ia alta. O sol era um retângulo ofuscante na janela, onde a silhueta de um homem nu dançava, batendo com as duas mãos numa bruxa assustada.

— Ei, ei, cuidado! — gritou, e ele se voltou para ela. Não viu que expressão ele tinha, pois a luz vinha de trás, mas ela já conhecia aquele rosto e sua sinceridade.

— Não quero matá-lo, só quero colocar esse bicho para fora. Um intrometido, que quer ver você nua.

Ela se sentou e tentou ver melhor as asas desesperadas batendo contra a vidraça: — É uma fêmea. E está olhando para você.

— Calma — disse ele, tentando prender a bruxa entre as mãos —, veja como está apavorada: ela nunca viu tamanha exibição de masculinidade em sua vida.

— Não faça isso.

Diana afastou a pesada pilha de cobertores e pôs os pés no chão frio. O forno à lenha irradiava um campo tangível de calor, que seu corpo atravessou ao chegar até a janela: — É melhor não tocar: as escamas das asas dela se soltam fácil.

— E isso é tão horrível assim?

— Para a bruxa, é. Acho que se ela perder as asas pode morrer.

Ele deu um passo para atrás, em deferência a essa grave afirmação: — Isso é uma verdade científica?

Ela sorriu.

— Meu pai me contou, portanto deve ser verdade.

Com a mão em concha, tentou levar a bruxa para longe da janela:

— Que chato, ô bichinho de asas: bem que eu podia abrir a janela para você, mas você escolheu a única que não abre.

— E quem é o seu pai, um cientista pesquisador de bruxas ou coisa assim?

— Não ria, mas existem cientistas que fazem pesquisas sobre as bruxas. Conheci um deles no curso de pós-graduação.

Ela tentava guiar a bruxa até a janela sobre a cama, mas não conseguia: o bichinho insistia em se projetar para o leste como se fosse um fiel que se volta para Meca.

— Talvez ela vá para a outra janela se a gente fechar a cortina.

— Pode ser.

Ela puxou cuidadosamente a cortina de algodão branco, entre a bruxa e o vidro, mas logo viu que não ia funcionar.

— Ela ainda está vendo a luz — disse ele.

Ele acreditou quando Diana afirmou ser uma fêmea, e ela ficou comovida.

— Na verdade, não consigo identificar o sexo de uma bruxa, eu estava blefando. E não, meu pai não era cientista. Mas poderia ter sido. Era fazendeiro, mas era...

A bruxa pousou sobre a cortina e ficou imóvel. Era uma criatura maravilhosa, com asas preto e branco, desenhadas de formas geométricas. O verso das asas, de um vermelho vivo, e um corpo gordo e branco com pontos negros, que lembravam os olhos de carvão dos bonecos de neve. Nenhum olho humano havia visto uma bruxa como essa; nenhum deles veria os amigos dela. Tantos são os detalhes, que se perdem no mundo.

— Não sou capaz sequer de descrever o meu pai — concluiu ela —; se você passar cem anos no Condado de Zabulon estudando todas as plantas e animais que vivem nas matas e nos campos ainda saberia menos do que ele sabia quando morreu.

— Ele é o seu herói. Estou com ciúme.

— Era mesmo. Ele tinha teorias para explicar tudo. Costumava dizer: “Repare na cia azul, parece ter vindo de um mundo onde as cores são mais brilhantes. E repare na fêmea: é marrom, cor de lama. Como você explica isso?”. E eu dizia alguma coisa boba, por exemplo, que talvez nas cias azuis os homens sejam mais vaidosos que as mulheres. E ele dizia: “Pois eu acho que é porque ela tem de chocar os ovos, e se as cores fossem brilhantes, o ninho chamaria a atenção”.

— E o que sua mãe dizia disso tudo?

— Ai! — gritou Diana, assustando-se com a sombra escura de um ratinho que pulou de trás de uma pilha de lenha e correu praticamente sobre os pés dos dois até um buraco entre a parede de madeira e o soalho.

— Merda — riu —, detesto eles porque sempre me fazem gritar igual a uma menina.

Mas ela notou que Eddie Bondo também tinha dado um pulo.

— Sua mãe dizia “ai”?

— Minha mãe não dizia muita coisa. Principalmente porque já havia morrido.

Diana apertou os olhos e examinou o buraco por onde o camundongo tinha desaparecido. Há dois anos ela vinha tapando esses buracos com folha de alumínio. Mas já aprendera que a aparição de um rato detona uma guerra que não se pode ganhar.

Percebeu que Eddie olhava para ela, esperando o final da história.

— Ora, a morte de minha mãe não foi uma tragédia. Para meu pai, foi com certeza, mas nem me lembro dela, eu era muito pequena.

Diana abriu as mãos, incapaz de descrever o buraco que esse acontecimento havia deixado na sua vida.

— Ninguém me ensinou a me comportar como uma dama, essa foi a grande tragédia. Mas veja, ela é uma ela mesmo.

Diana apontou a bruxa que apertava a ponta do abdome contra a cortina, numa aparente tentativa de pôr ovos.

— Minha mãe também morreu, mas foi há muito tempo — disse ele enquanto os dois observavam a bruxa — acho que isso acontece. E meu pai se casou de novo, depois de, sei lá, uns quinze minutos.

Diana não conseguia entender esse desapego à família.

— Mas pelo menos você se dava bem com ela?

Ele deu uma risada estranha.

— Ela poderia se virar melhor sem *mim*. Tinha seus próprios filhos, o que criava o problema de saber quem ia ficar com a fazenda. Aquela história feia de existir a meia-irmã, sabe como é.

Diana não sabia.

— Meu pai nunca se casou de novo.

— Não? Então era só você e ele?

Ela se perguntou se realmente queria contar tudo isso a ele.

— É. Geralmente, só eu e ele. Ele tinha uma amiga, mas isso foi muitos anos depois. Os dois nunca moraram juntos, cada um tinha uma fazenda para tocar, mas ela foi boa para mim. É uma mulher notável. Só há pouco tempo me dei conta do inferno por que ela passou. No fim, meu pai era um problema nas mãos dela. E ela também tinha uma filha, com síndrome de Down e um defeito incurável no coração. Era minha meia-irmã.

Eddie Bondo pôs as mãos nos ombros de Diana e a beijou.

— Essa é você, não é?

Ela passou a mão pelo cabelo dele, agora cortado com mais capricho — menos corvo e mais arminho. Na terça-feira, seu dia de mortificação depois de tê-lo atacado no tronco de castanheira, ela se deixara convencer por ele a fazer

muitas coisas, inclusive cortar os cabelos dele com uma tesoura pequena. Era um cabelo surpreendentemente grosso, parecendo o pelo de algum animal do norte, desses que precisam de isolamento térmico. O prazer tátil de passar uma hora na varanda a correr as mãos pelos cabelos dele criou uma nova intimidade entre os dois. Mais tarde, ficaram a observar em silêncio um casal de chapins que catava os cabelos no chão para forrar o ninho.

— Eu? Não — disse ela, sem entender bem o que ele queria dizer —, minha meia-irmã. Chamava-se Rachel.

— Melhor dizendo: de quem você é. Você está me contando um pedaço da sua vida.

Ela olhou dentro dos olhos dele, notando que eles fixavam ora uma de suas pupilas ora outra, iam e voltavam. Estavam muito próximos.

— A nossa cama está esfriando — sussurrou ele.

— Não acredito.

Então, o fogo deu um estalo igual a um tiro, assustando os dois tal como o camundongo fez, e eles riram alto. Eddie Bondo correu para a cama e se enfiou debaixo dos cobertores, gritando que havia sido descoberto pela patrulha. Ela o empurrava ao lado da cama, lutando para ele abrir espaço: — Eu denunciei você ao Serviço Florestal. Afastar um guarda-florestal de seus deveres é crime para pena capital, nestas montanhas.

— Então eu quero a minha última refeição.

Jogou as cobertas para o lado e se revelou, solene e deitado de costas. Ela o atacou e tentou prendê-lo, mas ele era forte e parecia conhecer bem os movimentos de luta livre. Apesar de ela ser maior e ter membros mais longos, ele era capaz de dominá-la com um braço nas costas. Em menos de um minuto ela estava imobilizada, e ria enquanto ele montava nela.

— O que é isso, Bondo? Uma técnica diferente de controlar ovelhas?

— Exatamente agarrou uma mecha grossa dos cabelos dela — e agora vou tosquiá-lo.

Mas ele beijou-lhe a testa, e depois cada uma das costelas, até deitar a cabeça na sua cintura. Mas ela o puxou para o travesseiro a seu lado. Tinha de olhar para ele.

— Muito bem. Você foi salvo. Resolvi adiar sua execução.

— Governadora, sou seu escravo.

Ela queria brincar, mas não estava com a disposição adequada. Falar sobre a Nannie e a Rachel trouxera as duas para dentro da cabana. E também seu pai — especialmente ele. O que ele teria achado de Eddie Bondo?

— Eu falei sobre mim, agora você tem de me dizer alguma coisa sobre você. Ele desviou o olhar:

— Posso escolher sobre o quê? Ou você é que escolhe?

— Eu escolho.

— Uma coisa séria?

— Para mim, é.

Ele rolou e ficou deitado de costas e os dois olharam para o teto, com caibros tortos e marcados por túneis feitos pelos besouros. Diana pensou nas árvores que eles foram, há muito tempo. Sofreram mais em vida que depois da morte. Ouviu-se um barulho de algo arranhando as telhas.

— O que existe lá em cima? — perguntou ele.

— Acima desses caibros, são placas de cedro; provavelmente podres. Está vendo os pregos? E por cima de tudo, folha de flandres.

— Não, não: estou falando é desse barulho.

— Uns camundongos, com toda a certeza.

— Como aquele que fez você gritar igual a uma menina?

Ela apertou os olhos.

— Diferente. Um dos inúmeros amigos e parentes que ele tem.

Os dois olharam durante um minuto para o teto, olhos a seguir o barulho à medida que subia para o topo do telhado. Diana achou que o movimento era lento demais para ser de um camundongo e pensou em outras possibilidades.

— Quem construiu esta cabana? — perguntou ele.

— Um sujeito chamado Garnett, ou um nome parecido com esse, e sobrenome Walker. Eles eram de uma linhagem, todos com o mesmo nome. Uma espécie de barões da terra desta região, há uns cem anos.

— E era este o luxuoso palácio do barão?

— Claro que não. Devia ser o escritório de uma das mais de cem áreas de exploração. Ele e os filhos desmataram estas montanhas. E esta foi provavelmente uma das últimas áreas; a cabana deve ter sido construída lá pela década de trinta. A julgar pelo estado da madeira.

— Que madeira é esta, carvalho?

— Castanheira. Quando perceberam que as castanheiras estavam morrendo, o povo correu e cortou todas as que sobraram, até as mortas que ainda não tinham caído.

Ele passou a examinar a construção mais minuciosamente.

— É por isso que os caibros são tortos e pequenos?

— É. Madeira morta, ou quem sabe os galhos mais altos de uma árvore enorme, que eles usaram como madeira de construção.

Ela se virou para ele:

— O que eu estou querendo dizer é que eles perceberam que as castanheiras estavam condenadas à extinção. Então o que fizeram? Correram até aqui e

derrubaram todas as que ainda estavam vivas.

Ele pensou por uns instantes, e disse:

— Mas elas iam morrer de qualquer jeito: acho que foi isso que eles pensaram.

— Mas nem todas morreriam. Algumas das últimas castanheiras estavam de pé porque não estavam doentes. E elas poderiam sobreviver à praga.

— Você acha?

— Tenho certeza. Há gente que estuda esse assunto. Toda espécie tem extremos, pequenos bolsões de resistência genética que lhe dão uma chance maior de sobrevivência. Algumas teriam sobrevivido.

Ela acompanhou os olhos deles que esmiuçavam os caibros retorcidos enquanto avaliava o que ela tinha acabado de dizer. Era isso que sempre a surpreendia: Eddie Bondo prestava atenção em tudo. A maioria dos homens que ela conhecera agiam como se já soubessem tudo o que ela sabia. E não sabiam.

— E se algumas tivessem mesmo sobrevivido, quantos anos elas viveriam?

— Talvez uns cem anos, quem sabe? Tempo suficiente para espalhar sementes. E algumas viveram; talvez umas cinco ou seis em cada condado, escondidas no fundo dos vales, mas poucas para polinizar umas às outras. Se mais algumas sobrevivessem, elas teriam reflorestado estas montanhas, mas ninguém pensou nessa possibilidade. Ninguém. Cortaram as últimas a poder de machado.

Ele se virou para encarar Diana.

— E é por isso que você veio morar sozinha aqui no alto, não é? Você não suporta as pessoas em geral.

Ao ouvir essa afirmação, ela refletiu; e sentiu que era uma profunda verdade.

— Não *quero* me sentir desse jeito — respondeu passado um momento —, há pessoas de quem eu gosto. Mas há muitas outras formas de vida que eu também amo. E as pessoas agem de uma maneira odiosa com todas as espécies que não a delas.

Ele não respondeu. Será que ele estava tomando como pessoal o julgamento dela? Ela pensara em gente que recusava a se incomodar por causa de um peixe, ou planta, ou coruja, ameaçados de extinção, e não pensara especificamente nos matadores de coiotes. Forçou-se a pronunciar as palavras que se seguiram, sabendo que cada uma delas teria um custo: — Você disse que eu poderia perguntar o que quisesse, e agora eu pergunto.

— O quê?

— Você sabe.

Ele piscou, mas não falou. Alguma coisa nos olhos dele se afastou dela.

— O que trouxe você para estas montanhas?

Ele olhou para o outro lado.

— Um ônibus da Greyhound.

— Eu tenho de saber. Qual a presa dessa caçada?

Ele não respondeu.

— Só me diga se a resposta é não. É só que eu quero.

Ele continuou mudo.

— Meu Deus — ela soltou um longo suspiro —, não estou surpresa. Eu sabia. Mas eu nunca, mas nunca mesmo vou entender você.

— Nem eu espero isso de você.

Não, ele não esperava, mas ela era incapaz de não tentar, se fosse possível. Mas aqui estava ele, nu ao lado dela, mão esquerda sobre o coração dela. Como ela poderia não querer saber quem ele era? Macho e fêmea de mundos diferentes, como a cia azul e sua fêmea? Será que por dentro ela não passava de uma fêmea cor de lama? Logo *ela*, que sempre teve a certeza de levar uma vida azul-brilhante?

— De onde vem isso? Não consigo entender essa paixão capaz de matar uma coisa viva.

— Não é uma coisa viva. É um inimigo.

— Diga a verdade. Quantas vezes você já viu ovelhas mortas por coiotes?

— O suficiente.

— Cem?

— Na fazenda de minha família? Não. Se perdesse cem delas, um homem iria à ruína, mesmo que elas fossem mortas num período de quatro ou cinco anos.

— Quantas foram na fazenda de sua família, durante toda a sua vida? Cinquenta, uma dúzia?

Ele ainda olhava para os caibros do telhado.

— Talvez uma dúzia. Temos cães pastores, temos boas cercas, mas mesmo assim... Talvez uma dúzia. Nem sempre se sabe o que pegou uma ovelha, se ela for muito nova e o que a pegou não deixar uns restos.

— Então em um ou em todos esses casos, poderia ter sido qualquer coisa: o cachorro do vizinho, uma coruja, uma águia da cabeça branca?

Eddie Bondo fez uma careta, sem concordar nem discordar.

— É fácil pôr a culpa num coiote. Ninguém gosta deles; eles não pertencem a ninguém, só a si mesmos. Então é fácil meter uma bala neles.

Ele se virou para ela, apoiando-se no cotovelo.

— O que você não entende é que criar gado não é igual a ter uma lavoura. Não é uma proposição vegetariana.

Ela balançou a cabeça, mas nada disse, começando a sentir que se afastava no seu próprio caminho. O que havia no Velho Oeste, com aquela história de caubóis em que todo mundo gostava de acreditar? Com homens valorizavam quem era *durão*. Ela pensou no pai, de fala macia, cuja fina linha numa boca pálida parecia um punho cerrado quando operava o castrador e ela segurava a cabeça do bezerro que berrava. Ele na tarefa de castrar os tourinhos.

A bruxa na janela ficou agitada outra vez, batendo as asas contra a cortina e a luz externa que havia atrás dela. Ele viu o olhar dela e se levantou para espantá-la delicadamente.

— Milagre dos milagres, e pensar que estou na cama com uma amante de animais.

Surpresa, ela olhou para ele. Ah, se ele soubesse que ela acabava de pensar em castração. Estava muito incomodada com a ideia de que ele já a considerava sua. Abriu a boca, fechou-a, e depois tornou a abrir, ainda assustada com o que ia dizer.

— Vou lhe dizer uma coisa: se um gato do mato aparecesse por aqui, vindo de uma fazenda qualquer, e começasse a destruir ninhos e a parir ninhadas no meio do mato, eu o caçaria e o afogaria no rio.

Ele fez uma cara de desapontamento exagerado.

— Mentira.

— Talvez eu o caçasse: eu teria vontade de caçar.

— Por quê?

— Porque aqui não é lugar de gatos. São animais falsos, tão intrusos como a praga da castanheira. E tão destrutivos quanto ela.

— Mas não um homem-gato — sentenciou ele, com a segurança de estar com a razão.

— Quando criança, eu tinha gatos. Mas as pessoas não se importam com eles, e eles procriam nos celeiros, e caçam nas matas, mas não têm a menor ideia do que podem caçar. Não são predadores naturais, a não ser, talvez, num celeiro. Na mata, eles são como uma bomba incendiária. Eles conseguem destruir um habitat rapidamente, em um ano até, porque não têm um predador natural. Se ainda existissem lobos vermelhos por aqui, a gente poderia ter alguma defesa contra gatos desgarrados. Mas os lobos foram extintos.

“Tal como foi com os coiotes”, pensou ela.

Ele contemplou essa nova Diana, assassina potencial de gatos vira-latas. Ela o encarou por um momento; então, virou-se de bruços, apoiou-se nos cotovelos, e enrolou as pontas dos cabelos, fazendo com eles uma espécie de pincel com que pintava a palma da outra mão.

— Não amo os animais como *indivíduos*, acho que posso me expressar assim. Eu os amo na qualidade de espécies. Sinto que eles devem ter o direito de continuar com seus próprios hábitos. Se aparecer um gato por causa de um desleixo humano, é possível remediar isso tirando uma vida, ou então ignorar o problema e deixar o erro persistir.

— E que dano um gato pode causar?

— Você não acreditaria se eu lhe mostrasse a lista das espécies que desapareceram por causa da displicência das pessoas em relação aos gatos. Especialmente os pássaros que fazem ninho no chão.

— E não é culpa dos gatinhos.

— Não — respondeu ela, achando graça naquele caçador advogado dos gatinhos —, nem é dos gatos a ideia de que tudo o que seja vida, inclusive a dele próprio, é sagrada. É uma ideia humana, e eu a aceito para a humanidade. Mas é uma espécie estranha de religião querer impô-la a outros animais, que já têm suas próprias regras. A maioria dos animais é tão racista quanto Hitler, e muitos deles praticam o infanticídio. Como os gatos — e os leões. E também muitos primatas.

— É?

— É. E eu defendo o seu direito de continuar matando os filhotes na natureza, se esse for o seu costume, sem serem incomodados pelos humanos. Esse é o tipo de amante de animais que eu sou.

Ele ergueu as sobrancelhas e anuiu com a cabeça.

— Não é o que você imaginava, é?

— Ora, agora eu até acho que você vai caçar comigo.

Ela rolou e se deitou de costas.

— Nem pense nisso: eu nunca mataria um animal só para me divertir. Para comer, talvez: se estiver com fome. Mas eu nunca seria um predador.

— Então a gente pode matar um veado, mas um lobo não? Os herbívoros são menos importantes que os carnívoros?

Ela pensou um pouco.

— Não são menos *importantes*. Mas os herbívoros tendem a ter uma vida mais curta, e se reproduzem mais depressa; foram projetados para se expandir. Se ninguém os comer, eles viram uma superpopulação.

Ele se deitou de costas ao lado dela, satisfeito com o andamento da conversa.

— Claro. É o que acontece com os coelhos. Mas é complicado. Lá no norte, o lince varia em ciclos. A cada dez anos eles viram uma multidão, e depois desaparecem.

— Mais uma razão pra deixá-los em paz — ela insistiu. — Há algo acontecendo com o qual você não deveria mexer. Talvez haja uma praga no

Ártico.

Ela tentou adivinhar se ele já tinha visto algum lince. Provavelmente, ela nunca veria um.

— Sei o que você quer dizer. Já foram muito castigados.

— E como são eles, os lincos?

Ela tentou não parecer uma menina com ciúme.

— Ah, querida, é um gato que você ia amar. É igualzinho a você.

— Como assim?

Ele sorriu ao se lembrar.

— Cerca de três partes de raiva com quatro partes de orgulho. São lindos. Se você encontra um preso numa armadilha e solta, ele não sai correndo, nada disso. Ele fica ali, olhando com raiva para você, e depois se vira e sai andando bem devagar.

Ela conseguiu ver a imagem.

— E você não percebe? É pecado matar um predador natural.

— Você tem suas regras, eu tenho as minhas.

Ela se sentou para olhar para ele.

— Certo. Mas também há o *mundo*, que também tem regras que ninguém consegue mudar. É isso que está errado nas pessoas: elas não veem *essa* verdade.

— E qual a regra do mundo que diz que é pecado matar um predador?

— Uma matemática elementar, Eddie Bondo, dentro do que você conhece. Um mosquito satisfaz um morcego durante, digamos, uns quinze segundos antes de ele começar a procurar outro? Mas um morcego come uns duzentos mosquitos por noite. Imagine agora onde está a regra de ouro neste caso? Qual dos dois tem maior influência na vida do outro?

— Está bem. Calma.

— Calma você. Não fui eu quem criou os princípios da ecologia. Se você não gosta deles, vá morar em outro planeta.

Estou fazendo o possível para mandar esse cara embora, pensou ela. Mas ela não conseguia mais se conter. Precisava dessa conversa.

— Ótimo. Mas se eu sou um criador de mosquitos, tenho o direito de matar os morcegos da minha fazenda.

Ela se recostou no travesseiro.

— O que você pensa dos coiotes não faz o menor sentido. Eles são muito mais importantes para suas presas naturais do que os animais domésticos. Aposto que nunca houve um fazendeiro americano que tenha perdido tudo por causa de coiotes.

— É, talvez nenhum deles tenha *falido*.

— Acho que é puro medo. Um bando de criadores machões com medo de uma sombra.

— Você não faz ideia de como é difícil manter uma criação.

— Não consigo imaginar você tomando conta de carneiros, Eddie. Acho que não lhe posso dar crédito nessa questão.

— Um dia eu vou herdar mil e quinhentos acres.

Ele não pareceu muito certo disso, e ela imaginou as relações de parentesco ocultas naquela afirmação, que medos e que expectativas, o quanto lhe estava custando guardar seu lugar naquela família. Como filha de um fazendeiro que perdeu tudo, ela não sentia tanta simpatia.

— Muito bem — disse ela —, você vai se recolher com sua mulherzinha, criar ovelhas até chegar à velhice. Seu plano é esse? Só que antes disso você vai correr o mundo e matar todos os coiotes?

Ele deu de ombros, recusando-se a aceitar a ironia.

— Ainda tenho tempo. Vou andar por aí, conhecer o mundo.

Caçar todos os coiotes, trepar com todas as mulheres, ver o mundo, pensou: a estratégia da adolescência prolongada. Mas não era justo; ele também era bom. Havia trabalhado. Trabalhara bastante nessa manhã para prover o ninho dela, trazendo braçadas de lenha como se fossem buquês. Tentou esquecer a tristeza que era pensar demais.

— Tenho de reconhecer que você foi fiel à sua escola, dispondo-se a percorrer grandes distâncias para tornar o mundo mais seguro para as ovelhas do Wyoming.

— Você zomba, mas não sabe de nada. Criar ovelhas é um trabalho que só pode ser feito quando se consegue toda a ajuda necessária. A gente fica o tempo todo à beira da ruína.

— E *o que* eu não sei? Desça a montanha e você chega à cerca de uma lavoura. A partir daí você não anda nem para a direita nem para a esquerda sem topar com uma família que perdeu tudo por azar, mau tempo, praga da castanheira, mudança, crise econômica, lobby contra o fumo. Um fazendeiro que eu conheço não conseguiu se recuperar. Mas ninguém se mostra amargo. Vão todos trabalhar na Toyota e esquecem o resto.

— Não esquecem, não. Acontece que eles não têm um inimigo que possam ver na mira telescópica do rifle.

Ela olhou para ele durante muito tempo. Pensou no pai, bebendo para esquecer a dor de ser forçado a vender a propriedade. Se pudesse atirar em alguma coisa, o que ele teria alvejado?

E enfim ela respondeu:

— Não dá para concordar com você: você não pode provar nada disso.

— Se aparecerem uns coiotes nesta região, eles serão mortos.

— Sei disso. Penso nisso o tempo todo.

— E eles estão aqui. E você sabe onde eles estão.

Ela tornou a encarar os olhos claros dele.

— E é por isso que você está comigo? Está atrás de informações?

Os olhos verdes escureceram, numa breve revelação de uma tempestade sob a superfície.

— Se é isso que você está pensando, vou pegar minhas botas e ir embora imediatamente.

— Não sei se é isso que eu estou pensando. Não sei mais o que pensar desde que você apareceu por aqui. Mas se é o que você quer, então é melhor ir mesmo embora.

— Se eu estivesse atrás disso, eu seria um idiota. Sei que há coiotes entocados aqui, em algum lugar onde eu não consigo enfiar uma bala em cada um deles, e você não vai me dar a menor pista, nem por amor nem por dinheiro.

— É isso mesmo.

— Diana, e você não acha que eu já sabia disso?

— Se eu confiasse em você, poderia lhe mostrar onde eles estão. Mas não confio. Não dessa forma. Minha confiança não vai a esse ponto.

— Você já me disse isto. No primeiro dia, lá na montanha, quando encontrei você seguindo o puma. Você me disse quais eram as suas condições, e eu aceitei.

— Eu disse?

— Disse.

— Então, o que você está fazendo aqui?

— Tomando café na cama. Tentando pegar uma borboleta sem ferir nenhuma escama.

Ela examinou o belo rosto dele e os primorosos planos de seu corpo, e desejou enxergar dentro dele para ver a mistura de amor e raiva e mentira que se escondia lá dentro, e em que proporções.

— Qual é a sua idade?

Ele pareceu surpreso.

— Vinte e oito. Por quê? Qual a sua?

Ela hesitou, surpresa consigo mesma. Sentou-se e se enrolou nas cobertas. Era a primeira vez que ela se sentia mal ao admitir a própria idade. Quase vinte anos mais que esse homem. Não tinha o menor sentido.

— Não quero dizer.

— Ora, menina, *esquece*. Olhe para você. Para ajustar tão bem uma máquina, é preciso mais do que trinta anos.

— Bem mais que trinta. Mais de quarenta.

— É mesmo?

— É. É mesmo.

Pensou ter visto um brilho de surpresa, mas ele disfarçou bem.

— Então você tem noventa e sete anos. Você é minha avó. Vem, vovó, vou acabar com o seu reumatismo.

Quando ele a puxou para si, o fogo crepitou mais uma vez, um alaranjado brilhante surgiu na portinhola redonda do fogão. Ela via o fogo refletido nos olhos dele.

— Vou lhe dizer uma coisa — disse ela, olhos nos olhos — você sabe rastrear, mas eu sou melhor. Se você encontrar um filhote de coio e matá-lo, eu meto uma bala na sua perna. Acidentalmente.

— Verdade?

Ela sabia que não era, mas ele talvez não.

— Com toda a certeza. Se for preciso, sou capaz até de seguir você durante muitos dias. Estou falando é desse tipo de acidente.

— Na perna? E por que não entre os olhos?

— Não.

Ele sorriu e se afastou dela, deitando-se de costas, e prendeu as mãos atrás da cabeça.

— Muito bem. Estou avisado.

— Está avisado.

Ela saiu da cama, tremendo por causa do esforço de ser tão dura. Passou o longo lençol de flanela sobre a cabeça e o deixou cair sobre o corpo como se fosse um casulo. Pegou um copo de plástico de boca bem larga no armário da cozinha e um envelope na pilha de papéis da sua mesa. Examinou-o: uma antiga carta de Nannie Rawley, a única pessoa que ainda escrevia para ela. Foi até a janela e puxou com cuidado a cortina, fazendo a bruxa voltar a atacar freneticamente o vidro. Sobre a cortina ela tinha deixado duas fileiras de ovos minúsculos, tão certinhas como uma costura dupla. Diana se entristeceu ao ver esse último e desesperado esforço de sobrevivência. Lera que as bruxas fêmeas se acasalavam com muitos machos diferentes, e guardavam o esperma de cada um em pacotes separados, e então, por meio de um mecanismo ainda desconhecido, depois de todos terem partido, escolhia entre os rapazes — na verdade decidindo qual esperma iria fertilizar os ovos que ia pôr. Diana estudou o cuidadoso trabalho dessa bruxa sobre a cortina. Talvez ela ainda tivesse a esperança de encontrar o macho perfeito que devia estar lá fora. Mas agora já era tarde.

— Coitadinha — disse baixinho —, pode parar de bater a cabeça, você merece a liberdade.

Colocou cuidadosamente o copo sobre a bruxa e enfiou o envelope entre o copo e o vidro. Presa, a bruxa bateu contra o plástico duro, mas não eram mãos humanas e ela não perdeu escamas. Diana enfiou os pés nas botas desamarradas e foi até a porta, que abriu com o cotovelo, sentindo os olhos de Eddie Bondo sobre ela. Será que ele a via realmente como um lince? Ela não se sentia nem tão elegante nem tão autossuficiente. Ele conseguia fazê-la falar demais.

O dia estava maravilhoso. Já era verão. Essas manhãs frias logo iam desaparecer, dissolvidas no calor da estação da reprodução. Aspirou: até o cheiro do ar lembrava êxtase sexual. Musgos e samambaias liberavam seus esporos no ar. Os pássaros apertavam ovos fertilizados nas áreas sem penas de seu peito: filhotes de coiotes, onde quer que estivessem, saíam para as primeiras lições de vida. Diana parou na beirada da varanda e levantou o papel da boca do copo, deu uma sacudidela para soltar a bruxa. Ela tropeçou, se debateu no ar claro, depois deu uma volta, e voou desajeitada para o alto, agarrando-se à repentina liberdade.

Um passarinho se lançou do beiral e agarrou a bruxa no bico. Voando rápido, ele tornou a desaparecer, levando comida para seus filhotes.

VELHAS CASTANHEIRAS

Prezada Miss Rawley,

Fiquei enormemente abalado por uma suspeita que me ocorreu na última sexta-feira, 8 de junho, na Loja de Ferragens Little Brothers. Ouvi acidentalmente (apesar de não desejar, a conversa era claramente audível) suas observações para os irmãos, sobre um “snapper”. Não sei se a conversa se referia a um cortador de grama, pois que essa é uma marca muito conhecida nesta região, e que é vendida pela Irmãos Little. Ou seria possível que estivessem conversando sobre um incidente que só era conhecido por nós dois, que envolvia uma tartaruga snapper?

Escrevo para lhe fazer esta pergunta, Miss Rawley, não porque isso seja uma questão de grande importância para mim, mas porque, atendendo ao conselho do Senhor, sinto ser meu dever lhe informar que expor ao ridículo o nome de um vizinho que em todos esses anos tem despendido grande esforço para servir com sabedoria e dignidade o seu país (como professor de agricultura vocacional durante 21 anos e conselheiro do 4-H por mais de dez anos), perante nosso Senhor, é um pecado de suma gravidade para qualquer alma.

*Atenciosamente
Garnett S. Walker III*

PS. Com relação à questão de se liberar os “lagartos” vendidos na loja de iscas Grandes, com a justificativa de pertencerem a espécies que estão desaparecendo desta região, depois de dar ao assunto profunda consideração, proponho três perguntas:

1 — Nós, humanos, devemos nos considerar apenas mais uma espécie entre tantas outras, como a senhorita sempre insiste em nossas discussões sobre como uma pessoa poderia viver em “harmonia” com a “natureza” evitando, ao mesmo tempo, que os besouros japoneses destruam completamente suas árvores? A senhorita acredita que um ser humano não tem autoridade especial de nenhuma espécie neste mundo além da que é conferida a um besouro japonês ou a uma salamandra? Se isso é verdade, por que temos o dever de libertar as salamandras,

se elas não são obrigadas a nadar até a Penitenciária Estadual de Marion e libertar todos os condenados lá detidos?

2 — Ou devemos nos considerar os guardiões da Terra, como foi determinado por Deus no Gênesis 1: 27-30: “E Deus criou o homem à *sua* imagem;... e Deus os abençoou dizendo: “Crescei e multiplicai-vos, enchei e dominai a Terra”. E Deus disse: “Toda semente que existe na face da Terra, e toda árvore que dá fruto Eu vos dou por alimento. E a todo animal da Terra, e a toda ave do ar e a tudo em que há vida que rasteja sobre a terra” — tal como as salamandras, Miss Rawley — “Eu dou como alimento todas as plantas verdes; e assim se fez”. Se a Bíblia Sagrada merece fé, devemos ver as criaturas de Deus como um presente aos Seus filhos favoritos e usá-las para nossos próprios fins, mesmo que depois de algum tempo isso leve à extinção de uma ou outra espécie.

3 — Quem vai se importar com a extinção de uma ou duas espécies dessas salamandras imundas?

Simples perguntas,
GW III

Era exatamente isso, pensou. Estava *dizendo* a ela. Garnett lambeu o envelope e selou-o, sentindo-se mais satisfeito consigo mesmo do que tinha em muitos anos. Saiu pela porta da frente e desceu até a caixa de correio, assobiando “Pretty Saro”, projetando para o sabiá no silo de grãos, para que ele pudesse pegar algumas das notas de Garnett e tecê-las em seu alegre hino ao dia.

PREDADORES

— Não entendo por que as pessoas falam em *bons ventos* quando querem falar de boa sorte — perguntou Eddie Bondo revelando o traço irritadiço de sua personalidade que ela ainda não conhecia.

Era uma pergunta válida. Ela parou para cocar a nuca. Estavam lutando para atravessar um labirinto de árvores caídas, e agora os mosquitos os haviam encontrado. Diana tinha feito uma escolha infeliz numa manhã que tinha tudo para ser perfeita, e lá estavam eles, subindo tediosamente através do labirinto horizontal criado pelo temporal. Pareceu a ela que um pinheiro enorme no alto da montanha, atingido por um raio, havia arrastado todas as árvores encosta abaixo. Como havia escolhido o caminho, ela ainda tentava fingir que tudo aquilo era divertido.

— O vento seria bom para quem estivesse planejando derrubar e aparelhar todas as árvores desta encosta.

— Não é o meu caso.

Saíram essa manhã em busca de *molly-moochers*, como o povo da região os chamava. Ele riu desse estranho par de palavras (como havia rido de outras expressões sulistas que ela usava), mas ficou interessado quando ela explicou o que eram. Cogumelos comestíveis eram pouco mais que uma lenda nas montanhas áridas do Oeste, mas aqui eles eram uma realidade, e ele queria sentir aquele novo gosto. Ela estava alegre por poder ajudá-lo a procurar. Oficialmente, ela não deveria colher coisa alguma dessa floresta, mas as populações de cogumelos não estavam sob risco na Floresta Nacional, e não era a época de cogumelos. Havia aprendido com o pai a procurá-los em meados de maio, quando as folhas de carvalho tinham o tamanho de orelhas de esquilo. Nem mesmo a gula de Eddie Bondo seria capaz de fazê-los aparecer na terceira semana de junho. Mas mesmo assim os dois saíram a procurar, porque era o jeito dele. Às vezes ele pegava a mochila e sumia, por algum tempo ou de vez, ela nunca tinha certeza, mas quando estava com ela, estava com ela; quando o dia começava alegre, com os dois felizes na cama, haveria uma aventura, mais uma

razão para ela ignorar as cadernetas de campo e as trilhas que deveria manter. Nesses dias eles abandonavam as trilhas e entravam pelos lugares mais recônditos da montanha, subindo ou descendo encostas tão íngremes que eram forçados a subir usando mãos e pés ou descer sentados, escorregando como num tobogã de folhas escorregadias. Descobriram bosques e clareiras que nem ela conhecia, onde veados tranquilos comiam musgo e folhas tenras.

Estavam chegando ao final do labirinto. Diana olhou através dos galhos, deu um tapa num mosquito e cocou o joelho esfolado. O dia estava quente, mas ela lamentava ter escolhido o short que estava usando. Sabia agora onde estavam: não muito longe da trilha do Ribeirão do Ovo. Deu um nó duplo na trança para não se embarçar nos galhos e avançou para o fim do labirinto tedioso.

Ao emergirem das agulhas dos pinheiros, assustaram um tetraz, cuja cauda cor de cobre brilhou quando o corpo gordo partiu horizontalmente com o som de motor de popa. Diana parou com a mão sobre o coração, que também batia agitado. Os tetrizes sempre produziam aquela *explosão*. Gostaria de ter encontrado galos silvestres, que marcham pelas clareiras com as penas eriçadas, inflando balões amarelos no pescoço para produzir sons profundos que se ouviam de longe. Não agora, naturalmente. No mesmo tom de suas amigas solteiras, quando se queixavam de que todos os homens que valiam a pena já estavam casados, Diana teve vontade de gemer: “Todos os melhores animais já foram extintos”.

— Existe alguma estação de caça a eles? — perguntou Eddie maravilhado com o tetraz, a irritação anterior já desaparecida sem deixar traços. Ela olhou para ele, mas não respondeu. Tetrizes não eram comuns por ali. O que ela geralmente encontrava eram bandos de peruas grugrulejando calmamente na mata, batendo na vegetação com as asas, tentando penetrar entre os galhos baixos. No dia anterior mesmo os dois tinham visto algumas. E havia também um peru grande que costumavam ver pisando duro pela estrada do Serviço Florestal, sozinho, evitando a companhia das fêmeas. Desfez os nós da trança e deixou-a cair pelas costas, tentando decidir a melhor saída dali. Eddie Bondo começou a assoviar.

— Pssssiu! — fez ela de repente. Alguém ou alguma coisa estava no meio dos pinheiros acima deles. Esperou um segundo para ver se ele se movia como homem ou como animal.

Homem.

— Oi, amigo — chamou. — Como vão as coisas?

Ele surgiu do meio dos galhos verde-escuros: alto e barrigudinho, o cabelo grisalho chegando até os ombros, uma carabina de pequeno calibre, todo

ataviado para uma batalha na floresta. Como se um veado fosse ficar impressionado com o uniforme.

Olhou para ela apertando os olhos.

— Diana Wolfe?

— Quem? — ela também o olhou com os olhos apertados. Não tinha a menor ideia de quem era. Era capaz de guardar nomes latinos e cantos dos pássaros, mas os colegas com quem frequentara o ginásio tinham todos o mesmo rosto.

— Sammy Hill — disse ele finalmente.

— Sammy, *claro* — disse ela, como se aquele nome estivesse na ponta da língua. Sammy Hill, como alguém poderia esquecer um nome desses?

— Di-a-na *Wolfe* — repetiu ele, dirigindo o prazer principalmente às suas pernas. — Me disseram que você andava por aqui. Que um urso quase te comeu.

Ele falava muito alto, talvez nervoso, talvez um pouco surdo. Muita gente perdia a audição nos tratores e roçadeiras.

— É mesmo? O povo ainda não esqueceu aquela história?

— É assim que a dona Oda Black conta. Mas eu não acredito. Uma garota que nem você passando frio sozinha aqui no alto da montanha? Você não mudou nem um pouquinho.

Sozinha. Ela olhou de lado, tentou escutar. Eddie Bondo sabia, como ninguém, desaparecer. Ótimo. Ninguém precisava saber que ele era parte dessa história.

— Nem um *pouquinho*, desde o ginásio? — perguntou com doçura. — Você quer dizer que até hoje minha única esperança de arrumar um namorado é todas as outras mulheres do condado pegarem raiva?

— Não, não. Você está entendendo errado. A gente adorava você, Diana.

— Ora, Sammy. E como eu nunca consegui notar?

Ele riu.

— É que a gente tinha medo de você.

— Então é por isso que você subiu armado até aqui?

Ele olhou desapontado para a arma.

— O quê, isso?

— Lamento muito, Sammy — disse ela parecendo realmente triste —, mas a estação de caça ao veado é no outono. E ainda é verão.

Ele olhou para ela, piscando com o esforço da inocência.

— E sabe o que mais? Lá no posto do George Tick? Ele está distribuindo calendários de caça. Você bem que poderia pegar um no caminho de volta.

Sammy deu uma risadinha, balançando a cabeça.

— Diana Wolfe. *Você, hein!* — deu mais uma risadinha. — Você continua engraçada igual no ginásio.

— Você também, Sammy — continuou a sorrir, esperando. Sabia como aquilo ia terminar. Já estava quase no fim.

Ele pareceu ter uma ideia brilhante.

— Ora, eu não estava pensando em caçar nada. Só queria ver se achava um pouco de seng. Esqueci do pagamento da pensão.

— Então — disse ela, séria —, foi bom você ter trazido a carabina. O seng costuma atacar na estação de reprodução dos animais.

Ele riu e riu, Sammy Hill. Jogou a cabeça para trás e piscou para ela, e então, de repente, ela o viu aos dezesseis anos, o corpo completamente diferente. Magro e confiante, jogando com um movimento do pulso uma bola de papel na cesta de lixo — *aquele* Sammy Hill, jogador de basquete. Tinha uma irmã presunçosa, Regina, que os colegas chamavam de Rainha da Colina.

Sammy cocou a bochecha com o punho, traindo a falta de um molar no sorriso sem jeito.

— Não. Ora, eu preciso da carabina para me defender — disse convicto. — Ursos e outros bichos. Depois que me contaram o que aconteceu com você.

— Claro, claro que eu entendo. Mas, Sammy, você enfrenta um urso com a mão amarrada nas costas. Um atleta igual a você. Você ainda dá aquelas enterradas?

Ele abriu um sorriso.

— Que nada! — disse corando sob a barbicha.

— Bem, vou lhe dar as más novas. Agora também é proibido colher seng — o governo quer que tudo volte a crescer na montanha. Sinto muito, Sammy, mas você tem de ir embora — sentia pena dessa versão pesada de Sammy, que amadureceu tão depressa e agora ficara para semente — Talvez haja seng nos fundos da terra de seu pai, lá perto do delta.

— Sabe, eu acho que tem mesmo.

— Como vai o seu pai?

— Morreu.

— Então não vai tão bem, não é?

— Nem tão mal.

— Muito bem. Foi muito bom ver você de novo. Dê um abraço em Regina por mim.

— Ora, Regina não conversa comigo, só reclama. Desde que eu bati com o carro dela. Acho que você vai ter de dar o abraço você mesma.

— Está bem — disse Diana, erguendo a mão num aceno discreto. Sammy tocou a aba do chapéu camuflado e desceu a encosta, lento e desajeitado, com a

cabeça lançada para frente como costumam andar os homens altos e barrigudinhos. Tinha de caminhar com cuidado pela encosta íngreme.

Ficou ainda algum tempo esperando que as moléculas de Eddie Bondo se reagrupassem saindo dos ramos do pinheiro e do ar úmido. Não estava atrás dela, mas um pouco acima, parado atrás de onde Sammy estivera. Percebeu primeiro o sorriso dele, como o do Gato de Cheshire.

— Quem diria, Diana — disse ele, macaqueando o sotaque e cuspidindo.

— Cuidado. Você está fazendo troça da minha língua.

— Aposto que a rapaziada toda te amava.

— Hu-hum. Mas não tanto que o amor alterasse o desprezo generalizado.

Desceu a encosta até onde ela estava, como se tivesse nascido para se mover em encostas íngremes. Homens baixos têm mais vantagens, decidiu, admirando sua graça. As costas eram mais firmes. E havia a questão dos ombros e dos quadris estreitos e o sorriso — a questão de Eddie Bondo. Sentiu um estranho orgulho interior por este macho magnífico ser seu par, pelo menos durante aquela estação.

— Que diabos é *seng*?

— Ginseng.

Começou a andar em direção à trilha do Ribeirão do Ovo, e ele a seguiu.

— Foi o que eu pensei.

— E você já viu?

— Não sei. Como é?

Ela pensou um pouco.

— Uma folha de cinco dedos, uma planta pequena, morre e se incorpora ao solo no inverno. É muito exigente quanto ao lugar onde cresce. Geralmente só crescem sob o bordo nas encostas voltadas para o norte.

— E é bom para ex-esposas?

Ela não entendeu.

— Ah, entendo, pagamento de pensão. É bom para qualquer tipo de pagamento. Mas é difícil de encontrar. Vem sendo colhido em excesso há cinco gerações.

— Daniel Boone tinha uma ex-mulher?

— Com toda a certeza. Já naquela época era fácil vendê-lo por bom preço, exportar para a China.

Caminharam em silêncio durante alguns minutos.

— Sammy Hill não estava procurando seng — disse ela.

— Não?

— Não. Se estivesse, ele ia precisar de pá e sacola, ia procurar num lugar mais alto, e ia procurar no outono, não agora.

— Não é possível encontrar seng agora?

— Eu consigo, o *Sammy* não.

Eddie estalou a língua para ela.

— Mascarada.

— Não é isso. Acontece que é fácil encontrar seng no outono, e as pessoas costumam fazer o que é mais fácil. Durante a primavera e o verão, o ginseng é uma planta muito tímida, mas quando chega outubro, ela se descuida e expõe aquelas frutinhas vermelhas e as folhas amarelas que parecem bandeiras de sinalização de obras na estrada.

Mas não disse que, quando as encontrava nessa condição, ela arrancava as folhas amarelas e as escondia no bolso para evitar que fossem descobertas pelos caçadores. Espalhava as frutinhas sob maciços vegetais, ajudando as raízes do ginseng a ocultar seus segredos. Mais tarde, quando lavava as roupas numa bacia de água escaldante, ela tirava as folhas de ginseng dos bolsos como se fossem maços de lenços de papel. Eddie a consideraria louca se soubesse. Guardar a montanha para seu uso privativo, esta era a acusação mais comum que ele lhe fazia, mas não se tratava disso. Se ninguém mais as visse, ela inclusive, não haveria problema; ela gostava da ideia de essas raízes, iguais a homens, dançarem sozinhas no seu mundo sob o solo. Gostaria que elas continuassem a existir para sempre, não por causa dos homens impotentes da China, mas por causa do ginseng.

Eddie Bondo estava curioso com relação às raízes. Quando se sentaram sobre o musgo à margem do Ribeirão do Ovo para o almoço de sardinhas e biscoitos, ela riscou na terra escura as diferentes formas que já havia visto: homem de uma perna só, de um braço só; nem sempre os desenhos eram perfeitos. Na verdade, raramente o eram.

Mas ele não olhou para as figuras que ela fizera. Olhou para ela.

— Esses caras não te assustam, não é? Você acaba com eles e os manda embora sem perder o sorriso.

Ela olhou para o homem do ginseng que continuava lá em baixo.

— O quê, Sammy Hill?

— E o melhor é que ele adorou a coisa toda. Vai chegar lá em baixo e dizer para todo mundo que topou com essa loba de cabelos longos e pernas perfeitas.

Ela não gostou de pensar no que ele iria dizer.

— Tonto não humilhar demais a masculinidade deles. Faça isso, e logo eles voltam com três ou quatro amigos e a coisa pode ficar muito feia. Mas a verdade é que eles não me assustam — deu de ombros. — Afinal, eu cresci com essas pessoas.

— Está aí uma coisa que eu não consigo imaginar: você com essas pessoas. Você dirigindo um carro, fazendo compras. Não consigo imaginar você em nenhuma outra situação que não nesta floresta.

— Acho que já estou aqui há muito tempo.

— E você não sente falta de nada?

— Se você está falando do colégio e dos Sammy Hills deste mundo, não sinto, não.

— Não estou. E você sabe do que eu estou falando.

Ela tentou decidir se sabia.

— É claro que existem pessoas com quem eu gostaria muito de passar um dia. E algumas coisas.

— Por exemplo?

— Nem sei dizer — pensou um pouco — Não carros, nem lâmpadas elétricas, nem filmes. Basta pedir que eu recebo livros. Mas passear pela biblioteca pondo a mão em livros de que nunca havia ouvido falar, é uma coisa que me faz falta. O resto, não sei. — pensou mais um pouco. — Gosto de praia. A família de meu marido tem uma casa de praia na Carolina do Norte.

— A praia não conta. Quero saber de coisas que foram inventadas.

— Então são os livros. Poemas, histórias de terror, genética populacional. Todos os quadros que o Mr. Audubon pintou.

— Que mais?

— Chocolate. E a cidra de maçã de Nannie. E o meu Collie, se não estivesse morto. Mas ele conta, bichos de estimação são invenções humanas. Fechou os olhos, tentando se lembrar do gosto de alguma coisa perdida. E música, quem sabe? E uma coisa de que eu gostava muito.

— E você tocava algum instrumento?

Ela arregalou os olhos.

— Não, mas ouvia muito. Meu pai tocava num conjunto regional, Out of the Blue. E quando vivi em Knoxville, havia um bar que a gente frequentava, música da região e country. Artistas de quem você nunca ouviu falar. Umas irmãs que às vezes tocavam lá — eram ótimas — The Dixie Chicks.

Eddie Bondo riu alto.

— É, é um nome engraçado.

— Engraçada é você. Você ficou muito tempo fora de circulação. Agora elas não tocam mais em botequins.

— Então você já ouviu falar delas?

— Eu e todo mundo que não é surdo.

Ela balançou a cabeça.

— Impressionante. Tudo muda lá em baixo.

— Tudo muda em toda parte.

Ela olhou séria para ele.

— Mas veja. Aqui as coisas não mudam tanto. Existem os grandes sucessos e os grandes fracassos, mas são muito lentos para serem percebidos em uma vida apenas — ela cruzou os braços, abraçando-se. — Acho que é disso que eu gosto: a natureza é mais segura.

Ele se dobrou e beijou-a.

— Fale um pouco mais do ginseng.

Ela voltou a se concentrar no desenho de um homenzinho atrevido e perfeito, com duas pernas e dois braços, que não precisava de ginseng para ser viril. Ele a fez deitar no chão, sobre sua obra de arte, e os dois ficaram ali, rolando à luz do sol através das folhas, deixando sua própria impressão do desejo humano. Logo estavam a caminho da cabana, sem nada na cabeça que não o próprio corpo.

Foi quando encontraram os coiotes, duas fêmeas caçando em campo aberto. Estavam a cerca de uma milha do ribeirão que desaguava no Ribeirão Amargo, um lugar onde Diana não esperava encontrá-las. Era uma clareira onde as árvores caídas haviam aberto a cobertura de folhas deixando entrar um pouco de sol sobre o chão da floresta, que agora estava coberto por um tapete vermelho de folhas novas de amora. De início ela pensou que eram cachorros, pois eram muito grandes: o pelo espesso atrás das orelhas com os huskies, e muito mais fortes que os espécimes anêmicos que vira no zoológico ou que os coiotes do oeste que havia visto em fotografias. As duas eram douradas ao sol, curvando as costas, saltando através da folhagem espessa, primeiro uma depois a outra, como um par de golfinhos rolando sobre as ondas. Caçavam alguma coisa pequena e rápida sob as folhas e o capim. Possivelmente um ratinho ou outro roedor. Não deram atenção ao par de humanos congelados na sombra. Estavam concentradas na perseguição, as orelhas viradas para a frente, como se fossem mecânicas, buscando sons imperceptíveis. Agindo como duas partes de um mesmo animal, as duas cercaram e acuraram sua presa contra um barranco de calcário, atacando-a com os longos focinhos. Diana observava enfeitiçada. Avaliou a eficiência das duas nas margens de uma lavoura a perseguir ratos e roedores que pareciam preferir. Não era de admirar que os criadores as vissem e temessem por seus animais; quem dera eles soubessem que só tinham de temer a perda dos ratos do campo. Observando as duas, ocorreu-lhe que essa técnica de caçada deveria ser até benéfica para pássaros que constroem ninhos no chão, por causa das muitas passagens que eram abertas no capim alto.

Então, sem qualquer indicação de que a caçada estava no final, a primeira saltou e ergueu a cabeça puxando de lado, agarrando o ratinho no ar como se fosse um paninho de limpeza de que ela estivesse sacudindo o pó, e desapareceu

na mata com a presa ainda a se debater entre seus dentes. A irmã parou na entrada da floresta e olhou para os dois com um olhar ameaçador.

Diana não falou durante o resto do dia. O que poderia dizer a esse homem, cujos pensamentos ela temia saber? Ela gostaria que ele tivesse percebido a beleza das duas naquela clareira ensolarada, como eram douradas e perfeitamente adaptadas à satisfação de suas próprias necessidades. Mas preferiu não perguntar. A vista das duas levou-o a se retrair para dentro de si mesmo, evitando cuidadosamente tocar ou olhar para ela enquanto observavam os animais. Depois não disse uma palavra sobre o que acabaram de ver.

Não foram para cama naquela tarde, o que antes parecia ser a intenção dos dois. O corpo dela ficou frio. Ferveu água para fazer chá, depois cozinhou arroz e reaqueceu o feijão preto do dia anterior. Ela e Eddie tinham se habituado a comer as refeições na cama, mas naquele dia ela sentou-se na única cadeira, encheu a mesa de livros, papéis e o caderno de campo que havia esquecido e escreveu enquanto comia. Eddie Bondo estava agitado, andando de um lado para o outro na varanda. O ruído mais ensurdecedor da terra era o que faz um homem que não tem o que fazer. Por que ele ainda estava ali?

Pela centésima vez ela se perguntou sobre a sua louca escolha de parceiro. A fêmea da galinha do prado copula com o macho que infla o saco amarelo e faz mais barulho. Outras fêmeas de pássaros se acasalavam com o macho que fizesse o ninho mais espalhafatoso. O que havia em Eddie Bondo que a atraía com tanta força — o passo que se ajustava ao dela, finalmente um homem capaz de acompanhá-la? Ou seria a menor estatura, depois de tantos anos sendo comandada por uma porção de professores? Mas ele era muito arrogante, autossuficiente como qualquer outro que ela já encontrara. Sob esse aspecto, ele era realmente o seu par. Só gostaria de se sentir menos como uma galinha do prado, a andar tonta pelo local de acasalamento para a grande exibição.

No fim da tarde, sem conseguir suportar mais a proximidade, ela inventou a necessidade de descer com um martelo até um bosque de pinheiros. Precisava trabalhar na ponte que cruzava o riacho naquele ponto da trilha e que havia caído em fevereiro. Ainda tinha algumas horas de luz, pois o solstício de verão já estava próximo. (Pensou consigo mesma: “será que eu deixei passar o solstício?”) Teria de desmontar a ponte, contar as pranchas irrecuperáveis e requisitar a madeira necessária para o reparo, pois o jipe do Serviço Florestal não devia demorar a trazer os suprimentos e levar a nova lista. Não pretendia solicitar acréscimo da quota de alimento, nada extra. Saiu da cabana sem uma palavra, incapaz de imaginá-lo a fazer outra coisa que não limpar a arma na sua ausência.

A ponte ficava num afluente que caía no Ribeirão Amargo, numa garganta estreita onde os ventos ascendentes carregavam o som de forma excepcionalmente boa. Às vezes, lá do alto ela ouvia sons que vinham do fundo do vale: um cachorro latindo, ou até mesmo o ruído constante dos caminhões na rodovia. Mas isso era no inverno, quando as árvores estavam nuas. Hoje, enquanto trabalhava no exame das pranchas, ela ouviu apenas o silêncio que precede as noites de verão, antes de os grilos começarem a trilar, quando os sons da floresta são separados por longos silêncios. Um esquilo zangou-se com ela, mas depois parou. Um pica-pau fazia seu trabalho em volta do tronco de um pinheiro. Eddie Bondo havia falado de alguns pica-paus que havia visto no Oeste, criaturas engraçadas que se reuniam para furar diversos buracos em troncos mortos, que depois enchiam de bolotas de carvalho, e passavam o resto de seus dias defendendo aquele estranho tesouro de ladrões da vizinhança. Como a vida às vezes perdia o sentido, como era absurdo inventar coisas para amar, simplesmente para morrer de medo de perdê-las. Ouviu o ruído metódico do pica-pau, que só parava quando o pássaro precisava arrancar pedaços da casca que caíam no chão coberto de musgo perto do riacho.

Estava arrancando as últimas pranchas da estrutura de troncos, quando ouviu alguma coisa que a fez parar e ouvir. Vozes: pareciam homens falando. Ela se levantou e prestou atenção. Caçadores.

Afastou uma mecha de cabelo do rosto, sentindo-se esgotada. Esse era, *com certeza*, o dia mais longo do ano, pois ela já estava cheia dele. A conversa indicava que havia mais de um, e nessa hora do dia, deviam estar a fim de alguma coisa estúpida como subir nas árvores e passar a noite para matarem os perus à primeira luz do dia seguinte. Suspirou e andou sobre o tronco sobre o riacho até onde havia deixado a jaqueta. Tinha de descer até lá e reunir a energia necessária para pagar para ver.

Os sons vinham de longe, talvez a uma milha. Mas eram claros e contínuos. Escutou mais um minuto os murmúrios baixos e contínuos. Não eram palavras. Eram rosnados. Pequenos rosnados conversacionais e latidos agudos. Não eram homens falando; eram mulheres, mulheres *coiotes*; não uivavam para a lua, mas rosnavam calmamente na linguagem que as mães usam para falar aos filhos. Aquela manhã, as duas fêmeas tinham caçado um rato vivo. Não o tinham comido nem matado, só o imobilizaram. E, naquele instante, Diana entendeu. Os *filhotes estão vivos*, cantou para si mesma num sussurro. Vivos no mundo, com os olhos abertos, aprendendo a caçar. Aprendendo a falar. Meninos coiotes que nasceram com a cabeça vazia, como os humanos, que tinham de aprender tudo o que era necessário para viver. Seus protetores ficaram mudos durante toda a primavera, mas agora teriam de vocalizar; nenhuma criatura social cresce muda,

pois não sobreviveria. Os filhotes já deviam ter seis semanas, quase prontos para caçar sozinhos. Deviam ser um espetáculo. Empilhou rapidamente a madeira boa contra um tronco de pinheiro e voltou para casa, apesar de a casa não lhe oferecer muito na atual situação: um lugar onde não poderia pronunciar uma palavra do que havia descoberto, nem dormir, até ver aqueles filhotes com seus próprios olhos abertos.

À primeira luz da manhã, movendo-se depressa ao longo da trilha do Ribeirão Amargo, ela parou para ouvir. Nada, só o silêncio. Ou melhor, todo tipo de som, menos o que ela queria ouvir. Muito barulho que se erguia das folhas secas em volta de seus pés — devia ser um lagarto tentando parecer grande como um urso. Continuou a andar, sabendo o que devia ouvir, certa de que havia de ouvi-lo. Passara toda a primavera esperando, enquanto sua imaginação se enchia de vozes que lhe eriçavam o cabelo da nuca: os clássicos uivos para a lua, os latidos e gritos polifônicos que ela havia estudado em fitas cassete que se gastaram até serem quase reduzidas a fitas transparentes de celofane. Tinha medo de ter gasto a memória da mesma forma, esperando nessas montanhas, esticando o corpo nas noites silenciosas, e finalmente decidindo que o som que ela esperava não viria. Ali eles não precisavam falar. Não era como no Oeste, onde eles se chamavam do alto das colinas pela pura alegria da quantidade, pois eram tão numerosos. Era preciso se lembrar de quem eram, quantas famílias eram, onde ficava cada uma. Aqui só havia uma família, que sabia exatamente onde estava. Melhor manter silêncio.

O trabalho mais penoso da vida de Diana fora ficar longe da toca, protegendo-a com sua ausência. Às vezes ela tinha a certeza de que tinham ido embora, ido para o sul na direção da Serra Azul. Ela tentara se convencer de que assim era melhor, mas a verdade é que não havia abrigo seguro para aquela família. Onde quer que fossem, esses coiotes teriam de enfrentar o ódio dos criadores. Aqui nessa montanha isolada, eles tinham a estranha combinação de um protetor e um inimigo. Ela não tinha fé na própria capacidade de negociar a sobrevivência deles. Nas seis semanas de conhecimento de Eddie Bondo, o que incluía tanto as ausências quanto as presenças, ela havia negaceado e mentido. Agora ele os havia visto, e ela passou infeliz a noite anterior enrolada na cadeira perto do fogão à lenha, enquanto ele roncava. De manhã seus ossos doíam e sua mente estava em branco. Mas mesmo assim ela pôs as cartas na mesa.

— Vou descer a encosta hoje, sozinha. Se me seguir você vai embora desta montanha pelo resto de sua vida ou da minha, a que terminar primeiro.

Sem uma palavra, ele enfiou uns biscoitos na mochila, jogou-a sobre o ombro e saiu assoviando pela estrada do Serviço Florestal na direção oposta à do Ribeirão Amargo. Diana esperou durante vários minutos, olhando para o chapéu que ele tinha deixado pendurado no gancho junto da porta, e para a arma encostada no canto. Ela então se vestiu e correu pela trilha, finalmente livre para ir ver. Agora ela podia escutar sem ter medo de ouvir as vozes que denunciariam a presença deles. Durante todas aquelas semanas ela vinha prendendo a respiração, escutando sem querer ouvir. Como deixara aquilo acontecer?

Parou outra vez, ouvindo apenas o riso maluco de um casal de pica-paus que se divertia pulando de lado pela floresta, saltando de uma árvore para a próxima. Ficou um minuto a observar os dois pica-paus coroados jogando damas consigo mesmos. Eram enormes, como dois gatos pretos voadores, notáveis pela voz estridente e arrogante e pelo topete vermelho arrepiado. Teve uma visão dos fantasmas, imaginou os bicos de marfim — primos mortos desses pica-paus coroados — ainda maiores, com quase três pés de envergadura e olhos frios e brancos. Pássaros do Senhor Deus, era como o povo os chamava, pois era o que todos gritavam ao ver um. Nunca mais.

Nesse momento, sob os risos dos fantasmas, começou a ouvir as vocalizações intermitentes dos coiotes. Ela caminhou na direção do som, cem passos lentos na trilha, até parar num lugar de onde poderia observar de trás dos rododendros e ter uma visão clara da toca. O lugar estava diferente do que vira na primavera; agora a floresta estava cheia de folhas. O ar e a luz se moviam de modo diferentes, e a toca também estava mudada. A terra abaixo da toca era um avental de terra, marcado de tantas pegadas minúsculas que parecia ter sido feito de veludo cotelê marrom. Pensou ter visto um movimento dentro do sorriso escuro da toca, mas nada, tudo imóvel. Marcou um minuto contando as batidas do coração, e depois mais minutos e se convenceu de que na verdade não havia visto nenhum movimento. Antes *havia* filhotes ali, estava claro pelas marcas no chão, mas começou a achar que agora era muito tarde. Ela os havia perdido por um dia; haviam crescido e se foram.

Então ela notou um movimento numa moita de mirtilo a pouca distância da toca. Um gemido longo atraiu seu coração num apelo irresistível. Um adulto estava na moita, a mãe ou uma das fêmeas beta, chamando os filhotes para fora. Eles apareceram imediatamente na boca da toca, uma fila de olhos brilhantes sob uma floresta de minúsculas orelhas em ponta. Diana tentou contar, mas eram muitos, um bando incontável de orelhas e rabos; mais de seis e menos de vinte, decidiu afinal. Tropeçavam uns sobre os outros ao sair da toca, enquanto a fêmea se aproximava com alguma coisa nos dentes, uma coisinha escura que ela jogou no meio deles. Ouviu-se uma onda de rosnados e gemidos e as bolinhas

peludas douradas pulavam como pipocas na panela. Filhotes, pensou ela; não passavam de *filhotes*. Mas também eram como gatinhos, no modo como brincavam com o ratinho meio morto que acabara de lhes ser entregue no pátio da escola. Diana caiu de joelhos, voltou aos verões da infância, quando os vizinhos lhe traziam ninhadas de cachorrinhos em caixas, e as gatas do celeiro pariam suas ninhadas praticamente nas suas mãos. Sem que ela percebesse, seu corpo voltou à infância, os dentes mordendo com força a trança para não gritar e as mãos no peito para não deixar o coração explodir.

Desejou tanto o pai, parecia uma oração: se ao menos eu pudesse lhe mostrar, por favor. Permita que ele veja do Céu e veja através de meus olhos, das células do gênese que ele plantou em mim, permita que ele veja isso, pois ele entenderia perfeitamente. Amor era uma coisa que ele sempre foi capaz de reconhecer quando via.

Tentou lembrar de mais alguém a quem ela pudesse falar sobre esses cachorrinhos, essa matilha coesa de sobrevivência e amor. Não dissecar sua história e natureza, isso ela já havia feito. Ela queria explicar como tudo aquilo dava a sensação de uma família.

VELHAS CASTANHEIRAS

Garnett abriu a água quente e a deixou esquentar os músculos que escondiam as omoplatas. Como doíam, como se tivesse levado ali um soco do desordeiro no colégio.

Suspirou. A vida estava ficando muito difícil para um velho. Não era o trabalho; ele adorava trabalhar com as castanheiras. As pessoas imaginavam que devia ser enormemente tedioso proteger todas as flores na primavera, fazer a polinização cruzada, recolher as sementes e plantá-las, mas para ele aquilo tudo era excitante, pois daquelas sementes talvez surgisse a tão sonhada castanheira resistente à praga. Todo saquinho de papel colocado sobre a ponta de um galho, cada pitada de pólen, cada passo trazia a esperança de uma coisa maravilhosa. Um pedaço do mundo perdido que voltava, ali, bem diante de seus olhos.

Não, o que o estava esgotando ultimamente era ter de enfrentar um problema atrás do outro, o desânimo representado por essa fazenda e toda a sua história. Ela não passava de um depósito de entulho que escondia suas ameaças sob uma pele de grama. Na verdade, todas as fazendas da região eram assim. Havia visto um jovem casal com um corretor examinando uma fazenda perto da loja de Oda Black, e ficara tentado a gritar da janela da pick-up:

— Procurando histórias? Isso aí é a história de como o Velho Blevins se enterrou em dívidas e equipamento velho, e agora está aí, esperando para enrolar o primeiro que aparecer.

Na verdade, ele não lhes dissera nada, e eles iam comprar. Tinham a aparência boba de gente da cidade; a mulher se vestia mais como homem do que o homem. Logo iam aprender o que Garnett já sabia de cor: numa fazenda velha, toda vez que se finca a pá para plantar uma árvore bate-se num pedaço de prato, o que sobrou do couro de um arreio, um pedaço de metal enferrujado, quem sabe até uma bala de canhão! Quando Garnett era menino, seu pai trazia, não se sabe de onde, balas de canhão para eles brincarem até elas desaparecerem esquecidas no pomar ou enterradas nos canteiros da mãe, esperando de tocaia para criar a

maior confusão 50 anos depois, um arado, uma grade ou outro equipamento qualquer, ao custo de um dia de trabalho e muito dinheiro para o conserto.

Nessa manhã ele tinha um plano modesto: terminar a limpeza do campo do fundo ao longo da cerca para plantar mais uma fileira de árvores. Imaginara que o mais difícil seria arrancar o mato, mas estava enganado. Quebrou a roçadeira e depois um disco do arado. Enterrados naquele pedacinho de terra, ele encontrou seis mourões de cerca enrolados em arame farpado, que evidentemente haviam sido deixados ali quando foram substituídos pela cerca nova, lá pelos anos 40. Depois de arrancar tudo aquilo, descobriu uma quantidade absurda de pregos e porcas espalhados, o suficiente para encher três baldes (e três viagens até a pilha de entulho na garagem, que agora estava ficando monstruosa). Então, por baixo de tudo aquilo, o chassi metálico completo de uma carroça — e o pior ainda estava por vir! No fim da cerca ele descobriu um rolo enorme de plástico com alguma coisa pesada no interior, que Garnett de início pensou que podia ser um cadáver (depois do que já havia encontrado hoje, por que não?). Mas não, eram caroços de um pó branco, talvez sal gema, embora ele não pudesse ter certeza. Alguma coisa que seu pai quisera jogar fora quando Garnett ainda era menino. Esse era o problema da forma de eles pensarem naquele tempo: “fora” queria dizer apenas “em algum lugar que não aqui”, para mais tarde alguém topar com aquilo. Garnett já estava cheio de tudo aquilo, e ainda não tinha limpado o terreno que queria ver pronto antes do almoço, e agora? Meu Deus, agora era o telefone chamando.

Fechou o chuveiro e prestou atenção. Era mesmo o telefone do saguão ao lado da porta do banheiro.

— Calma! — gritou ele, irritado pelo banho interrompido e por ter de secar a cabeça às pressas enquanto enrolava uma toalha na cintura. Saiu para o saguão frio pisando em ovos e agarrou o telefone.

— Alô — disse ele, no tom mais agradável que lhe era possível, enquanto dava tapinhas no cabelo molhado. Não se sentia bem, conversando com alguém, quem sabe uma ligação errada, vestido daquela maneira.

— Alô, senhor Walker?

Era uma mulher, e não era da região; tinha o sotaque da cidade, aquele jeito de falar depressa todas as palavras.

— Ele mesmo — respondeu.

Ela pareceu perdida durante um momento, e ele desejou que ela desligasse, mas então ela falou.

— Gostaria de saber se seria possível lhe fazer algumas perguntas sobre cabras. Estou interessada em implantar uma criação em semigrande escala, mas não tenho tanto capital assim, e alguém me deu seu nome. Disseram que o

senhor era a pessoa certa, o papa das cabras na região, e que o senhor poderia me ensinar como começar com... não sei bem como dizer — parou para respirar. — Bem, vamos falar claro? Gostaria de saber se o senhor conhece alguém que estivesse disposto a me dar as cabras, de graça. Para eu poder começar.

Garnett se recompôs: o papa das Cabras da Região, apanhado com uma toalha em torno da cintura e o cabelo arrepiado, parecendo uma galinha na chuva.

— Cabras, disse ele.

— É.

— Posso saber a sua localização? Seria a primeira consideração.

— Desculpe. Esqueci as boas maneiras. Aqui é Lusa Landowski, vivo na fazenda Widener. Meu marido era Cole Widener.

— Senhora Widener. Meus mais sinceros pêsames por seu marido. Gostaria de ter ido ao enterro, mas havia... existem certas considerações entre nossas famílias. Acredito que a senhora já tenha conhecimento.

Ela ficou calada por um instante.

— O senhor é nosso parente, não é verdade?

— Por casamento. Parente distante.

— Sinto muito; meu sobrinho mencionou, mas eu me esqueci. Está certo, uma de minhas cunhadas é Walker. *Acho* — ela riu, parecendo alegre demais para uma viúva recente. — Ainda estou aprendendo a viver entre seiscentos parentes. É tudo muito novo para mim. Sou de Lexington.

— E a senhora estaria planejando fazer lá a sua criação?

— Não, *aqui*. Estou tentando fazer a fazenda se pagar, e esta é a razão da criação de cabras, se for possível. Ainda não tenho certeza se vou ser capaz, ou se é uma rematada loucura.

— Mas a senhora não tem gado na fazenda Widener?

Ela suspirou, sem nenhuma alegria.

— Gado para mim é prejuízo certo, com tudo o que ele exige. O Ivermec e tudo mais, e sei que tenho de verificar se as vacas estão prenhas, mas não entendo nada de exame pélvico de vacas. Tenho medo de vacas: sou pequena e elas são *enormes* — deu uma risadinha encabulada. — Acho que ainda não sou fazendeira. Não consigo nem mesmo fazer funcionar o meu enfardador. Dois de meus cunhados têm um império de gado alugado, e acho que vou vender minhas vacas para eles. Quero me dedicar a uma criação menor — fez uma pausa. — Acho que sou capaz de criar cabras.

— Bem, pelo menos a senhora tem um plano.

— Temos muita coisa a discutir; desculpe-me. Não devia tratar de questões pessoais. Talvez esta não seja a melhor ocasião para o senhor discutir comigo.

Desculpe o incômodo.

— Não é incômodo algum — disse ele, saltando de um pé descalço para o outro, sentindo uma corrente de ar: sob a toalha ele estava absolutamente nu em pelo. Pensou ter ouvido alguém bater à sua porta. Ai, meu Deus, seria um carro de entregas? Ele não havia encomendado nada.

— Ah, que bom — disse ela, dando uma risadinha. — Pelo menos o senhor não afirmou que eu sou louca — ainda. Eu gostaria de aproveitar o seu cérebro. Se for possível.

— Aproveite à vontade — disse ele, infeliz. Ouviu outra batida mais insistente na porta.

— Primeiro: o senhor acha realista a minha esperança de conseguir cabras de graça? Quais seriam as suas providências?

— Sugiro que a senhora mande publicar um anúncio no jornal. O mais provável é que a senhora receba mais cabras do que precisa.

— É mesmo? Então o senhor concorda que as pessoas estão loucas para se verem livres de suas cabras. E isso quer dizer que cabras não dão dinheiro?

— Na verdade, eu não posso encorajá-la, minha senhora. Se me lembro bem, não há ninguém nesta região que tenha ganho um dólar criando cabras.

— Foi o que me disse o meu sobrinho. Mas parece-me que o problema seja de marketing. Como todo mundo que trabalha a terra, eu também estou começando a aprender. Ninguém aqui sabe o que fazer com uma cabra, ninguém nem gosta da carne, e hoje a oferta é excessiva. Meu sobrinho disse que algum tempo atrás houve uma espécie de praga das cabras no Condado Zabulon. Como foi isso?

Garnett fechou os olhos. Tudo isso estava mesmo acontecendo? Um estranho desconhecido estava batendo na sua porta, uma mulher estranha de Lexington estava tentando descobrir o seu segredo mais embaraçoso, as costas doíam como o diabo, e ele estava com as nádegas expostas ao vento. Não gostaria de estar morto, talvez apenas de estar dormindo em paz na cama, com todas as luzes apagadas.

— Senhor Walker? O senhor ainda está aí?

— Estou.

— Isso quer... o senhor acha que eu sou louca?

— Não, de forma alguma. Não é fácil responder à sua pergunta sobre o excesso de cabras. Há seis ou sete anos, foram iniciados vários projetos 4-H que cresceram demais. É assim que eu descrevo o que ocorreu. Foi um erro que cresceu como erva daninha. Era eu o encarregado de supervisionar os meninos e deveria tê-los orientado para galinhas e porcos, mas minha mulher tinha acabado de morrer — a senhora há de entender, também é viúva. E minha vizinha tem

uma implicância feroz contra as cabras de qualquer espécie. Foi um erro de julgamento de minha parte. Não posso descrever de outra forma.

— Senhor Walker, o senhor não precisa explicar, não sou jornalista. Não sou nem mesmo tão enxerida quanto as pessoas daqui. Só quero algumas cabras de graça.

— Então mande publicar um anúncio no jornal, é o que eu sugiro. Mas não deixe publicar o seu endereço.

— Não?

— Claro que não, pois eles vão despejar todo tipo de animal sobre a senhora, e vai ser um problema. A senhora tem uma pick-up, senhora Widener?

— Tenho.

— Então a senhora vai dar um número de telefone no anúncio, mas não vai dizer nada a respeito da fazenda Widener. Só o telefone, e peça para as pessoas ligarem para a senhora. Se tiverem o que interessa à senhora, então a senhora vai lá e busca os animais. Mas primeiro é preciso fazer algumas perguntas. A senhora tem lápis e papel?

— Só um minutinho — ele ouviu o barulho do telefone largado sobre a mesa e os passos dela pela casa. Tentou adivinhar em que cômodo ela estaria. Primeiro ou segundo andar? Talvez a cozinha. O casamento fora no salão da frente, a moça caminhava muito devagar descendo aquela escada maravilhosa de sapato branco e um vestido de noiva curto e branco. Parecia ter treze anos. O casamento deveria ter sido no jardim da frente, mas na última hora o tempo ficou frio e chuvoso. Lembrava-se de tudo. Ellen estava passando mal. Ele havia esquecido durante todos aqueles anos: ela estava com uma horrível dor de cabeça, e tiveram de voltar mais cedo. Já devia ser o câncer, e eles não sabiam.

— Estou pronta. Ele se assustou.

— O que eu estava dizendo?

— Quando as pessoas telefonarem, eu devo perguntar a respeito das cabras... o quê?

— Ah, é. Primeiro a senhora vai querer cabras de corte, não é? Nada de leite?

— Definitivamente carne.

— Muito bem, então a senhora quer produzir cabritos tenros.

— Acho que é exatamente isso. Acho que a tempo de serem vendidos mais ou menos lá pelo final do ano.

— Então a senhora não pode perder tempo.

— Então é possível? Fazê-las se acasalar nesta época do ano?

— Esta não é a época certa, mas é possível. Se a senhora tiver *certeza* de que não tiveram contato com um bode no outono e no inverno passados, elas estão

prontas para entrar no cio. Isso eu garanto.

— E essa é uma expectativa razoável?

— Deve haver umas cem famílias neste condado que têm cabras no quintal. E as pessoas não gostam de bodes — eles têm um cheiro muito forte. A senhora conhece o cheiro do bode, senhora Widener?

— Acho que não — confessou ela.

— Se conhecesse a senhora não teria esquecido. É um cheiro atraente para as cabras, mas não para seres humanos. A maioria prefere ficar só com as cabras.

— Muito bem. Isso é bom.

— Então o que a senhora quer são cabras — três ou quatro anos são as melhores, nada muito mais velho. Consiga tantas quanto puder manter, mas cuidado com os bodes. A senhora só vai precisar de um para as suas cabras. Senhora Widener, a senhora sabe a diferença entre um bode e uma cabra?

Ela riu.

— Senhor Walker, eu sou ignorante, não sou estúpida.

— Muito bem, claro, eu só queria dizer... A senhora é de Lexington.

Ele ouviu sua respiração como se ela fosse falar, mas fez uma pausa.

— Muito bem, só um bode. Entendi.

— Bem, a senhora poderia ter um ou dois de reserva. Às vezes acontece de um bode não funcionar bem, então é bom ter um ou dois de reserva. Eles terão de ficar num pasto separado, bem longe.

— Cavalheiros à espera.

Seria uma piada indecente? Ele já não sabia o que era o quê; a meninada ri da gente quando a gente diz uma coisa inocente como *veado*. Mas ela não estava rindo. Parecia mais interessada que os meninos do 4-H.

— Bem, se suas cabras não estiveram junto com um bode desde o outono passado, elas entram logo no cio, um dia ou dois depois de a senhora colocar o bode no pasto. Algumas pessoas dizem que é bom esfregar um pano no bode e depois passar o pano no nariz das cabras. Mas nunca achei que seria necessário.

— Então é isso: primeiro perguntar às pessoas se elas têm cabras, depois perguntar se elas estiveram no pasto com algum bode. Correto?

— Está certo.

— Se já estiveram, eu passo.

— Isso é com a senhora. Mas devia, se quer cabritos até o fim do ano.

Houve uma pausa. Ela devia estar escrevendo alguma coisa.

— Muito bem. E a pergunta seguinte?

— A raça das cabras? A senhora precisa das espanholas ou da cruz de espanholas com cabras do mato, que são as mais comuns por aqui. Cabras de

carne, basta perguntar se são cabras de carne. As saanens ou as suíças de leite, qualquer coisa que se ordene não deve ser um animal que interesse à senhora.

— Muito bem. O que mais? O senhor disse que a idade é importante.

— Nada acima de cinco anos, nada abaixo de quarenta quilos.

Ela parou para tomar notas.

— O que mais?

— Bem, elas devem estar sadias. Não devem ter parasitas. Examine bem quando for buscar. Se não estiver cem por cento satisfeita, não leve.

— Deve ser difícil. Recusar a oferta de quem está me dando um animal de graça? Quem pede esmola não pode escolher muito.

— É por isso que a senhora precisa da pick-up. *A senhora* vai até *eles*. São eles que estão com um problema nas mãos. A decisão é sua.

— O senhor tem razão. A questão tem de ser encarada assim. Muito obrigada, senhor Walker, o senhor me ajudou demais. Posso voltar a telefonar se tiver mais dúvidas? Estou aprendendo à medida que avanço.

— Perfeitamente, senhora Widener. Boa sorte para a senhora.

— Obrigada.

— Até mais.

Ele desligou o telefone e fixou os ouvidos no hall de entrada lá em baixo. Ainda segurando a toalha em torno da cintura com uma mão, ele chegou na ponta dos pés até a janela e olhou para fora, embora não esperasse ver nada diferente nos fundos da casa. Quem poderia ter estado à sua porta? Vestiu-se rapidamente na porta que dava para a escada, um lugar da casa onde ele pouco ficava, e parou ao ver seu reflexo dentro da moldura de castanheira do antigo espelho que lá estava dependurado. Sentiu-se como se tivesse visto um fantasma, mas não de si mesmo: foi a moldura que provocou aquela sensação, seu rosto de sobrevivente contornado pelo que restou daquela árvore extinta.

Desceu as escadas pisando os chinelos de couro, pois havia deixado as botas enlameadas do lado de fora para serem limpas mais tarde, estava cansado demais quando voltou do trabalho. A calça coberta de carrapichos verdes ele havia dobrado e deixado sobre uma cadeira na cozinha, desanimado de ter de removê-los. Os espinhos afiados picariam as pontas de seus dedos e lhe dariam uma sensação de dormência e dor venenosa. Garnett acreditava que, se o Pai Onipotente havia cometido um erro, este seria a criação dos malditos carrapichos.

Chegando à porta, ele a abriu e enfiou a cabeça, olhou para a direita e para a esquerda. Ninguém. Lá estavam as suas botas, uma ao lado da outra, mas não havia sinal de nenhum caminhão de entregas, nem mesmo de que algum houvesse passado por ali. O caminhão da UPS geralmente manobrava na grama

e deixava uma enorme cicatriz curva de lama. O rapaz que o dirigia tinha mais buracos de brincos nas orelhas do que cérebro na cabeça.

Garnett saiu para a varanda e espiou através das córneas embaçadas o ar pesado da tarde, como se pudesse decifrar os vestígios deixados nele. Não costumava receber visitas inesperadas. Na verdade, nunca — nem telefonemas inesperados, mas quando vem, um mal nunca vem sozinho. Alguém tinha estado ali, e não o havia encontrado. E não seria fácil ele deixar passar.

Então, ele viu a torta no balanço da varanda. Uma torta de amora, deixada lá, descansando. Tinha os pequenos cortes na crosta que permitiam a saída do suco da frutinha — ah, os mistérios celestiais criados por mãos femininas. Torta de amoras era a sua favorita. Ellen sempre fazia a dela com as primeiras frutas colhidas junto da cerca, depois de mandá-lo com um balde no terceiro sábado de junho. Garnett olhou para o céu, e perguntou a Deus que truque era aquele.

Aproximou-se para olhar melhor. Era mesmo uma torta, ainda quente. Talvez seus olhos o traíssem, mas não o seu nariz. Presos sobre ela, balançando na brisa, uma pequena coleção de papéis coloridos. Puxou os quadradinhos de papel, mais um envelope selado e fechou a cara. Ai, ai, ai. Será que alguém estava cobrando pela torta? Não, eram notas *dele*, uma da Little Brothers, outra da Southern States, e provavelmente foram retirados da mesma caixinha de metal junto da porta, onde ele sempre esvaziava os bolsos e deixava as notas se acumularem até a época de pagar impostos. Mas alguma coisa fora escrita no verso das notas, numa letrinha pequena e bonitinha. Era um bilhete anexado a um envelope selado.

Olhou em volta da varanda vazia. Alguém havia trazido a torta, ficou batendo na porta durante quinze minutos enquanto aquela mulher Widener falava sem parar sobre cabras, então desistiu, escreveu o bilhete, deixou a torta e se foi. Quem faria uma coisa dessas? Como se ele não soubesse. Com uma sensação triste ele levou a torta, a nota e o resto para dentro, segurando a porta com o cotovelo. Guardou a torta no armário, onde ficaria invisível enquanto ele lia, foi buscar os óculos e se sentou à mesa da cozinha para ler. Primeiro o bilhete:

Senhor Walker,

O senhor não precisa desperdiçar um selo e duas horas do tempo de Poke Sanford — pense naquele infeliz tendo de levar uma carta de sua caixa até o correio e depois trazê-la de volta até a minha! Estou ao seu lado. O senhor poderia ter batido. Era o que eu queria fazer hoje. Escrevi uma carta para o senhor, para o caso de não me lembrar de tudo (e aqui o bilhete continuava nas costas da segunda nota) ou de o senhor não estar disposto a conversar, mas na verdade eu gostaria de dizer tudo isso em pessoa. Mas o senhor não está em

casa. Ora, a sua pick-up está aqui. Onde está o senhor? Vou deixar a torta e a carta. Anime-se, senhor Walker. Espero que o senhor goste das duas.

*Sua vizinha,
Nannie Rawley.*

Garnett então rasgou o envelope e puxou a carta dobrada. Notou que suas mãos tremiam. Anime-se.

Prezado senhor Walker,

Como o senhor perguntou, é verdade, eu realmente creio que a humanidade tem um lugar especial neste planeta. É um lugar igual ao do sabiá, na opinião dele, ou da salamandra, no que ela tiver que possa ser entendido como a sua inteligência. Toda criatura viva tem de acreditar nisto: *Eu* sou o centro de tudo. Toda vida tem sua própria espécie de credo, mas o senhor acredita que uma salamandra reverencia um deus que se assemelha a um homem enorme de duas pernas? Que nada! Para ela o homem é um contratempo meio indefinido (se é mesmo alguma coisa) comparado ao sagrado dever de encontrar alimento, um parceiro e gerar uma descendência para dominar a lama pelos séculos dos séculos. Para elas, a vidinha de salamandra é tudo.

Nunca esperei que *o senhor*, Garnett Walker III, pudesse perguntar, “Quem liga para o desaparecimento de uma espécie?”. A extinção de uma espécie de árvore desencadeou o inferno para todas as pessoas que vivem nessas montanhas — sua própria família, mais que qualquer outra. Imagine que algum ianque da cidade lhe dissesse, “Ora, senhor, a castanheira americana é apenas *uma* árvore — as florestas estão cheias de árvores!”. O senhor ia espumar de raiva. O senhor seria capaz de perder um dia e uma noite tentando explicar por que a castanheira era uma árvore diferente de todas as outras, que tinha uma finalidade nesse nosso mundo que nada pode substituir. Pois muito bem, a perda de uma espécie de salamandra seria uma tragédia de igual proporção para alguma outra criatura que dependesse dela. Desta vez não seria *o senhor*, mas acredito que o senhor se interesse por todas as tragédias, não apenas as que afetam a sorte da família Walker. O senhor deve se lembrar do que mencionaram no jornal no ano passado sobre a extinção dos moluscos do nosso rio. Agora, senhor Walker, o carteiro me conta sobre um programa sobre a natureza onde foi dito que cada espécie de mexilhão sobrevive uma parte de sua vida como parasita das guelras de um tipo diferente de peixe. Se o peixe certo não estiver lá na hora certa, então a história chega ao fim! Todas as coisas vivas estão ligadas umas às outras por fios muito finos e invisíveis. Coisas que o senhor não vê o ajudam muito, e coisas que o senhor tenta controlar geralmente se voltam contra o senhor e mordem, e esta é a

moral da história. Existe até uma coisa chamada o princípio de Volterra, sobre o qual eu li no meu jornal de jardinagem, que diz que a aplicação de inseticidas aumenta o número de insetos que a gente tenta matar. É uma afronta, mas é também uma maravilha. O mundo é muito mais complicado do que a gente é capaz de admitir.

Imagine: se alguém lhe tivesse mostrado a muda de uma árvore plantada num punhado de terra que estivesse chegando de navio da Ásia muitos anos atrás, e lhe pedisse para olhar e lhe dissesse: “Esses pedacinhos de fungo vão destruir um milhão de castanheiras majestosas, e reduzir à fome milhares de homens da montanha, e transformar Garnett Walker num velho amargurado”, o senhor teria rido?

Se Deus deu ao homem todas as criaturas desta Terra para usar para seus próprios fins, ele também ensinou que a gula é pecado — e ele disse sem meias palavras, “Não matarás”. Ele nunca nos mandou matar todos os besouros e lagartas que comem o que nós também comemos (e da mesma forma, outros insetos que *polinizam* o que comemos). Ele não esperava que satisfizéssemos nossos caprichos por todo tipo de alimento, arrancando a vegetação para dar lugar ao animal, e transportando tudo o que podemos imaginar para lugares onde aquilo não existe. Devemos agradecer à nossa dominação da Terra a praga da castanheira. Devemos agradecer também o birmolo, a madressilva e o besouro japonês. Acho que é um castigo de Deus por termos crescido mais que as calças. Deus nos fez à sua imagem, mas ainda assim ele tem três bilhões de anos, e nós mal saímos das fraldas. Conheço suas opiniões sobre os adolescentes, senhor Walker; mas lembre-se que em relação a Deus o senhor e eu somos muito mais jovens que eles. Somos tão idiotas que imaginamos dominar o mundo.

Gosto muito da passagem do Gênese que o senhor citou, mas não tenho certeza de que o senhor a entendeu bem. Deus nos deu todas as plantas que dão sementes, e toda árvore cuja fruta gera a própria semente. Ele nos deu o mistério de um mundo que se recria vezes sem conta. Para o senhor a fruta é o alimento, mas lembre-se de que, para a árvore, ela é o filho. “E a todo animal da terra, e a toda ave do ar e a tudo em que há vida que rasteja sobre a terra eu dou como alimento todas as plantas verdes”. E aqui que Ele estava pensando nas salamandras, não está vendo? Relembrando-nos de que nelas também há vida, e que até mesmo as ervas daninhas e as algas são sagradas por serem alimento de salamandras. O senhor é um homem religioso, senhor Walker. Acho que o senhor devia pensar duas vezes antes de aplicar Roundup sobre a obra de Deus.

Não se apoquente. Todos nós temos nossas raivas particulares. Eu odeio cabras (como o senhor bem sabe), e odeio solenemente as tartarugas snapper. Sei que Deus as ama tanto quanto ama ao senhor ou a mim, mas tenho patinhos no

meu açude, e uma tartaruga que os come igual ao homem sob a ponte. É insuportável. Havia um patinho que era meu preferido, branco, com uma asa marrom (dei-lhe o nome de Estribo), e ontem, na minha frente, a tartaruga apareceu debaixo dele e o agarrou enquanto ele batia as asas e grasnava. Chorei como uma criança. Teria metido uma bala na cabeça daquela f-da-p se tivesse uma arma e coragem de usá-la, juro! Mas não tenho nenhuma das duas, e Deus sabe que assim é melhor.

*Sua amiga
Nannie Rawley*

P.S. Tive de revirar a memória, mas lembro-me da conversa na loja de ferragens. Estava falando de mim mesma: não estou acostumada a essa transmissão automática que colocaram nos novos modelos Snapper, comparados com os antigos, de transmissão manual. Marshal diz que me vendeu um cortador pequeno e bem-educado, mas eu lhe disse que é um monstro assassino. Deixei-o funcionando no jardim da frente e fui tomar um copo d'água e quando voltei, ele tinha sumido! Chamei Timmy Boyer para dar parte do roubo! O pobre homem teve de vir até a minha varanda, de chapéu na mão, para me explicar que havia encontrado o cortador numa posição comprometedoramente lateral abaixo de onde eu o havia deixado. E claro que, enquanto eu estava lá dentro, meu Snapper criou coragem e resolveu se lançar de cabeça no Ribeirão do Ovo.

Mr. Walker, descobri que as pessoas gostam mais da gente quando somos capazes de rir de nossos próprios azares, sem comentar sobre os dos outros.

Bem, pensou Garnett. Pelo amor de Deus, era demais para engolir de uma vez só. Sentiu um alívio momentâneo por saber do incidente do Snapper e um grãozinho de simpatia pelo pobre patinho da mulher (pobre Estribo!), não mais que um grãozinho, antes de sua pressão começar a subir. Quanto mais olhava para a carta, relendo suas várias páginas, mais o seu verdadeiro significado se tornava claro para ele, no meio das frases de efeito de uma amizade zombeteira. Velho amargurado!

Esqueceu completamente a torta — na verdade só iria se lembrar dela um dia e meio depois (quando ele a provou e descobriu que ainda estava boa). A torta estava longe de sua mente quando ele foi pisando duro até sua mesa de trabalho e arrancou uma folha dos cadernos de castanheira. Sem pensar duas vezes nas aparências, pois não era hora de cerimônias, pegou no copo de lápis e canetas uma esferográfica preta e escreveu com tanta força no papel que a linha oscilou como um coração aterrorizado.

Prezada Miss Rawley

Sei que a senhora aproveita toda oportunidade como um púlpito para expor suas opiniões absurdas sobre agricultura moderna!! Se a senhora conseguir provar para mim esse seu princípio de Voltaire, o de que aplicar inseticida é bom para a saúde dos insetos, então eu tomo um litro de Malation!!

Além do mais, que história é esta de Deus ter três bilhões de anos? Deus não tem idade; a Terra e seus habitantes foram criados em 4.300 a.C, o que é provado pela extrapolação para trás da população atual até a época dos dois primeiros habitantes, Adão e Eva. É provável que a senhora não conheça esta formulação científica; ou talvez a senhora esteja fazendo uma menção velada à Teoria Evolucionista. Porque se for o segundo caso, suas palavras caem em ouvidos sábios demais para aceitar esse embuste. Sou um estudioso da Ciência Criacionista, e sugiro que a senhora pense um pouco sobre uma ou duas coisas, por exemplo: além de um Criador Inteligente, quem teria condições de criar um mundo cheio de tamanha beleza e inteligência? Como poderia o acaso (ou seja, a evolução) ter criado formas de vida tão vastamente complexas quanto as que enchem o nosso mundo? Sei que a senhora não é uma cientista, senhorita Rawley, mas quero lhe explicar a Segunda Lei da Termodinâmica, que afirma que todas as coisas naturais se movem da ordem para o caos, exatamente o contrário do que dizem os evolucionistas. Poderia dizer muitas outras coisas, mas estou lutando contra a tentação de lavar as mãos com relação à senhora e de deixar a senhora lançar sua alma no inferno como parece ser sua firme determinação, e deixar a senhora enfrentar entre as presas de Satã o mesmo destino de seu precioso patinho.

Aha! Pensou Garnett, orgulhoso de sua vingança e pensando que devia terminar ali.

Mas continuou, incapaz de se conter,

Sou um bom vizinho e lhe envio esses pensamentos que devem ser suficientes para a senhora e suas amigas unitaristas, que gostam de queimar sutiãs, ponderarem ainda durante muitos dias no porvir.

*Atenciosamente,
Garnett S. Walker III*

P.S. Não sou um velho amargurado.

Garnett pregou cuidadosamente não um, mas *dois* selos no envelope para reafirmar seu ponto de vista (não tinha bem certeza de qual seria ele, mas

confiava nos próprios instintos) e fechou o envelope antes de perder a coragem. Que se dane a educação. Já não era apenas uma questão de orgulho. Garnett Walker era agora um Soldado de Deus a caminho da caixa do correio, marchando como se fosse para a guerra.

O AMOR DAS BRUXAS

De onde Lusa estava, na janela do segundo andar, o gramado da frente parecia uma faixa de veludo verde-escuro com manchas atacadas pelas traças, através das quais se via a terra avermelhada. Jewel e Emaline estavam distribuindo as cadeiras no gramado, enquanto o marido de Emaline, Frank, e Herb, marido de Mary Edna, carregavam para fora a mesa grande de castanheira. Lusa convidara toda a família para o 4 de julho, alegando que tinha de aproveitar todo o creme de leite acumulado em um mês dentro de sua geladeira para fazer sorvete. Talvez por pena, todos concordaram em comparecer — até o filho de Mary Edna e a mulher, que ela só havia conhecido no velório, vieram de Leesport.

Mary Edna tinha chegado uma hora antes com um prato de ovos em cada mão (salmonela esperando sua chance, pensou mas não disse Lusa). Lusa entrou em pânico ao ver o saguão de entrada tomado pela Menacing Eldest num terninho cor de laranja queimada; distribuiu instruções e subiu ao segundo andar a pretexto de procurar uma toalha de mesa. Mas era evidente que Mary Edna sabia que as toalhas de mesa ficavam no armário de cerejeira na sala de visitas. Nesse instante, ela estendia uma das toalhas da mãe sobre a mesa enquanto os homens agachados junto do galinheiro enfiavam cervejas no gelo e abriam garrafas de alguma coisa feita em casa. Hannie-Mavis tentava organizar as crianças para a tarefa de bater o sorvete, mas naquele momento estava cercada por elas como uma abelha rainha ameaçada por um motim das operárias. Lusa estava parada com a mão apoiada no encosto de brocado verde de uma cadeira e olhou do alto todos os cunhados, avaliando a semelhança deles com o bando de galinhas coloridas que geralmente circulavam pelo gramado. As galinhas fugiram mais cedo para os poleiros, para evitar o assalto da parentela. Lusa deu um sorriso triste, desejando ficar assistindo a noitada daquela janela no alto. Finalmente tinham vindo todos, convidados condescendentes. E ela não tinha ânimo para descer.

Deu um suspiro e fechou a janela. Havia chovido mais cedo. O ar tinha o cheiro fétido de cogumelos liberando seus esporos no ar úmido. Já era noite, e

logo os homens estariam queimando os fogos de artifício, pintando o céu de azul com a fumaça de cheiro acre. O programa ajudaria a passar a noite. Deu uma olhada no espelho da penteadeira e passou a mão pela cabeleira cor de morango, sentindo-se infeliz. A calça jeans estava justa demais, a blusa de malha preta tinha um decote baixo demais, o cabelo era vermelho demais — uma Jezebel viúva. Escolhera a blusa preta para não parecer graciosa, mas era difícil ficar feia perto de Mary Edna no seu terno sem cintura de poliéster, ou de Hannie-Mavis vestida com uma blusa listrada de branco e vermelho e short azul com estrelas brancas, chinelas douradas e sombra azul nos olhos. Lusa voltou os pés na direção da escada e forçou-os a avançar. *Tempo, é tempo, tarde demais para mudar. Um ano de atraso.*

Estava certa com relação aos fogos; já havia um movimento para começar. Joel, de Hannie-Mavis e Big Rickie examinavam uma série de sacos de papel pardo que haviam colocado em fila, discutindo os aspectos do esquema. Lusa agradeceu pela chuva — tivera certeza de que eles acabariam por incendiar o celeiro, mas não tivera coragem de proibir os fogos (eram uma tradição). Mas maio e junho haviam despejado tanta chuva sobre o Condado de Zabulon que o próprio ar já era suficiente para abafar qualquer chama. Os sapos-boi haviam saído do lago dos patos para largar massas de ovos gelatinosos na grama, talvez imaginando que os girinos seriam capazes de nadar pelo gramado até o lago, como pequenos espermatozoides. As ferozes tartarugas snapper não se limitavam mais à água, mas andavam pelos caminhos como assaltantes da estrada. Em toda a sua vida, Lusa jamais havia visto um verão tão úmido e carregado de sexo. A simples ideia de respirar já era uma proposta tórrida.

— Ei, vocês — gritou para Joel e Big Rickie, que olharam para ela, sorrindo como duas crianças. Estavam excitados pelo piquenique. Lois the Loud, por sua vez, estava sentada numa cadeira de dobrar, fumando um cigarro depois do outro, desfiando queixas sobre o quanto os dois haviam gasto com os fogos.

— Cento e oitenta e um dólares — gritava numa voz que se tornara grave depois de décadas de cigarros. A três pés de distância, Mary Edna a ignorava e reclamava da mesa. Ao ver Lusa sair da casa, aproveitou o aparecimento de mais uma ouvinte. — Cento e oitenta e um dólares! — gritou para Lusa. — Foi o quanto esses meninos gastaram no espetáculo desta noite, já ouviu loucura igual?

Lusa já tinha ouvido do andar de cima, mas fingiu consternação.

— Meu Deus! Será que eles tiveram de ir até a China? — disse ela, indo até Lois. Ficou aliviada ao ver que Lois também pertencia ao bloco das Jezebéis, vestida de jeans e uma blusa estilo western aberta até um pouquinho abaixo do permissível.

— Que nada — disse Lois — foram mesmo só até o Crazy Harry, lá na rodovia.

Lusa sabia que ao longo de toda a fronteira com o estado do Tennessee havia uma fileira de barracas que anunciavam fogos baratos. Isso porque eles eram legais de um lado da fronteira e ilegais do outro, mas não sabia qual dos lados era legal ou não.

— Eu devia ter ido com eles — continuou Lois na sua voz grave e rachada. — Ou mandado o Little Rickie e as meninas para tomar conta dos dois. Nunca pensei que dois homens adultos iam se comportar como meninos numa loja de doces — examinou as pontas dos cabelos, que eram longos e tingidos de preto — o que não ficava bem, na opinião de Lusa, pois Lois era clara e tinha olhos azuis, tal como Cole, e dentes grandes demais para combinar com os cabelos lisos e tintos. Mas talvez o cabelo preto igual ao do marido e dos filhos a fizessem sentir-se parte da família. Quem sabe?

Mary Edna se agitava tediosamente aplicando uma folha de alumínio sobre um bolo quadrado. Era um espetáculo em poliéster alaranjado, uma fonte de calor nessa noite abafada; aquela roupa dava a Lusa a sensação desagradável de que a presença física de Mary Edna seria capaz de estragar a comida.

Como se estivesse lendo os pensamentos de Lusa, ela se virou e gritou para Lois:

— Ora, pare de reclamar, Lois, eles fazem a mesma coisa todo ano. Se você ainda não acostumou até hoje, não vai acostumar nunca mais.

Lusa se assustou, mas Lois não se abalou. Girou lentamente a cabeça na direção de Mary Edna, enquanto batia a cinza no gramado.

— Mas é claro, pode falar. Não é o seu marido quem gasta uma semana de mercearia em bombinhas e bobagens coloridas.

— Prefiro ele fazendo isso do que o que ele está fazendo agora, lá em baixo mexendo naquelas garrafas. O que é que tem dentro delas?

— Ah, querida, Frank fez aquele vinho de sabugueiro. A gente pensando que ele já tinha largado aquele projeto de química, ou que Emaline tinha jogado tudo no esgoto.

— Então é isso.

— Ele diz que é um produto puro e maravilhoso e que um desses dias ele vai pôr à venda.

Mary Edna tocou o cabelo azulado muito bem penteado e olhou para os homens com os olhos apertados.

— Acho que não. Se você quer saber, tenho de concordar com o Senhor. Aquilo é venenoso como o próprio demônio.

Lois bufou, soltando a fumaça pelo nariz, igual a um dragão.

— Depois da segunda garrafa daquela coisa, terebintina deve ser delicioso.

Lusa observou a conversa das duas irmãs, surpresa com a maldade das duas com os maridos, o próprio e o da outra, a mesma maldade que ela sentia. Cole sempre insistiu que ela reagia muito pessoalmente à família dele. Ela nunca teve irmãos nem irmãs, apenas os pais que sempre diziam por favor e obrigado entre si e para a filha que tinham produzido tarde na vida e que nunca souberam como tratar. Talvez Cole tivesse razão. Ela desconhecia os atritos, as arestas afiadas do amor familiar.

Andou até o galinheiro, decidida a investigar que demônio estava mordendo aqueles homens. Estavam envolvidos naquele tipo de discussão animada em que todos concordam e o inimigo está ausente. Política agrícola, estupidez do governo. Mas nem sempre.

Herb estava dizendo.

— Mas Blevins mentiu. É mais fácil ele mentir que um cachorro lambe o prato.

— Olá senhores — gritou de uma distância segura ao se aproximar, caso eles quisessem dizer alguma coisa que ela não deveria ouvir. Ficavam mortalmente embaraçados quando deixavam escapar um “inferno” ou um “diabo” na presença dela.

— Ei, Dona Widener — saudou Big Rickie. — Eu tenho uma pendenga com a senhora!

Ficou surpresa com a saudação amistosa. A briga não parecia ser muito ameaçadora.

— O que foi agora, as vacas que eu vendi para você e para o Joel? Já fugiram? Eu bem que avisei que elas gostavam de pular a cerca.

— Não senhora, as vacas estão ótimas, obrigado. Mas, não vamos esquecer, nós só *arrendamos* aquelas vacas, uma percentagem sobre os bezerros. Nós não devemos nada se elas não fizerem uma família no inverno que vem.

— Eu sei os termos, e já dei minhas instruções para as meninas.

Lusa sorriu. Rickie e Joel lhe tinham proposto um bom negócio e ela sabia.

— Não, senhora. Nossa pendenga com a senhora é a sua política anti tabaco.

— Minha o quê? Ah, já sei. Os senhores me marcaram como a inimiga do pequeno produtor.

Rickie escondeu o cigarro atrás das costas. Herb, Joel, Frank e o filho de Herb o imitaram.

— Não, senhora. Nós marcamos a senhora como a Miss Butcher, a professora de mecânica da décima série. Ela jogava chaves de fenda quando pegava a gente fumando.

— Uma *mulher*, sua professora de mecânica? *Miss Butcher*? Não consigo acreditar.

— Pois é verdade — disse Frank. — Eu fui aluno dela, Rickie e Joel foram alunos dela, e o filho de Herb aqui também foi. Quando ela aposentou, ela já devia ter uns cem anos, e já tinha perdido três dedos.

— Pois ela devia ter vivido cento e vinte. Olhe só para os senhores. Apesar de todos os esforços dela, os senhores ainda fumam como chaminés. Vou buscar a minha chave de fenda.

Eles baixaram a cabeça como meninos. Lusa nem acreditava que era o centro das atenções. Aqueles homens nunca lhe tinham permitido participar das suas conversas. Talvez fosse o vinho de sabugueiro que Frank agora insistia que ela experimentasse. Ele o tinha embalado em garrafas de cerveja, e era difícil saber o que cada um estava tomando.

— Nossa — disse ela depois de provar. Era seco e forte, quase como conhaque. — É bom — continuou, aprovando com a cabeça, pois eles pareciam muito interessados na opinião dela. — Apesar de me terem dito que isso morde igual ao demônio.

Ouvindo isso, eles explodiram, todos eles, inclusive Herb. Lusa corou um pouquinho, satisfeita por ter merecido essa amizade, mas também surpresa ao se descobrir aliada desses homens contra suas mulheres. Ou talvez apenas contra Mary Edna. Parecia haver um ressentimento generalizado com relação a Mary Edna.

— Mas então, senhor Big Rickie. Qual é a pendenga que o senhor tem contra mim.

— As cabras lá no seu pasto do fundo. Agora eu sei porque a senhora fez eu e Joel levar todo o seu gado: para dar espaço para as cabras. E também sei por que a senhora arranjou elas.

— É mesmo? — sentiu um pouco de pânico, sem nenhuma razão. Little Rickie teria contado o plano dos dois? Mas, e se tivesse, isso faria alguma diferença?

— É — os olhos de Big Rickie brilhavam.

— Muito bem. Por que eu arranjei as cabras?

— Para me fazer passar vergonha. Elas comem todo o mato e espinhos e o seu pasto fica limpinho. Então, um homem passa pela estrada e vai dizer, “Ora, o Big Rickie Bowling, o pasto dele está todo sujo de espinheiros. Não pago nem dois centavos pelo feno dele”.

— Foi *exatamente* por isso que eu arranjei as cabras, para arruinar seu negócio de feno. Não aguento mais ficar aqui vendo você ficar rico de tanto vender feno.

— Meu Deus, Rickie — disse Joel — a mulher vai arruinar você. É melhor você largar de vez esse negócio de lavoura, se é ela quem vai ser a competição.

Estavam zombando dela? Mas era assim que eles falavam uns com os outros — uma mistura complicada de pena, ridículo e respeito que agora ela estava começando a entender. Eles pareciam claramente gostar do seu corpo, especialmente o Big Rickie e o filho de Herb de Leesport, cujo nome ela não sabia. Lusa ajustou a blusa sem saber se ela desenhava a forma dos mamilos. Buscou na memória mas não achou o nome do filho, de que ela não se lembraria nem que sua vida dependesse disso. Esperava que ele se apresentasse outra vez, mas em vez disso, ele lhe ofereceu mais uma garrafa do Demônio, que foi o nome que eles escolheram para a bebida. Será que ela havia virado o primeiro depressa demais? E por que Rickie estava sorrindo para ela? Ele era um pedaço — ela nunca havia notado esse lado dele. Entendeu por que Lois pintava o cabelo e os olhos.

— Aquele celeiro é de castanheira? — perguntou o filho sem nome de Herb.

— Você está perguntando para *mim*?

— O celeiro é seu, não é?

Ela ficou espantada pelo rumo que a conversa de repente estava tomando, no qual a sua autoridade sobre o celeiro era reconhecida. As mulheres não eram nem mesmo capazes de reconhecer a propriedade de Lusa sobre a cozinha. Mas, claro, esses homens também eram cunhados; eles, tal como Lusa, não haviam crescido nesses edifícios. Ela nunca tinha encarado essa questão desse ponto de vista: eles também não eram da família Widener.

— Acho que é mesmo castanheira — disse ela. Mostrou a junta de madeira no ponto mais alto do telhado. — Você notou que o teto foi erguido mais tarde? Acho que ali eles usaram carvalho. Não resiste tão bem ao tempo. Todas as terças precisam ser substituídas.

Herb deu um assovio.

— Isso vai sair caro.

— E eu não sei? — disse ela. — Se você souber de alguém que goste de recuperar tetos de celeiros, pode dizer a ele que você conhece uma senhora pronta a fazer dele um homem rico.

— Você devia pedir a ele para fazer um coretinho lá no alto da colina — disse Frank. — Então você ia ficar controlando as cabras lá de cima.

— Eu conheci um homem que tinha dois coretinhos — disse Rickie. — Mas os dois morreram.

— Rickie Bowling, você é um completo idiota.

Ficaram todos em silêncio durante alguns momentos, à luz do anoitecer, estudando o celeiro com todas as marcas de idade e consertos. Do fundo do

galinheiro, às costas deles, veio o murmúrio de uma galinha botando lentamente um ovo. No ar, o coro de insetos do verão estava afinando sua infinidade de trilos e estalos. À noite a música seria ensurdecadora, alta o bastante para abafar o ruído dos fogos. Mas nesse instante, Lusa e os homens ainda ouviam a voz constante de Lois que havia irritado Hannie-Mavis e agora estava enchendo seus ouvidos com o preço da pólvora.

— Eu sou um idiota — disse Rickie solenemente — que gastou cem dólares em fogos de artifício, e vou ter de ficar ouvindo isso até o Natal.

— Me disseram que foi cento e oitenta e um dólares e doze centavos — comentou Lusa. — Aproximadamente.

— Não, os oitenta e um dólares e doze centavos quem pagou foi o Joel.

— Vamos — Joel chamou, de repente excitado. — Vamos fazer barulho.

— Calma aí, Mr. Sexton. Não podemos começar antes de estar bem escuro.

Mas Joel já estava subindo a colina. Todos o viram se afastar, observando que seu caminho cruzava com o de Hannie-Mavis, que tinha se libertado de Lois e caminhava na direção do marido levando um cachorro-quente. Lusa quase fez um comentário sobre sua roupa ficar melhor no escuro, mas desistiu no momento em que Hannie-Mavis se ergueu na ponta dos pés enfiados nas sandálias douradas, recebendo um beijo de Joel antes de ele lhe tomar o cachorro-quente. Havia enorme riqueza de afeto simples no abraço dele, nas pernas esticadas dela e na inclinação da cabeça ao receber o beijo dele. Uma enorme solidão se abateu sobre Lusa. Ela precisava de Cole para enfrentar essa família. Com ele tudo fazia sentido. Ou poderia ter feito.

Joel começou a mexer nos sacos de papel, segurando o cachorro-quente bem alto na outra mão. Rickie parecia nervoso por deixá-lo fazer aquilo sozinho.

— Detesto deixar tão bela companhia — disse ele com um uma medida cortês e dirigindo a Lusa um olhar que a chocou com a sugestão. — Mas tenho de vigiar meu cunhado. Ele não merece confiança.

— E eu acho que você também não merece — disse ela.

Ele piscou.

— Acho que a senhora tem razão.

Lusa desviou o rosto para esconder o rubor, fingindo olhar para a mesa posta. Ficou lisonjeada — aqui estava ela, viúva há menos de seis semanas, e seu cunhado já estava flertando com ela. Talvez ele estivesse tentando animá-la, e o álcool complicava tudo, é claro. Por um minuto ela própria havia se esquecido da tristeza. Sentiu-se ao mesmo tempo culpada e esperançosa, ao perceber que além desses dias de entorpecimento havia uma outra margem onde o prazer físico poderia algum dia surpreendê-la com um toque agudo. Onde ela voltaria a ver cores.

— Senhores. Eu devo agir como uma boa anfitriã e ver se vamos realmente ter sorvete — disse ela. Frank arrancou a garrafa vazia de sua mão e lhe deu outra cheia.

— Estamos afundando no pecado — cantou baixinho ao cruzar com Mary Edna, um Demônio em cada mão, para ver o progresso dos meninos que batiam o sorvete. Sentia um aperto no baixo abdome, que não era causado pelo vinho de sabugueiro, mas por outra coisa, uma sensação corporal que ela conhecia mas não conseguia identificar. Vinha sentindo aquilo durante todo o dia — uma sensação de estar cheia, que na verdade não era desagradável, era perturbadora, e uma pinçada constante no lado esquerdo da barriga. E então ela compreendeu, no momento em que viu a careca branca de uma enorme lua cheia surgir por trás do celeiro. Claro. Ela estava sentindo a volta do ciclo. Tomara pílula durante anos, desde a universidade, mas jogou fora o que sobrou várias semanas antes, quando decidiu tirar do banheiro a escova de dentes e o aparelho de barba de Cole. Agora, depois de anos passados em hibernação, seus ovários acordavam e se manifestavam. O que explicava o fato de os homens estarem borboleteando em torno dela como bruxas: ela estava fértil. Lusa soltou um riso cheio de pesar pela persistência ridícula da vida. Ela estava liberando feromônios.

No meio da descida, o filho de cinco anos de Jewel veio correndo e tropeçou nas suas pernas, fazendo-a derramar vinho sobre si mesma e quase cair.

— Meu Deus, Lowell, o que é isso?

— Crys me fez cortar a perna! — gritava ele, apontando freneticamente. — Está sangrando, me dá um band-aid.

— Deixe ver — sentou-se no chão, colocou cuidadosamente as duas garrafas na grama, puxou a perna da calça de Lowell e examinou a pele íntegra. — Não estou vendo nada.

— É a outra perna — uma voz cansada veio da escuridão. Era Crys que vinha subindo a colina atrás do irmão. — Ele raspou a perna num prego do celeiro.

Lusa ficou frustrada pela histeria do menino. Para acalmar a si e a ele, ela o sentou no seu colo para examinar a outra perna. Encontrou um arranhão no tornozelo, que não chegara nem mesmo à segunda camada da pele. Não havia sangue.

— Você está bem — disse ela, abraçando-o com força. Pegou a perna e deu-lhe um beijo — Vai sarar antes de você casar.

Crys desabou sentada no chão ao lado de Lusa.

— Ele disse que foi por minha culpa?

— Não, não disse.

— Pois ele vai dizer. Vai contar para a mamãe. Mas eu não chamei ele para subir no celeiro comigo. Eu falei para ele não subir. Eu *falei* que ele é um mariquinha enredeiro, que ele vive machucando e depois chora.

— Eu não sou um mariquinha enredeiro! — gemeu Lowell.

— Psss — disse Lusa, passando o braço pelo ombro de Crys, enquanto Lowell se acalmava, apenas um soluço ocasional no seu colo. Aninhou-se melhor em Lusa, agarrando sua cintura com as mãos. — Não foi culpa de ninguém — disse ela. — É duro ter uma irmã maior que é capaz de tudo no mundo. Lowell só quer te acompanhar, meu bem.

Crys se soltou do braço de Lusa sem uma palavra.

— Nossa, é o meu Lowell que está berrando? — era Jewel gritando de trás deles, preocupada.

— Estamos bem — respondeu Lusa. — Aqui em baixo, ao lado do celeiro. Feridos em ação, mas em franca recuperação.

Jewel chegou e se sentou pesadamente na grama, e estendeu o braço para passar a mão na testa de Lowell. Ele praticamente pulou do colo de Lusa para o abraço da mãe. Crys se levantou e desapareceu.

— É um arranhãozinho à toa — explicou Lusa — Estava tentando subir no celeiro com a irmã. Não há s-a-n-g-u-e, mas eu tenho band-aid lá em casa, no banheiro, se você achar que é melhor para o moral do paciente.

— Quem quer sorvete? — chamou um voz feminina na escuridão — uma das filhas adolescentes de Lois e Rickie, adivinhou Lusa. As duas assumiram a supervisão das crianças depois de Hannie-Mavis lavar as mãos da tarefa.

Lowell deu um suspiro profundo, levantou-se e correu arrastando uma perna em direção ao sorvete. Jewel se encostou um instante no ombro de Lusa.

— Obrigada, querida.

— Eu não fiz nada.

— Você não bateu neles, já é alguma coisa.

— Meu Deus, Jewel, não diga uma coisa dessas. Eu gosto dos seus filhos. Eles são ótimos, os dois.

— Ótimos, é verdade — Jewel inclinou a cabeça e cantarolou. — O menino é uma menina e a menina é um menino.

— Talvez seja disso que eu goste neles.

— A vida dos dois é dura. Pobrezinhos. Eu queria poder fazer mais por eles.

— Todo menino tem uma vida dura. Ser uma pessoa pequena num mundo de gente grande, ninguém levar a gente a sério, é duro. Eu entendo.

Jewel balançou a cabeça, e Lusa entendeu que havia nela uma tristeza mais profunda que não podia ser explicada. Lusa ficou em silêncio. Tinha suportado tantas palavras consoladoras de gente bem-intencionada e sabia quando não

insistir. Durante um minuto as duas ficaram sentadas olhando a lua, que agora era um maravilhoso disco de bronze pendurado acima do celeiro. Não havia palavras suficientemente puras para tocá-la. Do fundo da escuridão azul, do fundo de sua memória, ela ouviu *zeida* Landowski dizer, “*Shayne vee dee levooneh*”. Uma canção, talvez apenas o cumprimento a uma criança amada: “Bela como a lua”.

— Jewel, quero lhe fazer uma pergunta meio esquisita. Esta casa, onde todos vocês cresceram. Alguém já viu fantasmas nela?

— Para com isso! Outro dia você falou que minha mãe estava assombrando a cozinha e eu fiquei toda arrepiada.

— Isso é diferente. Estou falando de fantasmas felizes.

Jewel sacudiu a mão como se estivesse espantando insetos.

Mas Lusa insistiu:

— Quando chove, eu ouço o barulho de meninos correndo pelas escadas.

— É o telhado, acho. A casa é velha e barulhenta como o diabo quando chove.

— Sei o que você está falando. Às vezes, quando está chovendo eu ouço música ou palavras; e o barulho do telhado de metal. Já tive conversas compridas com meu avô, que gostava de tocar clarineta. Mas isso é diferente. Às vezes, mesmo quando não está chovendo, ouço crianças subindo a escada, depressa, como se muitas crianças subissem ao mesmo tempo a escada. Já ouvi uma porção de vezes.

Jewel olhou para ela.

— Você não acha que eu estou ficando doida, acha?

— Não-ão.

— Acha sim. Muito tempo sozinha, uma viúva que está pirando. E é verdade, estou mesmo. Mas se você ouvir esse barulho, você vai ficar impressionada. É tão real. Toda vez que eu ouço, juro que largo o que estou fazendo e vou até a escada, certa de que vou ver crianças subindo. Não estou dizendo que “parece o som de passos”. É o som de passos na escada.

— Então quem é?

Lusa olhou para Jewel, examinou-a com interesse. Mesmo no escuro dava para ver as linhas fundas gravadas no rosto, linhas que não estavam ali um mês antes. Era como se as linhas tivessem se cruzado, e toda a dor que ela sentia por dentro aparecesse no rosto de Jewel.

— Você está bem?

Jewel lhe deu um olhar desconfiado.

— Por quê?

— Porque você não me parece estar tão bem. Cansada demais, alguma coisa assim.

Jewel ajustou o lenço florido na cabeça, uma espécie de *babushka* que não ajudava nada.

— Eu *estou* cansada. Cheia e cansada — deu um suspiro.

— De quê?

— Ah, querida. Está tudo bem, eu vou levando. Não pergunta porque eu não quero falar disso hoje. Só quero estar aqui e tomar sorvete com vocês todos, ver os fogos e me divertir — deu um suspiro fundo — Pergunta amanhã, está bem?

— Está bem. Mas estou preocupada.

— É melhor eu ir ver se o Lowell precisa de hospital. Ele já deve ter esquecido, mas se eu não puser um band-aid agora, ele acorda às três da manhã achando que vai morrer — tentou lentamente se levantar. Lusa se levantou e lhe deu a mão e depois pegou as duas garrafas na grama. Uma ainda estava cheia.

— Você me viu andando por aí com uma garrafa em cada mão? Acho que Mary Edna está orando pela minha alma imortal.

— Mary Edna está orando é pela alma imortal do *marido* dela, porque essa calça está justa em você como cortiça na árvore, e Herb Goins não tirou os olhos da sua bunda a noite toda.

— Ora, Jewel! Eu achava que o Herb era castrado.

— Pois não é. E ele não foi o único.

Lusa fez uma careta.

— Sai prá lá. Você está me embaraçando. Veja se tudo está indo bem, se todos têm pratos para o sorvete, está bem? E sirva os pêssegos e amoras, há pêssegos frescos já cortados na geladeira. As frutas devem ser colocadas no fim.

— A gente dá um jeito.

— Eu chego num minuto. Só quero descer até a lagoa um segundo para ver a lua.

A grama colocou uma camada de umidade entre as solas de seus pés e as sandálias de borracha. Ela se moveu pela encosta até a lua cair bem no centro da lagoa, uma promessa branca e tremeluzente, velha como a noite. Sentia um enorme pesar acordando dentro de si. Às vezes ele dormia, e ela conseguia fingir que vivia, mas então ele acordava e afastava tudo o que ela tentasse ser, assaltando-a com as cem maneiras simples pelas quais ela poderia tê-lo salvo. Ele estava resfriado naquele dia. Poderia ter ficado em repouso, desistido da viagem pela montanha. Se ela fosse uma esposa melhor, ela o teria segurado em casa.

— Cole — disse ela em voz alta, só para arredondar a boca, mas então se arrependeu porque seu nome atraiu a presença dele com tal força que seu

coração começou a sangrar desejos: *Queria você aqui hoje. Queria recuperar todos os momentos que desperdiçamos com raiva um do outro. Queria ter tempo para fazermos um filho. Queria.*

— Pssiu.

Ela voltou a cabeça. A parede do celeiro voltada para a lua estava caiada de luz, mas ela não conseguia ver mais nada. Sentiu o cheiro de fumaça. Então viu o movimento da bolinha vermelha de luz, a ponta de um cigarro aceso.

Passou a mão pelos olhos, mas estava escuro demais.

— Quem está aí?

— Eu — veio um sussurro. — Rickie.

— Little Rickie? — seu cúmplice. Foi até ele, navegando cuidadosamente em torno das manchas de barro em volta da lagoa. — Você já viu o que eu consegui? — perguntou, tentando ficar alegre por ter esquecido a autopiedade. — Você viu o pasto acima da lavoura de fumo, quando chegou?

— Psss! — a mão dele se fechou em torno de seu pulso na escuridão e ele a puxou fazendo-a contornar a quina do celeiro, e a trouxe para dentro da sombra da lua.

— O que você está fazendo, está sendo um menino mau, fumando atrás do celeiro? Pois olhe aqui, olhe como eu *sou* má — mostrou as duas garrafas, que ele não quis provar.

— Não. Essa coisa do Tio Frank é horrorosa.

— Você acha? Pois eu já estava quase gostando.

— Então você está perdida.

— É possível. De quem você está se escondendo?

— Da mamãe.

Lusa deu uma risadinha. Os mistérios daquela família nunca acabavam.

— Sua mãe, a Rainha dos Camelos — é *dela* que você escondendo esse vício mau?

— Da minha não, da sua — disse ele, acendendo um cigarro para ela. Lusa fez uma careta, mas depois o levou aos lábios e aspirou. Depois de alguns segundos ela teve aquela sensação gostosa nos braços e sob a língua.

— Ah, é gostoso. Você é uma influência muito ruim. Já viu minhas cabras?

— Já. Deve ter umas quarenta ou cinquenta lá no alto.

— Cinquenta e oito, fique você sabendo, e nenhuma delas conheceu um bode. Agora elas têm um, pode acreditar. Se ele trabalhar direito, vou ter uns cinquenta filhotes a tempo para o Id-al-Fitr, e meu celeiro novo estará pago.

— Não é pouca porcaria. E tudo por causa de um anúncio no jornal?

— A campainha do meu telefone *quebrou*, Rickie. Juro que não é mentira, de tanto tocar. Alguma vez você já ouviu falar de telefone se gastar? Passei a

semana passada toda na pick-up, de manhã até a noite.

— A Tia Mary Edna viu você rodando para baixo e para cima. É capaz que ela saiba quantas viagens foram. E quanto custou tudo isso, total?

— Um dólar e sessenta e cinco centavos pelo anúncio, foi esse o total do meu investimento até agora. Nada pelas cabras. Você não imagina a satisfação das pessoas em me dar os animais. Parecia que eu estava tirando lixo tóxico das terras deles.

— Pode agradecer a Mr. Walker por tudo isso. Ele é como o avô de todos os bodes deste condado.

— E eu agradeço — *agradeci*. Telefonei para ele, e ele foi muito simpático.

— Simpático? Não é o que a gente achava na escola.

— Pois eu acho que ele é um cara muito legal. Muito prestativo. Sabe o que ele me contou? Às vezes a gente tem de esfregar um pano no bode e depois ir passando o pano no nariz das meninas, para elas ficarem com tesão.

— Ah... sei — disse Rickie lentamente, balançando a cabeça. — Acho que ouvi falar disso na loja da Oda Black. Alguém disse que viu você aqui no alto fazendo indecências com as cabras.

Lusa sentiu o nariz encher do vinho de sabugueiro quando riu.

— Mentira!

— Está bem. Mentira — ele deu uma tragada e olhou para o pasto. A grama estava branca à luz da lua, como se coberta pela geada. — Será que *funciona*, você acha? Quer dizer, como funciona?

— Feromônios.

— O que é isso?

— Cheiros. Um mundo inteiro de amor que preferimos não discutir.

— Ah — disse ele. — Então são cinquenta e oito cabras. E você está esperando cinquenta cabritos?

— Pode apostar. E sabe o que mais? Você não vai acreditar.

— O quê?

— Lá em cima, no pasto em que ficava o bezerro? Três bodes — meu exército de reserva. *E* no pasto velho, o que fica atrás do pomar coberto de mato? Adivinhe.

— O quê, mais cabras?

— Setenta e uma cabras.

— Puta merda, moça! Agora é prá valer.

— Parece. Essas últimas, ou já pastaram recentemente junto com bodes, ou as pessoas não tinham certeza. Mr. Walker sugeriu que eu não as pegasse, pois elas não iam entrar no cio na época certa. Mas eu pensei, eu posso levá-las e

deixar quietas. Em outubro eu solto os rapazes e vou ter um segundo grupo de filhotes gordos em tempo para a Páscoa Grega e o Id-al-Adha.

Rick assoviou.

— Você já fez todas as contas.

— Sou o gênio da criação de cabras — Lusa deu um tapinha na cabeça. — Não se deve contar os pintos antes da choca, mas já falei com meu primo, o açougueiro. Ele está excitadíssimo, você não pode acreditar. Vai começar a receber pedidos em setembro. Disse que nós vamos faturar horrores.

— É mesmo? Quanto?

— Não é tanto assim. Bastante. O suficiente para cobrir as despesas grandes — os consertos que eu tenho de fazer imediatamente, por exemplo.

— De quanto a gente está falando, por libra?

— Um dólar e sessenta, talvez um dólar e setenta e cinco?

Ela não tinha referência de preço, mas Rickie tinha, porque ele deu um assovio de aprovação.

— Homem, *é muito bom* — sorriu para Lusa.

Seus olhos já estavam acostumados à escuridão, e ela o via claramente: não era exatamente uma cópia do pai, mas tinha o mesmo brilho nos olhos. Ela virou a garrafa e deixou o Demônio lhe morder a língua.

— Veja — disse ele, apontando para a colina banhada pela lua. Ela viu as formas corcundas e claras de suas cabras espalhadas pelo pasto, exatamente como uma criança as coloca no desenho. Finalmente, seus olhos distinguiram mais uma coisa: o movimento do bode escuro. Estava trabalhando o rebanho, montando metodicamente uma cabra e depois a seguinte. Lusa observou maravilhada.

— Vá em frente, rapaz — saudou solenemente. — Ajude-me a construir um teto novo para o meu celeiro.

Rick riu da piada.

Ela olhou para ele.

— Você já viu o que as cabras fazem na chuva?

— Já. Elas se agacham e se curvam como uma ferradura.

— É a coisa mais engraçada. Eu nunca tinha visto. Ontem estava chovendo e eu olhei pela janela e pensei: era só o que me faltava, todas as minhas cabras contraindo pólio ao mesmo tempo. Mas, logo que a chuva parou, elas voltaram ao normal.

— O que prova que ninguém presta atenção numa cabra, até o dia que ela dá um teto novo para o celeiro.

— Grande verdade, meu amigo.

A lua já estava alta e menor, e ela sentiu o pesar diminuir junto com ela. Talvez não estivesse diminuindo, nem mudando, mas perdendo um pouco de dominância em relação à paisagem, exatamente como a lua. Tentou adivinhar o que era aquilo, qual o truque da física que fazia a lua nascer enorme, e voltar ao tamanho normal quando se soltava dos galhos das árvores. À sua luz clara, ela vigiava as cabras trabalhando na própria multiplicação. Sentiu que Cole iria aprovar sua inteligência. Mas pela primeira vez desde que começara a planejar, ela sentiu uma fisgada de tristeza por essas mães e por seus filhos natimortos, pelo menos do ponto de vista maternal. Eram alimento, e as pessoas precisam de comida para suas festas, mas visto desse lado parecia um esforço e uma perda grande demais para pagar apenas o reparo do teto do celeiro e para liquidar velhas dívidas de uma fazenda velha e triste. Pela centésima vez Lusa tentou e não conseguiu imaginar como ficar ali, nem por quê. Quando tentava descrever a própria vida em palavras, não havia nada que a prendesse nesse lugar. E ela só tinha palavras a oferecer ao pai, a Arlie e suas amigas, ao antigo chefe: “Em menos de um ano eu vou embora daqui”.

Mas havia tantas coisas além das palavras. Havia o perfume da madressilva, da terra recém-arada, e as antigas canções que a chuva tocava no teto. As bruxas desenhando espirais sob a lua. Fantasmas.

— Rick, você já viu fantasmas?

— Você quer dizer, de verdade?

— Por oposição aos imaginários? — ela riu. — Acho que isso quer dizer não. Desculpe ter perguntado.

— Por quê? Você está vendo fantasmas?

— Estão na minha casa. Está cheia de fantasmas. Alguns são meus, gente da minha família — especificamente o meu avô que já morreu. Outros são da sua família. Esses eu não consigo identificar.

— Assustador.

— Não, e isso é o engraçado: não são assustadores. Todos são realmente felizes. Para dizer a verdade, são ótima companhia. Com eles a gente não fica tão solitária na casa.

— Não sei não, Lusa. Parece meio doido.

— Sei que parece. — Ele havia usado seu nome — ninguém mais na família usava, nunca — e ele não a tinha chamado de *tia* Lusa. O significado disso interrompeu a conversa por um minuto.

Finalmente ela disse:

— Bem, eu só queria contar para alguém. Desculpe-me.

— Não, está tudo bem. Até que é interessante. Eu nunca vi nenhum fantasma, mas também nunca vi o Alaska, e eu acho que ele existe.

— É uma filosofia que faz sentido.

— Como eles são?

Ela olhou para ele.

— Está mesmo interessado?

Deu de ombros:

— Claro.

— Não são como nos filmes. Parecem gente comum, na minha casa. Meninos, especificamente. Geralmente brincam na escada. Esta manhã eu os ouvi cochichando. Levantei e fui olhar do corrimão, e eles estavam lá embaixo, no segundo degrau de baixo para cima, de costas para mim.

— E quem era? — ele agora estava interessado.

— Promete que não conta para ninguém?

— Juro.

— Cole e Jewel. Um menino e uma menina, e eram os dois. Pareciam ter quatro e sete anos.

— Não-ão. Você tem certeza?

— Tenho.

— Mas você nunca viu o Cole quando ele era menino — comentou ele.

Ela o encarou.

— Você está questionando a minha precisão científica? Eram *fantasmas*! Não sei dizer como eu sei que era ele, eu só sei que era. Já vi retratos, e você sabe, ou talvez não saiba, quando a gente é muito próximo de alguém, a gente aprende a reconhecer sua vida inteira. Era ele, está bem? E sua tia Jewel, irmão e irmã. Ela passava o braço pelos ombros dele, como se quisesse proteger o irmão contra o mundo. Como se soubesse que um dia ela ia perdê-lo. De repente eu entendi essa coisa nova a respeito deles, o quanto eles eram amigos. E tive muita pena de Jewel.

— Todo mundo tem pena da tia Jewel. Ela é a mãe do azar.

— Por quê? Porque o marido a abandonou?

— É, tio Shel se mandou, depois Cole morreu, a confusão dos filhos, e agora a doença.

— Que doença? É *grave*?

— Eu nem sei. Juro por Deus, ninguém me conta nada. Pensam que eu ainda sou menino. Mas eu tenho olhos, e vejo que o cabelo dela está caindo.

— Ah, não — Lusa sussurrou, baixando a cabeça. — Meu Deus, é câncer?

— Acho que é. Do... — tocou o próprio peito. — Ela foi operada o ano passado, nos dois lados, mas ele ainda está lá.

— Ano *passado*? Depois de eu ter me mudado, ou antes?

— Não sei bem. Tudo foi muito abafado, até na família. Ninguém na igreja sabe. Nem o patrão dela no Kroger's. Se soubesse, ele ia despedir ela.

Lusa ficou sem palavras; só conseguia balançar a cabeça de um lado para o outro.

— A tia Hannie-Mavis leva ela prá Roanoke para o tratamento. Eu só sei porque ela traz os filhos para mamãe e as meninas tomar conta. Ninguém me contou nada, eu só estou juntando dois mais dois.

— Também não me contaram — disse Lusa. — Eu sabia que alguma coisa muito séria estava acontecendo. Merda, eu *sabia*, e eles nem me deixam ajudar — sua voz falhou. Estava vermelha e sentia os joelhos fracos por causa da notícia, e teve medo de que, se começasse a chorar, não iria parar mais. Ele passou os braços pelos seus ombros. Apenas o conforto daquele gesto, e seus olhos se encheram de lágrimas.

— Eles não querem te dar mais preocupações. Você já passou pelo pior que pode acontecer.

— Não é o pior. Eu ainda estou viva.

— Acho que é pior perder quem a gente ama do que morrer a gente mesmo.

Essa afirmação, para seu embarço, fez Lusa chorar ainda mais. Ele era tão jovem, como poderia saber uma coisa dessas? Apertou o rosto contra o algodão da camiseta e o calor do peito dele e ficou ali, soluçando, querendo fugir dali. Já se via atirando suas coisas na mala, livros e roupas, quase nada — deixaria para trás toda a mobília pesada da família. Desceria correndo a escada e iria embora. Mas foi impossível desviar das duas crianças de costas para eia no pé da escada. E elas a fizeram parar.

Percebeu que Rick ficou em silêncio durante longo tempo, abraçando-a com paciência, acariciando-lhe os cabelos com a outra mão. Suspirou.

— Me desculpe — disse ela, afastando o rosto de seu peito e evitando seus olhos.

— Não precisa. Passei meu braço em torno de você por um minuto. Mas gostaria de fazer mais: gostaria de consertar todo o seu telhado — pôs o dedo sob seu queixo e, para choque de Lusa, inclinou-se e lhe deu um beijo muito rápido nos lábios.

— Rick — disse ela, sentindo uma espécie de histeria subir pelo corpo — *Little Rickie*. Sou sua *tia*, pelo amor de Deus — exatamente igual aos filmes, pensou ela. Uma mulher sem desejo, que é perseguida uma noite por todos os homens.

— Me desculpe — disse ele, com toda a sinceridade. Afastou-se um passo dela. — Meu Deus, como eu fui estúpido. Não fique com raiva. Nem sei o que eu estava pensando, está bem?

Ela riu.

— Eu não estou com raiva. E não estou rindo de você. Você é um homem muito bonito. Sua namorada tem muita sorte de ter você.

Sobre isso ele nada comentou. Estava olhando para ela, tentando avaliar o estrago que tinha feito.

— A senhora não vai, quer dizer, contar para ninguém, vai?

— Não, claro que não. Para quem eu iria contar? — ela sorriu, balançando a cabeça e enxugando os olhos com a palma da mão. — O mais engraçado: seu pai estava pensando em tentar a mesma coisa meia hora atrás.

— Meu *pai*? Ele e *você*?

— Não fique tão chocado. Por que seria pior que *você* e eu?

Mas agora ele estava com raiva.

— *Merda*, meu pai! Ele não conseguiu nada, conseguiu? Quero dizer, o que ele tentou?

Ela se arrependeu da indiscrição; de alguma forma ela se esquecera de que se tratava de um menino e de seu pai. Lusa não tinha instintos para tais coisas — não era mãe.

— Ele não tentou nada — explicou com calma. — Ainda estava nos estágios de planejamento.

— Ora! Aquele velho sem-vergonha — disse ele triste, sacudindo a cabeça — E agora olha para ele. Está lá em cima, na frente de todo mundo, batendo bronha com os foguetes.

— Você é muito mau.

— Sou mesmo.

— Mas você tem razão. É melhor eu vigiar o espetáculo. Para poder escrever um relatório convincente para a seguradora depois que eles incendiarem o lugar.

Ele tocou seu ombro, fazendo-a parar.

— Não fica com raiva, está bem? Eu gosto de ser seu amigo, tia Lusa. Me desculpe essa confusão.

— Rick, eu não estou com raiva — olhou para as próprias mãos e bateu as garrafas, hesitante. Ainda estava assustada com o gosto daquela boca, a fumaça, a pungência humana que havia atravessado sua insensibilidade e tocado um pedaço vivo dentro dela — Sabe de uma coisa? Estou só, estou ficando meio louca, e foi muito bom sentir seus braços em volta de mim, não consigo nem pensar. Sou eu quem tem de agradecer. É isso, fim da conversa — deu-lhe um abraço ligeiro e o deixou no meio de sua nuvem de fumaça.

Subiu lentamente a colina, impressionada pela visão das luzes que se abriam à sua frente. Centenas de vagalumes luminosos voavam da grama, e fagulhas azuis e vermelhas choviam do céu. Todas as cunhadas estavam ocupadas dando

comida para as crianças ou limpando as mesas, mas os homens estavam colados nas cadeiras de abrir, gritando quando as bombas estouravam. Os mísseis voavam loucamente, um depois do outro, sobre o lago ou caindo na catalpa, criando dezenas de pequenos fogos sibilantes no meio das folhas.

— Oooh — gritavam as vozes masculinas em uníssono quando algum falhava e caía de lado na grama. Depois vinha a saudação carregada de cerveja quando o próximo subia direto com um assobio alto, estourando em cores acima de suas cabeças, soltando ao vento suas sementes brilhantes.

Lusa mordeu o lábio, sentindo aquela dor estranha na barriga. Esta noite estava completamente descontrolada, mas o que ela poderia fazer? Somos apenas o que somos: uma mulher vivendo o mesmo ciclo que a lua, e uma tribo de homens tentando copular com o céu.

PREDADORES

— *Ai!* — gritou ela, contraindo-se num espasmo, como se tivesse levado um choque elétrico. Na sua frente estava uma cabeça-de-cobre. Puxou lentamente a ceifadeira com que limpava o mato que crescia ao lado da trilha. Com um movimento lento e constante, ela apoiou o cabo do instrumento no ombro, enquanto o resto do corpo continuava imóvel, recuperando o fôlego. Nem todas as cobras lhe provocavam a mesma reação. Já havia visto muitas, e acabara por dominar sua reação instintiva; normalmente, quando uma cobra de cabeça fina deslizava entre a folhagem, um nariz escuro que passava a corpo num perfil liso, sua mente reconhecia instantaneamente um amigo. Mas uma cabeça triangular deixava-a gelada. Tal como um sinal de via preferencial, só que aqui ele significava *pare!* Aqui, todos os pássaros e mamíferos sabiam que aquela forma anunciava uma condição venenosa: era o perfil comum a todas as víboras em geral e às cabeças-de-cobre em particular. Aquela que tomava sol à beira da trilha era especialmente grossa, marcada de losangos desenhados na pele, e lembrava uma meia comprida cor de cobre matizada com tons que iam de um rosado acastanhado mais claro ou mais escuro a um rosa forte e intenso. Eram cores lindas, mas não tornavam a criatura atraente.

Calma, defenda o seu espaço, seu pai costumava cantar, num timbre monótono e baixo. Eles haviam encontrado a primeira cabeça-de-cobre de sua vida no celeiro, enrolada atrás de um fardo de feno que tentavam tirar para dar ao gado. Ela deu um grito e disparou em direção à porta: aquela vez e nunca mais. *Você não pode fugir enquanto não souber para onde. Talvez você fosse correr diretamente para a mãe desta.* Agora ela plantou os pés no chão, observando essa moça se desenrolar preguiçosamente, tomando várias direções ao mesmo tempo, sem pressa de escolher seu caminho. Respirou profundamente e tentou não odiar a cobra. Ela só cumpria sua obrigação; viver a vida como outras milhares de cabeças-de-cobre dessa montanha que nunca seriam vistas por olhos humanos; só queriam sua quota de um ou dois roedores por mês: seu salário vivo, sua contribuição para o equilíbrio. Todas tinham a esperança de não

ser pisoteadas ou, permita Deus, de não ter de fincar suas presas num mamífero enorme, impossível de ser comido, cem vezes maior que elas — um desperdício de preciosas toxinas. Ela sabia de tudo isso. É possível a gente ver um animal e saber que não há lugar para nós no coração dele, mas mantê-lo fora do *nosso* coração é uma coisa muito diferente.

Finalmente, a cabeça de mandíbulas largas fugiu do sol e entrou no capim alto. O corpo se esticou e seguiu numa linha sinuosa, deslizando encosta abaixo. Pouco depois, a cabeça reapareceu, a língua vibrando, três metros abaixo, em outra mancha de sol. A linha fixa de sua boca saía do nariz chato numa pequena curva, à feição de um sorriso irônico, mais uma ilusão criada pelas mandíbulas grandes que abrigavam as presas em seu interior. Ela sabia disso, mas mesmo assim ela ainda sentia uma forte emoção. O medo, a raiva e a sensação de enjoo no estômago faziam-na sentir-se fraca, mas agora ela sabia: odiava aquela coisa por causa do sorriso.

— Fique aí — disse ela para aquele olhar que não piscava — apague esse sorriso da sua cara.

Voltou-se e subiu a encosta levando a ceifadeira apoiada no ombro. Sentia as pernas pesadas como chumbo. Não havia razão para tanto cansaço, mas ela já queria encerrar ali o dia. Um almoço tardio, aninhar-se com um livro na mão. Ia chover. Inesperadamente, vieram trovoadas barulhentas naquela manhã (em todas elas deu um pulo, igual ao que a cobra provocara): uma tempestade se aproximava, vinda do Kentucky. Tomou um atalho para chegar à estrada passando por uma antiga clareira, agora já reocupada pela vegetação, mas ainda ensolarada e cheia de carrapichos. No verão, ela sempre procurava evitar esse caminho para não ter de ficar mais de uma hora arrancando os carrapichos da roupa. Mas não queria ser pega pela tempestade. Passou a foice nas densas moitas de carrapichos, invadida por uma perversa satisfação, perversa porque elas estavam em todo lugar. A vingança dos papagaios, era assim que ela se referia aos carrapichos. Eles evoluíram junto com um exímio comedor de sementes, o papagaio da Carolina, cuja extinção, depois da chegada dos europeus, foi tão rápida e completa, que pouco se sabia a seu respeito, além do seu alimento favorito. John James Audubon pintou retratos dos pássaros com os bicos cheios, banquetecendo-se entre os carrapichos, e descreveu as viagens dos grandes bandos coloridos que subiam e desciam os vales à procura dos carrapichos, e quando viam as moitas cheias de cachos, desciam ruidosamente e os devoravam, a ponto de eles quase desaparecerem. Eis aí uma coisa difícil de imaginar: a escassez de carrapichos. Agora não havia quem os comesse, e nem haveria no futuro. Agora, agarravam-se às roupas dos passantes e se espalhavam

pelos pastos, fazendas e até nas clareiras da floresta, tentando ensinar às pessoas algo que elas não sabiam mais como aprender. Tinham esquecido.

Apertou o passo ao ouvir as primeiras gotas respingarem nas folhas. Uma hora atrás, ela estava suando, mas à medida que a tempestade se aproximava ela sentia a temperatura cair como se ela estivesse mergulhando num lago. Parou para soltar o casaco da cintura e vesti-lo, puxando o capuz até quase junto aos olhos, antes de partir novamente a trote. Quando chegou à estrada do Serviço Florestal que vinha do vale, já estava correndo.

Na estrada, ela diminuiu a corrida com medo de torcer o tornozelo na pista irregular e porque a encosta era muito íngreme: tinha de recuperar o fôlego. Por que as pessoas corriam na chuva? Ainda tinha de andar quase um quilômetro, e de qualquer forma chegaria encharcada em casa. Achou graça de si mesma, e então parou para ouvir.

Era um veículo. Ela parou para vê-lo aparecer na curva para saber que tipo de invasão humana seria aquela. Triste ter de admitir, mas ela já acreditava que gente significava problema. Sabia que o Serviço Florestal não aprovava sua atitude pouco acolhedora, mas essa montanha certamente seria um lugar melhor se as pessoas a evitassem. Esperou, sentindo os ombros tensos, e ficou surpresa quando a lateral verde do jipe do Serviço Florestal surgiu dentre os troncos molhados. *Hoje?* Que dia era hoje: já era julho?

Pensou um pouco. Era verdade, já se estava no meio da primeira semana de julho. Que diabo, eles tinham mandado os suprimentos e ela havia esquecido o como-é-que-ele-chama mais uma vez. Jerry Lind, o sujeito que geralmente lhe trazia a correspondência e os mantimentos. Ela tinha de lhe entregar uma requisição. O coração batia, e não apenas por causa da corrida encosta acima: Eddie Bondo estava lá em cima. Naquela manhã, ela o havia deixado sentado na varanda, descalço, lendo o *Guia de campo dos pássaros do Leste*. Ora, deixe para lá.

— Oi, Diana, você está parecendo a própria Morte, com essa foice no ombro. Jerry vinha dirigindo com a cabeça fora da janela.

— Oi Jerry. Você está parecendo o próprio Urso Smokey.

Ele tocou a aba do chapéu.

— Protege da chuva.

Desligou o motor, veio reduzindo a velocidade até chegar perto de Diana; então, freou com força, sacudindo o jipe. A estrada estava vincada por valetas profundas por onde corriam rios cor de chocolate. Ela apoiou o pé no estribo do jipe e amarrou os cadarços encharcados.

— O que você fez com o meu material? Deixou jogado na varanda?

— Não. Pus lá dentro por causa da chuva. A correspondência ficou na mesa, junto com as caixas de comida. E o bужão de gás para o fogão eu deixei na varanda.

Ela o estudou procurando algum sinal de que ele havia descoberto alguma coisa na cabana.

— Teve algum problema? — perguntou cautelosamente.

— Ah, você está falando da porta? Acho que tive: aquelas dobradiças estão que é ferrugem pura. Você tem WD-40 aí? Ou é melhor eu trazer no mês que vem?

Foi esse o único problema? Abrir a porta? Ela observou o rosto dele.

— Óleo eu já tenho — disse ela pausadamente —, mas tenho de lhe dar uma lista para o mês que vem. Vou precisar de madeira para consertar uma ponte, e também de uns livros.

Jerry mexeu no chapéu e cocou a testa.

— Meu Deus, mais *livros*. Você nunca pensou em pedir, por exemplo, uma tevê?

— Existe tevê à pilha? Não venha me dizer que existe uma coisa dessas. Eu nem ouço o rádio que já tenho.

— Não ouve *rádio*? O presidente pode ser assassinado e você só vai saber um mês depois.

Ela pôs o pé esquerdo no chão e levantou o direito para amarrar o cadarço.

— Diga uma coisa, Jerry. Se o presidente fosse assassinado hoje à tarde, o que você faria amanhã que não teria feito se não houvesse assassinato?

Jerry pensou numa resposta.

— Nada, talvez assistir muita televisão. A CNN informaria a cada quinze minutos que ele ainda está morto.

— É por isso que eu gosto da vida, Jerry. Eu observo pássaros. E eles fazem uma coisa *diferente* a cada quinze minutos.

— Entre. Vou te levar até em casa e pegar a sua lista. Prometo não te contar nenhuma notícia do mundo lá de fora.

— Está bem.

Ela deu a volta por trás do carro e subiu do lado do passageiro, jogando a ceifadeira atrás dos bancos.

— O que você ia fazer se não tivesse me encontrado? Ia repetir a lista de requisições do mês passado?

— Não ia ser a primeira vez.

O jipe avançou aos solavancos quando Jerry tirou o pé do pedal do freio. A estrada era muito íngreme.

— É mesmo. Não seria. Estou comendo até hoje o arroz que você trouxe a mais em novembro.

O que ele poderia ter visto na cabana? Sentia-se embaraçada e indefesa como se Jerry a tivesse visto nua. Procurou sinais de seus pensamentos. Enquanto recebia as gotas de chuva, à medida que o jipe descia a encosta, examinava-o com atenção para ver se ele dava alguma indicação do que estaria pensando. Jerry parecia o mesmo: ou seja, um menino. Resistiu à tentação de lhe pedir para reduzir, e usar a transmissão em vez dos freios. Quem era ela para pedir tal coisa? Fazia já dois anos que ela não dirigia.

Ele fez uma careta para a estrada estreita. O acostamento descaía para a esquerda, enquanto a estrada subia para a direita.

— Nunca dei ré nesta estrada. Existe algum lugar com espaço para manobrar?

— Pouco mais de dois quilômetros abaixo. Logo abaixo daquela fazenda a estrada fica mais larga.

Ela se mexeu no banco.

— Quem é dono daquele lugar lá no fundo do vale? Você sabe?

— Sei: é a fazenda Widener. O dono é o Cole Widener. O Serviço Florestal teve de arranjar com ele a liberação de uma faixa de passagem para nós quando recuperamos esta cabana. Foi antes de você chegar.

Ela olhou para o lado, pensando pensativa.

— Os Wideners — disse ela, balançando a cabeça devagar —, eles têm um pouco de madeira. Há uma mata virgem na fazenda, juro, junto da nossa divisa. Todo ano eu morro de medo de eles descobrirem o que têm e derrubarem tudo. Seria o fim de um maravilhoso habitat que vai até o alto deste lado da montanha.

— Ei, ouvi dizer que ele morreu. Dois pneus do caminhão estouraram do mesmo lado e ele bateu no pilar de uma ponte, ou uma coisa assim. Na setenta e sete, na subida.

— Nada de notícias, Jerry. Você me prometeu.

— Oh, desculpe.

— É uma pena. Quem vai ficar com a fazenda agora? Aposto que vão desmatar tudo.

— Isso eu não sei.

— Widener... Como era o nome dele? Você acabou de dizer.

— Cole. Igual ao Old King Cole. Só que me disseram que ele era muito moço.

— Cole. Estou tentando lembrar, talvez eu o conheça. Na escola, eu tive umas colegas de sobrenome Widener, mas eram moças.

E nem eram um bando amistoso, pelo que ela se lembrava. Vinham para a escola com vestidos feitos em casa e não se misturavam, eram como um clube.

— Nem precisa me perguntar — disse Jerry alegremente.

— É claro que não. Você é de Roanoke e só tem doze anos.

— Isso mesmo, minha senhora, quase acertou. Na verdade, eu tenho vinte e quatro. E o retorno?

— Desculpe. Na verdade, não existe nenhum lugar bom para manobrar: o melhor é jogar uma ré e subir devagarinho.

Jerry fez o que ela sugeriu, apesar da dificuldade de subir aquela estradinha em marcha à ré.

— Que diabo — repetia ele, dirigindo com o corpo meio virado para trás, virando as rodas toda hora para o lado errado —, é como a gente escrever usando um espelho.

— E sabe o que mais, Jerry? Acho melhor você parar e eu vou andando buscar a minha lista.

— Pode deixar. Eu te levo até lá em cima.

Diana se sentiu mal ao se aproximarem da cabana. Parece que ele não tinha encontrado Eddie da primeira vez, mas não convém abusar da sorte.

— Não — disse ela —, não faço questão de andar. Pare aqui, não vou demorar nem dez minutos.

— Você não *faz questão*? Ou não se *importa*?

Ela olhou exasperada para ele:

— Quer parar e me deixar sair?

Ele continuou lentamente a marcha à ré, e por um instante um dos pneus saiu da estrada.

— Você vai demorar uma hora, e está chovendo canivetes. Qual o problema, você virou uma borra-botas?

— O quê quê isso, Jerry, agora você está estudando ou fazendo um curso de dialeto *hillbilly*?

— E a minha mãe que fala assim: “Fulano é um borra-botas”. Ela mora em Grundy.

— Ótimo. Estou me borrando, sentada aqui esperando você entrar numa árvore ou cair no despenhadeiro. Quer deixar eu ir andando?

— Não.

Desistiu. Brigar com Jerry para ter o direito de caminhar na chuva era ridículo. Olhou para frente para ver a estrada se desenrolar diante deles como um filme passando em retrocesso e em câmara lenta. Será que ele era tão cego? Mesmo que Eddie Bondo não estivesse lá, a cabana estava cheia dele. O bule

dele no fogão, a mochila debaixo da cama. Pensando bem, havia bem poucos sinais. Quase nada. Tranquilizou-se.

— Ei, encontrei o seu namorado.

— *O quê?*

— Ele é bacana. Nunca conheci ninguém do Wyoming.

— E que você fez, Jerry, entrevistou ele? Ele não é meu namorado. É só um amigo que subiu a montanha para uma visita de uns dois dias. Amanhã ele vai embora.

— É, está bom.

— O quê? — perguntou ela.

— Nada. Ele vai embora amanhã.

Ora, pensou Diana. Se alguém lhe perguntasse, ele iria mesmo. Mexeu as pernas; o jipe não fora feito para gente comprida. Os soldados deviam ser mais baixos na Segunda Guerra.

— Por que todo mundo logo imagina que é um *namoro* quando um homem e uma mulher são amigos?

Jerry encostou o punho na boca e limpou a garganta.

— Talvez seja por causa do pacote com vinte e cinco camisinhas jogado no chão ao lado da cama.

Ela se virou para ele de boca aberta.

— *Jogado* no chão. Meu Deus, Jerry, você não tem nada com isso. Ele é só um amigo, está bem? Vocês veem uma mulher sozinha e logo imaginam que ela tem um homem escondido em algum lugar.

Ele que vá para o inferno, pensou ela, por que já não tinha ido embora? No mês anterior, quando o Jerry trouxe a correspondência, ele não estava, *geralmente* ele não estava lá; na semana anterior, ele se mandara e ficara longe durante uns quatro dias, na chuva, só porque ela olhou para ele de cara feia. No dia em que Eddie deveria sumir como o Houdini, Bondo resolveu ficar em casa.

— Muito bem — disse Jerry —, você é quem sabe.

Diana olhou fixamente para frente.

— O mais provável é que ele tenha pensado que *você* é o meu namorado.

Jerry ficou vermelho.

— Que pensamento assustador horrível, não é, Jerry? Aposto que você quase se borra só de imaginar.

— Eu não disse isso.

— Está bem, pare ao lado da cabana. Vou entrar correndo e pegar a minha lista de requisições. E não vá sair contando para todo mundo que eu requisitei comida extra para um visitante, está bem? Porque eu não requisitei.

— Eu não vou te denunciar, Diana. Os funcionários públicos têm direito à vida privada. Acho que lá no escritório eles iam até ficar *felizes* se soubessem que você anda dormindo com alguém aqui em cima. Todo mundo se preocupa com você.

— Ah, é mesmo?

— Eles acham que você devia descer mais vezes. Você já deve ter uns cem dias de férias acumuladas que nunca usou.

— E como é que você sabe que eu não usei? E se eu tiver usado aqui em cima? Quem sabe se agora mesmo eu não estou de férias?

— Você *mora* aqui — disse ele com firmeza — você *trabalha* aqui. Você devia tirar férias e ir visitar a *civilização*. Tevê, eletricidade, ruas, carros, buzinas, biii, biii. Lembra?

— Isso não é a minha ideia de civilização, meu chapa.

Ela bateu a porta do jipe e andou a passos largos até a cabana. Abriu a porta sem ligar para as dobradiças enferrujadas e parou no vão por um segundo, olhando irritada para Eddie Bondo, que estava com a camisa de veludo cotelê desabotoada. Estava lendo, sentado na cadeira apoiada apenas nos pés traseiros, parecendo um cachorro dançarino. Apontou-lhe o dedo.

— Quando ele for embora, eu tenho contas a ajustar com você.

Eddie levantou as sobrancelhas.

Ela arrebatou a lista de requisições da mesa e tornou a sair. Pela janela da cozinha, ele a via na chuva, falando como uma metralhadora com o rapaz de chapéu. Imaginou o que o rapaz estaria pensando: o capuz tinha escorregado da cabeça, as mãos voavam enquanto ela falava, e a trança aparecia por baixo da capa de chuva, batendo nos joelhos como uma cauda de um animal a galope. Quando se curvou para pegar a ceifadeira no banco de trás do jipe, o rapaz se encolheu como se ela fosse capaz de lhe arrancar a cabeça. Eddie Bondo sorriu.

Ela jogou as ferramentas ao lado da cabana, enquanto o jipe manobrou, descendo depois a encosta.

— Você está rindo de quê? — perguntou ela ao voltar para dentro. — Acabei de ver uma cabeça-de-cobre que estava rindo igualzinho a você.

— Estou rindo de você, menina. E a cobra também.

— E eu devia cortar você em pedaços como eu fiz com ela?

— Não minta, menina valente. Você não arrancou nem um fio de cabelo daquela cabeça-de-cobre.

Ela o encarou.

— *E então?*

— Nada. Você é linda, só isso. Parece uma deusa quando fica com raiva.

Ele achava que ela era o quê, uma adolescente que ele podia engambelar? De lábios apertados, ela começou a mexer nas panelas, e a guardar as latas que vieram nas caixas de madeira que Jerry deixou na mesa. Arrastou os latões enormes à prova de ratos e jogou dentro deles os sacos de feijão e fubá. Eddie Bondo continuou sorrindo.

— Não estou brincando. Minha raiva é tanta, que eu sou capaz de mandar você embora, com chuva ou sem chuva.

Ele sorriu dessa ameaça tão pálida.

— O que eu fiz agora?

Ela se voltou para encará-lo.

— Não dava para você sair? Será que não dava para você ir para a casinha durante uns míseros dez minutos quando ouviu o jipe chegando?

Parou com as mãos nos quadris como se estivesse diante de um menino rebelde.

— Não lhe ocorreu a ideia de desaparecer, sumir?

— Não, não ocorreu. Posso perguntar por que eu deveria me esconder?

Ela tornou a bater nos armários.

— Porque você não existe, é por isso.

— Interessante — disse ele, olhando para as costas das mãos.

— Vê se me entende: aqui você não existe. Você não é parte da minha vida.

Ela desceu o zíper do casaco e o despiu tal como uma cobra ao trocar de pele, sacudindo o cabelo milagroso. Pendurou o boné num gancho e soltou a ponta da trança; sentou-se na cama, e soltou um suspiro irritado e começou a desamarrar os cadarços das botas. Com a meia de lã encharcada ainda no pé, ela chutou a longa corrente de camisinhas para a escuridão debaixo da cama.

— O Jerry ficou impressionado com o seu estoque de preservativos.

— Ah, já entendi: eu destruí o seu segredo. Diana, a virgem, tem uma reputação a zelar.

Ela o encarou irritada.

— E você quer fazer o favor de pôr os quatro pés da cadeira no chão? É a única que eu tenho. Agradeço muito se você não a quebrar.

Ele obedeceu baixando a cadeira com uma forte pancada no chão. Fechou o livro e olhou para ela, esperando. Perguntou, enfim:

— Você fica deprimida nos dias de chuva? Ou é TPM?

A piada sobre a TPM aumentou-lhe a raiva. Teve vontade de lhe dizer a verdade, que aparentemente havia entrado na menopausa. A lua cheia de julho havia passado, e sua ovulação não viera, e ela nem se lembrava de quando foi a última menstruação. Sentiu que o seu corpo estava esfriando. Atirou as botas contra a porta e se levantou para tirar a calça jeans encharcada. Não ligava se ele

a visse, não sentia disposição para o pudor. Não era uma virgem, era apenas uma mulher velha, sem paciência para suportar um menino.

— Que reputação? — disse ela, enquanto pendurava a roupa molhada num gancho perto do fogão e pegava uma toalha limpa do armário. — Além do Jerry e do sujeito que preenche o cheque do meu salário, ninguém mais se lembra de que eu estou aqui. Já fui esquecida.

Enquanto passava a toalha no cabelo, ela se curvou na direção do fogão. O corpo frio até os ossos o tratava como uma fonte de calor, apesar de não haver fogo ali. Observou também que Eddie acompanhava todos os seus movimentos, mirando os longos músculos de suas coxas.

— Se você não liga para o que os outros vão pensar, então qual é o problema? Por que eu devia me esconder do jovem Smokey?

— Ele não é muito mais jovem que você. Vocês dois não passam de meninos. Abotoe a camisa, aqui está gelado.

— Sim, mamãe.

E não abotoou a camisa.

Ela se levantou apertando a toalha contra o peito.

— Por que estamos brincando de casinha? Você sabe que eu tenho quarenta e sete anos? Você estava começando a andar quando eu tive o meu primeiro caso com um homem casado. Você não acha muito estranho?

Ele balançou a cabeça.

— Nem um pouquinho.

— Pois eu acho que sim. Tudo. Eu ter passado seis anos pesquisando um animal que você quer que desapareça da face da Terra. Eu ser uns quinze centímetros mais alta do que você. Dezenove anos mais velha. Se passássemos os dois juntos por uma rua de Knoxville, todo mundo ia olhar de boca aberta.

— Até onde eu sei, não está em nossos planos andar lado a lado em Knoxville.

Sentou-se na cama vestida apenas com as roupas íntimas, tremendo, e de repente se sentiu cansada demais até mesmo para se sentar. Deitou-se e puxou os cobertores até o queixo. Deitada, cabeça nos travesseiros, olhou para ele.

— Pelo que sei, ninguém aqui fez nenhum plano.

— E isso é problema?

— Não — disse ela infeliz.

Ele plantou os pés descalços no chão e se inclinou, apoiando os cotovelos nos joelhos. Ao falar, usou uma nova versão de sua voz, mais calma e gentil.

— Acho que seríamos um par estranho para qualquer pessoa que nos visse passando. Mas se ninguém está olhando, não há estranheza. Pensei que fosse assim, muito simples.

— Se o orgulho cai no meio da floresta e ninguém ouve, será verdade que ele realmente caiu?

Ele piscou.

— O quê?

— Você tem vergonha de mim. *Eu* tenho vergonha de mim, de nós dois. Se não fosse assim, não teríamos medo de passar pela rua de qualquer cidade.

Ele estudou-lhe o rosto; parecia mais velho — como se fosse capaz de se impor momentos de maturidade mas não o considerasse tão importante assim. Tinha vinte oito anos, um macho adolescente. Era um gavião de um ano, que começa a mostrar as penas escuras de adulto através da plumagem. Na questão de escolha de parceiro, ela estava desorientada.

— No lugar de onde eu venho, as pessoas guardam seus tesouros debaixo do colchão — disse ele —, mas não precisam anunciar isso para toda a criação.

— Mas se eles guardam sempre escondido, nunca poderão usar.

— E no que se refere a nós dois, o que poderá ser *usado*? Onde vamos usar um ao outro, senão aqui?

— Em lugar nenhum. Não sei o que estou dizendo. Esqueça.

Ele se sentou no encosto alto da cadeira e cruzou os braços sobre o peito.

— Entendi o que você está dizendo. Na verdade, eu não sou tão estúpido assim. Apesar da imaturidade.

Ela ficou deitada quieta por um longo tempo, observando-o. Os olhos verde-azulados, a pele exposta de seu peito, os botões de osso branco da camisa de veludo — todos os seus planos e ângulos tinham uma luz clara, cuja beleza a cortava como uma faca.

— Eddie, eu não quero me casar e viver feliz para sempre.

Ela teve a impressão de que ele tremeu ligeiramente à menção dessa possibilidade, ainda que na negativa.

— Se fosse esse o caso — disse ele com calma — eu estaria agora em Alberta.

— Alberta, no Canadá? — perguntou ela. — Ou a Alberta do Kentucky? A que grau de repugnância estamos nos referindo?

Ele olhou para ela sem oferecer resposta.

Ela balançou a cabeça.

— Você ainda não é grande bastante para me partir o coração. Não sou criança, pelo menos esse crédito eu mereço. Mas também acho que nunca vou ser como você.

— Como eu? O que você quis dizer com isso?

— Viver sem planos. Eu viveria tropeçando nas paredes.

Ela girou para ficar de costas, incapaz de continuar olhando para ele.

— Quando vim para cá, pensei que poderia ser igual a um papa-mosca ou um sabiá. Viver cada dia, atravessar o inverno e festejar o verão. Comer, dormir e cantar aleluia.

— Comer, dormir, trepar e cantar aleluia.

— Ou isso — ela cobriu o rosto com as mãos e esfregou os olhos —, os pássaros viviam muito mais ativos que eu. Mas sabe de uma coisa? A verdade é que eles *têm* um plano. Aqui eu sou uma estranha, apenas observo. Eles vivem ocupados fazendo cada um a sua parte desta *coisa* barulhenta. O plano deles é a persistência da vida na Terra, e a isso eu lhe garanto que eles são dedicados.

— Você também é dedicada.

— De uma maneira muito limitada. Quando eu morrer, o que terei feito de permanente aqui? Uma tese de mestrado na biblioteca da U.T., que foi lida por onze pessoas em todo o mundo.

— Eu vou ler. Então serão doze pessoas.

— Você não ia querer — ela deu um risinho curto e desanimado —, seria a última coisa que você ia querer ler. É sobre coiotes.

— O que você fala deles?

Ela virou a cabeça para olhar para ele.

— Tudo. As populações, como cresceram e mudaram ao longo do tempo. Uma das coisas que eu digo é que o fato de serem caçados pelo homem na verdade provoca o aumento de sua população.

— Isso é impossível.

— Você não acredita, mas é verdade. Tenho cem páginas de provas.

— Acho que vou ter de ler.

— Se quiser. Seria um gesto simpático.

Um presente de despedida, pensou ela. Virou o rosto para o teto e fechou os olhos, sentindo a pressão distante de uma dor de cabeça que estava chegando. O fato de ele ler ou deixar de ler não alteraria a posição dela no esquema do planeta. Apertou os dedos sobre as pálpebras.

— Talvez seja a minha idade, Eddie. Você ainda tem tempo para fingir que a vida é infinita. Antes de ter de encarar o quadro mais amplo.

Ele não lhe perguntou sobre o quadro mais amplo. Nem se levantou e saiu. Perguntou se ela gostaria que ele acendesse o fogão, e ela disse que queria. Estava tremendo visivelmente. Puxou os cobertores sobre a cabeça, deixando uma fresta por onde via as mãos dele a colocar firme e cuidadosamente a madeira no fogão. Pensou nas coisas feitas por mãos tão valiosas: fogueiras que se apagavam; árvores derrubadas para construir casas que se decompunham e caíam. Como se poderia comparar tais coisas com a graça de uma borboleta botando fileiras perfeitas de minúsculos ovos brilhantes sobre uma folha? Ou

uma papa-mosca tecendo um ninho de musgo para chocar sua ninhada? Ainda assim, ao observá-lo acender um fósforo e trazer o calor para dentro da cabana enquanto a chuva batia no telhado, ela se permitiu sentir gratidão por aquelas mãos, pelo menos naquele momento. Quando ele se deitou na cama a seu lado suas mãos seguraram as dela até ela dormir.

— Você está ficando doente — disse ele quando ela voltou a abrir os olhos.

Ela se sentou meio tonta, sem saber as horas. Ele já estava de pé e vestido, com a camisa abotoada, trabalhando no fogão. Havia ligado o novo botijão de gás — ele era bom com as mãos.

— Que horas são? E que história é essa de eu estar ficando doente?

— Você espirrou dormindo. Quatro vezes. Nunca vi ninguém fazer isso.

Ela esticou os membros. Sentia-se muito cansada e um pouco dolorida por causa da limpeza do mato, mas nada além disso. Nem dor de cabeça: a ameaça havia passado.

— Acho que estou bem.

Inalou o cheiro rico e festivo de cebolas sendo fritas. Maravilhoso. Às vezes ela tinha de lutar para resistir a amar esse homem. Pensou nos coiotes: foi bom. Uma coisa suficientemente grande, capaz de quebrar o coração dela.

— Você espirrou durante o sono — insistiu ele —, vou sair para buscar mais lenha.

Jogou dois punhados de legumes picados numa panela, cobriu com água e colocou a tampa de ferro, que tilintou feliz.

— Está escuro? Espere! Que horas são?

Ela cocou a cabeça e enviou os olhos quase fechados em direção à janela.

— Está anoitecendo. Por quê?

— Cuidado com o ninho da papa-mosca na varanda. Não a assuste. Se sair do ninho agora ela não volta antes do amanhecer e os filhotes morrem congelados.

— Não está fazendo frio: estamos em julho.

— Para um passarinho implume, está frio. Se a mãe não ficar deitada sobre eles, eles morrem.

Eddie parecia não acreditar em frio de verão nessa altitude, que os locais chamam de inverno da amora. Mas sabia que o aviso era verdadeiro, que uma ave expulsa do ninho ao anoitecer não voltava. Geralmente ficava a pequena distância, piando para os filhos, perdida. Diana nunca soubera a razão, mas Eddie lhe havia dito que um caçador conhece as percepções animais: a maioria

dos pássaros é incapaz de enxergar no escuro: ao anoitecer, de um momento para outro, ficam cegos e nada veem.

Ele sorriu, estava no vão da porta:

— Não quero sobrecarregar minha consciência com o peso de mais quatro bebês mortos: já tenho pecados demais.

— É importante — insistiu ela.

— Sei que é.

— É *sim*: ela já perdeu uma ninhada por causa do barulho que eu e você fizemos na varanda.

— Vou tomar cuidado. Andar na ponta dos pés.

Aparentemente, foi o que ele fez. Ela não ouviu mais nada até que ele voltasse e alimentasse o fogo. Sentiu o colchão se mexer quando ele se sentou, ouviu o rascar do fósforo e sentiu o cheiro do enxofre quando ele se abaixou para acender a lamparina de querosene na mesa ao lado da cama.

— Vire-se, que eu vou fazer uma massagem nas suas costas onde está doendo.

— O que aconteceu com você, de repente resolveu ser bonzinho? — ela abriu os olhos. — Como você sabe que minhas costas estão doendo?

— Eu sou sempre bonzinho, mas você só consegue ver o meu comportamento irritante, nada mais.

Beijou-lhe a testa:

— Você está pegando alguma coisa, gripe ou coisa semelhante. Estava quente demais até agora há pouco. Vire-se.

— É ziquizira — disse ela —, é o que a Nannie costumava dizer. É uma categoria geral de doença.

Virou-se e se deitou afundando a cabeça no travesseiro, sorrindo, a suspirar de alívio enquanto ele lhe massageava os ombros.

— A Nannie era namorada do papai — disse ela dentro do travesseiro, que abafou completamente as palavras.

— O quê?

Ela se virou.

— Nannie era namorada do papai.

— Ah, eu entendi você dizer “o Eddie é um camarada incapaz”.

— Isso também é verdade.

— A dona do pomar de macieiras, sei. Era quem te dava maçãs de graça e a quem o papai comia.

As mãos dele corriam competentemente ao longo das laterais do seu corpo, massageando suavemente uma costela de cada vez, fazendo uma pausa sob os seios, e finalmente parando ali, deixando-a louca de prazer. Quando ela já não

suportava mais o suspense, ele tirou a calça e se meteu entre os cobertores. Durante longo tempo ele a acariciou sem falar nada.

— Então — disse ela —, você ainda se lembra de todas as bobagens que eu lhe contei sobre a minha vida?

— Ela teve uma filha que nasceu com um defeito no coração. Mas não quis se casar com seu pai.

— Você se lembra de tudo mesmo. Nunca sei se você está ouvindo ou não.

— O fato de não termos um futuro não significa que eu não esteja aqui *agora*.

Ela queria, mas não conseguiu acreditar.

— Não sei por que investir tanto esforço. Afinal, você vai ter de esquecer tudo mais tarde.

— E você acha que eu vou te esquecer depois de terminarmos aqui?

— Acho.

— Não vou.

Deu-lhe um longo beijo. Ela o observou de olhos abertos. Ao beijá-la de olhos fechados, ele parecia tão vulnerável e embevecido, que era até doloroso de ver.

— Pois eu vou te esquecer — mentiu ela —, no mesmo instante em que você sair por aquela porta.

Ele se afastou um pouco e a olhou diretamente nos olhos para confirmar o que ela havia dito. Ela não conseguia, como ele, focalizar a vista a uma distância tão curta. Mais uma vez, era a idade.

— Se depender de mim, você não me esquece — prometeu ele, e ela tremeu. Sentiu a presença de uma mudança ou de um profundo dano. Se depender dele. Sem serem convidados, os coiotes vieram à sua mente: os filhotes na floresta, encolhidos na toca, protegidos da tempestade.

Mas a mente de Eddie Bondo estava aqui, centrada nela, tentando se desculpar por tê-la ferido — a referência de mau gosto a Alberta. Assim era a estranha dança dos dois. Muitas vezes ela tinha se atirado sobre ele num acesso de raiva, e depois passava dias a lhe oferecer comida; e cortava-lhe o cabelo, lavava as meias dele: unguentos de desculpa. Ela se lembrou do gato de sua infância, que lhe tirava sangue e depois saía, caçava um rato e lhe trazia o fígado.

Eddie virou-se de lado e se apoiou no cotovelo para melhor descobrir e observar o corpo dela. Foi difícil se acostumar. Ela sempre tinha de lutar contra a necessidade de se cobrir com o lençol.

— Por que o seu pai e a namorada nunca juntaram os trapos? — perguntou ele, circulando suas auréolas com o indicador.

— Nannie nunca quis. Não sei bem por quê. Acho que foi por isso que eu a admirava tanto; por saber o que queria e por ser independente. Mas todo mundo dizia que era o *papai* que não queria se casar.

— Vocês, meninas, sempre ficam com o lado pior dos boatos.

— Ah, então você também já notou. É verdade. A Nannie era um tipo estranho. Ainda é. Mas ele casaria com ela num piscar de olhos. Ele era assim, um sujeito simples e honrado.

— Diferente de mim.

— Muito. Acho que ele se tornou um homem triste porque ela não aceitou se casar com ele. Especialmente depois de Rachel ter nascido tão doente. Quando ela morreu, todo mundo ficou arrasado. Papai estava perdendo a fazenda e se acabou de tanto beber. Nannie também sofreu muito, mas suportou melhor.

— E você? Ela era sua irmã. Meia-irmã.

— Era. Não sei explicar, mas sempre soube que ela ia voltar para o céu. Veio só para ser minha irmãzinha durante algum tempo. Nós brincávamos de pirata, eu era o capitão e ela era o anjo. Vivia feliz. Tinha um tipo de pele que é meio cremosa e transparente. Quando ela morreu, foi uma tragédia para todos nós.

Diana fechou os olhos, sentindo-se oca com essa conversa. Talvez fosse a febre, que a deixava meio zonza e sonhadora.

— Mas a Nannie é uma mulher dura; ela sempre foi assim. Vive quer, e não se importa com o que os outros dizem.

— Então foi ela quem te ensinou.

Diana riu.

— Ah, você devia ver a confusão que eu aprontei com a minha vida. Entrei na universidade e comecei a ir para a cama com todos os meus professores.

Ele chegou o corpo para perto dela, todo ele, rijo e quente, impossível e ignorar.

— Você foi em busca de uma educação superior.

— Educação inferior. Eu não tinha ideia do que estava fazendo. Acho que eu tinha esse complexo por causa do papai. Obedecia aos meus instrutores. Me casei com um deles. Ele me achava brilhante e eu me casei com ele. Dizia que eu falava como um matuto, então eu parei de falar certas coisas com ele. Disse que eu devia ser professora, por isso eu fui dar aulas em Knoxville e, levei uns quinze anos, dos vinte aos trinta e poucos, para sair da casca.

— Você dava aulas de quê?

— Ciências, Matemática e Quer calar a boca, para alunos da sétima série.

Enquanto falavam, ele se colocou em cima dela apoiando o corpo nos cotovelos, deslizando lentamente para dentro dela sem mudar o tom de voz ou a

conversa. Ela deu um suspiro profundo, mas ele colocou o dedo sobre seus lábios e continuou a falar.

— Não consigo imaginar você com uma maçã na mesa. Mas consigo ver você atirando giz na turma.

Ela continuou deitada imóvel, recuperando o fôlego. Como se tivesse visto uma cobra.

— É possível que eu tenha jogado giz, não me lembro. Eu gostava dos meninos, mas geralmente me sentia acuada.

Falava lenta e calmamente, como se tudo fosse muito secreto, como se os corpos tentassem se esconder de suas mentes.

— Sou introvertida — continuou cautelosamente —, gosto de viver sozinha. Gosto de viver na floresta. E lá estava eu. Vivendo numa casa de tijolos, num subúrbio de cidade grande, passando os dias na companhia de centenas de seres humanos pequenos e incrivelmente barulhentos.

Ele começou a se mover dentro dela, sem pressa. Ela precisava se concentrar para controlar a voz. Sentia os cantos da boca se contraírem involuntariamente, como o sorriso da cabeça-de-cobre.

— Eu devia ter resolvido antes, mas passei dez anos nessa agitação antes de decidir sair de lá e fazer uma pós-graduação em biologia silvestre.

— E eis você aqui.

Ele a olhou nos olhos, sorrindo, enquanto movia lentamente os quadris. Ela também se curvou, chegando-se a ele.

— E aqui estou eu.

— E você e o professor não tiveram filhos?

— Estava fora de questão. Ele já tinha sido casado e tinha dois filhos adolescentes quando o conheci. Pelos cálculos deles, ele e a mulher já haviam gerado os seus substitutos. A Terra não tinha lugar para mais nenhum.

— Nossa, uma matemática muito rigorosa.

— Ele era assim. Era alemão.

— Mas você ainda não tinha um substituto.

— Acho que isso não era problema dele. Ele tinha feito vasectomia.

— E acabou. Você nunca se arrependeu?

— Não sou tão maternal assim.

Ele passou a mão pelas costas dela e a penetrou até o fundo, até ela perder o controle dos pensamentos. Ele tinha um jeito de chegar até o osso pélvico, criando uma pressão num lugar que homem nenhum já havia atingido. O coito com Eddie Bondo era um milagre da natureza. Ele a prendeu com as costas arqueadas e lançou um risinho suave contra o seu rosto.

— *Você!* Você gasta mais tempo evitando ferir uma aranha ou um filhote de passarinho do que a maioria das pessoas tomando conta dos filhos. Você é maternal.

Ele continuava prestando atenção ao que ela dizia. Ela nem se lembrava do que havia dito.

— Psss — fez ele de repente, apertando-a e se imobilizando —, o que *é* isso?

Os dois prestaram atenção ao ruído suave e deslizante que vinha do telhado. Era um arranhado seco e áspero, quase como um barulho de lixa, que se movia em círculos sobre a superfície áspera. O som era agora praticamente constante ao anoitecer, quando não era abafado pela chuva.

— Não é um rato — admitiu Diana, após alguns segundos.

— Sei que não é um rato. Você sempre diz que é um rato, mas não é. É uma coisa comprida e deslizosa.

— Deslizosa? — perguntou ela. — E *você* ainda zomba do *meu* modo de falar?

— Então, comprida e escamosa.

— É, é uma cobra. Provavelmente, uma grande cobra preta que fugiu da chuva um dia e descobriu tantos ratos por aqui, que resolveu ficar.

Eddie Bondo tremeu. Ela o sentiu diminuir dentro de si e riu.

— Não me diga que você tem medo de cobra. Você tem!

Ele rolou, saindo de cima dela, e cobriu o rosto com o braço.

— Mas o que é isso, Eddie Bondo. Um sujeito corajoso como você.

— Não tenho medo de cobra. Só não gosto da ideia de acordar com uma deslizando sobre o meu corpo.

— Então não durma. Fique aqui prestando atenção e me avise se ela descer para a cama. Boa noite!

Ela se inclinou e fingiu soprar a chama da lamparina.

— Não faça isso!

Ele estava em pânico por causa da combinação de cobra com escuridão. Mas então ele tomou o travesseiro dela e lhe bateu, tentando disfarçar o embaraço. Ela deixou a lamparina acesa e tornou a se deitar, satisfeita consigo mesma.

— Madame, a senhora é muito cruel.

Ela lhe tomou o travesseiro e se deitou sobre ele, fruindo a própria superioridade. Quando ela morava no Condado de Zabulon, ela conheceu homens grandes e duros que trabalhavam tranquilamente com equipamentos enormes e enfrentavam animais capazes de matá-los, mas admitiam tranquilamente ter medo de cobras. Aos nove anos, Diana Wolfe se tornou uma figura lendária quando apareceu na escola levando uma cobra preta de mais de dois metros.

— Não tem sentido não gostar dessa cobra no telhado. Ela está do nosso lado. Eu detesto ratos — odeio —; os que aparecem no meio da minha comida, ou fazem ninhos entre as minhas meias, e elas fedem à urina de rato, ou os que correm sobre meus pés e me fazem jogar o café na parede. Se você conseguisse acabar com todas as cobras do mundo, as pessoas não teriam como suportar a praga dos ratos. E não só aqui. Nas cidades também.

— Obrigado, professora de Ciências. É uma pena não sermos todos tão lógicos quanto a senhora. E sabe de uma coisa?

Ele rolou na cama e sussurrou no seu ouvido:

— Você tem medo de raio.

— Não tenho não.

— Tem sim: eu já vi você pular de medo.

— O susto é uma reação, não é medo. O raio não é nada mais do que duas paredes de ar que se encontram e não faz mal nem a uma mosca.

Ele tornou a se deitar no travesseiro ao seu lado, dando um sorriso feroz.

— Mas que faz você pular feito doida.

— Os ratos também me fazem pular; mas não é de medo, é nojo.

— Pois é isso. Cobras não me metem medo, me dão nojo.

— São escolhas imbecis, Eddie. As pessoas as fazem todo dia, mas odiar um predador é como odiar o teto que nos protege. Para mim, mais vale uma cobra na minha casa do que cinquenta ratos. Uma cobra em cada telhado.

Ele teve um calafrio.

— Pelo menos as cobras têm boas maneiras: não ficam atropelando a gente.

— Fique longe de mim — Eddie Bondo gritou para o teto.

— Não se preocupe.

Ela puxou os cobertores e deitou a cabeça no ombro dele. A verdade era que ela também tinha seus medos irracionais. Falou mansamente, acariciando a linha dura e serrilhada que corria no meio de seu peito, pensando na cartilagem que protegia o seu coração.

— A cobra é um predador, e só pensa na própria presa; e nós não somos a presa dela. Do ponto de vista de uma cobra, nós nem existimos. Para ela, nós não somos nada. Estamos seguros.

Ficaram imóveis por alguns momentos, ouvindo a música dos grilos naquela noite de verão. Ela escutou o piado de uma coruja; vinha de um ponto perto dali. Não era o pio profundo das grandes corujas, mas um som mais particular, uma risadinha aguda e descendente. Esperou a resposta, e ela veio imediatamente: uma série de pequenos latidos que as corujas usam quando estão próximas, na época da reprodução. Estavam procurando uma à outra no escuro, fazendo amor bem debaixo da janela. Diana deslizou os lábios ao longo do pescoço de Eddie.

— Então, podemos voltar para a nossa conversa?

— Acho que não.

Ele levantou as cobertas e olhou:

— Podemos sim.

Ela rolou para fora dos braços dele o suficiente para soprar a chama da lamparina. Num hábito que vinha desde a infância, sussurrou para si mesma uma prece de agradecimento, pequena e rápida como uma chama que se apaga na escuridão. *Obrigada por este dia, pelos pássaros seguros nos ninhos, por tudo isso, pela vida.*

VELHAS CASTANHEIRAS

A margem do Ribeirão do Ovo estava tão encharcada que parecia uma esponja na chuva. A Garnett só restava olhar a encosta e balançar a cabeça. O terreno estava tão mole, que um carvalho de 50 anos nele enraizado tivera as raízes arrancadas da lama como se fossem dentes bambos, e caíra antes do tempo. Que sujeira. Seria preciso chamar alguém, com uma motosserra, para transformar aquela confusão de tronco e galhos numa pilha de lenha. O filho de Oda Black, por exemplo, um rapaz educado, capaz de realizar toda a tarefa apenas numa manhã, sem cobrar uma fortuna.

Mas o custo não era problema. Nem encontrar alguém para fazer o trabalho. Esse trecho do Ribeirão do Ovo era a divisa entre suas terras e as de Nannie Rawley, *esse* era o problema. Seria justo que ela pagasse metade do custo da limpeza — ou até mais, pois foi a árvore *dela* que caiu na terra *dele*. Mas eles teriam de entrar em acordo, e *isso* era uma coisa sem precedentes na história de Garnett e Nannie.

Olhou para aquela bagunça e deu um suspiro. Se pelo menos ela chegasse até aqui para observar iria livrá-lo da obrigação de dar o primeiro passo. Se Garnett aventasse o assunto, ela agiria como se ele estivesse pedindo um favor. O que, claro, não era o caso. Ele estaria apenas chamando atenção para a negligência dela. Qualquer fazendeiro digno desse nome percorreria as divisas de sua propriedade depois de toda e qualquer tempestade para avaliar os danos. Mas também havia a Nannie Rawley.

— Pobre de mim — declarou ele em voz alta aos passarinhos, alguns dos quais cantavam alegremente nos galhos do carvalho caído ao chão, sem a menor preocupação com a repentina mudança da vertical para a horizontal. Na verdade, a árvore tombada ainda estava coberta de folhas brilhantes — talvez ainda tentasse espalhar seu pólen ao vento e plantar suas sementes como se suas raízes não estivessem expostas à brisa nem seu tronco condenado a se transformar em lenha.

Pássaros e carvalhos pensam como ela, pensou ele, examinando com uma estranha satisfação esse mundo pequeno e iludido.

Observou que mais de meia dúzia de árvores da margem estavam perigosamente inclinadas do lado dela para o dele. A próxima tempestade iria derrubar essas outras árvores. Uma velha cerejeira parecia particularmente ameaçadora, com uma inclinação de 45°, exatamente por cima do caminho que ele usava para chegar até ali. Decidiu que a partir de agora andaria depressa, sem parar, toda vez que tivesse de passar sob ela.

— Ai, meu Deus — repetiu ao retomar o caminho que levava à sua casa e às coisas que deveria fazer em seguida.

Teria de ser cara a cara. Nada de telefone. Ela nunca estava em casa, tinha uma dessas malditas maquininhas que apitavam e esperavam a pessoa responder de onde estava, sem tempo para pensar. Seu coração já não aguentava mais essas coisas; sempre que tinha alguma surpresa, era obrigado a se deitar. Não, ele teria de ir lá no mesmo dia e enfrentar Nannie Rawley como se enfrenta uma dose de óleo de rícino. Garnett teve um acesso de fúria por causa de seu azar. Toda vez em que acreditava estar livre dessa mulher, ela reaparecia em algum lugar. Era pior que mofo. Por que Deus insistia em jogar essa mulher contra ele? Ele sabia a resposta: Nannie Rawley existia para testar sua fé, era a cruz que tinha de carregar. Mas até quando?

— Já não fiz tudo o que era possível? — perguntou enquanto caminhava, erguendo as palmas das mãos para o céu e pronunciando palavras sem som. — Já escrevi cartas, já expliquei os fatos. Já lhe ofereci aconselhamento científico, e lhe dei a Palavra de Deus. Meu Deus, já não fiz o suficiente em favor da alma mortal dessa mulher?

Uma das árvores inclinadas da margem se moveu, dando um gemido e um estalo, fazendo o coração do velho disparar no peito como um novilho no brete. Estacou no caminho e pôs a mão sobre o peito para acalmar aquele bicho condenado.

— Está bem — disse Garnett Walker para o seu Deus —, *está bem!*

Garnett admirava pomares bem cuidados, e foi obrigado a reconhecer. Gostava do terreno fresco e sombreado em torno das árvores, que lembrava uma grande toalha de piquenique, e gostava dos troncos alinhados, primeiro em linha reta, depois em diagonal, conforme o ângulo de vista. Uma floresta que obedecia às leis do homem e à geometria, esse era o seu prazer. Claro, essas árvores tinham sido plantadas pelo velho Rawley em 51, por aí, na época em que ela estava na universidade. Se *ela* as tivesse plantado, as árvores estariam espalhadas como na

floresta. E ela teria uma teoria para explicar porque assim era melhor para as maçãs.

Ele sabia que ela estava plantando uma nova seção no campo do outro lado da casa, apesar de ele ainda não ter ido até lá e portanto não poder dizer se as árvores estavam alinhadas ou não. Ela já declarara que as mudas eram clones de uma das espécies silvestres que nasceram nas terras sem cultura que havia num morro atrás do pomar. O terreno estava horroroso, pois ela o deixava abandonado à própria sorte, mas ela dizia que aquele era o grande experimento dela e dos pássaros, e que já havia descoberto um cruzamento acidental particularmente interessante que fora patenteado com o nome de “Rachel Carson”. Será que ela estava pensando que podia patentear uma nova espécie e enxertar um pomar inteiro? Aquelas árvores não dariam frutos antes de pelo menos uns dez anos. Quem ela achava que os iria colher?

O plano de Garnett para hoje era ir até a casa e bater na porta de tela, mas no caminho ele viu as escadas e a parafernália de colheita espalhada no chão do pomar do lado oeste. Foi até lá e passou pela horta, que lhe pareceu muito bem cuidada: foi obrigado a reconhecer. Devido a um milagre qualquer ela estava colhendo brócolus e berinjela sem aplicar defensivos. Garnett havia desistido de plantar brócolis: só as lagartas comiam — e suas berinjelas ficaram tão cheias de alticas, que pareciam ter levado um tiro de cartucheira. Inspeccionou o milho, que já começava a pendoar duas semanas antes do dele. Será que ela tinha de enfrentar alguma praga do milho? Fez um esforço para não desejar que tivesse. Já tinha chegado até quase a cerca que separava as duas propriedades quando a ouviu cantarolando no meio da folhagem e viu suas pernas na escada, saindo de dentro do teto de folhas verdes acima dela. *Deve ser assim que uma tartaruga no fundo da água vê o pato nadando*, pensou consigo mesmo. Deu um suspiro profundo. Decidiu não fazer rodeios.

— Bom dia! Tenho algumas notícias. Uma de suas árvores caiu sobre mim.

Os tênis brancos sujos desceram dois degraus da escada, e ela olhou para ele através dos galhos.

— Ora, o senhor não parece muito pior do que o normal, senhor Walker.

Ele balançou a cabeça.

— A senhora não precisa se comportar como uma criança.

— Mas o senhor deveria, uma vez ou outra.

Ela voltou para dentro da copa da macieira, uma Juno Transparente — ele viu as frutas amarelas no chão. Ela estava colhendo as maçãs de junho no meio de agosto. O que nela era normal.

— Tenho um assunto a discutir com a senhora — disse gravemente —, mas gostaria de conversar com a senhora aqui no chão.

Ela desceu a escada carregando no braço uma cesta cheia de maçãs, resmungando que tinha de trabalhar para viver, não podia ficar esperando a aposentadoria no final do mês. Colocou a cesta no chão e as mãos nas cadeiras.

— Muito bem, se o senhor quer discutir seriamente, *eu* tenho uma questão a discutir com o *senhor*!

Sentiu o coração engasgar. Tinha raiva de si mesmo por permitir a ela assustá-lo dessa forma. Ficou imóvel, respirando lentamente, e disse a si mesmo que não precisava temer nada do que viria dela. Era como um terreno pronto para ser arado — um terreno pequeno e feminino.

— O que foi agora?

— É aquele maldito Sevin que o senhor está pulverizando nas suas árvores todo dia! O senhor diz que está com problemas porque uma *árvore* caiu sobre o senhor? Pois o seu veneno cai em cima de mim, não da minha propriedade, nem das minhas maçãs, de *mim*, e eu tenho de respirá-lo. Se eu pegar um câncer de pulmão, a sua consciência terá de carregar esse peso.

A tempestade de palavras parou; os olhos de ambos se encontraram rapidamente e se voltaram para o chão em volta de cada um. Ellen havia morrido de câncer de pulmão que havia gerado uma metástase no cérebro. As pessoas sempre comentavam o fato de ela nunca ter fumado.

— Me desculpe se fiz o senhor se lembrar da Ellen. Mas eu não estou dizendo que foram os seus venenos que causaram a doença dela.

Não disse, mas pensou, Garnett percebeu e teve um choque. Pensou e falou, e por isso todo mundo também estava pensando a mesma coisa. E de repente foi tomado por um terror mais profundo: poderia ser verdade. Ele nunca se preocupara em ler as letras pequenas do pacote de Sevin, mas sabia que levava alguma coisa ruim para dentro dos pulmões. Oh, Ellen. Ergueu os olhos para o céu, e de repente se sentiu tão tonto que teve medo de ser forçado a se sentar na grama. Pôs uma mão sobre uma das têmporas e com a outra se apoiou no tronco de uma Juno Transparente.

— Eu fiz mal — observou Nannie —, não queria começar a conversa de uma maneira tão odiosa, logo de saída. Tentei criar um espaço para a gente poder chegar até lá.

Hesitou.

— O senhor quer um copo d'água?

— Estou bem — respondeu Garnett, recuperando o equilíbrio. Ela emborcou duas cestas e lhe fez um sinal para se sentar.

— Acontece que há muito tempo eu estou me envenenando com tantos problemas. Agora mesmo eu estava fervendo por causa de uma porção de coisas que chegaram ao mesmo tempo: o seu veneno, as contas a pagar, as telhas do

meu telhado, que não tenho como substituir. Dink Little me disse que ninguém mais faz essas telhas, dá para imaginar? Uma desgraça nunca vem sozinha, e você aparecer aqui de repente, aos berros, foi a gota d'água que estourou a represa.

Ela meteu a mão entre os joelhos e puxou a cesta para frente, e os dois se encararam bem de perto, cara a cara.

— Precisamos ter uma conversa tranquila sobre essa questão dos pesticidas, de agricultor para agricultor.

Garnett sentiu uma pontada de remorso por causa das telhas, mas deixou passar.

— Estamos no meio de julho e as lagartas estão atacando minhas mudas como uma praga. Se eu não aplicasse o Sevin, iria perder todos os cruzamentos que fiz este ano.

— Sei, mas o senhor está matando tudo que me beneficia. Está matando meus polinizadores. Está matando os pássaros que comem os besouros. O senhor é um verdadeiro anjo da morte, senhor Walker.

— Mas eu tenho de cuidar de minhas castanheiras — respondeu com firmeza.

Ela lhe lançou um olhar duro.

— Senhor Walker, é imaginação minha ou o senhor pensa realmente que suas castanheiras são mais importantes que minhas maçãs? Só porque o senhor é homem e eu sou mulher? O senhor se esquece de que eu dependo das maçãs, e de que as suas castanheiras são um *hobby*.

Essa foi um golpe baixo. Garnett deveria ter telefonado. Preferível conversar com uma máquina sem cérebro.

— Eu nunca disse nada sobre suas maçãs. E se eu não pulverizo, as lagartas logo passam para este lado. Na verdade, eu estou até ajudando a senhora.

— Mas elas já *passaram*. E à minha maneira, eu consigo mantê-las sob controle. Mas o seu veneno provoca uma explosão da população de lagartas.

Ele balançou a cabeça.

— Quantas vezes eu ainda vou ter de escutar essa bobagem?

Ela se inclinou para frente arregalando os olhos.

— Até o dia em que o senhor me *ouvir*.

— Eu já ouvi. Ouvi até demais.

— Não, eu nunca lhe expliquei direito. Eu tinha um palpite, mas não conseguia exprimir em palavras. Mas na semana passada, saiu um artigo no *Jornal do Plantador*. É tudo científico, um princípio. O senhor quer que eu lhe traga o jornal, ou prefere que eu mesma explique com minhas próprias palavras?

— Acho que não tenho escolha. Vou ouvir e descobrir o erro de raciocínio. E então a senhora vai ter de se esquecer disso para sempre.

— Muito bem — disse ela mexendo-se sobre a cesta —, muito bem. Ai, meu Deus, estou nervosa como ficava nos dias de prova.

O olhar ansioso que ela lhe lançou fez Garnett se lembrar de todos os meninos que durante anos tiveram medo dele nas aulas de agricultura vocacional. Ele não era mau; mas insistia em que eles deveriam fazer tudo *muito bem*. Mas por isso eles tinham medo dele. Nunca foram amigos dele, como eram do Con Ricketts da oficina, por exemplo. Esse negócio de querer tudo direito redundava numa vida muito solitária.

— Então vamos — disse ela após uns instantes —, há dois tipos de insetos, os seus comedores de plantas e os comedores de insetos.

— Correto — disse ele —, afídios, besouros japoneses e lagartas comem plantas. Para não citar muitos. As joaninhas comem outros insetos.

— As joaninhas, e também as aranhas, as vespas, as caçadoras de gafanhotos e várias outras espécies, além das tentredárias e himenópteras parasitas e muitas outras. Portanto, lá na sua plantação, o senhor tem predadores e herbívoros. Tudo bem até aqui?

Ele ergueu a mão no ar.

— Fui professor de agricultura vocacional durante um tempo igual à metade da sua vida. Você não vai dizer nada de novo para um homem velho como eu.

Embora, para dizer a verdade, ele nunca tivesse ouvido falar das himenópteras parasitas.

— Então, tudo bem. Os seus herbívoros têm algumas características.

— Eles comem plantas.

— É verdade. Para você, eles são pragas. E eles se reproduzem muito depressa.

— Como se eu não soubesse!

— Os insetos predadores geralmente não se reproduzem tão depressa. Mas isso dá certo na natureza porque um predador come um mundo de pragas durante sua vida. Os herbívoros têm de andar mais depressa para sobreviver. As duas espécies ficam em equilíbrio. Até aqui está tudo certo?

Garnett concordou. Agora estava ouvindo com mais atenção do que esperava.

— Muito bem. Quando pulveriza uma lavoura com um inseticida de amplo espectro, como o Sevin, o senhor mata os herbívoros e os predadores. Se de início predadores e presas estão em equilíbrio, e os dois perdem quantidades iguais, então, entre os insetos que sobreviverem, as pragas vão *aumentar* depressa, depois da pulverização, pois seus inimigos desapareceram. E os

predadores vão *diminuir*, pois a maior parte do seu alimento desapareceu. Assim, no intervalo entre pulverizações, o senhor aumenta o número de pragas indesejáveis e acaba com os insetos de que precisa. E toda vez que o senhor pulveriza fica pior.

— E daí? — perguntou Garnett, concentrando-se nisso.

Ela olhou para ele.

— Daí, acabou. Isso é o Princípio de Volterra.

Garnett se sentiu ludibriado. Como ela era capaz de fazer sempre a mesma coisa? Em outra época, ela teria sido queimada viva como bruxa.

— Não encontrei nenhuma falha no seu raciocínio — foi obrigado a admitir.

— Porque não existe nenhuma. Porque eu tenho razão! — a mulherzinha estava aos berros.

— A indústria química agrícola ficaria surpresa com a sua teoria.

— Mas é claro que eles a conhecem! Só esperam que *o senhor* não saiba. Quanto mais o senhor gasta em inseticida, mais vai ter de gastar no futuro. É como ficar viciado.

— Ei, não vamos exagerar.

Ela se inclinou para frente, cotovelos apoiados nos joelhos, e o olhou muito séria, com olhos que tinham a cor e o brilho de castanhas polidas. Ele nunca havia prestado atenção naqueles olhos antes.

— Se o senhor não acredita que aquele pessoal é desonesto, então o senhor é ingênuo, senhor Walker. O senhor tem recebido material da Extensão? Agora todas as empresas estão tentando empurrar grãos com genes todos alterados, e os tolos estão plantando!

— O fazendeiro moderno sempre experimenta as novas ideias — disse ele —, até os do Condado de Zabulon.

— Metade do mundo não vai querer comer esses grãos; há um boicote contra eles. Qualquer fazendeiro que plantar quebra em um ou dois anos — a sua agricultura moderna é isso.

— Essa é uma visão pessimista.

Ela bateu nos joelhos com as duas mãos.

— Olhe à sua volta, velho! No tempo do seu pai, os agricultores daqui viviam muito bem. Agora são obrigados a trabalhar à noite no K-mart para conseguir pagar as hipotecas. Por quê? Todos trabalham tanto quanto os pais, estão na mesma terra; então o que está errado?

Garnett sentiu o calor insistente do sol na nuca. Nannie, à sua frente, foi forçada a apertar os olhos. Havia começado a conversa na sombra, mas agora o sol havia saído de trás de uma árvore — o que dava uma ideia do tempo que desperdiçaram sentados nas cestas, falando bobagens.

— Os tempos mudam — disse ele —, só isso.

— Os *tempos* não mudam; as *ideias* é que mudam. Preços, mercados, leis. As empresas químicas mudam, e parece que mudam também a cabeça da gente. Se é isso que o senhor quer dizer com “tempo”, então é verdade que as coisas ficaram piores.

Garnett riu, lembrando-se do entregador da UPS.

— Não tenho como discordar.

Ela protegeu os olhos e o encarou.

— Então por que o senhor faz pouco caso do meu modo antigo de cuidar da terra, e bem na minha cara?

Garnett se levantou espanando uma sujeira invisível do joelho da calça. Ouviu um zumbido agudo e persistente, que pensou ser do seu aparelho de surdez, mas que vinha das árvores e do próprio ar. Aquilo o deixou agitado. Tudo ali lhe parecia assustador.

Ela continuou sentada, seguindo-o com os olhos pelo terreno, esperando uma resposta que ele não conseguia formular. Por que Nannie Rawley o irritava tanto? Deus do Céu: ainda que ele tivesse tempo e conhecimentos não seria capaz de responder. Ele parou e olhou para ela, que, sentada, esperava sua opinião. Ela não parecia antiquada, parecia mais uma visitante de outro tempo — uma menina com os olhos escuros e arregalados e uma coroa de tranças. Até a roupa, uma jardineira jeans e uma blusa branca sem mangas, lhe dava o ar de uma menina no começo das férias de verão. Apenas uma menina — ele se sentia mudo e humilhado como um menino.

— Por que o senhor tem tanta raiva de tudo? — perguntou ela afinal. — Gostaria que o senhor fosse capaz de ver a beleza que há em tudo.

— Em quê? — perguntou ele.

Uma nuvem passou diante do sol e tudo se moveu um pouquinho.

— Em tudo.

Ela esticou o braço:

— Este mundo! Um terreno com plantas e insetos que criam sozinhos o seu próprio equilíbrio.

— É uma visão enganosa. Na verdade, todos estão se matando uns aos outros.

— É isso mesmo, comendo os outros e reproduzindo a própria espécie, é verdade. Comer e reproduzir, é disso que trata a criação de Deus.

— Com isso eu não posso concordar.

— Ah, é? O senhor acha que é diferente de todos nós?

— Não. É que eu prefiro não chafurdar.

— Ninguém está falando de *lama*, senhor Walker. É uma glória, é ser parte de uma coisa maior. A glória de estar num mundo em evolução.

— Ah, estava demorando. Não precisa nem começar a falar da sua evolução. Eu já corrigi a senhora antes.

Andou em círculo igual ao cachorro quando se prepara para deitar. Então, parou.

— A senhora não recebeu minha carta?

— O seu bilhete de agradecimento pela torta de amoras que eu fiz para o senhor? Não, acho que não recebi. O que eu recebi foram umas linhas perversas a respeito de queima de sutiãs e de como minha alma ia ser lançada nos dentes de Satã tal como meu patinho foi comido pela tartaruga. Acho que um velho louco mandou aquela carta para mim por engano, e eu a joguei no lixo.

Ele nunca a tinha visto tão agitada. Garnett não disse nada. Ela se levantou e pegou uma maçã na grama, e ficou jogando-a de uma mão para a outra.

— Foi uma maldade falar daquele jeito do meu patinho. A posição unitarista sobre roupas íntimas não é de sua conta. Se é que essa coisa *existe*: e ela não existe. Ninguém viu *minha* roupa de baixo desde que o Ray Dean Wolfe morreu, e o senhor pode guardar para si mesmo o que pensa a respeito de meu corpo.

— O seu corpo! — disse ele, mortificado —, minha carta não foi nada disso. Falava sobre a sua crença errada numa teoria falsa sobre a criação do mundo, respondida de maneira clara e simples, sem deixar sombra de dúvida.

— Sua vida decorre inteiramente além de qualquer sombra de dúvida.

— Eu tenho minhas convicções.

Ela inclinou a cabeça e olhou para ele. Ele nunca teve certeza se ela era tímida ou se era meio surda.

— Para o senhor, as coisas são muito simples. O senhor diz que somente um criador inteligente e belo poderia ter criado tanta beleza e inteligência? Pois eu vou lhe mostrar. Está vendo aquela cesta ali, cheia de lindas maçãs? Sabe o que eu pus nas árvores para que essas maçãs ficassem deliciosas? Cocô, meu senhor. Cocô de cavalo e de boi.

— A Senhora esta comparando o Criador ao esterco?

— Estou dizendo que a sua lógica é fraca.

— Eu sou um homem de ciência.

— Então o senhor não é um bom cientista! Não venha me dizer que eu não entendo as leis da termodinâmica. Já frequentei a universidade, e foi *depois* de terem descoberto que o mundo é redondo. Não tenho medo de palavras grandes.

— Eu nunca disse que a senhora tinha esse medo.

— O senhor disse, sim! Sei que a senhora não é cientista, Miss Rawley — zombou ela, numa versão desnecessariamente ridícula da voz dele.

— Não, eu só quis esclarecer alguns pontos para a senhora.

— Velho fariseu. O senhor já parou para pensar por que não tem um único amigo neste mundo desde que a Ellen morreu?

Ele piscou. Chegou mesmo a sentir o queixo cair.

— Sinto muito por ter de ser eu a pessoa a lhe dar a notícia. Mas ouça o jeito como o senhor fala!

Ela começou a chorar.

— O senhor fala assim: “Como poderia o acaso — ou seja, a evolução — criar formas de vida complexas?”. Como o senhor consegue ser tão convencido e ignorante ao mesmo tempo, hein?

— Meu Deus. A senhora *decorou* minha carta antes de jogar no lixo?

— Bobagem, não foi preciso; eu já tinha ouvido tudo aquilo antes. Seus argumentos já saem prontos daqueles panfletos imbecis. Quem escreve aquilo devia tentar achar uma coisa nova.

— Pois então — disse ele cruzando os braços —, como é que o acaso cria formas complexas de vida?

— Isso é ridículo: como pode um homem que faz o que o senhor faz não acreditar na própria coisa que faz?

— O que eu faço não tem nada a ver com macacos que sem mais aquela viram homens pensantes.

— A evolução não é sem mais aquela! É uma questão de escolher coisas, como o senhor faz com suas castanheiras.

Ela moveu a cabeça, apontou-a na direção da plantação com as mudas; e depois franziu o cenho, pensativa.

— A cada geração, todas as árvores nascem um pouco diferentes, não é? E quais são as que o senhor escolhe para cruzar?

— As que resistem melhor à praga, é claro. Inoculo o fungo da praga nas árvores e depois meço o tamanho dos cancrios. Algumas quase nem adoecem.

— Isso mesmo. Então o senhor escolhe as que sobrevivem melhor, cruza as flores de umas com as outras e planta as sementes. Depois repete o processo com a geração seguinte. Com o passar do tempo o senhor vai fazendo o quê? Uma seleção de qual tipo de planta?

— Exatamente. Um tipo que seja resistente à praga.

— Na verdade, uma nova espécie.

— Não, senhora: só Deus é capaz disso. Eu não posso transformar uma castanheira em carvalho.

— Mas poderia, se tivesse o mesmo tempo que Deus tem.

Oh, quem dera eu tivesse, pensou Garnett com o profundo desespero de um homem que vê o tempo se esgotar. Ele só pedia tempo para criar uma nova

castanheira; mas no fundo do coração, ele sabia que não o teria. Já tinha pensado em rezar pedindo esse tempo, mas tremera ao pensar no que Deus faria com seu pedido. Ellen não tivera tempo suficiente nem mesmo para se reconciliar com o próprio filho.

Mas ele estava se perdendo.

— Não sei do que a senhora está falando — disse irritado.

— O senhor está fazendo uma seleção artificial — respondeu ela calmamente —, a natureza faz a mesma coisa, só que mais devagar. Esse negócio de “evolução” é apenas o nome que os cientistas deram à verdade mais evidente do mundo, que toda espécie de criatura viva se adapta a mudanças no lugar onde vive. Não durante a própria vida, mas ao longo de gerações. Quer o senhor acredite ou não, é o que está acontecendo agora mesmo com as suas castanheiras.

— A senhora está dizendo que o que eu faço com as castanheiras Deus faz com o mundo.

— É uma maneira de ver. Só que o senhor tem um objetivo, o senhor sabe o que quer. Acho que na natureza são os predadores, ou uma mudança de clima, coisas assim, que eliminam os genes mais fracos e deixam os mais fortes. Não é tão organizado quanto o senhor, mas dá os mesmos resultados. É exatamente isso o que sempre acontece.

— Sinto muito, mas não posso comparar a vontade de Deus com uma coisa que simplesmente *acontece*.

— Pois então não compare. Eu não me importo.

Parecia irritada. Voltou a se sentar no cesto, jogou longe a maçã e pôs o rosto nas mãos.

— *Não consigo.*

Tentou parar, em vez de ficar andando, mas sentiu os joelhos doerem.

— Isso não passa da escuridão, pensar que não existe um objetivo divino. A humanidade não pode funcionar num mundo assim. O Senhor é bom e justo.

Quando ela olhou para ele, tinha lágrimas nos olhos.

— A humanidade funciona com o que tiver de enfrentar. Quando o senhor tiver uma filha nascida com cromossomos alterados e passar quinze anos vendo-a morrer, pode vir me falar sobre o que é bom e justo.

— Oh, meu Deus — disse Garnett nervosamente. Devia haver uma lei proibindo a visão de uma mulher chorando em plena luz do dia.

Ela remexeu no bolso, pescou um lenço e assoou o nariz ruidosamente.

— Estou bem — disse ela depois de um minuto —, eu não quis dizer o que disse agora.

Tornou a assoar o nariz como se ninguém tivesse nada com isso. Foi meio chocante. Enxugou os olhos e enfiou o lenço vermelho no bolso.

— Não sou uma mulher sem Deus, vejo as coisas à minha maneira, e sempre acordo de manhã dando graças a Deus. Mas não vejo o senhor fazer a mesma coisa, senhor Walker. É por isso que eu não gosto de ver o senhor plantado nesse pedestal a perorar a respeito da escuridão da minha alma.

Ele lhe deu as costas, voltou-se para o lado da sua terra e a contemplou. As folhas estreitas, com pontas de bronze, acenavam igual a bandeiras, cada árvore com sua pequena nação de promessas genéticas.

— A senhora disse que eu sou um velho amargurado. Foi indelicadeza de sua parte.

— Qualquer homem que abandona o filho como quem arranca um galho de árvore é amargurado. Não há outra palavra.

— A senhora não tem nada com isso.

— Ele precisa de ajuda.

— Também não é da sua conta.

— Pode ser que não. Mas ponha-se no meu lugar. Eu daria a minha vida se pudesse ajudar Rachel, e perdi a oportunidade. Se os médicos me tivessem pedido que eu tirasse o coração para dar a ela, eu não teria hesitado um segundo. Como o senhor acha que eu me sinto vendo outras pessoas jogar fora filhos vivos?

— Eu não tenho filhos.

— Mas o senhor teve um durante vinte anos. E ele ainda está vivo, pelo menos foi o que eu ouvi.

Garnett sentia os olhos dela baterem nas suas costas como se fosse o sol do meio-dia, mas não foi capaz de se voltar. Ela continuou a atingi-lo com palavras que feriam como pedras.

— Ele anda por aí carregando os genes do senhor e da Ellen.

Fez uma pausa, mas ele não se voltou.

— E carrega até mesmo o seu *nome*, pelo amor de Deus. E o senhor não o ajuda? A mim me parece que o senhor desistiu do mundo e de tudo que há nele, inclusive o senhor mesmo.

Garnett só queria ir embora. Mas não podia sair deixando-a com a última palavra. Voltou-se para a vizinha.

— Não tenho como ajudar aquele menino. É ele quem tem de se ajudar. Vai chegar o dia.

— O senhor acha que ele ainda é um menino? Ele já deve ter mais de trinta anos.

— Mas ainda é um menino. Vai ser homem no dia em que decidir agir como um homem. Não sou só eu quem pensa assim. A Ellen compareceu durante anos àquelas reuniões, e foi isso que lhe disseram. Com a bebida e tudo mais, é ele quem tem de decidir sozinho que vai melhorar. Ele tem de *querer*.

— Eu sei — disse ela, cruzando os braços.

Olhou para as maçãs amassadas espalhadas na grama. Chutou uma com o tênis de sola de borracha.

— Só acho muito triste ver o senhor se esquecer dele.

Esquecer? Garnett sentiu uma pontada de sal nos olhos e virou o rosto para evitar o olhar dela. Que coisa inútil e patética é o canal lacrimal do ser humano! Sua visão enevoada se fixou numa caixa branca na extremidade do terreno. Tentou adivinhar, e então se lembrou de que ela tinha colmeias de abelhas; vivia cercada de abelhas, entre outras coisas. Era verdade o que ela disse: era uma mulher feliz a maior parte do tempo. E ele vivia triste.

— Tivemos aquele filho muito tarde — confessou ele, ainda de costas para ela —, éramos como Abraão e Sara. No início, nós nem acreditávamos em tanta sorte, mas vivíamos preocupados com o bebê, e não entendíamos o adolescente. Eu às vezes tento adivinhar o que Abraão e Sara fariam se tivessem um filho numa época de *hot rods* e de cerveja.

Levou um susto ao sentir a mão dela tocar o seu braço suavemente por alguns segundos. Foi surpreendido pela aproximação dela, vindo de trás. Depois de ela ter tirado, ele ainda sentia a pressão da mão dela como se sua pele tivesse mudado sob o tecido da camisa.

— Toda história é mais complicada do que a que se observa da cerca — disse ela. — Sinto muito.

Ficaram lado a lado, com os braços cruzados, olhando para o jardim florido e para as castanheiras que se viam atrás dele. De perto, calada, Nannie parecia ter perdido a força de sempre. Parecia pequena — mal chegava à altura do ombro dele. *Meu Deus, somos apenas dois velhos*, pensou ele. *Dois velhos de braços cruzados no peito, procurando o céu com os olhos tristes*.

— Tanto a senhora como eu temos a nossa cruz, Miss Rawley.

— Temos sim. Não existe nada mais triste do que ficar velho sem amar os jovens que vão ficar no nosso lugar.

Ele lançou um olhar para suas robustas castanheiras, desejando ardentemente que elas tivessem algum futuro. Mas sua dor era tão grande, que não conseguiu olhar durante muito tempo.

Num dos mourões da cerca, um pintassilgo azul soltou um alegre trinado, e no ar claro, o estranho zumbido também aumentou. Eram as abelhas, percebeu

ele. Um mundo de abelhas agitadas, a executar seu trabalho nos campos e no pomar. Não era o seu aparelho de surdez.

Quando se sentiu mais senhor de suas emoções, Garnett limpou a garganta.

— A razão de eu ter vindo até aqui, como eu disse, é uma árvore sua que caiu na minha propriedade. Lá no fundo.

Indicou a direção com um movimento de cabeça.

— Ah, lá no riacho?

— É.

— Para mim não é surpresa. Lá tem uma porção de árvores quase caindo. Não vai me fazer falta. Que árvore foi?

— Um carvalho.

— É pena. Um carvalho a menos neste mundo.

— Mas ele ainda está no mundo. Na minha propriedade.

— Espere um ano. As formigas carpinteiras e os besouros logo o devolverão à terra.

— Eu estava pensando em alguma coisa mais rápida. O filho de Oda Black e uma motosserra.

Ela olhou para ele.

— Mas por quê? Que mal pode lhe fazer aquela árvore lá no meio do mato? Pelo amor de Deus. Os guaxinins vão usá-la como ponte. As salamandras vão adorar morar em baixo dela enquanto ela vai apodrecendo. Vai ser uma festa para os pica-paus.

— Mas está muito feio.

Ela deu um suspiro que pareceu excessivamente dramático a Garnett:

— Está bem, pode chamar o filho da Oda Black. Desconfio que o senhor vai querer que eu pague a metade.

— A metade me parece justo.

— Mas a lenha vai ser minha. Todinha.

— Está na minha terra. A lenha é minha.

— O carvalho era meu.

— Ora, um minuto atrás a senhora queria deixar a lenha apodrecer na terra. Agora a senhora quer a lenha. A senhora não parece saber bem o que quer.

Ela expirou com força pelo nariz.

— O senhor é um fariseu chato — exclamou, antes de se curvar para pegar a cesta de maçãs e sair pisando duro na direção do celeiro.

Garnett ficou olhando enquanto ela se afastava. Ficou ali durante muito tempo, deixando seus sapatos habitarem a grama verde do pomar de Nannie, bêbada de estêreo, pensando em como era misterioso o terreno da mente de uma mulher.

E de fato ele queria ter agradecido a ela pela torta.

O AMOR DAS BRUXAS

No verão que se seguiu à morte de seu marido, Lusa descobriu a terapia do cortador de grama. As vibrações do motor correndo por seu corpo e o ruído ensurdecido nos ouvidos pareciam expulsar de sua cabeça a linguagem humana, aliviando as complexidades do remorso e da recriminação. Era uma bênção rodar uma ou duas horas pela grama como uma coisa sem fala, flutuando num universo de sensações vibratórias. Por acidente, ela havia descoberto o conjunto mental de um inseto.

Assim como tantas outras tarefas que estavam a cargo do Cole, o corte da grama era algo que ela temera assumir. Nas primeiras semanas depois do enterro, Rickie e Big Rickie se alternaram no corte da grama sem dizer nada. Mas chegou um dia em que ela percebeu que a grama e os dentes-de-leão do gramado já chegavam ao meio da canela. Ela então observou que o mundo se impacienta com a dor, e aquele mundo estava lhe dando uma indicação de que, a partir daquele momento, suas tarefas seriam tarefas suas. Lusa colocou os óculos escuros, as botas, e foi ver se conseguia dar partida no cortador.

De início, ficou meio desanimada por causa da inclinação das encostas e pela forma arriscada como o cortador ameaçava cair nas valas e riachos, mas ela se concentrou a fim de encontrar o zen de uma margem reta de estrada ou traçar espirais concêntricas e decrescentes no gramado. Depois das primeiras horas, ela percebeu que tinha parado completamente de pensar. Era apenas um corpo vibratório, tal como uma corda das harpas celestes, no ar carregado com a fragrância da grama cortada. A casa da fazenda era cercada por muitos hectares de gramados, tanto os gramados laterais como os que havia em torno do celeiro, sem falar no quilômetro e meio de uma estrada cujas margens ela devia manter limpas. Num verão chuvoso como aquele, era inadmissível deixar que houvesse um único dia seco sem passar algumas horas no cortador.

E era onde ela estava quando Hannie-Mavis e Jewel apareceram para deixar Crys antes de irem a Roanoke para outra sessão de quimio. Os dois filhos de Jewel não vieram, apenas a Crystal. O plano era Crys ficar aqui e Lois ir buscar

Lowell no T-ball e ficar com ele durante a noite. Era evidente que a menina já havia esgotado todas as tias: tivera um acesso na casa de Lois e Rickie, quebrara de propósito uma imagem de mãos postas de porcelana, e se escondera no celeiro a noite toda. Tudo isso foi informado a Lusa, com a alegação de que, com seu novo horário de trabalho, Emaline ficava cansada demais para tomar conta de crianças, e Mary Edna não a aceitaria e ponto final, enquanto ela não aprendesse a ter modos. Lusa percebeu que elas deviam estar desesperadas, a ponto de lhe pedir ajuda; não sabia nada sobre como tratar uma criança igual à Crys. Mas pelo menos, não importaria um código de como se vestir.

Quando chegaram, ela desligou o motor do cortador, mas as duas acenaram freneticamente, mostrando que já estavam atrasadas. Crys desceu pela porta traseira do sedan, Hannie-Mavis lembrou-a de pegar a mochila com as coisas para passar a noite e Jewel gritou para ela se comportar direito — tudo isso ao mesmo tempo — e as duas partiram levantando uma nuvem de saibro. Crys olhou para Lusa com os olhos apertados e o queixo no peito, igual a um cão de guarda a ponto de atacar. Lusa olhou essa adolescente mal-humorada e de pernas longas, cabelos cortados à *Oliver Twist* e calça jeans pega-frango. Carregava uma malinha quadrada que já fora branca — provavelmente algo que sua mãe ou suas tias haviam usado na adolescência quando iam dormir fora, em ocasiões mais felizes que essa. Aqui estamos, uma viúva e uma órfã, à mercê de uma família que não faz prisioneiros.

— Oi — disse Lusa, tentando não exagerar para parecer alguém que viera de Lexington. Mas ela nunca seria capaz de reproduzir as vogais longas do modo como eram pronunciadas aqui.

— Oi-y — imitou a garota, olhando Lusa com desprezo.

Lusa passou a língua nos lábios e bateu no volante do cortador com os polegares.

— Você quer que eu lhe mostre qual o seu quarto? Para você poder desfazer a mala?

— Não tem nada dentro. Eu só trouxe para a tia Hannie-Mavis pensar que eu tinha roupa limpa mais o resto.

— Ah, então eu acho que você não tem nada para guardar. Jogue a mala na varanda e venha me ajudar a cortar a grama.

Crys jogou o cubo branco na varanda tal como fazem os lançadores no beisebol. Ele caiu na escada e se abriu, soltando um espelho quadrado que se quebrou em mil pedaços nos degraus de pedra. Uma galinha que ciscava no canteiro ao lado dos degraus deu um grito e saiu correndo. Lusa ficou abalada pela inabalável hostilidade da menina, mas preferiu não demonstrar.

— Ora, sete anos de azar.

- Eu já passei dez anos de azar.
- Não exagere. Quantos anos você tem?
- Dez.

Senhor, ajude-me a passar as próximas trinta horas, pediu Lusa a qualquer deus que se dispusesse a ouvi-la.

— Sabe, Crys? Preciso de só mais alguns minutos para terminar este gramado. Quer sentar aqui comigo e me ajudar a cortar? Depois de acabar aqui, vamos achar outra coisa mais interessante para fazer.

- O quê?

Ela procurou desesperadamente na memória; se sugerisse a coisa errada poderia perder um olho.

— Quer caçar insetos? Eu adoro insetos, são a minha coisa favorita — você sabia que eu sou uma insetologista?

A menina cruzou os braços e olhou para outro lado à procura de algo mais interessante.

— Ah, mas é claro; você detesta insetos. Todas as mulheres da família têm medo e nojo de insetos. Me desculpe, esqueci.

Crys deu de ombros.

- Eu não tenho medo de bicho nenhum.

— Ah, não? Então somos duas. Graças a Deus, finalmente eu achei alguém para ir caçar insetos comigo.

Apertou a embreagem e girou a chave: o motor começou a urrar novamente. Ela se sentou e esperou. Depois de um segundo de hesitação, Crys atravessou o gramado e sentou-se no cortador, em frente a Lusa.

— O tio Rickie falou que é muito perigoso essa máquina — gritou ela ao manobramos, para depois irem para o gramado de baixo, fazendo uma trajetória circular em torno dele.

— Provavelmente é perigoso para meninos pequenos, mas, puxa vida, você já tem *dez* anos, não vai cair nem se machucar. Ponha as mãos no volante, assim.

A máquina deu um pulo ao passar num buraco.

— Muito bem, agora quem está dirigindo é você. Não atrole as galinhas, ou vamos ter salada de galinha para o jantar. E cuidado com as pedras. Passe ao lado delas, está bem?

Ajudou Crys a contornar uma pedra enterrada entre o celeiro e o galinheiro. Lusa aprendera a contorná-la para proteger a lâmina do cortador e também porque gostava das flores que brotavam naquela ilha.

— O que é aquelas flores laranjadas? — perguntou Crys aos gritos. Não parecia perturbada por ter de gritar nesse nível de decibéis.

- Capim-de-borboleta.

Lusa procurava não ficar chocada com a gramática da menina, bem pior que a dos outros meninos da família. Tentou adivinhar se todos já haviam desistido dela; e se fosse verdade, há quanto tempo.

— E o que as borboleta faz, fuma ela?

Lusa decidiu ignorar.

— Bebem o néctar das flores. E há uma espécie, a monarca, que põe ovos nas folhas, e então as lagartas comem. E sabe de uma coisa? Elas ficam venenosas por causa das folhas! É uma planta inteiramente venenosa.

— Igual aquela coisa que o médico enfia na mamãe.

Era triste sentir esse corpinho ossudo e desamparado tão perto, no banco; Lusa resistia para não abraçá-la.

— É mais ou menos isso.

— Faz mamãe virar veneno. Toda vez que ela volta de Roanoke ninguém pode entrar no quarto dela nem mexer em nada no banheiro depois que ela faz xixi. Senão a gente morre.

— Acho que não dá para morrer. No máximo, você vai enjoar e vomitar.

Lusa deixou o queixo roçar o alto da cabeça loura e arrepiada que balançava à sua frente. Foi um gesto breve, que poderia passar por accidental. Pararam de falar durante alguns minutos, enquanto Lusa a ajudava a contornar e cortar a área coberta de capim alto, que ficava cada vez menor.

— E sabe de mais uma coisa? É exatamente o que acontece com as borboletas-monarcas.

— O quê?

— A lagarta come as folhas venenosas e o corpo dela fica venenoso. Se um passarinho comer, tem de vomitar! É como um truque para evitar que os pássaros comam as lagartas.

— Mas se o passarinho come e vomita, a lagarta já está matada.

Lusa custou a entender.

— Ela já está morta? *Aquela* está morta, mas o passarinho aprendeu a lição, e assim a maioria das lagartas não é comida. É uma verdade científica. Os pássaros evitam comer lagartas da borboleta-monarca.

— E daí? — perguntou a menina depois de um instante.

— E daí que essa é uma forma estranha que as mães usam para proteger os filhos. Fazê-los tomar veneno.

— Está certo, mas e a lagarta que está morta?

— Boa pergunta. E a lagarta morta?

Lusa não queria entrar nas teorias de seleção altruísta, que estavam em voga. Puxou a alavanca debaixo do banco a fim de erguer a lâmina.

— Vamos para o celeiro. Já cortamos bastante grama por hoje; vamos caçar insetos — ajudou a menina a guiar o cortador através das portas do celeiro e o deixaram lá dentro.

Depois de desligar o motor, seus ouvidos continuaram entoando alto os queixumes das agressões sofridas pelos tímpanos. Ela e Crys desceram da máquina e ficaram meio tontas por um minuto, enquanto seus olhos e ouvidos se ajustavam ao silêncio poeirento e escuro. Crys examinou os degraus que levavam ao piso superior do celeiro. Estava mais para escada de dobrar do que para escada, de tão torcida por anos e anos de acomodação da estrutura, que nenhum de seus ângulos se submetia mais à gravidade. Lusa sempre tinha a impressão de estar diante de um desenho de uma escadaria em espiral de Escher, em que cada degrau definia o alto numa direção diferente. Aquela coisa parecia tão absurdamente perigosa, que ela nunca a usava, preferindo o caminho mais longo até a outra entrada para o nível superior, na encosta.

— A gente pode subir?

— Claro.

Lusa teve uma pontada de pânico, mas a engoliu.

— Boa ideia. Temos que ir até lá em cima para pegar as redes e vidros.

Agarrando-se à madeira rachada, a menina começou a subir nas muitas direções que levavam para cima. Rezando, Lusa a seguiu. O alçapão cedeu facilmente. Abriram os cotovelos como fazem as galinhas com as asas na terra, puxaram os corpos através do buraco e emergiram no salão principal do celeiro. Lusa aspirou o perfume, uma discreta pungência de petróleo; mas, principalmente, o adocicado aroma do tabaco. Uma poeira fina de folhas trituradas habitava todos os recantos desse lugar onde durante mais de cem anos a família cortou, secou e enfardou tabaco.

Aquele depósito era antigamente uma instalação para estocar milho, erguida num canto do celeiro e protegida dos ratos por uma tela presa a cada centímetro ao assoalho, às paredes e ao teto. Lusa abriu a porta e se sentiu deprimida com a visão desse salão cheio de equipamentos. Tudo aqui havia sido tocado pelas mãos de Cole. Eram equipamentos que ele havia transportado, guardado, consertado. Muita coisa ela nem sabia como usar: braços aspersores e acessórios de trator, uma longa fileira de produtos químicos guardados na prateleira. Peças de carro. E também coisas estranhas: uma antediluviana fornalha a óleo e várias cangalhas para cavalo e mula de época anterior ao trator. Um piano vazio: apenas a caixa de madeira e nada dentro. Lusa guardava suas próprias coisas nesse salão, mas nunca tinha prestado atenção ao resto. Somente agora ela se dava conta de que tudo ali lhe pertencia. Apertou o nariz para conter um espirro que lhe trazia lágrimas aos olhos, e tentou afastar a tristeza que estava vindo:

essa menina não iria admitir nenhuma manifestação de autopiedade. E dado o conjunto de sofrimentos a que *ela* havia sido submetida em dez anos de vida, por que deveria admitir? Lusa se intrometeu no estreito espaço entre o piano e uns grandes rolos de cordões para amarrar fardos e se curvou para soprar a poeira acumulada no corpo enorme de uma máquina antiga.

— Santo Deus: dê uma olhada nisso, Crys.

— Que que é isso?

— Um moinho. Muito antigo... veja, ele tinha correias de pano.

Estudou com atenção a maneira como a máquina era montada.

— Acho que era ligado a um eixo giratório. Talvez uma mula numa canga, andando em círculo.

— Para quê?

— Não havia eletricidade. Isto tem mais de cem anos. Foi do seu tataravô, provavelmente.

Crys estampou um ar de desdém: era como se Lusa fosse incapaz de entender uma pergunta tão simples.

— Não, eu quero saber o que as pessoas faziam com isso.

— É um moinho. Eles usavam para fazer farinha.

— Para fazer o quê?

Crys se agachou para ver como era a máquina por dentro.

— Para fazer pão. Aqui, todo mundo plantava o trigo e o milho de que precisavam: tanto para fazer pão, como para dar comida aos animais que criavam. Agora, o pessoal compra ração na Southern States e pão no Kroger's, que é feito em outro estado.

— Por quê?

— Porque não dá mais para plantar trigo. Sai mais barato comprar suprimentos de má qualidade numa fazenda grande do que produzir com boa qualidade numa fazenda pequena.

— Por quê?

Lusa se apoiou num barril de 200 litros que continha um resto de creosoto solidificado.

— Puxa! É difícil de responder. Porque as pessoas agora preferem a quantidade e não querem pagar pela qualidade. Além disso, os fazendeiros são obrigados a seguir regras que automaticamente favorecem quem tem mais. Olha, é como no jogo de bola de gude: quem começa ganhando fica com todas as bolas, não é?

— Não.

— Não?

— Eu não jogo bola de gude.

— E o que você joga?

— Gameboy.

Crys se havia afastado dela e punha as mãos em tudo; desenhava círculos na poeira, olhava embaixo das mesas.

— O que que é isso?

— Um fumigador de abelhas.

A menina riu.

— Para fumar abelha? Dá para tirar um barato de abelha?

Lusa se perguntou o que a menina poderia saber sobre baratos, mas decidiu não reagir.

— Não. A fumaça sai por aqui e tonteia as abelhas. Elas ficam pesadas e preguiçosas, e não picam quando você tira a tampa da colmeia e rouba o mel.

Crys pulou num estrado de molas encostado na parede e voltou.

— Então é daí que vem o mel? A gente rouba ele?

Lusa estava surpresa com a ignorância da menina — provavelmente, a ignorância de toda a sua geração.

— As pessoas criam abelhas por causa do mel. Todo mundo criava abelhas nesta região. Ainda dá para a gente ver umas caixas velhas de madeira abandonadas por aí.

— E agora só tem de vidros.

— É — concordou Lusa —, da Argentina ou de outros lugares. Era isso o que eu queria dizer: as grandes fazendas estão tomando o lugar das pequenas até mesmo aqui. É uma pena. Não é justo, é uma merda.

Sentou-se no braço de um moinho pré-histórico, que a surpreendeu por ceder uns cinco centímetros antes de parar.

— Ninguém liga. Eu já morei numa cidade, e lá o povo diz que não é problema dele. Imagina que a comida vem do supermercado e pronto, e sempre vai ser assim.

Crys continuou a se jogar contra o estrado apoiado na parede.

— Mamãe trabalha no Kroger's e detesta.

— Eu sei — Lusa deu uma olhada no cemitério de antigos equipamentos e sentiu desespero, não só — ou não *especificamente* — pela perda do marido, mas por causa de tudo o que as pessoas plantavam e faziam antes de se enviuvarem da própria cadeia alimentícia.

— Ela detesta porque fica cansada. Eles nunca dá folga para ela.

— Sei. Pelo menos as folgas não são suficientes.

— Mamãe está doente.

— Eu sei.

— Eu não posso mais ficar na casa da tia Lois. O Lowell pode, mas eu não. Sabe por quê?

— Por quê?

Crys parou de pular contra o estrado. Entrou cautelosamente numa caixa de enfiamento quebrada e saiu pelo outro lado.

— Por quê, Crys?

— Ela me fez experimentar uns vestido idiota. Roupa velha da Jennifer e da Louise.

— Ah, é? Eu não sabia dessa parte da história.

— Ela disse que eu tenho de usar eles. Uns vestido feio que dói.

— E provavelmente fora de moda. Jennifer e Louise são muito mais velhas que você.

Crys deu de ombros, um movimento rápido e desajeitado. Sentou-se num pneu de trator, colocando os pés no centro, dando as costas para Lusa.

— Eles é horroroso.

— Quem?

— Os vestidos.

— Mesmo assim. Quebrar os bibelôs da tia Lois de propósito não foi a maneira mais certa de tratar o problema.

— Ela me mandou para o banheiro e mandou eu dar minha roupa para ela enquanto eu experimentava os vestido. E sabe o que ela fez? Ela cortou de tesoura a minha calça de veludo e a camisa xadrez só para eu não poder mais pôr elas.

Lusa ficou chocada. Olhou a nuca da menina e sentiu que seu coração ferido se abria para aquela pequena criatura cujo cabelo cor de palha se arrepiava no alto da cabeça tal como os espinhos de um porco-espinho.

— Isso é horrível! — disse ela afinal. — Ninguém me contou essa parte. Era a sua roupa favorita, não era? Acho que nunca vi você com outra roupa nos fins de semana.

Crys deu de ombros outra vez e nada disse.

— E então, o que aconteceu? Você teve de pôr um dos vestidos?

A menina balançou a cabeça.

— Eu fugi correndo pelada. Só de calcinha. Fui, e escondi no celeiro.

— E o que aconteceu com a estátua de mãos postas? Como é que ela quebrou?

— Eu não sei.

— Aconteceu que ela estava no caminho quando você passou correndo?

A cabeça de porco-espinho anuiu.

— Acho que foi uma troca justa. O tesouro dela em troca do seu.

Lusa viu o cabelo na nuca da menina se mover sutilmente, resultado de uma alteração da musculatura sob a pele. Adivinhou um sorriso.

— Acho que não *ajuda* em nada — acrescentou Lusa —, tornou as coisas mais tensas entre você e sua tia, e isso não facilita a vida da sua mãe. É nela que você deve pensar agora. Só estou dizendo que entendo o seu lado.

— Eu disse para Jesus que eu ia usar aquela roupa até ele curar a mamãe. Agora está tudo cortado no lixo da tia Lois e a mamãe vai morrer.

— Pensar uma coisa assim não faz essa coisa acontecer.

Crys se virou e olhou para Lusa através de um facho de luz que vinha de um furo no telhado e batia no chão entre as duas. A poeira dançava na luz, habitando um universo particular e tranquilo.

— E como estão as coisas para o Lowell? — perguntou Lusa baixinho. — Ele deve estar muito assustado com a doença da sua mãe.

Crys puxou uma tira de borracha que se soltara do tênis.

— Ele também não gosta de lá. Tem medo da tia Lois. Ela é ruim.

— Ruim *como*? Ela bate nele?

— Não, eles não bate na gente. Só que ela não é boa igual a mamãe. Ela não deixa as roupa dele arrumada na cadeira nem faz a comida que ele gosta. Ela e a Jennifer e eles tudo só fica gritando que ele é um meninão mimado.

Lusa levou a mão à boca, mas manteve o tom calmo.

— Por que vocês não vêm para cá da próxima vez? Posso pedir para a sua mãe?

Crys deu de ombros, continuando a desmanchar o tênis.

— É bom.

— Está bem. Mas hoje nós duas estamos sozinhas aqui, podemos fazer o que quisermos. Eu vou caçar insetos, se você quiser.

Lusa pegou duas redes na caixa.

— Esta é sua. Vamos, que o dia lá fora está passando.

Crys pegou a rede e seguiu Lusa para fora do celeiro. Começaram contornando o pasto das cabras. Lusa ia na frente, passando a rede pelo capim alto ao longo da cerca. As duas estavam ofegantes quando chegaram ao alto da colina. Lusa se largou no chão, sem fôlego, e Crys se sentou de pernas cruzadas.

— Cuidado — disse Lusa, pegando a outra rede —, veja, dobre a rede sobre o aro para que eles não fujam. Agora vamos ver o que você pegou.

Com cuidado, ela deixou alguns insetos saírem para fora da rede.

— Esses são grilos e essa é uma cigarra. São muito diferentes, está vendo?

Ela ergueu no ar o grilo verde que debatia as pernas. Para sua surpresa, Crys pegou o grilo e o segurou perto do rosto.

— Ei — disse ela —, ele tem asa.

— Tem. A maioria dos insetos tem asas; até as formigas num estágio da vida delas. Os grilos têm. Se quiser, esse sujeito voa. Veja.

Lusa levantou a caixa verde das asas com a unha, estendendo a asa de celofane vermelho brilhante que se escondia por baixo.

— *Nossa!* — gritou Crys — Elas sempre são dessa cor?

— Não. Existem vinte mil espécies de grilos e cigarras no mundo, e são todas diferentes.

— *Nossa!*

— Isso mesmo, “nossa”, foi assim que eu reagi. Veja este aqui.

Buscou dentro da rede uma criatura chata e vesga que parecia uma folha com pernas.

— Este é um acridídeo.

Crys o pegou, encarando-o olho no olho. Olhou para Lusa.

— Eles é que ficam cantando de noite? *A-cri-di-di! A-cri-di-di!*

Lusa gostou da imitação.

— Isso mesmo. Você nunca tinha visto um acridídeo?

Crys negou com a cabeça.

— Eu pensei que fosse um bicho grande. Um passarinho *grande*.

“Um *passarinho*?”. Lusa estava chocada. Como é que uma menina do campo podia crescer sem saber nada sobre seu mundo? Os pais lhes davam gameboys e televisão, que despejavam sobre eles paisagens urbanas de polícia e advogados bonitos, mas não lhes mostravam um acridídeo que fosse. Não era por descaso, Lusa sabia. Era uma mistura triste de vergonha e intenções modernas, assim como fez o pai dela, ao proibir que falasse iídiche. Observou o interesse de Crys ao examinar as características infinitesimais do animal, manipulando-o com o maior cuidado, comendo-o com os olhos. Parecia uma exímia taxonomista.

— Como é que ele faz tanto barulho com uma boca tão pequena?

— Não é com a boca. Está vendo? É com as asas.

Lusa abriu com cuidado.

— Há um raspador de um lado, e do outro, uma coisa que parece lixa. Ele esfrega um contra a outra. É assim que ele canta.

Crys praticamente enfiou o nariz lá dentro.

— Onde?

— É muito difícil de ver. São muito pequenas.

Crys estava cética.

— E como é um barulho tão *alto*?

— Você já viu o guincho que um pedacinho de giz faz no quadro-negro?

Crys ergueu as sobrancelhas, concordando.

— É assim. Uma coisa áspera esfregada numa outra que é dura. Não basta ser grande. Eu é que sei: só tenho um metro e cinquenta e cinco de altura.

— E isso é ser pequeno?

— É. Para um adulto, é pouco.

— E a tia Lois é grande?

Ela dizia “tia Lois” como se quisesse negar a existência da mulher. Lusa entendia esse sentimento.

— Não sei; é grande. Para uma mulher. Quase um metro e oitenta. Por quê?

Crys lançou um olhar cansado colina abaixo.

— Ela disse que a senhora estava forçando a barra.

Lusa se deitou na grama com os braços cruzados atrás da nuca e ficou vendo uma nuvem flutuar no céu. Tentou adivinhar a quem Crys queria prejudicar ao trair esse segredo.

— Algumas de suas tias acham que eu não devia ser a dona desta fazenda. É isso.

Crys se reclinou com o rosto quase encostado no seu.

— Por quê?

— Porque eu sou diferente delas. Porque eu não nasci aqui. Porque eu gosto de insetos. Por tudo. Porque seu tio Cole morreu e eu ainda estou aqui, e elas estão com raiva porque a vida não é justa. Não sei bem por quê; estou só tentando adivinhar. As pessoas nem sempre têm boas razões para seus sentimentos.

— Mamãe vai morrer?

— Epa! De onde você tirou essa ideia?

— Vai?

— Não sei dizer. É verdade, juro. Ninguém sabe. Só sei que ela vai fazer o que puder por você e o Lowell. Até mesmo ir a Roanoke tomar veneno uma vez por semana. Ela deve amar demais você e Lowell, não é?

Não houve resposta.

— Mais uma coisa. Tenho certeza de que Jesus não vai magoar sua mãe só porque tia Lois picou as suas roupas. Se ele quisesse punir alguém, o que eu não acredito, seria a sua tia, você não acha?

— Então ele vai matar a tia Lois no lugar da mamãe?

— Não, não vai; e disso eu tenho *certeza*. A vida não é assim. Deus não passa a vida marcando faltas, como um juiz, senão o mundo seria diferente do que é. Sorvete três vezes por dia, sem castigos; nem vestidos horrorosos, se você não quiser.

Crys deu uma risadinha. Pela primeira vez desde que se plantara no jardim de Lusa aquela manhã, ela parecia clara e transparente como uma menina. Como

o cristal do seu nome. Lusa não via o rosto dela, mas sentia-lhe o corpo junto ao seu na grama e ouvia a respiração tranquila.

— Ei, alguém já lhe disse o que é um cristal?

— Uma bobagem. Joias.

— Não. É uma rocha. Dura, cortante e brilhante. Há muitas espécies diferentes. Até o sal é um cristal.

Lusa se sentou.

— Ei, nossos insetos fugiram.

Crystal se levantou desesperadamente desapontada. Lusa riu.

— Não tem importância. Deixe-os ir. Vamos caçar outros.

Fez um gesto mostrando o pasto.

— Todos os insetos que você quiser, e aqui mesmo. Você acredita que há pessoas que borrifam inseticida em todos esses pastos?

Ela espantou os últimos desgarrados da rede.

— Veja a beleza das criaturas que morrem. É como jogar uma bomba numa cidade para se livrar de dois bandidos. Veja, isso é o que é bonito nas minhas cabras: não preciso de produtos químicos para criá-las. Só tenho de matar cinquenta animais, não cinquenta mil.

Crys fez uma careta para as cabras de Lusa do outro lado da cerca. Lusa notou que o pasto estava tomando forma. Todo o mato alto deixado pelas vacas estava sendo cortado e nivelado, e agora ele parecia um gramado de Lexington.

— De verdade, como a senhora arrumou essas cabras tudo?

— Foi mesmo do jeito que eu disse: odeio pesticidas e tenho de criar alguma coisa que renda dinheiro. Além disso, eu falei mal do tabaco, e agora estou fora. E não gosto de enfiar a mão no traseiro de uma vaca.

A menina abriu a boca e deu uma risada gostosa.

— Você perguntou, e pôr a mão lá é uma coisa que um criador de vacas é obrigado a fazer.

— *Ecch!*

— Não estou brincando. É preciso fechar o punho e enfiar lá dentro para sentir se ela está prenha. E isso não é o pior. As vacas são grandes e estúpidas e perigosas, e só dão trabalho, na minha opinião.

Riu da cara que Crys estava fazendo.

— Por quê? Você já deve ter ouvido seus tios falarem de mim e das minhas cabras.

A menina concordou, com um ar de culpa.

— Eles dizem que você é uma boba.

Lusa se inclinou para Crys, sorrindo.

— Os seus tios ficaram com as minhas vacas. Então, quem é o mais bobo?

Perto da meia-noite, Lusa se surpreendeu ao ouvir um carro entrar no terreno. Caíra no sono no sofá da sala enquanto lia um artigo de W. D. Hamilton sobre mimetismo das monarcas e seleção altruísta. A capacidade de dormir devia estar voltando — depois da morte do Cole, nunca conseguiu dormir no sofá. Sentou-se por um instante para acabar de acordar. Era noite de terça-feira. Crys estava dormindo na cama no andar de cima. Jewel devia ligar no dia seguinte para chamar os filhos. Lusa alisou a camisa e foi até a janela. Era o carro de Hannie-Mavis. Correu à porta da frente e acendeu a luz da varanda.

— É você, Hannie-Mavis?

Era. O motor parou e a figura pequena saiu do carro.

— Só passei para ver se vocês estão bem. Pensei: se as luzes estão apagadas, ótimo; e eu ia para casa.

— Você ainda não passou em casa? Meu Deus!

Lusa olhou para o braço, mas não estava usando relógio.

— Que horas são?

— Não sei, meu bem. É tarde. Fui com a Jewel até lá, e dessa vez ela passou mal. Não pude sair enquanto ela não melhorou. Mas agora ela está dormindo. Se está tudo bem com a menina, eu vou para casa. Achei melhor vir saber.

— Estamos muito bem. Ela está dormindo e eu estava lendo no sofá.

Lusa hesitou, preocupada com a tensão na voz da cunhada.

— O que foi? Você está dizendo então... que Jewel passou mal a tarde toda e a noite? Desde que vocês chegaram de Roanoke?

Lusa ouviu no escuro um suspiro longo e estranho.

— Foi preciso esperar três horas e meia até ela conseguir entrar no carro. E mesmo assim, tivemos de parar a toda hora para ela vomitar.

Lusa tremeu no ar frio. Pequenas bruxas voavam em torno de sua cabeça.

— Meu Deus, foi horrível. Entre. Vou preparar um chá para nós.

Hannie-Mavis hesitou no jardim.

— É muito tarde. Não quero incomodar.

— Não é incômodo.

Lusa desceu os degraus e ficou surpresa quando a mulher pequenina quase caiu nos seus braços. Lusa segurou-a por um minuto sob a luz da varanda.

— Ela não está tão mal assim, está?

Ficou chocada ao chegar perto e ver que Hannie-Mavis estava chorando.

— Disseram que não adianta mais, a quimio não está mais resolvendo. Ela passou por tanta coisa: vômitos, perda de cabelo, e tudo isso para nada. Ela está *pior*.

— Mas como é possível? — perguntou Lusa numa voz entorpecida.

— Acabou tudo, meu bem. Os pulmões e a espinha. O médico me disse hoje.

— Meu Deus. E ela já sabe?

Hannie-Mavis balançou a cabeça.

— Eu ainda não contei. Com que cara? Comecei a dizer que o médico tinha terminado com a quimio, e ela achou que era *bom*: “Ah, Han, imagine quando eu contar para os meninos. Vamos comprar sorvete para comemorar!”. E isso entre um vômito e outro.

Hannie-Mavis soltou um longo suspiro, e depois um longo gemido. Lusa a apoiou meio sem jeito, ainda sem sentir todo o peso dessa nova dor.

— E como ela vai deixar as crianças? — gritou Hannie-Mavis.

— Psss, uma delas está dormindo ali em cima.

Lusa abraçou-lhe os ombros e a guiou através da varanda e da porta. No saguão iluminado, Hannie-Mavis se recompôs, parecendo de repente mais contida e absurdamente alegre no seu vestido listrado de vermelho e branco, feito de algum tecido sedoso. Estava de sapatos vermelhos de salto alto. A imagem das duas irmãs se preparando naquela manhã para ir à cidade para essa viagem horrível era devastadora. Observou Hannie-Mavis corrigir a maquiagem borrada dos olhos com um lenço de papel que parecia ter passado tempo demais na mão.

— Venha. Vamos nos sentar lá na cozinha.

Hannie-Mavis hesitou mais uma vez, mas caminhou lentamente até a porta da cozinha enquanto Lusa corria ao andar de cima para buscar uma caixa de lenços de papel. Quando voltou à cozinha e pôs uma chaleira no fogo, a cunhada havia desaparecido. Lusa ouviu sons intermitentes de nariz assoado que vinham do banheiro. Quando saiu, com o penteado e a maquiagem recompostos, a chaleira já estava fervendo e Lusa preparava o chá. Vê-la de pé diante da porta fez Lusa se lembrar do enterro, de ver toda aquela máscara azul e dizer alguma coisa friamente. Gostaria de retirar o que dissera, não importa o que fosse. Sentiu remorso por todas as vezes em que quase a chamou de Handy-Makeup em voz alta. É preciso ter cautela em famílias grandes. Quem poderia adivinhar como as coisas iriam evoluir, de quem se iria precisar mais adiante, e o que poderia levar alguém a ver até mesmo uma sombra de olhos sob uma luz diferente? Nesse momento, Lusa foi obrigada a admirar a arte e energia daquela mulher diante do sofrimento. Depois da morte de Cole, decorreram pelo menos três semanas antes de ela ter coragem de passar um pente no cabelo.

Hannie-Mavis deu um suspiro ao se apoiar na mesa com as palmas das mãos e sentar-se lentamente, tal como uma velha.

— Bem, e como foi o *seu* dia?

— Ótimo.

Ela olhou para Lusa.

— Como assim, ótimo?

Lusa deu de ombros.

— Quero dizer que foi ótimo. Nós nos divertimos.

— Não precisa mentir, meu bem. Aquela menina é fedorenta como um gambá. Nunca disse isso à Jewel, mas comecei a levar ela para o médico para não ter de ficar com os meninos.

Lusa pegou xícaras, colheres e açúcar — as xícaras de uso diário, não a porcelana ornada de bruxas — e abriu a boca para começar do começo, do espelho quebrado na escada. Mas foi contida pela lealdade, que impôs suas próprias decisões: ela e Crys teriam seus segredos. Sentou-se sem falar e serviu o chá.

— Ela é mesmo uma castanha dura de quebrar — disse após uns instantes — eu gosto dela. Eu era igual a ela. Vontade forte.

— Ótimo, meu bem. Você merece uma condecoração.

Hannie-Mavis abriu a bolsa e mexeu lá dentro:

— Posso fumar aqui?

Lusa se levantou e pegou um cinzeiro na gaveta pequena ao lado da pia. Foi o Cole que deixara lá, percebeu, sentindo um choque elétrico ao pensar nas mãos dele tocando aquele objeto. Cada picada como essa parecia afastar um pouco mais a dor de seu centro. Começava a entender como seu casamento um dia se tornaria completamente visível à sua memória, e intocável. Como uma borboleta sob o vidro.

— E o que vocês fizeram? — perguntou Hannie-Mavis, acendendo o isqueiro.

— Bem, primeiro cortamos grama. Depois vimos coisas velhas no depósito do celeiro, depois caçamos insetos durante umas duas horas. Ensinei a ela como identificar insetos, dá para acreditar? Como são as notas dela na escola? Ela é muito inteligente.

— As notas dependem de ela querer. O que é muito raro.

— É claro. Então fizemos uma bela fogueira no escuro para queimar o mato cortado, então entramos e comemos um *eggah bi sabaneh* às dez horas.

— Nossa, que chique!

— Que nada. Uma salada com ovos cozidos.

— E você conseguiu fazer aquela menina comer *salada*? É um milagre.

— Portulaca e feijão, que colhemos. Mato para o jantar: ela achou legal. Disse, e eu cito: “Se a tia Lois visse isso, ia cagar na calça”.

Hannie-Mavis estalou a língua.

— Aquelas duas não se bicom.

— Sabe o que a Lois fez para ela ficar com tanta raiva?

— Fez ela experimentar um vestido.

Lusa apoiou os cotovelos na mesa.

— Isso mesmo. E enquanto ela experimentava, a Lois pegou a calça favorita da Crys e reduziu a trapos com uma tesoura.

— Ai, que maldade!

— A Crys fez uma promessa para Jesus curar a mãe se ela usasse sempre aquela roupa. Pobrezinha.

— É muita maldade. A Lois não devia ter feito isso.

— Não devia. Essa menina precisa de muito amor; e aquilo era abominável.

Hannie-Mavis fumou em silêncio.

— É mesmo. Mas a Lois é assim mesmo. Vive com raiva de tudo e desconta em todo mundo.

— Mas por quê? Ela tem um bom marido, bons filhos. E dez milhões de bibelôs. Ela se queixa de quê?

— Só Deus sabe, eu não sei. Ela foi sempre assim. Tinha raiva de não ter nascido mais bonita. Raiva de ter nascido grande e ossuda.

— Mas a Mary Edna também é grande: mais até do que ela.

— É, sim, mas Mary Edna não sabe. E que Deus tenha piedade do infeliz que contar para ela.

Lusa ousou uma risadinha, esfregando os olhos. De repente, sentia-se exausta. Mas eram revelações sérias. Mesmo sem conhecer os pais, ela percebia duas linhagens diferentes: Hannie-Mavis, Jewel e Emaline eram sensíveis e tinham traços finos; Mary Edna e Lois eram confiantes, tinham mãos grandes, grandes queixos e eram fortes. Cole era a mistura perfeita de todos esses genes, a perfeição da família. Cole Widener, adorado por todas, conquistado por Lusa, roubado pela morte. Não era de admirar que aquela família ainda tremia depois de tudo. Era uma tragédia grega.

As duas mulheres continuaram sentadas à mesa uma em frente da outra; mas por um momento baixaram o rosto e tomaram chá.

— Posso ficar com a Crys até amanhã ou depois — disse Lusa —, verdade, não é incômodo nenhum, e a Jewel precisa descansar. Pode dizer à Lois para mandar o Lowell. Acho que os dois ficam melhor juntos.

— Pobrezinhos.

— Eles vão ficar à vontade. Aconteça o que acontecer, vai dar tudo certo. Famílias grandes são uma bênção.

Hannie-Mavis olhou surpresa para ela.

— Você acha que tudo vai bem?

— Com quem, com sua família? Acho que vocês acham difícil se unir, só isso.

Hannie-Mavis deu uma risada.

— Foi o que o Joel disse, já muitos anos depois de nos casarmos: “Ir numa reunião de Wideners é como fazer uma viagem para a China”. Por que tem de ser assim? Acho que nós somos iguais a todo mundo.

— Acho que toda família tem um tipo qualquer de viagem à China para contar. Para mim, tudo foi mais difícil. Deve ter sido um choque quando ele se casou tão depressa.

— E foi mesmo. Sempre que podia, ele ia para Lexington, e a gente nem sabia por quê. A Mary Edna achava que ele ia para ver as corridas. Nós ficamos de queixo caído quando ele chegou num domingo e sentou naquela cadeira, eu e a Jewel estávamos cozinhando para todo mundo, e ele disse: “Domingo que vem vocês vão conhecer a mulher mais bonita que já pisou neste mundo, e não sei por que ela concordou em casar comigo”.

— Eu também levei um choque — disse Lusa baixinho, ansiosa para apagar os pensamentos.

Olhou para Hannie-Mavis:

— E eu herdar a fazenda. Entendo por que a família está ressentida comigo.

Hannie-Mavis lançou nela um olhar que Lusa reconheceu: era o mesmo olhar do enterro, perdido, pintado de azul. Ela dissera: *Não sei o que vamos fazer sem ele; estamos tão perdidos quanto você.*

— Nós não estamos ressentidos com você!

Lusa balançou a cabeça.

— Vocês se ressentem por eu ter herdado a fazenda. Eu sei. Sei que vocês chegaram até a falar com um advogado.

Hannie-Mavis olhou-a com preocupação.

— Ou alguém procurou, não sei quem — desconversou Lusa.

Hannie-Mavis deu uma tragada e mexeu nas pontas das unhas, que brilhavam tanto quanto seus sapatos.

— Foi a Mary Edna — revelou enfim —, acho que ela não fez por mal. A gente só queria saber o que podia acontecer, sabe como é. Pois ele não deixou testamento.

— Olhe, eu não estou culpando ninguém. Vivo nesta casa maravilhosa onde todos vocês cresceram, na melhor parte de umas terras que são da sua família, e me sinto como se tivesse roubado tudo isso. Mas há problemas. A fazenda está endividada. Não era esta a vida que eu pretendia ter.

— Ninguém planejou o que aconteceu com o Cole.

Ela deu algumas tragadas, deixando a frase subir junto com a fumaça azulada acima de suas cabeças. Então, perguntou num repente: — Sabe o que eu acho, de verdade?

— O quê?

Lusa estava espantada.

— Papai sabia o que estava fazendo. Ele fez um favor quando deu para nós, meninas, só um pedacinho de terra para viver.

— E como você sabe?

— É verdade. Estamos melhor assim. Pense: qual de nós ia querer morar aqui, lutando para viver desta fazenda? Nós não queremos — nem eu nem o Joel —, meu Deus, ele só pensa em carro, carro, carro. É o trabalho que ele gosta. Ia ser horrível a gente ter de viver presa nessa terra. Nem a Jewel, mesmo que ainda fosse casada e não estivesse doente. Ela gosta mais desta casa do que nós todas juntas, mas o Sheldon não gostava de fazenda, meu bem. E a Mary Edna e o Herb, olha só, eles têm a fazenda de leite; estão ótimos e não iam dar conta de outra fazenda. Quanto a Emaline e Frank: acho que os dois estão felizes sendo empregados em vez de donos de fazenda; *sei* que estão.

— E a Lois e o Rickie? Os dois gostam de mexer com fazenda.

— Rickie gosta mesmo de ser fazendeiro, mas tem tanto direito a este lugar quanto você. Ele entrou na família pelo casamento, igual você.

— Mas tem a Lois. Eles dois poderiam morar aqui.

Hannie-Mavis soprou entre os lábios como fazem os cavalos.

— Primeiro, se para salvar a vida a Lois tiver de plantar um tomate, nem assim ela planta; mesma coisa se tiver de fazer conservas: não faz. Ela detesta ficar suja. Acho que ela não dá mesmo a mínima para este lugar. Ela pode até fingir. Mas se isto aqui fosse dela, ela ia derrubar a casa, fazer outra de tijolo, cheia de patos de plástico no jardim e com garagem para três carros.

Então, num lampejo, Lusa entendeu tudo.

— Quer dizer que de fato ninguém quer a fazenda — disse Hannie-Mavis com sinceridade —, a verdade é a esta: elas não querem que ninguém mais seja dono daqui.

— Você quer dizer eu.

— Não, não é isso, meu bem. Mas olha, nós todas sabemos o que vai acontecer. Primeiro nós achamos que você ia embora e a fazenda ia voltar par nós. Agora, parece que você vai ficar. É muito bom. É ótimo ter você aqui. Mas olha...

Hannie-Mavis pegou um lenço na caixa, limpou cuidadosamente os cantos dos olhos, e acrescentou mais um elemento branco à população que crescia na mesa. Lusa entendeu que o que ela ia dizer não era fácil.

— O quê? — perguntou tranquila. Ela estava com medo.

— Ora, daqui a alguns anos você vai casar com alguém. E então a fazenda vai ser *dele*.

Lusa soltou o ar por entre os dentes.

— É ridículo.

— Não, não é. Ninguém quer proibir você de casar. Você vai casar e é muito bom. Mas olha, a fazenda vai passar para os filhos dele. Não vai ser mais a nossa casa. Não vai ser mais a casa da família *Widener*.

Lusa estava perplexa. Jamais sonhara que fosse esse o problema.

— Como é que você pode pensar uma coisa dessas?

— Pensar o quê?

— Não sei, isso tudo. Com quem eu iria me casar?

— Meu bem, meu bem: você não tem nem trinta anos. A gente adorava o Cole, mas ninguém acha que você tem de parar de viver por causa dele.

Lusa olhou para o fundo de sua xícara vazia, sem folhas, sem futuro a ser lido.

— Tenho de pensar nisso durante o dia. Não sei o que dizer. Não fazia a menor ideia.

Hannie-Mavis inclinou a cabeça.

— Eu não queria magoar você.

— Não, você não me magoou. Pensei que o problema fosse *eu*. Não percebi que o problema era — que nome a gente poderia dar? A descendência. A linhagem familiar.

— Muito bem — Hannie-Mavis deu um tapa na mesa —, vou embora. Esse dia foi de matar.

— Acho que já é amanhã.

— Pior ainda. Tenho de chegar em casa e dar comida para os gatos, porque é claro que o Joel esqueceu, e depois voltar para ficar com a Jewel.

Juntou todas as bolinhas de papel e enfiou na bolsa. Lusa se perguntou se aquele seria um costume da terra, levar consigo as próprias secreções. Ficaram as duas cara a cara por um momento, mas não se abraçaram.

— Por favor, diga à Jewel que eu gostaria de ficar com os meninos mais uns dias. E se ela precisar de qualquer coisa, qualquer mesmo, é só pedir. Você não pode tomar conta de tudo, tem de descansar.

— Eu vou falar, meu bem. E vou dizer a Lois para trazer o Lowell, se ele quiser vir. Obrigada, meu bem.

— *Lusa* — disse Lusa —, agora eu sou sua irmã, você vai ter de me aguentar: é melhor começar a usar o meu nome.

Hannie-Mavis parou e se voltou, tocando a manga do vestido. Pareceu hesitar quando falou: — A gente tem medo de falar errado, é por isso que a gente não fala. Esse nome é de Lexington?

Lusa riu.

— É polonês. O diminutivo de Elisabeth.

— Bem que eu pensei. Que era estrangeiro.

— Mas não é difícil de dizer. De onde vem esse nome, Hannie-Mavis?

Hannie-Mavis sorriu e balançou a cabeça.

— É só um nome estranho, meu bem. Horrível e estranho. Papai era original e mamãe não sabia ler. Cada um fica com o que tem.

Na manhã seguinte Lusa foi acordada por um barulho de pneus no cascalho da estradinha. Sentou-se na cama, olhou para a janela já clara e verificou as horas. Estava acordando tarde. Quem quer que fosse, ia surpreendê-la de camisola às dez horas da manhã, um pecado mortal para quem vive numa fazenda.

Mas ouviu a porta do carro bater e os pneus partirem ladeira abaixo. Ouviu passos que chegavam à casa, e passos na sala, passos abafados no tapete, e depois subindo os degraus. Lusa se levantou e foi silenciosamente até o patamar, mas nada ouviu. Então, vozes sussurrando. Olhou para baixo sobre o guarda-corpo, e sentiu um calor no rosto, depois um frio. Lá estavam eles mais uma vez, lado a lado, sentados muito próximos no segundo degrau de baixo para cima. Um menino pequeno e uma menina um pouco maior com o braço em torno do ombro para protegê-lo do mundo. Não era o menino que ela pensara ser, e que seria capaz de reconhecer em qualquer lugar, com qualquer idade, e a menina não era irmã dele, a Jewel.

Não eram Jewel e Cole. Eram Crys e Lowell.

PREDADORES

Diana acordou assustada ao som de um tiro. Ficou petrificada ao ouvir o eco daquele som através do silêncio oco, forçado e universal que se seguiu a ele. Era o som inconfundível de um tiro. Sentou-se e se inclinou para frente, desorientada, tentando despertar. Era a terceira ou quarta vez que ela caía no sono bem no meio do dia, dessa vez na poltrona de brocado da varanda, onde se sentara para descansar por um minuto.

Passou a mão pelo tecido em relevo do estofado verde, traçando com os dedos a mancha comprida que escorria de um braço até se perder no assento — às vezes ela se perguntava como essa poltrona teria saído da vida elegante na sala de alguém até chegar ao serviço humilde que prestava naquela varanda. E como foi que *ela* havia chegado até ali, cochilando na poltrona? Diana tentou reconstituir sua tarde. Só se lembrava de ter caído na poltrona e desatado os cadarços das botas, tentando dar um pouco de conforto aos pés doloridos; era a última coisa de que se lembrava. Até então, travara durante a manhã toda uma batalha contra a exaustão. Trabalhara com Eddie na ponte dos abetos e ao voltar, no fim da manhã, foi como se tivesse vindo de lá com água até o pescoço. Duas árvores grandes haviam caído na trilha e tiveram de ser retiradas. Eddie: trabalhou com o machado, cortando os galhos enquanto ela usava a motosserra, e é claro que ficou contente com essa ajuda. Mas detestava a maneira como ele se mostrava, como tirou a camisa para deixar o suor escorrer pelos lados do pescoço, trabalhando alegremente toda a manhã, sem parar. Não gostou de ser esnobada. Detestava ser mais velha que ele, e sentir-se como uma menina frágil. Uma velha, verdade seja dita. Depois de uma hora de trabalho, seus braços doíam, os joelhos tremiam, e o ronco da serra abafava seus resmungos por causa da serragem e do suor retidos na gola da camiseta. Ao meio-dia, seu único desejo era cair no riacho frio de roupa e tudo. Quando acabou a gasolina da serra, ela sentiu uma profunda gratidão.

Sua intenção era se sentar um minuto na varanda para descansar, antes de encher os cantis de água e a lata de gasolina, e voltar correndo. Ótimo. Ela

protegeu os olhos com a mão e franziu o cenho ao encarar o sol, que agora tocava as copas dos alamos. Dormiu muitas horas. Então viu o machado encostado num dos lados da varanda. Examinou-o, intrigada. Ele devia ter voltado para procurá-la ao notar que ela não havia chegado. Viu-a dormindo e tornou a sair, e agora estava... onde? Tomada pelo pânico, sentiu um aperto na garganta. O tiro... Só podia ser *ele*. Eddie Bondo atirou em alguma coisa enquanto ela dormia.

Levantou-se num pulo só e ficou andando de um lado para outro na varanda, atormentada por uma possibilidade surreal, a de seu medo obsessivo ter se realizado. Mas só houve um tiro; ele não poderia matar muita coisa com apenas um tiro, pois eles já não estavam juntos. Agora os coiotes saíam da toca para caçar, todos eles. Ela vira dois filhotes que corriam com um adulto, tanto lá no alto do bosque de abetos como lá em baixo, junto da divisa. Quase todas as noites ela ouvia ganidos e uivos tremidos. Eles agora estavam por toda a montanha. Ela não era mais capaz de garantir a segurança deles. Arrastando as botas desamarradas, ela entrou na cabana e foi correndo ver o local onde a carabina havia ficado durante os dois últimos meses. É claro: não estava lá. *Canalha*.

Correu até a mesa e puxou a gaveta onde guardava a pistola, mas limitou-se a olhar para ela. O que iria fazer? Fechou lentamente a gaveta e ficou parada com a cabeça inclinada para trás e olhos fechados; permaneceu assim um longo tempo, enquanto as lágrimas escorriam pelo rosto. Não se ouviram outros tiros. Só aquele.

Ainda não estava preparada para enfrentá-lo — talvez nunca estivesse — quando o ouviu assoviando ainda longe, subindo a estrada do Serviço Florestal. Olhou pela janela, foi até a porta e trancou-a; sentou-se na cama, tornou a calçar as botas, olhou para os livros e voltou à janela. E lá vinha ele, sorridente como um furão, carabina apoiada no ombro, trazendo na outra mão um objeto parecido com um casaco preto. Ela forçou os olhos. Uma coisa preta. Uma coisa emplumada, com asas, segura pelos pés, que balançava acompanhando suas passadas. Um *peru*. Correu para fora, e bateu a cabeça na porta na pressa de atravessá-la, completamente esquecida de que havia acabado de trancá-la. Observou-o da varanda, a mão apertando a cabeça. A dor lhe trouxe lágrimas aos olhos, mas o alívio a fazia rir como uma criança.

Quando a viu na varanda, ele deu um passinho extra e levantou o troféu.

— Feliz dia de ação de graças!

— Parece mais uma Feliz Páscoa. A temporada de perus terminou em abril.

Tocou a testa com a ponta dos dedos e os examinou, mas não estava sangrando. Estava feliz, incapaz de parar de rir. Ele parou a cerca de três metros e observou-a.

— Ora, ora, você vai me deixar viver. Pensei que você fosse me esfolar vivo por causa disto.

— Estou furiosa — declarou ela, tentando dar tal impressão —, estamos em pleno verão: essa peruva devia estar chocando uma ninhada. Então, você matou uma família inteira.

— Não. Este é o papai.

— É macho? E você sabia *antes* de atirar?

Ele fez que estava ofendido.

— Desculpe. Você tem uma vista ótima e sabe que não se pode matar uma fêmea em julho. Mas mesmo assim estava caçando numa reserva, bem debaixo do nariz da guarda-florestal.

Ele acabou de chegar até ela, peru ainda na mão, e lhe deu um beijo na boca com tamanho entusiasmo, que ela foi obrigada a dar vários passos para trás.

— Eis o jantar da guarda-florestal.

— Você não precisa sair por aí a fim de caçar um jantar para mim. E é muito tarde para jantar, já é hora da ceia.

— Então esta é a *ceia* da guarda-florestal — ele lhe deu mais um beijo — e quem vai prepará-la sou eu. Você vem me sustentando neste verão todo. Nem sabe que eu sou um bom provedor. Cheguei a pensar em trazer um veado.

Ela riu.

— Nossa! Esse ia ser difícil esconder se algum de meus colegas aparecesse.

Ele lhe entregou a ave e verificou se a carabina estava descarregada antes de deixá-la cuidadosamente apoiada na parede.

— Você precisa de proteínas. Há muito tempo que você só se alimenta de comida de passarinho, e agora está anêmica. O seu sangue está carente de ferro.

Ela riu.

— Você nem tem idade para saber o que quer dizer isso. E *agora*, o que você está fazendo?

Ele estava com uma pá na extremidade da clareira, ao lado da pedra, examinando o terreno.

— O quê? Você está pensando em lhe dar um enterro cristão?

— Vou fazer uma fogueira nesse buraco. Venho matutando sobre isso desde que o verão começou.

Ela sorriu do *matutando* dele.

— Onde você aprendeu a falar assim?

— Com uma linda matuta de cabelos longos.

Enfiou a ponta da pá na terra macia. Diana estudou a ave na sua mão, observando-a com o braço esticado. Pesava tanto ou mais que um galão de água — três ou quatro quilos.

— Então, quais são seus planos para este peru?

— Depená-lo.

— Muito bem. Mas você vai ter de escaldá-lo antes para soltar as penas, e acho que não tenho nenhuma panela bastante grande para este senhor.

— Tem, sim; uma das latas de guardar feijão e arroz — disse ele sem levantar os olhos. Ele estava cavando um buraco grande. — Primeiro a gente escalda ele lá dentro, depois esvaziamos a lata e assamos o bicho aqui dentro, amontoando carvão em volta da lata.

Ela olhou surpresa para Eddie.

— Você *realmente* pensou nisso o verão inteiro.

— É.

— Fantasias carnívoras.

— É.

Ela voltou para dentro, sorrindo à toa enquanto verificava o estado das latas e escolhia a que lhe pareceu mais hermética. Estava excitada. Passara tantos dias vivendo esse tempo de floresta, tempo atemporal, observando as mudanças nas folhas, nos trinados e no clima, sem impor nenhuma agenda humana. Deixou mesmo passar o próprio aniversário, nem contou para o Eddie. Mas alguma coisa no seu corpo ansiava por essa comemoração. Ele adivinhara: ela *queria* um banquete. Um acontecimento extravagante para marcar esse verão extravagante.

Quando levou a lata vazia para fora, Eddie já tinha revestido o buraco com pedras e tentava acender uma fogueira. Enquanto empilhava a lenha e as primeiras chamas lambiam a lata metálica, ela buscou água na torneira que havia na cabana. A água fria chiou, levantando colunas de vapor ao tocar o interior do cilindro quente. Nas idas e vindas, ela só parou uma vez para examinar o peru. Tocou a pele vermelha e áspera da cabeça, a crista e as pálpebras translúcidas, depois acariciou as penas escuras e brilhantes. Não chegava a ser a ideia humana de beleza, mas ela pensou em todos os dias que ele havia passado na floresta, à luz filtrada do sol, sonhando com gordas amoras e com o som distante de uma fêmea. Eddie tinha razão: não tinham prejudicado o filho de ninguém; a paternidade do peru era do tipo atropelamento com fuga. Mas ela tentou adivinhar a marca deixada por esse macho na montanha. Esperava que seus últimos genes estivessem protegidos e aquecidos em algum ninho.

Já estava anoitecendo quando finalmente a água ferveu. Discutiram sobre a necessidade de escaldar o peru antes de depená-lo, e Diana começou a arrancar as penas longas e duras da cauda, mas não conseguiu arrancar as mais macias do

peito sem arrancar a carne, pois o peru já estava frio. Eddie deixou-a demonstrar sua competência. Estava surpresa, pois suas mãos ainda sabiam arrancar as penas e espremer as raízes, depois de tantos anos de consumo de aves de supermercado. Nos últimos anos ela quase não comia carne. Mas em quase todos os fins de semana de sua infância ela ajudou a matar uma ou duas galinhas. Essa carcaça era muito grande, mesmo depois de depenada. Eddie a ajudou a mergulhá-la por um ou dois minutos na água fervente, e depois a segurá-la sobre as chamas para queimar as últimas penas. Ele ainda firmou a ave para ela lhe cortar a cabeça e os pés com o machado. E ele retirou a lata do buraco para continuar a arrumar os carvões enquanto ela limpava o peru sobre a pedra.

— Eles sempre deixam o trabalho sujo para as mulheres — resmungou ela, sem na verdade se importar de realizar aquela tarefa, mas ainda desapontada pela animação de Eddie naquela manhã, enquanto ela mal se aguentava em pé. Enfiou as duas mãos dentro da ave e soltou suavemente a membrana que prendia os intestinos e os pulmões às paredes do corpo. Ele a observava impressionado, enquanto ela retirava num único volume brilhante toda aquela massa e usava a faca para soltar tudo que estava no terminal excretor, para soltar a massa de vísceras, que ele depositou na pedra ao lado da carcaça. Ela remexeu naquela massa, retirou o coração, examinou-o com cuidado e o jogou para Eddie, que deu um gritinho. Ela riu. — A gente deve examinar com todo o cuidado tudo que vai comer. Foi o que meu pai me ensinou.

— Não sou enjoado; só que eu não gosto de vísceras de pássaros. Prefiro sempre um veado a um peru.

— E por quê?

— Não sei; preferência pessoal. Não é tão delicado. Não tem tanta moela e outras coisas.

— Ah, sei: é porque é preciso uma cirurgia mais delicada do que a que você se considera capaz de executar.

Ela deu um corte na pele ao longo do pescoço, depois de examinar cuidadosamente os ferimentos que o tinham matado. Um belo tiro, só a cabeça e o pescoço foram atingidos; Eddie era bom. A carcaça não estaria crivada de chumbinhos para quebrar os dentes, como sempre acontecia com os esquilos e perus que seu pai ganhava dos vizinhos. Enfiou dois dedos para arrancar a traqueia e o esôfago feridos.

— Menino, esse bicho tinha uma senhora voz. Olha só.

— Pois este gorgolejou pela última vez.

— É verdade.

— Isso eu não entendo — disse ele —, você é uma carnívora feliz.

Ela ergueu os olhos.

— E daí? Os humanos são onívoros. Temos dentes para carne e dentes para fibras, e gostamos das duas coisas. Sei demais sobre animais para tentar negar o que eu sou.

— Mas eu atirei numa ave de sua preciosa montanha. Tinha certeza de que você ia me tomar a arma e atirar em *mim*.

— Então, por que você atirou?

Ele deu um daqueles sorrisos de um lado só.

— Você me conhece; eu não resisto a um desafio.

Ela lavou as mãos numa bacia com água e começou a lavar a carcaça inteira, procurando alguma ponta de pena que tivesse sobrado. Quando estivesse limpa e seca, ela iria esfregar sal e óleo na pele.

— É só um peru — disse depois de um minuto.

— Ora essa, é só um peru... Você não me deixa matar nem uma aranha!

— A aranha é um predador. Se matar uma, isso aqui vai ficar cheio de insetos, o que não combina com o que eu penso ser uma casa confortável.

— Ah, é verdade: os predadores são mais importantes.

Ele foi até a pilha para buscar mais uma braçada de lenha.

Ela deu de ombros.

— Não estou dizendo que este sujeito não é importante. Se todo mundo no Condado de Zabulon subir aqui para caçar, os perus acabam antes do anoitecer. Mas um dia algum bicho vai pegá-lo, mais cedo ou mais tarde. Uma coruja, se ele bobear depois que anoitecer. Ou um puma.

Eddie estava catando uns pedaços médios de lenha, mas parou, e olhou para ela com as sobrancelhas erguidas.

— O quê? — perguntou ela. — Ele é uma presa. Hoje foi a nossa presa. O que há de mais nisso? A predação é um sacramento, Eddie; seleciona quem é doente e quem é velho, mantém as populações sob controle. A predação é uma atividade *respeitável*.

— Mas a história do Chapeuzinho Vermelho não é assim.

— Ah, não: não comece com esta história da lavagem cerebral da infância. Eu *odeio*. Em todas as histórias de fada, todos os desenhos do Disney, em todo enredo que tenha animais, o bandido é sempre um dos grandes carnívoros. O lobo, o urso, a anaconda, o *Tiranosaurus rex*.

— Sem esquecer o tubarão — completou ele.

— Ah, é claro, o tubarão.

Ela o observou voltar para o fogo com a braçada de lenha cuidadosamente escolhida. Agachou-se e começou a realimentar o fogo com todo o cuidado, examinando os dois lados de cada uma das achas antes de oferecê-la às chamas. Parecia estar dando comida a um bebê.

— Nunca vou conseguir entender — continuou ela —, estamos no topo de nossa cadeia alimentar; o mais lógico seria nós nos relacionarmos *melhor* com eles. É como se tentássemos convencê-los a entrar num acordo comercial.

— Você quer dizer então que quando era criança torcia para o lobo mau comer a Chapeuzinho Vermelho?

— Não se esqueça de que meu sobrenome é Wolfe. Para mim, era quase uma questão pessoal.

Terminou de enxugar a carcaça por dentro e por fora com um pano e examinou a cavidade.

— E eu torcia como louca para o Coyote pegar aquele idiota do Papa-Léguas.

— Mas aí o programa ia terminar — protestou ele.

— Que os anjos digam amém.

Ela se levantou e enxugou as mãos na calça jeans.

— Vou buscar um pouco de sal.

Dentro da cabana, pegou uma lata de azeite, despejou um pouco num vidro e pescou a caixa de sal à prova de umidade. Revirou a caixa de legumes: ainda havia muitas cebolas e algumas batatas com brotos cor-de-rosa. Quatro cenouras. Ela pretendia jogar tudo isso na panela quando o peru já estivesse meio cozido. E depois jogar umas lascas de lenha queimada para deixar um perfume de fumaça. Olhou para o relógio na estante dos livros e tentou adivinhar quanto tempo aquilo ainda ia demorar. Algumas horas, naturalmente, e ela estava morta de fome. Teriam o perfume celestial e esperariam o banquete durante algumas horas. Nada melhor que esperar uma felicidade que sem dúvida viria. O prazer da comida era algo que ela já tinha quase esquecido. Apesar da simpatia pelo tubarão e pelo *T. Rex*, Diana estava um pouco surpresa com ela mesma — por se engajar nesse ato carnívoro e por estar excitada com ele.

Quando tornou a sair, viu que o Eddie tinha jogado fora a água quente sem abafar o fogo, que agora estava alto. Ele agora estava colocando achas do tamanho de braços e pernas. Felizmente ela ainda tinha muita lenha: pedaços de carvalho e castanheira até a altura dos olhos, e ainda era julho. Rachar lenha parecia ser o exercício favorito de Eddie; no mínimo, o segundo na preferência dele. Ela parou para admirar o corpo que se afastava do fogo batendo uma mão na outra para se livrar das cascas da lenha. Era fácil deixar passar a animosidade nesses momentos de graça animal. Estava comovida pelo que ele havia feito, um ato de provisão.

Ele se voltou e encontrou seus olhos a observá-lo.

— Em que você está pensando?

— Estou matutando. Comendo aquele peru. Acho que você tem razão, talvez eu esteja anêmica. Por quê, em que você está pensando?

— No Evangelho segundo Diana. É pecado matar uma aranha, mas não um peru.

Ela andou até a pedra e se sentou ao lado de sua próxima refeição.

— Ora, o *pecado*, quem sabe o que é isso? Uma coisa que as mães inventam, acho eu. E eu nunca tive mãe.

Olhou para cima:

— O quê?

Ele balançou a cabeça.

— Você, ora essa. Eu estava tentando falar sério. Pelo menos uma vez.

— O quê, aranhas e perus? Você sabe tanto quanto eu, não é complicado. A eliminação de um predador acarreta consequências mais importantes para o sistema.

— Mais do que a eliminação de sua presa. Já sei. Números.

— É apenas matemática, Eddie Bond.

Ele se agachou perto do fogo com as mãos entre os joelhos e um ar pensativo.

— Quantos grandes carnívoros existem nesta montanha, você tem ideia?

— O que significa grande? Mamíferos, pássaros?

Ela lançou um olhar na direção da fenda estreita do vale, onde os vaga-lumes começavam a piscar suas luzinhas em riscos irregulares.

— Talvez um puma para cada duzentos hectares. Um leão da montanha, ponto final. Grandes aves predadoras, como a grande coruja de chifres, um casal necessita de... digamos... oitenta hectares, para alimentar a si mesmo e dois ou três filhotes por ano.

— E quantos perus?

— Ah, bandos e mais bandos deles andando por este vale. Uma perua bota catorze ovos sem pensar. Se algum bicho comer um dos filhotes, ela nem percebe. Se uma raposa descobrir uma ninhada inteira, ela pisca para o macho e bota mais catorze ovos.

Ela avaliou a equação enquanto trabalhava.

— Mas os perus são poucos, em comparação com suas presas. Larvas e coisas semelhantes existem aos *milhões*. É um esquema piramidal.

Eddie ficou em silêncio, remexendo no fogo e prestando atenção. Parecia perceber que essa não era uma conversa casual para ela. Ela pôs um pouco de sal na palma da mão e passou na pele corrugada do peru, primeiro com a aspereza do sal, depois com a maciez do óleo. Quanto tornou a falar, tomou todo o cuidado para não deixar que a emoção transparecesse em sua voz.

— A verdade é que a vida de um dos grandes carnívoros é o item mais dispendioso da pirâmide. No caso de um coiote, ou de um grande felino, a mãe passa o ano todo criando os filhotes. Não bastam algumas semanas. Ela lhes ensina a se mover em silêncio para caçar, e tudo o que é necessário para executar essa tarefa. A mãe terá sorte se pelo menos um dos filhotes chegar à vida adulta. Se alguma coisa o atingir, perde-se um ano inteiro de trabalho.

Ergueu os olhos e os fixou diretamente nos dele:

— Quando você atira num deles, Eddie, você mata tudo isso: uma grande parcela das oportunidades que a mãe daquele coiote teria para deixar alguém em seu lugar. E solta no mundo os mil roedores que ele teria comido. Não é apenas uma vida.

Ele estava olhando para longe. Esperou até ele tornar a encará-la.

— Quando você visa um coiote na mira de sua carabina e se prepara para puxar o gatilho, o que acontece? Você se esquece de todo o resto, e só existe você e seu inimigo?

Ele pensou um pouco.

— É mais ou menos isso. Caçar é isso. A gente se concentra.

— Concentra, é? — disse ela. — É isso o que você sente? E imagina que só existem vocês dois neste mundo e ninguém mais?

— Acho que é.

E ele deu de ombros.

— Mas está errado. Ninguém está *sozinho*. Aquele animal iria fazer alguma coisa importante; comer uma porção de coisas, ou ser comido. E você está a ponto de dar um tiro em todas essas coisas interligadas. E elas não podem ser *todas* suas inimigas, até porque uma dessas coisas interligadas é você mesmo.

Ele enfiou na fogueira um galho com uma forquilha na ponta e redistribuiu as achas acesas, formando um quadrado, com um espaço no centro para se colocar a panela.

— Eu jamais iria atirar num puma — disse ele, sem olhá-la.

— Não? Isso é bom. Então você não é tão estúpido quanto outros caçadores de predadores. Merece uma medalha.

— Quem foi que pisou no *seu* rabo?

— Eu conheço bem essas coisas, Eddie.

Ela limpou as mãos no pano e ouviu seu coração pulsar nos ouvidos. Já conhecia esse homem há dois meses, e por dois meses ela se sentiu ofendida mas nada disse. Agora, falava calmamente, tal como seu pai quando estava com raiva.

— Há dessas caçadas em todo lugar. Não é segredo: elas são anunciadas em revistas. Agora mesmo há uma no Arizona, a Caçada Extrema ao Predador, com

um prêmio de dez mil dólares para quem conseguir matar a maior quantidade.

— Maior quantidade de quê?

— É uma caça aos predadores, ponto final. Basta empilhar os corpos. Pumas, coiotes, leões-da-montanha, raposas: é assim que eles definem os predadores.

— Raposas não.

— Raposas, *sim*. Alguns de seus amigos ficam aterrorizados diante de uma pequena raposa cinzenta. Um animal que vive de comer roedores e grilos.

— Não é uma questão de medo — negou ele.

— Você consegue imaginar o mal que esses homens estão fazendo ao estado do Arizona em apenas uma semana, a praga de roedores e gafanhotos que vão provocar? Se você não se comove ao ver centenas de mães-hora apodrecendo numa pilha, pense então nos *ratos*.

Ele não respondeu. Ela levantou cuidadosamente o peru, abraçou-o nos antebraços e o levou até a panela vazia, que parecia ter o tamanho suficiente, mas não a forma adequada. Ela ficou parada um minuto, avaliando, e decidiu colocar o peru apoiado na cabeça — ou melhor, na região onde deveria estar a cabeça perdida. Girou a carcaça até que as coxas se ajustassem satisfatoriamente para cima, mas a alegria dessa celebração se perdera.

— Ei, ajude-me a colocar isso no fogo.

Os dois ergueram a pesada panela e a baixaram no centro do fogo. Ela derramou lá dentro um pouco da água da chaleira e tampou, e então lavou as mãos com o resto da água. Sentia-se o frio da noite, e a água fria alfinetou as mãos dela. Mas ultimamente suas mãos e pés estavam sempre frios. Ela estendeu as palmas para o calor do fogo. Quase imediatamente, a panela começou a chiar, dando uns pequenos estalidos de satisfação, na velha conversa do vapor com a gordura. Diana se sentou no chão de frente para Eddie, e o fogo entre os dois, e o encarou através das chamas. Ele revolveu a fogueira e parecia agitado. Não estava sentado, e sim agachado.

— *Não é* — disse ele, rompendo o silêncio.

— O que não é o quê?

— Caçar predadores. Não é uma questão de medo.

Ela juntou os joelhos no peito e os abraçou, segurando os cotovelos nas palmas das mãos.

— Então é uma questão de quê? Me diga, por favor. Esclareça-me, estou ansiosa por ouvir.

Ele balançou a cabeça e se levantou para pegar mais duas achas na pilha, e tornou a balançar a cabeça.

— Você não pode passar a vida chorando por todo animal de olhos marrons que morra neste mundo.

— Já lhe disse que essa não é a minha religião. Cresci numa fazenda. Já abri e limpei carcaças de tantos animais, que você nem é capaz de imaginar; e o que já vi em matéria de lavoura é suficiente para eu saber que arar uma plantação de trigo implica decapitar mais coelhos com o arado do que você seria capaz de contar.

Parou de falar quando sua memória se fixou numa visão da infância: um guaxinim que ela encontrou depois de a colheitadeira ter passado sobre ele. Ainda se lembrava do pelo cinza e sem brilho, a mandíbula branca e do choque ao ver os dentes espalhados, tão parecidos com os dela, o sangue escuro a penetrar na terra de um lado só, como se fosse a sombra da pose final e aterrorizada daquela criatura. Nunca seria capaz de explicar a Eddie o que sentia, a corrente de tragédia que acompanhava a atividade agrícola. Nem suas aleluias: as linhas retas e abundantes de pendões de milho, de pé como alunos que sabiam todas as respostas. Os bezerros que nasciam limpos e brilhantes na sua perfeição em preto e branco. Vida e morte estavam sempre à nossa frente. A maioria das pessoas vivia tão longe de tudo isso, pensavam ser possível escolher entre ser carnívoro ou vegetariano, sem saber que os produtos químicos aplicados nos grãos e no algodão matavam mais borboletas, abelhas, azulões do que o custo em vida de um bife ou de um casaco de couro. Limpar o terreno para plantar soja e milho era uma forma de matar tudo o que vivia na metade do mundo. Havia lido que uma xícara de café equivalia a um passarinho morto em algum lugar.

Ele a observava, esperando para ouvir o que ela diria, e ela fez o possível.

— Mesmo que nunca toque num bife, qualquer pessoa custa o sangue de alguma coisa — disse ela —, não preciso de sua condescendência. Eu já sei: viver custa vidas.

Da panela veio um chiado, o que a inspirou a ouvir em silêncio o último lamento desse peru.

— Ótimo, nisso nós dois concordamos: viver custa vidas.

— Mas pode ser uma atitude consciente. Quem sabe, um pouco de humildade ao avaliar essa necessidade. A gente pode avaliar o custo de cada escolha que se faz. Ou sair por aí abrindo buracos no mundo, sem nenhuma justificativa que não o medo.

Ele a encarou.

— Não tenho *medo* de nenhum coiole.

— Então, *deixe-o em paz*.

Olharam com raiva um para o outro através do ar que tremia sobre o calor do fogo.

— E por que tem de ser assim?

— Porque eu vou convencer você, mesmo que tenha de morrer tentando.

— Então, morra tentando. Porque você não é capaz de me convencer, nem vai me convencer. Sou um fazendeiro do Oeste, e o ódio aos coiotes é a minha religião. Sangue do cordeiro, digamos assim. Não tente me converter, e eu não tento converter você.

— Mas eu também não vou atirar na cabeça de suas ovelhas.

— É claro que vai. De certa forma, quando você protege esses diabos é como se estivesse matando uma ovelha.

Ela descruzou os braços e jogou um punhado de grama seca no fogo, e o viu brilhar como um filamento de lâmpada.

— Ah, se você soubesse.

— Soubesse o quê?

— Você disse que ia ler minha tese. Outro dia, você me prometeu.

Ele balançou a cabeça e sorriu.

— Você nunca desiste.

— Você *prometeu*. Deu a sua palavra.

— Deve ser porque eu queria levar você para a cama.

— Acho que nós dois já estávamos na cama.

Ele se inclinou de lado, para olhar para ela sem a fogueira no meio.

— É provável.

— E daí então...

— Então me diga por que eu devia ler.

Ainda apoiado nos calcanhares, ele contornou o fogo como se fosse um inseto de joelhos dobrados e parou ao lado dela: — O que eu vou aprender sobre os coiotes que já não sei nesta minha vida mesquinha e cheia de medo?

— Que eles têm um dos mais complexos sistemas vocais dos mamíferos. Que eles comem roedores e frutas e sementes e centenas de outras coisas além de carneiros.

— Mas os carneiros estão nessa lista.

— Os carneiros estão nessa lista.

— Disso eu já sabia.

Ela jogou outro punhado de capim seco no fogo.

— E eles têm um complicado ritual de acasalamento que envolve muita conversa e muitas lambidas, e cada um traz comida para o outro, de presente. Especialmente carne.

Ele olhou para a panela no fogo e depois para Diana.

— E depois que formam um casal, ficam juntos o resto da vida.

— E você acha que eu devo ter a maior admiração por isso?

— Você não é obrigado a gostar nem a desgostar. É apenas uma informação.

— Muito bem. E o que mais?

— Eles são a espécie mais desprezada da América. Até mesmo o governo dos Estados Unidos se dedica a matá-los, mais ou menos cem mil animais por ano, usando armadilhas de cianeto ou helicópteros para atirar neles. Para não falar do belo trabalho feito por seus amigos nos festivais de matança de predadores.

— É. Continue.

— E depois de cem anos de matança sistemática, há hoje mais coiotes e em mais lugares do que jamais houve.

— Isso. Pare aí. Por que acontece isso?

— É um mistério, não é? Matamos ursos, lobos e baleias azuis e eles se extinguem com a rapidez de um raio. Mas os coiotes são mais difíceis. Acho que os índios têm razão: os coiotes são cheios de truques.

— E?

— E quanto mais nós os atacamos, mais coiotes existem. Não sei a razão exata, mas tenho uma porção de ideias sobre o que possa ser.

— Por exemplo?

— Está bem. Os coiotes não são apenas predadores, são também presas. Ao contrário das baleias azuis ou dos ursos, eles já estão acostumados a ser caçados. O principal predador que havia antes da nossa chegada eram os lobos. Que nós imediatamente apagamos do mapa da América.

— Oh.

— Isso mesmo, *oh*. Os lobos. Não há como matar um animal apenas, e é isso que eu estou tentando lhe explicar. Todo animal que se mata é o almoço de alguém ou o controle populacional de alguém.

Ele bateu uma vara comprida nas lenhas em volta da panela, fazendo voar uma notável nuvem de faíscas.

— Quer parar com isso? — disse ela, colocando a mão no braço dele. — Você vai acabar queimando a lenha toda. Deixe-a queimar devagar.

— Estou ajeitando o carvão.

— Deixe por conta da gravidade.

Ela queria explicar-lhe que *o fogo se queima sozinho, não precisa de um homem para tomar conta*.

— Meu pai dizia que quem brinca com fogo faz pipi na cama.

— Mas vale a pena — respondeu ele com convicção, fazendo chover mais faíscas.

— Pare com isso — disse ela, tomando-lhe a vara —, *sente-se*, você está me deixando nervosa.

Ele se sentou com o ombro apoiado no dela. Ficaram ouvindo os intrincados ruídos do fogo e da panela. Havia até um assovio alto, do vapor que escapava

por alguma fresta. A fome de Diana tinha se transformado numa dorzinha na barriga, persistente e doce.

— E nós os ajudamos ao matar os lobos — disse ele num repente —, pronto, vamos para a sua ideia seguinte.

— Não é uma ideia, é um fato: os coiotes se reproduzem mais rapidamente quando são caçados.

Ele olhou diretamente para o fogo.

— Como?

— As ninhadas são maiores. Eles às vezes usam a mesma toca, e quando se espera que haja apenas uma fêmea alfa em reprodução, uma das irmãs dela também passa a procriar. Eles vivem em grupos familiares, nos quais todos os adultos ajudam a criar os filhotes. Pode ser também que, quando um adulto é morto, haja mais comida para os filhotes. Ou talvez haja uma alteração do esforço reprodutivo. *Alguma coisa* acontece. O que sabemos com certeza é que matar os adultos aumenta as chances de sobrevivência dos filhotes.

— Poxa!

Ela se voltou para ele.

— Ei, Eddie Bondo.

Ele também se voltou para ela.

— O quê?

— Buu. A vida não é simples.

— Foi o que me disseram.

— Leia o livro. Você vai gostar. Meu professor disse que não conseguiu dormir durante todas as duzentas páginas.

Eddie olhou para o fogo.

— Acho que não vou gostar do final.

A lua já deveria estar alta em algum lugar, no início da minguante. Ainda não tinha ultrapassado as montanhas que escondem esse vale, mas Diana sentia através dos olhos fechados que o céu estava ficando mais brilhante. Fez força para encontrar um lugar plano para repousar, em vez de continuar a rolar como rolo de massa sobre a cobertura de uma torta. Nessas noites insones, ela amarrotava o cobertor de um modo que deixava Eddie exposto aos elementos.

Haviam arrastado o colchão para fora, antes de desabar sobre ele num delírio cheio de peru. Mas ela se acostumara a dormir ao relento durante o verão sempre que as noites eram quentes; o luar geralmente não lhe perturbava o sono. *Nada* lhe perturbava o sono. Nunca teve insônia antes dessas últimas semanas. Também nunca caiu no sono durante o dia. Alguma coisa estava errada. Diana

não sabia se eram as preocupações que sempre tomavam seu cérebro e que agora a mantinham acordada, ou se elas tinham acabado de se mudar para um apartamento vazio no seu cérebro insone.

A necessidade de rolar na cama a consumia como se fosse uma dor, ela não pôde mais resistir e se virou cuidadosamente, deitando-se de costas. Mas logo percebeu que também era desconfortável. Tentou esquecer o corpo, o estômago excessivamente cheio e Eddie deitado a seu lado — todos esses sintomas de humanidade. Tentou inalar lentamente a noite. Uma hora extraordinária para estar acordada, quando se é capaz de se abandonar a ela: essas horas de escuridão em que os insetos se calavam, o ar esfriava e perfumes subiam delicadamente do chão. Sentia o perfume de folhas em decomposição, de cogumelos e o cheiro leve de um gambá que remexia os ossos do peru no mato logo depois que ela e Eddie caíram na cama e ela dormiu um sono profundo, até acordar outra vez sem esperança de retomar o sono.

Agora sua mente se concentrava nas preocupações sobre os papa-moscas: era possível que os dois tivessem espantado a mãe para longe do ninho antes do anoitecer, e um dos filhotes poderia cair do ninho, o que já havia acontecido duas vezes. Os filhotes já estavam quase prontos para voar, e eram até maiores que um adulto por causa da penugem ainda fofa; eram suficientemente grandes para superpovoar o ninho. Um dia, e depois no seguinte, Diana apanhou um filhote no chão e o recolocou no ninho em cima dos irmãos. Eddie disse que um pássaro nunca volta ao ninho tocado por mãos humanas. Diana sabia por experiência própria que não era verdade, mas deixou que a mãe desse a resposta. Ela voou para o ninho alguns segundos depois de se afastar.

Por favor, cresçam e voem depressa, insistiu com os filhotes, que já estavam se transformando numa preocupação. Por várias semanas ela andou na ponta dos pés embaixo do ninho e forçou Eddie a fazer o mesmo. A mãe já tinha perdido uma ninhada por causa da falta de cuidado deles, e já era tarde demais para compensar a perda de mais essa, caso morresse. Mais alguns dias, talvez até amanhã, suas preocupações terminariam. Os filhotes iam estender as asas e abandonar para sempre aquele ninho.

Dobrou o pé para evitar uma caibra e lutou contra a necessidade de se deitar de bruços. Impossível ficar imóvel no meio das cobertas amarrotadas. A única coisa a fazer com essa agitação era levantar-se e lhe fazer companhia. Resolveu passear na mata. Haveria muita luz quando a lua aparecesse sobre a montanha. Mas antes, ela ia ver o ninho. Tomando grande cuidado para não acordar Eddie, ela se levantou em silêncio, encontrou as botas junto do colchão, puxou a calça jeans e a abotoou sob a camisola e foi à cabana para buscar uma lanterna. Andou cuidadosamente pela varanda para dar uma olhada. A luz da lanterna não iria

perturbar a mãe, se ela estivesse no ninho; a essa hora da noite ela não iria voar. Diana procurou a bola de capim entrelaçado. Como ela temia, a cabecinha marrom e o bico pontudo da mãe não estavam no ninho onde deveriam estar. Procurou os anjos caídos no chão da varanda, mas não encontrou nenhum. Entrou, trouxe uma cadeira e subiu com todo o cuidado, apoiando-se num caibro do telhado. Nada! O interior do ninho estava completamente vazio. Como era possível? Diana havia visto a mãe catar insetos a tarde toda: uma escrava daqueles quatro enormes apetites. Eles não poderiam ter voado à noite; então, onde estariam? Dirigiu o fecho de luz outra vez para o chão, procurando entre as pernas da cadeira, e até mais longe, para ver se por acaso, no seu pânico emplumado, eles tinham se arrastado até a beirada da varanda. Nada.

Apagou a lanterna e pensou por um minuto. Acendeu-a de novo. Passou o foco de luz por todo o comprimento do caibro, até o beiral, depois procurou sobre os outros. Passou por alguma coisa, e voltou, uma coisa parecida com um tubo preto enrolado. Examinou-o com atenção e encontrou os dois olhos redondos brilhando para ela, empoleirados sobre o corpo enrodilhado. Correu a luz ao longo do corpo negro até encontrar quatro protuberâncias claramente discerníveis.

Respirou com força para resistir ao impulso de gritar contra esse monstro ou de arrancá-lo dos caibros e lhe arrebentar a cabeça. Respirou mais três vezes, soltando o ar com força através dos lábios, sentindo insinuar-se uma náusea em meio a sua raiva. Era sua conhecida: a mesma cobra preta que morou no telhado durante o verão todo, a cobra que ela havia defendido por ser um predador que cumpre sua obrigação. Viver custa vidas. *Mas não aqueles filhotinhos*, gritou ela em silêncio. *Não eles; esses eram meus. Depois de findo o verão, o que vai existir serão apenas os filhos.*

Desceu da cadeira, apagou a lanterna e se dirigiu para a floresta, tensa de fúria e tristeza. Não percebeu o alcance de suas emoções até sentir o frio das lágrimas que lhe desciam pelas faces. Enxugou-as com a mão e continuou a andar depressa para longe da cabana, do cheiro de fogo e carne, para entrar na floresta escura. O que era essa tristeza incontrolável que lhe banhava o corpo como uma água quente? Nos últimos dias, ela chorava por qualquer coisa: os papa-moscas, o cansaço, o som de um tiro, a falta de sono. Lágrimas idiotas e sentimentais, lágrimas de fêmea — o que era isso? Seria isso o chamado climatério? Mas não havia sensação de calor. Seu corpo estava cheio, pesado, lento e humano; e de certa maneira, *ausente*; era apenas um peso a ser carregado sem os ciclos entusiásticos de fertilidade e repouso, os picos e vales dos quais ela não sabia depender tanto. Peso morto, era isso que ela se tornara? Uma fêmea obsoleta à espera da morte?

E por que ela se sentia tão infeliz? Ela nunca aprovara inteiramente os seres humanos, nem as confusões criadas por eles. Por que iria ela querer produzir mais algum?

No meio da encosta, ela parou para enxugar os olhos e o nariz na barra da camisola. Quando se virou na direção da cabana, compreendeu que a lua já devia ter aparecido às suas costas. As árvores na outra encosta do vale estavam banhadas por uma brilhante luz branca. Parecia uma floresta mágica ou uma encosta coberta de bétulas brancas vindas de longe. Respirou devagar. Era esse o seu tesouro. A beleza dessa noite majestosa. Ouviu latidos na distância, algo a ser colocado no seu coração ao lado dos papa-moscas perdidos e o medo de mais uma lua cheia sem as pequenas celebrações de seu corpo. Ela ficou imóvel e tentou pensar nos filhotes de coiotes surgindo do ventre da floresta com os olhos abertos, enquanto as possibilidades finitas de seus próprios filhos fechavam finalmente os olhos nesse mundo.

VELHAS CASTANHEIRAS

Garnett parou para descansar no meio da subida. O coração batia mais rápido do que seria justificável. Ouvia o barulho da serra do rapaz em ação lá no alto. Ela também devia estar lá. Concordaram em se encontrar ao meio-dia para dividir a lenha e outras coisas, e ele já estava 14 minutos atrasado, se é que seu relógio merecia fé. Mas ela podia esperar. Ele era mais velho; ela lhe devia um pouco de respeito. Sentou-se num tronco à beira do riacho só por um minuto.

Uma libelinha pousou na ponta de um junco, muito perto de sua cabeça, suficientemente perto para ele observá-la bem. Não se lembrava de ter visto uma desde a infância — era chamada de cavalo-do-cão — e mesmo assim, depois de todos esses anos, ali estava uma. Com toda a certeza, pairavam sobre o riacho desde aquele tempo, ainda que ele não lhes prestasse atenção. Ele se inclinou para ver mais de perto: parecia uma libélula, mas quando pousada, suas asas se dobravam para trás, não se estendiam para os lados. As asas eram pretas; mas não opacas, eram diáfanas como renda, com um ponto branco perolado na ponta de cada asa. Garnett se lembrou da roupa íntima de mulheres que conheceu no tempo em que elas usavam cintas-liga e outros artefatos que tinham de ser trabalhosamente removidos. Talvez as mulheres ainda usassem essas coisas. Como iria saber? Ellen morrera oito anos antes, e nos 40 anos anteriores ele não teve nenhuma oportunidade para saber como eram as roupas íntimas femininas. Tal como Ellen, ele era um homem fiel, um bom cristão. Ela preferia aquele tipo de algodão forte que se podia pendurar no varal sem sentir vergonha.

Ora, por que ele estava ali sentado no meio da mata, a pensar na roupa íntima feminina? Sentiu-se profundamente embaraçado e de imediato pediu perdão ao Senhor pelas fraquezas imprevisíveis de um velho. Levantou-se e continuou a subida.

Ela estava lá, conversando alegremente com o rapaz, que largara a serra e se entregara aos seus encantos, como aliás fazia todo mundo. Tal como carneiros para o matadouro, pensou Garnett, mas achou graça na cena: um jovem enorme

a balançar a cabeça cortesmente para a mulherzinha mais miúda que já andara pela floresta trajada com saia e botas. Os dois se voltaram para saudá-lo.

— Mr. Walker, o senhor se lembra do filho da Oda, o Jarondell?

— Claro. Recomendações à sua mãe.

“Não esquecer: é *Jarondell*”, pensou ele. Isso é que era nome. Era mais fácil ele se lembrar da data de validade na lata de pó de Sevin.

— Estávamos considerando a possibilidade de derrubar mais algumas dessas que estão muito inclinadas — disse ela a Garnett —, é para aproveitar, já que o Jarondell está aqui mesmo. Aquela cerejeira ali em baixo, por exemplo: está tão inclinada, que será uma surpresa se aguentar até o fim do verão.

Ai, meu Deus, a cerejeira! Garnett tinha se esquecido e se sentara bem debaixo dela minutos antes, quando parou para descansar ao lado do riacho. Esqueceu-se da preocupação com a possibilidade de ela cair sobre ele! Esse pensamento o deixou em pânico e extremamente atento aos batimentos do coração. Pôs a mão sobre o peito.

— O que houve? O senhor gosta dessa cerejeira?

Ela o observou com um olhar preocupado, que lhe trouxe nitidamente a lembrança do dia em que ela se inclinou sobre ele na grama e declarou que ele não estava tendo um ataque do coração, só o de uma tartaruga.

— Meu Deus, claro que não — disse ele com voz rouca —, tudo bem, é melhor derrubar aquela árvore sim. Ela é mesmo um perigo, uma amolação.

Ela pareceu aliviada.

— Eu não diria tanto, é só uma árvore — seus olhos brilharam —, e é claro que o senhor há de concordar que, se Jarondell conseguir derrubá-la no meu lado do riacho, a lenha vai ser minha.

Como aquela mulher gostava de irritá-lo! Parecia um galinho garnisé, doido para brigar. Garnett forçou um sorriso, ou a coisa mais próxima de um sorriso.

— Acho que seria justo.

Ela lhe deu um segundo olhar antes de se voltar para o filho de Oda (já tinha esquecido o nome). O rapaz esperava, braços musculosos cruzados e cabeça raspada brilhando ao sol igual à do mago dos frascos de amônia de Ellen. Era tão alto e forte, que Nannie era forçada a proteger os olhos do sol para poder olhar para ele, mas nem isso tinha o condão de fazê-la parar. Falava sem parar, apontando para lá e para cá enquanto falava (será que ela não entendia que o rapaz recebia por hora?). Parecia se interessar pelo processo de derrubada de árvores. Mas Nannie Rawley era assim mesmo. Interessava-se até pela comida do cachorro dos outros. Garnett balançou a cabeça dramaticamente — para ninguém, pois ela e o rapaz já se tinham esquecido de sua presença. Era como se ele também fosse uma árvore. Quando a serra recomeçou a urrar, ele teve de

gritar para atrair a atenção dela: — Se a senhora vai ficar com a cerejeira, então acho que esta aqui pode ficar para mim.

Ela tapou os ouvidos e fez um sinal para que os dois se afastassem. Ele a seguiu ao contornarem uma curva do riacho, e ali o urro da serra se reduziu a um ganido, mas ela continuou andando até o tronco onde ele havia descansado. As libelinhas ainda pairavam, muitas delas reunidas como se num acontecimento social.

— Aqui não — disse ele, alarmado, apontando para o alto —, a gente não deve ficar aqui.

— Ora, boa *noite* — gritou ela —, não me venha dizer que esta cerejeira vai cair sobre o senhor! O senhor acha que é tão diferente?

Sentou-se sobre o tronco ao lado do riacho, ajustando recatadamente a saia amarela em volta das pernas. Olhou para ele, na expectativa.

— Muito bem, pode falar.

Ele hesitou.

— Ia ser uma manchete e tanto, não ia? “Dois velhos abatidos por uma só árvore”.

— Está *bem* — disse Garnett, sentando-se longe dela no tronco. Aquela mulher era capaz de fazer uma pessoa se sentir idiota só porque não mete o nariz nos problemas dos outros.

— Não ligue para mim — disse ela —, hoje eu estou uma pilha.

Hoje só?, pensou ele.

— E hoje, qual a razão?

Sua intenção era falar como um pai condescendente. Mas ela não percebeu. Recomeçou a falar inclinada para a frente, mãos cruzadas nos joelhos, olhando diretamente para ele.

— É por causa das *abelhas* — explicou ela —, lá na Igreja do Evangelho Total eles arrumaram um problema depois de matar as abelhas. *Matar* o quê: eles fumigaram as abelhas! Por que não me chamaram *antes*? Eu teria aplicado fumaça e tirado a rainha, e todas elas iam acabar saindo das paredes. Preciso de mais uma colmeia no meu terreno. Não, eu preciso de mais umas vinte colmeias — com a quantidade de inseticida que andam aplicando, vou precisar de todas as abelhas que eu encontrar para polinizar minhas maçãs. Mas não, eles só me chamam *agora*, depois do problema criado, um problema que qualquer menino teria previsto.

Garnett não entendeu. Que problema teria sido causado pela morte das abelhas que qualquer menino teria previsto? Preferiu a evasiva.

— Deve ser um problema na hora dos cultos.

Lançou um olhar nervoso para a árvore inclinada.

Mas Nannie não estava preocupada.

— Mel vazando das paredes, mel cobrindo o chão da igreja toda, e eles estão pondo a culpa nas abelhas mortas, coitadas.

Meu Deus, que quadro. Garnett imaginou as mulheres com sapatos de ir à igreja.

— Bem, mas *foram* as abelhas que fizeram o mel na parede.

— E foram elas que bateram asas dia e noite para resfriar o mel em julho. Sem as operárias para resfriar a colmeia, os favos derretem e todo o mel escorre.

Ela sacudiu tristemente a cabeça:

— Como é possível as pessoas não *saberem* essas coisas? Será que somos só nós, os velhos, que paramos para pensar no futuro?

Ele sentiu uma pontada de emoção ao se ver incluído no cumprimento. Mas ao examinar-lhe o rosto não conseguiu saber se ela estava pensando nele em particular ou nos velhos em geral. E agora ela seguia noutra direção.

— A gente devia esperar que os jovens fossem mais cuidadosos. Serão eles que estarão por aqui dentro de cinquenta anos. Não *nós*.

— É, não nós — concordou Garnett, pesaroso.

Ele tentou não pensar nos campos de castanheiras cobertos de mato, a balançar as folhas abandonadas, cuidadosamente cruzadas, tal como bandeiras de rendição num mundo que nem se lembraria mais do que aquelas árvores representavam. Quem iria tomar conta de seu projeto depois que ele se fosse? Ninguém. Essa era a resposta: ninguém. Ele tentou durante tanto tempo esquecer essa verdade, e agora quase chorava de alívio ao abraçar essa dor simples e honesta. Apoiou as mãos nos joelhos, respirou fundo. A cerejeira podia cair sobre ele, acabar com tudo. Não importava mais.

Ficaram sentados por um minuto, ouvindo os sabiás da mata. Nannie arrancou alguns carrapichos da saia e então, parecendo agir sem pensar, estendeu o braço e arrancou uma meia dúzia das calças caqui de Garnett. Ele se sentiu estranhamente comovido por essa pequena atenção feminina. Percebeu vagamente que, como homem mortal, estava faminto. Limpou a garganta.

— Já passou pela sua cabeça que Deus — não interessa o nome que a senhora lhe dê, com esta história de equilíbrio da natureza — perdeu o controle dos carrapichos?

— De fato, há carrapichos demais: tenho de concordar com o senhor.

Garnett se sentiu feliz: ela concordou.

— E a senhora não vai dizer que é por minha culpa, vai? Os inseticidas e herbicidas. Esse problema dos carrapichos.

— Bem que eu poderia tentar. Mas o dia está muito bonito, então não vou dizer que seja.

Continuaram em silêncio.

— Por que elas chamaram *a senhora*? — perguntou então. Ele pensava na mulher que lhe telefonara pedindo conselhos sobre como criar cabras. *Especialista em cabras*, dissera ela. Olhou para Nannie, mas ela parecia imersa nos próprios pensamentos. — As mulheres da igreja e o problema das abelhas?

— Ah, por que eu e não outra pessoa? Acho que só eu por aqui ainda tem colmeias. Não é uma tristeza que não haja neste condado ninguém abaixo de setenta anos que saiba tratar de abelhas? Todo mundo sabia. Agora as colmeias se acabaram.

Garnett concordou que era triste. Quando criança, ele gostava de pôr o chapéu de apicultor para ajudar o pai nas tarefas de coleta do mel na primavera e no outono. Com toda a franqueza, não saberia dizer por que deixara aquilo se perder.

— O que a senhora disse a elas? Sobre o mel no chão?

Ela sorriu e olhou de esguelha para ele.

— Acho que não fui muito simpática. Disse a elas que o Senhor tem desígnios inescrutáveis e, entre todas as suas criaturas, tem um amor especial pelas abelhas. Disse que está nas Escrituras. Espero que agora todas estejam estudando a Bíblia para descobrir o que ela diz a respeito das pragas que o Senhor manda para os matadores de abelhas.

— E o que diz a Bíblia?

— Nada. Eu inventei.

— Ah — disse Garnett reprimindo, mau grado seu, um sorriso —, então elas simplesmente convocaram as mulheres para trazer panos de chão e baldes.

Nannie Rawley resmungou:

— Quanta doçura desperdiçada num bando de gente azeda.

Garnett achou melhor não comentar.

— Foi aquela Mary Edna Goins que me chamou. Gritava com raiva, como se as abelhas estivessem lá por culpa minha.

Ela olhou para ele; depois, para longe.

— Mr. Walker, não gosto de falar mal dos outros, e espero que o senhor não pense que isso é uma fofoca. Mas nunca vi um caso tão extremo de egoísmo como o daquela mulher.

Garnett riu. Ele conhecia Mary Edna desde antes de ela passar a ter Goins como sobrenome. Uma vez ela veio lhe dizer que o projeto das cabras do 4-H estava dando aos jovens uma oportunidade indevida para pensar em Satã.

Ele examinou com cuidado a cerejeira.

— Estávamos discutindo a questão da lenha — disse ele —, a senhora pode ficar com esta.

— Obrigada, ela já é minha — disse ela com ironia —, e agora o senhor vai me dar também minha casa e minha terra?

— Está bem. Não precisa se ofender.

— Eu também acho. Não preciso de tanta lenha assim. Fico com os galhos desta aqui e o senhor fica com os do carvalho; e nós dois pagamos meio a meio o que o Jarondell cobrar para cortar as duas árvores.

Ele sabia que não devia aceitar a oferta dela sem pensar antes. Olhou para a penumbra das matas dela e se surpreendeu ao ver um arbusto balançando as folhas ao vento, um pouco acima do riacho.

— Ora, veja: aquela ali é uma castanheira, não é? — apontou ele.

— É. Ainda é nova — disse ela.

— Meus olhos já não são como antes, mas eu vejo que é uma castanheira até a cem passos.

— Aquela nasceu no toco de outra que foi derrubada anos atrás. Já notei que elas sempre fazem assim. Enquanto as raízes estão vivas, nascem brotos no toco. Mas sempre morrem antes de crescer. Por que será?

— O cancro da praga tem de crescer antes de soltar outros cancos que matam a árvore. Leva de oito a nove anos em campo aberto, um pouco mais no meio da floresta, onde a árvore cresce mais devagar. O fungo no interior da árvore é mais ou menos proporcional ao tamanho do tronco. Mas a senhora tem razão, elas sempre morrem antes de dar as primeiras sementes. Biologicamente falando, a espécie já está morta.

— Biologicamente mortas. Tal como nós — disse ela sem demonstrar qualquer emoção.

— Isso mesmo — concordou ele pouco à vontade —, considerando-se que nós não temos descendentes.

— E sem condições de gerar outros nesta altura da vida — disse ela, dando um risinho esquisito.

Ele não fez nenhum comentário.

— Agora me diga uma coisa. Nunca entendi o seguinte: suas híbridas são o cruzamento de castanheiras americanas com a castanheira chinesa, não é?

— Isso mesmo. E depois, cruzadas outra vez com a americana. Se eu conseguir manter o processo durante um tempo suficiente, vou obter um cruzamento que tem todos os genes da americana, menos o que a torna suscetível à praga.

— E o gene que dá resistência vem do lado chinês?

— Isso mesmo.

— E onde o senhor conseguiu as primeiras sementes da castanheira americana?

— Boa pergunta. Tive de procurar em toda parte — explicou ele, feliz. Nesses muitos anos, nunca lhe haviam perguntado nada a respeito do seu projeto. Certa vez, Ellen convenceu a sobrinha a levar os alunos da terceira série para vê-lo, mas as crianças agiram como se aquilo fosse um passeio.

— Procurou onde, por exemplo?

— Escrevi cartas para funcionários do Serviço Florestal, conversei por telefone com eles, coisas assim. Acabei encontrando duas castanheiras americanas de pé e que ainda florescia. Estavam muito velhas e doentes, mas ainda vivas. Paguei a um rapaz para subir na árvore e colher algumas flores, que guardei numa sacola, trouxe para cá e polinizei uma castanheira chinesa que eu já tinha. Foi a partir dessas sementes que eu cultivei as primeiras mudas. Isso me deu uma primeira geração de híbridas americanas.

— E onde estavam as árvores velhas? Só estou curiosa.

— Uma estava no Condado de Hardcastle, a outra na Virgínia Ocidental. Eram coisas solitárias, que florescia mas não geravam sementes porque não tinham vizinhas com que se cruzar. Ainda há algumas por aí. Não muitas, apenas algumas.

— Ah, eu sei.

— Devia haver muitas na década de quarenta — continuou Garnett —, a senhora se lembra de que o governo aconselhava derrubar todas as árvores? A gente pensava que elas iam acabar de qualquer jeito. Mas hoje, pensando bem, não era uma ideia tão boa. Algumas poderiam ter sobrevivido. O suficiente para um renascimento.

— Ah, claro que teriam nascido. Disso papai tinha absoluta certeza. As duas que estão na nossa floresta ele não admitia que ninguém derrubasse. Uma noite, ele pegou um homem que estava a ponto de derrubá-las, para depois levá-las com a ajuda de um burro antes de o sol raiar.

— A senhora tinha castanheiras na sua mata? — perguntou Garnett.

Ela inclinou a cabeça.

— O senhor não conhece essas de que eu estou falando? Estão um pouco acima nesta encosta, que está horrorosa por causa dos galhos mortos que caíram. Mas todo ano ainda dá sementes, que os esquilos comem. A outra está no alto da montanha, e também está horrorosa.

— A senhora tem duas castanheiras americanas ainda em fase reprodutiva na sua mata?

— O senhor só pode estar brincando. O senhor não sabia?

— Como eu ia saber?

Ela começou a falar, mas fez uma pausa, tocou nos lábios; e disse: — Eu nunca considerei esta mata como uma *propriedade* nossa. Ando pelas suas

encostas sempre que tenho vontade. Achei que o senhor fazia a mesma coisa nas minhas.

— Nunca entrei nas suas terras desde que seu pai comprou do meu.

— Pois o senhor devia ter entrado — disse ela, rindo.

Ele se perguntou se seria realmente possível o que ela lhe estava dizendo. As macieiras ela conhecia bem, mas seria ela realmente capaz de distinguir uma castanheira de uma cerejeira? Olhou para a cerejeira ameaçadora acima dele e se convenceu de que ela estava mais inclinada do que naquela manhã. Um esquilo subiu negligentemente pelo tronco, o que foi demais para Garnett. Um estalido o fez olhar diretamente para cima, apesar de ele saber que não deveria, apesar de se ter habituado a evitar aquele movimento. Oh, oh, oh, a maldita tonteira caiu sobre ele. Ele segurou a cabeça e gemeu alto, enquanto as árvores à sua volta giravam loucamente. Dobrou-se para frente e prendeu a cabeça entre os joelhos, certo de que não adiantaria fechar os olhos — o que provavelmente o faria vomitar.

— Mr. Walker?

Ela se inclinou e olhou para ele, para sua expressão de terror.

— Não é nada. Logo vai passar. Mais uns minutos. Não se preocupe, não há nada a fazer.

Mas ela ainda estava olhando para o rosto dele.

— Nistagmo — decretou ela.

— O quê?

Ele estava irritado e se sentia tolo e fraco, e desejou furiosamente que ela estivesse longe. Mas ela continuou com os olhos firmes nos dele.

— Seus olhos estão girando para a esquerda sem parar — isso se chama nistagmo. O senhor deve estar tonto.

Ele não respondeu. Os troncos agora giravam mais devagar. Como um carrossel que vai parando. Mais uns minutos, e aquilo ia passar.

— O senhor também sente isso quando está deitado de costas na cama?

Ele assentiu com um movimento de cabeça:

— Essa é a pior de todas. Se eu viro de costas durante o sono, a tonteira me acorda.

— Coitadinho. É uma tristeza. O senhor sabe como tratar isso, não sabe?

Com muito cuidado, ele moveu a cabeça e a encarou.

— Existe cura para isso?

— Há quanto tempo o senhor tem isso?

Não quis dizer desde sempre.

— Acho que uns vinte anos.

— Nunca consultou um médico?

— No início, eu pensava que alguma coisa horrível tinha acontecido dentro da minha cabeça. Não quis saber o que era. Depois, os anos foram passando, e eu não morri.

— Nem vai morrer; e só uma chateação. VPB. Vertigem posicional benigna, ou uma coisa dessas, não me lembro bem. A Rachel tinha uns acessos fortes. Geralmente, só ataca os velhos, mas sabe como é, com a Rachel, tudo que podia dar errado geralmente dava. Veja, é isso que o senhor tem de fazer. Deite-se no tronco.

Ele começou a protestar, mas ela já o segurava pelos ombros e o guiava para se deitar de costas.

— Vire a cabeça de lado, o máximo que puder. Deixe cair também um pouco para trás. Isso.

Ele engasgou, e quando a tonteira voltou, pior do que nunca, agarrou as mãos dela como uma criança. Por mais que se preparasse, a sensação de estar solto no espaço sempre o aterrorizava.

— Está bem, muito bem — cantarolou ela, segurando a mão dele numa das suas e segurando a parte posterior de sua cabeça com a outra, firmando-o. — Fique assim, se conseguir; fique assim até começar a melhorar.

Ele ficou quieto. Passaram-se uns dois minutos até o mundo parar de girar.

— Agora, gire a cabeça até conseguir olhar bem para cima. Não tenha medo. Vá devagar; e pare quando a tonteira chegar.

Ele teve uma aguda consciência daquelas mãos. Ela segurava maternalmente sua cabeça, com ternura e competência, apertando-lhe o rosto na saia dela. Foi só o que ele conseguiu pensar ao sofrer mais na saia dela. Foi só o que ele conseguiu pensar ao sofrer mais um acesso de tontura. Então, virou a cabeça mais um pouco, e sofreu outro. Não sabia se seria capaz de olhar Nannie Rawley no olho depois daquilo.

— Já está quase acabando. Agora. Ouça. Vou ajudar o senhor a se levantar. Sente-se e baixe a cabeça assim.

Ela apertou o queixo contra o próprio peito para mostrar como era: — Pronto?

Ajudou-o a erguer o corpo até a posição sentada e a cabeça para frente. Ele esperou, e teve uma estranha sensação de que alguma coisa se reorganizava dentro de sua cabeça. Quando passou, ele relaxou os ombros, levantou a cabeça, e olhou um mundo renovado. Ela o observava com atenção.

— Ótimo. Acabou.

— Acabou o quê?

— O senhor está curado. Tente olhar para cima.

Ele não acreditou, mas fez o que ela mandou, cautelosamente. Sentiu uma ligeira tonteira, mas muito pequena. Em comparação com o que sentia antes, não era nada. Não chegava a ser uma tonteira. Olhou para ela, espantado.

— A senhora é uma feiticeira? O que a senhora fez comigo?

— Chama-se manobra qualquer coisa — acho que Epley.

Ela sorriu.

— Rachel e eu descobrimos acidentalmente. Eu a rolava e lhe fazia cócegas quando ela tinha acessos de tonteira. Muito tempo depois, o dr. Gibben me ensinou uma maneira mais fácil de fazer a coisa, e lhe deu um nome. O senhor vai ter de fazer sempre. Todo dia, quando se levantar.

— O que a senhora consertou?

— Isso é causado por uns pequenos cristais...

— Nem comece. É mais uma de suas teorias que explicam tudo.

— Não, não. São pequenos cristais, muito duros, que se formam no centro de equilíbrio que existe no ouvido. É um fato científico.

— E como chegaram até lá?

— Algumas pessoas têm isso, é tudo que eu sei. O senhor não vai querer que eu diga que são causadas por mau humor, vai? Olhe aqui, velho teimoso, eu curei o senhor ou não?

Garnett se sentiu castigado.

— Curou.

— Muito bem; agora me escute, só para variar. O senhor tem umas pedrinhas lá dentro que ficam rolando e criam esse problema toda vez que o senhor vira a cabeça do jeito errado. É preciso levá-las para um canto onde elas não possam lhe fazer mal.

— Tem certeza? É verdade isso que a senhora está me dizendo?

— Tão verdade quanto a chuva, senhor Walker.

— Em todos esses anos?

— Em todos esses anos: foi esse o seu problema. O senhor tem pedras dentro da cabeça.

Ficaram sentados em silêncio por muito tempo, ouvindo o ronco que transformava um carvalho em lenha. Então ela perguntou: — O senhor gostaria de vir comigo para ver as duas castanheiras? Talvez fosse bom o senhor ter duas fontes de sementes a mais para o seu programa de cruzamentos.

— A senhora faz uma ideia? — perguntou ele, mais uma vez maravilhado e excitado.

Por um momento ele havia se esquecido das castanheiras.

— Vai dobrar a quantidade de variação genética que tenho agora. Meu projeto vai ficar muito melhor e andar mais rápido, Miss Rawley, se eu tiver

flores dessas duas árvores.

— Pois pode considerá-las suas, senhor Walker.

— Muito obrigado. A senhora é muito boa.

— Que nada! — e pousou as mãos no colo.

Garnett já imaginava as duas castanheiras lá no alto, sobreviventes anômalas de sua era, marcadas pela idade e pela doença, mas ainda eretas, solitárias e persistentes durante todos esses anos. Ao lado de sua propriedade. Era demais para acreditar. Esperava que elas ainda tivessem algumas flores nessa altura do verão. Que bela infusão de material genético novo no seu projeto! Era um milagre. Na verdade, se as duas árvores estavam liberando pólen ao vento, era possível que um pouco de diversidade genética extra já tivesse sido infundido nas suas terras. E ele pensava que estivesse trabalhando sozinho. Nunca se sabe.

Virou a cabeça para o lado e teve uma visão das pedras na sua cabeça, empilhadas de forma a não lhe causarem mal, mas prontas a rolar de volta e criar mais problemas. Sem querer, também se lembrou da pilha de telhas verdes na sua garagem, escondidas, queimando um furo na sua consciência igual a um cigarro caído no sofá.

O AMOR DAS BRUXAS

Um dos modos de conviver com a dor que Lusa havia descoberto era se agarrar aos últimos momentos entre o sono e a vigília. Às vezes, manhã bem cedinho, cuidando para não abrir os olhos ou fazer a mente sair da sonolência até a superfície onde estava a dor clara e fria, ela descobriu ser capaz de escolher seus sonhos. Chamava uma lembrança e a seguia pacientemente até a origem, em carne, som e sentidos. Revivia sua vida, e estava protegida e segura, tudo por decidir, tudo ainda novo. Seus braços reais a carregavam pela porta enquanto ela brincava, dizendo pesar mais que um saco de balas, mas menos que dois. As cigarras zumbiam e o ar estava quente e úmido — junho, logo depois do casamento. Ela ainda usava uma saia de raíom azul, mas tirara as meias e sapatos no carro na viagem de volta de Lexington. A saia azul-claro deslizava como água fria pelas suas pernas e pelos braços dele enquanto ele subia os degraus. Parou no patamar e a beijou e deslizou as mãos sob ela e todo o seu peso era nada nas mãos dele. Tornara-se imponderável e flutuava no ar com as costas para a janela e com os braços fortes por baixo de suas coxas. O ar acima da cabeça dele parecia tremer com as moléculas combinadas dos dois eus separados, ele a penetrou e ela se entregou a um delírio em voo, à perfeição do amor em voo.

Às vezes o sonho se alterava nesse ponto, e sua presença confortadora tinha as asas sedosas, verde-claro de um estranho que tinha chegado depois do enterro, na noite em que Jewel lhe deu a pílula de dormir. E lhe dizia todas as vezes a mesma coisa: “Conheço você”. Abria as asas e o abdome cor-de-rosa, perfumado e desenhado como os galhos da madressilva, e ela sentia o prazer agudo de ter sido escolhida.

“Você me conhecia tão bem que me encontrou aqui”.

E aquele perfume explodia no seu cérebro como uma chuva de luzes, e aquela voz percorria a distância sem palavras: “Foi sempre assim que eu a conheci”.

Ele a envolvia na sua maciez, tocava seu rosto com o movimento das árvores e o perfume da água selvagem sobre as pedras, dissolvendo suas necessidades na

confiança de seu abraço.

— Tia Mary Edna diz que quando fazem assim é porque estão rezando — comentou Crys, cheia de dúvidas.

— Acho que se pode ver assim: uma igreja de borboletas.

Lusa e Crys haviam parado na estrada para admirar mais um denso grupo de borboletas rabo-de-andorinha reunido no chão em volta de uma mancha de lama. Encontraram vários desses grupos de asas pretas e amarelas, que se levantavam e se espalhavam com a aproximação das duas, e pousavam novamente no mesmo lugar, depois que elas passavam. Chovera na véspera, e não faltavam poças de lama.

— Mas vou lhe dizer uma coisa — disse Lusa —, é uma espécie de igreja Clube do Bolinha. Provavelmente, todas essas borboletas são meninos.

— Por quê?

— Como, *por quê*? Porque têm pinto!

Crys deu um daqueles latidos agudos que eram o seu riso. Lusa vivia para isso, para lhe romper a couraça. Esse era agora o seu desafio secreto, desfrutar esses momentos em que via todas as luzes se acenderem por um instante na casa escura que era essa menina.

— Mas eu sei o que você está perguntando: por que só os machos aparecem? É o que se chama chapinhar. É esse o nome que os cientistas deram a esse comportamento.

— Sei. E por que só os meninos participam?

— Estão sugando na lama um mineral qualquer ou alguma proteína, alguma coisa de que as borboletas precisam para continuar sadias. E depois eles passam para as meninas, como presente de namorados.

— E como eles passam para elas?

Lusa fez uma pausa e depois perguntou:

— Você sabe como são feitos os bebês?

Crys virou e revirou os olhos.

— Ele enfia o pinto na perereca dela e esguicha um negócio que faz o neném.

— Está bem, você sabe como é. Pois é assim que ele passa os minerais para ela. Quando passa o material de fazer filhos, ele prepara um pacote das coisas boas que ela aprecia. É o que se chama espermatóforo.

— Que coisa estranha!

— Não é mesmo? E quer saber uma coisa? Ninguém sabe disso no condado de Zabulon, só eu e você. Nem os professores sabem.

A menina ergueu os olhos.

— É mesmo?

— É. Se quiser saber mais sobre insetos, eu sei de coisas que você nem imagina.

— E a senhora fica com raiva quando eu falo merda, pinto e outras coisas?

— Não, de jeito nenhum. *Que merda*, claro que não — praguejou ela para ver Crys rir —, basta você saber onde e quando *não* usar essas palavras. Na igreja, ou na escola, ou num raio de dois quilômetros de Mary Edna. Mas aqui? Não vai ofender meus ouvidos.

— Que inferno! — gritou a menina — Fogo de merda.

— Ei, mas também não precisa usar tudo de uma vez só.

Crys pegou uma pedrinha e jogou num grupo de borboletas para vê-las voar.

— Venha — chamou Lusa —, vamos caçar bruxas. Hoje, ou acho uma luna para lhe mostrar, ou eu morro.

Caminharam lentamente em direção à poça de lama, atravessando a nuvem de borboletas, tal qual o Super-Homem ao atravessar as moléculas de uma parede nos quadrinhos. Ela e Crys estavam andando na velha estrada do cemitério a caminho da mata que havia atrás da garagem, sem nenhum destino em especial, apenas o desejo de aventura, enquanto Lowell cochilava no sofá da sala. Jewel estava passando muito mal, e pela terceira vez, nas últimas duas semanas, pedira a Lusa para ficar com os meninos. Lusa ficou feliz por poder ajudar, embora se perguntasse que tipo de mãe substituta ela seria — a que incentivava Crys a praguejar como um estivador, por exemplo. Não entendia nada de crianças. Mas era a única pessoa da família capaz de arrancar alguma palavra de Crys. Cada um vive com o que a vida lhe oferece, como Hannie-Mavis lhe disse certa vez. A Lusa e Crys couberam a falta de sorte e o julgamento dos probos. E, aparentemente, uma à outra.

— O que é aquilo?

Lusa olhou para onde Crys apontava dentro da mata. Os pássaros cantavam como sinos no ar lavado pela chuva, mas Lusa não percebia nada de particular.

— O quê? Aquela planta?

— É. Aquela praga subindo nas árvores ali.

— *Praga*?

Crys deu de ombros.

— O tio Rickie diz que aquilo é uma praga. Aquela trepadeira que cobre tudo. Ele detesta.

— Mas essa é bonita; aqui é o lugar onde ela *deve* crescer. Ela se cobre de flores brancas no fim do verão, e depois ela cria milhões de vagens cheias de

sementes iguais a milhões de explosões de estrelas. É chamada de caramanchão da virgem.

— Virgem como a mãe de Jesus, não é?

— Ela mesma. Ou qualquer mulher ou moça que ainda não praticou aquela história do pinto de que nós falamos.

Crys pulou à frente de Lusa dando alguns passos longos e estranhos. Parecia gostar de experimentar formas diferentes de andar, que Lusa observava, divertida. Ela estava com a mesma calça jeans que sempre usava desde que chegara, e hoje também vestia uma criação esfarrapada sobre a camiseta. Parecia uma camisa de trabalho masculina, cortada em fitas com tesoura.

— Gosto mais de insetos do que de flores — disse Crys com convicção, depois de algum tempo.

— Que bom! Então você está com sorte, porque sei muito mais a respeito de insetos do que de flores. E não se esqueça de que estamos procurando uma bruxa luna. Olhe nos troncos, no lado da sombra. Você já viu uma peca? daquelas que têm uma casca bem grossa?

Crys deu de ombro.

— A bruxa luna gosta especialmente da peca. E das castanheiras. Botam os ovos nas folhas porque elas são o que as lagartas comem.

— Como assim?

— O estômago delas é feito para isso. Elas são especializadas. Por exemplo, você come as sementes de trigo, mas não a palha.

— Eu como de tudo.

— Outros animais não têm tanta sorte. A maioria tem dietas muito especializadas. Ou seja, elas podem comer uma coisa só.

— Que burrice.

— Não é burrice nem inteligência, eles são assim. Você tem duas pernas e anda só com os dois pés. Um cachorro deve achar que isso, *sim*, é que é burrice.

Crys não fez comentários.

— Mas a verdade é que a especialização torna a vida mais arriscada. Se o alimento morre, aquele animal morre. Ele não pode dizer “minha árvore está extinta, então agora eu vou comer pizza”.

— O Lowell tem isso.

— Tem o quê?

— Esse problema da comida especial.

— É mesmo? O que ele come?

— Só macarrão e queijo. E bolinhas de chocolate recheadas.

— É mesmo uma dieta especializada. Deve ser por isso que naquela noite ele não quis a minha sopa de lentilha. Eu devia ter completado com bolinhas de

chocolate.

Crys deu uma risadinha; pouco mais que um sopro entre os dentes.

— Olhe aqui nesta árvore, no lado que está coberto de musgo. Está vendo essas bruxinhas brancas?

As duas se inclinaram e Lusa cutucou uma asa translúcida. A bruxa andou alguns passos na casca áspera da árvore. Crys recebia o sol pelas costas, e Lusa via como era delicada a pele suave de seu rosto, igual à de um pêssago. Nesses momentos de concentração, o rosto de Crys tinha uma suavidade que fazia Lusa imaginar como foi possível tantos adultos — ela inclusive — confundirem essa menina com um menino.

Ela ergueu os olhos.

— O que que é isso?

— São lagartas do cancro. O estágio de lagarta foi descoberto com esses bichos, e por isso a bruxa recebeu esse nome feio. Mas ela é bem bonitinha, não é?

Lusa deixou-a andar pelo seu dedo, e depois soprou, mandando-a num arco torto até outra árvore. Crys ficou mais um minuto observando as colegas preguiçosas na árvore, antes de continuar: — Como é que a senhora sabe tanto sobre os insetos?

— Antes de me casar com seu tio Cole e de me mudar para cá, eu era uma cientista especializada em insetos. Em Lexington. Fazia experiências e aprendi muita coisa sobre eles que ninguém sabia.

— E tem muito inseto lá em Lexington?

Lusa riu.

— Mais ou menos o mesmo que em qualquer lugar.

— A tia Lois disse que a senhora é garimpeira.

— Garimpeira?

— Garimpeira de ouro.

Lusa pensou um pouco.

— Ah, caçadora de ouro.

Deu um suspiro. Dessa vez ela tinha certeza de que Crys não teve a intenção de feri-la.

— E é verdade? — perguntou Crys.

— Não. Não estou interessada em garimpos, nem passados nem futuros. A tia Lois devia enfiar a cabeça na privada e dar a descarga.

Crys fechou os lábios num sorriso cúmplice e olhou para Lusa. As duas estavam descobrindo novas maneiras de conviver com o julgamento dos hipócritas.

— Aqui está bom, vamos examinar aqui — disse Lusa, apontando um barranco íngreme que conduzia a uma clareira acima da estrada, coberta de manchas de luz. Não podiam se afastar muito da casa, pois Lowell estava cochilando sozinho. E Lusa não queria chegar ao cemitério da família que ficava logo depois da curva seguinte. Cole não estava lá, mas muitos dos outros Wideners estavam.

Crys já avançava à sua frente, atravessando as nuvens de lírios que haviam fugido do jardim de alguém muito tempo antes e que agora eram como ervas daninhas. Mas eram bonitos. Suas folhas longas caíam como cachoeiras pelos barrancos, coroadas por círculos de flores alaranjadas e botões longos e graciosos. Cresciam em fileiras que se espalhavam pelas margens abandonadas de todas as estradas da região, com manchas roxas e cor-de-rosa das ervilhas de cheiro. Antes de começarem a florescer, há algumas semanas, Lusa nunca tinha percebido a existência das duas flores. O condado inteiro era um grande jardim de flores fugidas.

Crys arrancou a flor de um dos lírios ao subir no barranco.

— Olha só.

Esfregou o centro da flor no queixo e jogou fora a flor amassada.

— Que bonitinha. Agora você está de barba laranja — comentou Lusa.

Crys tentou fazer um sorriso mau, deliciosamente infantil.

— Igual ao diabo.

— Sabe o que é isso, essa coisa alaranjada? É pólen. Sabe o que é pólen?

A menina balançou a cabeça.

— *Es-per-ma* — Lusa pronunciou a palavra com exagero.

— Ich!

E Crys limpou violentamente o queixo.

— Fique tranquila. Você não vai ficar grávida nem ter flores.

Passou pela menina, indo até o limite da clareira, onde um grupo de pecas havia atraído sua atenção. Entrando na mata, começou a examinar sistematicamente o lado norte dos troncos.

Crys a seguia de perto.

— A senhora acha, quer dizer, a senhora acredita que vamos para o inverno?

“Vai nevar?”: é o que Lusa pensou ser a pergunta de Crys. Ela olhou para os pedacinhos de céu que apareciam através dos galhos das árvores.

— De jeito nenhum. Estamos no meio do verão^[10].

— Eu estou falando de *inverno* — insistiu a menina.

Lusa se aprofundara na mata, examinando os galhos e as faces inferiores das folhas com olhos de conhecedor.

— Por que você está tão preocupada com o inverno? Vocês não têm nenhuma plantação.

— Eu disse *inverno*.

Havia tanta frustração naquela voz que Lusa saiu de seus pensamentos e se virou. Crys estava com os pés plantados e olhava irritada para ela.

— *Inverno*, onde mora o *diabo* — disse a menina, já claramente aborrecida.

Aos poucos, Lusa começou a entender o mistério.

— Você está me perguntando sobre o *inferno*?

A menina deu de ombros.

— *Esquece*.

— Sinto muito. Acho que deixamos passar o momento certo para falar da vida depois da morte.

Crys passou pisando duro, arrancando folhas dos arbustos de sassafrás.

— Você me deixou curiosa — disse Lusa, correndo até ela —, qual é a diferença entre o inverno da neve e o inverno onde mora o diabo?

Crys parou, e olhou atônita para ela.

— Ora, gente *escreve* diferente!

Crys a observou por um momento.

— Tia Lusa, sabe que a senhora fala de um jeito muito engraçado?

— É, acho que falo mesmo.

Lusa insistiu com ela para esquecer o sassafrás e ajudá-la a procurar uma luna.

— Vai ser a maior bruxa verde que você já viu. São impressionantes.

Crys ainda parecia não acreditar na possibilidade de ver alguma magia, ali ou em qualquer outro lugar, mas veio correndo quando logo depois Lusa gritou:

— Minha nossa, *olhe ali*!

— Onde?

— Lá no alto — alto demais para nós. Mas você está vendo? Bem na forquilha daquele galho.

Crys forçou a vista, nem tão impressionada assim.

— Vamos cutucar com uma vara.

— Não, não vamos machucá-la — discordou Lusa, mas ela tinha tido a mesma ideia e já estava torcendo um galho comprido e fino de um arbusto de carvalho. Esticou-se ao máximo, deu um pulinho, balançando a vara como se fosse uma vassoura contra a casca da árvore, logo abaixo do ponto onde estava a bruxa com as asas serenamente recolhidas. Ela se mexeu um pouquinho e voou. As duas a viram cair e subir, cair e subir, até sumir lá no alto, no meio dos galhos.

Lusa se voltou para Crys com os olhos brilhantes.

— Era uma luna.

Crys deu de ombros.

— E daí?

— E daí? E daí, *o quê?* Você ia querer que ela também cantasse?

Crys deu uma risada e Lusa ficou surpresa. Eles sempre a pegavam de surpresa, esses momentos em que seu *zeida* enganava a vigilância de seu pai e aparecia na sua língua.

— Venha. Vamos procurar na grama alguma coisa que possamos segurar na mão.

Voltou para a clareira no barranco acima da estrada e se deixou cair bem no meio. Por uns momentos ela se sentiu feliz em poder se apoiar de costas sobre os cotovelos e olhar para as pontas do tênis, e para além deles, as sedução da floresta. Passara muitos dias presa em casa ou tratando do jardim, ou cuidando da saúde das cabras. Devia voltar mais vezes à floresta. O capim da clareira estava molhado — ela sentiu que seu short estava úmido — mas o sol estava bom demais. Fechou os olhos e voltou o rosto para o céu.

— E qual é esse?

Lusa se inclinou e examinou em detalhe o inseto verde em formato de escudo que Crys tinha colocado no punho.

— É um desses percevejos fedidos do sul.

Crys o examinou com atenção.

— E ele fede mesmo?

— É uma questão de opinião.

— E ele é parente daquele vermelho e preto que a gente achou no pessegueiro?

— O percevejo arlequim? É, é sim. Da mesma família. Pentatomidae.

Olhou surpresa para Crys:

— Muito bem! Sabe que você tem um olho muito bom para insetos? É uma boa observadora e não esquece as coisas.

Crys espantou o inseto do pulso e rolou sobre a barriga, de costas para Lusa. Afastou cuidadosamente as folhas de capim com as mãos, tal como um animal que cata piolho em outro. Lusa também rolou para estudar um pedaço de capim. Finalmente, Crys desistiu da procura e se deitou de costas, olhando para as árvores. Logo depois declarou: — A senhora bem que podia derrubar essas árvores todas e ganhar um monte de dinheiro.

— Mas aí eu ia ficar com um monte de dinheiro e sem árvores.

— E daí? Árvore não faz falta nenhuma.

— Para começar, vamos falar de uns dezenove milhões de insetos, mais ou menos. Moram nas folhas, debaixo das cascas, em todo lugar. Se você fechar os

olhos e esticar o dedo, estará apontando um inseto.

— E daí? Quem vai querer dezenove milhões de insetos?

— Dezenove mil pássaros que comem insetos.

— E para que tanto passarinho?

— Para mim. Para você.

Ela sempre se perguntava se Crys era mesmo cruel ou se estava apenas fingindo ser.

— Para não falar da chuva, que ia descer a montanha e arrancar o solo das minhas terras. O ribeirão se transformaria em pura lama. Este lugar ficaria morto.

Crys deu de ombro.

— Ora, as árvores crescem de novo.

— Isso é o que você pensa. Esta floresta levou centenas de anos para ficar assim.

— Assim, como?

— Assim como ela é, uma coisa complicada, feita de partes que precisam umas das outras, tal como um corpo vivo. Não são apenas as árvores; são árvores *diferentes*, de tamanhos diferentes, nas proporções certas. Todo animal precisa de sua planta para viver. E certas plantas só crescem ao lado de outras plantas, você sabia?

— O seng só cresce debaixo do bordo.

— O quê? O ginseng? Onde você aprendeu isso?

— Com o tio Joel.

— Ele colhe ginseng?

A menina concordou com a cabeça.

— Ele e os amigos dele sobem na montanha e arrancam. Tem uma mulher lá no alto que grita com eles. É proibido arrancar. Ele disse que qualquer dia ela dá um tiro nele se achar ele outra vez.

Lusa olhou para o alto da montanha.

— Então há uma mulher *morando* lá no alto? Tem certeza? As terras acima desta fazenda são do Serviço Florestal.

— Pergunta para o tio Joel. Ele te conta. Ele disse que a mulher é louca de pedra.

— Deve ser. Acho que vou querer conhecê-la.

Lusa cutucou um mede-palmo escondido na grama e o deixou subir pelo dedo.

— E o que o tio Joel diz a meu respeito? É ele quem acha que eu devia cortar as árvores?

Teve uma leve sensação de culpa por estar explorando essa nova fonte de informações.

— Não. Ele diz que você é a louca das cabras.

— Ele e todo mundo. Estão todos loucos de vontade de saber por quê, não é?

Crys encolheu os ombros e olhou para Lusa, na defensiva. Mas concordou.

— Mas acho que a senhora não vai contar, vai?

Lusa respondeu de um modo bem tranquilo; queria dar a essa criança um presente, a sua confiança: — Para você, eu conto.

O rosto da menina se iluminou:

— A senhora me conta?

— Mas é só para você, não para o tio Joel ou qualquer outra pessoa. Você não pode contar para eles, de jeito nenhum. É capaz de guardar um segredo?

Solenemente, Crys traçou uma cruz no peito.

— Muito bem. Tenho um primo que mora em Nova Iorque; ele é açougueiro, e nós fizemos um trato. Se todas aquelas cabras lá no morro tiverem filhotes um mês antes do ano novo, ele vai me pagar tanto dinheiro por elas, que o tio Joel vai ficar doido.

A menina arregalou os olhos.

— A senhora vai ficar *rica*?

Lusa sorriu e deixou a cabeça pender.

— Não. *Mas* vou conseguir pagar ao rapaz que está consertando o encanamento da casa e àquele amigo do seu tio Rickie que está consertando o meu celeiro.

— Clivus Morton? — Crys fez uma careta. — Ele tem cê-cê.

Lusa fez força para não rir.

— Mas isso não é razão para eu não pagar a ele, não é? Se for, eu acabei de jogar novecentos dólares fora, pois fiz um cheque para ele hoje de manhã.

Crys ficou espantada com o número.

— Puxa, acho que agora *ele* é que ficou rico.

— É preciso muito dinheiro para tocar uma fazenda. Às vezes a gente não ganha num ano o que tem de gastar no mesmo ano. É por isso que todo mundo reclama da agricultura. Se é que você já não sabia.

— E se as cabras não dão cria?

— Eu ainda vou ter de pagar outro monte de dinheiro ao Clivus Morton quando ele terminar. Mesmo que ele continue sem tomar banho.

Lusa se deitou de costas na grama molhada e cruzou as mãos atrás da cabeça e soltou um suspiro.

— É arriscado. Mas as cabras foram o único meio de ganhar dinheiro este ano, com um pedaço de terra tomado pelo mato e conseguir manter a fazenda.

Olhou para Crys, que parecia não estar prestando atenção, embora ela não tivesse certeza.

— Então é isso o que eu pretendo das cabras. Só tentar manter meu pedacinho de céu longe do *inverno*.

— O tio Joel disse que a senhora está acabando com a fazenda.

— Pois eu agradeço sugestões, se ele tiver uma ideia melhor. Ele e minhas amigas vegetarianas, Hal e Arlie, em Lexington, que me informaram que eu estou falida: não existe uma única lavoura que renda o que custou para plantar. Só o tabaco.

— A senhora também é isso?

— Isso o quê?

— Uma vegetariana.

— Não. Pertença a um outro cristianismo. Como afirmou o seu primo Rickie.

Crys tinha coitado uma folha comprida de capim e tocava de leve a pele de Lusa num ponto em que a camiseta subira e deixara exposto um pedaço da barriga. Era a coisa mais próxima da intimidade que ela jamais vira aquela menina manifestar. Lusa prendeu a respiração e ficou imóvel, atônita por sua sorte, como se uma borboleta tivesse pousado no seu ombro. Finalmente ela soltou a respiração, sentindo-se tonta por ter acompanhado as nuvens altas e finas que corriam pelo espaço entre as copas das árvores.

— Ouça, eu estou me queixando igual a um fazendeiro de verdade, está vendo?

Crys deu de ombros.

— Parece.

— Se minhas cabras não trabalharem bem, estou ferrada, como você costuma dizer. Detesto pensar nessa possibilidade. Eu me sentiria como uma assassina se tivesse de derrubar essas árvores, mas não sei de outro meio para manter a fazenda.

De repente, Crys deu as costas para Lusa.

— E por que a senhora tem de ficar com ela?

— É uma boa pergunta. É uma pergunta que eu vivo me fazendo. Sabe o que eu acho?

— O quê?

— Fantasmas.

Crys se inclinou e examinou o rosto de Lusa. Parecia intrigada, mas sua expressão logo voltou a ser neutra.

— Isso é besteira.

— Não é, não. Você iria ficar surpresa.

Crys arrancou um punhado de grama da terra.

— Fantasma de quem?

— Acho que de gente que perdeu coisas. Alguns são da sua família e outros da minha.

— Gente de verdade? Gente que já *morreu*?

— É.

— Quem?

— Meu *zeida*, meu avô por parte de pai. Ele tinha um fazenda linda, sabe? E ela foi tomada dele. Foi há muito tempo, antes de eu nascer. Os pais de minha mãe também tinham uma fazenda, em outro país, e aconteceu a mesma coisa: eles também a perderam. Agora estão todos aqui.

— E a senhora tem medo? — perguntou Crys baixinho.

— De jeito nenhum.

— A senhora acredita mesmo em fantasma?

Lusa se perguntou por que estava falando essas coisas para uma criança. Mas ela tinha de falar dessas coisas, tanto quanto Crys precisava de soltar palavras. Cada uma delas tinha suas razões. Sentou-se e olhou para ela até cruzarem os olhos.

— Você não está com medo, está?

A menina sacudiu a cabeça depressa.

— Acho que nem devia chamá-los de fantasmas. São apenas coisas que não se veem. *Nisso* eu acredito, talvez mais que muita gente. Certos tipos de amor que ninguém vê. São esses os meus fantasmas.

Crys torceu o nariz.

— Então o que a senhora faz, *cheira* eles?

— É isso mesmo. E ouço. Ouço meu avô tocar música quando chove. É assim que eu sei que ele está aqui. E o seu tio Cole também está aqui. Sinto o cheiro dele o tempo todo. Não estou brincando: acontece umas três ou quatro vezes por semana. Abro uma gaveta ou entro no celeiro de milho, e lá está ele.

Crys parecia realmente triste.

— Mas se a senhora não vê ele, ele não está lá de verdade.

Lusa estendeu o braço e esfregou o ombro da menina, um pequeno ponto duro de osso coberto por músculos tensos.

— Sei que é muito difícil pensar nessas coisas. Os humanos são uma espécie muito visual.

— O que quer dizer *isso*?

Uma borboleta monarca atravessou o eixo de luz em frente a elas e bateu preguiçosamente as asas no caminho iluminado entre as árvores, em busca dos campos mais abaixo.

— Isso quer dizer que a gente ama com os olhos.

— Quer dizer, igual às revistas que o Rickie esconde debaixo do colchão?

Lusa riu.

— É exatamente disso que eu estou falando.

As duas acompanharam a monarca: um ponto alaranjado que se afastava encosta abaixo, até desaparecer, um ponto brilhante que se fundiu na luz do dia.

— Muitos animais confiam mais nos outros sentidos do que nós. As bruxas usam o olfato, por exemplo. Elas não precisam ver os maridos e mulheres para saber que estão perto.

— E daí? Mas a senhora não é uma bruxa.

— Daí, acho que você tem razão. Que bobagem, não é?

Crys deu de ombros.

— E quando a senhora morrer, também vai ficar rondando por aqui?

— Vou. Vou ser um fantasma bom.

— E quem vai estar aqui depois da senhora?

— Esta é a grande pergunta. Os fantasmas de minha família estão brigando por causa disso. Os meus me dizem para eu ficar; os seus me mandam embora, tudo para decidir quem vem para cá depois de mim. Não sei como contentar a todos.

Crys a observou com atenção.

— É de que lado a senhora acha que vai ficar?

Lusa olhou e também deu de ombros, o mesmo movimento introvertido e rápido dos ombros que Crys sempre usava para responder a todas as perguntas. Um gesto roubado.

— Vamos — disse ela, pulando e puxando a menina pela mão —, vamos ver se o Lowell já acordou.

— Ele ainda está dormindo. Se ninguém acordar o Lowell, ele não acorda nunca mais.

— Ele está só um pouco mais triste por causa de sua mãe. Às vezes, quem está triste precisa dormir mais tempo.

Estendeu a mão para ajudar Crys a descer o barranco até a estrada, mas a menina pulou sozinha, um pulo enorme.

— Eu não — disse ela, depois de cair de pé.

— Não? E o que você faz?

Lusa subiu mais devagar por entre os lírios, sentindo-se um pouco meio como uma tartaruga atrás de uma lebre.

— Nada. Eu não penso nessas coisas.

— Verdade? Nunca?

Crys deu de ombros e se calou. Não falaram durante vários minutos enquanto andavam lado a lado através de todas as poças de luz no chão, feitas pelas falhas na folhagem das árvores. De quando em quando, levantava-se uma nuvem de borboletas rabo-de-andorinha — os meninos do coro que saíam da igreja. Lusa gostou da ideia de uma igreja de borboletas. Não era mais absurda do que a ideia de uma absorção comercial do sódio da terra para o esperma do dia dos namorados. Imaginou o que aconteceria se ela enviasse um artigo para a *Behavioral Ecology*, tratando do efeito espiritual da reunião das rabo-de-andorinha em torno das poças d'água. Lusa ainda se divertia com a ideia quando fizeram a curva atrás da casa e ela estacou.

— Ah, não: *olhe!* — gritou ela.

— Merda, tia Lusa. A porcaria da madressilva comeu a garagem.

Lusa não poderia ter se expressado melhor. O monte de folhas verde-escuro estava tão redondo e imenso, que não se via o menor sinal do edifício que havia por baixo. Um túmulo antigo, diria Lusa. Um templo maia em ruínas. Não era possível que aquilo tivesse acontecido durante um curto verão chuvoso. Há muito tempo ela não passava pela estrada do cemitério, e não havia visto a garagem pelos fundos desde que o Cole morrera. Agora ela ficou olhando, relembrando a discussão sobre as madressilvas antes de ele morrer: o artigo absurdo, aconselhando a aplicação de Roundup; a fúria que ela manifestou em favor das plantas. Como pôde ser tão santimonial por causa de uma madressilva? Lusa se lembrou de que nem nativa da região ela era. Fugira de algum jardim, tal como os lírios — tal como qualquer erva daninha. Nenhum inseto local se alimentava dela, pois viera de outro lugar — provavelmente do Japão. *Lonicera japonica*, igual aos besouros japoneses e a praga das castanheiras, e do anileiro-do-japão e o temido birmolo. Mais um artefato do acordo humano que ameaçava estrangular as nativas.

Todo dia você tem de forçá-la a recuar dois passos, senão ela chega e toma tudo, disse ele. Os instintos dele com relação a essa planta estavam certos; seus olhos sabiam coisas que ele nunca soube expressar. E ainda assim ela havia retrucado displicentemente: *Toma o quê? O mundo não vai acabar só porque você deixou uma madressilva subir num dos lados do celeiro*. Ela cruzou os braços para conter um calafrio de angústia e lhe pediu perdão pela audácia daquela moça da cidade.

Sentiu a cabeça encher-se com o perfume de milhares de flores brancas translúcidas que haviam amarelado e caído dessa montanha de folhas, há muitos meses. Quem sabe, há muitos anos.

Crys estava olhando para ela com tanta ansiedade, que Lusa tocou o próprio rosto para ter certeza de que ainda estava intacto.

— Calma, não é nada. Acabei de ver um fantasma.

PREDADORES

Um calor de rachar. Diana se sentou na ponte que havia acabado de construir no bosque de abetos. Arrancava nervosamente umas lascas da ponta de uma prancha de pinheiro, jogava-as na água, e ouvia os gaviões de rabo vermelho gritando uns para os outros no céu. Às vezes, os pássaros mergulhavam entre as árvores e se refletiam rapidamente na água abaixo de seus pés. Puxou o lenço do bolso traseiro e enxugou o suor nos olhos, deixando um risco de terra e serragem na testa. Os gaviões ficam cegos nesses dias de canícula, diziam as pessoas. Mas seu pai dizia outra coisa: *“Não existe nada que faça um pássaro ficar cego só porque é um dia de muito calor. Em agosto, eles expulsam os filhotes do ninho, só isso. Os pais voam como loucos, mergulham entre as árvores, tentando fugir dos filhotes já grandes, que pedem comida por não querer caçar por si mesmos”*. Ele costumava dizer: *“Examine com cuidado, se não parece verdade é porque não é. Há sempre uma razão para o que as pessoas dizem, mas não é geralmente a que elas imaginam”*.

Diana não sabia que outro trabalho inventar para ela mesma aquele dia. Ou pelo menos, nenhum que lhe prendesse a atenção. Havia acabado a ponte. Recolheu e carregou montanha acima, até a cabana, quatro carrinhos de lenha da madeira que sobrou. Arrancou ervas daninhas e recuperou o último trecho da trilha da montanha. Encontrou um casal de andarilhos no alto da montanha, dois jovens muito sujos, que pareciam adorar o mundo e um ao outro. Desviaram-se da Trilha dos Apalaches e chegaram até ali. Pretendiam percorrer a pé toda a região, nesse verão, do Maine à Geórgia, como revelaram animadamente a ela. Já haviam chegado àquele ponto, gastando um par de botas cada um, e esperavam novos suprimentos da mãe de um dos dois, inclusive um novo par de botas, lá em baixo, em Damascus, onde a trilha terminava, antes de continuar rumo ao sul. Agradeceram efusivamente a Diana, impressionados com o estado das trilhas da Floresta Zabulon, como se tudo aquilo fosse feito exclusivamente para eles. O que respondia a *uma* das duas perguntas que ela se tinha feito em todo aquele verão. Ao ver o casal e suas roupas coloridas se afastarem, ela se

perguntou como se sentiria quem tivesse uma mãe que deixava em provisão pacotes de suprimentos para quando as botas se acabassem. Ou andasse centenas de quilômetros, sempre sabendo até onde iria a trilha que percorria, e que distância ainda faltava percorrer.

Ele agora estava sentado na poltrona verde da varanda, lendo a tese. Nunca ficara tão nervosa desde o dia da defesa oral, quando a comissão a mandou esperar lá fora, enquanto decidiam seu destino.

Essa umidade tinha de acabar. Havia uma tempestade no ar, que talvez fosse o que tornara os gaviões ainda mais agitados. Não queria estar ali quando ela caísse. Em sua estada na montanha, ela fora surpreendida duas vezes por uma tempestade: a primeira, quando descobriu o abrigo dentro do tronco (quando ele ainda era só dela), e na segunda, ela se abrigou junto ao tronco de um abeto no ponto mais baixo que ela conseguiu ficar. As duas situações foram muito mais perigosas do que ela se dispunha a admitir. Ele tinha razão a respeito dela e dos trovões. Não tinha medo de cobras, mas os trovões a paralisavam. Era injustificável, mas acontece que ela tinha medo. Desde menina, ela sempre teve medo de muito barulho. Não conseguia dar um tiro sem suar frio, nem mesmo quando atirava em latas vazias na cerca. Seu pai se sentava com ela nas noites de tempestade. Eddie fizera a mesma coisa, quase da mesma maneira, mesmo sem ela lhe ter pedido: massageava-lhe as costas, ela deitada de bruços com o travesseiro sobre a cabeça, contando com ela o tempo entre o raio e o trovão. Trezentos e vinte metros por segundo.

Não fosse isso, pensou ela, seria fácil. Se não fosse pelas noites e madrugadas em que de repente ele ficava mais terno do que parecia possível, considerando-se tudo. Considerado o que ele não entendia. O que ela poderia esperar dele agora, depois de ler o livro do seu saber e crenças. *Mudar?* Não. *Raspar o cabelo em penitência?* Não. *Ficar?* Ou sair porta afora? O que ela gostaria que ele fizesse?

Era essa a questão. Quando o corpo quer muito fazer uma coisa e a mente quer o oposto, qual dos dois era *ela*, a Diana?

Inclinou-se sobre a ponte para ver o próprio rosto refletido na água. A trança balançava sobre seu ombro, quase tocando a água, parecendo uma corda de sino. *Puxe-me*, pediu ela silenciosamente à moça na água. *Decida por mim. Afaste de mim essa agitação, que eu nunca conheci na vida.*

Naquela manhã, ela chorou sem nenhuma razão. A floresta lhe pareceu pequena para tanta dor. Assustou uma corça manchada de branco, que fugiu da cama de folhas onde sua mãe a havia cuidadosamente escondido e disparou montanha abaixo. Diana se enrolou no lugar que a corça abandonara e sentiu o calor do pequeno corpo nas folhas marrons. Aqui não havia perda, disse a si

mesma: a corça ia berrar pela mãe e seria encontrada. Mas, de repente, ela se sentiu tão desesperada e cansada, uma causa tão absolutamente perdida, que se deitou no chão e encheu a boca de folhas.

Buum! O trovão lhe bateu como uma martelada na espinha, e a fez pôr-se de pé de um salto nas pranchas de madeira áspera da ponte. Ficou grata: pelo menos, alguém tomara uma decisão por ela. Quando o segundo bum chegou, e rolou pelo vale como uma onda que se quebrou na sua cabeça, seus pés já corriam na direção da montanha. Eles a levariam até a cabana antes da chegada dos raios. *O que eu quero? O que eu quero?* — perguntavam seus pés na trilha, perguntava o ritmo de sua respiração. Não saberia dizer o que queria, não seria capaz de dizer nada — nem olharia para ele, continuaria a se sentir presa junto com ele naquele lugar, como um predador e sua presa apertados dentro de uma caixa, esperando que alguém decidisse quem seria qual.

Ela já respirava com dificuldade ao avistar a cabana. Por que nos últimos dias ela estava ficando sem fôlego tão rápido? Seria mais um efeito da idade? Será que ela agora corria mais depressa do que antes? Através das árvores, ela via a fachada sul de sua casa, onde neste verão a madeira foi completamente coberta por uma trepadeira-da-virgínia. Não conseguira se decidir entre arrancar as gavinhas dos troncos ou deixá-las para proteger a madeira antiga do vento e da chuva, como se fosse uma pele verde e viva.

Subiu a estrada, aproximando-se por trás da casa. Sua mente corria à frente e de lado, mas estacou ao ver uma coisa estranha no lugar onde a empena do telhado se fundia com o tronco mais alto da parede. Já havia notado o buraco pequeno que ali havia, mas agora alguma coisa estava saindo; um arco escuro. Ela se aproximou lentamente, segurando a respiração, olhos fixos naquele ponto.

Agora via exatamente o que era: o anjo da guarda residente da cabana durante esse verão, que controlava os ratos, o demônio que comia papa-moscas, o autor daquele barulho de lixa no telhado: sua cobra preta. Estava partindo. Diana plantou os pés e viu escorrer do pequeno furo do telhado a inacreditável extensão do bicho. Um fluxo líquido ondulado desceu pela parede de troncos tal como um filete de melado que escorre de uma jarra. Quando quase todo o corpo já tinha saído, ela caiu na grama alta, que tremeu e voltou a parar. Então a cobra desapareceu. Para sempre. Sem mais aquela, logo hoje, por razões que ela nunca entenderia. Não sabia se adorava ou odiava aquela cobra, e isso não teve o menor efeito sobre sua partida. Refletiu sobre esse fato enquanto a via desaparecer, e sentiu uma coisa se mexer dentro de seu corpo — alívio, um alívio enorme e tranquilo, como uma pilha de pedras que numa encosta, de repente, rola para um melhor ângulo de repouso.

Sentia ainda no peito as batidas daquela pergunta: *O que eu quero*. Não interessava qual seria a sua escolha. O mundo era o que era, um lugar com suas próprias regras de fome e saciedade. As criaturas viviam e se acasalavam e morriam, vinham e partiam, tal como o verão. E continuariam seu caminho, seguiriam seu próprio destino.

VELHAS CASTANHEIRAS

Garnett estava decidido. Ia entrar no assunto das telhas com ela. E ia ser *hoje*.

Nada o demoveria dessa vez: ela poderia ser rude, chocante, insultante; não importava, ele iria lhe dar as telhas. Era um cristão que se aproximava dos 80, e ninguém sabia quando um sujeito com essa idade ia emborcar. Já havia acontecido com homens mais jovens, e ia acontecer com Garnett Walker, com aquelas telhas mofando na sua garagem e o pecado do despeito manchando sua alma como um borrão de tinta.

Talvez até se lembrasse de agradecer a torta.

Ao cruzar o terreno em direção ao portão, ele parou para observar uma fitolaca que nascera na vala ao lado da entrada, fora do alcance do cortador de grama. Já pensara em descer até lá e acabar com ela de qualquer jeito, mas de alguma maneira aquela planta conseguia driblar suas boas intenções e se tornara um monstro. Já era uma *árvore* com quase três metros de altura, balançando as folhas grandes e lisas e os cachos de frutinhas verdes — atingira essa altura toda em apenas quatro meses, pois a fitolaca morria congelada com o frio do inverno. Parou com as mãos nos quadris e examinou o tronco roxo. Odiava toda e qualquer planta daninha, mas não conseguia deixar de admirar essa por sua energia. Seus olhos percorreram a fileira de árvores que se erguiam na cerca: massas gigantes de folhas, que lembravam nuvens de tempestade, e de repente ele ficou assombrado. Um homem poderia passar a vida toda sob essas coisas sem atentar para o tamanho que elas tinham. Garnett perdera gradualmente a capacidade de identificar folha por folha, mas ainda era capaz de reconhecer qualquer uma delas pela forma: as colunas dos choupos cobertas de ondas; a amplitude lateral do carvalho; a postura imponente da castanheira; o tremelico efeminado das cerejeiras. As pequenas alfarrobeiras rendadas, quase marrons nesse final de verão, e a catalpa junto ao mourão da quina da cerca vestia uma cor verde-pálido que se podia ver numa encosta a mais de um quilômetro de distância, ou até mais, quando ela balançava as longas vagens que levavam as pessoas a lhe dar o nome de “árvore de feijão”. A ericácea exibia flores brancas

na primavera na forma de mãos esqueléticas. Árvores. Debaixo de chuva, cada uma delas assumia um brilho diferente, sua cor particular no outono, tinha seu aspecto próprio — algo que não se descreve em palavras, mas quem vive no meio delas guarda de cor. Garnett teve um pensamento estranho e triste a respeito da maneira especial com que sua mente via as árvores, e como tudo ficaria escuro, como se uma televisão fosse desligada, no momento de sua morte.

Mas o que ele estava fazendo aqui, na entrada de casa, olhando para as árvores e pensando na morte? Começou a voltar para casa, mas atentou para as formas redondas das macieiras, regularmente espaçadas além da cerca, e soube então que era aquilo. Sua missão era Nannie Rawley e as telhas. Pensou em ir até a garagem para verificar o estado delas, para ter certeza de que estavam em condições de serem oferecidas. Mas achou que isso não passava de uma tentativa de adiar o inevitável. *Levante-se e vá, meu jovem*, censurou-se e obedeceu.

Encontrou-a no fundo da casa, onde tinha certeza de que ela estaria. Já a tinha visto naquela manhã a carregar uma peça de alfarrobeira para lá. Ficara até um pouco curioso com relação ao que ela estava fazendo, apesar de saber bem que a curiosidade matou o gato, sem nem precisar da ajuda de Nannie Rawley.

Ela o saudou alegremente quando o viu chegar.

— Mr. Walker! Como vai a sua VPB?

Sua o quê? Será que ela estava interessada na roupa de baixo dele?

— Muito bem — respondeu, sem se comprometer.

— Nenhum acesso de tonteira? Que bom!

— Ah, isso — disse ele.

E a lembrança das mãos dela, firmes e ternas, segurando sua cabeça, injetou adrenalina no seu velho corpo. Sonhara com ela; um sonho tão real, que ele acordou mergulhado numa condição que não experimentava há muitos anos. Ruborizou-se ao se lembrar. Quase enfiou o rabo entre as pernas e fugiu.

— O senhor está bem?

— Muito melhor, obrigado — respondeu ele, recuperando a compostura —, ainda não estou acostumado. Estava tão acostumado com os acessos, que estou demorando a me acostumar a *não ter* mais tonteiras.

— É a idade, não é? Se um dia eu me levantar sem dor nos joelhos, acho que nem vou conseguir andar.

Ele a contemplou distraidamente. Ela estava com pouca roupa. Já tinha observado, quando a viu arrastando a alfarrobeira. Apenas uma blusa amarela, sem mangas, e short. *Short*, uma mulher daquela idade. Estava quente, mas não tanto para levar uma pessoa a se expor de modo tão indecente.

— Rezei muitas vezes por causa daquela tonteira — confessou a ela —, durante anos e anos.

— Deus escreve certo por linhas tortas — respondeu ela. Provavelmente, ela falou por falar. E logo emendaria, dizendo ser uma resposta às orações de Garnett.

— Eu mesmo já descobri que raramente minhas orações não são atendidas — disse ele, um pouco mais arrogante do que gostaria —; em agosto, quando estava tão seco que muita gente estava a ponto de perder o tabaco, eu me ajoelhei e pedi chuva, Miss Rawley. E saiba a senhora que choveu na manhã seguinte.

Ela lhe lançou um olhar estranho.

— Um pouco antes de o senhor chegar, eu tive um acesso de espirros. Acho que foram os meus espirros que trouxeram o senhor até aqui.

— Que coisa mais estranha de se dizer, Miss Rawley.

— Não é mesmo? — disse ela, retomando o martelo.

— Vejo que a senhora não faz muita fé em milagres.

— Não tenho condições de acreditar em milagres — disse ela, sem se voltar.

Parecia levemente irritada, ou talvez apenas triste. Estava construindo alguma coisa com a alfarrobeira que tinha arrastado. Ela a tinha apoiado num cavalete, aqui na porta da garagem, e estava pregando nela uma outra peça, fazendo uma cruz. Meu Deus, parecia a cruz que os romanos usaram para crucificar Jesus Cristo. Ele não iria perguntar — estava decidido. Segunda promessa do dia; melhor tratar logo da primeira.

Limpou a garganta e disse, sem mais aquela.

— A senhora sabe que tem uma fitolaca de três metros na entrada da minha casa. Nunca vi outra igual.

Ela parou com o martelo no ar, voltou-se, e fixou bem o olhar nele: — E é para me contar isso que o senhor veio até aqui?

— Não. Isso não tem importância.

— Ora, é importante sim: uma fitolaca de mais de três metros. Se alguém desse um prêmio pela maior erva daninha na feira do condado, o senhor certamente seria premiado. Inacreditável: Garnett Sheldon Walker Terceiro: primeiro prêmio na categoria “erva daninha anual”.

O bom humor usual havia retornado à voz dela, e ele teve de sorrir. A fitolaca é uma erva perene, não anual, disso ele tinha certeza, mas não quis corrigi-la.

— Se eu tivesse pensado nisso — disse ele com uma seriedade fingida — ia aplicar nitrato de amônia. Aí eu ia concorrer com uma de quatro metros.

Ela descansou o martelo e pareceu relaxar. A calça, como qualquer um poderia ver, era uma calça velha, cortada com tesoura. Que coisa absurda.

— Sabe o que eu realmente admiro nesta época do ano? — perguntou ela.

— Não, Miss Rawley.

— Amoras. Pode rir, pois todo mundo ri de mim. Sei que são irritantes; mas também são impressionantes.

— Acho que são as plantas que crescem mais rápido deste lado da China.

— São *sim*! Brotam da terra, e lá pelo meio de junho estão com mais de dois metros. Então a ponta começa a se curvar para o chão, e em agosto já formaram um arco tão grande, que se pode passar debaixo dele. O senhor já viu?

— Vi sim. Reparei bem no tanto que as amoreiras crescem. Já passei por baixo de uma porção de arcos que tinham mais de dois metros de altura.

— Pois é. Não estou *defendendo* as amoras. Se eu não tiver cuidado, elas tomam conta do meu pomar. Mas às vezes, no inverno, eu paro e olho aqueles arcos estrada afora, e parece que um estofador pega uma agulha e todo ano costura um grande arco nos caminhos do condado de Zabulon. Ou a gente as ama ou as odeia, mas nada as detém.

Olhou de lado para ele. Como uma mãe severa.

— O senhor há de concordar: é com amoras que se faz a melhor torta que existe.

Ele ficou rubro.

— Há muito tempo que eu queria falar daquela torta. Muito obrigado.

Short, numa mulher daquela idade. Poderiam ser as pernas de uma mulher bem mais nova. Nada do que se poderia esperar das pernas de uma *unitarista*.

— De nada. Antes tarde do que nunca. Se essa nova tendência continuar, talvez eu faça mais uma para o senhor no ano que vem.

Ele a observou com atenção e longamente, perguntando a si mesmo, com toda a franqueza, se os dois ainda estariam por aqui no ano que vem. Depois de certa idade, a gente é forçado a pensar assim.

— Miss Rawley, acho que nunca vi uma mulher da sua idade usando short.

Ela olhou para os joelhos — que talvez fossem brancos e ossudos demais. Mas ninguém era obrigado a olhar. Ela o contemplou com um sorriso de moça.

— Estava quente, senhor Garnett. Quem me inspirou foi o rapaz da UPS. Ele dirige aquele caminhão só com um calção de banho. Imaginei que, se isso é legal, então uma pobre velha tem o direito de pegar uma tesoura e cortar umas calças caqui velhas.

Garnett balançou a cabeça.

— A dignidade é a última responsabilidade dos velhos.

— Bobagem. A última responsabilidade dos velhos é a *morte*.

— Não tome liberdades comigo. Nem espere que eu ande por aí só de short.

— Seria mais fácil um porco voar, senhor Garnett.

— A senhora está me chamando de porco?

— O senhor está dizendo que eu sou indecente?

— Se a carapuça servir — respondeu ele secamente.

— Seu hipócrita chato. Há umas duas carapuças que *o senhor* poderia experimentar.

Então era assim. Eles agora se insultavam como dois meninos de escola. Ele respirou profundamente.

— Acho que vou embora.

— Não vai, não — disse ela com firmeza, encarando-o com um olhar ameaçador —, diga o que há de errado em mim. Desembuche. O senhor sempre me tratou mal em todos esses anos. O que o senhor tem contra mim?

Ela ficou à frente dele, destemida, desafiando-o, obrigando-o a dizer a verdade. Garnett pensou um pouco e suspirou. Com profunda tristeza, compreendeu que ele nunca lhe dera a resposta porque ele mesmo não sabia.

— A senhora não age de acordo com a sua idade — disse sem convicção.

Ela ficou parada, boca ligeiramente aberta, como se as palavras estivessem presas entre sua mente e o mundo em volta. Finalmente, elas saíram.

— Não existe uma maneira *normal* de agir aos setenta e cinco anos. Sabe por quê?

Ele não ousou responder. Será que ela tinha mesmo 75 anos?

— Pois eu vou lhe *dizer*. Considerando tudo — toda a história das coisas — as pessoas deviam estar mortas e enterradas na nossa idade. *Isso* seria o normal. Até pouco tempo atrás, na época da Guerra Civil, ou mais ou menos por aí, ninguém sabia o que eram os micróbios. Quem adoecia sofria algumas sangrias e alguém tirava as medidas para fazer logo o caixão. Pouca gente chegava aos cinquenta. Não é verdade?

— Acho que é.

— E *é*. Mamãe e papai mantiveram a dignidade trabalhando até o último dia, e então pegaram uma gripe forte e morreram, com a maioria das peças ainda funcionando bem. Mas aí alguém inventou seis mil formas de curar tudo, e aqui estamos nós, *velhos*, sem saber o que fazer de nós mesmos. O homem não foi feito para ser velho. Minha teoria é essa.

Ele não sabia o que responder.

— É uma de suas *teorias*.

— Pois pense nisso. A função materna das mulheres se evapora, os homens perdem o cabelo — somos um peso para a nossa espécie. Falo do ponto de vista exclusivamente biológico. O senhor manteria uma castanheira no seu projeto se ela não desse mais sementes?

— Não me considero obsoleto.

— Claro que não. O senhor é homem! Os homens mostram a careca para o mundo enquanto mantêm o pinto preso no terreiro, mas se recusam a admitir que são madeira morta. Então por que eu deveria admitir? Que lei me obriga a me cobrir por ter vergonha de ter um corpo velho? É um truque sujo dos tempos modernos, mas aqui estamos, eu com meus joelhos tortos e minhas ideias velhas, e o senhor com o que quer que o senhor tenha aí em baixo, se é que ainda não caiu. Ainda somos *humanos*. Por que não relaxar e simplesmente viver até morrer?

Garnett sentia tanto calor sob o colarinho que mal conseguia respirar. Nunca tinha dito obscenidades na frente de uma senhora, pelo menos nunca depois do primário, mas dessa vez ele quase não se conteve. Era ela quem estava pedindo. Nannie Rawley precisava é de uma vara de marmelo. Se os dois fossem 65 anos mais novos, ele a poria de braços em cima dos joelhos. Garnett soltou uma imprecação silenciosa e se virou. Foi-se embora sem uma palavra. Para uma ocasião como essa, não existem palavras adequadas.

Uma hora e 10 minutos depois, Garnett voltou ao quintal de Nannie trazendo uma telha de asfalto na mão. Ela estava levando um cesto de maçãs para o caminhão, preparando-se para a feira amish da manhã seguinte, e ficou tão espantada ao ver Garnett Walker, que tropeçou e quase deixou cair o cesto.

Ele lhe mostrou a telha, com aquele perfil peculiar em forma de coração, igual ao das telhas do telhado dela, e então atirou-a a seus pés. E ficou lá, ao lado de uma poça, a coisa de que ela necessitava, como um presente de namorado. Uma multidão de borboletas se levantou da poça num aplauso trêmulo.

— Tenho umas duzentas iguais na minha garagem. São todas suas.

Ela olhou para a telha e para Garnett Walker, e depois fez o percurso inverso.

— Deus todo-poderoso! Um milagre.

O AMOR DAS BRUXAS

Já era quase meio-dia de domingo quando Jewel chegou para buscar os filhos. Lusa estava colhendo ervilhas na horta e a viu chegar, entrando devagar no quintal.

— Meu bem, hoje é o dia de repouso do Senhor — gritou Jewel ao chegar ao portão — não é dia de trabalhar tanto.

— E o que é que Deus estava pensando quando criou as ervilhas e o mês de agosto? — respondeu Lusa, imaginando que a cunhada não a estava censurando de verdade pelo sacrilégio. Jewel estava pálida e ictérica, e usava um xale azul que alguém havia tricotado para ela. Nunca usava peruca, apenas xales e chapéus. — Passe pelo portão dos coelhos. Basta soltar um arame no alto.

Jewel mexeu no arame e entrou.

— Meu Deus, como está bonito.

Lusa estava agachada sobre os calcanhares. As pimentas vermelhas e amarelas brilhavam como joias na folhagem escura e as berinjelas escuras e brilhantes tinham um ar imponente de presentes caros. Até as cebolas soltavam globos de flores rosados. Durante toda a infância, ano após ano, ela ia plantando sementes em vasinhos no pátio, sonhando com tudo isso.

— Você deve ser escrava deste jardim.

— Quase. Veja.

Ela fez um gesto para mostrar a longa fileira de ervilhas a colher.

— Já fiz quarenta vidros de conserva de ervilha, e ainda faltam dois canteiros.

— Mas você vai gostar. Espere até fevereiro.

— É verdade. Contando isto e minhas galinhas, talvez eu possa chegar até o próximo verão sem ir ao Kroger's. Já tenho tomates de reserva, molho de espaguete — quase vinte quartos — e estou congelando brócolis, couve-flor e outras coisas. *Toneladas* de milho. Seus filhos comeram o próprio peso em milho, ontem à noite.

Jewel sorriu.

— É verdade. Lowell gosta de milho assado, e ainda é exigente. Mas não comeram muitos brócolis, comeram?

— Não.

— Pode deixar as ervilhas de lado agora — disse Jewel —, se você já tem quarenta quartos, pode parar a colheita e dizer: “Para mim, chega”. Não é ilegal.

— Bem que eu podia, mas foi o Cole que plantou essas ervilhas. Plantou a maior parte. Você se lembra de como fez calor em maio? Tenho a sensação de que enquanto eu continuar fazendo essa colheita é como se ele ainda estivesse me dando presentes. Não quero nem pensar no outono, quando vou ter de replantar tudo.

Jewel balançou a cabeça.

— Mas é também o seu trabalho. Juro, está *lindo*. Parece uma horta de mulher. Não se parece com as hortas de outras pessoas.

Lusa pensou, mas não disse, que isso era por ser ela estrangeira. Plantava coisas diferentes: acelga suíça de cinco cores em lugar do repolho, e vários canteiros de alface para serem usados secos no falafel. Plantava quatro tipos diferentes de berinjelas, inclusive a listrada de rosa e branco, a Rosa Bianca, que usava nos seus maravilhosos *imam bayildi* e *baba ganouj*.

Jewel estava examinando os tomateiros, esfregando as folhas fortes entre os dedos.

— O que você usa para matar pragas? Pó de Sevin?

— Não. Esse pó mata muitos amigos meus.

Jewel olhou para ela com uma expressão horrorizada, e Lusa riu.

— Os insetos. Sei que vocês todos riem, mas gosto muito de insetos; eu não seria capaz de usar um pesticida geral, como o Sevin. Uso outras coisas. Nos tomateiros, eu uso BT.

— B... T?

— É um micróbio. *Bacillus thuringiensis*. Uma bactéria que provoca indigestão nas larvas que comem meus tomates, mas não fazem mal às abelhas nem às joaninhas.

— Você está mangando de mim?

— Não. Bem, indigestões *muito fortes*; eles morrem. Também funciona com as pragas do repolho. Pegue aquela cesta na cerca e leve alguns tomates para você e os meninos.

— Não consigo comer tomates; meu estômago não aceita nada ácido, acho que é da quimioterapia. Não consigo nem tomar suco de laranja. Mas vou apanhar alguns bem maduros para você, e não ficar aqui à toa. Mais uma coisa para você preparar.

— Já *parei* de fazer conservas de tomate. Agora eu corto em fatias e tempero com manjerição e azeite para comer de manhã.

— Droga. Pisei nos seus cravos.

— Não tem importância. Estão aí só para manter os nematoides longe das raízes dos tomateiros.

— Mas essa é ótima. Uma senhora coincidência. Nos últimos anos, o Cole estava muito interessado nisso: como matar as coisas sem usar veneno. Foi estudar isso na Universidade do Kentucky.

— Foi lá que nos conhecemos — disse Lusa, baixando os olhos —, fui professora dele.

— Ai — gritou Jewel, como se tivesse sido picada por uma abelha. Seria ciúme? Em geral, ela não era ciumenta; pelo menos, não tanto quanto as irmãs, apesar de ter sido a melhor amiga de Cole. Mas só ela se dispusera a dividi-lo. Lusa se curvou junto das ervilhas para proteger os olhos do sol à medida que se aproximava do final do canteiro. Arrastava-se nos joelhos e arrastava uma sacola de papel quase cheia.

— Você nem vai acreditar; seus dois filhos me ajudaram a caçar e matar bichinhos da ervilha. Disse que pagaria a eles um centavo por cabeça, e você acredita que eles não perderam a conta? Vão ricos para casa hoje. Se tiver alguma conta atrasada, fale com Crys e Lowell.

Ergueu os olhos.

— Jewel... *Jewel*?

Lusa correu os olhos por cima dos tomateiros altos, procurando a cabeça de Jewel, mas não a viu. Levantou-se e percorreu a horta em pânico, olhando entre os canteiros. E lá estava Jewel, deitada no chão, agarrando os joelhos e se balançando com o rosto transfigurado pela dor e uma cesta de tomates caída ao lado. Lusa correu, e passou os dois braços em torno dela para segurá-la.

— Oh, meu Deus — disse ela várias vezes —, o que vou fazer? Não sou boa em emergências.

Jewel abriu os olhos.

— Não é uma emergência. Só preciso chegar em casa. Acho que exagerei hoje. Tem uns comprimidos na minha bolsa.

Deixando as ervilhas e tomates espalhados no chão, e a porteira dos coelhos escancarada, as duas pequenas mulheres desceram a colina e atravessaram o quintal até chegar em casa. Ao subirem os degraus, Lusa estava praticamente carregando Jewel. Nos últimos tempos, ela havia adquirido muita força: quase todo dia fazia alguma coisa que antes pedia ao Cole para fazer, e se espantava ao ver no espelho uns músculos rijos onde antes havia curvas suaves. Mas era a primeira vez que carregava uma pessoa escada acima.

Pararam no vestíbulo e ouviram os meninos. Lowell e Crys estavam na sala com uma pilha de jogos que Lusa havia tirado de um armário. Os preferidos eram o Banco Imobiliário e o tabuleiro de Ouija^[11], que eles pronunciavam “au-djei”.

— Onde estão seus comprimidos?

— Droga! Deixei a bolsa no carro.

— Então vamos para o sofá da sala. Depois eu vou buscá-los.

Jewel implorou com os olhos.

— Será que a gente podia ir para cima? Não quero que os meninos me vejam assim.

— Claro.

Lusa se sentiu imbecil por não ter pensado. Jewel agarrou o corrimão com tanta força que sua mão ficou branca, e Lusa a carregou também ao subirem esses degraus. Guiou Jewel até o quarto, e resolveu esquecer que a cama não havia sido feita e que suas roupas estavam espalhadas pelo chão.

— Agora sente-se, que eu já volto.

Desceu correndo até o carro e tornou a voltar correndo; só parou um pouco para ver se as crianças estavam ocupadas. Estavam discutindo sobre dinheiro do Banco Imobiliário, e portanto não notaram nada. Mantendo a voz calma, pediu aos dois para irem fechar a porteira dos coelhos e depois catar os ovos, o que Lowell adorava fazer, desde que sua irmã o protegesse contra o galo. Depois voltou correndo para o quarto, parando no banheiro para pegar um copo d’água. Quando chegou ao quarto, encontrou Jewel sentada na poltrona de brocado verde junto à janela, a poltrona de leitura de Lusa. Passava o dedo sobre o desenho em relevo do tecido verde, como se lesse alguma coisa em braille. Lusa lhe deu a água e se sentou no chão aos seus pés para abrir a tampa à prova de crianças.

Quando finalmente abriu o frasco, Jewel engoliu as pílulas e bebeu a água toda, obediente como uma menina. Devolveu o copo e continuou a passar a mão pelo braço da poltrona com um ar pensativo.

— A gente tinha duas iguais. Um par. As cadeiras da sala de visita da mamãe, até ficarem velhas. A Lois deixou cair uma coisa numa delas. Não, ela cortou a perna com um canivete e perdeu muito sangue. Meu Deus, ela se estrepou.

— Por ter cortado a perna?

— Não, por ter cortado a perna na poltrona. Ela estava esculpindo a Marilyn Monroe no sabão! A gente não podia ficar na sala; era só das visitas. Foi uma confusão enorme. Mamãe teve um ataque. Não teve jeito de limpar aquilo. Teve de jogar fora! Meu Deus, nem sei aonde ela foi parar.

— Talvez no celeiro, junto com tudo o que existe no mundo livre. Sabe que eu encontrei um pedaço de piano lá?

— Não — disse Jewel placidamente, fixando o papel de parede sobre a cama —, ela deixou a poltrona na beira da estrada. A gente fazia assim naquele tempo, quando a gente era criança. Sempre aparecia alguém que vivia pior que a gente e não se importava de pôr um lençol em cima da poltrona, e levava. Está em algum lugar por aí. Alguém está usando. — Os olhos dela focalizaram o rosto de Lusa e desceram sobre ele como duas borboletas. — Não é engraçado que a gente nunca sabe como as coisas vão acabar? Eu tenho raiva de não ter chance de ficar velha. Maldição. Eu queria ver a cara da Lois de cabelo branco.

— Acho que ninguém jamais vai ver isso. Não enquanto Lady Clairol continuar à venda.

Jewel soltou um risinho fraco, mas Lusa se sentiu mal por ter tentado escapar desse momento sombrio e importante com uma piada. Ela mesma já sofrerá muito com as evasivas das pessoas em relação à morte, e aqui, com Jewel, ela não tinha ideia do que dizer. Conseguiu dizer apenas:

— Nunca se sabe, Jewel. Você poderia sobreviver a todos nós.

Jewel balançou a cabeça, com os olhos fixos em Lusa.

— Não vou chegar a ver o próximo verão. Vou morrer antes que você acabe com todos os enlatados da sua despensa.

— Que pena — sussurrou Lusa.

Tomou as duas mãos de Jewel nas suas, e nada falou durante vários minutos. Uma ou outra sílaba dos gritos dos meninos entrava pela janela. A certa altura, aquela posição ficou difícil para Lusa, e ela teve de soltar os dedos da cunhada, acariciando-os ao fazê-lo. Tornou a olhar para o rosto de Jewel, que agora parecia vazio. Dentro de casa, o chapéu parecia triste e pouco digno, parecia zombar de sua tristeza, mas Jewel fizera questão absoluta de não gastar dinheiro com uma peruca. Lusa se perguntou se isso significava a esperança de que o cabelo voltasse a crescer, ou realismo, o reconhecimento de que não haveria muito tempo. Agora, ela sabia.

— Jewel, quero lhe perguntar uma coisa. Uma coisa em que venho pensando muito. Não precisa responder agora; pode pensar com cuidado. Ou, quem sabe, dizer não; e também está ótimo. Mas eu tenho de perguntar.

— Então pergunte.

Lusa sentiu o coração bater. Tinha pensado em fazer essa pergunta numa situação mais normal, enquanto ela e Jewel estivessem fazendo alguma coisa na cozinha. Não pensara que já era tarde demais para a normalidade. E isso não era normal.

— O que é?

Jewel parecia perturbada pela pausa.

— Pensei se, quando chegasse a hora, se chegasse a hora...

Lusa sentiu o rosto se esquentar.

— Perdoe se isso lhe parecer inconveniente, mas queria saber o que você acha da ideia de eu adotar o Lowell e a Crys.

— Tomar conta deles, ou adotar eles?

— Adotar.

Com uma surpreendente tranquilidade, Jewel fitou o rosto de Lusa. Pelo menos não parecia ter raiva, como Lusa temia.

— Não precisamos discutir isso agora, se você não quiser — disse Lusa —, não consigo imaginar nada mais difícil para se pensar.

— E você acha que eu não penso nisso o tempo todo? — disse Jewel, numa voz sem expressão, que assustou Lusa.

— Acho que pensa. *Eu* pensaria. É por isso que levantei isso agora.

— Bem, isso não é obrigação sua: eu tenho quatro irmãos.

Lusa olhou para o chão, para os joelhos calejados e as coxas riscadas de terra abaixo da batinha do short, e então tomou a mão de Jewel sem olhar para ela.

— Você tem *cinco* irmãos, e eu sou a única sem filhos.

Ergueu os olhos para Jewel, que ouvia com atenção.

— Mas a razão não é essa. Não é uma boa razão. Amo a Crys e amo o Lowell. Não sei se seria uma ótima mãe, mas acho que vou aprender com os dois. O Lowell é fácil, é um ladrão de corações, e a Crys... A Crys e eu somos como duas ervilhas numa vagem.

— Você iria ter muita ajuda do pessoal lá de baixo — disse Jewel de modo dubio.

— Até *demais* — concordou Lusa, encorajada pelo uso do condicional. Ela não tinha dito não. — Mais do que se pode dispensar. Mas, para ser franca, não acho que se pode permitir que a Lois e uma vara cheguem sequer perto daqueles dois. Pelo menos enquanto não forem mais velhos.

— Nem quando forem mais velhos — repetiu Jewel, fechando os olhos e recostando a cabeça na poltrona verde —; você já imaginou a Crys no baile de formatura?

— Acredite ou não, já imaginei. Talvez ela vá de smoking. Ela agarrou o mundo pelo rabo; precisa de ajuda para decidir o que fazer com ele. Ela vai precisar de uma mente aberta. Quando penso nessa família, acho que o melhor candidato sou eu mesma.

Jewel abriu os olhos e fitou Lusa com uma expressão diferente.

— Eu tenho de fazer o pai deles assinar uns papéis antes de poder decidir o que fazer. Estou pensando nisso desde que fiquei doente. Pedi ao meu advogado

para preparar os papéis.

— Para quê? A fim de liberá-los para adoção?

— Para passar a guarda dos dois para mim. Ele nem sabe que eu estou doente. Ninguém sabe o que ele pode fazer. Acho que ele não vem buscar os dois, mas com ele, nunca se sabe. Com o Shel, a única coisa que a gente tem certeza é que nunca se sabe. Ele podia pensar que queria os filhos, durante uma semana ou duas, e depois botar os dois para fora, na beira da estrada, como dois gatinhos, quando descobrisse que eles têm de comer e cagar.

Tornou a fechar os olhos e teve um tremor. Lusa acariciou as costas de suas mãos até o tremor passar. Tentou imaginar o que aquele monstro invisível estaria fazendo lá dentro, que partes dela já seriam dele. Lembrou-se de uma história que seu *zeida* lhe contava sobre o monstro que todo mês comia a lua e depois a cuspiam aos poucos. Sentia o calor e a ira do monstro através da pele fina.

— Então eu vou mandar os papéis para o Shel — disse Jewel após uns instantes — e resolver essa questão. Vou mandar hoje. Já adiei muito.

— E ninguém pode culpar você — disse Lusa.

E então elas continuaram sentadas quando o relógio do vestíbulo bateu a meia hora. Lusa imaginou várias perguntas em silêncio, mas esperou até Jewel abrir os olhos. Não se podia ser ansioso demais com essa questão. Tentou falar devagar.

— Mas você sabe onde ele está? Ou se ele vai assinar os documentos?

— Ah, sei sim. Sei onde ele está. Ele muda muito, mas o estado penhorou os salários dele. Eu tive de ir ao tribunal depois que ele foi embora. Todo empregador que faz um cheque para ele tem de descontar trezentos dólares por mês e mandar para mim. É assim que eu sempre sei onde ele está.

— Puxa — disse Lusa. Não conseguia imaginar Jewel num tribunal a enfrentar tudo sozinha. Imaginou o falatório. E havia gente no condado que por causa disso fugia de Jewel como o diabo da cruz.

— E é por isso que ele vai assinar, desistindo da guarda dos meninos: para parar de pagar. Acho que ele assina sem pensar. Mas por acaso você está querendo que ele pare?

Lusa notou que Jewel franziu o cenho, tentando seguir os rumos que essa conversa havia tomado.

— Você quer saber se eu ficaria com os meninos e sem o dinheiro?

Pensou na pergunta por menos de 10 segundos.

— É o mais garantido. Legalmente. Acho que é o melhor. Porque assim eu poderia pôr os nomes dos dois na escritura da fazenda. Para ela ficar para eles, depois de mim.

Sentiu um movimento estranho no ar, uma leveza que surgiu à sua volta. Quando teve coragem de levantar os olhos para Jewel outra vez, ficou surpresa ao ver o rosto da cunhada brilhando com as lágrimas.

— É o que me parece correto — explicou ela, meio sem jeito —, quero acrescentar Widener aos nomes deles, se você concordar. Vou acrescentar ao meu também.

— Mas não é preciso. Nós já superamos esse problema.

Jewel limpou as lágrimas com a mão. Estava sorrindo.

— Mas eu quero. Decidi há pouco tempo. Enquanto eu viver neste lugar, vou ser a “Miz” Widener: então, para que brigar?

Lusa sorriu:

— Além disso eu me casei com um pedaço de terra chamado Widener.

Levantou-se e se sentou no braço da poltrona verde; assim, pôde colocar gentilmente os braços nos ombros de Jewel. Pela janela, as duas olharam para o quintal e para o campo de feno atrás dele, através do qual Lusa havia recebido o testamento do marido. Hoje, seus olhos foram atraídos para a amoreira que ficava na lateral do terreiro, carregada de frutas maduras, que Lowell chamara de cerejas compridas quando as descobriu e se empanturrou com elas, manchando os dentes de roxo. Nessa altura do verão, a amoreira se tornou a maior atração do terreiro para tudo o que fosse vivo num raio de muitos quilômetros. Lusa percebeu que ela era a árvore da vida que seus ancestrais persistentemente teciam nos tapetes e mantas, apesar de todo o sofrimento e das perdas: a árvore dos pássaros. Pode-se perder uma árvore específica que se possuiu ou se amou, mas os pássaros sempre voltam. Identificava nos galhos as cores de cada um: tordos, tentilhões, cardeais, papafigos, e até pintassilgos. Estes eram comedores de sementes, e ela não sabia o que faziam ali; talvez aproveitando a companhia, tal como algumas pessoas que vão para um parque só para partilhar de um sentimento de alegria e vida.

— Vou ter de perguntar às minhas irmãs.

E num impulso, disse, emendando:

— As outras irmãs.

— Claro. Não tenha pressa nem se sinta pressionada. Deus é testemunha de que não quero ofender ninguém. Se é que imaginam que eu esteja em condições de ofendê-las.

— Mas você está.

— Não sei. Nunca consegui saber o meu lugar no retrato dessa família.

— Você nem faz ideia, meu bem. É muito melhor do que você pensa.

Jewel comprimiu os lábios, pensativa; depois completou:

— Elas vão fingir que ficaram ofendidas porque é o jeito delas. Mas logo que a gente sair e fechar a porta, elas vão agradecer a Deus. Todas nós somos gratas ao Senhor.

PREDADORES

Pelo resto da vida, e talvez na próxima, Diana se lembraria desse dia. Um frio repentino havia deixado no ar uma premonição do outono, uma qualidade estimulante que ela sentia na pele e em todos os seus sentidos, agora mais aguçados: sentia o perfume e o gosto da mudança, era mesmo capaz de ouvi-la. Os pássaros haviam se calado, a celebração barulhenta do verão se abafara, de uma só vez, pela força de uma frente fria e pela necessidade que surgia no peito de se recolher e esperar a hora próxima, em que se juntariam à grande assembleia migratória. Diana estava no seu lugar favorito no rochedo, sentindo a mesma emoção no peito, uma sensação de obra terminada e uma vontade de voar. Subira até uma rocha coberta de líquens 15 metros acima do mirante onde a trilha terminava. Dali ela via tudo: o vale de sua infância e as montanhas atrás dele. Se se levantasse e abrisse os braços, talvez saísse voando para além de tudo o que havia conhecido; para um novo território.

Nos ramos às suas costas, ouviu uma reunião social de amigos que se saudavam com seu canto de inverno: tchica *di-di-di*. Chapins, âncoras familiares. Diana não sairia voando hoje; essa emoção era só uma coisa que havia sobrado de sua infância: quando uma mudança repentina do clima indicava tempo das maçãs, a hora de caçar mamões na mata da Nannie. No intervalo entre o dia de ontem e o de hoje, o ar deixara de ser úmido e passara a seco. A trepadeira-da-*virgínia* na cabana começou a mudar de repente; nessa manhã, ela vira as primeiras folhas vermelhas: o suficiente para fazê-la parar e anotar. Esse era, seria sempre, o dia em que ela soube. O dia em que ela sairia do reino de fantasmas que habitara durante toda a sua vida, para se dedicar para sempre aos vivos. Na trilha até esse mirante, ela dera pouca atenção à tristeza das coisas perdidas que se moviam entre as folhas nos limites de sua vista, pequenos lobos nas sombras e periquitos de asas brilhantes que saltavam animados entre os carrapichos intocados. Essas criaturas despossuídas estavam a seu lado, e sempre estariam, mas hoje ela havia notado uma única frutinha vermelha entre tantas verdes que cobriam as linderas. Sinal maravilhoso e significativo, assentado

como um divisor entre uma época de sua vida e a seguinte. Se o verão tinha de terminar em algum lugar, por que não na linderia ao lado da trilha?

Puxou do bolso um espelhinho — o espelhinho que ele usava para se barbear — e examinou o rosto. Com as pontas dos dedos da mão esquerda, ela tocou a pele manchada e ligeiramente mais escura abaixo dos olhos. Parecia a máscara de um guaxinim, mais sutil, que se espalhava da ponta do nariz até as maçãs do rosto. O resto do rosto era o mesmo de que ela se lembrava, inalterado, senão intocado. Os seios estavam mais pesados; sentia a mudança internamente. Voltou o rosto para o sol e desabotoou a blusa, colocando as mãos dele, como dedos fantasmas, onde agora estava a sua. O toque dele seria um manto que ela poderia vestir e tirar por força da memória. Aqui, nessa rocha ao sol, ela o deixou entrar como água: a lembrança dessa manhã, seus olhos nos dela, o movimento igual ao da maré que empurra o mar até a areia de sua única praia. A alegria de seu corpo estava agora mais escura por saber que qualquer conversa, beijo, aventura confortadora de pele contra pele poderiam ser os últimos. Cada imagem estava imóvel ao lado da própria sombra. Até mesmo o calor do corpo dele dormindo ao lado dela era como um calor escuro que ela tocava com os dedos, e essa lembrança contrapunha-se com a do tempo em que aquele espaço era frio.

Quinze metros abaixo estava o mirante onde ela quase perdeu a vida numa queda, dois anos antes, e depois, em maio, quando caiu mais uma vez. “*Minha doçura*”, dissera ele, “*você já viu uma vista mais linda que esta?*”. E ela respondera: *Nunca*. Ela via montanhas e vales, escondendo segredos animais. Ele via fazendas de criação de carneiros.

Ela tocou o seio e ergueu o espelho para examinar a cor mais escura de seu mamilo. Parecia um milagre que aquela pele pudesse mudar assim em cor e textura num prazo tão curto, tal como a pele da lagarta se transformava, em cor e textura, na de uma bruxa. Levemente, como quem toma a temperatura da água, ela tocou o abdome, no umbigo, onde o primeiro botão da calça se recusava a se encontrar com a casa. Diana se perguntou como tinha sido tola durante tanto tempo. Dez semanas, não mais. Talvez menos. *Ainda assim*. Conhecera corpos, especialmente o próprio, e não conhecera isso. Seria algo que a menina aprende com a mãe, essa secreta igreja do conhecimento feminino em que nunca pudera entrar? Tudo que ouvira das mulheres estava errado. Não estava enjoada, não tinha vontade de comer nada estranho (A não ser peru. Mas isso era estranho?). Sentia apenas como se uma bomba tivesse explodido na parte de sua mente que a mantinha equilibrada. Tomara aquela sensação como amor, luxúria, ou a chegada da menopausa, ou simples invasão de privacidade, e era tudo isso sem ser nada disso. A explosão a tinha assustado pela forma como a fez perder o controle

sobre a pessoa que sempre acreditara ser. Mas talvez fosse exatamente isso: um longo processo de separar-se de si mesma.

Diana tentou imaginar a noite de sua própria concepção, algo em que ela nunca tivera a coragem de pensar. O descabelado Ray Dean Wolfe amando a mãe que ela nunca conhecera. Foi uma mulher de carne e osso — uma pessoa que se mexia como Diana, que andava depressa, que tinha medo do trovão, que mordida as pontas do cabelo quando estava muito feliz ou muito triste. Uma mulher que havia agarrado a vida num abraço nu e que continuou a viver além de toda a esperança de sobrevivência.

Diana concluiu que não fora uma tola. Só lhe faltara orientação nas questões do amor. Por não ter tido mãe própria, ela não entendeu os sinais.

A Nannie fizera o possível, e até que foi: uma educação ampla, que a maioria das filhas não poderia encarar. Nannie Rawley, confiável e generosa como suas macieiras, de pé, com uma saia de algodão, a chamar Diana e Rachel, que estavam no alto de alguma árvore, não por medo de uma queda, mas por ter coisa melhor a lhes oferecer, uma cidra ou uma torta. Viviam nas árvores. Rachel perto do chão, num galho em que Diana a colocava por segurança, enquanto ela mesma subia pelas duas, escalando os galhos tal qual a menina do circo no trapézio. Quando olhava para baixo, lá estava a Rachel, olhando para cima através das folhas com olhos doces e sonolentos e lábios entreabertos, maravilhada com a irmã voadora.

— Por que a Rachel ficou assim? — perguntou certa vez a Nannie. As duas estavam no morro atrás do pomar.

Nannie respondeu.

— Por causa dos genes. Você já sabe o que são genes.

Diana era uma adolescente que adorava ciência e lia mais que qualquer pessoa que conhecia, então disse que sabia.

— Sei que você quer uma resposta melhor do que essa, e eu também. Durante muito tempo eu culpei o mundo. Os venenos na comida. Estava lendo sobre esse problema durante a gravidez, e fiquei morta de medo. Mas há outras maneiras de olhar para a Rachel.

— Eu gosto dela como ela é. Não estou dizendo que não.

— Sei disso. Mas ninguém queria que houvesse tanta coisa errada nela, além da inteligência.

Diana esperou até Nannie falar outra vez. Estavam subindo o morro, passando por um antigo campo de feno tomado pelo mato. Diana era mais alta que Nannie, já a tinha superado no aniversário de 12 anos, mas por estar à frente nessa colina íngreme, Nannie recuperara a vantagem.

— Eu acho que é assim. Há duas formas de criar vida: cruzamento e clonagem. Esta você já conhece, pois já fez enxertos em árvores, não é?

Diana concordou.

— É possível retirar um enxerto de uma árvore de que se gosta e enxertá-la em outra.

— Isso mesmo: um enxerto ou um clone. Será igual ao pai de onde foi tirado. A outra forma é quando dois animais se acasalam, ou duas plantas trocam o pólen entre si: é o cruzamento. O ser que resulta disso é diferente dos dois pais, e ligeiramente diferente dos que nascem de outros cruzamentos feitos pelos mesmos pais. É como jogar dois dados: tem-se muitos outros números além dos seis originais. E isso se chama sexo.

Diana concordou de novo, ainda insegura. Mas estava entendendo. Seguiu a trilha íngreme que Nannie percorria à sua frente.

— A reprodução sexuada é mais arriscada. Quando os genes de um dos pais se unem aos do outro aumentam as chances de alguma coisa sair errado. Às vezes, um pedaço inteiro se perde, ou se duplica por engano. Foi o que aconteceu com a Rachel.

Nannie parou e se virou para encarar Diana.

— Mas imagine como seria se não houvesse a reprodução por cruzamentos.

Diana percebeu, e disse que não era capaz de ver a diferença.

— Então, durante milhões de anos havia essas coisas no mar, todas iguais, que se dividiam em duas e produziam mais coisas iguais. Igual, igual, igual. Nada de novo. E então, não se sabe como, elas começaram a cruzar os genes umas com as outras e a criar pequenas variações, a partir de mutações e coisas semelhantes. Começou *então* a confusão.

— Então começaram a existir muitos tipos diferentes de coisas? — adivinhou Diana.

— Cada vez mais, isso mesmo. Alguns dos filhos ficaram melhores que os pais, outros nem tanto. Mas os melhores também melhoravam. As coisas mudavam. Podiam se ramificar.

— E isso era bom, certo?

Nannie apoiou as mãos nos joelhos e olhou bem nos olhos de Diana.

— Era o *mundo*, meu bem. É nisso que vivemos. Isso é o Deus todo-poderoso. Não há nada tão importante quanto a existência da variedade. É assim que a vida continua quando o mundo muda. Mas variedade significa forte e não tão forte, e tem de ser assim. Alguém joga os dados. Existem Dianas e Rachels, esse é o resultado do sexo, esse é o milagre. É a maior invenção já feita pela vida.

E foi só isso, a coisa mais próxima de uma conversa sobre abelhas e flores que tivera com Nannie, a coisa mais próxima de uma mãe para ela. Era um dia frio de outono — talvez setembro — e as duas avançavam pela plantação abandonada desde que Nannie passou a tomar conta da fazenda. Estava cheia de macieiras jovens, nascidas de sementes deixadas ali nas fezes dos veados e raposas que roubaram as maçãs do pomar logo abaixo. Nannie dizia que essas árvores selvagens eram o seu legado. As árvores do pomar, plantadas pelo pai dela, eram todas de boa cepa, cuidadosamente criadas por enxertia, de forma a serem idênticas à árvore original. Todas as maçãs vermelhas do mundo eram idênticas. Mas as pequenas macieiras de Nannie eram marginais, filhas de sementes que nunca deveriam ter sido plantadas, origem de novas variedades de maçãs diferentes, polinizadas pelas abelhas. Aqui no alto elas eram as filhas ilegítimas de uma transparente cruzada com uma vermelha Stayman, ou uma Gravenstein cruzada com não se sabe o quê, a macieira do vizinho, ou quem sabe uma pereira. Nannie parará de arar esse campo e deixara crescer as recém-nascidas até que elas se transformassem numa multidão silenciosa. “Igual ao laboratório de Luther Burbank”, explicava ela a uma adolescente que tentava entender, mas Diana só pensava nelas como as filhas da Nannie. Em muitos sábados de outono, as duas andaram no mato dessa plantação abandonada, indo de árvore em árvore provando as maçãs dessas macieiras selvagens, produtos renegados do sexo das abelhas e do furto das raposas. Estavam em busca de alguma coisa nova: a Nannie Especial.

Diana já sabia o que fazer: tinha um plano. Estavam na primeira semana de agosto, ou seja, Jerry viria em breve com as provisões e o correio. Ela ia enviar uma carta por ele. Não ia selar; nem sabia se tinha selos; ia desenhar um mapa no verso do envelope para que Jerry encontrasse o pomar e entregar a carta em mãos. Diana sorriu ao pensar no rosto de Nannie ao abrir o envelope com o mapa no verso. Ela ia antes examinar a linha de tinta azul que ligava a cabana de Diana ao seu pomar à feição de um labirinto desenhado por uma criança e laboriosamente completado. Talvez só de ver o mapa, Nannie iria adivinhar o conteúdo da mensagem dentro do envelope.

Diana já sabia como iria começar a carta:

Querida Nannie,

Tenho novidades. Vou descer da montanha no outono, acho que em setembro, quando começa a esfriar. Acho que vou levar uma pessoa comigo. Gostaria de saber se podemos ficar com você.

VELHAS CASTANHEIRAS

Ao voltar de uma visita à cidade, Garnett pensava no peixe do Pinkie's, se fora tão bom quanto normalmente, e estava chegando a um lugar onde o Rio Negro se encontrava com o Garfo do Ovo e a estrada mergulhava num pequeno bosque, quando foi parado por um animal no meio da estrada. Lá estava ele, em plena luz do dia, obrigando Garnett a frear. Era um cão, mas não era um cão. Garnett nunca tinha visto outro igual. Era uma coisa selvagem, de cor castanho-claro, uma cauda dourada fazia uma curva bem alta, orelhas em pé, e seus olhos se fixavam diretamente em Garnett. Parecia pronto a atacar o Ford de meia tonelada de Garnett, sem medo das consequências.

— Ora essa — murmurou Garnett. Seu coração batia acelerado; não de medo, mas de espanto. O bicho o fitava dentro de seus olhos como se quisesse falar.

O animal virou a cabeça para o lado da estrada de onde tinha saído, e do mato saiu mais um, andando devagar. Sua cauda não estava tão alta, mas a cor e o tamanho eram iguais. Em campo aberto, ele hesitou; então se apressou e cruzou rapidamente a estrada num trote elegante. O primeiro se virou e o seguiu, e os dois desapareceram na chicória do lado da estrada sem nem olhar para Garnett. O mato de flores azuladas se abriu, e depois se fechou como se fecham as cortinas do cinema, e Garnett teve a estranha sensação de haver presenciado uma espécie de magia. Não era apenas uma dupla de cães perdidos, abandonados na beira da estrada e tentando encontrar o caminho de volta para o mundo dos homens. Eles eram a selva, e era lá que eles viviam.

Ficou longo tempo sentado, olhando os fantasmas do que acabara de ver na estrada vazia à sua frente. Então, já que a vida tinha de continuar e que sua próstata já não era o que tinha sido, ele arrancou, preocupado com seus próprios problemas, mantendo-se bem à direita na estrada. Já estava quase chegando à segurança de sua garagem quando um homem lhe fez um sinal na estrada. Garnett ainda estava pensando nos cães, tanto que passou pelo jipe do Serviço

Florestal e continuou um bom pedaço antes de perceber que o rapaz no jipe queria que ele parasse.

Foi encostando devagar até escutar o mato na vala raspar a lateral da caminhonete, indicando que ele já estava bem afastado da estrada. Desligou então a ignição e ficou ali sentado, olhando nervosamente pelo retrovisor. O pessoal do Serviço Florestal não era da polícia. Não podiam *forçar* ninguém a parar. Era completamente diferente de Timmy Boyer, que podia parar um homem, dar-lhe uma aula sobre a velhice e ameaçar tomar-lhe a carteira de motorista. Meu Deus, e se o Serviço Florestal perdeu os animais que ele acabara de ver, e agora os estava procurando? Mas não, claro que não, que ideia ridícula. Era apenas um jipe aberto do exército, não um circo. No máximo, o rapaz teria sinalizado para Garnett sair da contramão. Estava tão assustado pelo que tinha visto lá atrás no garfo, que não estava prestando atenção às coisas. Garnett sabia que às vezes se distraía; estava pronto a admiti-lo, se fosse necessário.

Ainda estava tentando decidir se dava ré e falava com o jovem, ou se simplesmente seguia pela estrada e esquecia o assunto quando o sujeito saltou do jipe e veio caminhando em direção a ele em um ritmo acelerado. Ele tinha algum tipo de papel na mão.

— Ora essa — murmurou consigo mesmo —, será que agora os meninos do Serviço Florestal também podem aplicar multas?

Mas não era isso. O rapaz parecia jovem demais para dirigir um carro, ainda mais para assumir autoridade sobre os outros motoristas. Ele parou ao lado da janela aberta de Garnett, estudando um pedaço de papel que tinha na mão, e perguntou.

— Por favor, meu senhor, esta é a Rodovia 6?

— *Poderia* ser — respondeu Garnett —, mas os idiotas do 911 — emergência não resolveram plantar uma placa com o nome de “Estrada do Regato da Campina”.

O jovem o encarou meio espantado.

— Pois é exatamente o que dizia a placa lá atrás. Mas eu estou com este mapa que me diz que eu devia estar na Rodovia 6, e acho que estou nela.

— Bem. Não existe *campina* nem *regato*. O que temos aqui é uma porção de pastos e um riacho. Por isso a gente daqui continua a chamá-la de número 6, pois, pelo que eu sei, ela sempre teve esse nome desde o tempo em que Deus era menino. Aparecer por aqui e fincar uma placa não transforma uma estradinha no meio do pasto em alguma coisa que ela não é. Sempre achei que aquele pessoal do 911-emergência era de Roanoke.

O moço pareceu ainda mais surpreso.

— Eu *sou* de Roanoke.

— Pois é isso aí.

— Mas esta é a Rodovia 6 ou *não*?

— Quem quer saber, e a quem ele está procurando? — perguntou Garnett.

O rapaz virou o papel, que parecia um envelope, e leu:

— Miss Nannie Rawley. Antiga Rodovia 6, 1412.

Garnett balançou a cabeça.

— Filho, por que você não se comunica com a Miss Nannie Rawley pelo correio, como todo mundo? Cismou de vir perturbar você mesmo? Você tem ideia do quanto essa mulher anda ocupada nesta época do ano, tendo de fazer a colheita de um pomar inteirinho? Será que o Serviço Florestal está com falta de florestas e precisa fazer também o serviço do correio?

O rapaz inclinou a cabeça, boca parcialmente aberta, mas parecia não ter mais perguntas nem respostas. E não ia discutir com Garnett seus negócios com Nannie.

— Pois então, pode ir. É logo ali adiante. A caixa do correio fica espetada para fora do barranco, num ângulo esquisito e com mato em volta.

— É a Nannie Rawley? — perguntou o rapaz, com o coração quase a lhe sair pela boca.

— Não — disse o velho pacientemente, balançando a cabeça e arrancando —, é a *caixa de correio* dela.

A curiosidade era natural, dizia Garnett a si mesmo, pegando no escorredor a xícara e o pires que acabara de usar, para guardá-los. Estranhos não costumavam vir até ali, e o rapaz ainda era jovem. Gente daquela idade era capaz de tudo — quem lê os jornais sabe que eles costumam assustar velhas senhoras por puro prazer. E ela *estava* ocupada. Mais um mês, e as maçãs iam começar a cair no pomar como se fosse granizo, e ela teria pouco tempo para colher todas. Metade da sua colheita era vendida para uma companhia de Atlanta, Geórgia, que tinha um nome imbecil e produzia um suco de maçã sem pesticidas. Era forçado a reconhecer que, mesmo deixando os insetos livres na sua propriedade, ela vendia as maçãs a peso de ouro. Mas Garnett sempre ficava preocupado quando chegavam os catadores que trabalhavam para ela no pico da colheita. No ano anterior, metade dos catadores eram bandidos mexicanos que vinham para cortar o tabaco e ficavam até a época de preparação das folhas. O que por si só já era um sinal de que as coisas estavam fora de controle: os fazendeiros tinham famílias tão pequenas, que precisavam contratar estrangeiros para tratar do corte e preparação do tabaco. Era possível ouvir aquele povo na cidade, durante o verão e o outono, muito à vontade falando línguas estranhas. Aparentemente

tinham vindo para ficar. O Kroger's do Garfo do Ovo já começara a vender aquelas panquecas chatas mexicanas, para convencê-los a ficar o ano inteiro. E assim se ficava sabendo até que ponto o mundo decaía: comida estrangeira no Kroger's.

Garnett afastou a cortina da cozinha e procurou um bom ângulo, embora não tivesse esperança de ver coisa alguma a essa distância. O dr. Gibben há anos o vinha azucrinando para ele fazer a operação de catarata, e até o momento Garnett nem pensara nessa possibilidade. Acreditava que, quanto menos visse esse mundo miserável, melhor seria. Mas agora percebia que a única atitude de um cavalheiro seria deixar os médicos lhe enfiarem a faca nos olhos. Para o bem dos outros. Com tantos bandidos soltos por aí, nunca se poderia saber quando uma senhora iria precisar de socorro do vizinho.

Garnett sabia que o rapaz já tinha partido, disso ele tinha certeza. Ficou vigiando da janela de sua cozinha e viu quando ele entregou o envelope a ela e voltou com o jipe para Roanoke, onde todo mundo só pensava em inventar nomes estranhos para velhas estradas.

Mas Nannie estava agindo de forma estranha. Era o que deixava Garnett preocupado. Ela ainda estava parada no gramado em frente da casa como se o rapaz houvesse dito alguma coisa terrível que a mantinha colada no mesmo lugar. Ele já se fora há bem uns cinco minutos, e ela ainda estava parada com a carta na mão, olhando as montanhas. Ela não parecia bem. Parecia estar chorando ou rezando, e não se devia esperar nenhuma das duas coisas de Nannie Rawley. Garnett se preocupava tentando imaginar o que o rapaz poderia ter dito ou feito para deixá-la tão perturbada. Porque ninguém poderia dizer quem ia ser o próximo.

Quando já não podia esperar mais, ele foi até o banheiro, e quando voltou para a janela ela já não estava no gramado: devia ter voltado para dentro. Tentou inventar alguma coisa para fazer na cozinha, concentrar-se em alguma coisa, mas não havia mais pratos a lavar (pois ele jantara no Pinkie's). Nem se poderia pensar em cozinhar alguma coisa (pois o Pinkie's era do tipo coma-até-não-poder-mais). E ele não ousava ir lá fora. Não que ele quisesse espionar Nannie. O que estivesse ocorrendo por lá não era de sua conta. Ele era muito ocupado, e muita gente dependia dele. Aquela moça na fazenda Widener com suas cabras, por exemplo. Coitadinha, uma moça de Lexington! Uma petúnia no canteiro de cebolas. Decidiu subir de imediato ao segundo andar para consultar o manual do veterinário e dar uma olhada nas vacinas, verificar se as cabras iriam precisar da séptupla ou da ócupla. Quando falou com ela não estava bem certo. Não havia casos da febre da água vermelha nessa região, mas poderia haver outras razões para se usar a ócupla. Ele agora nem se lembrava de qual das duas havia

recomendado a ela. Sentiu-se estranho ao chegar outra vez àquela casa. Sua cabeça foi tomada por um ritmo singular: era como se Ellen estivesse viva outra vez, só naquele momento.

A maior mágoa dela era saber que nunca iria ver o bebê — foi o que ela lhe disse, a última coisa, no leito do hospital. A *maior* mágoa, como se houvesse uma multidão de outras que não poderiam ser confessadas a um marido. E Garnett já acreditava que seriam dois, um menino e uma menina. Ellen nem chegou a saber do segundo. No dia em que foi lá, Garnett esteve a ponto de perguntar à moça, filha do Widener, a respeito dos dois. Ficou lá parado na varanda, com as palavras na ponta da língua, mas então ficou indeciso. Afinal, quem era essa moça e suas cabras? Para uma pessoa da cidade, até que ela era simpática, surpreendentemente simpática, mas como ela teria vindo parar ali, metida numa camisa de homem, no meio de um pasto de espinhos e cabras? Garnett tinha feito uma porção de perguntas educadas, mas não conseguira adivinhar por que ela estava tocando sozinha aquela fazenda. Ainda era a velha casa da família, mas já não eram as mesmas pessoas. Será que as duas crianças ainda estavam por lá? E se a mãe e os dois meninos se tivessem mudado para Knoxville, como todo mundo estava fazendo, inclusive o cachorro dele? E se por causa da sua indecisão Garnett tivesse perdido a última oportunidade de ter notícias dos dois meninos? Desde a inauguração da fábrica da Toyota, as pessoas simplesmente juntavam as coisas e se mandavam para Knoxville, como na época da corrida do ouro da Califórnia. Em breve, não haveria mais ninguém no condado, só os velhos à espera da morte.

A janela do andar de cima dava uma boa vista para o pomar lateral e para o quintal da casa de Nannie, e mais tarde, naquela noite, ele conseguiu vê-la, trabalhando na horta. Estava colhendo tomates. Tinha um mundo de tomates, que vendia por um preço escandaloso na feira amish. Forçou a vista através do vidro cheio de ondas da velha janela.

Mas havia alguém com ela! Aquele borrão azul e branco na extremidade do quintal era, agora que ele estava prestando atenção, um homem de chapéu, apoiado na cerca. Não era o rapaz do Serviço Florestal, era outra pessoa, um tipo mais troncudo, que Garnett não reconheceu. Poderia ser algum dos catadores que havia chegado muito cedo? Quem mais poderia ser? Clivus Morton ficaria lá por alguns dias para prender as telhas para ela, e até o filho da Oda Black viera fazer uma visita por razões que Garnett não conseguia adivinhar. Ora! Será que a Nannie agora atraía homens de todas as idades, vindos até de longe? Uma mulher de 75 anos começa a usar shorts e os homens aparecem, vindo de todos os lados, parecendo abelhas em torno de uma flor? (Apesar de Clivus Morton não ser uma abelha. E Garnett conhecia *limpadores de fossa* que cheiravam

melhor do que ele, mesmo depois de terminar o trabalho.) *Seria* o Clivus Morton? Forçou a vista. Droga de janela, tão embaçada quanto seus olhos. E suja. Não era lavada desde... Nunca foi lavada e ponto.

Passou para o outro lado da janela, mas não melhorou muito. Via que ela estava enchendo um cesto e falando como uma matraca, porque o estranho, quem quer que fosse (e *não* era o Clivus), continuava lá, encostado na cerca. E parecia um sujeito muito mal-educado. No mínimo, deveria se oferecer para carregar os cestos enquanto ela colhia os tomates. Garnett teria oferecido ajuda. Não é necessário concordar em tudo com uma pessoa, nem aprovar a condição de sua alma para mostrar um pouco de consideração.

Garnett sentiu a pressão subir. Ficou agitado e teve de se afastar da janela. Por Deus, não interessava quem fosse aquele homem lá fora, ele não tinha nada a ver com ela. Sentiu que uma coisa sombria e anticristã lhe toldava o coração. Odiava aquele homem parado junto da cerca, como se não tivesse nada melhor para fazer, conversando com Nannie o dia inteiro, e espiando-a colher tomates vestida só de short.

O AMOR DAS BRUXAS

A quinta-feira chegou mais fresca e continuou fresca o dia inteiro. Lusa se sentia energizada pela mudança no tempo, que para ela foi boa, pois o trabalho não tinha fim. Se soubesse que agosto lhe traria tanto trabalho, teria considerado julho como férias. A horta parecia um filhote de passarinho ao reverso, que abria o bico e dava, dava. Passou toda a manhã esterilizando vidros no fogão, processando peras, e cortando e branqueando montes de cenouras, pimentões, quiabos e abóboras para serem congelados. Já tinha feito trinta vidros de pickles e ainda tinha tantos pepinos, que estava tendo pensamentos desesperados. Um deles: encher sacolas de plástico para distribuir de graça nas caixas de correio, como se costumava fazer com amostras de amaciante de roupa. Discutiu essa ideia com Jewel quando ela veio lhe trazer a correspondência.

— Já fez os pickles? — perguntou esta ao entrar.

Lusa se inclinou no banco e apoiou a cabeça na bancada.

— Acho que isso quer dizer que já. Meu Deus, não acredito que você já fez isso tudo.

Lusa se ergueu e recebeu a admiração nostálgica de Jewel. Os vidros de pêssegos dourados, alinhados sobre a bancada, pareciam dinheiro de outros tempos.

— Nunca ninguém fez tanta conserva desde que a mamãe morreu. Você deve estar orgulhosa. *E* devia parar. Está se matando. Distribua o resto.

— Mas eu já distribuí. As pessoas na rua fogem quando me veem. Vi a Mary Edna jogando na pilha de compostagem a abóbora que eu lhe dei.

— Você não precisa se sentir mal por isso. Alguns verões são mesmo exagerados, e tudo sobra. Jogue um pouco fora.

— Não posso. Olhe só esses pêssegos. Não posso jogar isso fora; seria um pecado.

Lusa sorriu, modesta mas orgulhosa.

— A verdade é que eu gosto de fazer isso. Este ano não vou ter que gastar dinheiro em comida. E trabalho duro é a única coisa que não me deixa ficar

girando em círculos.

— E é verdade. Gostaria de ajudar, mas não tenho energia.

— Sei que você gostaria. Lembra o dia em que você me ajudou com as cerejas?

— Meu Deus! — Jewel se apoiou na mesa — Foi há cento e dez anos.

— Eu também sinto a mesma coisa — respondeu Lusa, recordando seu estado mental no dia em que sua viuvez ainda era recente e feroz: sua falta de coragem diante da vida, a luta para confiar em Jewel. Crys e Lowell eram estranhos de quem ela tinha medo; a Crystal, na verdade, era um menino. Cento e dez anos atrás. — Deixe a correspondência na mesa. Parece que é só propaganda e contas: é só o que eu recebo.

— É só o que todo mundo recebe. Ninguém mais escreve cartas.

Lusa varreu o monte de cenouras picadas para dentro da peneira para serem branqueadas. Bastavam 30 segundos de vapor para fazer alguma coisa com a bioquímica delas, deixando-as tão alaranjadas como hemerocales (então, por que o livro dava a essa etapa o nome de *branqueamento*?) com o que elas se conservavam perfeitas no freezer.

— Como você está se sentindo hoje, Jewel?

Jewel pôs a mão no rosto.

— Acho que estou muito bem. Ele agora me deixa tomar mais comprimidos contra a dor. Fico estúpida como uma vaca, mas é ótimo.

Ela parecia triste, Lusa resolveu se sentar ao seu lado e segurar-lhe a mão.

— Posso ajudá-la? Se eu tiver tempo, vou pegar o aspirador da sua mãe e limpar os seus tapetes. Aquela coisa é milagrosa.

— Não precisa, meu bem, não se canse à toa. Preciso voltar para casa. Mande a Crys queimar o lixo, e você sabe bem o que pode acontecer. Só passei aqui para lhe mostrar uma coisa.

— O quê? — Lusa limpou as mãos no avental e foi até a mesa, curiosa para ver o que Jewel estava tirando de um envelope.

— São os documentos do Shel. Ele assinou. Eu tinha certeza que ele ia assinar, mas mesmo assim é uma preocupação a menos. É bom estar com isso resolvido. Queria ter feito isso há um ano.

Jewel desdobrou o maço de papéis grossos e os passou para Lusa examinar. Ela se sentou e passou os olhos, lendo as palavras que os advogados pareciam inventar apenas para complicar uma coisa tão pura e simples. Os meninos pertenciam à mãe. Logo, talvez antes que se esperasse, eles viriam morar com Lusa.

Havia uma assinatura rabiscada em tinta azul no final de duas das páginas, numa letra masculina mas infantil, como a de um aluno da quinta série, com o

nome datilografado em baixo. Lusa ficou espantada e leu em voz alta: — Garnett Sheldon Walker *Quarto*?

— É isso mesmo — disse Jewel, rindo baixinho —, parece nome de rei, não é? Nunca o de um rato de bigode louro.

— Não, mas...

Lusa tentava juntar conhecimento e palavras.

— Eu conheço esse nome. Sou amiga do, sei lá, avô dele. Tem de ser, é o mesmo nome. É o velho engraçado que mora na Estrada 6.

Lusa olhou para Jewel.

— Ele até já esteve aqui. É ele quem me ajuda nos problemas com as cabras.

— Ah, sei. É o pai do Shel. Eram meus sogros, ele e a mulher, a Ellen. Quando foi que ele veio aqui? Tem pouco tempo?

— Tem menos de dez dias. Ele veio para examinar minhas cabras, que estavam com vermes. Parecia que nunca tinha posto os pés na casa. Nem quis entrar no celeiro enquanto eu não convidei. Como se fosse a sala de estar.

— Pois ele é assim mesmo. Eram duas pessoas meio esquisitas, ele e a Ellen. Acho que eram só meio antigos. É um velho, ponto final. Acho que o Shel nasceu depois que eles já tinham desistido, e o choque foi demais para os dois.

Lusa lembrou que fora a mesma coisa para os pais. Os dois nunca souberam bem o que fazer com ela.

— Ela morreu de câncer — completou Jewel.

— Quem? A mulher de Mr. Walker? Quando?

— Mais ou menos quando o Shel fugiu. Não. Foi uns dois anos antes. Lowell ainda não tinha nascido. Nunca quis nada com a Crystal, mas acho que ela já estava doente.

Jewel suspirou, já acostumada aos lapsos provocados pela doença, Lusa estava boquiaberta. Imaginava que o velho fosse um solteirão.

— Ele é o seu sogro. Incrível. Por que você nunca me contou?

— Porque eu não tinha a menor ideia que você conhecia o homem. Acho que nunca mais falamos com ele desde o enterro da mulher. Não tenho nada contra ele. Acho que ele só é um pouco esquisito com a gente.

— Ele é esquisito com todo mundo. Pelo menos é a minha impressão.

— O que eu acho é que eles ficaram envergonhados por causa das bebedeiras do Shel. Shel Walker já enganou praticamente todo mundo neste condado, de um jeito ou de outro. Pintava casas e fazia uns biscates, e depois do nosso casamento ele chegou ao ponto de receber o adiantamento, beber tudo e sumir sem terminar o trabalho. Eu morria de vergonha de mostrar a cara na cidade. O pai deve sentir ainda mais.

— Eu não fazia a menor ideia.

— Mas é isso. O Shel passou muitos anos meio louco, rodando por aí. E acho que eu fui parte da *loucura*, no ginásio. Depois, quando ele me abandonou, foi a última gota d'água. O velho Walker decidiu apagar todo aquele capítulo da vida dele e fingir que eu e os meninos nunca existimos.

— Mas ele é o avô dos meninos, não é?

— É uma tristeza, não é? Eles nunca tiveram avós. Papai e mamãe morreram antes. E, como o Shel já não tem nenhum vínculo legal com eles, o senhor Walker não tem nenhuma obrigação de virar avô de repente, tem?

— Obrigação, ele não tem. Mas você se importa se eu falar com ele? Talvez não agora, mais tarde. Talvez os meninos gostem de ir até lá; ele tem uma linda fazenda, planta árvores. E há um pomar bem perto, eu vi. Ia ser bom levar os meninos em outubro, para beber cidra.

Jewel pareceu sentida e Lusa desejou ter mordido a língua por ter mencionado outubro como coisa certa.

— Pode chamar hoje, eu não importo, mas acho que você não deve ter muitas esperanças. Ele é um velho azedo.

Lusa nada disse. Não tinha certeza do que Jewel gostaria de fazer nesse caso. Jewel estava muito longe, olhando pela janela.

— Eles vieram ao nosso casamento. Foi aqui, nesta casa. Mas foram embora antes da recepção: eles eram assim. Nunca aprovaram, diziam que a gente era muito jovem. E a gente era *mesmo*. Mas veja só.

Lançou a Lusa um olhar veemente.

— E se eu fosse sensata e esperasse, em vez de casar com Shel? Não iam existir Crystal e Lowell.

— É verdade — disse Lusa.

Jewel apertou os olhos.

— Lembre sempre disso: não fique esperando, achando que tem muito tempo de sobra. Talvez só lhe reste este verão. Você vai lembrar? Vai dizer isso aos meninos por mim?

— Acho que vou. Só que não tenho certeza de que entendo o que você quer dizer.

— Basta dizer que ter os dois, ser mãe deles, é uma coisa que eu não ia trocar por nada. Nem por mais cem anos de vida.

— Digo.

— *Diga* — disse Jewel ansiosa, como se quisesse deixar este mundo naquele dia mesmo —, diga a eles que eu só tenho este verão para passar aqui, e agradeço aos Céus e à Terra por ter feito o que fiz.

No início da tarde Lusa respirou fundo, pegou a caixa pesada de vacinas que havia comprado do veterinário, e foi tratar de suas cabras. Depois de algumas semanas de preocupação por causa da letargia e da falta de apetite, Lusa descobriu que o rebanho estava infestado de vermes — o que, na opinião de Mr. Walker, não era surpresa, considerando a origem dos animais. Aconselhou a aplicar vermicida DSZ ao rebanho todo, e garantiu que isso não iria prejudicar as futuras mães, e sugeriu que ela aproveitasse a ocasião para aplicar uma dose da vacina sêtuola. Lusa estava desanimada, mas Rickie prometeu que viria ajudar. Alegou que não era possível desperdiçar todo aquele tempo de 4-H.

Lusa geralmente achava fácil tratar das cabras, muito mais fácil que tratar do gado, depois de conseguir levar as primeiras para onde queria. Já tinha prendido as cabras no pasto pequeno quando Rickie chegou para o rodeio. Decidiram fazer as cabras passarem uma a uma para o pasto maior. Rickie derrubaria a vítima quando ela passasse, enfiaria a pílula de vermífugo goela abaixo e sentaria na cabeça dela para Lusa aplicar a injeção. Muito simples na teoria, mas gastaram uma hora para tratar dos primeiros cinco animais. Lusa se sentia uma torturadora. As bichinhas se debatiam e berravam tanto, que ela achou difícil manter os olhos abertos e ver onde estava aplicando a agulha. Uma vez ela atingiu um osso por acidente e berrou tanto quanto a cabra.

— Sou uma cientista — disse em voz alta para acalmar o coração agitado — já dissequei sapos vivos, já sacrifiquei coelhos. Tenho de ser capaz de fazer isto.

Ela esperava que Rickie se oferecesse para aplicar a injeção, mas ele parecia ter tanto medo quanto ela. E não achava que se daria melhor com a tarefa *dele*, enfiar aquela pílula enorme goela abaixo, o que ele parecia fazer sem dificuldades.

— Você devia ver como é duro fazer uma *vaca* tomar uma pílula — disse ele quando ela elogiou sua competência —, lambuza o braço todo, até o sovaco.

Ele enfiava o comprimido na boca da cabra e lhe trancava a boca, e depois sacudia a cabeça de um lado para o outro. Era calmo e competente ao lidar com animais, tal como Cole. Foi essa a primeira coisa que ela amou em Cole, além do físico.

A segunda hora passou mais depressa, e quando chegaram perto do número 40 Lusa já tinha quase aprendido a brandir a seringa. Mr. Walker lhe tinha ensinado a dar uns dois ou três socos na perna do animal antes de aplicar a injeção. Quando a aplicação era feita dessa forma, o animal geralmente ficava bem quieto.

Rickie ficou impressionado com essa técnica, depois que ela a dominou.

— Ele é um velho mais esperto do que parece, esse velho Walker.

— É mesmo — disse Lusa, com os olhos fixos no pelo marrom da garota. O mais difícil era enfiar o embolo até o fim e retirar a agulha sem levar um coice. Depois de terminar e se afastar, ela dava um sinal e Rickie pulava, deixando a cabra se levantar. Acenando ofendida a cabeça triangular, ela corria até o meio do pasto onde suas amigas já tinham esquecido a humilhação, e mastigavam o mato numa felicidade vacinada e amnésica.

— Você sabia que ele é sogro da Jewel? O velho Walker?

Rickie pensou um pouco.

— *Ex-sogro*. Acho que não chega a ser um galho importante na árvore da família. Acho que ele nunca mais falou com a tia Jewel desde que o bandido do filho dele se mandou. E pelo que eu sei, também não conversava antes.

— Não, acho que não — disse Lusa, contemplando satisfeita o rebanho recém-vacinado. Ela ia continuar o trabalho, quando um movimento rápido no alto do pasto atraiu seus olhos.

— Meu Deus. Veja aquilo.

Os dois olharam e o animal se imobilizou; então, baixou o corpo até o chão e saiu devagar ao longo da cerca e voltou para a mata.

— Não era uma raposa, era? — perguntou ela.

— Não.

— Então, o que era?

— Coiote.

— Tem certeza? Você já tinha visto algum?

— Não.

— Nem eu. Mas juro que ouvi alguns há umas duas noites. Foi impressionante, pareciam cantar. Canto de cachorro.

— Pois aquele bastardo era um. Quer que eu vá em casa buscar minha arma? Posso ir agora.

— Não — ela apoiou a mão no seu braço —, faça-me um favor: não fique igual aos seus tios.

Ele a encarou.

— Você sabe o que esse bicho come?

— Não sei bem. Acho que ele poderia matar uma cabra, ou pelo menos um filhote. Mas acho que não era tão grande assim. Você não acha que é mais provável que ele prefira matar coelhos ou coisa parecida?

— E você vai ficar esperando até descobrir?

Ela concordou.

— É. Acho que vou. Vou sim.

— Você é louca.

— Talvez. Vamos ver.

Ela ficou ainda um instante olhando para o começo da mata, onde ele havia desaparecido. Então se voltou para as cabras.

— Muito bem, vamos acabar com isso. Quantas ainda faltam?

Rickie se aproximou da porteira para deixar entrar mais uma. Contou as cabeças.

— Uma dúzia, mais ou menos. Estamos quase terminando.

— Que bom! Eu estou quase morta — disse ela, aproximando-se por trás da cabra para ajudar a derrubá-la com o seu peso. Depois que ela caiu, Lusa afastou o cabelo e o suor da testa com as costas da mão, antes de encher mais uma seringa.

Ele a observava.

— Quer trocar de lado? Minha parte é muito mais fácil que a sua.

Agora ele oferece, pensou ela.

— Não, você está trabalhando duas vezes mais que eu — respondeu Lusa, contraindo o bíceps dolorido para mais um soco e aplicação —, sou só uma fracota.

Ele esperou respeitosamente a agulha entrar, e então falou:

— De jeito nenhum. Você está indo muito bem. Nunca vi uma mulher sentar em tantos animais num dia só.

Ao sinal de Lusa, os dois pularam e deixaram a cabra ir embora.

— Sabe o que eu queria mesmo agora?

— Uma cerveja gelada? — sugeriu ele.

— Um *banho*. Ieech!

Cheirou os braços e fez uma careta.

— Essas meninas não são nada perfumadas.

— Não são mesmo. E olha que são as *meninas*.

Quando terminaram com todas as cabras e o bode, que deixaram para o final, Lusa já não conseguia suportar o cheiro do próprio corpo. Abriu a torneira ao lado do celeiro e foi buscar uma barra de sabão que ficava lá dentro na baia de ordenha. Lembrou-se do coiote. Era muito bonito e estranho, quase fantasmagórico. Como se fosse um cachorrinho dourado, mas tinha um porte muito mais selvagem. Seria ótimo se ela encontrasse outra pessoa no condado que não sentisse necessidade de atirar no coiote à primeira vista: ela teria um amigo.

Quando voltou, contornando o celeiro, entrou diretamente no jato de água fria, que a fez gritar. Um jato certo de Rickie.

— Vou te matar — gritou, rindo e enxugando os olhos.

— É gostoso — gritou ele, deixando a água correr na cabeça.

— Então você vai primeiro — disse-lhe ela, atirando-lhe a barra de sabão, e os dois se revezaram, cada um se ensaboando e enxaguando o outro, num banho alegre, casto, e quase histérico, sem tirar a roupa. Algumas cabras se aproximaram e enfiaram o nariz pela cerca para observar aquele rito humano peculiar.

— Não aguento os *olhos* delas — disse Lusa quando Rickie fechou a mangueira. Ela se curvou e sacudiu a cabeça como um cachorro molhado, lançando gotas de água à luz dourada do poente.

— De quem, das cabras?

Ele despira a camiseta vermelho-escuro antes do banho de mangueira e agora a usava como toalha para enxugar o rosto. Lusa não sabia se essa exibição era tão inocente quanto parecia. Ele já tinha dezessete anos. Difícil dizer.

— Elas têm aquelas pupilas esquisitas. Um traço, como as do gato, só que são deitadas, e não de cima para baixo.

Ele esfregou violentamente a cabeça com a camiseta.

— É. Uns olhos engraçados.

Com as mãos, penteou os lados da cabeça.

— Como se fossem de outro planeta.

Lusa estudou as caras das meninas na cerca.

— Bonitinhas, você não acha? Conquistam a gente.

— Ai, Meu Deus, ela já gosta de cabras.

Jogou a camisa para Lusa.

— Você está precisando sair mais.

Ela enxugou o rosto e os braços com a camisa saturada de cheiro masculino, lembrando-se de como Rickie descrevera a dança dela com o trapo com cheiro de bode diante das cabras. Esse mundo era um grande circo sexual, pelo menos assim parecia para os carentes. Embolou a camisa e jogou de volta para ele.

— Você me ajudou demais, Rick. Se soubesse que ia ser tão duro, eu teria me acovardado, mas você me deu apoio até o fim. Posso lhe dar um cheque para compensar o seu trabalho?

— Não, senhora, não me deve nada — disse ele com uma polidez de colegial —, vizinhos e parentes não devem aceitar dinheiro.

— Pois então, sua tia e vizinha agradece penhorada. Não tenho a cerveja que você quer, mas posso lhe oferecer limonada ou um chá gelado antes de você ir embora.

— Chá gelado está ótimo.

Um passarinho piou no terreno em repouso do outro lado da casa — um dramático “uau-*whiiit!*”, numa voz poderosa e arrogante de cantor de ópera.

— Preste atenção — disse Rickie, parando de enxugar os ombros —, um inhambu.

— É mesmo?

— Hoje a gente quase não ouve mais. Acho que não ouço nenhum desde menino.

— Que bom! — disse Lusa, impressionada porque Rickie conhecia um passarinho e sabia o nome. — Bem-vindo de volta ao lar, senhor inhambu. Um homem na casa nunca é demais.

Apanhou a caixa de frascos vazios e andou para casa devagar, sentindo exaustão não somente nos braços, mas também nas coxas e nas costas. Estava se acostumando com essas sensações do corpo, a ponto de gostar da liberação dolorosa do ácido láctico nos músculos. Era a coisa mais próxima de sexo na vida dela, pensou ela, com um risinho triste.

Quando voltou com a jarra de chá gelado e um copo, Rickie já havia vestido a camiseta e estava sentado no gramado, descalço, entre os dentes-de-leão, pernas esticadas à frente. Por alguma razão desconhecida, seus sapatos estavam no teto da pick-up.

— Tome — disse ela, deixando-se cair no gramado de frente para ele para lhe dar a jarra e o copo. Tinha pensado em tirar a roupa molhada, mas o contraste entre a umidade fria e o calor do sol estava delicioso. Provavelmente estava parecendo um rato afogado, mas não se importava. Sentia por Rickie uma intimidade amistosa depois de passar uma tarde sentando-se com ele em cima de cabras. Estendeu as pernas ao lado das dele, na direção oposta, de forma que seus pés quase chegavam ao quadril dele. Sentada assim, tinha uma sensação de infância, como se os dois estivessem num balanço, ou dentro de um forte invisível. Ele encheu o copo de chá e deu para ela, e então virou a jarra e bebeu tudo de um gole só. Ao ver o pomo de adão subir e descer, ela pensou nas pílulas enormes enfiadas goela abaixo das cabras. Adolescentes não passavam de um monte de apetites.

Ele achou um maço de cigarros. Devia tê-lo pegado na pick-up enquanto ela estava em casa, imaginou, pois ele estava completamente molhado e o maço estava seco. Estendeu o maço para ela, que recusou.

— Sai fora, satanás. Eu já me livrei do vício.

Ele acendeu, concordando.

— É o que eu também devia fazer.

Sacudiu a mão para apagar o fósforo.

— Estive pensando no que você me disse, que não se importava de chegar ou não aos trinta. O fato é que eu quero. Acho que tudo fica melhor depois do segundo grau.

— E fica. Pode crer. A não ser por algumas pedras, a estrada vai sempre para cima depois do secundário.

Pensou um pouco, surpresa pela verdade dessa afirmação.

— Eu mesma atesto. Apesar de deprimida e viúva, longe de casa, prefiro a minha vida de hoje à da época do segundo grau.

— Verdade?

— Acho que sim.

— Então é porque você gosta de fazenda. Tem vocação.

— Acho que é verdade. Mas é estranho. Nasci para uma vida muito diferente, de pais intelectuais e aproveitei o máximo. Criava lagartas em caixas de sapatos, estudava insetos e agricultura na escola enquanto me deixaram. E então, um dia, Cole Widener apareceu na minha casinha e derrubou tudo. E aqui estou eu.

Rickie balançou a cabeça e espantou uma mosca na sobrancelha. Ela estava de costas, mas ele olhava para o sol baixo no horizonte. Sua pele cor de caramelo contrastava com a camiseta vermelha e os olhos escuros brilhavam à luz do poente. Ela apanhou um dente-de-leão e alisou-lhe o rosto peludo amarelo. A seiva branca escorreu nos seus dedos. Ela o jogou fora.

— Fiquei com raiva dele por ter morrido e me deixado aqui. Tanta raiva, que você nem imagina. Mas agora ando pensando que ele não deveria mesmo ser a minha vida toda, era apenas uma passagem. E por isso eu sou muito grata a ele.

Rickie fumava em silêncio, com o olhar distante. Lusa não esperava respostas dele, nem que ele entendesse tudo. Ele simplesmente a deixava falar sobre o que quisesse. Assim parecia mais velho.

— Já lhe disse que meus pais vêm me visitar? Antes de começarem as aulas do outono, meu pai vai ter uma semana de folga.

Ele a encarou.

— Que bom! Você vê pouco a sua família, não é?

— Não vejo, não. É quase como uma visita de estado; minha mãe não viaja desde que teve o derrame. Fica confusa. Mas papai disse que ela está melhor: começou a tomar um remédio novo e agora está andando melhor. Se ela for capaz de subir escadas, vou pedir para ele deixá-la aqui mais uns dias. Uma visita de verdade. Estou com saudade da minha mãe.

Ele concordou distraidamente. Ela percebeu que ele não estava entendendo nada; não tinha a menor ideia do que seria viver sem estar envolvido e abafado pela família.

Ouviram o inhambu cantar na colina outra vez. Esse canto soou para Lusa como um “tudo *bem*”, com uma inflexão crescente no final, como se fosse o início de uma sentença. Ela gostava de pensar nele naquele pasto em repouso:

não era propriedade dela, era apenas um inquilino, dependente de sua boa vontade. Com tantos problemas, ainda não tinha parado para avaliar sua nova condição de proprietária de terras. Dona não só de uma hipoteca e de muito trabalho, mas abençoada com um pouco da confiança do mundo. Uma condição que durante mais de mil anos foi roubada do povo de seu *zeida*.

Depois de um intervalo decente, suficiente para permitir uma mudança de assunto, Rickie perguntou: — Você não está preocupada com aquele coiote, está?

— Se estou?

Ela bebeu metade do copo de chá antes de responder.

— Você pode achar que estou louca, mas não estou, não. Quero dizer, *talvez*, na pior das hipóteses, ele poderia matar um filhote, e isso não vai me quebrar. Não me consigo imaginar matando uma coisa tão bonita por simples suspeita. Acho que todo mundo é inocente até que se prove sua culpa.

— Você vai mudar de ideia quando vir ele correndo para a mata com um filhote gritando assassino.

Lusa sorriu, surpresa com a linguagem dele.

— Ouça, vou lhe contar uma história. Na Palestina, terra do meu povo, há um milhão de anos eles tinham essa tradição de sacrificar cabritos. Teoricamente, para Deus; mas acredito que eles acabavam comendo os cabritos depois da cerimônia.

Ela pôs o copo no chão, girando-o na grama para dar firmeza.

— Então, eles faziam o seguinte: deixavam um bode fugir correndo para o deserto. O bode expiatório. Ele deveria levar embora todos os pecados e erros daquele ano.

Rickie achou graça.

— E qual é a moral da história?

Ela riu.

— Não tenho certeza: o que você acha?

— Não tem problema perder um?

— É. Uma coisa assim. Não sou uma fazendeira tão perfeita a ponto de matar um coiote por causa de um filhote que ele me roube. Existem dez outras maneiras de eu perder um cabrito por causa de minha própria estupidez. E eu não estou disposta a me *matar*. Dá para entender?

Ele concordou, pensativo.

— Se você diz que sim, então está bem.

Ele se calou, sorrindo para si mesmo, admirando alguma coisa às costas dela. Lusa esperava que fossem as borboletas no mato, depois do jardim, apesar de conhecer suficientemente a cabeça de um rapaz para não achar provável. Dobrou

os joelhos, segurou os pés molhados e tirou os sapatos, lembrando-se de que tênis molhados incomodavam demais. O que talvez explicasse os sapatos dele no teto da pick-up.

— Seus pés são bonitos — comentou ele.

Ela tornou a estender as pernas e olhou para os dedos enrugados pela umidade, depois tornou a olhar para ele.

— Ah, não rapaz! Você está precisando sair mais.

Ele riu.

— É. Mas eu tenho uma confissão a fazer. Também acho que você fica linda sentada em cima de uma cabra. Eu passei este verão sonhando com você.

Lusa mordeu os lábios para não sorrir.

— Eu já imaginava.

— Eu sei. E você acha que é uma estupidez.

— O que é estupidez?

Ele estendeu o braço e afastou dos olhos dela uma mecha de cabelo úmido, passando suavemente os dedos por seu rosto.

— Isso. Eu ficar sonhando com você. E você nem saber o quanto eu sonho.

— Acho que sei. Não é uma estupidez. Mas me dá medo.

A mão dele continuou no pescoço dela, e ele disse:

— Eu não faria mal a você por nada neste mundo.

E Lusa ficou aterrorizada ao sentir todos os nervos de seus seios e lábios. Seria tão fácil convidá-lo a ir para a casa, para a cama enorme e macia onde certamente os avós dele tinham concebido sua mãe. Como seria confortador afastar-se da solidão e se abraçar a esse corpo forte e lindo. As mãos dele se transformariam nas de Cole. Durante uma hora, a fome que a perseguia todas as noites poderia ser saciada por uma sensação real, em vez de lembranças. Um gosto de verdade, um toque real, a pressão da pele sobre mamilos e língua. Ela tremeu.

— Não posso nem falar disso.

— E por que não? — perguntou ele deixando a mão cair nos joelhos dela. Correu os dedos pela costura interna da calça molhada, do joelho até a bainha, e então segurou seu calcanhar descalço. Ela se lembrou, com uma dor aguda, da sensação de perfeição compacta nos braços longos do marido. Olhou para a mão no seu calcanhar, e depois para o rosto dele, tentando transformar dor em raiva.

— Será que eu vou ter de explicar?

Ele sustentou seu olhar.

— Então me diga que você não quer fazer amor comigo.

— Meu Deus! — ela engasgou, virando a cabeça para o lado, a boca aberta sem palavras, quase incapaz de respirar. Onde ele tinha aprendido a dizer essas

coisas, no cinema? Ela balançou lentamente a cabeça de um lado para o outro, incapaz de conter um sorriso diante da expressão determinada dele. Ela se lembrava dessa sensação, do desejo obsessivo. Meu Deus, aqueles dia no apartamento da Rua Euclid. Não havia energia no mundo comparável à necessidade de um corpo pelo outro.

— Não é uma pergunta justa — disse ela, afinal, depois de uns instantes —, é claro que eu gostaria, se fosse possível. Acho que ia gostar muito: que um raio caia sobre a minha cabeça se eu estiver mentindo, e agora você sabe. Será que isso melhora a nossa situação?

— Para mim, melhora e muito, *droga!*

Ele sorriu um sorriso torto que ela só tinha visto no rosto de Cole, na cama.

— Para mim é ótimo. É como tirar dez numa prova.

Ela tirou a mão dele do seu calcanhar e lhe deu um beijinho, de leve, como o de uma mãe para sarar o machucado do filhinho, e então deixou a mão cair na grama.

— Então está bom. Você tirou dez. Agora podemos falar de outra coisa?

— O quê, por exemplo? Jogar um colchão na carroceria da pick-up e correr para a beira do rio?

— Você é incorrigível.

— O que você quer dizer com isso?

— Que você tem dezessete anos, quase dezoito, e está cheio de hormônios até os olhos.

— Pode ser. Mas eu sou também muito gostoso. Você nunca vai saber, se não experimentar.

Ela cruzou os braços no peito achando que devia ter trocado de roupa. Rato encharcado não era a impressão que lhe dava a camisa molhada. Pensou com tristeza que ele ia *apreciar* muito. Seria tão fácil surpreendê-lo com prazeres que nunca seriam esquecidos. Mas talvez não, se ele já tivesse definido seus padrões pelas revistas escondidas no colchão. Os rapazes não faziam a menor ideia do que estavam perdendo com aquelas namoradas das revistas.

— Então eu nunca vou saber — disse ela, sentindo-se mudada, que pisava em terreno mais seguro —, não posso negar que seria delicioso, talvez mais que delicioso. Mas está completamente fora de questão, e se esse assunto surgir mais uma vez, vou ter de parar de ser sua amiga. Não devia ter confessado que você me atrai. É melhor você esquecer o que eu disse.

Ele olhou para ela com uma expressão neutra e balançou a cabeça devagar.

— É justo. Eu não tinha a menor chance.

— Olhe. Não me entenda mal, Rickie. Eu gosto de você por *você mesmo*, mas às vezes você me faz lembrar do Cole de um modo que me deixa

perturbada. Mas você *não é* o Cole. Você é meu sobrinho. Somos parentes.

— Mas não somos parentes de sangue.

— Mas somos da mesma família, e você sabe disso. *E* você ainda é menor. Tecnicamente, por mais uns meses; mas ainda é. E eu tenho certeza de que o que você está propondo é crime. Cometido por mim. Se houver pena capital neste estado, sua mãe e suas tias iam fazer tudo para me colocar na cadeia.

Ele fechou os olhos e não disse nada. Parecia ter sido castigado por tudo: o tom e as palavras dela, a verdade. Lusa sentiu-se aliviada e triste.

— Sinto muito por ter sido tão dura. Não vejo você como um menino. Você sabe disso, não? Se nós dois tivéssemos mais dois anos, e se eu não te conhecesse, acho que ia sair com você.

Ele acendeu outro cigarro e se concentrou no ato de fumar, olhando para longe. Enfim, disse.

— Vou te lembrar isso dentro de dois anos, quando você estiver namorando outro cara por aqui.

Lusa arrancou uma pedrinha da terra e a jogou um pouco adiante de seus pés.

— Não consigo nem imaginar uma coisa dessas. Na minha opinião, essa região é um deserto.

— Mas você não é o Cavaleiro Solitário. Todas as moças da minha escola estão doidas para engravidar e casar para brincar de casinha, mas elas todas parecem crianças. Depois da formatura eu quero *fazer* coisas, sabe? Ir de carona para a Flórida, arranjar um emprego num barco de pesca. Ver o que tem naquelas ilhas cheias de coqueiros. E as moças estão todas no K-mart olhando roupinhas de bebê. “*Lindas, não é?*”. São as campeãs do tédio.

Lusa riu.

— Mas nós dois somos diferentes, não é? Duas almas nobres, aproximadas em circunstâncias dúbias, até conseguir encontrar alguém que nos mereça.

Ele sorriu aquele sorriso torto.

— É mais ou menos isso.

— Falando francamente, suas perspectivas são melhores que as minhas. Quando as minhas cabras tiverem os filhotes, você já terá encontrado a moça dos seus sonhos, e eu já estarei esquecida.

— Eu não apostava nisso.

— Pois eu vou dançar no seu casamento. Aposto.

— Eu não dancei no seu. Você não me convidou.

— Da próxima vez, eu convido. É uma promessa. Foi um erro terrível. Nunca fuja com sua namorada. Os parentes jamais perdoam.

— Parentes. Que saco!

— Obrigada.

Então, ela teve uma inspiração:

— Sabe o que a gente devia fazer, eu e você? Devia ir dançar. Você gosta de dançar?

— Gosto. Na verdade, eu gosto muito.

— Pois é *disso* que nós estamos precisando. Existe algum lugar com música no sábado à noite?

— Claro. Tem o bar da universidade, em Franklin, tem o Skid Row. A gente também podia ir até Leesport. Chama Cotton Eyed Joe. Lá sempre tem bons conjuntos country.

Ele estava levando o convite a sério.

— E você acha que a família vai ficar escandalizada se a gente for dançar?

— Claro que vai. A mamãe e as minhas tias acham que dançar não passa de aquecimento. Tia Mary Edna faz palestras na escola dominical para ensinar que a dança leva ao sexo.

— E ela tem razão: isso vale para a maioria dos animais. Insetos, passarinhos, até alguns mamíferos. Mas nós dois temos dois cérebros enormes. Acho que a gente sabe a diferença entre um ritual de corte e o ato em si. Você não acha?

Rickie deitou-se no chão e ficou ali, com o cigarro preso na boca igual a uma chaminé. Então tirou-o para falar.

— Sabe o que me deixa louco em você, Lusa? Quase sempre eu não faço a menor ideia do que você está dizendo.

Ela olhou para ele, o sobrinho lindo deitado na grama.

— Deixa você louco; e isso é bom ou é ruim?

Ele pensou um pouco.

— Tem de ser bom ou ruim? É só o seu jeito, minha tia favorita, Miss Lusa Landowski.

— Nossa, você sabe o meu nome. E eu estou pronta para mudá-lo.

— É mesmo? Mudar para o quê?

— Para Widener.

Rickie ergueu a sobrancelha escura e olhou para ela.

— *É mesmo*. E por quê?

— Por causa do Cole, dos meninos, de vocês todos. Da família. Não sei.

Ela se encolheu sentindo-se embaraçada.

— Parece-me ser o correto. Assim, a fazenda continua onde está no nosso pequeno lugar no mundo. É uma coisa animal. Uma forma de marcar território.

— Hum — disse ele.

— Então vamos dançar, está bem? Sem outras intenções, vamos só dançar até cair, apertar as mãos e nos despedir. Eu preciso fazer um pouco de exercício.

Você está livre no sábado?

— Livre como um passarinho — disse ele ainda de costas, sorrindo para o céu.

— Ótimo. Porque, como você sabe, em breve eu vou ser mãe. Preciso sair e pintar e bordar enquanto ainda tenho tempo.

Rickie se sentou e apagou o cigarro na grama, pensativo.

— Foi muito bacana você ter ficado com os meninos. Quer dizer, *bacana...* Ora, é muito mais que bacana.

Lusa deu de ombros.

— Mas não é só por eles; faço por mim também.

— Pois a mamãe e a tia Mary Edna acham que isso foi um presente do céu, você resolver ficar com eles. Disseram que você é uma santa.

— Ora, deixa disso.

— Não, eu juro por Deus que elas disseram. Eu mesmo ouvi.

— Minha nossa! Que viagem. De adoradora do diabo a santa no curto período de um verão.

VELHAS CASTANHEIRAS

O mundo é cheio de perigos, pensou Garnett, e Nannie Rawley era confiante como uma criança. Nem fazia ideia de que aquele homem era mau. Agarrado nela como um carrapicho, mas 50 vezes mais perigoso. Garnett já ouvira histórias de homens jovens que seduziam mulheres mais velhas para se casar com elas por causa do dinheiro. Quanto a isso, Nannie podia ficar tranquila, pois não teria nem duas moedas enquanto não terminasse e vendesse a colheita, mas tinha o melhor pomar dos cinco condados e nenhum descendente, e todo mundo sabia. Ninguém sabia o que aquela cobra traiçoeira estava pensando.

Garnett também não podia jurar que sabia, mas de uma coisa ele sabia: já há dois dias, toda vez que conseguia ver Nannie na horta, lá estava ele, encostado na cerca. Não levantou nem um dedo para ajudá-la a carregar os cestos de abóbora e milho para casa. Se aquele sujeito pusesse os pés na casa dela, Garnett estava pronto a chamar Timmy Boyer pelo telefone. Teria de chamar. Ela não seria capaz de se proteger.

Acabou de dobrar as camisas que no dia anterior ele lavara na máquina e secado na secadora. Segurou a última pelos ombros e a examinou: estava tão enrugada e velha como ele mesmo. Ellen as deixava macias e lisas, mesmo sem tábua de passar. Nas manhãs de inverno, antes de sair para a escola, ela lhe dava uma camisa limpa para vestir, que era fresca como o abraço de sua mulher, e ele levava nos ombros aquela medida extra de afeição o dia inteiro. Apesar de todos os insultos juvenis que era obrigado a enfrentar todo dia, isso ele tinha: era um homem amado pela mulher.

Ele fez uma pilha de camisas, colocou no alto as meias enroladas e levou tudo para o segundo andar. Parou junto da janela na escada equilibrando a pilha de roupas com uma das mãos e puxou a cortina com a outra.

Deus do Céu, lá estava ele, igual a um lobo à espera do cordeiro. E ela nem estava perto. Que tipo de gente era capaz de ficar lá fora esperando daquele jeito, com os cotovelos na cerca? Garnett forçou a vista, tentando distinguir as feições do homem. Puxa vida, ele nem era tão bonito assim. Mais para o corpulento,

verdade seja dita. Corpulento, tendendo a gordo. Garnett estava tão irritado, que deixou cair um par de meias. Não importa, ele voltaria para pegá-las mais tarde. Procurou por toda o terreiro de Nannie, até onde a vista alcançava, mas não conseguia vê-la.

Bem, pensou ele. Essa era a sua chance. Devia ir lá imediatamente e mandar aquele sujeito embora. A cerca ficava a menos de três metros da sua divisa, e ele tinha todo o direito de expulsar vagabundos da vizinhança.

Foi primeiro ao quarto para guardar as camisas na gaveta. Isso mesmo, ele ia até lá. Pensou em levar sua espingarda, mas decidiu que era melhor não levar. Não atirava há muitos anos, desde quando tinha uma boa vista e a mão mais firme, apesar de ter certeza de que conseguiria acertar uma mosca, se fosse necessário. O pensamento lhe deu coragem. Talvez o simples fato de estar com a espingarda lhe desse confiança.

Foi até o closet do lado que Ellen ocupava na cama, onde ele guardava as coisas de que não iria precisar mais. A porta tinha saído do esquadro e arranhava o soalho quando era aberta. Estendeu as mãos no escuro, às cegas, tentando achar a correntinha do interruptor da luz e quase morreu de susto quando uma coisa despencou da prateleira, bateu no seu ombro e caiu no chão. A velha caixa de chapéu de Ellen. Caiu de lado e dela saiu o chapéu azul-marinho de Ellen, que rolou sobre a aba, descrevendo um meio círculo no soalho antes de cair ao lado da cama.

— Ellen — disse ele em voz alta, olhando para o chapéu.

O chapéu não respondeu, é claro. Ficou caído sobre a pequena aba, enfeitado com um cacho de cerejas artificiais. Se fosse capaz de cruzar as mãos no colo, é o que teria feito.

— Ora, você está me assustando, mulher. Estou tentando fazer o possível.

Agarrou a espingarda com as duas mãos e correu para fora do quarto, puxando a porta às suas costas. Ellen não precisava ver a arma.

— Ei, você aí. O que você está procurando por aqui? — gritou Garnett junto do maciço de cerejeiras na cerca, a trinta metros de onde o homem ainda estava. Não deu o menor sinal de ter visto ou ouvido Garnett — que ainda era capaz de se esgueirar como um bom caçador de veados. O pensamento lhe deu alguma satisfação, e até um pouco de coragem.

Limpou a garganta, pois as últimas palavras não saíram tão firmes quanto ele gostaria, e tornou a chamar: — Você aí!

Nada.

— Você aí. Meu nome é Garnett Walker e sou dono desta terra. O que você está procurando por aqui?

O homem não falou, nem virou a cabeça. Garnett nunca tinha visto tanta falta de educação. Nem o rapaz do caminhão da UPS se recusava a responder a um cumprimento.

Garnett forçou a vista. O homem estava muito largado; como se estivesse morto. Mas não parecia jovem. Já notara que os jovens geralmente não tinham força para manter a cabeça erguida. Mas esse indivíduo nem parecia *ter* cabeça. Estava dobrado com os braços cruzados em cima da cerca e um chapéu velho jogado enterrado até as orelhas. O corpo inteiro estava apoiado nos braços de maneira pouco natural, tal como uma vara caída na cerca. Tudo nele era pouco natural, desde a forma como os braços enfiados numa camisa azul se dobravam como se tivesse cotovelos de borracha, até as pernas grossas enfiadas na calça jeans. Garnett teve uma sensação estranha, como se estivesse no sonho de outra pessoa. Sentiu um rubor subir do pescoço, apesar de não haver ninguém para testemunhar. Graças a Deus, não havia testemunhas. Ele encostou a espingarda no tronco da cerejeira e atravessou o portão para o terreno de Nannie para examinar melhor a cara do sujeito.

Mas é claro que o homem não tinha cara. Era só uma franha cheia de palha com um chapéu, enfiada na gola da camisa e da calça, também cheias de palha. Garnett se lembrou da alfarrobeira e da outra peça que Nannie estava pregando na porta da garagem. Ele quase caiu de joelhos. Nos dois últimos dias ele quase morreu de raiva, suspeitas e ciúmes. É verdade, até ciúmes. Estava com ciúmes de um espantalho.

Voltou-se para ir embora antes que as coisas piorassem.

— Garnett Walker! — gritou ela, surgindo apressada de trás da casa.

Ele deu um suspiro. Entre ele e Nannie as coisas sempre pioravam. Ele já devia ter aprendido. Devia desistir; era como remar contra a corrente.

— Olá, Miss Rawley.

Ela estacou com as mãos nos quadris. Estava de saia, provavelmente se preparando para ir ao mercado. Sempre se embelezava para ir ao mercado: saia de algodão e tranças. Parecia curiosa como um passarinho, com a cabeça inclinada para o lado.

— Pensei ter ouvido alguém aqui me chamando.

Garnett olhou para as próprias mãos. Vazias.

— Vim para ver se a senhora precisava de ajuda. Ajuda para carregar o caminhão para o mercado. Sei bem como esta época do ano é difícil para a senhora, a colheita das maçãs.

Ele quase riu com o ar de surpresa estampado no rosto dela.

— Com maçãs é assim: se tem maçã, tem maçã que não acaba mais.

Ela balançou a cabeça.

— Ora, ora. Os milagres não têm fim.

— Morei ao lado de um pomar durante quase todos os meus oitenta anos — continuou a falar, até ele próprio sentir o ridículo da situação —, tenho olhos. Sei que é de matar um burro.

Ela o olhou de esguelha.

— Está querendo ganhar outra torta?

— Ora, isso não é justo. Só porque eu venho oferecer ajuda, a senhora não precisa agir como se o céu estivesse despencando. Esta não foi a primeira vez.

— É verdade. O senhor também me deu as telhas. Foi um presente do céu.

— Acho que a senhora podia reconhecer que ultimamente eu tenho sido um bom vizinho.

— E tem mesmo — concordou ela — o senhor vai me desculpar, mas leva tempo até a gente se acostumar. Estou morrendo de felicidade nesses últimos dias. De repente, me sinto vergonhosamente rica.

Ele tentou adivinhar o que aquilo poderia significar, e se seria educado perguntar.

— Eu não sabia que a senhora tinha parentes. De quem herdar.

Ela riu, colocando as mãos na saia.

— Pois foi exatamente o que aconteceu. Eu herdei um parente. Dois, na verdade.

Garnett não estava entendendo bem, lembrou-se do homem na cerca, que evidentemente não era homem, sem nenhum interesse na herança de ninguém. Esperou que Nannie explicasse — o que ela sempre acabava por fazer, caso se tivesse a paciência suficiente.

— A Diana Wolfe — disse ela com toda a simplicidade — vem morar comigo.

Garnett pensou um pouco.

— A filha de Ray Dean? — perguntou, sentindo de repente um ciúme irracional do jovem Ray Dean Wolfe, que havia cortejado Nannie por mais tempo que as pessoas normalmente ficam casadas. Nannie tinha sido tão feliz naquele tempo, era possível ouvi-la cantando a qualquer hora de todo dia que não fosse chuvoso. Mas agora Ray Dean estava enterrado no cemitério.

— Isso mesmo, a filha dele, Diana. Ela é quase minha filha. O senhor já sabia.

— Pensei que ela estivesse morando no alto da montanha, trabalhando para o governo.

— E morava. Há dois anos ela vive completamente sozinha numa cabana lá no alto. Mas ela vai tirar uma licença e voltar. E agora sente-se para não cair: ela vai ter um filho.

— É mesmo uma surpresa — ele apertou os olhos na direção do alto da montanha —, como a senhora acha que aconteceu?

— Não sei, nem quero saber. Pouco me importa se o pai é um leão-da-montanha. Eu vou ter um neto!

Garnett balançou a cabeça e estalou a língua. Nannie estava feliz como o gato que comeu o canário. Mulheres e netos: não havia nada igual nesse mundo. Tal como Ellen, com remorsos no leito de morte por causa daquela criança filha do Shel. E agora já eram dois, um menino e uma menina. A moça de Lexington, a das cabras, tinha telefonado sem mais aquela, e anunciou que queria trazer os dois meninos para ver a fazenda dele. Queriam ver as castanheiras. As *árvores* dele.

— Eu também tenho netos.

— O senhor sempre teve. Só que é orgulhoso demais para se lembrar dos nomes deles.

— A menina se chama Crystal, e o menino, Lowell. Eles vêm no sábado.

Como tinha conseguido desencavar aqueles nomes dos cantos escuros de sua memória, nem ele sabia.

— Pensei em ensinar aos dois a embalar flores e fazer cruzamentos. Nas minhas castanheiras. Para me ajudarem a continuar o projeto.

Para sua satisfação, Nannie parecia estupefata. Então ela perguntou: — E como isso foi acontecer?

— Acho que não tem nada a ver com nenhum leão-da-montanha.

Ela ficou olhando de boca aberta para Garnett. Se não tivesse cuidado, acabaria engolindo uma abelha. Então ela viu uma coisa apoiada na árvore junto da cerca e franziu o cenho.

— O que é aquilo encostado na árvore junto da cerca?

Ele se virou e olhou.

— Ah, é a minha espingarda.

— Ah, sei. E posso perguntar o que ela está fazendo encostada numa árvore?

Garnett olhou para a arma.

— Nada de mais. Acho que ela está só encostada na árvore.

— Então, como ela foi parar ali?

— Ela veio para perguntar umas coisas àquele indivíduo que está encostado na cerca há dois dias.

Ela riu.

— Ora, aquele é o Buddy. Acho que ainda vocês ainda não foram apresentados.

— Pois o Buddy me deixou preocupado.

Ela olhou para Garnett apertando os olhos.

— É verdade?

— Acho que sim.

— E o senhor veio até aqui para ter certeza de que eu estava bem? É isso que você está me dizendo? Que veio até aqui com a espingarda para me proteger do meu espantalho?

Ele abriu as mãos, rendendo-se.

— Eu tinha de vir. Não gostei da maneira que o Buddy ficava olhando para a senhora e o seu short.

Agora Nannie estava mais que estupefata; parecia ter sido atingida por um raio. Olhou para ele até romper num sorriso, que se espalhou pelo seu rosto tal como o sol depois da tempestade. Ela foi até ele com os braços abertos, parecendo sonâmbula, passou os braços pela cintura dele e lhe deu um abraço apertado, encostando a cabeça no seu peito. Ele levou um minuto para decidir passar seus braços nos ombros dela. Sentia-se duro como o velho Buddy, como se também estivesse cheio de papel e palha. Mas então, pouco a pouco, ele foi se relaxando. E ela continuou ali, como um passarinho calmo, envolvida nos braços dele. Era impressionante. Abraçá-la assim era como repousar depois de um dia estafante. Era o de que ele mais necessitava.

— Mr. Walker. Garnett. Os milagres não acabam — disse ela mais uma vez, e parecia que não tinham mesmo fim. Garnett a abraçava. Ela ergueu o rosto e olhou para ele. — E finalmente eu vou ter um neto na minha casa, e você vai ter *dois*. Você sempre acaba com a última palavra, não é?

— Ora, Nannie, você é uma mulher difícil.

Ela apoiou o rosto no velho coração dele, onde a concha rósea de sua orelha ouvia as canções que ainda continuavam lá.

— Garnett, você é um santarrão chato.

PREDADORES

O rugido da tempestade, chuva batendo no teto de zinco da cabana, era suficientemente forte para levar alguém à loucura. Diana teve de repente a ideia de que se gritasse não seria capaz de ouvir a própria voz. Gritou. Tinha razão.

Sentou-se na cama apertando os joelhos no peito. Tentava não pensar nela como cama; encostara os cobertores e travesseiros na parede para transformá-la numa espécie de divã — um lugar confortável que não fosse *cama*. Dentro daquele rugido branco ela se sentia enclausurada na cabana, mesmo sentimento que teve na escuridão do inverno anterior. Fez um buraco no dedão da meia, pegou um livro e tornou a largá-lo. Há horas vinha tentando ler, mas o barulho tinha atingido um ponto tal, que se afogavam todas as esperanças de concentração. Tapou as orelhas com as mãos, buscando um pouco de alívio, e passou a ouvir o ruído diferente criado pelas mãos em concha. O ruído do mar que se ouve pela primeira vez numa concha na praia. Dois verões seguidos, ela, papai e Nannie, tinham ido a Virginia Beach. Cento e dez e 109 anos antes.

É claro que não era o oceano, mas a maré de sua própria circulação, pulsando dentro dela, o som levado pelos ossos até seus tímpanos. Diana fechou os olhos e tentou prestar mais atenção para ouvir alguma diferença, agora que seu coração bombeava sangue através de um conjunto extra de artérias. Ansiava por uma prova, mas até agora a mudança só parecia inibir etereamente o seu corpo, como um pensamento ou um passe de mágica. Por ora, ela teria de se contentar com a mágica.

Quando deixou cair as mãos, o barulho da chuva pareceu aumentar. Raios iluminavam a janela de forma irregular mas constante, tal como fogos de artifício. Não conseguia ouvir o trovão, mas suas vibrações chegavam até ela pelo chão, sacudindo os pés de ferro da cama. Pensou em se enfiar nos cobertores e cobrir a cabeça com os travesseiros, mas então o divã voltaria a ser *cama*, e aquele tremor horrível continuaria chegando até ela. Não havia escapatória, e a tempestade se aproximava cada vez mais. Ainda eram quatro horas da tarde, mas o céu estava escuro como o anoitecer, e ficava cada vez mais

escuro. Uma hora antes, Diana decidira que jamais vira tempestade igual nessas montanhas. E isso foi uma hora antes.

De repente, ela se lembrou do rádio. Não teria nenhum valor prático, mas já seria uma companhia. Levantou-se num salto e correu até a mesa para buscar o rádio que ficava na última gaveta. Ligou-o, e o segurou junto à orelha, mas nada ouviu. Examinou aquela coisa, encontrou o botão de volume e o levou ao máximo, e nada, nem um som. As pilhas, pensou ela: descarregavam-se sozinhas depois de algum tempo. Revirou a gaveta em busca de outras pilhas, sabendo perfeitamente que nunca se lembrava de incluí-las na sua lista de suprimentos. Finalmente, arrancou as que estavam na lanterna, a reserva que ela mantinha na prateleira ao lado da porta.

Um raio caiu, tão perto que ela chegou a ouvir o estalo acima do urro da tempestade. O som e a luz chegaram junto; foi *ali*. Provavelmente, um dos alamos na encosta acima da cabana. Era só o que faltava: uma árvore cair sobre sua cabeça. Sentia os dedos tremerem ao abrir o compartimento para retirar as pilhas velhas e colocar as novas. “Positivo, negativo”, disse para si mesma em voz alta ao alinhar os polos, sem conseguir ouvir a própria voz. Até isso era aterrador, igual a uma escuridão tão escura, que não se via diferença com olhos abertos ou fechados. Teve momentos de pânico naquele tipo de escuridão, sem saber se tinha ficado cega, e agora lhe ocorria que a surdez deveria ser assim. As pessoas presumiam que surdez era silêncio, mas talvez fosse isso, um rugido branco e maciço.

Tentou ligar o rádio outra vez. Encostando os buraquinhos num ouvido e tapando o outro, ela conseguiu ouvir sons. De início, apenas estática. Era cansativo ajustar a sintonia e ouvir, ajustar a sintonia e ouvir, tentando encontrar a estação de Knoxville, mas finalmente ouviu música, bem distante, de um tipo que ela não conseguiu classificar. Esperou um pouco para se acostumar àquele som. Há muito tempo ela só ouvia a música dos passarinhos. Teria de reaprender a ouvir música, como se tinha de reaprender a falar depois de um derrame. Muitas coisas estranhas esperavam por ela no futuro. Eletricidade, e todos os barulhos que fazia numa casa. E gente, com todos os seus barulhos. Parto e nascimento seriam a menor de suas preocupações.

Tentou pensar em Nannie. Quanto a ela não havia preocupações; já sabia como seria. Para se esquecer do isolamento assustador, ela se imaginou dentro do genuíno abrigo da casa de Nannie Rawley, a suavidade daquele pomar cheio de folhas. Ansiosa por um pouco de descanso e tranquilidade, ela obrigou a memória a percorrer os cômodos da casa de Nannie, chegar às árvores familiares, lá fora, e até ao mato selvagem onde havia aprendido a ligação entre sexo e Criação de Deus.

Já estava ouvindo aquela música há mais tempo do que gostaria, quando percebeu um som mais forte que atraiu sua atenção para o rádio: o ruído monótono dos avisos sobre o clima. Ela se ergueu na cama e prestou toda a atenção ao que vinha a seguir. Aviso de tornado. Condado de *Oga*, Condado de *Ing*, nomes que ela não conhecia — Hin, Bin, Fin, *Hinman*, e foi só: Condados de Logan e Hinman, direção noroeste. Deixou o rádio cair no colo. Então era isso, uma tempestade infernal de fim de verão, a cauda do primeiro furacão da estação. Desejou pela última vez boa sorte a Eddie Bondo, os últimos votos que se permitiria: desejou que ele tivesse tido tempo de sair das montanhas antes de cair a tempestade.

Levantou-se e andou pelo quarto, tentando encontrar pontos em que a recepção era melhor. Descobriu que era melhor no vão da porta, melhor ainda na varanda. Lá fora, o barulho no teto não era tão intenso. Encolheu-se debaixo do beiral para não ficar encharcada e se acomodou na velha poltrona verde, pescoço esticado tal como um paciente preso num colete ortopédico para manter o som de voz humana no ouvido. Passara dois anos sem notícias, mas não suportaria mais um minuto sem elas. Mas só ouvia música. Mas eles faziam assim mesmo. “Emergência, urgente. Parem a vida!” — e depois voltavam aos comerciais e à música melosa. Ela começava a se lembrar do mundo. Deixou o rádio no colo e o desligou para economizar as pilhas, que talvez fossem necessárias mais tarde. Levantou-se então de um salto e entrou correndo para se certificar de que tinha velas, e de que a lamparina de querosene estava pronta para ser acesa. Por quê? Parou e tentou forçar-se a sair daquele pânico com a cabeça fria. Com ou sem tempestade, ia ficar escuro, como em todas as noites do ano. Por que essa necessidade repentina de velas e fósforos prontos para serem usados? Gostaria de ser capaz de rir de si mesma; seria muito melhor que sentir esse nó de pânico no estômago. O que teria acontecido? Antes ela era tão destemida! Mas ela sabia qual fora a mudança. Era o que acontecia a quem se comprometia com os vivos. Havia muito a perder. Voltou para a poltrona verde e apertou novamente o rádio na orelha, inclinou a cabeça para trás e tentou ouvir. Mais música. Desligou o rádio e se inclinou para frente, abriu a boca e soltou um uivo longo e satisfatório que ouviu perfeitamente:

— VÁ PARA O INFERNO, EDDIE BONDO!

Com tantos dias, por que hoje? Será que ele tinha um barômetro interno que o avisava da aproximação de tempestades? Enrolou-se nos próprios braços e se inclinou para trás, deixando-se abraçar por essa poltrona velha e arruinada. Hoje, ontem ou amanhã, não faria diferença, tinha de acreditar que era verdade. Já havia enfrentado sozinha outras tempestades e teria de enfrentar mais essa. Pensou em retirar a maldição. Na verdade, foi melhor ele ir-se embora antes que

as coisas se aprofundassem entre eles. Já estava ficando difícil manter o segredo, e ela tinha de mantê-lo, disso não tinha a menor dúvida. Melhor para a criança, melhor para todo mundo, que ele não soubesse o que estava deixando para trás — e ele nunca iria saber. No Garfo do Ovo certamente iriam perguntar, e ela diria que o pai de seu filho era um coiote.

Diana sorriu. Era o que ia dizer. E a Nannie ir confirmar sua história.

Ele havia partido sem mudar de ideia. O que mais magoava Diana era não ter conseguido quebrar aquela couraça, não ter sido capaz de abrir um lugar para um coiote naquele coração.

Ela havia saído antes da aurora, naquela manhã, para uma de suas caminhadas agitadas e voltara para a ausência assustadora que já esperava. A mochila, o chapéu e a arma, dessa vez tudo havia desaparecido, percebeu imediatamente. Não tocou em nada que fosse dela, deixou a cabana exatamente com era há três meses — e ainda assim ela parecia maior, para conter tamanho vazio.

Só muitas horas depois ela abriu a caderneta de campo e encontrou o bilhete dele, a única lembrança de Eddie Bondo — ou pelo menos era o que ele imaginava. Um adeus suficientemente doloroso para ela saber que não devia mais esperar a volta dele. Numa folha em branco em que ela havia marcado a data de hoje, ele registrou a observação:

É duro para um homem ter de admitir que encontrou um adversário à sua altura. E. B.

Passou o dia todo sem saber se ele se referia a ela ou aos coiotes intocáveis. Qual dos dois Eddie Bondo não conseguira enfrentar?

Decidiu afinal que não era importante. Arrancou a página da caderneta para não ter de vê-la outra vez, e rasgou-a em pedacinhos, que deixou no canto da gaveta de meias para os ratos usarem para forrar os ninhos de inverno. Só então, ao fechar a gaveta, ela compreendeu. À sua maneira de homem jovem, ele lhe oferecia sua partida como um presente. *Encontrar um adversário à altura* era uma enorme concessão. Ele abandonava os dois, Diana e os coiotes. Da parte dele não viria nenhum mal para aquela montanha.

Um raio ofuscou seus olhos numa cegueira elétrica momentânea. “Meu Deus, Meu Deus”, cantou ela, afundando-se ainda mais na poltrona, piscando para a paisagem borrada pela chuva. Esse caiu perto. Quinze metros, não mais. Sentiu o perfume do ar ionizado. Era hora de rezar para que sobrasse alguma coisa dessa montanha depois da tempestade. Tornou a ligar o rádio e ouviu. Não havia música; só a repetição incessante de nomes de condados. A estação agora estava operando em emergência, relacionando condados que Diana conhecia bem. Franklin, Zabulon. O olho da tempestade estava aqui. Ela virou o rádio e o

eviscerou, guardando as pilhas no bolso. Melhor guardá-las para a lanterna. Teria rido de si mesma se pudesse. Se havia uma notícia que ela não precisava receber pelo rádio, era essa: o olho da tempestade estava aqui.

Levantou-se e tentou ver através do lençol de água que caía do beiral igual uma cortina translúcida. Foi até o fim da varanda e notou que via melhor a ponta do telhado, de onde caía menos água. A chuva agora parecia menos densa. Uma hora antes o ar estava tão saturado de água, que os peixes quase poderiam sair do riacho e nadar até a copa das árvores. Nunca havia visto uma chuva igual. Ela não estava mais tão violenta, mas um vento de mau agouro começava a soprar. Enquanto olhava, no período de alguns segundos, a chuva diminuiu drasticamente e os raios passaram para o outro lado da montanha, mas o vento começou a soprar com o hálito frio de uma fera que se aproximava. Soprada pelo vento a chuva caía horizontalmente, direto no seu rosto. Aterrorizada até os ossos, ela voltou para dentro, vestiu a capa e calçou as botas e percorreu mais alguns círculos em torno do quarto. Todos os seus instintos a mandavam fugir, mas não havia para onde correr. Sentiu-se vulnerável e isolada dentro da cabana. Talvez fosse melhor estar na varanda, mas uma vez lá fora, foi atacada por um vento, que a imprensou contra as paredes com tanta força, que ela sentiu na pele a forma dos troncos. O vento frio lhe feria os dentes e os olhos. Cobriu o rosto com as duas mãos, e tentou olhar pelo pequeno espaço entre elas, transfixada pela ameaça impossível que era o vento dançando na sua floresta. Árvores enormes em que ela tinha toda a confiança se curvavam incrivelmente, quebrando e perdendo galhos. Troncos estalavam como carabinas, um depois do outro. No alto, onde a montanha encontrava o céu, ela via os alamos a dançar um tango lento com o vento. Moviam-se em sincronia por todo o topo da serra, contornando o vale. *Aqui não é seguro*, pareciam dizer a ela, e seu pânico se transformou numa náusea seca e pura. As árvores estavam caindo. Essa floresta, que sempre fora a sua única garantia, se desmanchava como um fardo de capim. Qualquer um daqueles troncos enormes seria capaz de esmagá-la num piscar de olhos. Voltou o rosto para a parede da cabana, sem perceber que havia prendido a trança entre os dentes, e que protegia o abdome com as duas mãos. Sem perceber que nunca mais seria só — aquela *solidão* era a pior das presunções humanas. Sabia apenas que estava de costas para a tempestade, num pânico cego, tentando adivinhar o que fazer.

Estava escuro como a noite, mas ela ainda conseguia distinguir as listras horizontais claras e escuras dos troncos e da massa entre eles. Contou os troncos a começar de baixo, para se obrigar a fazer algo que pudesse completar. Surpreendentemente, ela nunca havia contado os troncos. Eram 11, um número ímpar. O que significava que seriam 10 ou 12 na parede que fechava a cabana.

Seguiu com os olhos o comprimento até o final, onde os troncos se articulavam com os da outra parede como dedos cruzados de duas mãos. Fixou ali o olhar aterrorizado, uma pilha de 21 troncos muito bem intertravados.

Um abrigo, percebeu enquanto olhava. Esse era o verdadeiro princípio de um autêntico abrigo, os 21 troncos intertravados. Nenhum carvalho, nenhum álamo seria capaz de derrubar essa cabana. Foi feita de árvores caídas. Fechou os olhos e apertou a testa no tronco redondo de uma castanheira, e se preparou para esperar o fim da tempestade.

Quando a chuva e os trovões silenciaram e o vento se acalmou, os coiotes começaram a uivar do alto da montanha. Vozes que subiam e tremiam com uma alegria assustada, elevavam sua harmonia triste em direção ao céu escuro. Não era uma voz única, eram duas; um casal nesse novo mundo, rindo por último.

O AMOR DAS BRUXAS

O macho da bruxa gigante saturnídeo tem a boca imperfeita e fechada e não consegue se alimentar. Sua vida adulta, dolorosamente breve, é devotada à busca e acasalamento com a fêmea.

Estivera pensando nessa passagem durante muito tempo, até encontrá-la na noite anterior, quando, desesperada, folheava sem ler durante a tempestade o mesmo livro que lia no dia em que Cole morreria. Estava debaixo da cama; não se movera desde então. Lusa nem sabia com certeza por que quis tornar a lê-lo outra vez, mas quando encontrou aquela passagem, ela reconheceu nela alguma explicação para sua própria vida.

Gente que não pertencia à família começava a perguntar quais eram seus planos. Começara recentemente. Alguma coisa no clima, ou em Lusa, dera o sinal de que a partir de agora não seria indelicado perguntar, e todos diziam sempre a mesma coisa, uma pena o que aconteceu a Cole, e então perguntavam se ela já tinha decidido o que iria fazer.

Não era *pena*, gostaria de lhes dizer. Pensou em citar a passagem de Darwin, explicando que esse mundo tinha um lugar reservado até mesmo para certos seres incapazes de comer ou falar, cujo único propósito era encontrar o outro lado da própria espécie e se juntar a ele. Ela fora chamada para esse lugar. Não havia planos a discutir.

É claro que ela não dizia nada disso. Era sempre em lugares claros e normais, como a seção de cereais do Kroger's ou a loja de ferragens Little Brothers, que as pessoas lhe perguntavam sobre seus planos, e então ela se limitava a responder: "Decidi terminar o que comecei".

E isso era o que ela havia começado: na ausência de Cole, morando na casa onde ele crescera, ela estava se acostumando a coabitar com toda a vida dele. Foi Cole quem quebrou o corrimão da estrada quando ainda era um menino levado, ele quem fizera o armário com escorredor de pratos para sua mãe, no primeiro ano do curso de oficina. Foi ele quem plantou todos os lilases do jardim, embora parecesse impossível, pois eles agora tinham 10 metros de altura. Seu pai o

mandara plantá-los para sua mãe no verão em que Cole fez nove anos, como castigo por ter dito um palavrão na frente dela. Lusa estava aprendendo que Cole jamais iria ser o marido para quem se cozinha, com quem a gente se senta para as refeições. Ele deveria ser uma segunda infância que acompanharia a sua, o menino que se tornava homem ao longo de todos os anos que levaram ao encontro dos dois. Ela agora podia pedir que contassem histórias de Cole quando era menino, até de gente que não era da família: mulheres na cidade, estranhos, Mr. Walker. O povo do interior parecia ter vários códigos sobre a morte, mais que os que tinha o povo da cidade, e um deles era o que depois de certo tempo podia-se falar livremente sobre o morto. Contar histórias sobre ele, rir sem maldade à custa dele, como se ele tivesse voltado. Parecia a Lusa que todas essas histórias separadas eram partes de uma longa história, a história de uma família que sempre vivera na sua terra. E essa agora também era a sua história.

À tarde, ela ficou sabendo que, se tudo saísse a contento, ela iria receber mais de três dólares e meio por quilo pelas suas cabras. Ao que parece, era um preço jamais visto no condado, para qualquer tipo de carne. Ela agora avaliava esse preço, acostumando-se ao próprio sucesso, apoiada na escada no escuro e esfregando os músculos doloridos da nuca. Era como receber a medalha de ouro. Sozinha ela tinha feito uma coisa dar certo, nesse lugar aparentemente sem esperança. Não tinha a menor importância que ninguém ia reconhecer a sua inteligência. Ninguém sabia da conjunção das festas das principais religiões na semana em que ela vendera as cabras, tal como um importante alinhamento de estrelas num horóscopo espetacular. Só uma híbrida religiosa como Lusa poderia ter adivinhado e nela jogado todas as suas fichas. O mais provável era que os fatos principais de seu golpe de sorte fossem transformados no tipo de boato que corria na loja de Oda Black e na de ferragens, nos quais ninguém acreditava: Lusa tinha um primo ligado a ricos mafiosos italianos. Lusa tinha conseguido contrabandear suas cabras para o rei do Egito. Num lugar como aquele, alguns segredos se mantinham por sua própria incapacidade de competir com os boatos.

Sabia que o sucesso com as cabras não era permanente; não havia panaceia capaz de curar todos os problemas que assolavam as fazendas. Teria de continuar sendo criativa e independente pelo resto da vida. Já havia visto na Southern States as sementes do capim azul que o governo estava pagando para serem plantadas no lugar da festuca, e ficara chocada ao ver o preço da semente. Quase 60 dólares o quilo. Alguém tinha de plantar aquela semente: uma *fazenda de sementes de pasto*. Imagine os boatos que iriam circular. No ano seguinte ela talvez não pudesse criar cabras, dependendo do calendário, mas muita gente ia começar depois de saber o preço das suas. E depois nem iam poder distribuir as

cabras de graça. Lusa começou a entender como seria o resto de sua vida no Condado Zabulon. Ia ser uma mulher falada pelos homens.

Essa manhã, depois de uma noite terrível, Lusa havia se levantado completamente mudada; abalada, mas bem. Havia cruzado uma porta para um lugar onde sentia o terreno de sua vida firme sob seus pés. A tempestade havia passado o mundo a limpo e cortara a eletricidade de todo o condado. Aqui, havia estilhaçado as janelas do lado norte da casa e espantado do telhado todos os fantasmas, dos dois lados da família. Passara a noite rezando em todas as línguas que conhecia, sentindo a aproximação do fim, antes de finalmente dormir enrodilhada no lado de Cole na cama, com Charles Darwin nos braços e uma vela acesa na mesinha de cabeceira.

E acordou ressuscitada. Saiu para o jardim, impressionada com os galhos de catalpa espalhados por toda parte e pelas constelações de vidros estilhaçados. As janelas eram uma antiguidade, da época da construção da casa. Depois de tantos anos, aquele lugar estava aprendendo que coisas novas ainda poderiam acontecer.

No primeiro ato confiante de sua nova vida, convocou Little Rickie e o contratou como administrador assistente da fazenda. Combinaram pelo telefone um salário de seis dólares a hora (apesar das regras sobre vizinhos e família), para começar tão logo ele conseguisse encontrar as peças para reparar o enfardador. Ia ceifar o feno e ajudá-la a colocá-lo no celeiro e arrancar todas as flores que suas cabras não tinham conseguido arrancar. Não poderia aplicar herbicida. Discutiram rapidamente esse problema, mas ela venceu, pois agora não era uma discussão entre marido e mulher, como fora a discussão com Cole. Agora era uma condição de emprego. Rickie só poderia usar a ceifadeira mecânica ou uma manual. Não poderia mexer na mata, nem para caçar esquilos, nem veados, nem coiotes, nem ginseng. Seria também tarefa dele encontrar meios educados de evitar que os homens da família viessem caçar na encosta. A fazenda ainda era terra de Widener, mas a mata não era mais de Widener, explicou ela. Não era de ninguém.

Ela iria tomar conta do jardim. Ele se ofereceu, mas ela disse que preferia fazê-lo ela mesma. Havia acordado com um desejo intenso de pôr o lugar em ordem. Não somente arrastar os galhos caídos, mas também cortar os espinheiros que ela deixara avançar durante o verão. Não conseguia saber a razão, mas sentia-se sitiada e precisava reagir, usar podões e tesourões como se fossem armas contra o invasor. Trabalhara ferozmente o dia inteiro, só parou um momento à tarde para atender o telefonema do primo de Nova Iorque. Voltou em seguida e continuou a trabalhar até tarde da noite, sentindo na nuca o hálito da montanha, enquanto as bruxas circulavam em torno da luz da varanda.

Crystal e Rickie lhe disseram que a família comentara como ela trabalhava duro com as mãos. Pareciam respeitá-la por saber usar ferramentas. Um pouco antes, durante o dia, ela havia ensinado a Rickie como usar uma pá afiada em vez do Roundup para cortar as macieiras nascidas por acaso no gramado. Depois que ele se foi, ela usou a serra para cortar as trepadeiras que cobriam o lado da casa e as árvores, ocupando tudo como fazem geralmente as pragas trepadeiras. Depois arrancou as trepadeiras da fileira de lilases para eles voltarem a florescer.

Agora, na escuridão crescente, ela começou finalmente a arrancar as madressilvas que cobriam a garagem. A luz da lua refletida na parede branca era suficiente para que ela visse o que era necessário ver. Era apenas uma madressilva, uma erva exótica e invasiva, nada de sagrado. Ela agora a via pelo que realmente era, uma planta exótica de jardim que se enrolava em tudo que fosse verde onde quer que humanos e animais consentissem em dividir com ela as próprias vidas.

Arrancou os galhos da parede em longas linhas, que deixava cair como cordas que se enrolavam no chão aos pés da escada. Onde ela arrancava as gavinhas da parede, as linhas escuras das raízes continuavam no lugar, subindo como linhas de pegadas leves de animais a escalar silenciosamente a encosta. Ou como longas espinhas abandonadas ali depois de os corpos terem sido repentinamente arrancados. Ela trabalhava sem descanso na noite fria, libertando-se, sabendo que a madressilva persistiria mais que qualquer outra coisa que ela pudesse inventar ou imaginar. Estaria de volta no próximo verão.

Ela parou no alto do pasto, aspirando o leve perfume das madressilvas. Parecia estranho alguém estar tão longe a essa hora da noite. Continuou andando no mesmo passo, atravessando rapidamente o pasto na beira da floresta, onde a lua havia encontrado a linha prateada no capim que já levava centenas de animais até ali antes dela. Estava seguindo uma trilha incerta, e estava acostumada à certeza. Mas aqui não havia ameaça. Baixou o nariz e aumentou a velocidade, contornando o longo pasto que forrava todo esse vale, evitando facilmente os arames farpados das cercas. Nunca se aventurava nesses lugares ferozmente abertos, onde havia grupos de animais iluminados pela luz da lua, mas tomava todo o cuidado para não se afastar da margem da floresta com seus cheiros tranquilizadores de húmus de folhas e frutas em decomposição. Adorava o ar depois de uma chuva forte, e uma expedição desacompanhada em que seu corpo tinha liberdade de correr num passo rápido demais para quem anda acompanhado. Parava pelo caminho toda vez que encontrava um cacho tentador de amoras ou um cheiro que não havia ontem.

Mas ela estava ficando preocupada, tão longe do alto da montanha. Nunca tinha se acostumado à cacofonia de sensações que pairavam no ar no meio daquelas fazendas: os latidos incessantes dos cachorros presos atrás das casas, uivando uns para os outros através do vale, o barulho perigoso da rodovia distante, e, acima de tudo, os cheiros fortes da empresa humana. Nesse ponto, onde a fileira de pastos se voltava para o outro vale, chegava o cheiro de gasolina que vinha da estrada e do pó lançado sobre as plantações e que irritava seu nariz e que afogava até mesmo a pungência inesquecível de cabras prenhas no pasto mais abaixo.

Chegou a um ponto onde a trilha descia até um terreno cheio de macieiras selvagens e hesitou. Gostaria de farejar os tufo de capim alto e os arbustos, em busca de maçãs selvagens, adoçadas pelo sol. Todo aquele mato e o pomar um pouco abaixo tinham um aroma gostoso, a que faltava o cheiro de produtos químicos no ar, que o tornava atraente para roedores e pássaros, assim como a atraía nesse momento. Mas ela estava agitada e confusa por estar tão longe da irmã e dos filhotes. Continuou a subida, de volta ao terreno conhecido, onde

poderia desaparecer entre moitas e sombras se fosse necessário. Os outros deviam estar chegando do outro vale. O meio mais fácil de encontrá-los a partir desse ponto seria subir diretamente até o topo e começar a chamá-los quando chegasse mais perto.

Contornou um maciço de pedras fedendo a musgo úmido e com algumas poças de água barrenta na base — um bom lugar para deixar os pequenos aprenderem a farejar pitus à luz do dia, mas não agora — e então ela entrou na mata antiga e conhecida. Encontrou uma clareira com cheiro de castanhas, onde durante muitos anos castanhas e castanhas foram enterradas no solo por esquilos, que preferiam esse lugar por motivos que ela não conseguia entender. Já havia comido esquilos ali antes, muitas vezes, mas agora estava escuro e eles eram coisinhas nervosas, que tinham medo de sair do abrigo dos galhos depois de uma tempestade como aquela. Ainda assim, ela conseguia ouvir as brincadeiras dos esquilos voadores, muito mais corajosos no alto das árvores. Tornou a entrar na mata e parou mais uma vez para farejar um toco enorme que tinha um jardim de fungos ácidos nascendo na base. Geralmente esse toco tinha cheiro de gato, mas ela descobriu que ele não aparecia já há algum tempo.

Parou várias vezes durante a subida da encosta, uma vez para retomar um cheiro que havia seguido mais cedo nessa noite, mas o perdeu novamente, porque uma chuva como aquela apagava quase tudo. Era um macho, particularmente interessante por não pertencer ao seu clã; era um desconhecido. Outra família estava chegando do norte, ela já sabia; já tinha ouvido o seu canto à noite, e sabia que estavam perto, mas nunca estiveram antes por ali. Parou mais uma vez para farejar, mas não encontraria aquela trilha, por mais que tentasse. E nessa noite úmida e doce, no início do mundo. Isso não seria problema. Era uma batedora paciente. Quando chegasse o frio, e depois quando comesse a amainar na próxima estação de acasalamento, todos já saberiam o paradeiro uns dos outros.

Parou para ouvir qualquer som que lhe parecesse inesperado. Nada. Era uma noite parada, cheia de coisas familiares. Esquilos voadores no alto dos carvalhos; um gambá a meio caminho encosta abaixo; um bando de perus empoleirados ali por perto nos galhos de um carvalho que a tempestade havia derrubado; e mais à frente, uma das pequenas corujas que piavam quando a lua estava mais escura. Trotou com pressa pelo topo da montanha, deixando para trás a trilha delicada e sinuosa de suas pegadas e seu cheiro particular.

Se alguém nessa floresta estivesse observando — por exemplo um homem armado, escondido no meio de um maciço de faias — iria notar como ela subia depressa a trilha, atenta ao terreno à sua frente, tão preocupada com sua busca solitária, parecendo desconhecer a presença do caçador. Poderia tê-la

acompanhado durante muito tempo, até se convencer que ele mesmo e aquela outra vida agitada na sua mira eram as duas únicas criaturas vivas nessa floresta de folhas molhadas, respirando uma atmosfera separada, de certa forma mais rarefeita e importante que o mundo de ar silenciosamente exalado pelas folhas à sua volta.

Mas estaria errado. Solidão é uma presunção humana. Todo passo silencioso é como um trovão para o besouro sob seus pés, um puxão no fio impalpável da teia que aproxima macho e fêmea, predador e presa, um início ou um fim. Toda escolha é um mundo tornado novo para o escolhido.

Barbara Kingsolver nasceu em Annapolis, Maryland, em 1955. Formou-se em Biologia antes de se dedicar à literatura. *Verão Pródigo* é seu nono livro. Atualmente, Barbara Kingsolver vive em Tucson, Texas, com o marido e duas filhas.

- [1] É costume nos Estados Unidos realizar vez por outra a venda, no passeio ou na garagem da própria casa, de artigos que já estão fora de uso. Os artigos são expostos na frente da casa, à disposição de quem quiser comprá-los.
- [2] Memorial Day, o dia 30 de maio é feriado em muitos estados em homenagem aos soldados perdidos na guerra. (N. T.)
- [3] Personagem das campanhas de proteção contra incêndios florestais, que usava o chapéu do uniforme dos guardas-florestais e do Serviço de Parques Nacionais nos Estados Unidos.
- [4] Jogos de palavras intraduzíveis: Primogênita Ameaçadora é *Menacing Eldest*; Feita à Mão é *Makeup Handy*; Cabelos longos e Gritona é *Long-haired and Loud*; Emocional é *Emotional*.
- [5] Marca de confeitos e doces muito popular nos Estados Unidos. (N. T.)
- [6] Avô em polonês.
- [7] Conjunto especializado em música folclórica judia do leste da Europa.
- [8] Unidade de volume equivalente 1,13 litros.
- [9] Unidade de volume equivalente a 0,56 litro ou meio quarto.
- [10] No original, aparece a confusão entre *hell*(é), inferno, e *hail*(êi), granizo, que a menina pronuncia da mesma forma. Para tentar preservar a confusão, preferiu-se aproveitar a semelhança entre inverno e inferno. (N. T.)
- [11] Tabuleiro com letras usado para receber mensagens telepáticas ou do além. (N. T.)